



.....

VIAGEM
PELO
BRASIL

VOLUME III

Spix e Martius

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 244-C



Segunda Viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo, de Auguste Saint-Hilaire (Tradução de Afonso de E. Taunay).

Saint-Hilaire, célebre botânico francês, realizou viagens pelo Brasil de 1816 a 1822. Dessas viagens nos legou importantes relatos, todos feitos com o maior rigor científico.

Afonso E. Taunay escreve que eles representam “valioso contingente de informes sobre a mais importante região brasileira, a que se estende entre as duas maiores cidades do país.”

Viagens pelo Amazonas e rio Negro, de Alfred Russel Wallace. Resultado de quatro anos de experiência de vida na bacia do Amazonas, viagem realizada às expensas do naturalista inglês, este livro não se limita à geografia dos trópicos, alcança também os costumes e a vida social de índios e portugueses que habitavam a região.

Viagem pitoresca, de C. Bartolomé Bossi. Documento histórico dos viajantes estrangeiros no Brasil, iniciado por Bartolomé Bossi, em viagem que começou por Montevideu e Buenos Aires, entrando pelo interior de Mato Grosso, concluindo pelo levantamento e elaboração do primeiro mapa da região, em grande parte inexplorada.

Uma viagem ao Rio Grande do Sul, de Vittorio Buccelli. Originalmente publicada em Milão, em 1906, sob o título *Un Viaggio a Rio Grande del Sur*, esta obra agora editada pelo Conselho Editorial do Senado Federal foi traduzida por Rubem Amaral Jr. Nesta narrativa de viagem, o jornalista genovês relata sua longa jornada, desde a partida do Rio de Janeiro, passando por Santos e rumando para o Sul. Tendo entrado pela Lagoa dos Patos, Buccelli chega a Porto Alegre em 1904. Antes de seguir para a campanha, visita algumas colônias italianas instaladas na serra. E é especialmente sobre elas que ele faz inúmeras observações – pormenorizadas e, muitas vezes, técnicas – não só a respeito dos assentamentos de vilas e núcleos, mas também sobre a organização do trabalho e do comércio.

Registra ainda impressões bem tocantes, como a do imigrante que lhe declara: “A Itália sim, é bela e boa, mas a pátria é onde se está bem”. O alentado volume contém ainda dezenas de fotos de pessoas e dos lugares descritos.

Viagem ao Brasil (1865-1866), de Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz. Relato de viagem ao Brasil em 1865-1866 pelo naturalista suíço Luis Agassiz e sua esposa Elizabeth Cary Agassiz. Trata-se não somente de observações de caráter científico, mas de um aliciente diário de viagem. Uma visão de nosso país sob vários aspectos da vida social, como educação, clero, cultura, etc.



Cachoeirinha de Cupati; no primeiro plano, uma paxiúba-barriguda (Martius, *Genera et species palmarum*).

.....

VIAGEM PELO BRASIL
(1817-1820)



Mesa Diretora

Biênio 2017/2018

Senador Eunício Oliveira
Presidente

Senador Cássio Cunha Lima
1º Vice-Presidente

Senador João Alberto Souza
2º Vice-Presidente

Senador José Pimentel
1º Secretário

Senador Gladson Cameli
2º Secretário

Senador Antônio Carlos Valadares
3º Secretário

Senador Zeze Perrella
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Eduardo Amorim
Senador Sérgio Petecão

Senador Davi Alcolumbre
Senador Cidinho Santos

Conselho Editorial

Senador Edison Lobão
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Wilson Roberto Theodoro

Ewandro de Carvalho Sobrinho

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 244-C

VIAGEM PELO BRASIL

(1817-1820)

TERCEIRO VOLUME

Spix e Martius

Tradução de

Lúcia Furquim Lahmeyer



Brasília – 2017

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 244-C

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país, e também obras da história mundial.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto
© Senado Federal, 2017
Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF
CEDIT@senado.gov.br
[Http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho](http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho)
Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-875-5 (obra completa)

ISBN: 978-85-7018-878-6

.....

Spix, F., Johann Baptist von, 1781-1826.

Viagem pelo Brasil (1817-1820) / Spix e Martius. ; tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2017.
3v. : il. 486 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 244-C)

Inclui índice.

1. Viagem, memórias, Brasil, 1817-1820. 2. Índio, Brasil, séc. XIX. 3. Recursos minerais, Brasil, 1817-1820. 4. Brasil, descrição, 1817-1820. I. Martius, Carl Friedrich Philipp von, 1794-1868. II. Título. III. Série.

CDD 918.1

.....

.....

Sumário

Livro Oitavo

CAPÍTULO I

Estada na cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará

pág. 17

A paisagem dos arredores de Belém. Os seus moradores, meios de alimentação, característicos das doenças, civilização, modos de vida, autoridades, artigos de comércio, produtos naturais. Epidemia de bexigas no Pará. População das províncias do Pará e Rio Negro. Descrição histórica do estado dos índios do Pará; comércio de importação e exportação. Sobre algumas plantas estrangeiras cultivadas no Pará.

CAPÍTULO II

Excursões pelos arredores de Belém do Pará e preparativos para a viagem ao interior, pelo rio Amazonas

pág. 69

A ilha das Onças; perdidos na mesma. As matas virgens em torno de Pará. Os cupins e formigas. O reino animal nessas regiões úmidas. A pororoca em São Domingos. Preparativos para a viagem pelo rio Amazonas. A vegetação marginal no Pará. Comparações da pororoca com idênticos fenômenos. Lance de olhos histórico sobre a nossa viagem feita no Amazonas.

CAPÍTULO III

Viagem de Belém do Pará, pelo arquipélago, ao Rio Amazonas, e, nesse rio, até ao estreito de Óbidos

pág. 95

Jacuarari no Rio Moju. O canal Igarapé-mirim. Entrada na foz do Tocantins, na Baía de Limoeiro. A baía das Bocas. Desembarque em Breves, na ilha de Marajó. Descrição da ilha de Marajó. Navegação pelo braço Tagipuru. A vila de Gurupá. Enternecedora fidelidade de uma índia. Praga das mutucas. A

vila do Porto de Moz, no rio Xingu. A caneleira. O canal Aquiqui. Vista da Montanha de Paru. Paineiras, tartarugas, cobras gigantes, a denominada mãe-d'água. Abundância de peixes; como os pescam os índios. Os índios e tabeleiros no Amazonas. Vila de Santarém, no rio Tapajós. Feição dos arredores. Ilha Paricatuba. O estreito de Óbidos. Sobre o rio Moju e as junções do delta na sua bacia. Acerca das palmeiras miritis (Mauritia flexuosa). Considerações históricas, literárias e geográficas sobre o rio Tocantins. Geografia do rio Xingu. Considerações históricas, geográficas e etnográficas sobre O rio Tapajós. Sobre a palmeira pupunha.

CAPÍTULO IV

Viagem do estreito de Óbidos até Fortaleza da Barra, capital da província do Rio Negro

O rio Trombetas. As mutucas do Amazonas. Parintins, posto de fronteira entre o Pará e o rio Negro. Vila Nova da Rainha ou Tupinambaranas. Os restantes dos antigos tupinambás. Pesca por meio de leite de planta venenosa. Os índios muras bandidos. O rapé paricá. A vila de Serpa. As bocas do lago Saracá. A geografia dos índios. Os mutuns. Feitiçarias dos índios. Aves aquáticas. Tempestade. Poraquê. Observações sobre o Amazonas; sobre o medicamento chamado guaraná; sobre as pedras do Amazonas.

pág. 157

Livro Nono

CAPÍTULO I

Estada em Fortaleza da Barra do Rio Negro e excursões pelos arredores
Topografia da Fortaleza da Barra. Astúcia de um macaco. Lenda de índios com cauda. Medo de duendes. Cacau, cumaru (tonca) e outros produtos vegetais. A dança do peixe entre os índios. Excursões a Manacarú. Vagalumes. Dança dos muras. O boto do Amazonas. O jacaré preto e o peixe-boi. Fatos históricos da província do Rio Negro. Insetos luminosos.

pág. 195

CAPÍTULO II

Viagem da barra do rio Negro, pelo Solimões, para a Vila de Ega

As ilhas de areia no Solimões. Assalto noturno de um jacaré. Canais de Paratari. Ilha de areia de Guajaratuva e colheita dos ovos de tartaruga. História natural da grande tartaruga fluvial. Foz do rio Purus. Os desaparecidos cochiuuaras. Ilha de areia das Onças. Índios malhados. Lagoa de Coari e aldeia de Alvelos. Instrumentos e objetos artísticos dos índios. A zarabatana e outras armas. Lagoa de Tefé e Vila de Ega. A vegetação da terra firme e as matas inundadas. A planta ipadu ou coca. A aldeia de Nogueira. Cerâmica dos índios. Acerca do rio Purus. Acerca dos índios malhados. Constituição química das espécies de barro comestível e colorido. Comércio entre o rio Negro e Mainas. Sobre a coca e outras espécies vegetais.

pág. 228

CAPÍTULO III

Relação da viagem do Dr. Spix, desde Ega, pelo Solimões acima, até o presídio de Tabatinga, e regresso, até Barra do Rio Negro

Caiçara ou Alvarães. Índios jumanas. Constituição física dos índios e das raças misturadas. O rio Juruá. Barreira castelhana. Fonte-Boa. Rio Jutai. Os índios marauás. Povoados no arroio Tonantim. Os índios cauixanas. Quartel militar no Içá. Índios juris e passés. Cidade de Olivença. Os índios campevas. O posto de fronteira chamado Tabatinga. Os índios maxurunas e tecunas. Observações sobre Alvarães, rio Juruá, Içá, Olivença, Tabatinga, índios campevas, omáguas, maxurunas e tecunas.

pág. 272

CAPÍTULO IV

A Viagem do Dr. Martius, desde Ega pelo Japurá acima, até a catarata de Araraquara e, de regresso, até a barra do rio Negro

Alvarães. Canal principal e canais secundários do Japurá. Pesqueiros. A Aldeia de Maripi. Índios coerunas, passés, jumanas e uainumás; os seus hábitos e insígnias. Criação de galinhas, cães e cobras mansas entre os índios. Feiticeiros. Traição de um índio. Os cauixanas na lagoa Acunauí. Aves de arribação. Aldeia de São João do Príncipe. Bebidas dos índios. Os juris em Uarivaú. Vida desses índios. Cataratas de Cupati. Os juris em Manacarú. Preparo do

urari, veneno para flechas. Porto dos índios miranhas. Hábitos e ocupações, antropofagia dos mesmos. Para a cachoeira de Araraquara, na fronteira de Nova Granada. Os índios umauás. Ascensão à montanha de Araraquara. Doença da equipagem no porto de Miranhas. Característicos desses antropófagos. Viagem de regresso. Ascensão à montanha de Cupati. Considerações sobre viagens na bacia do Japurá; distintivos das tribos de índios; a salsaparilha; conhecimentos médicos dos índios e doenças ocorridas no Japurá; rio Apaporis; esculturas dos índios; botânica, geografia, geologia do Japurá; os índios manaus e o seu habitat.

pág. 293

CAPÍTULO V

Relação da Viagem do Dr. Spix pelo rio Negro, desde barra do rio Negro até Barcelos, e regresso ao ponto de partida

Fazenda Tarumá. Períodos nas enchentes dos rios. Característicos da paisagem do rio Negro. Vila de Moura. O povoado de Carvoeiro. Vila de Barcelos. Observações para a geografia e etnografia do rio Negro.

pág. 377

CAPÍTULO VI

Viagem de barra do rio Negro ao rio Madeira, para visitar os índios mundurucus e maués, e volta a Belém do Pará

A confluência do Rio Negro com o Amazonas. Entrada no Madeira. Varejão. Paisagem melancólica do rio. Arroz silvestre. Os mundurucus em Canomá e Caiaué. Característicos físicos e distintivos nacionais dessa tribo. O seu modo de combater. Formação geológica e vegetação em Canomá. Viagem, pelo Iriariá, para a aldeia dos maués. Hábitos dessa tribo. Chegada à Vila Nova da Rainha. A cidade de Óbidos e o estreito. Vila de Santarém. Vila de Almeirim. Ascensão à Montanha de Almeirim (Paru). Navegação, pelo Tagiparu, para o Pará. Considerações históricas e geográficas sobre o rio Madeira. Mais notícias acerca dos mundurucus. As suas primitivas expedições de guerra. Eles parecem um ramo da tribo dos tupis. Considerações geográficas e estatísticas sobre Arraiolos e Macapá. Para a geografia do Amazonas e da sua bacia.

Conjunto desse rio. Comprimento das suas principais nascentes e dos seus afluentes. Aspecto do rio. Divisor de águas. Bacia principal e bacias secundá-

rias do rio. Altura das montanhas limítrofes. Falta de sistema de montanhas na bacia do rio. Declive e cachoeiras. As margens do rio. Lagoas das margens. Abundância de nascentes. Junção dos afluentes. Latitude, ilhas. A sua correnteza. Periodicidade. Fluxo e refluxo. Propriedades físicas da água do rio. Salubridade da região. Facilidade da navegação. Navegação a vapor. Perspectiva para o futuro. Roteiros de navegação nas águas do Estado do Grão-Pará. Lance de olhos geológico quanto às terras da bacia do Amazonas. Montanhas dominantes, as suas modificações, jazidas e camadas inferiores. Comparação com as regiões limítrofes. Hipótese sobre os tempos passados. A vegetação na bacia do Amazonas. Os característicos da paisagem e as suas variedades. As famílias de plantas predominantes.

pág. 393

CAPÍTULO VII

Última estada em Belém do Pará e viagem de regresso

Preparativos para o regresso à pátria. O comboio. Partida do Pará. Mosqueiro. Despedida do Brasil. Viagem de mar. Um navio corsário, na altura dos Açores. Chegada a Lisboa e estada ali. Explosão de movimentos políticos. Viagem, passando por Elvas e Badajós, a Madri. Estada aí. Viagem, por Barcelona e Perpignan, à França; por Lion e Estrasburgo, à Alemanha. Chegada a Munique. Apreciação geral sobre as impressões colhidas na viagem que realizamos.

pág. 465

VALORES, MEDIDAS, PESOS

pág. 475

ANEXO MUSICAL

pág. 478

ÍNDICE ONOMÁSTICO

pág. 481

R e i s e
i n
B r a s i l i e n

auf Befehl Sr. Majestät
MAXIMILIAN JOSEPH I.
Königs von Baiern

in den Jahren 1817 bis 1820

g e m a c h t

v o n

weiland Dr. Joh. Bapt. von SPIX,

*Ritter des k. baier. Civil-Verdienstordens, ord. wirkl. Mitglieder d. k. b. Akademie d. W.,
Conseruator der zool. zoot. Sammlungen, der Car. Leop. Acad. d. Naturforsch., der Edinb.
Mosk., Marb., Frankf., Niederrhein. naturf. Gesellschaft Mitglieder,*

u n d

Dr. Carl Friedr. Phil. von MARTIUS,

*Ritter des k. baier. Civil-Verdienstordens, ord. wirkl. Mitglieder d. k. b. Akademie d. W.,
Mitcorstand u. zweit. Conseruator d. k. bot. Gartens, Prof. Ord. an der Ludw. Maxim.
Universität, Corresp. d. Instituts von Frankreich, d. Car. Leop. Acad. d. Naturforsch.
und mehrerer naturf. Gesellschaften Mitglieder.*

Dritter und letzter Theil,

bearbeitet und herausgegeben von

DR. C. F. P. VON MARTIUS.

Mit einer Karte vom Amazonenstrom.

München, 1831,

bei dem Verfasser. Leipzig, in Comm. bei Friedr. Fleischer.

Fac-símile do frontispício do terceiro tomo da edição em alemão.

LIVRO OITAVO

.....

Capítulo I

ESTADA NA CIDADE DE SANTA MARIA DE BELÉM DO GRÃO-PARÁ

APENAS ALGUNS DIAS de permanência em Rocinha, a aprazível casa de campo perto de Pará que se nos ofereceu por benévola hospitalidade, já nos fizeram sentir rápida e geral mudança no nosso estado de saúde. Rejuvenescidos e fortalecidos, pulsava-nos o sangue com mais ardor, mais rápidos eram os nossos movimentos, com maior disposição nos púnhamos à mesa e com espírito mais claro apreciávamos o esplendor que nos cercava. Verificávamos surpresos, essa rápida mudança em nós mesmos; e, fosse porque fosse, o ar mais saudável ou o ambiente ameno, talvez a alegria por haver alcançado a tão almejada meta tivesse produzido o mágico efeito, felicitávamo-nos por esse renascimento, e fizemos votos de utilizá-lo em feliz atividade.

A casa que habitávamos, um vasto quadrilátero, compreendia não só numerosos aposentos, mas tinha nos fundos senzalas para diversas famílias de pretos, criados desta bela propriedade e, embora pouco afastada da cidade, oferecia todos os encantos da solidão. Estende-se dali um campo plano, cercado de sebes artificiais, mas interrompido, aqui e acolá, por palmeiras e arbustos. Na parte posterior da casa, estavam uma espaçosa horta e o pomar, em cuja extremidade estreitas veredas conduzem a

terreno inculto, desigual, coberto de sombria mata e impenetrável brenha que se estende ao longe sem limite. Aqui, pelas vargens, há valas e lagoas, e das águas surgem tufos de junco latifólio e de palmeiras de espinho. Cheio de horror perde-se o naturalista com passadas incertas nesse terreno, abandonado pelas aves da mata, onde se lhe deparam apenas, às vezes, capivaras ariscas, ou violento cheiro almiscarado lhe denuncia a presença dos monstros de carapaça, os jacarés, que como réprobos, se conservam escondidos na lama e na escuridão. Achávamo-nos, portanto, numa região já por um lado enobrecida pelo cultivo, por outro lado representando invencível força criadora do solo americano; e um só olhar abrangia as mais diversas manifestações da natureza. Mas, se a cada passo nos deslumbrava a riqueza luxuriante e a incrível fertilidade dessa criação, era ao mesmo tempo de enlevo e de alívio a sensação que tínhamos diante da indizível tranquilidade e harmonia, que pairavam aqui sobre a natureza. Tudo em volta de nós se destacava distintamente como uma ressonância, como um ato do grandioso drama do mundo, no qual todos os seres são animados pelo Criador com o imortal gozo de ser, cada um segundo o seu modo, porfiam anelantes pelo elogio e pelo louvor de Deus; e mais significativo, mais patente do que em qualquer outro lugar, pareceram-nos ressoar, em harmoniosa concordância no hino à vida, tanto as plantas como os animais, tanto os elementos como o éter e como o sol, dominador dos planetas. Em parte alguma ainda se nos impunha esse modo de contemplar com tanta necessidade, como aqui, onde a vizinhança do Equador confere a tudo como que uma expressão nova, sagrada; e nós, chegados a este ponto de pleno gozo, nos consideramos convidados a colher os frutos que prévias experiências isoladas e pontos de vista haviam sazornado em nosso espírito.

Como este relatório de viagem pretende ser também um espelho da nossa vida íntima e ao amigo leitor não deseja só oferecer notícias objetivas das nossas observações, seja permitido ao editor inserir aqui uma folha do seu diário, testemunho de fato diferente da forma acostumada, da disposição de espírito e da compreensão daquele aspecto inesquecível.

Pará, 16 de agosto de 1819. Como me sinto feliz aqui, como chego a compreender a fundo muito daquilo que até agora era inacessível! O lugar sagrado, onde todas as forças se reúnem harmoniosamente e ressoam como canto triunfal, amadurece sensações e pensamentos. Parece-me com-

prender melhor o que é o historiador da natureza. Diariamente lanço-me na meditação do grande e indizível quadro da natureza e, embora seja fora do meu alcance compreender sua finalidade divina, ele me enche de deliciosas emoções. – São três horas da madrugada; levanto-me da rede porque não consigo mais dormir de excitação; abro as venezianas e olho para a noite escura e solene. Magníficas brilham as estrelas, e o rio resplandece com o reflexo da lua poente. Como tudo é quieto e misterioso em torno de mim! Ando com o lampião para a fresca varanda e contemplo os meus queridos amigos, as árvores e arbustos em redor da casa. Alguns estão dormindo com as folhas bem dobradas, outros, porém, que descansam de dia, elevam-se tranquilos na noite sossegada; poucas flores estão abertas; só vocês, perfumadas sebes de Paulínias, saudais o caminhante com a mais delicada fragrância, e você ativa e sombria mangueira, cuja copa folhuda me protege contra o sereno noturno. Como fantasmas esvoaçam grandes mariposas em redor da luz sedutora do meu lampião. Cada vez mais o sereno umedece as campinas frescas e o ar noturno e úmido cerca o corpo quente. Uma cigarra, habitante da casa, me chama novamente para dentro com seu canto estridulante conhecido e faz companhia ao feliz sonhador que fica aguardando o despontar do dia, desvelado pelo zumbido dos mosquitos, as pancadas de timbale dum sapo-boi ou do triste chamado dum curiango. Às cinco horas, começa a amanhecer de todos os lados; um cinzento fino e uniforme, corado pelo alvor e assim alegrado, cobre o céu; só o zênite é de cor mais escura. As formas das árvores aproximam-se cada vez mais; o terral, que se levanta do leste, agita-nos lentamente e já aparecem reflexos róseos nas copas, lembrando abóbadas dos troncos de Caryocar, Bertholetia e Symphonia. Os galhos e as folhas agitam-se; os sonhadores despertam e banham no ar fresquinho de manhã; besouros voam, mosquitos zumbem, pássaros cantam, macacos trepam gritando nas brenhas; as mariposas retiram-se lucífugas à noite da mata; nos caminhos há movimento, os roedores fogem para o pardieiro e a irara pérfida se afasta de mansinho do galinheiro, no qual o pomposo galo anuncia a manhã. Cada vez mais claro torna-se o ar; o dia começa; uma indizível majestade paira sobre a natureza: a terra está esperando o noivo; aí! Ele está: como relâmpagos vermelhos resplandece a margem do sol, agora ele sobe, num instante ele está inteiramente acima do horizonte, emergindo de ondas em fogo e lança raios ardentes sobre a terra. O mágico crepúsculo cede, grandes reflexos per-

seguidos fogem de sombra em sombra e de repente a terra se apresenta ao encantado espectador, brilhando com o orvalho, festiva, juvenil, alegre: a mais bela noiva. Nem sombra de nuvem no céu, que se curva puríssimo sobre a terra. Tudo é vida; animais e plantas em gozo, na luta. Às sete horas, o sereno começa a desaparecer, o terral enfraquece e logo se nota o calor que aumenta. O sol sobe rapidamente, a prumo, no céu claro e de um azul transparente no qual as nebulosidades são uniformemente dissipadas, até que, pouco mais tarde, baixinho no horizonte ocidental, começam a formarem-se nuvens pequenas, branquinhas; estas se prolongam em direção ao sol e pouco a pouco estendem-se longe no firmamento. Cerca das nove horas a campina está seca; a mata aí está no brilho das folhas de loureiros; flores abrem-se, outras já estão esgotadas pelo gozo do amor. Uma hora mais tarde, as nuvens já estão amontoadas alto e formam densa mata, que às vezes passam pelo sol, escurecendo-o e refrescando, que domina a paisagem com plenitude resplandecente. As plantas palpitam sob os raios tórridos do sol; abandonam-se esquecidas ao forte estímulo. Besouros dourados e beija-flores zumbem alegres aproximando-se, na margem, as borboletas e libélulas exibem um jogo de cores; os caminhos pululam de formigas que em filas compridas carregam folhas para a sua casa. Também os animais mais preguiçosos reagem ao estímulo solar; o jacaré emerge da lama ao pé da margem e deita-se na areia quente; tartarugas e lagartos abandonam a sombra úmida; serpentes de colorido variado ou escuro deslizam-se nas sendas esquentadas pelo sol. As nuvens descem cada vez mais, aglomerando-se em camadas mais e mais pesadas, densas e ameaçadoras, envolvendo o horizonte de um cinzento azulado, formando massas mais duras perto do zênite, o quadro de enormes montanhas no ar. De repente o céu todo está coberto, deixando só aqui e acolá uma fenda azul; o sol está escondido, porém o calor é tanto mais sufocante sobre a paisagem. Meio-dia já passou, esta hora é turva, pesada e melancólica na natureza; a tensão torna-se sempre mais aguda e a dor, que o prazer do dia originou, está aí. Fome e sede tormentam os animais; só os sossegados, preguiçosos, retirados na sombra da mata, não pressentem a crise violenta na natureza. Mas ela se aproxima; ligeira e inevitável ela irromperá: o ar já baixa de temperatura, os ventos atravessam-se em todos os sentidos; remexem a mata e depois o mar, que voga cada vez mais preto e os rios mais escuros e que parecem correr silenciosos, amortecidos pelo vento. A tempestade

tade ai está! Duas ou três vezes um relâmpago pálido rasga as nuvens; duas ou três vezes rola o trovão, lentamente, quieto, tremendo; gotas começam a cair. As plantas respiram novamente depois do cansaço; nova trovoadas e desta vez não é chuva, são torrentes de água que o céu derrama. A floresta está gemendo; o sibilar baixinho das folhas transforma-se em bramido, em rufar que ressoa longe. As flores balançam, folhas estão caindo, galhos quebrados e troncos podres estão tombando; com violência, o furacão priva as deprimidas gerações de plantas dos últimos atrativos virgens. E por que não seria assim? Não floresceram e amaram; o ingá não dobra já os estames vazios; não deixa cair a *Banisteria* suas pétalas douradas do cálice fecundado; nem oferece a Arácea curvada pelo fruto pesado, sua espada já murcha ao temporal... Esta hora terrível também colheu os animais; mudas, assustadas esvoaçam as aves da floresta no chão; tremendo, as numerosas classes de insetos procuram amparo embaixo de folhas e nos troncos; distraído de guerra e matança o mamífero abandona a perseguição; só os anfíbios de sangue frio regozijam-se do aguaceiro que cai, e com milhares de vozes cantam os coros dos sapos e das rãs nos campos úmidos. Riachos de água turva correm pelas estreitas picadas ao rio ou desaparecem nas fendas da terra. A temperatura do ar está caindo cada vez mais, as nuvens esvaziam-se aos poucos, mas em breve o temporal já passou. Com brilho rejuvenescido o sol reaparece entre compridas camadas de nuvens, que mais e mais se dispersam e se afastam ao norte e ao sul e guarnecem, como de manhã cedinho, o horizonte azul com suas formas finas e transparentes. O céu azul escuro já está risonho de novo e dentro em pouco a terra esquece o susto. Depois de uma hora não resta vestígio do temporal; as plantas, enxutas pelos raios quentes do sol, levantam-se refrescadas, e os animais movimentam-se como de costume e seguindo seus instintos hereditários. Assim se aproxima a tarde e novas nuvens aparecem entre os flocos brancos do horizonte; elas introduzem ora um reflexo roxo ora um amarelo pálido na paisagem que combina harmoniosamente o fundo da alta floresta, o rio e o mar. O sol está deitando e aparece cercado das mais variadas tonalidades no portão ocidental do firmamento; deixou à criatura sossego e amor; com as sombras da tarde animais e plantas são inspirados de novas expectativas e íntimos murmúrios e sussurros animam as trevas da floresta; saudades amorosas, renovadas, propagam-se com os perfumes voluptuosos de flores recém-desabrochadas; a natureza cede ao prodigioso im-

pulso sexual. Ainda subsistem alguns reflexos isolados do sol poente nas copas, quando começa a subir, em quieta frescura tranquila e amena e fantástica, a lua argêntea sobre a floresta escura e os aspectos tomam formas mais suaves. A noite chega, a natureza mergulha em sono e sonhos e o éter que envolve imenso a terra, brilhando de inúmeros testemunhos de longínquos esplendores, inspira humildade e confiança no coração do homem: a dádiva mais divina após um dia de contemplação e prazer.

Na mesma sequência deste quadro geral se apresentam aqui em Pará cada dia, pelo menos durante a maior parte do ano, os mesmos fenômenos naturais. Com regularidade imutável cada hora traz a mesma tensão, o mesmo alívio das forças naturais e cada criatura aparecem na hora certa no palco grande, age e depois perde-se novamente entre as figuras vizinhas. Cada um obedece ao seu próprio instinto e ao mesmo tempo só é servidor das leis universais; cada um parece interessado só em si mesmo e, contudo, é parte do conjunto; o homem, porém, acostumado a achar só na própria consciência a medida para as épocas terrestres, reconhece naquelas prodigiosas pulsações da natureza um ponteiro próprio. E essa condição notável de uma ordem regular predeterminada dos fenômenos tem de revelar-se com maior clareza aqui, perto do Equador. Em toda a parte o nosso planeta está dominado e quase sujeito à serventia do astro superior; porém só aqui, onde o sol permanece sempre à mesma distância e dita as mesmas leis, estes atos obrigatórios da vida terrestre aparecem como movimentos livres e a terra parece aliada, não servente do corpo celeste dominante. Quão diferente é tudo isto no norte e sul, onde a terra submissa sofre os diversos estados e transições não com dedicação pacífica, mas em escravidão hostil. O contraste violento das estações apaga-se nestas latitudes felizes, apenas perceptível é a duração do dia que pouco varia. O tempo seco pouco se diferencia do tempo das águas (verão e inverno), porque cada dia quase traz sol e chuva e em certo sentido só a primavera e o outono se evidenciam pela periodicidade na vegetação. Esta, porém, favorecida pelos próprios elementos da vida, calor e umidade, eleva-se em plena majestade e cobre a terra toda desde a margem das águas com a abundância máxima de folhas sempre verdes. Muitas plantas, talvez justamente aquelas cuja ocorrência é limitada estritamente às regiões equatoriais, são cobertas mais de uma vez por ano com flores; umas representam a primavera, outras, simultaneamente, o outono; entretanto é provavel-

mente a maioria que desabrocha suas flores nos meses de novembro a março, amadurecendo seus frutos de junho a setembro. Nunca se observa, porém aqui aquela estagnação que despe durante o outono e inverno nórdico a floresta de toda a folhagem, mesmo se uma árvore perde de uma vez a folhagem velha, nunca aparecerá nua; porque brotos novos substituem imediatamente a perda sofrida. Corresponde a tão prodigioso impulso de vida a variedade e beleza dos frutos e só nominalmente se conhece nesta latitude feliz o que é má colheita e penúria. Forçosamente tínhamos de recobrar energias frescas, físicas e espirituais, na presença de tal natureza. A grandiosa harmonia das forças cósmicas, presente em toda a parte aqui, símbolo do dever moral do homem, enchia-nos de nova coragem, de agradáveis esperanças e daquela serenidade de alma que perdêramos na luta contra tantas fadigas e empecilhos.

Juntaram-se a essas impressões felizes todas as vantagens de uma casa cômoda e relações sociais, que imediatamente na chegada se nos ofereceram da maneira mais amistosa.

O nosso digno hospedeiro, o Sr. Ambrósio Henriques, empenhava-se zeloso por satisfazer tudo que era preciso para a manutenção da pequena casa, e, por meio de S. Ex^a o Sr. conde de Vila Flor¹ assim como por um irmão do nosso nobre amigo do Maranhão, John Hesketh, que havia aqui estabelecido o seu negócio, fomos em breve apresentados e recebidos em diversos círculos familiares. Numerosas provas de benevolência tornaram para nós inolvidáveis esses laços sociais, nos quais não só encontramos divertimento, mas também os mais diversos ensinamentos. O Sr. Romualdo de Seixas², vigário-geral da província, o qual, em muitas viagens, chegara a conhecer a

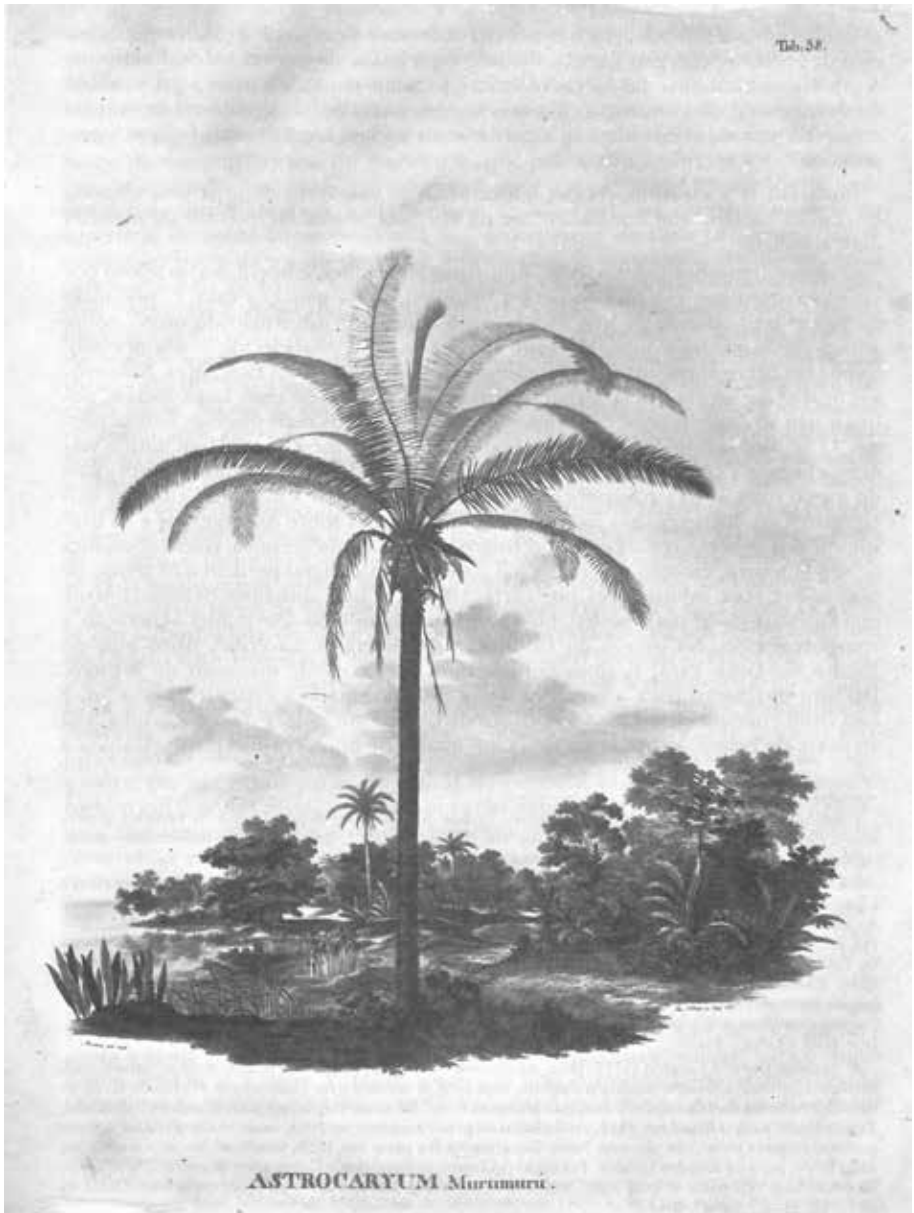
-
1. Antônio José de Sousa Manuel de Meneses, conde de Vila-Flor e depois duque da Terceira, governou o Grão-Pará desde 1817 até ser deposto em começo de 1821, por motivo do movimento constitucionalista, estalado no Porto, em 1820. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)
 2. D. Romualdo Antônio de Seixas, marquês de Sousa Cruz e 17º arcebispo da Bahia, nasceu em Cameté, a 7 de fevereiro de 1787 (no mesmo lugar e no mesmo dia em que nascera seu tio, d. Romualdo de Sousa Coelho, 1762-1841, 8º Bispo do Pará), e faleceu na Bahia, a 29 de dezembro de 1860. Foi presidente da Junta Provisória Governativa do Pará, em 1821 e 1823; representou as províncias do Pará e da Bahia na câmara temporária, da qual ocupou por duas vezes a presidência e presidiu, em 1841, à solenidade da sagração de d. Pedro II. Deixou muitos escritos, que lhe patenteiam a

sua pátria e havia estendido o seu círculo de autoridade do modo mais ativo para enobrecer costumes e propagar a instrução entre os seus compatriotas, forneceu-nos interessantes informações sobre os indígenas e os brasileiros dos sertões do Pará e do Rio Negro. Depois daquela época, com a confiança de seu monarca, elevado à sé episcopal da Bahia, esse digno prelado não cessou de honrar-me com informações por cartas, de sorte que aproveito prazerosamente esta oportunidade para poder, publicamente, manifestar-lhe minha veneração e reconhecimento. Na pessoa do dr. Antônio Correia de Lacerda³, físico-mor do Estado do Grão-Pará, ficamos conhecendo um excelente discípulo de Brotero. Decisiva inclinação para a botânica havia-o determinado a estabelecer-se aqui, e essa conformidade de estudos serviu-nos de laço de amizade. Como a Rocinha, sita ao norte de Belém, apenas dista desta um quarto de hora, era-nos possível, ainda à tarde, depois de concluídas as nossas investigações científicas, procurar esses amigos ou recebê-los em nossa casa, e podíamos até considerar-nos moradores da cidade.

Santa Maria de Belém do Grão-Pará, geralmente chamada Pará, distante do mar umas 16 léguas em linha reta, está situada numa ponta de terra plana e baixa, ao longo da margem oriental do grande rio, que pela união da foz do rio Tocantins com as águas do Amazonas (no canal Taji-puru) e com muitos tributários da terra firme e da ilha de Marajó, toma o nome de rio Pará. Aquela parte dessa larga superfície de água, compreendendo um arquipélago de ilhas pequenas, que se estende ao norte da foz do rio Moju, entre a ilha de Marajó e o continente, até à cidade e à baía

cultura (vejam-se os seis volumes de suas *Obras completas*, Recife-Bahia, 1839-1858). Além de outras associações científicas e literárias, pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

3. Antônio Correia Lacerda (1777-1852) nasceu em Portugal e faleceu no Brasil, onde se naturalizou. Médico e botânico deixou muitos trabalhos, cuja lista se encontra no *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão*, de César Marques, e no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* de Blake. Tendo vindo para o Brasil em 1818, estabeleceu-se primeiramente no Pará, onde se envolveu na agitada política daquela província, de cuja Junta Governativa fez parte em 1823, vendo-se forçado a emigrar, mais tarde, para os Estados Unidos. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, bem como da Sociedade Velosiana, à qual legou todos os seus livros, manuscritos e coleções científicas. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)



Campinas nas margens do Amazonas, arredores de Belém do Pará
(Martius, Genera et species palmarum).

de Santo Antônio, chama-se baía de Guajará. (Outros designam com esse nome a embocadura baixa, coberta de matas, interrompida por algumas ilhas do rio Guamá). A largura do rio aqui, do continente até Marajó, avalia-se em légua e meia; porém, uma parte da outra margem está escondida das nossas vistas, pela ilha das Onças, de igual aspecto, situada a oeste, quase uma hora daquela outra. Ao sul da cidade, reúne-se à grande massa de água do rio Guamá, rio importante, que vem do continente, a leste. Por ser plano o território, apresenta-se ao espectador do lado do mar a cidade sem profundidade, como constando somente de duas filas de casas e a proximidade da alta mata virgem, que lhe forma o fundo, evidencia como aqui a atividade construtora do homem, só com esforço, consegue firmar-se contra a vegetação tropical. Do lado do mar, avistam-se, perto da margem e quase no meio da fila de casas, a Praça do Comércio e a Alfândega, atrás da qual surgem as duas torres da igreja das Mercês. Mais para dentro, elevasse a cúpula da igreja de Santa Ana e, na parte norte, termina a vista com o Convento dos Capuchinhos, de Santo Antônio; na parte do extremo sul, o olhar repousa no Castelo e no Hospital Militar, a que se juntam o Seminário Episcopal e a Catedral, esta com duas torres. Mais para o interior das terras destaca-se, naquele lado, o Palácio do Governo, edifício digno construído durante a administração do irmão do marquês de Pombal. Porém, quando o recém-chegado entra na própria cidade, encontra mais do que prometia o aspecto exterior: casas sólidas, construídas, em sua maior parte, de pedras de cantaria, casas em largas ruas, que se cortam em ângulos retos, ou formam várias extensas praças. A arquitetura é singela, raro tendo as casas mais de dois pavimentos; quase sempre térreas, são mesmo construídas em menores proporções e menos decoradas do que as do Maranhão, simplesmente caiadas e em geral sem vidraça; mas o conjunto é aseado, cômodo e dá a impressão de vida doméstica feliz. A sé de Santa Maria da Graça é edifício na verdade não alto, mas digno, apropriado para dispor as almas à elevação e serenidade. As capelas laterais são adornadas com pinturas a óleo; de mestres portugueses, porém de pouco valor artístico. O antigo colégio dos jesuítas, hoje residência do bispo e seminário, faz honra ao bom gosto e espírito de iniciativa da Companhia de Jesus, antigamente tão poderosa. A igreja, que lhe está anexa, é agora a Santa Casa de Misericórdia. Na parte leste da cidade, voltada

para o continente, acha-se o Passeio Público, instituído pela providência do recém-falecido d. Marcos de Noronha e Brito, conde dos Arcos⁴, que iniciou a sua benéfica atividade no Brasil com o governo do Pará. Transformou um trecho de terreno devoluto, que drenou por meio de valas, guarneecendo-o com avenidas de belas árvores, no único logradouro da cidade. As mungubeiras (*Bombax munguba* Mart.) e as sumaumeiras (*Ceiba* L.), as árvores-do-pão australianas (*Artocarpus incisa* Forst.), as mangueiras (*Mangifera indica* L.), os mombins (*Spondias myrobalanus* L.)⁵ cresceram em dois decênios, dando troncos frondosos e enfeitam a região aprazível onde existem algumas chácaras esparsas. Com essa eficaz plantação, a cidade do Pará muito lucrou em salubridade e aqui não há as doenças endêmicas, que se observam nos trópicos. A febre amarela, que já algumas vezes apareceu na vizinha Caiena, por exemplo, em 1778, e, ao dar-se crédito às notícias de médicos, também foi devastadora em Pernambuco no ano de 1687, aqui nunca se declarou. A julgar pela posição desta cidade, a pequena distância do Equador (a 1°28' de latitude sul e 51° de longitude oeste de Paris, segundo Condamine; a 1°18' de latitude sul e 50°42'45" de longitude oeste de Paris segundo Riddle), sobre terreno muito baixo, junto de grandes superfícies de água, deveria o seu clima, pela regra geral, ser insalubre; deve-se, entretanto, considerar o Pará, entre as cidades costeiras do Brasil, como uma das mais saudáveis. E aqui, sem dúvida, ainda muito menos doenças ocorreriam, se o povo não se dispusesse para elas com maus alimentos. Infelizmente, a comida não é tão boa e saudável como se deveria esperar da fertilidade da terra. O homem do povo nutre-se principalmente de farinha de mandioca, peixe seco e carne salgada, estes últimos

-
4. O conde dos Arcos, d. Marcos de Noronha e Brito, governou o Grão-Pará desde 1803 até ser substituído por José Narciso de Meneses, em 1806. Governou o Rio de Janeiro desde 1806 até a chegada do príncipe-regente, depois d. João VI. E foi o penúltimo governador da Bahia, 1810 até 1818, em que foi substituído pelo conde da Palma, d. Francisco de Assis Mascarenhas, deposto em 1821. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)
 5. Mombim (ou, melhor, *mombina*, que se encontra no *Dicionário* de Aulete) é outra espécie do mesmo gênero do *imbu* (*Spondias tuberosa*), também chamado no Amazonas “ameixa-de-espanha”. (Nota. da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

vindos da vizinha ilha de Marajó. A farinha, obtida da raiz da mandioca, é submetida aqui, como em geral nas partes mais setentrionais do Brasil, a um tratamento posterior, que tem como fim torná-la menos suscetível a deteriorações. É exposta a um começo de fermentação, acrescentando-se-lhe água, e, com isso, engrossa e fica mais saborosa para o paladar do nortista. Chama-se então de farinha de água esse preparado, e, segundo se diz, esse produto favorece o desenvolvimento de febres intermitentes mais que a farinha comum. Come-se menos arroz aqui, do que corresponderia ao seu valor nutritivo. As águas próximas fornecem muito peixe saboroso; mas mesmo esse, que os habitantes poderiam facilmente obter por meio de seus índios que se ocupam de pescaria, não é alimento tão comum nas mesas, como o peixe ligeiramente salgado, seco ao ar, e particularmente o pirarucu (*Sudis Pirarucu* Spix., *Pisc.*, t. 16, ou *S. gigas* Cuv.), que são trazidos das pescarias de Marajó para a cidade. Essa ilha fértil, a dispensa da capital, cria muito gado bovino, que é trazido dali em pé ou já abatido, salgado e seco. Como, porém, os bois, durante a metade do ano, andam vagando pelos brejos daquela ilha extremamente baixa, em constante susto expostos aos ataques dos inúmeros jacarés ou perseguidos por enxames de mosquitos, e sem abrigo ante os aguaceiros quase diários, estão sujeitos a muitas doenças, não produzem carne substancial saudável nem saborosa. Além disso, o transporte é feito em grandes barcos abertos, às vezes sem provisões suficientes, de modo que as boiadas chegam à cidade meio esfo-meadas. Seria, portanto da maior vantagem para os habitantes da capital que o sistema atual, pelo qual o arrendatário entrega a carne sem outro controle que do preço, fosse substituído por outro, que, pelo melhor trato dado ao gado no pasto e durante o transporte, resultaria em abastecimento de melhor carne. Ao contrário das províncias do Sul, aqui menos se come banana com o queijo nacional, alimento tão agradável, quanto adequado ao clima. A bebida do homem do povo é água ou cachaça; os ricos bebem vinhos portugueses, que, além de muitas gulodices, constituem artigos de considerável importação.

Como consequência de alimentação tão pouco nutritiva e do grande calor, a cuja influência ainda se junta a falta de exercício físico, nota-se nos paraenses grande tendência à obesidade, fraqueza dos órgãos digestivos, acompanhada de muitas complicações de incômodos hemorroidários.

Daí procede a grande disposição para a hidropisia, doença que, incontestavelmente, é a mais frequente causa de morte. As indigestões são de particular gravidade, quando ocorrem com resfriado. Disenteria e diarreias sangrentas começam em outubro, e duram desde esse mês seco até a entrada das chuvas em dezembro. Quanto mais progride a estação para os meses de chuva, tanto mais se transformam em estado pútrido e coliquativo. Tuberculose, inflamações de peito, e asma são menos frequentes aqui do que nas províncias do sul do império. Entre as doenças do ventre são mais comuns as inflamações do fígado. Verminoses, sobretudo em consequência de má alimentação e da água impura, não são raras. Entre as doenças exantemáticas devo, sobretudo citar as bexigas, o sarampo e a escarlatina. A primeira dessas grassava justamente ao tempo de nossa estada, constituindo maligna epidemia, que no auge sacrificava diariamente 30 a 40 pessoas, e durante meio ano arrebatou mais de 3.000 indivíduos, de todas as raças e condições. Na primavera, isto é, depois do tempo das águas, quando começa a seca, aparecem casos de urticária. Tétano e outras doenças nervosas tropicais são relativamente raras; por outro lado, muita gente sofre de amaurose e glaucoma. Sobre cálculos são os médicos pouco consultados em Pará e seus arredores, mas são, tanto mais frequentes, em Cameté e outros povoados ao longo do Tocantins, cujas águas devem ocasionar essa terrível enfermidade, por conterem muitas partículas de gesso (**Nota I**).

Era avaliada a população do Pará, ao tempo de nossa permanência, em 24.500 almas; todavia, recenseamento rigoroso não se havia feito (**Nota II**). Como esta cidade é uma das mais recentes da colonização portuguesa no Brasil, o número de habitantes da alta burguesia de sangue europeu puro é relativamente maior do que em outras. São menos numerosos os mulatos e negros, porque até meados do século precedente se empregavam exclusivamente índios para o serviço da lavoura e obras públicas, e só depois foi que cresceu a importação de pretos escravos, quando d. José, no ano de 1755, lavrou o decreto de libertação dos índios. Entre os habitantes da cidade e os fazendeiros dos arredores, assim como nas vilas e povoações da vizinhança, acham-se muitos colonos das ilhas dos Açores, aqui chamados Angicos; também algumas das famílias, que emigraram para o Brasil, deixando por livre vontade Mazagão, de Marrocos, em 1769, estabeleceram-se aqui com as suas indústrias, e nos arredores, como cultivadores; a maioria desses imigrantes passou, entretanto, para as vilas setentrionais de Mazagão e Macapá. Os lavra-

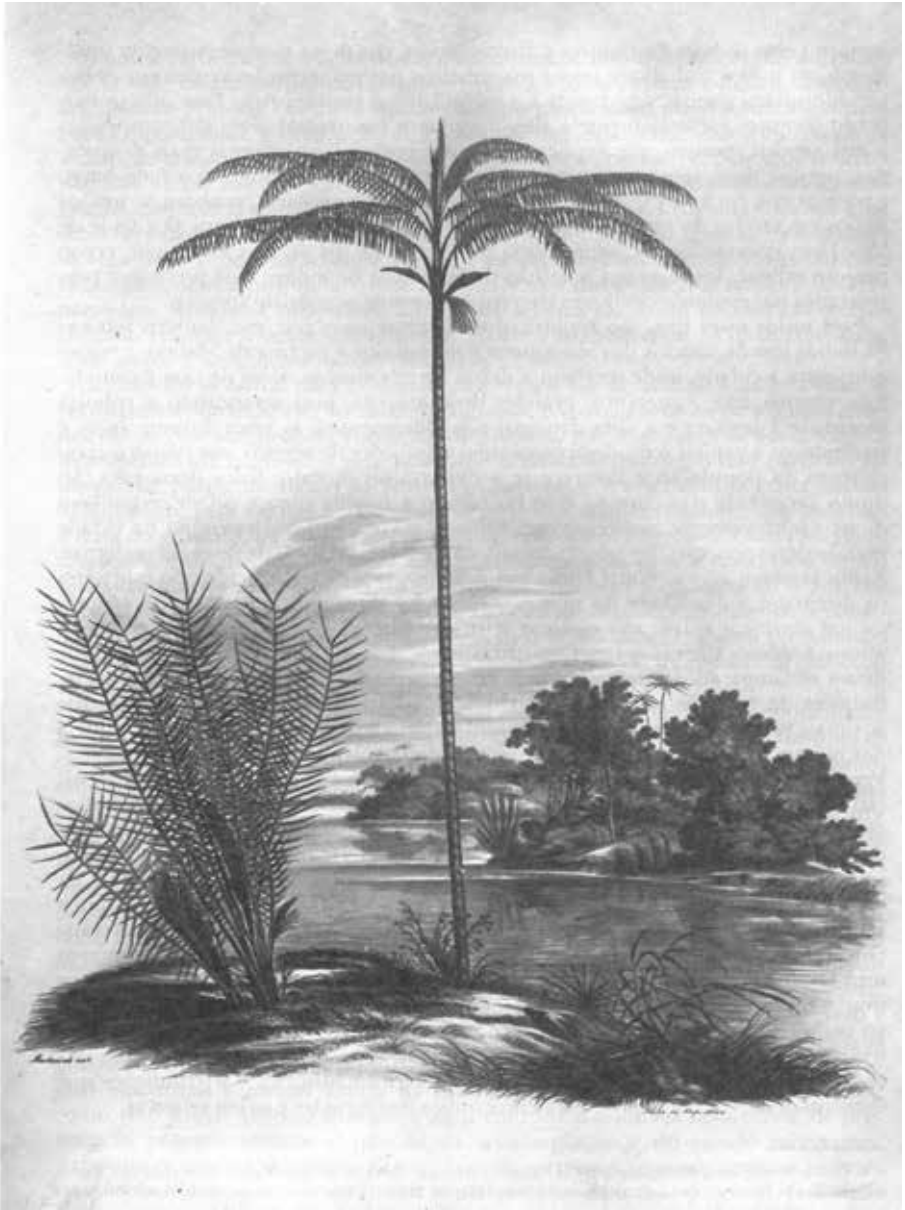
dores, chamados de roceiros, divergem menos, nos costumes e hábitos, dos cidadãos, do que os habitantes de igual condição nas províncias do Sul, os *matutos* de Pernambuco e os designados, por escárnio, *tabaréus*, na Bahia, porque a diferença entre a civilização das grandes cidades e a simplicidade dos homens do campo até agora é menos pronunciada. Dessa parte da população, que com mais ou menos razão se denomina *branca* (e nessa designação ainda faz valer a sua origem europeia), estão mais próximas as famílias de origem mestiça, os (*cafusos*) na maioria misturados com sangue indígena, ao passo que, no mais longamente habituado e mais civilizado Pernambuco, os brancos se chamam diretamente de “filhos da terra”. Vivem os mestiços na maioria espalhados pelos arredores da cidade e nas pequenas vilas ao norte da capital, na ilha de Marajó e nas margens do rio Pará. Formam, finalmente, a classe mais baixa da população os negros e os índios. São livres estes últimos; todavia, como discrimina a língua, não são civilizados, porém apenas índios mansos, restantes da antiga população indígena, que ficaram entre os imigrados. Essas duas últimas raças, formando numerosa classe do povo na província do Pará, vivem semicivilizados, sem conhecimentos, nem instrução, nem ambição, e apenas dispostas a satisfazerem as suas poucas necessidades, entre as quais figuram, principalmente o *dolce far niente*, a cachaça e mulheres. As águas piscosas, o pedacinho de terreno fértil em volta da palhoça, dão-lhes o necessário, sem que muito se esforcem; passam assim descuidados o tempo, e o homem meio civilizado burla-se de uma vida cujas altas aspirações nunca conhecerá. É evidente que, destas condições, por as sim dizer a metade sensual da vida patriarcal e apenas iniciada na vida burguesa, só devagar poderá haver progresso para mais alto desenvolvimento cívico. Na simplicidade, ingenuidade, e isolamento dessas famílias, pouco se faz sentir o maior bem da civilização, a proteção das leis e o pai de família mal tem noção do Estado e das suas próprias obrigações para com ele. A vida de uma corte, as despesas de administração e justiça regradas, as relações exteriores de um Estado, são coisas para ele desconhecidas, e os impostos cobrados pelo governo para esses fins parecem-lhe infundados. Cada taxa ou outra qualquer contribuição oficial, ele considera-as opressivas; toda ocasião para se esquivar é oportuna e justificada; ele foge do serviço no exército ou na esquadra, como de uma escravidão injustamente infligida. Incontestavelmente, porém, esse nível baixo de critério e instrução, segundo o qual todo o sacrifício para o bem geral está fora do alcance dos habitantes isolados, é que constitui um poderoso obstáculo para todo desenvolvimento político da

província do Pará. Estado novo, cujos recursos precisam, principalmente, de basear-se na tributação indireta, menor e, justamente por isso, nunca calculável com precisão. Melhorar essas condições que por si mesmo desaparecerão com o aumento da população, também por medidas administrativas, é tarefa tão penosa, quanto auspiciosa. Não ousamos examinar aqui, entretanto, os meios que estariam à disposição do governo; somente nos permitimos acrescentar o parecer de que, assim como na primitiva colonização da América, também ainda agora uma bem orientada atividade do clero, sem egoísmo, promete produzir os mais favoráveis efeitos para esse fim. A história da civilização medieval europeia e muitas obras de corporações religiosas na América, demais longa existência do que semelhantes tentativas de autoridades seculares podem servir de prova para esta opinião.

Estas considerações referem-se particularmente aos índios, que o Estado do Grão-Pará possui em número relativamente maior do que qualquer outra região do Brasil. Além das famílias isoladas de índios, que moram fora da cidade, há tantos também que vivem na cidade, que constituem considerável parte da população. Nas casas, são mais raros aqui os escravos pretos empregados no serviço doméstico, do que nas outras grandes cidades do Brasil; esse trabalho é feito quase sempre pelos índios. Pescadores e carregadores são dessa raça de homens; finalmente, os índios trabalham com os marinheiros nas embarcações costeiras e como remadores nas canoas que fazem a navegação dos grandes rios. Esse último emprego compete exclusivamente a eles, e acontece que muitas vezes são compelidos a este serviço, motivo que explica a pouca segurança nas viagens mais demoradas, porque, logo que se apresenta ensejo, os índios tentam fugir deixando barco e passageiros em apuros⁶. Sob a direção de brancos e mulatos, ocupam-se muitos índios em tarefas do estaleiro, do arsenal e de outras obras públicas. O conde de Vila Flor, convencido da importância de Pará e da foz do Rio Amazonas, como posição militar, instituiu um batalhão de infantaria de índios, cuja precisão e perseverança nas evoluções militares tivemos justamente ocasião de apreciar.

6. Conta-se que uma vez, quando o governador de Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Pombal, fazia uma viagem de inspeção de Belém à ilha de Marajó, os índios, obrigados a remar, pularam todos juntos no rio e nadaram para terra, vendo-se o capitão-general e os seus oficiais coagidos a empunhar e manear os remos.

Para todos esses fins, são requisitados, diversas vezes por ano, bandos inteiros de índios jovens, tirados dos aldeamentos do interior e da Ilha de Marajó, e remetidos para a cidade, onde recebem a diária de três vinténs, além de casa e comida. Este sistema traz, entretanto, grandes desvantagens, pois arrancando a robusta mocidade à lavoura e à vida conjugal nos aldeamentos, às vezes durante anos, e trazendo-os à capital para desacostumadas condições de serviço, estorva-se o crescimento da população e favorece-se a depravação moral e física dessa raça. Só muito raramente traz consigo o índio casado a família para a cidade, e também quase exclusivamente empregam-se homens, e com isso se determina na cidade grande desproporção dos sexos, causadora de imoralidade e de doenças malignas. Assim também agora, numa época em que devem ser mais acatados do que antes os direitos e a dignidade do homem vimos os aborígenes do Brasil, na própria capital do Pará, quase nas mesmas tristes condições de antigamente, quando o zeloso Antônio Vieira, o Las Casas brasileiro, de balde elevava a sua voz a favor desses desamparados filhos da natureza. Na verdade, para nos convenceremos da fraqueza de projetos humanos e das dificuldades que se opõem frequentemente aos mais justos empreendimentos, consideração alguma é mais acertada do que a das inúmeras desgraças que pesam sobre o desenvolvimento da raça desses peles-vermelhas. Nem os sentimentos cristãos dos reis nem a bem intencionada disposição dos estadistas, nem a proteção e poder da Igreja puderam levantar os índios do Grão-Pará do estado selvagem em que foram encontrados, para o benefício da civilização e do bem-estar cívico; como dantes, permanece essa raça rebaixada, sofredora, sem significação no conjunto dos outros, joguete dos interesses e da cobiça de particulares, um peso morto para a comunidade, que de má vontade a suporta. Sim, da sua permanência no mais baixo grau da civilização e da circunstância de não se conservar quase em parte alguma entre as outras raças humanas uma família de índios puros, durante várias gerações, a conclusão triste que se deve tirar é que o índio, em vez de ser despertado é formado pela civilização europeia ao contrário sofre dela como de veneno lento que acabará por dissolvê-lo e destruí-lo totalmente. Aos leitores, que julgarem estas considerações dignas de interesse, oferecemos nas notas (**Nota III**) uma descrição histórica das condições que existiam desde o princípio no Pará entre índios e imigrantes e as leis relativas.



Ilhas amazônicas (Martius, *Genera et species palmarum*).

A outra parte da população de Pará apresenta de fato condições mais auspiciosas. O espírito turbulento dos primeiros colonos foi-se, pouco a pouco, acalmando, quando Pombal, que bem avaliava a importância dessa província, dirigiu para aqui especialmente a emigração de Portugal e das ilhas. Os ilhéus têm, em geral, a fama de grande atividade, sobriedade, simplicidade, retidão, e, pela sem-cerimônia, são o contraste dos portugueses do continente. Além dessas condições da imigração, também o clima deve ter influído em alto grau para dar aos espíritos uma certa seriedade e calma. De fato, atualmente, não é possível ignorar os costumes sossegados e o bem-estar ingênuo dos cidadãos de Pará. São de temperamento fleumático, sem a profunda veemência dos seus vizinhos do Maranhão e de Pernambuco, sensatos e benévolos. Em cidade alguma do Brasil encontra o recém-chegado europeu – que, sem recursos, procura estabelecer-se – igual confiança, igual amparo, se somente mostra diligência.

Armam-lhe o barco para o interior, carregam-no de mercadorias a crédito, e gozizam-se, quando ele, ao cabo de algumas viagens, ganha os meios para estabelecer-se por sua própria conta. Os distúrbios, que logo após a nossa viagem irromperam ali, motivados pela catástrofe política de Portugal, não partiram da burguesia, porém de alguns bandos do populacho mal orientado; a gente sensata demonstrou, pela escolha de homens íntegros e bem intencionados, que puseram à testa do governo, não desconhecer os seus verdadeiros interesses. Com esse gênio sossegado e decorrente limitação não se encontra aqui nem a vivacidade espirituosa do trato desembaraçado do pernambucano, nem a expedita atividade comercial do baiano, prático, rude, nem a delicadeza séria do maranhense, a comedida cavalheiresca gentileza do mineiro, nem o gênio afável e franco do paulista. O paraense é homem do hemisfério sul, a quem o ardor do sol equatorial embotou a característica agudeza do temperamento meridional.

A disposição de espírito, formação social e necessidades espirituais do habitante branco são de certo modo mais rurais do que nas cidades do sul do Brasil, mais populosas e animadas, de mais importante comércio. Os mulatos são os mesmos também aqui; é a mesma gente facilmente excitável, de grande vivacidade, pronta para qualquer partida, adversários do sossego, visando a efeitos espalhafatosos. Para o jogo, a música e a dança, está o mulato sempre disposto, e movimenta-se insaciável, nos prazeres, com a mesma

agilidade dos seus congêneres do sul, aos sons monótonos, sussurrantes do violão, no lascivo lundu ou no desenfreado batuque. Na alta sociedade, porém, prefere-se o jogo à dança, a qual é aqui esgotante exercício físico; e um rapaz que, como em Minas e Bahia, deixasse crescer a unha do dedo até um monstruoso tamanho, para melhor ferir as cordas do violão, mal escaparia aqui dos motejos da sociedade. Não existe aqui, até agora, teatro algum, nem coisa que com isso se pareça, para geral diversão do povo e meio de cultura. Só na igreja se ouvem belas vozes de homens, cantando com digna gravidade. Em regra geral, porém, estou inclinado a crer que o habitante da região equatorial é menos amigo da música do que o das latitudes mais altas; como se o solene silêncio que paira aqui em toda a natureza favorecesse de preferência prazeres íntimos e quietos da contemplação e do estudo meditativo. Expressamos aqui uma opinião oposta às mais correntes, pois nós mesmos tivemos ocasião de observar nesta região, sob o intenso calor da linha equatorial, facilidade extraordinária de compreensão, memória extremamente boa e até alta ilustração literária em indivíduos que a haviam adquirido quase sem auxílio alheio. A matemática e os estudos filosóficos têm aqui muitos adeptos. Exemplo de atividade literária, também possível aqui, dá o ex-bispo do Pará, d. Caetano Brandão⁷, depois arcebispo de Braga e primaz de Portugal, um dos mais dignos prelados, a quem foi confiado o zelo das almas no Brasil. Durante a sua estada no Pará (1783-1789), havia ele composto um grande número de pastorais, sermões, discursos, notáveis pelo teor e pela forma oratória, e todos os lares das funções de seu cargo dedicou-os ele a estudos filosóficos e a muito extensa correspondência. À sua operosidade deve o Pará importantes melhoramentos no ensino sobre tudo do ginásio e a fundação de um seminário diocesano, onde (como em semelhantes institutos de São Paulo, Rio de Janeiro, Mariana, Pernambuco, etc.) se formam padres para a cura das almas nas províncias do Pará e do Rio Negro. Acolhe esse semi-

7. D. fr. Caetano Brandão foi o 6º bispo do Grão-Pará. Regeu aquela diocese desde 1783 até 1789, data em que regressou a Portugal, tendo tido por substituto, ali, d. Manuel de Almeida de Carvalho. Para avaliar a cultura daquele venerando antístite, cumpre ler, entre outras, a obra que a seu respeito foi publicada em nosso país, em começos do século atual, *In memoriam* excertos, de frei Caetano Brandão (Belém do Pará, 1905). (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

nário vinte a 30 alunos, a partir de 12 anos de idade e que são alimentados, vestidos, instruídos sob a regra conventual, até receberem as ordens sacras. A maioria dos alunos, filhos de famílias pobres, são aceitos gratuitamente; os ricos (porcionistas) contribuem com 30\$000. Ademais, é o seminário mantido parte com a renda do seu patrimônio, parte pelo capítulo da catedral, ricamente dotado. O colégio, de latim, está também sob a inspeção do bispo, sendo em maioria eclesiásticos os seus professores.

Pará era ainda então a capital do denominado Estado do Grão-Pará, que antes abrangia, também, as províncias do Maranhão e Piauí; agora, porém, compreende apenas a província do Pará e a do Rio Negro⁸, que lhe é subordinada. Também estão estas duas províncias agora inteiramente independentes uma da outra. Sendo capital de província tem todas as autoridades administrativas como as demais. O governador-geral preside às juntas da Fazenda e do Comércio, dirigindo os outros departamentos por meio de seus ajudantes de ordens. A junta da justiça de primeira instância compõe-se do ouvidor e de alguns juízes de fora. Todo o Estado do Grão-Pará apela, nas questões judiciais, para a Relação do Maranhão, sob o qual

8. Em 1621 (ou 1624, segundo o Barão do Rio Branco), foi a colônia luso-americana dividida em dois Estados:

O *Estado do Brasil*, capital Bahia, que vinha desde o Rio Grande do Norte até Santa Catarina; e o *Estado do Maranhão*, capital São Luís abrangendo o Maranhão, o Grão-Pará (Pará e Amazonas) e o Ceará. Em 1701 o Estado do Maranhão abrangia apenas as duas capitanias do Maranhão e Grão-Pará, tendo sido criada esta última em 1652. E, finalmente, por ordem régia de 20 de agosto de 1772, foram separados, ficando daí em diante extinto o Estado do Maranhão, os dois governos da capitania do Maranhão e da capitania do Grão-Pará.

A capitania de São José do Rio Negro foi criada em 1757 (reinado de D. José), ficando subordinada à do Grão-Pará. De capitania passou, não à categoria de província, mas à de comarca, a partir de 1833. Com as denominações de “Comarca de São José do Rio Negro” e “Comarca do Alto Amazonas”, foi parte integrante da província do Grão-Pará até meados do século XIX. Então foi que a comarca do Alto Amazonas constituiu uma das unidades político-administrativas do império, com a denominação de “Província do Amazonas” (Lei de 5 de setembro de 1850). A sua primitiva capital foi a vila de Mariuá (depois cidade de Barcelos), de 1757 a 1791; em seguida, a vila da Barra do Rio Negro (depois cidade de Manaus) de 1791 a 1799; novamente Barcelos, de 1799 a 1804; e, finalmente, Manaus, de 1804 para cá. (Nota da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.)

estão todas as províncias a princípio unidas com o Maranhão e o Pará e, por tanto, também o Ceará e o Piauí. O arsenal e os estaleiros são inspecionados por um intendente da Marinha. Devido às excelentes madeiras de construção, abundantes nas matas aqui, presta-se o Pará particularmente para a construção dos navios de guerra maiores e, de fato, a marinha brasileira é anualmente aumentada desde aqui. A madeira de carpintaria é tão dura e pesada, que não só se conserva muito mais tempo como mesmo resistiria melhor aos estragos de combates no mar. Por essa razão já Pombal, apreciando de modo geral a riqueza e a importância do Pará deixava trabalhar quanto possível os estaleiros; depois dele, porém, desviou-se a atenção do governo. Recentemente, tornaram a ativar-se as construções navais; foi entretanto construído um brigue de proporções tão em desacordo com as propriedades da madeira, que ficou de todo imprestável.

Tanto a utilidade do arsenal, como a situação da cidade, que, pela falta de outros bons portos na foz dos rios Amazonas e Pará, parece ser a chave de toda a província, fazem tanto mais sentir a necessidade de suficientes fortificações, que até agora pouco se tem feito para a própria defesa da cidade. A 2.000 braças ao norte da cidade, pouco distante do lugarejo chamado Vale de Cães, está o pequeno Forte da Barra, muito perto da margem oriental. Domina uma parte do canal que é de umas 1.000 braças de largura, devido à saliência da ponta setentrional da ilha das Onças, até a fronteira ilha do Fortim. Na vizinhança da cidade, logo ao norte do convento de Santo Antônio, foi construído um reduto na margem, e na parte sul da cidade o porto é defendido pelo Castelo. Todas essas fortificações são, entretanto, fracas, e não resistiriam muito tempo ao fogo de uma flotilha resoluta e conhecedora das águas navegáveis. Para perfeita defesa do canal, propuseram fortificar outras duas ilhas pequenas, invadidas pelas águas nas grandes enchentes, Tatuoca e Jatuba, situadas mais ao norte, a umas 5.800 braças da cidade, da outra banda da Ponta do Livramento, entre o continente e a ilha Cotejuba. Esta muito custosa empresa não teve, entretanto, ainda começo. De fato, também se deve ter em conta que uma expedição hostil contra a cidade, pelo lado do mar, muito se dificultará, em razão dos perigos que o rio oferece à navegação, pois está cheio de bancos de areia e de baixios, e os canais navegáveis, que na maioria passam ao longo da margem oriental, têm a sua profundidade usual de oito ou seis braças, reduzida, às vezes, a

três e meia ou três como, por exemplo, o de Olaria a meia hora da cidade, e fronteiro ao Castelo, onde só se pode ancorar perto da margem, em quatro a cinco braços. Pelo lado de terra, o ataque só poderia ser realizado com grande esforço e sacrifício, porque o terreno extremamente desigual é atravessado por fossos profundos e brejos, ou coberto de impenetráveis cercados e matas virgens, e ofereceria grandes recursos ao defensor, conhecedor do terreno; todavia, entre todas as cidades costeiras do Brasil, Belém é a que está mais exposta ao perigo de assaltos imprevistos. Estava então, quando visitamos Pará, a guarnição de toda a província, salvo uns destacamentos em Macapá, Cametá, etc., reunida na capital, onde, graças aos incansáveis esforços do governador, eram disciplinados e fortalecidos por contínuos exercícios de armas. Consistia em três regimentos de infantaria, que, reunidos, deviam orçar em 3.000 homens (mas só constavam da metade), um esquadrão de cavalaria e um batalhão de artilharia de 300 homens. D. Francisco de Sousa Coutinho⁹ havia formado com índios um corpo de caçadores ligeiros; todavia esse corpo foi pouco mais tarde dissolvido, e atualmente constitui uma grande parte da infantaria regular. Embora essas tropas sejam inferiores em estatura e aspecto marcial às forças militares europeias, certamente as superam, entretanto, em mobilidade e resistência. Um saquinho de farinha de mandioca, que o soldado raso leva consigo, assegura-lhe a subsistência por oito dias, e, pela prática que tem de andar errante dia e noite nas densas matas virgens e impenetráveis brenhas pantanosas, ele cansaria o mais forte soldado nórdico, e em guerrilha o venceria.

Gaba-se Pará de primar sobre todas as outras cidades do Brasil quanto ao número de artigos de exportação, e, de fato, montam a não menos de 40. São: açúcar, cachaça, melado, café, cacau, baunilha, algodão, bálsamo de copaíba, estopa, alcatrão, copal, pau-amarelo (tatajuba, guriúba)¹⁰, mui finas madeiras de marcenaria (como muirapinima, jacarandá, pau-violeta ou

9. D. Francisco de Sousa Coutinho, conde de Linhares, governou a capitania do Grão-Pará desde 1790 até ser substituído pelo conde dos Arcos, a 1803. (Nota da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.)

10. Tatajuba (tataúba, tataíba, tataí-i) é a *Chlorophora tinctoria*, que por motivo da sua matéria corante, de um amarelo muito vivo (tatá-juba ou tatá-yba, quer dizer “pau-de-fogo”, “madeira cor de fogo”) foi outrora objeto de exportação para o Velho

pau-da-rainha, pau-cetim), madeiras de construção, fumo, piaçaba, salsa-parrilha, tapioca, arroz, goma (tanto da raiz da mandioca, quanto de outros tubérculos), borracha (da seringueira), favas de pixurim¹¹, favas-de-tonka¹², polpa de tamarindo, canela de cravo, aqui chamado cravo-do-maranhão (*Cassia Caryophyllata*) anil, urucu, castanhas do Maranhão e pequenas quantidades de canela, cravo da Índia, noz-moscada, guaraná, vermelho chica (carajuru)¹³ e âmbar. Além disso, cumpre mencionar como produtos da criação de gado na Ilha de Marajó: couros brutos e curtidos, chifres e pontas, que são exportados para a Europa; e, finalmente, cavalos, que, desde alguns anos, obtêm bom preço nas possessões inglesas das Antilhas, especialmente em Barbados. São esses cavalos de estatura mediana, de fina ossatura, e, se não muito resistentes, superam, entretanto, a raça pouco forte daquela ilha. Para mais rigorosa relação dos artigos de comércio, pusemos no fim do capítulo alguns dados sobre a exportação (**Nota IV**). Os impostos, que são pagos pelos exportadores, não pelos produtores, na alfândega de Pará, por esses artigos, orçavam, nos anos de nossa estada no Brasil, uns 70:000\$000. Apenas a menor parte desses produtos, isto é, açúcar, cachaça, melado, fumo, algodão e borracha é cultivada nas vizinhanças da capital; a maioria vem do interior, que aqui é designado com o nome vago de sertão. O comércio de Pará depende, portanto, principalmente dos artigos que recebe dos lugares mais ativos do interior da província: Cameté, Curupá, Santarém e da província do Rio Negro. Logo que chegam as canoas do comércio dessas

Mundo, antes do descobrimento das anilinas pela química alemã. Essa morácea é também chamada “moreira” (por “amoreira”) em Sergipe, “espinho-branco” e “espinho-bravo” em Pernambuco. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

11. Essa laurácea que é a *Nectandra puchury* de Martius ou a *Nectandra major*, conforme o seu nome mais recente, habita o Amazonas e o Pará. Tornou-se famosa pelas propriedades medicinais de seu fruto em forma de baga, com uma semente de dois lobos cotiledonários, os quais são conhecidos vulgarmente pela denominação de “favas de puxiri”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)
12. Cumaru (ou cumbaru) é o nome vulgar da *Dipterix odorata*. É uma grande leguminosa afamada por suas sementes aromáticas. Cresce no vale do Amazonas. Foi empregada outrora nas perfumarias e especialmente para aromatizar o rapé. É conhecida na Europa pela denominação francesa de “feve-de-tonka”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

regiões, animam-se as ruas da cidade, veem-se índios meio nus atarefados a carregar os preciosos artigos para a alfândega, e dali para os diversos armazéns espalhados pela cidade; fora dessa época, porém, não é a praça menos morta do que o Maranhão, onde limitando-se (quase que só a algodão e arroz, que recebe do interior, esses artigos são embarcados dos armazéns, situados junto do porto. Essa dependência em que o comércio de Pará está na produção do interior, não dá opinião muito favorável do espírito de iniciativa dos negociantes daqui, que teriam muita oportunidade de estabelecer, nas proximidades da capital, grandes plantações, ou com expedições, por conta própria, às regiões ainda em parte muito pouco procuradas, por exemplo, à margem setentrional do rio Amazonas ou às cabeceiras dos rios Guamá, Capim e outros, poderiam aumentar consideravelmente a afluência dos artigos de comércio. A razão desta pouca iniciativa deve ser atribuída, por um lado, à escassez de grandes capitais e, por outro lado, ao gênio pacato do paraense, que se satisfaz com menor lucro e não acompanha o espírito ambicioso de especulação dos seus vizinhos, os maranhenses. Muitos portugueses nos gabavam a classe comercial do Pará, que costuma sustentar com muita simpatia e desinteresse as empresas dos recém-vindos da Europa, fornecendo-lhes numerário e crédito para as suas expedições, por conta própria ao interior. Já mencionamos que se cultiva particularmente a cana-de-açúcar nas cercanias do Pará. A produção não só cobre o consumo da província, mas também é exportada, embora em moderada quantidade, sobretudo para o Maranhão. Não se distingue nem pela alvura, nem pela firmeza, da sua cristalização, e talvez seja uma das piores qualidades fabricadas no Brasil. Por esse motivo, costuma-se destilar considerável parte em cachaça e licores finos, especialmente anisete, não sendo este último inferior ao que se prepara nas ilhas francesas. Grandes remessas da aguardente comum vão para os Açores e para Portugal, de onde é reenviada ao Brasil, em parte retificada. A qualidade do açúcar do Pará melhorará quanto mais os canaviais plantados a princípio nas margens baixas, por causa da facilidade de transporte pelo rio, se estenderem pelas terras do continente, mais altas e mais secas, pois o terreno lodoso e úmido não favorece a formação da seiva açucareira na cana. Só uma particular vegetação ribeirinha medra aqui, e embora a cana suba a um tamanho descomunal, contém relativamente pouca sacarose e grande quantidade de mucilagem e amido, que dificultam muito a refinação do açú-

car. Também pertence a este território o cacauero: vimos aqui as primeiras plantações dele. Cultiva-se o algodoeiro em idênticos terrenos, porém não prospera muito, pois dá fios fracos, embora compridos, e facilmente se torna amarelado, em consequência da umidade excessiva. Por outro lado, clima e solo parece que favorecem especialmente as plantações de cafeeiro e de fumo e, com maior cuidado no tratamento, depois da colheita, esses artigos melhorariam sempre mais. Arroz, milho, feijão e mandioca progridem tanto no solo úmido e pesado da mata virgem, dão colheitas tão abundantes, como em parte alguma do Brasil tropical. Cuidado e rendimento equiparam-se ao do vizinho Maranhão. Menção particular merece o ananás, que, em várias hortas dos arredores, sem cuidado especial, chega a tal tamanho, suculência e sabor, que justifica o seu título de rei dos frutos tropicais. Só raro se encontra o verdadeiro ananás nas matas do Pará e concordam os dizeres dos antigos fazendeiros que a qualidade hoje aqui cultivada nas chácaras, foi importada de Pernambuco e de Maranhão. Nas hortas tratadas com pouco cuidado, encontram-se mais três espécies de frutas introduzidas de Pernambuco e das Antilhas: o abacate (*Persea sapidissima* Gaertn.)¹⁴ o abiu (*Achras caimito* R. P.), de polpa doce mucilaginosa e o chamado abricó-de-pará (*Mammea americana* L.), uma ameixa às vezes do tamanho da cabeça de criança, que na cor e no sabor se assemelha ao abricó europeu. As outras frutas do Brasil quente, as atas ou frutas-de-conde, cajus, goiabas, mangas, mangabas e laranjas, dão excelentemente; mas as melhores frutas da Europa, maçã, peras, frutas de caroço duro, uvas, figos e azeitonas, não suportam o clima quente. As fruteiras só raro chegam a florescer, e, neste caso, perdem em geral, os frutos antes de bem maduros; as folhas são frequentemente devastadas pelas formigas, que assaltam de preferência as árvores estrangeiras, e os troncos são brocados por vespas e outros insetos.

-
13. Carajuru (*Anabidaca chica*) (H. B. K.) Bas. é uma *biguoniccea* também encontrada no Peru e muito frequente na bacia do Amazonas. Dá flores muito elegantes. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)
 14. O abacateiro, *Persea gratissima*, a acreditar-se na indicação dos seus nomes científicos, teve por berço a Pérsia. Mas o seu nome vulgar na América espanhola, aguacate (que a enciclopédia Espasa admite como vocábulo oriundo do mexicano), parece mostrar que a preciosa laurácea é própria da parte tropical do Novo Mundo. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)



Clareira na mata virgem; à esquerda, uma anta
(Martius, Genera et species palmarum).

Considera-se Pará, com razão, como antípoda das ilhas Molucas, o jardim do Brasil, e procura-se transplantar para aqui as preciosas plantas que fazem a opulência do arquipélago equatorial asiático. Se fossem continuadas e alargadas essas plantações com afinco, poderia já agora o Pará exportar noz-mascada, cravo-da-índia e canela em tão grande quantidade, que causaria detrimento ao mercado dos holandeses e ingleses. A primeira plantação foi feita perto da cidade, no reinado de d. Maria, em fins do século passado. Este jardim, atualmente administrado por um militar, cultiva com especialidade as citadas especiarias das Índias Orientais, cujo número de pés se aumentava consideravelmente quando os portugueses se apoderaram de Caiena em 1809, e o conhecido botânico Martin, diretor das plantações em Gabrielle, foi encarregado, pelo comandante Manuel Marques, de remeter árvores novas para o Pará. Aqui vimos o estoraque, a verdadeira pimenteira da Índia, o cravo-da-índia, a noz de Ben, a moscadeira, (espécie menor), a nogueira de Bankul, o bilimbi,¹⁵ a caramboleira¹⁶, a bananeira de folha vermelha do Oceano Pacífico e a verdadeira árvore da fruta-pão. A caneleira foi mudada daqui para uma plantação própria perto de Olaria, nas proximidades do rio, onde vimos alguns milhares de mudas prosperando viçosas. Sobre o cultivo da mais importante dessas plantas, acrescentarei alguma coisa nas notas (**Nota V**). Uma plantação mais antiga, realizada igualmente nas vizinhanças da cidade, sob o governo de d. Francisco Xavier Furtado de Mendonça, irmão do marquês de Pombal, é destinada em particular ao cultivo de diversas plantas indígenas, a fim de serem espalhadas daqui para as regiões próximas. Mostrou-nos o diretor, D. Lacerda, entre outras, a árvore que dá o cravo-do-maranhão. Até aqui eram de opinião que essa casca aromática, que está entre a canela e o cravo-

-
15. *Bilimbi* é vocábulo industânico, pois a bela arvorezinha assim chamada (a *Averrhoa bilimbi* Linx) veio da terra dos brâmanes para o Brasil, trazida pelos nossos colonizadores lusos. É uma oxalidácea que dá lindas flores cor-de-rosa, em feixes ou cachos, e frutos ácidos, usados em forma de limonada. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)
16. A caramboleira (*Averrhoa carambola* Lenn.) é também uma oxalidácea, como o bilimbi, e teve o mesmo berço industânico. Segundo Almeida Pinto, a primeira província brasileira que a recebeu foi Pernambuco, onde ela se aclimou no extinto Jardim Botânico de Olinda. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

-da-índia, era uma espécie de mirtácea (*Myrtus caryophyllata* Jacq.); ela, porém, assim como a caneleira, provém de uma árvore ainda não descrita da família das lauráceas¹⁷. Mais adiante daremos pormenores da pátria e da história desta árvore.

Nas nossas excursões botânicas pelos arredores de Rocinha encontramos, não raro, a notável árvore que dá a borracha ou *cauchu*. É chamada pelos brasileiros de seringueira, porque a princípio se faziam com a seiva leitosa somente as seringas em forma de pera, que também agora são os objetos mais comuns de borracha, que aparecem no mercado. A seringueira tem um tronco muito alto e esbelto, cuja casca cinzento-amarelada, embaixo cascuda, mais acima lisa, às vezes de si própria, porém, sobretudo quando ferida, derrama uma seiva leitosa, o látex, que endurece ao ar e pende então em longas cordas cinzento-claras, da espessura de uma pena de ganso e, frequentemente, de muitos côvados de comprimento. Quando esses filamentos revestem galhos finos, formam canudos elásticos, os quais, ao que parece, a princípio indicaram a propriedade do material para muitas finalidades. O certo é que, antes de se usar a borracha como meio de limpar o papel, os índios faziam com esses tubos, bicos de seringa, cachimbos para fumar e, no princípio do século passado, um cirurgião português utilizou-a como cateter. Atualmente, dedicam-se fazendeiros solitários e, sobretudo, a gente mais pobre de origem mestiça, chamados por isso seringueiros, à cata e preparo dessa seiva, e a maior quantidade da borracha, exportada de Pará, procede das matas dos arredores da capital e da ilha de Marajó, embora cresça espontânea essa árvore em todo o Estado do Grão-Pará, assim como na Guiana Francesa. É feito do seguinte modo o preparo pelos seringueiros: Durante a maior parte do ano, e especialmente nos meses de maio, junho, julho e agosto, são as árvores feridas em diversos pontos com um corte vertical, colocando-se-lhes embaixo uma cuia ou vasilhame de barro não cozido em geral de uma e meia polegada de diâmetro, a qual se enche de látex no espaço de 24 horas, quando a árvore está em perfeitas condições. Esta seiva é então espalhada sobre variadas formas de barro, cuja escolha e modelagem oferece grande campo ao gênio inventiva dos seringueiros. O formato mais comum é o de pera,

17. *Persa caryophyllata* Mart.

pela qual resultou a seringa comum; além dessa, porém, recorrem à forma dos frutos nativos: cajus, atas, ananases, mangas; ou de animais: peixes, onças, macacos, o peixe-boi, até figuras humanas ou de coisas esquisitas de sua imaginação, nem sempre decente. Para que a seiva aplicada em finas camadas seque mais depressa e não apodreça, as formas revestidas do látex são dependuradas por cima da fumaça, produzida pela queima lenta dos cocos da palmeira babaçu (*Attalea speciosa* M.). A fumaça dá à borracha, primitivamente de cor branca suja, o tom pardo escuro e maior densidade, como se vê na que vem ao mercado. Para tornar impermeável uma tela de linho, costumam deitar num lado uma fina camada de seiva fresca e pôr a secar ao sol. É empregada então em capas e agasalhos, para os que precisam expor-se ao sereno penetrante; mas esse agasalho, por não deixar passar a transpiração, é insuportavelmente quente. Tivemos ocasião de vê-los usados pelos soldados da polícia do Pará, e também nos servimos dessas capas em viagens posteriores.

Ainda muitos outros produtos do reino das plantas interessam ao naturalista nas excursões pelas solitárias matas virgens, que se estendem sem interrupção ao norte e a leste da cidade, e ao sul, além do Rio Guamá, a enorme distância. Sobretudo, porém, salientou-se a grossura monstruosa de muitos troncos, que superam ainda os mais agigantados que havíamos visto antes. Medimos alguns pés da sapucaia (*Lecythis*), pau-d'alho (*Crataevatapia* L.) e bacuri (*Symphonia coccinea*, Aubl.), e achamos na extremidade inferior do tronco 50 a 60 pés de circunferência, e nas raízes, radialmente estendidas em volta, mais de cem pés. A meio caminho, entre a nossa chácara e a cidade, eleva-se uma magnífica sapucaia, a tão prodigiosa altura, que já de longe nos servia de medida para o caminho percorrido. Esse vigoroso crescimento é favorecido não só pelo calor, do clima daqui, mas, sobretudo, pela abundância de água no solo. O terreno argiloso conserva-se constantemente úmido, tanto pelas contínuas chuvas como pelas inúmeras valas que em toda a maré alta mais ou menos se enchem de água. Dir-se-ia que esses enormes filhos do solo nas matas virgens intatas exercem uma força nociva sobre seus irmãos menores, pois encontram-se vastos espaços despidos de arbustos mais altos e ervas e, no seu lugar, apenas gramíneas, uma pequena liliácea de flores alvas, semelhante ao alho-porro (*Xiphidium album* L.), em parti-

cular muitas espécies de bromélias e aráceas, entre as quais o *Dracontium polyphyllum* se distingue por suas hastes todas salpicadas, semelhantes à pele da cascavel. Das árvores pendem gigantescos aruns (*barba-de-velho*), semelhante às nossas Usneas, a *Tillandsia usneoides*. Ainda mais singular é o aspecto daqueles troncos, cuja casca, vermelho-pardacenta, tenaz, se pendura em trapos de côvados de comprimento, semelhantes a pano grosso. Os índios servem-se deles para roupa, a fim de se protegerem contra os mosquitos e outros insetos. Pertencem às sapucaias, cujo fruto grande, coberto com tampa, contém muitas amêndoas. Outra espécie deste gênero é notável pela riqueza da casca em filamentos longos e resistentes, e, quando molhada e surrada, deixa separar um material semelhante à estopa; é empregada para calafetar, em vez da estopa europeia, e é até exportada com esse nome. É parecida com o tauiri (*Couratari guyanensis* Aubl.) já mencionado (Vol. II) de entrecasca extremamente tênue e de delicada textura, vermelho-pálida, que em muitas camadas contorna o lenho e a qual se pode, com alguma cautela, retirar em pedaços muito grandes. Os índios empregam-nos para fazer cigarros.

Enquanto o reino das plantas, quase por si mesmo, apresentava estes e muitos outros produtos, achamos a maior dificuldade em obter informações sobre as condições geológicas do terreno, porque a rocha é em geral coberta de enorme camada de humo, ou, na vizinhança da água, de barro. Uma légua ao norte da cidade, em Pederneira e no Castelo, observamos ocorrência do mesmo conglomerado de arenito ferruginoso, sem estratificação regular, que já citamos como predominante na ilha do Maranhão e ao longo do rio Itapicuru; e é essa pedra que, aqui como lá, se emprega para construção de casas inteiras ou particularmente para alicerces ou pilares. Parece-me provável que as várzeas do continente, ao longo da costa do Maranhão até Pará, e igualmente a ilha de Marajó, sejam dessa formação de arenito de brecha. No interior do distrito de Pará, isto é, ao sul, entre os rios Gurupi e Turiaçu, deveria, entretanto, predominar uma formação mais antiga, talvez micaxisto; ao menos forneceu-nos S. Ex.^a, o Sr. governador, provas de filões de ouro, que apresentam partes abundantes desse metal, em quartzo branco e extremamente semelhantes ao minério das gangas ricas de Minas. Às margens do rio Pará e de seus afluentes, encontram-se grandes jazidas de tabatinga corada ou de barro cinzento; e

sobre elas encontra-se frequentemente uma camada mais ou menos dura de lama do rio, na profundidade de um a seis pés.

Quando voltamos à tarde, de nossas excursões a essas extraordinárias matas virgens para Rocinha, esperava-nos a alegre companhia de amigos europeus. Os senhores Dickinson, cônsul da Grã-Bretanha, John Hesketh, J. Campbell e L. Hein, compatriótico alemão, permitam-me renovar as gratas recordações daqueles momentos, em que gozamos o prazer de sua convivência ilustrada como do solícito interesse e dos seus amistosos e diligentes conselhos. Mais tarde, juntou-se a eles o Sr. Francisco Ricardo Zani, capitão de milícias, hoje chefe do estado-maior, oriundo de Livorno, domiciliado havia 14 anos no Rio Negro, que, por feliz encadeamento de circunstâncias, foi meu companheiro na maior parte da viagem ao interior do Pará e Rio Negro. Igual disposição de espírito, igual participação de perigos e prazeres, numa viagem de sete meses, selou entre nós uma imperecível amizade. Estas alegres reuniões foram animadas pelos artísticos sons de um excelente flautista, que havia vindo de Caiena para aqui. Como um novo Orfeu, atraía ele, com a sua música, criaturas várias em torno, de modo que nos foi dado o raro ensejo de observar o efeito que esses sons desacostumados produziam em certos animais. Era comum aproximarem-se não só diversas aranhas escondidas no vigamento da varanda, e cuja inclinação musical é fato conhecido, mas, também passarinhos diversos. Como o bem-te-vi (*Muscicapa pitangua* L.), diversas incansavelmente alegres espécies do gênero do caboclinho (*Loxia nasuta, leucopterygia* Spix, "Aves", II) e o canoro canário-da-terra (*Fringia flaveola*); acudiam eles em torno da nossa habitação, aos bandos; um caxinguelê (*Sciurus aestuans* L.) vinha frequentemente pulando do seu esconderijo no vizinho cacauieiro ao gramado fronteiro da casa; e os macacos, que nós conservávamos acorrentados nos fundos, ficavam atentos a ouvir os sons estranhos, até que, finalmente, os procuravam imitar com uns gritos ressoantes. Mencionamos este insignificante incidente, porque nos agrada a ideia de que o homem pode exercer o seu influxo educador até sobre as criaturas em liberdade, que o cercam. Ofereceu-se-nos outro espetáculo logo que, ao cair da noite, a varanda se iluminou. Vieram inúmeras mariposas esvoaçando, atraídas para as luzes, de modo que não bastavam mãos para apanhar os hóspedes desejados. A *Noctua strix* L. a maior de todos os noctuídeos, aparecia, sobretudo nas

noites úmidas, chuvosas. O seu adejar vacilante quase nos assustou quando, de repente, ela apareceu, como um fantasma, perto das luzes. Outra visitante daquelas horas solitárias, à noitinha, era a *Phalaena atlas* L., cujas lagartas verdes, enfeitadas de magníficas verrugas cor de fogo, viviam nas laranjeiras próximas. Os casulos desses lindos animálculos fornecem uma seda brilhante de rara resistência, que talvez pudesse ser empregada em vez da europeia se lhe fossem dados os devidos cuidados. Também o bicho-da-seda já tem sido criado aqui por alguns amigos da indústria nacional, e particularmente prosperaria no interior da província, como em Casa Forte. Foram, contudo, infrutíferas as propostas feitas para incentivar a indústria da seda no governo de d. Maria¹⁸.

18. Dir-se-ia que a transplantação do bicho-da-seda para a América encontrou maiores dificuldades do que a de muitos outros animais, como, por exemplo, as abelhas. No México, já no primeiro século depois da conquista, tentava-se a cultura da seda, sem que, ao que sabemos, tal indústria tenha progredido ali.

NOTAS DO CAPÍTULO I

I – La Condamine¹ já havia encontrado, na sua estada em Pará (dezembro de 1743), uma maligna epidemia de bexigas. Depois dessa época, repetiram-se mais quatro a cinco vezes, porém nunca com tanta violência como no ano de 1819. Como desde mais de 20 anos, apareciam apenas casos esporádicos, havia diminuído muito o horror pela doença duplamente maligna, nos climas quentes, não costumavam inocular-se o próprio tóxico das bexigas, nem se previam com a vacinação, embora fosse patente a eficácia de ambos os métodos em anteriores ocasiões. Pelo governo nunca foi seriamente imposta a vacinação, e passaram-se vários anos sem que se recebesse a linfa de Portugal ou da Inglaterra. Quando, alguns meses antes de nossa chegada, um navio negreiro trouxe o contágio, encontrou quase metade da população apta a contrai-lo, e, de fato, quase uma quarta parte foi atacada. Quando a epidemia estava no auge, morriam diariamente 36 a 48 pessoas, e mais vitimados eram os índios e mestiços de índios; menos perigosa foi a epidemia para os negros e ainda menos para os europeus, isso provavelmente por que entre os brasileiros o pavor agrava a doença. É fato conhecido ser a raça americana mais sujeita a contrair todas as doenças agudas da pele: sarampo, escarlatina, etc., e, particularmente a varíola, que conhecem trazidas da Europa e que, desde sempre tem feito terrível devastação entre eles. Esse flagelo da humanidade torna-se mais mortal para o índio americano, porque a erupção não chega a desenvolver-se plenamente na pele. Em geral, as pústulas aparecem apenas em algumas partes do corpo, e mesmo aí não se desenvolvem completamente, são pequenas e secas, ou aparecem localizadas ou generalizadas só por momentos. Com isso, febre muito rápida, ardente, consome o doente e logo o mata, tomando caráter decidido de tifo. Mais raros são os casos em que as bexigas se propagam pelo corpo todo, porém, com tal intensidade, que logo se tornam pútridas, caindo a pele aos pedaços, e a superfície do corpo fica recoberta de horrendas chagas, que logo gangrenam e causam a morte. Assisti a alguns desses casos curados pelo tratamento com vinho forte do Porto e quina.

Os índios domiciliados entre brasileiros são muitas vezes vitimados pela epidemia, não só devido à constituição mais grossa e mais rija da pele endurecida pela nudez, como, sobretudo também pelo pavor mortal da doença. Logo que sentem os sintomas, prostam-se em mudo desespero, sem se mexer,

1. Charles-Marie de La Condamine, sábio e homem de letras francês, nascido em 1701 e falecido em 1774. (Nota da rev., Ed. Melh.)

nem tomar alimento ou remédio, até sucumbirem. Quando atacados pela doença, na sua mata virgem, procuram não raro combater o ardor interno com um banho no rio; e sabe-se de casos em que se curaram com isso, e também de outros em que morreram no próprio banho. Na epidemia de 1819, observou-se em Pará que a inoculação com a vacina mandada buscar de Barbados por um navio do governo, depois de tê-la debalde procurado em Caiena, ou com a que veio depois da Inglaterra, não produziu resultados benéficos, pois em muitos indivíduos, que não mostravam sintoma algum da infecção, porém já estava certamente dispostos a contraí-la, desenvolveram-se logo após a vacinação virulentas bexigas ao passo que o curso da doença de indivíduos inoculados com boa linfa foi benigno. De modo geral notou-se, porém então uma receptividade tão grande para as bexigas, que muitos doentes de outras febres, reconvalescentes e parturientes, foram atacados pelo contágio.

Um exantema muito comum, aqui de fácil contágio, segundo a opinião de diversos médicos, importado pelos pretos, é o chamado curuba. E semelhante à sarna, mas diverge desta pelo tamanho das pústulas vermelhas, que deixam postemas maiores e afinal manchas pardas.

A sífilis é aqui em geral sofrível, mas observa-se também que pessoas, de mais de 40 anos, são martirizadas durante a época das chuvas por dores nos ossos. Recomenda-se então, para cura radical, o uso das águas das Caldas da Rainha em Portugal. Não pouco importante parece o fato de ser muito mais eficiente aqui o emprego do ferro contra debilidade do que a casca da quina, que tantas vezes também o fígado frequentemente inflamado e de má secreção neste estado e provoca febres, obstruções crônicas e endurecimento.

Uma ordem régia de 24 de julho de 1819 obriga os médicos brasileiros a remeter relatórios trimestrais sobre as enfermidades ocorridas na sua região, e também notícias e descrições extraordinárias sobre casos importantes.

II – Os dados, embora incompletos, sobre a população do então Estado do Grão-Pará, isto é, as províncias do Pará e do Rio Negro, foram-nos comunicados em 1820, no Pará, por um eclesiástico que havia investigado com grande cuidado as fontes imperfeitas, que estavam ao seu alcance, montando a 83.510 o número de habitantes. Destes, residiriam 68.190, na província inferior, isto é, no Pará, e 15.320, no Rio Negro. A seguinte tabela da população da primeira província dá, senão absoluta certeza dos números, uma justa ideia da proporção da população de cada lugar.

População da província do Pará, em 1820

Lugares	Moradores	Lugares	Moradores
Vila de Gurupi	680	Vila de Portel	814
Serzedelo	320	Vila de Oeiras	760
Porto Grande	280	Vila de Macapá	2.240
Vila de Ourém	640	Vila Nova Vistosa da Madre de Deus	223
Vila de Bragança	2.015	Vila Madre de Deus de Mazagão	1.730
Vila de Cintra	1.185	Santana de Cajari	213
Vila Nova d'-Rei	620	Fragoso	110
Vila da Vigia	1.300	Vila de Arraiolos	240
Vila de Colares	400	Vila de Esposende	180
Porto Salvo	300	Vila de Almeirim	350
Ovidelos	150	Vila de Outeiro	370
Penha Longa	70	Vila de Monte Alegre	1.820
Benfica	270	Vila do Gurupá	160
São Miguel do Guamã	310	Arapijó	70
Irituia	65	Carrazedo	50
São Domingos do Guamã	670	Vilarinho	70
São Bento, no rio Capim	100	Vila do Porto de Moz	210
Santana, no rio Capim	585	Vila de Veiros	215
Cidade de Belém	24.500	Vila de Souzel	375
A ilha de Marajó	10.500	Vila do Pombal	290
Espirito Santo de Moju	2.000	Barreiros	200
Sant'Ana de Tarauacú	800	Vila de Santarém	2.360
Carnapijó	120	Vila do Alter do Chão	400
Bracarena	240	Vila de Boim	370
Vila do Conde	360	Vila de Pinhel	210
Vila do Beja	380	Vila de Franca	1.200
Vila do Abaeté	1.180	Vila de Alenquer	370
Vila de Cameté	8.050	Vila de Óbidos	1.850
Azevedo	300	Vila de Faro	350
Baião	250		
Vila de Melgaço	1.750	Total	68.190

Em 1823, foi-nos dada a população por s. ex^a o marquês de Barbacena, do seguinte modo: livres, 121.285; escravos, 51.840; total, 173.125. Essa avaliação é, provavelmente, exagerada.

Não raramente ouvimos estimar o número de índios do Estado, nuns 160.000.

Esta avaliação do número de índios refere-se, todavia, não só aos civilizados, mas também às tribos selvagens que habitam as imensas matas entre o rio Tocantins e Javari (fronteira ocidental do Rio Negro), assim como a Guiana brasileira: Quando muito, monta atualmente o número de índios civilizados a uns 50.000 ou 60.000.

Mais rigorosa estimativa da população do Rio Negro dá a seguinte tabela, que me transmitiu o ouvidor daquela província. Muitos dos povoados, aqui citados, como Maripi e São João do Príncipe, que eu percorri seis anos depois daquela estatística, já muito haviam perdido, então, do total da sua população.

População da província do Rio Negro, em 1814

Lugares	Fogos	Livre sem indios	Índios	Escravos	Total
Vila de Barcelos (antes capital, freguesia)	92	177	472	46	695
Moreira	32	70	140	8	218
Poiães	45	57	278	13	348
Vila de Tomar (freguesia)	39	115	389	4	511
Lamalonga	20	24	175	—	199
Santa Isabel	23	4	407	1	412
Castanheiro Novo	45	52	334	—	350
Castanheiro Velho	2	4	53	—	57
Nossa Senhora de Loreto	2	4	53	—	57
São José	15	15	154	—	169
São Bernardo	12	7	98	—	105
São Gabriel	7	8	90	—	98
São Miguel	28	28	298	—	326
Santa Bárbara	9	4	93	—	97
São Joaquim	11	6	97	—	103
Sant'Ana	5	1	26	—	27
Caldas	7	—	59	—	59
São José Marabitanas	10	25	111	—	136
Vila de Moura (freguesia)	83	95	691	32	818
Carvoeiro (freguesia)	68	221	513	—	734
Airão	21	48	240	—	288
Santa Maria	21	26	128	—	154
Nossa Senhora do Carmo	19	35	126	—	161
Vila de Serpa (freguesia)	81	213	439	94	746
Barra (capital, freguesia)	166	445	683	244	1.372
Vila de Borba (freguesia)	57	122	189	17	328
Vila de Silves (freguesia)	151	292	779	126	1.197
Vila Nova da Rainha (freguesia)	98	111	538	37	686
Povoação dos Maués (freguesia)	66	89	771	34	894
Vila de Ega (freguesia)	57	163	413	32	608
Alvelos (freguesia)	42	199	376	22	597
Nogueira (freguesia)	43	107	322	6	435
Fonte Boa	35	70	139	1	210
Alvarães	22	67	198	—	265
São João do Príncipe	22	—	165	—	165
Santo António de Maripá	23	1	211	—	212
Vila de Olivença (freguesia)	40	74	219	2	295
Castro de Avelãs	17	25	66	2	93
São Francisco Xavier	4	11	97	3	111
Foz do Rio Içá	11	4	94	—	98
São João de Nepomuceno	7	—	69	—	69
São Jerónimo	9	16	92	—	108
Nazaré	14	—	171	—	171
São João Batista	14	11	141	—	152
São Marcelino	6	5	97	—	102
Total	1.619	3.071	11.435	729	15.235

III – Depois de terem os portugueses expelido os franceses da ilha do Maranhão, em 1615, julgou-se necessário construir uma fortificação no rio Amazonas. De fato, desde que Francisco Orellana navegara por esse rio abaixo em 1541, espalharam-se muitos boatos sobre o grande povoamento e a riqueza em ouro das terras adjacentes e os holandeses davam mostras de querer apoderar-se do território. Foi por esse motivo mandado do Maranhão, em 1615, Francisco Caldeira, e este na suposição errada de achar-se na enseada de Guajará, à margem meridional do Amazonas, fundou ali nesse mesmo ano a cidade de Pará. Encontraram os colonos, na vastidão das matas virgens, muitas hordas de índios que se distinguiam por seus costumes mansos e pareciam favorecer o estabelecimento da colônia. Mais numerosa entre todas era também, aqui, a nação dos tupinambás, imigrada das regiões sulinas de Pernambuco e Ceará; e os nomes de pacaiaes, mamaiamases, guianases, taramambases e ingaibases (nhengaibases) que dizem morar aqui além dos primeiros citados talvez se refiram a hordas individuais, que aqui se domiciliaram, daquela muito espalhada e poderosa nação.

Parece que os taramambases habitaram o litoral entre os rios Turiaçu e Caité; os ingaibases, na ilha de Marajó; os outros, no interior das terras. Todas estas hordas navegavam em canoas estreitas (igaras), cavadas num só tronco, enfeitadas na proa em geral, com troféus de guerra e maracás; por isso eram conhecidos também pelo nome de igaruanas. Mais para o interior, sobretudo na vizinhança e além do rio Tocantins, habitavam hordas das tribos dos bus e jês (*canaguet-jês, norogua-jês, apina-jê*), que, assim como as menores hordas dos pochétis e amaniús, dominam também agora nas regiões setentrionais da província do Maranhão e nas matas do Pará, entre os rios Turiaçu e Tocantins. Naquele tempo os aborígenes tiveram de tomar o lugar dos escravos negros, ainda muito raros, nos trabalhos da lavoura e em outros encargos pesados; os novos colonos procuravam assim estabelecer-se e cultivar a terra por meio dos índios, certificando-se dos seus serviços pela força ou pela astúcia. O sistema de escravizar os índios, atacando-os e fazendo-os prisioneiros, era tão velho no Brasil como nas primeiras colônias de portugueses da província de São Paulo. De fato, haviam os reis de Portugal reconhecido a liberdade dos índios, e foi até decretado por d. Sebastião, em 1570, e por d. Filipe III, em 1605, que somente os antropófagos e os índios aprisionados em guerra declarada pelo governo seriam escravos; todos os demais, porém, seriam considerados livres, e não poderiam ser forçados, contra a vontade, a trabalho algum; os colonos entretanto continuaram as suas caças de escravos e souberam descrever finalmente como do interesse da Coroa, mesmo como indispensável, a escravização dos índios, de sorte que d. Filipe III retirou, em 1611, a lei que havia promulgado, abolindo a escravidão, e não somente declarava escravos os índios aprisionados nas condições acima citadas, mas também

permitia que os colonos comprassem dos índios seus prisioneiros recíprocos e aconselhava a fundação de colônias de índios vencidos, sob a direção de brancos.

De acordo com essas determinações legais, grande número de índios foi empregado nas colônias portuguesas. A ambição de enriquecer-se com os índios levou os colonos mais empreendedores até longe, pelos rios acima, no Estado de Grão-Pará e contribuiu deste modo, sem dúvida, para o conhecimento geográfico do país. Para esse fim empreendeu Manuel Pires, nos anos de 1656 e 1657, duas viagens, uma até a embocadura do rio Negro, a outra por esse rio muito acima, e, como dali trouxesse mais de 1.000 índios à cidade de Pará, tomou ao mesmo tempo posse daquelas remotas regiões para a Coroa de Portugal. Logo em seguida, colocou-se na barra do rio Negro um destacamento de soldados (Destacamento do Resgate), encarregado de proteger o tráfico de escravos naquelas regiões e, mais tarde, lançou-se o fundamento da vila da Barra do Rio Negro², cuja fortificação foi construída no governo de Antônio de Albuquerque Coelho³, em 1671. Dessas zonas foram arrastados para aqui os juripixunas ou juruúnas (“caras-pretas”), várias tribos aparentadas entre si, que se distinguiam pela malha preta tatuada no rosto, muito dóceis e de costumes mansos e ainda agora, consideravelmente reduzidos em número, são preferidos como remadores e trabalhadores de confiança. Quanto era avultado o número de índios trazidos do interior para aqui pelos rios, depreende-se do fato de às vezes oferecerem à venda no Pará mais de 1.000 desses desgraçados, de uma só vez. Em geral, não procuravam os caçadores de homens esconder a sua hostilidade, outras vezes, porém, procuravam paliá-la por meios de maliciosos processos, que já o padre Acuña condenava; por exemplo, fincavam cruces nas proximidades dos povoados de índios, e quando, ao fim de algum tempo, não mais as encontravam, tomavam como pretexto a ofensa à religião cristã, para a invasão hostil. Um após outro, estabeleceram-se como pontos de apoio para o

2. Hoje Manaus.

3. Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho (o velho) era filho de Francisco Coelho de Carvalho, o primeiro governador do Estado do Maranhão (1626-1631). Nasceu no Brasil. Administrou aquela colônia setentrional do Brasil de 1667 a 1671. Seu filho homônimo, o 2º Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, foi também governador daquele Estado, de 1690 a 1702. É este o mesmo governador da capitania de São Paulo e Minas do Ouro, criada pela carta régia de 3 de novembro de 1709, o qual foi ali substituído por d. Brás Baltasar de Silveira, pois teve que assumir o governo do Rio de Janeiro em 1711, alijando do poder a Francisco de Castro Morais, em consequência da invasão corsária de Duguay-Trouin. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)

tráfico humano, casas fortificadas ou fazendas isoladas, em diversos lugares, às margens do rio, no sertão, e o tráfico dos homens vermelhos foi organizado do mesmo modo que o comércio negreiro na África. Quando, porém, os índios se opunham, pela astúcia ou pela força, a essas empresas inimigas, era isso motivo para terríveis carnificinas, ou se fazia contra eles guerra de extermínio. O venerando padre Antônio Vieira, esse jesuíta de caráter firme, que defendeu os direitos humanos dos índios com tanta coragem, com eloquência cita, nos seus relatórios ao rei, o número total dos índios do Grão-Pará e Maranhão (que, então, compreendia também o Ceará e o Piauí), em 2.000.000 e informa que os portugueses, nos primeiros 40 anos de colonização naquelas regiões, destruíram 400 tabas de indígenas. Se bem que a primeira avaliação pareça muito exagerada, pois o padre André de Barros, outro escritor jesuíta mais recente, cita o número da população indígena como montando apenas 200.000 almas; pode-se, entretanto, com segurança, admitir que o sistema cruel e tão espalhado da escravização dos índios produziu golpes profundos, ainda muito sensíveis, na prosperidade do Estado do Pará. Quanto mais os interesses do colono português se entreteciam com esse tráfico, tanto mais animosamente lutavam os jesuítas contra ele; desgraçadamente, os seus magnânimos esforços sucumbiram aos empenhos hostis da parte da burguesia, e das outras corporações religiosas. Tão poderoso era esse interesse que, depois da restauração de Portugal, quando o rei d. João IV, em 1652, quis restabelecer a liberdade dos índios, foram os governadores do Maranhão e do Pará obrigados por levantes populares a modificar essas leis indulgentes. Foram até expulsos do país os jesuítas com o padre Vieira à sua frente (1661), porque eles se opunham à ilegal caçada ao homem e, depois de sua expulsão, ainda mais animadamente continuavam aquelas. Como tomassem parte os mais poderosos, e também os próprios membros da magistratura, procedia-se mesmo sob a autoridade das municipalidades à introdução dos índios de resgate, comprados como prisioneiros de guerra, até que, em 1679, se renovou a proibição do tráfico dos índios e se restabeleceram os jesuítas, que ficaram encarregados da administração e cuidado dos índios, decreto, aliás, sempre altamente reprovado pelo povo e pelas outras ordens religiosas. Daí em diante, começou para os índios um período mais favorável, pois os jesuítas fundaram muitos aldeamentos no interior, onde reuniram numerosas hordas, procurando convertê-los e civilizá-los pela doçura de tratamento e ocupá-los convenientemente com o cultivo de gêneros alimentícios e de artigos de comércio, assim achando os índios ali um refúgio contra a barbaridade dos seus perseguidores. Começou-se, então, a tratá-los melhor e a dar-lhes mais valor. Achavam-se os índios na condição de pupilos dos jesuítas, o que muito convinha à sua indolência. Em estado de meia liberdade, ainda perto das matas,

de onde haviam sido retirados e não incomodados pelo constrangimento de civilização urbana, viviam satisfeitos em grandes sociedades e preferiam de longe este gênero de vida a qualquer emprego sob as ordens dos colonos brancos.

Era-lhes permitido passar uma parte do ano longe da aldeia; pelo trabalho, salvo o necessário para cultivar os gêneros para a comunidade, eram pagos com artigos úteis ou necessários à vida doméstica ou com peças de vestuário. Ensinava-se-lhes a religião cristã, e a ideia de certas obrigações para com o Estado. A linguagem usada nas relações com eles era o tupi, chamado de *língua geral brasílica*, da qual se distingue o guarani, apenas como dialeto. Esse idioma que era, a princípio, a linguagem dos tupinambás, foi aperfeiçoado pelos padres, e toda a população do Estado do Grão-Pará se havia apropriado dele a tal ponto que, até o ano de 1757, era a língua falada nos púlpitos, e também ainda hoje é necessária para as relações com o interior. Aquela condição dos índios era, sem dúvida, a mais favorável, tanto para eles, como para os interesses do Estado, que, de tempos a tempos, se utilizou da intervenção dos padres, quando precisava de índios para as obras públicas, para o serviço de remadores e para as pescarias. Também outras ordens religiosas, particularmente a carmelitana, tomaram parte de modo semelhante na civilização dos índios e todas se enriqueceram com o trabalho deles, pois sob a administração dos missionários, mandavam apanhar no interior os preciosos produtos naturais da província e embarcá-los aos conventos, sítos ao longo da costa. Tinham os jesuítas grande número dessas missões no litoral, na ilha de Marajó e, no interior, à margem do Amazonas, e até às extremas fronteiras do domínio português, no rio Javari. O estado das aldeias conservou-se florescente até a dissolução da Companhia de Jesus; nessa ocasião, em 1759, foram deportados do Pará e Maranhão, para a Europa, nada menos de 112 jesuítas. La Condamine, que percorreu em 1741 as missões ao longo do Amazonas, descreve-as como mais florescentes e prósperas do que as missões espanholas de Mainos. Passaram então os estabelecimentos dos jesuítas para as outras corporações religiosas. No ano de 1718, segundo Berredo (*Anais*, pág. 322), parece que existiam 19 aldeias dos jesuítas, 15 dos capuchinhos, 12 de carmelitas e 5 de mercenários. Pombal, desorientado, tanto por falsas informações como por quiméricos temores e pelo seu arraigado ódio contra os jesuítas, desfechou com a inoportuna expulsão desses padres, golpe doloroso, em mais de um sentido, na mais importante colônia de Portugal, e, quanto aos índios, preparou-lhes a ruína política e o desgraçado desamparo em que tivemos oportunidade de observar a gente vermelha daquelas regiões.

A conselhos do irmão, que governou o Pará, entregou ele a administração dos índios a diretores especiais, que foram informados por instruções especificadas dos seus deveres. Esse Diretório (de 3 de maio de 1757), primeiro

publicado no Pará e Maranhão por aquele governador, depois vigorou com força administrativa em todo Brasil, e, em parte, ainda hoje se observa, contém numa singular mistura axiomas da administração jesuítica, disposições liberais e moderadoras, e, com parcial conhecimento do que necessita o índio para tornar-se cidadão do Estado, também está baseado em muitas ideias quiméricas e errôneas sobre a sua capacidade e seu caráter. No essencial o Diretório concorda com os princípios das ordens religiosas, pois considera o índio igualmente raça de homens em menoridade, necessitando de tutor permanente. Como antes sob a direção dos missionários, deviam agora os silvícolas reunir-se nas aldeias sob jurisdição civil e serem por ela vigiados policial e moralmente. Devia o diretor, igualmente, dirigir as tarefas em comum dos seus subordinados, mandar fazer plantações para a comunidade, preparar expedições para colher os produtos silvestres, como salsaparrilha, cravo-do-maranhão, favas-de-pixurim, cacau, baunilha, etc.; devia, além disso, cuidar de ter à disposição alternativamente contingentes de sua aldeia para as obras públicas, para remadores das canoas reais, para os trabalhos no arsenal, nas fortificações e outras construções, para expedições contra negros amocambados ou índios inimigos, etc.; além disso, era obrigatório também cuidar do ensino e civilização dos seus pupilos índios. Os do sexo masculino deviam aprender a ler e a escrever; os do sexo feminino, a cozer, fiar, tricotar e fazer trabalhos congêneres. O ensino da religião cristã, como estranho ao tutor civil, era confiado aos cuidados do bispo, que devia prover de sacerdotes as aldeias. Essas tarefas, em si mesmo louváveis e apropriadas, que, entretanto, os freires religiosos estavam em condições de realizar com mais unanimidade e consequência, foram dificultadas na prática pela decisão de se abolir a língua tupi e obrigar todos os índios a aprender o português. O bem-intencionado reformador considerava o tupi, assim como a falta de nome de família entre os índios, que até então usavam só o de batismo, um entrave para a civilização, ao passo que, por sua grande correspondência com os demais idiomas indianos na estrutura das palavras, sintaxe e toda a espiritualidade prática, era o tupi um veículo para entendimento mútuo, o que é comprovado por sua persistência até hoje.

Confiava-se que os diretores haviam de contrapor-se, com mais energia e eficácia, à imoralidade de seus subordinados, desabituaando-os, sobretudo, da profundamente arraigada indolência, do vício da bebedeira e de outros excessos, não se lembrando de que esses diretores, na solidão das aldeias, senhores absolutos não fiscalizados dos índios, eram muito menos próprios para exortar pelo exemplo do que os missionários, os quais, pelas obrigações da sua regra, pela mútua vigilância e geralmente também pela idade maior seriam impedidos de tais excessos e da tolerância dos mesmos. Rogou-se aos diretores de impugnar o preconceito que se opunha ao casamento entre brancos e vermelhos, como se os pre-

ceitos do cristianismo não o exigissem de modo muito mais convincente e como se exatamente a nomeação de indivíduos brancos (que não deviam absolutamente ter sangue judaico!) para governar os índios, não confirmasse de novo a opinião que os classificava como raça inferior de homens, incapaz de autodeterminação. Presumia-se que o bom exemplo de relações paternas entre o diretor e seus subordinados atraísse logo muitos índios a sair das selvas, para viverem nas aldeias, ao passo que se negava perante o governo de Lisboa, com relatórios alterados ou mesmo mentirosos, o bem-estar dos índios nas missões e o considerável número de neófitos. Portanto, embora parecesse à primeira vista muito filantrópica toda a organização dos Diretórios, ela baseava-se em ódio inveterado e ciúmes das ordens religiosas, e, além disso, também em especulação financeira. As ordens religiosas não tinham outro tributo a pagar, senão o imposto de exportação daqueles artigos de comércio que, por sua própria conta, auferiam do trabalho de seus escravos negros ou dos índios. Segundo o plano do Diretório, porém, seriam os índios mais pesadamente tributados e se devia exigir deles mais trabalho. Os dízimos já pertenciam, desde muito tempo, ao erário, que, em compensação, pagava ao clero (em geral uma cômputa de 80\$000). Devia-se agora, porém, cobrar dos índios, sobre o rendimento da agricultura e da criação de gado, etc., não só o dízimo para o erário, como também uma sexta parte para o Diretório. Igual desconto devia ser feito da produção da gordura de ovos de tartaruga e do peixe-boi, na pescaria, e, quando os índios de uma aldeia empreendiam expedição para colher os produtos silvestres. Ao cabo de tal expedição, uma vez pago o adiantamento para embarcações, munições e abastecimento, etc., que devia ser fornecido pela câmara da vila, o que restava do produto devia ser repartido entre os índios participantes. Como, porém, os índios fossem ingênuos demais para admitir outro pagamento que não o da permuta, competia então ao diretor guiá-los, na ocasião da troca, ou ele mesmo negociá-la pelos índios. Era igualmente o diretor quem determinava o trabalho do índio, alugando-o também a particulares, como jornaleiro, remador, caçador, pescador, etc., mediante pagamento fútil. No mais, incumbia-lhe preparar tabelas sobre o estado da população, na sua aldeia, prestar conta dos dízimos de toda a espécie que devia receber para o Estado. Tudo parece melhor calculado nesse plano, ideado em Lisboa com o imperfeito conhecimento das condições, que o principal; isto é, falta uma garantia para que o diretor cumpra fielmente os seus deveres para com o índio e para com o Estado. Exprobrava-se às ordens religiosas, e particularmente aos jesuítas, o ocuparem os seus tutelados com a lavoura e a coleta de artigos de comércio, e tentava-se descrever sua situação como se fossem só instrumento do interesse próprio e da ambição daquelas corporações, esquecidos de que as missões, destituídas de qualquer auxílio do governo ou de moradores piedosos, que ainda não existiam aqui, necessi-

tavam de tais meios para a sua subsistência. Com o novo sistema, entregavam os homens vermelhos à cobiça de indivíduos que tinham que cuidar só do próprio interesse e não se envergonhavam de agir com a maior inconsciência. Sobretudo desfavorável era nesse sentido a circunstância de confiarem os governadores esse cargo de diretor, não a experimentados lavradores ou a fazendeiros opulentos e distintos, mas a gente que não estava ainda estabelecida e considerava o novo posto como seguro meio de enriquecer em pouco tempo. Também eram tantas as vantagens de que se podia utilizar o diretor, que os membros desocupados das melhores famílias aspiravam a esse cargo, ora concedido como vitalício, ora por certo número de anos. Ademais, ainda nos primeiros anos da instalação, era o diretor favorecido por muitas circunstâncias. Os índios, acostumados à patriarcal administração dos missionários nas aldeias ainda próximas das matas nativas, não tocadas pela civilização que se ia desenvolvendo lentamente na capital e nos povoados mais habitados, permaneciam em grande número nos núcleos, e até muitos fugitivos acudiam espontaneamente, talvez com receio da estreita ligação de todas as aldeias entre si e que eram obrigadas a se restituir os desertores. O fato é que, ao cabo de pouco tempo, evidenciava o sistema todos os seus defeitos; a disciplina e a ordem relaxavam-se; quanto a ensino e civilização dos índios, disso nem se cuidava; a cobiça dos diretores era o único motivo da administração. Muitos índios fugiam para as suas tabas, outros eram vitimados por doenças que adquiriam no contato dos brancos e nas suas depravações. Os proventos, que o Estado arrecadava dos Diretórios, iam sempre minguando, e estavam de todo fora de proporção com os sacrifícios, a que de tempos em tempos era obrigado. Tem-se disso a prova, entre outras, na pequena quantia que, em 1791, um dos melhores anos, resultou dos produtos obtidos de todas as aldeias indígenas. A venda deles, quer recebida no próprio lugar pelos diretores, quer no Pará, pela tesouraria-geral, apenas chegou a 30.000\$000. Essa quantia representava o esforço de 2.249 índios e 722 índias, que se haviam empregado no corte de madeiras, pescaria, fiação, fabricação de telhas e louça de barro e coleta dos artigos de comércio silvestres. Fosse essa gente empregada por conta de particulares, o lucro teria rendido, no mínimo, o quádruplo. Nessas tristes condições encontrou d. Francisco de Sousa Coutinho, conde de Linhares, governador do Pará, no fim do século passado, os índios, e por motivo tanto humanitário como patriótico, procurou convencer ao governo que abolisse os diretórios e deixasse os índios em absoluta independência. Num circunstanciado memorial sobre o melhoramento da situação dos índios, expunha então ao príncipe-regente a influência perniciosa dos diretores, com a verdade dura. “O diretor (dizia ele) é um tirano, senhor absoluto da aldeia e da população indígena de qualquer idade ou sexo. Longe de mandá-los ensinar e instruir, evita cuidadosamente tê-los em contato com os brancos, atribuindo a

estes a mesma má influência sobre os índios, que antes os jesuítas davam como razão para isolar os seus pupilos. Em vez de animá-los a fazer roças ou a fazer coleta de produtos silvestres, em vez de pôr os índios à disposição para o serviço do governo ou dos colonos residentes, emprega o maior número possível deles somente para fins particulares seus.”

Mesmo os mais moderados diretores, para salvar as aparências, mandavam os índios, em geral os de menos préstimo para eles, ao sertão, para trabalharem por conta do governo, ou os empregava em qualquer tarefa, que lhes era encomendada do Pará; a não ser isso, eles mentiam, negando que tivessem índios disponíveis. Quase de propósito deliberado, procuravam diminuir o respeito do índio para com os funcionários do Estado e os brancos. Nada faziam para dissuadir os seus subordinados do vício da bebedeira; mas tinham até, por conta própria, tabernas de cachaça para extorquir dos desgraçados o que ainda de outro modo lhes poderia escapar; em suma, toda a aldeia era meio para os monopólios do diretor. Logo que um funcionário público lhes opunha óbices à atuação, não faltavam intrigas com que o molestassem. Eles próprios praticavam as maiores crueldades, os mais vergonhosos vícios, ao passo que apresentavam, como inacessíveis a toda civilização, os índios como criaturas irracionais; ora censuravam os seus pupilos por não saberem economizar o salário que recebiam para o trabalho, recusando assim entregar-lho; ora alegavam que eles não queriam trabalhar e pagar o dízimo, ao passo que só tratavam de esquivar-se de prestar contas ao erário; ora inventavam, até, que os índios tramavam secretamente revolta para assenhorear-se da aldeia, etc. Tal dissolução de todas as peias da moralidade nos diretórios, e entre esses e o Estado, exigia sem dúvida nova organização para os índios.

A proposta de d. Francisco de Sousa Coutinho de mandá-los voltar à sua vida própria e, como cidadãos livres e sem inspeção, serem pouco onerados de impostos, também teve a aprovação real, e tacitamente foram novamente emancipados todos os índios, ao passo que os diretórios eram suprimidos, ou ficavam exclusivamente reduzidos a cargos de polícia, para manter a ordem, sendo facultativo também aos índios o ocuparem estes postos, por escolha dos seus concidadãos. O imposto de 6% do produto da lavoura, que os índios deviam pagar aos diretórios em toda a parte onde esses continuavam a permanecer, foi também abolido totalmente pelo imperial decreto de 1825.

Cessou a administração das plantações de roças em comum, cessaram as expedições para a coleta de produtos da terra por conta da comunidade. Cada índio ficou entregue a si mesmo e ao seu destino. Somente nas regiões onde se receassem invasões de índios hostis, ou onde o interesse comercial dos brancos exigisse transações regulares com os índios, é que foram instituídos juízes autorizados a aplanar desavenças entre os índios e os brancos. Assim, estabelece-

ram-se juizes brancos particularmente nas fazendas situadas nas barras ou noutros pontos adequados dos rios do sertão, para onde os brancos costumavam fazer expedições, por exemplo, nos rios Purus, Jutai, Japurá, Içá, sendo eles incumbidos por assim dizer de funções de consulado. Desses regulamentos amigáveis e aparentemente muito benévolos, eram executados só os chamados bugres, como se costumavam designar os canibais em contínua guerra com os colonos. Sobre-tudo eram os botocudos de Minas Gerais, Porto Seguro e Bahia, que, com os sucessivos avanços dos colonos e das tribos que viviam em paz com eles (puris, coroados, etc.), foram inquietados; e, em consequência, como vizinhos pérfidos e rancorosos, assaltavam estes últimos de quando em quando, e foram, por isso, declarados inimigos dos brasileiros e fora da lei, ao passo que se dava completa liberdade aos índios aldeados. Essas tribos podiam, portanto, ser perseguidas de todo modo e escravizadas. Nas províncias meridionais do Brasil, poucos eram os colonos que procuravam obter desse modo escravos indígenas; mas no interior do Maranhão, e do Pará, particularmente na bacia do Tocantins, continuaram, sempre no princípio deste século, as caçadas ao homem, dando falsamente às tribos de índios perseguidas o nome de botocudos, para obedecer à letra da lei, que permitia a guerra contra essa tribo. De resto, as novas provisões decretadas com espírito de humanidade e justiça não produziram os almejados frutos. Pensara-se que os índios, quando pudessem viver com todas as prerrogativas de homens livres entre os outros cidadãos, preferissem essa condição à sua vida livre de selvagens; mas nem o caráter nem as luzes dessa desgraçada raça favorecia ainda a independência civil, e, nessa impotência, não lhes restava outro alvitre, senão continuar como serventes dos brancos ou regressar às suas matas virgens.

Os índios, que formaram grandes famílias, permaneceram na maioria entre os brancos; a sua existência, no entanto, não melhorava, quando podiam considerar-se em pé de igualdade com eles perante a lei; faltava-lhes justamente tudo que dá valor à liberdade civil: juízo, desembaraço, atividade. Muitas necessidades tornavam-nos continuamente dependentes das raças mais civilizadas, a que eles pelo menos temporariamente serviam, de modo que, embora não tivessem mais tal nome, têm de ser considerados, todavia, como escravos explorados dos outros. Quando por presunção e indolência impedidos de trabalhar, são, como vizinhos vagabundos e ladrões, uma verdadeira praga. Maior perda sofreram os colonos, pouco a pouco, pela fuga dos índios solteiros, pois que, habituados a todos os trabalhos físicos, eram a força industrial das aldeias, tanto sob os jesuítas, como sob os diretórios. Justamente foram esses os que mais depressa desapareceram, e, com a sua saída, a opulência e o comércio dos principais povoados antigos do sertão sem dúvida se reduziram; assim é que, atualmente, só a cidade do Pará e as vilas situadas mais perto do oceano progredem em população, atividade e

riqueza; o interior, porém, sobretudo todas as colônias do Rio Negro, oferecem o lastimoso espetáculo da mais completa decadência. As tristes consequências dessas medidas não ficaram também muito tempo desconhecidas ao governo, e em algumas localidades recorreu-se novamente ao emprego do clero para o estabelecimento de missões, contribuindo a caixa do Estado para o seu custeio. Isto se deu, por exemplo, em Goiás, por Decreto de 12 de maio de 1802. No Estado de Grão-Pará, foram fundadas diversas aldeias pelo governo, como entre outras as de Maripi e São João do Príncipe, no rio Japurá, e as dos maués e mundurucus, à margem dos rios Maué e Canomá; infelizmente, por vezes, faltavam padres, ou os governadores, que se revezavam, não observavam o mesmo sistema, e deixavam perder-se de novo o que já estava feito. Assim, por exemplo, as primeiras das mencionadas aldeias, fundadas no fim do século passado, encontram-se quase totalmente em ruínas. A atividade da ordem carmelitana e da dos capuchinhos, no Pará, relativamente a esses estabelecimentos, merece todos os louvores; mas, em geral, quer por falta de moralidade, quer pela falta de princípios uniformes e enérgicos no seu modo de agir, a influência do clero é muito menor do que era ao tempo dos jesuítas. Daí em diante, não fixou o governo nenhum princípio geral em referência aos índios; ao contrário, deixou tudo na indecisão, consequência da última medida geral. Especialmente penoso se apresenta esse estado de coisas no Grão-Pará, que, devido à sua numerosa população indígena, e pela grande falta de outros trabalhadores, parecia de preferência exigir reforma eficaz. Os habitantes dali, cujo bem-estar depende quase exclusivamente do braço dos índios, acham-se para com estes, de fato, sem vantagens, quanto a direito, porém com todas aquelas que dão de um lado atividade e inteligência e de outro permitem indolência e fraqueza de espírito. Tornar os índios úteis e lucrativos, com a menor despesa possível, é ali o propósito geral. Nestas condições, é fácil compreender que os descimentos a fim de obter índios para o serviço doméstico nunca cessaram. De fato, a lei proíbe todo ataque hostil aos índios nas suas matas; mas a arte da persuasão é permitida e não é de estranhar que muitas vezes se torne eficaz pelas armas, se é lícito levá-las consigo para a legítima defesa! Frequentemente, nessas expedições, para as quais é necessária a licença do governo⁴, assaltam os índios e os levam presos ao tronco⁵, ou de algemas nos pés; em outros casos, são comprados os prisioneiros, que o tuxaua, ou principal, adquiriu da própria tribo

4. Para fazer descimentos nos afluentes do Solimões, é preciso obter licença do comandante militar da Via de Ega.

5. Um pesado pedaço de madeira em cujos buracos redondos, que se podem fechar, são presos os pés dos cativos.

ou dos inimigos. Todos os índios, que estão sob o governo de um principal, e com isso são incluídos nas listas de população do juiz, devem ser considerados como súditos brasileiros, assim como os que trabalham nas roças das povoações; porém, muito frequentemente até, esses são apanhados de assalto pelos brancos, e, sob o pretexto de terem fugido, ou de revolta, são também escravizados.

Violento ódio e invencível desconfiança da parte dos homens vermelhos, caráter insensível e burlando o direito por parte dos brancos, são as naturais consequências de tão tristes condições. A nova constituição política do Brasil concede, na verdade, aos índios, todos os direitos, como aos outros cidadãos livres; somos, entretanto, inclinados a crer que, apesar dessas leis liberais, em nada melhorou até hoje a situação desses infelizes e, tanto quanto o tráfico dos negros, reclama a assistência e os cuidados de um governo humanitário e sábio. Onde, porém, haverá essa assistência e poderá ela ser, de modo geral, instituída? Que meios estão ainda hoje à disposição do Estado, para melhorar a sorte dos desgraçados filhos de uma terra que, até aqui, em vez de benefícios, só recebeu da Europa cristã guerra e devastação? A precedente descrição da sorte dos índios no Brasil e da legislação referente ao melhoramento cívico deles justificam a muitos respeitos os processos do governo português, que seriamente se preocupava com a civilização e felicidade dos silvícolas; mas prova igualmente que a esse empenho se contra-põem as maiores dificuldades. Enquanto o governo espanhol empregava na fundação e desenvolvimento das missões do Paraguai uma quantia anual de 90.000 a 100.000 escudos espanhóis, até que, sob a administração dos jesuítas, pudessem elas administrar-se à própria custa, não fez o governo português menor sacrifício. Em todas as províncias, particularmente, porém, em Minas, Bahia, Goiás, Maranhão e Pará, foram empregadas avultadas quantias das rendas públicas para reunir índios em aldeias, fornecer-lhes aí todo o necessário, e conservá-los; todos esses gastos, porém, ficaram, por assim dizer, sem resultado algum para o Estado, e, atualmente, só existem pouquíssimas dessas aldeias, fundadas com tão grandes sacrifícios. Desde o começo, o proveito que os índios podiam dar ao erário tem sido insignificantíssimo. Impostos propriamente ditos nunca pagaram; tiveram que contentar-se os juízes com poderem receber, de quando em quando, e por acaso, uma pequena parte dos produtos da lavoura, como dízimo; e os benefícios para o erário, obtidos no Pará das expedições destinadas a coletar produtos silvestres, foram em grande parte absorvidos pela administração; também a produção das olarias, e das salas de fiação, que, no rio Negro, por exemplo, eram mantidas pelos dinheiros públicos, têm de ser consideradas desproporcionadamente baixas. Mais proveitoso foi o emprego dos índios nas pescarias, na navegação costeira e fluvial e nas obras públicas; as mais das vezes, porém, serviram indiretamente aos interesses do erário, pois não sofriam os outros habitantes hostilidade aberta

alguma desses índios aliados, que, ao contrário, os auxiliavam nas suas empresas industriais, recebendo em troca um ínfimo pagamento. Esse auxílio, entretanto, é extremamente incerto e precário, pois depende do capricho e das necessidades de momento de uma raça de gente que, não por orgulho, mas por indiferença e indolência, detesta todas as peias duma civilização, avalia cujas vantagens não estão ao alcance do seu estreito discernimento. Tocamos aqui num estado de coisas contra o qual se opõe a filantropia do nosso agitado e provado século, muito mais do que nos tempos antigos. Lastimamos dizê-lo: a nossa convicção, baseada em alguns anos de observação dos aborígenes brasileiros, não concorda com a opinião geral acerca da perfectibilidade da raça vermelha. Foram baldadas as mais diversas e numerosas tentativas para estabelecer em pé de igualdade de direitos e deveres estes homens entre os demais habitantes da América; quando, além disso, uma desproporcionada mortalidade faz entrever que os filhos desta parte do mundo, cheia de vida material abundante, são de constituição tão fracamente dotada de força vital, temos de inclinar-nos à conclusão de que os índios não suportam a cultura mais alta que a Europa lhes quer inocular, e que a civilização progressiva, elemento vital da humanidade florescente, mesmo os destrói, como um veneno letal, e de que eles, assim como muitos outros seres da natureza, parecem destinados a decompor-se e sair do número dos vivos, antes de terem alcançado o mais alto grau de desenvolvimento, cujo germe está neles implantado. Consideramos, por conseguinte, os homens vermelhos, um ramo atrofiado, no tronco da humanidade, destinado a apresentar apenas tipicamente quase uma forma física de certas propriedades que fazem parte do ciclo, ao qual o homem está sujeito como criatura natural, porém incapacitados de produzir as altas flores e frutos da humanidade.

Quem chega a tal conceito sobre a natureza da raça americana, olha compassivo nos meios que restam a um humanitário governo em prol dos índios. Os mais ilustres estadistas do Brasil já chegaram à conclusão que nenhuma vantagem proporcional às despesas obterá o país com a fundação de novas aldeias e ainda muito menos aumento considerável da população, pois se crê, em geral, que a raça indígena desaparece aos poucos. O que ainda se gasta anualmente dos cofres do Estado para civilizar os botocudos, nas matas virgens entre Porto Seguro e Minas Gerais, tem por fim principal torná-los inofensivos para os habitantes, e, além disso, deixa-se entregue ao alvitre das outras classes da população brasileira o utilizarem-se, como lhes aprouver, dos índios, para os serviços domésticos. Mesmo neste sentido, porém, cada ano se conta menos com os índios, o que é demonstrado sobretudo pela extraordinária importação de escravos negros, a qual, nos anos de 1822 até 1827, só no Rio de Janeiro subiu a mais de 40.000 cabeças. Quando, portanto, o governo, por motivo decorrente da justa avaliação

de suas forças, tem de abandonar a contínua assistência aos índios, parece-nos que o auxílio ainda poderá vir só de um lado, para deter e adiar a decadência dessa deplorável raça que a própria natureza preparou. Os conventos são ainda hoje ricos e bastante poderosos para sustentarem, à sua própria custa, missões mesmo no interior, reunindo aí, em torno delas, os índios, no gozo de certa liberdade, adequada à sua natureza, educando-os e tornando-os operosos para o bem do Estado. Com tal orientação de suas atividades, recuperariam a popularidade e a consideração da parte do governo, que, sobretudo nas cidades marítimas, populosas e procuradas por muitos estrangeiros, diminuíram, na proporção do progresso das luzes, a instrução e o crescimento das necessidades públicas.

IV – Para mais rigoroso conhecimento da importação e exportação do Pará, servem os seguintes dados, que agradeço à bondade do cônsul britânico em Pará, o Sr. H. Dickinson, Esq.

A Inglaterra recebe especialmente do Pará: algodão, cacau, café, salsaparrilha, castanhas-do-maranhão, pau-amarelo, couros de boi, e manda em troca artigos de algodão, de linho, presunto, bacalhau, sal, manteiga, cerveja Porter, queijos, artigos de vidro, de barro, ferro, latão de cobre, estanho, chumbo, pólvora e balas, máquinas, alambiques, cabos e cordas, lona, tintas, óleo para pintar, medicamentos, papel, âncoras, cabos, chapéus, roupas, panos, sapatos e alguma farinha.

As ilhas inglesas nas Índias ocidentais recebem: arroz, cacau, gado, cavalos, madeira, também farinha de mandioca, e milho, quando isso não é proibido pelo governo; mandam em troca farinha de trigo e dinheiro.

Gibraltar recebe o que vai para a Inglaterra e também cravo-do-maranhão e cravo-da-índia, cordas de fibra de palmeira; manda em troca: vinho, aguardente, azeite, frutas secas e anis e em navios portugueses mercadorias das Índias orientais.

A França recebe os mesmos artigos como a Inglaterra; envia em troca vinho, azeite, rendas, artigos de seda, aguardente, frutas em conserva, artigos de joalheria, papel, farinha de trigo, velas de cera, artigos de vidro, brinquedos, pinturas, chapéus, tecidos de lã e cordame.

A América do Norte recebe do Pará: peles e cacau; em troca manda: farinha de trigo, velas de espermacete, genebra, biscoitos, bacalhau, manteiga, cordas, cordame, alcatrão, pez, colofônio, móveis, artigos domésticos e telhas finas de madeira.

A Holanda recebe os mesmos artigos que a Inglaterra recebe do Pará; envia: genebra, artigos de vidro, papel, móveis, facões de mato, artigos de linho.

Portugal. Os principais artigos de comércio que recebe são os seguintes: arroz, algodão, cacau, café, pau-amarelo, cravos-da-índia e do maranhão, sal-

saparrilha, castanhas-do-maranhão e madeiras de construção naval. Remete para o Pará: vinho, aguardente, azeite, artigos das Índias Orientais, tecidos de linho e de algodão, chapéus, particularmente os de qualidade inferior, farinha de trigo, biscoitos, sementes de anis, licores, medicamentos, presuntos, bacalhau, frutas secas, genebra, cordame, lona, pedra calcária, manteiga, instrumentos de música, esculturas, carruagens, utensílios de cobre, sapatos, armas, facões de mato, guarnições para uniformes militares, pólvora, aço, alcatrão e pez. O comércio entre Pará e Portugal havia aumentado continuamente nos últimos decênios do século passado e nos primeiros deste; mas, depois que o rei de Portugal se instalou no Rio de Janeiro e promulgou a liberdade dos portos, passou grande parte desse comércio para a Inglaterra, o que fica provado pela grande afluência de navios ingleses no porto.

Antigamente o comércio descurava o Pará, em favor do vizinho Maranhão. As frotas mercantes portuguesas iam primeiro para o Maranhão, e, só depois de estarem as mercadorias alguns meses expostas ali, seguiam para o Pará. Com o tempo, isso mudou, pois uma parte das charruas vinha diretamente ao Pará. A Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão foi mais desfavorável ao Pará do que ao Maranhão, visto serem os negociantes forçados a vender as mercadorias europeias pelo preço determinado pela Companhia, medida sempre má, mas que devia ser particularmente nociva aqui, por causa da fraca população do Pará.

V – Sobre algumas das plantas exóticas cultivadas no jardim do Pará, julgamos dever aos nossos leitores as observações seguintes: A pimenteira-da-índia (*Piper nigrum* L.) já havia sido, pelos jesuítas, importada de Timor e Macau para o Brasil, e, no segundo volume, citamos a mais antiga plantação que se acha na horta do Hospital dos Lázaros, da Bahia. Propaga-se de semente; mas, de preferência, por mudas que se metem na terra a prumo, de estaca, do tamanho de meio até um pé e contendo três a quatro olhos. É-lhe particularmente favorável um solo barrento, gordo, ferruginoso, regularmente limpo das ervas más. O arbusto trepa fixando-se com raízes adventícias, como a hera, e com galhos entrelaçados no apoio. Como tal foi recomendada de Caiena a nogueir- de Ben (*Hyperanthera moringa* Vahl.) que estende muitos galhos horizontais e, quando, pelo corte da copa, não se deixa crescer além de 12 pés, oferece esteio em pirâmide, conveniente para o desenvolvimento da pimenteira e a colheita dos frutos maduros. Essas pirâmides são plantadas na distância de 8 a 12 pés umas das outras. Também o cuitezeiro (*Crescentia cujete* L.) e a goiabeira (*Psidium pomiferum* L.), ou a *Poinciana pulcherrima*, que nas Índias orientais é empregada muito frequentemente como esteio, tenho visto aqui utilizados para esse fim. No terceiro ano, já os sarmentos da pimenteira dão uma colheita. As bagas maduras assemelham-se, em

cor e tamanho, aos do nosso espargo; não se espera, porém, em geral, que fiquem todos bem maduros, porque assim caem facilmente; limita-se a colhê-los, quando a maioria das bagas se tornou amarela. A polpa, sendo cuidadosamente posta a secar ao sol em peneiras, torna-se de cor preta lustrosa. Prepara-se pimenta branca, eliminando com água a polpa e deixando que as sementes sequem à sombra.

Muito maiores dificuldades oferece o cultivo da moscadeira. Esta planta foi introduzida ao mesmo tempo por Luís de Abreu, que, em 1809, regressou com 200 portugueses prisioneiros, da ilha de França, no Rio de Janeiro, e por Manuel Marques (em três mudas) no Pará. A árvore até aqui pouco se multiplicou, e continua a dar apenas poucos frutos, que chegam a amadurecer no correr do ano. Tudo isso faz crer que essa nobre árvore, que, como se sabe, mesmo no solo nativo das Molucas, exige extremos cuidados, aqui não tem achado até agora convenientes condições de cultivo. Em todo caso, exige essa planta solo barrento, gordo, fofo e rico em humo, não demasiado úmido e proteção contra os raios solares muito quentes. As plantas masculinas floresceram no Pará, pela primeira vez, no quinto ano; as femininas, no sexto. Tem-se propagado o seu cultivo por meio de mudas e sementes. As sementes que vi eram redondas e, portanto, da verdadeira espécie (*Myristica moschata* L.).

Ao contrário, abundante colheita dão anualmente, de julho a fins de outubro, os girofleiros (*Caryophyllus aromática* L.), parecendo ser-lhe menos favorável o clima do Rio de Janeiro do que o do Pará. Várias filas dessas belas e frondosas árvores piramidais encantam a vista com o seu soberbo verde, as delicadas estrelas de suas florzinhas brancas e o olfato pelo seu suave aroma. A colheita deve ser feita antes que as petalazinhas se soltem para desabrochar, o que se conhece pela linda cor vermelha do cálice. Tem-se multiplicado por meio de sementes e mergulhia.

Chamou a minha atenção, particularmente, a extraordinária altura a que tinham chegado, em 10 anos, diversas árvores-do-pão (*Artocarpus incisa* Sol.) igualmente importadas de Caiena. Estas belas e úteis plantas igualavam, na grossura do tronco e extensão da copa, a um castanheiro de 100 anos. Aqui no jardim elas dão mais abundantes e melhores frutos do que nos estabelecimentos além da cidade, onde o solo lhes é provavelmente úmido demais. Multiplicam-se facilmente por meio de lascas de galhos.

A caramboleira e o bilimbi (*Averrhoa carambola* e *A. bilimbi* L.), cujas bagas pentagonais se recomendam, pela agradável acidez, como legume, em sopas, ou para geleia e bebida refrigerante, são cultivados sem dificuldade por meio de sementes.

A noz de Ben (*Aleurites moluccana* Juss.) dá muitas sementes, das quais, quando esmagadas, se retira um óleo gorduroso, que seca facilmente. Todavia, até agora, não têm sido empregadas nem para isso, nem como purgante,

à semelhança das sementes da anda. Além de todas estas árvores, me mostraram uma cujo nome havia-se perdido e que ainda não floresceu. Reconheci nela a *Euphorbia litchi* Commers. Havia-se tentado a propagação da canforeira (*Laurus Camphora* L.), para a qual o clima daqui é provavelmente quente demais, mediante mergulhões, porém sem resultado.

A plantação da caneleira (*Laurus cinnamomum* L.) acha-se perto da fazenda da Olaria, meia hora ao norte da cidade, numa região baixa, junto do rio. O solo é pesado, barrento, bastante úmido e só de altitude suficiente para não ser inundado nos transbordamentos do rio. Com seis a sete anos, as pequenas caneleiras, umas 800, tinham atingido seis a sete pés de altura e já eram em parte utilizadas. Eram plantadas de sementes e de mudas, sendo estas últimas de um a dois pés de comprimento e da grossura de um dedo, enterrados em terra úmida, onde sem dificuldade deitam raízes. As árvores estão em filas, com oito a dez pés de distância entre si, e são conservadas cuidadosamente livres de ervas daninhas. Para descascar o tronco e os galhos, usam-se um facão afiado e um bastão liso, com o qual se separa a casca cortada. Esses pedaços são raspados à faca, para lhes retirar a epiderme e a camada verde exterior sem aroma algum, mas que tem sabor amargo adstringente. O processo de macerá-las durante meio dia em água de cal, a fim de melhor fixar o óleo volátil e a resina da casca interna, é, às vezes, como na Índia, também empregado aqui; entretanto, o nosso amigo dr. Lacerda não o julga necessário, contanto que a seca ao sol se faça rapidamente e com cautela. A canela de Pará iguala, na cor, à qualidade média das índias. O seu aroma é mais fraco e muito maior é a proporção de mucilagem; daí o seu sabor semelhante ao da *Cassia lignea*. Contudo, sempre é melhor esta canela do que a que se colhe das velhas caneleiras nos arredores do Rio de Janeiro, e recentemente posta à venda. O clima desta última cidade parece favorecer menos de que o do Pará o desenvolvimento dessa preciosa especiaria. No Rio, já no fim do século passado, prestava o magistrado atenção ao cultivo da caneleira.

.....

Capítulo II

EXCURSÕES PELOS ARREDORES DE BELÉM DO PARÁ E PREPARATIVOS PARA A VIAGEM AO INTERIOR, PELO RIO AMAZONAS

OS PRIMEIROS PASSEIOS em volta da cidade já nos haviam dado a conhecer que estávamos aqui em solo muito diferente de qualquer outro antes percorrido. Por toda a parte riachos, lagoas e valas; muito poucas estradas e veredas em terra firme; as espaçadas habitações e roças, quase sempre sitas à beira da água. Serviam-se os habitantes, para as comunicações, ao invés de carroças puxadas por animais, quase exclusivamente das inúmeras vias fluviais. Entre as mais populosas vilas da província, trafegam incessantes canoas, maiores e menores, numa e noutra direção; e a gente do povo está tão acostumada à vida de barqueiro, que eles transpõem mesmo trechos de légua nas embocaduras dos rios, em pequenas igaras; e quando, nas habituais borrascas à tarde, a frágil canoa é virada pela força das ondas, de novo a põem vagando esvaziada, ou, quando isso é impossível, salvam-se nadando para a costa. Nestas paragens, também era-nos preciso, portanto, ter sempre à disposição uma das pequenas embarcações que aqui se chamam montarias, dirigida por um ou dois índios, para atravessarmos as diversas enseadas do rio, os riachos que nele deságuam, e as valas em comunicação com ambos que se enchem de água por ocasião da maré alta, e são o meio mais cômodo de entrar nas

regiões do continente, para as quais as estradas são quase impraticáveis. Para as excursões que pudésemos empreender por terra, havia s. ex^a o conde de Vila Flor posto às nossas ordens cavalos de sela.

Extremamente agradável é a impressão que recebe o viajante nesses passeios de canoa em torno do Pará, apreciando a incomparável pujança e o viço dos arredores. O privilégio, que tem o litoral dos trópicos, de revestir-se com uma ourela sempre verde de manguezais, não é apanágio só das costas banhadas pelo oceano nesta região, mas estende-se essa estranha vegetação desde a foz do próprio Amazonas e do Pará até a vila de Cametá, no Tocantins e, a oeste, até Gurupá; reveste, portanto, igualmente as costas baixas das inúmeras ilhas, a grande Marajó, no meio, do que se poderia chamar propriamente arquipélago do Pará. Quanto mais longe do oceano, porém, tanto mais vão rareando as verdadeiras árvores litorâneas, *Avicennia nitida e tormentosa* L., *Rhizophora mangle* L., *Lacungularia racemosa* Gaertn., *Conocarpus erectus* L. e *Bucida buceras* L. e tanto mais abundantes se notam as formas, características dessa imensa bacia do Amazonas, que dominam as margens até longe do interior (**Nota I**).

O verde daquelas árvores, uniforme e viçoso, alterna-se mais e mais com a folhagem diversa em muitas tonalidades, adornada com grandes flores magníficas, ou com o penacho eriçado da palmeira jubati (*Sagus taedigera* M.)¹, oferece uma visão incrivelmente pitoresca.

Bandos sem conta do íbis americano, guará (*Tantalus ruber* L.), aninham-se nas copas dessas árvores marginais e animam o verde com o lindíssimo vermelho escarlate de suas penas. Dessa vista gozamos certa manhã, atravessando o rio num bote equipado com quatro remadores, para percorrer a fronteira ilha das Onças. Fomos beneficiados pelo vento de terra e chegamos, uma hora depois, na margem oposta a uma opulenta fazenda pertencente à família Faria. O rio tem aqui umas 800 braças de largura e, junto de ambas as margens, quatro a cinco braças de fundo; no meio, porém, apenas três ou três e meia braças. O jogo e tamanho das ondas, agora, na ocasião da vazante, não eram muito consideráveis; não é raro entretanto perigarem

1. Beaufort Rohan escreve corretamente jupati e a dá como palmeira peculiar do vale do Amazonas: é a *Raphia vinifera*, da qual existe uma variedade, que é a *Raphia taedigera*. (Nota da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

de ser viradas aqui as pequenas embarcações, por ocasião da maré alta, sobretudo quando sopra o vento sul ou leste; a água indicava, às nove horas da manhã, a temperatura de 29°R., ao passo que a do ar era 33°R.; a água é turva, contendo muitas partículas de barro e de areia. Por esse motivo, os navios tomam água das numerosas boas fontes à margem, e só na emergência é que usam da do rio. O engenho do Faria, situado quase no meio da margem oriental da ilha, pôde dar-nos, melhor do que qualquer outro, um exemplo da lavoura aqui habitual. Cultiva-se cana-de-açúcar nos lugares um tanto mais altos da ilha e emprega-se a maior parte da calda em melado e cachaça. Os alambiques adequadamente construídos foram feitos na Inglaterra e produzem, em parte, excelente qualidade de aguardentes mais finas e especialmente anisete, para cujo fabrico se importam sementes de anis de Portugal e de Gibraltar. O arroz dá com rapidez pouco comum, muitos, porém, grãos pequenos. Tem-se plantado com vantagem arroz de montanha, de preferência ao comum. Para descascá-lo, há um moinho movido a água. Também o milho dá muito bem e distingue-se sobretudo pela enormidade das espigas e quantidade de grãos. Menos apropriada ao solo da ilha é a mandioca; todavia, é a farinha de mandioca o principal alimento dos escravos e dos índios do Engenho. Vários do pessoal da casa se ocupam quase continuamente com a pesca; entre os peixes do rio gabam-se especialmente as arraias. O gado bovino pasta em liberdade nas campinas da ilha, porém, à noite, é tocado de volta para o curral. Quando acontece serem os pastos inundados, às vezes, na época das chuvas, o gado fica no curral e é alimentado com palha de arroz e de feijão, milho, bagaço de cana e capim. É principalmente destinado ao consumo doméstico, para cujo fim a carne é salgada e exposta ao vento, para secar. Frequentemente é o fazendeiro obrigado a comprar carne salgada, peixe seco (pirarucu), da ilha de Marajó. Por motivo do grande calor, a carne raramente é saborosa; não se conserva bem, e as partes que estiveram ao ar precisam ser logo cortadas e eliminadas. Quanto ao leite, as vacas não o dão em abundância, mas é bastante bom; não se cuida de preparar manteiga. Recebem esse artigo principalmente da Inglaterra. O sebo é empregado só para sabão, visto haver aqui em abundância os óleos de rícino, de andiroba e de gergelim, para iluminação. Os sobejos, assim como os outros produtos de pecuária, couros, pontas e chifres inteiros, são exportados. A criação de porcos é de fato recomendada por todos os fazendeiros inteligentes, porém é ainda muito pequena. Carneiros, quase não se veem em parte alguma; e

parece também que as regiões úmidas daqui são-lhe muito menos adequadas do que os morros ressecados do Ceará. Tudo aqui tem o cunho da fartura e da incúria nos negócios, que só se desculpa com a riqueza do solo. Quando, em países menos favorecidos, a tarefa do lavrador é desenvolver a produção das terras, aqui se limita a colher a tempo, guardar e empregar a fartura da produção.

A ilha das Onças, em toda a sua extensão de 3.600 braças de comprimento e 1.200 de largura, não apresenta grandes elevações, mas tem ondulações de linhas suaves, entre as quais se estendem terrenos pantanosos. Dois riachos, que até longe, no interior, sentem a mudança da maré cheia e vazante, deságuam na margem leste no rio. Em ponto algum aparece pedra, e a vegetação pujante, cerrada, reveste o fino humo negro ou a gorda argila pardo-avermelhada, sem interrupção desde o rio, ora em altas matas virgens, ora em cercas formadas por palmeiras de espinho, possantes troncos de aruns ou juncos de folhas largas.

Nenhuma espécie de terra é melhor apropriada para demonstrar ao viajante o espetáculo da primitiva criação do mundo, que surgia das águas oniparentes. Comparamos mentalmente esta exuberante ilha com as da baía do Rio de Janeiro e as de Camamu e da Bahia; e, se tivemos de atribuir a estas últimas maior variedade de formas e uma feição de natureza mais bela e mais aprazível, aqui nos empolgava um misto de admiração e de espanto, ao aspecto da monstruosa pujança com que se engendra a vida das plantas. A lembrança da proximidade do Equador dá a essa exuberância de vegetação mais outra significação: pareceu-nos reconhecer a medida de toda a força vegetativa criadora de que é capaz o globo terrestre, nas gigantescas formas das árvores da mata virgem, da palmeira miriti (*Mauritia flexuosa* L.) da pacova sororoca (*Urania amazonica* M.), e nas formas grotescas das aráceas e citamíneas, na luxuriante folhagem que se não contenta mais com o solo, e até reveste a superfície das águas, ora multiplicada nas delicadas folhazinhas das lentilhas-d'água e das *Azollas*, ora nas rosetas de folhas da *Pistia stratiotes*, estendendo um tapete flutuante. Sim, como se a força geradora da terra não houvesse feito bastante com estas criaturas, produz formas de plantas estranhas ao tipo real, fazendo lembrar as dos animais; assim, surge do brejo, à margem, a *Helosis guyanensis* Rich., parasita semelhante ao falo, um cone de carne pardo-purpuro sem folhas, um singular cogumelo com flores. Voltando da costa para o

interior, tive primeiro de penetrar numa densa floresta de aspecto nada agradável, mostrando vestígio de uma inundação devastadora; as árvores, embaixo cobertas da lama que havia ficado, mais acima se expandiam em galhos irregulares, pingando incessantemente água das folhas espessas cobertas com *Jungermanias* e com musgos; e o solo úmido, escorregadio, quase sem ervas e arbustos, exalava cheiro mofento. A essas matas chamam-se, no Brasil, alagadiços, ou, na língua geral, *gapó*. É terreno entre todos apropriado para o cacauero do qual avistei alguns troncos silvestres aqui, e outros num cacauel plantado em fileiras bem juntas. Esta árvore não chega a grande altura e não estende muito a copa, pois dá os seus pesados frutos só no tronco e nos galhos principais. As suas plantações, vistas de longe, parecem, por isso, aleias de tílias aparadas. Do alagadiço, saí para uma região um tanto mais alta, seca, sem arvoredo, revestido de risonho tapete de gramíneas. Nada pode ser comparado à tranquilidade dessas aprazíveis campinas silvestres. Não agitadas por aragem alguma e mudas, circundadas a floresta melancólica e escura, ao passo que os raios quentes do sol fazem desabrochar em todo o esplendor as flores do campo e atraem inúmeras borboletas, libélulas e colibris, que se perseguem brincando. Fiquei apreciando, por longo tempo, esse espetáculo novo para mim, quando, de repente, as compridas sombras das palmeiras inajá (*Maximiliana regia* M.) estenderam-se sobre os campos, fazendo-me lembrar a noite que se avizinhava e a volta para casa. Entretanto eu quis ainda ver primeiramente uma várzea pertinho, para onde tinha visto voarem bandos de frangos-d'água e patos. Beirei uma vala rasa e em breve estava diante de uma pequena lagoa de águas cristalinas, cercada de juncos de folhas largas e de possantes aruns. Quanto me surpreendeu tornar a ver a maravilhosa lagoa das aves do rio São Francisco. Como lá, aqui era tudo vida, somente era menor o reino das aves, e menos barulhento o seu vozerio. Quis voltar para a margem, porém perdi o caminho entre as curvas das águas, sob moitas fechadas que as orlavam, e os escuros trechos da mata virgem, que as atravessavam em diversas direções; e, quanto mais aflito o procurava, tanto mais confuso e

2. *Marajá* parece-nos que é a denominação dada no Amazonas à palmeira, conhecida em outros pontos do Brasil por *tucum* ou *tucuma*. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

intrincado tornou-se tudo em torno de mim. Logo em seguida, mudou-se em terror o gozo daquele aprazível espetáculo da natureza, pois no brejo, onde eu me havia perdido, eriçavam-se em volta impenetráveis tufo da palmeira de espinho marajá (*Bactris marajá* M.)², envolviam-me cercas resistentes das marantas, cada vez mais densas; as helicônias de folhas largas, sobre as quais eu procurava tomar pé, escondiam-me águas profundas, e, quando parei à espreita, julguei perceber o rastejar de jacarés, que seguros da presa, vinham tragar o extraviado. Horrorizado, compreendi haver-me metido num dos mal afamados *mondongos*, dos quais os próprios índios costumam fugir, como de paragem de animais perigosos e labirintos fatais. Começava a escurecer e, como eu estivesse sem armas, não me restava senão ficar quieto e a fazer contínuos chamados e bater na lata de herborizar para pedir socorro. Depois de me haver esfalfado debalde, algum tempo, subi por um tronco da palmeira jubati, cujas bainhas persistentes formavam uma espécie de escada. Na fechada copa dessa árvore, estava eu a salvo do ataque das feras; mas, só com muita cautela, podia apoiar-me nos seus pecíolos eretos, para não ser ferido pelos espinhos. Pouco a pouco anoiteceu de todo, e inúmeras estrelas cintilaram lá em cima; hoje, porém, não me podia animar, nem me sossegar com o seu aspecto; entretanto, entregava-me, de preferência, à expectativa de que a minha ausência demorada, a tais desoras, determinasse o companheiro de viagem a mandar buscar-me. De fato, tinha o dr. Spix mandado os índios atrás de mim; ressoaram disparos de espingarda, aos quais tentei responder com a voz, e, finalmente, descobri duas luzes errantes, que vinham dando voltas em direção ao lugar onde eu estava. Eram dois empregados do engenho, que me tiraram daquela situação aflitiva, e, conhecendo bem o local, me reconduziram ao companheiro preocupado. Mesmo esse caminho tinha ainda os seus perigos, pois os archotes de pau de jubati (*Sagus taedigera* M.), que os meus guias empunhavam, pouco iluminavam a picada, trançada de caniços, juncos e moitas de palmeiras do brejo, cujos espinhos me tinham posto em tão mau estado, que todo o meu corpo sangrava.

Quando, na manhã seguinte, regressamos à Rocinha, esperava-nos a alegria de encontrar grande número de cartas da pátria. Haviam sido remetidas por nosso excelente amigo R. Hesketh, do Maranhão, pelo correio de terra, o qual tinha feito a demorada e perigosa viagem em 14 dias. Novas determinações entre outras notícias que elas continham, confirmavam o plano, já tomado, do nosso regresso à Europa, no verão de 1820. Impunha-se,

pois, diante do curto prazo que nos restava para a navegação no Amazonas, ficar no Pará apenas o tempo necessário para os preparativos.

Nesse intervalo, percorremos em todas as direções as matas existentes em torno da cidade, as quais nos forneceram considerável porção de plantas e animais, antes desconhecidos. Se a vegetação desta zona, logo à primeira vista, se apresenta diversa daquela de regiões mais meridionais, também o mundo dos animais, investigado mais rigorosamente, se acha representado por formas de todo diferentes. Os grandes mamíferos, próprios da América tropical, também aparecem aqui distribuídos de igual modo; porém as espécies e mesmo gêneros de classes inferiores são, em grande parte, diversos. Particularmente parecia-nos só raramente encontrar aqui aqueles esquisitos opiliões araneiformes, e também as delicadas hespéridas que aparecem em quase incrível variedade de desenho e colorido nas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, dão lugar aqui a grande número de borboletas e mariposas. Os besouros das famílias dos buprestídeos e escarabídeos, que se distinguem entre todas pelas maravilhosas cores de seus élitros são substituídos aqui pelo exército dos cerambicídeos e curculionídeos, que trabalham na destruição das árvores da mata, com singulares ronquidos e chiados. Incrivelmente grande é o número de cassidíneos nas árvores e arbustos das capoeiras, e, excetuando o susto que, por vezes, nos causava alguma cobra de árvore, que tombava juntamente com os bichinhos do galho sacudido, a caçada a esses animálculos era menos perigosa do que nas províncias do Sul, onde encontrávamos muito mais frequentemente grandes escorpiões e lacraias. Também a praga dos carrapatos (*Acarus ricinus* L.) é menos abundante nestas matas sempre úmidas; por outro lado, atormentava-nos aqui pela primeira vez outro bichinho que antes só às vezes observávamos nos nossos cavalos e mulas. O mucuim³ é um inseto microscópico, sem asas, do gêne-

3 O mucuim (*Tetranychus molestissimus*) é, conforme explica Raimundo Morais (ob. cit., vol. II, pág. 70) “quase microscópico, vermelho, vive no capim e nas ervas, ao tempo do inverno. Com o verão duro, desaparece. Produz uma coceira terrível. Quando se volta do campo, é tal a carga de *mucuims*, que se torna necessário fazer uma fricção de álcool para matá-los”. Em Minas Gerais, pronuncia-se geralmente *micuim*. Ali, para arrancar da pele os incômodos carrapatinhos, a fricção é comumente feita com álcool em que se embebe uma regular porção de tabaco forte. Há quem o queira confundir com o *pium*, mas este é maior do que o *micuim*, é mosquito e corresponde ao vulgarmente chamado “borrachudo”. (Nota da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

ro *Trombidium*; vive nos capins verdes e agarra-se com avidéz à pele, onde aparece como quase invisível pontozinho escarlate. Aí ele penetra logo, por meio de sua tromba; morto, permanece com peçonhenta irritação e provoca desagradabilíssima coceira, que dura dois a três dias, e só cessa com a ulceração e eliminação do bichinho. Esta praga, aumentada com a mais elevada temperatura da pele, atormentava-nos a princípio em extremo, em muitas noites de insônia, até finalmente descobrirmos o inimigo pequenino e nos livrarmos dele com repetidas fricções diárias de cachaça, perdendo ele logo a cor vermelha, morrendo por esse líquido.

Aqui, no Pará, também aprendemos a conhecer melhor a malignidade das formigas brancas, térmites ou cupim (*Termes fatale* L.). Uma noite fomos acordados pela sensação de desagradável friagem, que se nos espalhava através do corpo. Apalpamo-nos no escuro, e sentimos qualquer coisa fria e gordurosa ao tato, a qual rastejava sobre a cama. Como foi grande a nossa surpresa, quando reconhecemos, ao acender a luz, nos repugnantes hóspedes, uma coluna daqueles insetos. Num canto do teto do quarto, muito tempo desabitado e não arejado, um enxame de cupins construíra a sua casa de barro, em comunicação com várias outras do lado de fora da habitação, sob o telhado; e todos os moradores dessas construções cheias de caminhos tortuosos, desciam naquela noite pela parede abaixo, até o centro do quarto, talvez porque nós, ao perseguirmos um vampiro, os tivéssemos perturbado. O caminho que eles tomavam, um juntinho do outro, tinha um pé e meio de largura, e os bichinhos seguiam depressa em linha reta, sem se desviarem pela sorte dos que os precediam, mortos por nós com água fervente. Apenas poucos desse enxame possuíam asas e escaparam em parte, com o seu voo pesado e vagaroso; muitos perderam logo as asas, após algum esforço, misturando-se assim com os ópteros. Só ao amanhecer o dia foi que cessou a marcha dos cupins, cujos corpos encheram alguns cestos grandes. Por felicidade, nada encontraram no quarto, que pudesse servir de pasto à sua voracidade, pois todos os objetos de madeira e toda a roupa tinham sido retirados. Somente haviam devorado parte da tinta e parte da tela de alguns quadros a óleo. Os caminhos meio cilíndricos, construídos com uma espécie própria de argamassa, feita de barro, e uma viscosidade produzida pelos bichinhos por meio dos quais as casas deles estão em comunicação entre si e com o solo de fora, eram de 48 pés de comprimento, e pudemos julgar pelo caminhar de alguns fugitivos, que muitos deles se destinavam para cima, outros para

baixo. O cimento mineralo-animal dessas casas dos cupins cujo emprego contra a papeira já citamos, parece que também engorda as galinhas, quando lhes é dado em mistura com fubá de milho. Dispondo de um grande pomar, tivemos também oportunidade de observar mais detidamente do que antes os costumes das formigas. As que se encontram mais abundantes em toda a América tropical, a formiga pequena preta (*Formica destructor* Fabr.), chamada pelos índios *guajugajuá*⁴, abrem no solo covas e caminhos de extraordinária extensão. Uma só dessas colônias, que mandamos escavar, por causa da devastação que faziam nos canteiros dos ananases, ocupava uma área de 190 pés quadrados. Nos dias de sol, em seguida à chuva e trovoadas, vimo-las sair em número absolutamente incrível. As assexuadas atacaram todas as árvores, de preferência as laranjeiras e os abieiros, com grande voracidade; as de asas, machos e fêmeas (*içãs*, dos índios)⁵ que saíram das tocas atrás das outras, elevaram-se em densos enxames no ar e pousaram em árvores mais distantes, cuja folhagem devoraram em poucas horas. Contra as primeiras, empregamos água fervente; contra as outras, uma fumigação narcotizante, cobrindo a fogueira com ramos de solâneas arborescentes. Repugnantes, embora, essas formigas de asas são, entretanto, apanhadas pelos índios, torradas em frigideiras e saboreadas como petisco. Frequentemente surpreendíamos também

-
4. Ainda não teve assento em nossos dicionários de brasileirismos esse nome de formiga, evidentemente de origem tupi. Guaju, quer dizer o “que tem espírito ou ferrão”. E a repetição indica reforço de significação do vocábulo. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)
 5. O autor escreveu *içans*. A *sáuva* ou *sáuba* (segundo Teodoro Sampaio, *ob. cit.*, 264 de *yça-ub* “a formiga mestra” ou de *yçá-yba*, “a formiga das plantas”) é a estragadora *Aecodoma cephalotes*, que levou Saint-Hilaire a dizer que “se os brasileiros não exterminassem essa formiga, ela daria cabo do Brasil”. Além das expressões “formiga-da-roça” (Pernambuco) e “formiga-carregadeira” (Rio de Janeiro), ela é também conhecida pelos nomes típicos de *içá*, *sabitu* ou *savitu* e *tanajura*. Beaurepaire Rohn (*ob. cit.*, págs. 129-30) falando das terríveis saúvas, explica o seguinte: “Às do gênero masculino davam os tupinambás o nome de *sabitu* e às do gênero feminino o de *içá* e esses dois nomes são ainda usuais em São Paulo, bem que, na parte setentrional dessa província, o de *sabitu* esteja ligeiramente alterado em *savitu*. Em Minas Gerais, Espírito Santo e outras províncias, o nome de *içá* foi substituído pelo de *tanajura*, cuja etimologia me é desconhecida.” A etimologia de *tanajura*, segundo Teodoro Sampaio (*ob. cit.*, pág. 268), é do tupi *tāayura*, “a formiga vinda, a que se ala e sai do formigueiro, a formiga grande cheia de ovos”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

um rapaz índio, que havíamos tomado para ajudante de cozinha, acorrido diante de um formigueiro, o qual, usando um bastão de madeira, deixava os bichinhos vir-lhe correndo para a boca. A picada de todas as numerosas espécies de formiga deste país é dolorosa; particularmente maligna, porém, é a de uma espécie negra, bicornuda, chamada pelos índios *tacibura* (*Ana cephalotes* F.) e da maior de todas, que os índios chamam de *tapiái* e *quibuquibura*, e os portugueses de *tocanteira* (*Cryptocerus atratus* F.)⁶. Quando o meu companheiro foi picado, numa excursão, por alguns destes insetos, incharam-se-lhe logo a mão e o braço, até o cotovelo, seguindo-se acesso violento de febre, que durou todo o dia; o fato nos fez crer que se tratava de uma espécie de envenenamento. Como, ademais, são peculiares os humores produzidos e secretados por esses bichinhos, prova-o o cheiro diferente, ora de limão, ora de queijo estragado, ora de ácido fórmico, que elas espargem especialmente quando feridas. Essas diferentes matérias, preparadas pelas formigas, têm provavelmente também parte na singular transformação da madeira, onde elas se aninham, em feltro constante de filamentos finos emaranhados, de que se servem os índios, em vez de isca; eles levam essa massa filamentosa em gomos de bambu fechados. Entre a grande variedade de formigas, há umas até que vivem mesmo nas proximidades da beira do mar, nos mangues. Observamos as suas casas pardo-escuras, constantes de labirintos, dedáleos muito duros, do tamanho de uma cabeça de criança, sempre armadas na parte superior dessas árvores, onde, de certo modo, representam a marcação da maior altura da maré cheia, acima da qual são sempre construídas. Quan-

6. O autor descreve *tocanteira*. A palavra, entretanto, é *tocandira*, que também apresenta a variante de *tucanguira*. Trata-se de uma “formiga preta, de picada dolorosíssima, armada de um ferrão no abdome, é venenosa. Dizem que a mordedura é afrodisíaca e os índios maués dela se servem para prova da fortaleza de ânimo dos mancebos”. À *tocandira* também se referiu Koch-Grünberg, em seu admirável trabalho *Vom Roroima zum Orenoco*. Preocupou-o, sobremaneira, a denominação dada àquela formiga por brasileiros com quem esteve e que a chamavam de “vinte-e-quatro”, porque diziam que a picada da mesma doía durante vinte e quatro horas, e que ele achou exagerado. Martius registrou dois vocábulos indígenas, designativos da *tocandira*, considerando este último apelativo como lusitano (talvez porque a forma, *tocanteira*, por ele empregada, lhe parecesse vernácula): *tapiái* e *quibuquibura*. O primeiro, pelo menos, é demonstrativo da ação afrodisíaca, pelos índios atribuída à famosa formiga, pois é derivado de *tapyá* “testículos”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

do pela maré excepcional são impelidas até o topo das árvores, balançam-se como bolas pululantes, sempre agitadas e quando tocamos de leve o galho, caíram, assustando-nos em nosso barco. Todavia, esta espécie não é das que picam, como tampouco a *tacipitanga*, de que há uma preta e uma marrom (*F. omnivora* F.), a menor de todas, a qual, para desespero das donas-de-casa, procura o açúcar e os doces.

Muitas plantas parecem dispostas, pela própria natureza, para habitação das formigas; assim, sobretudo, as do gênero *Tacoca*. Estes arbustos têm, na parte de cima dos pecíolos, um alargamento vesicular, onde se aninham numerosos enxames de formiguinhas vermelhas; e os galhos ocos da *Triplaris americana* L., esbelta árvore da margem, são frequentemente habitadas por colônias inúmeras de tais bichinhos. Desgraçado de quem quebre casualmente um desses galhos; precipita-se sobre ele um enxame formigante dessas inimigas mordedoras, deixando-lhe a pele toda empolada.

Os hábitos de todos esses animais, entre os quais se distinguem diversos, como a *Atta sexdens* e a *F. atteleboides* F., também por espinhos no protórax, parecem oferecer tantos pormenores interessantes como os das abelhas e deveriam ser digno objeto das investigações de um naturalista residente no país. Se, em consequência de nossas ainda incompletas observações, julgávamos dever crer que, na média, o reino animal, particularmente o dos insetos, aqui era de formas menos delicadas e menos magnífico do que o das províncias do Sul, por outro lado, não se pode negar que numericamente é aqui muito maior. Isto se refere tanto aos insetos, quanto a outras classes de animais inferiores. A quantidade de rãs e de sapos, perto do rio e nas águas que com ele comunicam, supera qualquer previsão. Segundo referem os paraenses, muitas espécies desses batráquios desovam todos os meses, e a ninhada aparece em todas as enseadas tranquilas das águas correntes e nas lagoas, em tão extraordinária quantidade, que, se se pudesse criar à vontade, em breve todo o país ficaria povoado desses repugnantes bichos. Acontece, porém, que, nas súbitas vazantes, ficam depositados na margem grandes enxames deles, e outros são devorados pelos jacarés, por peixes vorazes e pelas grandes aves aquáticas. Os índios apreciam também como saboroso petisco essa criação, a que chamam *juins*, quando meio desenvolvida. Numa excursão fluvial, à margem do Guamá, os nossos remadores de repente precipitaram-se na água, puxaram

para terra a canoa e encheram-lhe a parte dianteira com essas larvas de rãs, que em casa destripavam e depois prepararam com a manteiga de ovos de tartaruga. Todas as espécies desses anfíbios parecem vaguar com certa regularidade, de acordo com as épocas de chuva. Assim que entra a seca das águas rasas, elas dirigem-se em bandos para regiões úmidas ou para as matas. A sua fastidiosa cantoria não cessa um só dia nesses lugares; e os possantes bramidos do sapo-boi, o *juiponga* dos índios (*Hyla boans* L.), ou os plangentes sons do *cutagoá* ou *juigoá* (diversas espécies de *Bufo* e de *Hyla*), que se assemelham a choro de criança, muitas vezes nos acordaram à noite. Os rios caudalosos que banham o Pará criam em grande quantidade todos os peixes saborosos que se conhecem nas outras partes do Brasil; mas não se pesca aqui na vizinhança da cidade com a mesma diligência, como, por exemplo, no Rio de Janeiro. Mesmo muitos peixes do mar, sobretudo durante os meses de chuva, entram rio acima, sobem até longe, e algumas aldeias de índios, sitas na costa do continente como na ilha de Marajó, por exemplo, em Odivelas, Colares, Benfica, se ocupam, naquela época, exclusivamente com a pesca. O mais importante de todos os peixes aqui é, também, o pirarucu, que pesa de 60 a 80 libras. Nas pescarias instaladas para tal fim destripam-no, deitam fora a cabeça e separam-no em duas partes, retirando a coluna vertebral; esses dois lados são cortados em tiras compridas, salgados e postos a secar. A bexiga e o intestino podem, depois de secos, ser utilizados assim como a bexiga do esturjão para cola de peixe. Até agora, porém, este material ainda não foi exportado; e, reduzido simplesmente a pó, serve para clarear o café. O espadarte (*Xiphias*, chamado *aragoagoai* pelos índios e *peixe-serra* pelos portugueses) é pescado embora raramente na foz do Pará e na do Amazonas. Ali também dá na praia âmbar; mas é raríssimo apanhar-se algum cachalote (*Catodon macrocephalus* Lac.) que venha encalhar aqui. Tubarões aparecem frequentemente rio acima, e, com as arraias muito abundantes, tornam arriscado o banho no rio. Estes últimos peixes costumam esconder na vasa a maior parte do corpo chato e lançar a cauda armada de forte agulhão com violência contra seus inimigos. Os ferimentos produzidos são extremamente dolorosos e causam perigosos espasmos. Recomendam os índios para esses casos uma cataplasma feita com a casca de mangue torrada e com o óleo de cocos de diversas espécies de palmeiras. Não raro, também ouvimos falar, no Pará, do perigo a que são expostos os banhistas do rio pelo pei-

xinho *candiru*, e o que se conta dele parece tão fantástico, que quase me acanho em repeti-lo aqui. *Cetopsis* é um gênero de peixes salmonídeos que se distingue tanto pela simples fila de dentes como pela forma truncada da cabeça e os olhinhos sob a pele e apenas transparentes. Uma espécie deste gênero, o candiru da gente do lugar, peixinho da grossura e tamanho de um dedo, tem o costume de introduzir-se, com grande violência e rapidez, nas aberturas do corpo humano. Aí produz o mais doloroso e perigoso acidente, e só pode ser eliminado com grande dificuldade porque estende suas barbatanas. O cheiro das excreções humanas parece atrair esse peixinho, e os índios recomendam, por isso, conter no banho certas necessidades, ou cobrir cuidadosamente certas partes do corpo. Os índios, que nos serviam como remadores, reforçavam com vários exemplos as suas narrativas dessa singular propriedade; porém, como em geral observamos que a crença em fatos inverossímeis e extraordinários, assim como ridículo pavor de fantasma, são traços típicos do caráter daqueles homens, só relatamos este fato depois de certificados da verdade do caso por nosso amigo dr. Lacerda, que foi testemunha ocular de um deles.

Como se só os fatos prodigiosos pudessem impressionar a mente apática desses aborígines, também o assunto das suas narrativas somente tratava das coisas mais esquisitas e do incompreensível, e, ao passo que suportavam com incrível equanimidade todas as pequenas desventuras durante a nossa navegação, lembraram-se de falar sobre a pororoca, a pavorosa e repentina cheia que corre rolando as águas da preamar, como uma parede nos diversos rios da província do Pará, coisa que certamente tanto por sua grandeza selvagem, como pelo inexplicável da ocorrência, deve atrair até mesmo os olhares indolentes. Costumam os índios considerar esse fenômeno como obra dos maus espíritos. A palavra na língua deles significa “mar roncador ou trovejante”. O ponto mais perto para observar a pororoca está no Guamá junto da freguesia de São Domingos, sita à margem oriental do rio (50°5' de longitude oeste de Paris e 1°27' de latitude sul). Para observar o fenômeno naquele local, pusemo-nos a caminho na tarde de 6 de agosto, numa canoa equipada com quatro índios. Apenas havíamos navegado uma hora pelo Guamá acima, por entre margens fechadas de arbustos e árvores baixas, rompeu terrível trovoadas, que nos obrigou a puxar para a beira e ficar ali esperando até o pôr do sol, debaixo de incessante chuva torrencial. Quando começou então no rio o refluxo, e achando-nos

já todos encharcados, vendo diante de nós uma viagem penosa e demorada numa noite nublada, resolvemos regressar ao Pará e adiar para a volta de nossa viagem ao interior a observação da pororoca.

Quase um ano depois, a 25 de maio de 1820, eu sozinho empreendi de novo esta viagem. A 27 era a lua nova e tive, portanto, em toda a plenitude, o espetáculo do curioso fenômeno. Parti do Pará às nove horas da noite, e aproveitou-se, durante o resto da noite, o favorável movimento do fluxo, remando rio acima. As margens do Guamá são baixas, cobertas por toda a parte de matas densas. O rio corre, em geral, na direção de sudeste a nordeste. No meio da distância entre São Domingos e Pará, no ponto onde o menor rio Inhabi, vindo do norte, a ele se reúne, faz uma curva grande para o norte. A sua largura, de 12 a 15 braças, é quase sempre bastante igual; a profundidade variava, segundo as nossas sondagens: nas margens, entre 8 e 12 pés; no meio do canal, entre 12 a 20 pés. Era considerável a maré alta, e pareceu-nos, na sua maior altura, aumentar o nível do rio, por mais de um pé e meio. A sua velocidade, medida com barquilha comum, deu 35 pés por minuto; a velocidade do refluxo subiu a 25. Esta correnteza é considerável em relação a outros rios; parece, porém, aumentar ainda mais além, no curso do Guamá, embora este rio, desta região, enquanto corre para oeste, tenha apenas margens baixas, e só além da vila de Ourém, correndo do sul a norte, faria caminho por entre montes baixos, cobertos de matas. Durante a vazante, como é costume em todos os rios costeiros desta região, paramos, pois o esforço seria demasiado para os nossos remadores, e em todo o caso a viagem precisava ser feita com determinadas pausas. Mocajuba, uma próspera fazenda à margem do rio, nos deu pousada, durante a primeira parte da noite de 26 para 27 de maio. As margens do Guamá são férteis, e dá muito bom resultado ali, especialmente a cana-de-açúcar. Também se nos deparou ali uma grande destilaria de cachaça. Possuem os carmelitas do Pará, ao longo desse rio, diversas fazendas, cujas plantações fornecem ao seu convento todos os produtos de lavoura, ao passo que mandam vir carne e outros produtos de criação das suas fazendas da ilha de Marajó. Com a volta da maré cheia, cerca de uma hora da madrugada, continuamos a viagem, e, às 9 horas da manhã, alcançamos São Domingos, uma pobre freguesia à margem oriental do rio Guamá, acima da confluência deste com o rio Capim, e cuja distância do Pará é avaliada em 16 léguas. O barômetro, à nossa chegada, estava a 27^o9', ao

passo que o termômetro, às nove horas antemeridianas, ao ar livre indicava 25°R., e, na água do rio, 21,5°R. A coluna de mercúrio conservou-se todo o dia em igual altura, e subiu 0,4 linhas só entre uma e duas horas da tarde. Às seis horas da tarde, indicava o termômetro, ao ar, 22°; e na água 20,5°.

A pororoca devia, segundo a regular periodicidade do fluxo e refluxo, ocorrer depois da meia-noite, pois a lua, nesse dia, passava no meridiano um minuto antes da meia-noite, e, por isso, não abandonei um minuto meu posto numa pequena elevação fronteira ao rio, de onde poderia assistir ao espetáculo. A uma hora e meia, ouvi um possante bramido, semelhante ao de uma grande cachoeira; volvi o olhar rio abaixo, e, ao cabo de um quarto de hora, apareceu uma grande vaga de uns quinze pés de altura, como parede que tomava toda a largura do rio, precipitando-se rápida com estrondo pavoroso rio acima, substituindo-se continuamente a massa de água caindo da crista da onda pela enchente atrás. Em alguns pontos, perto da margem, baixava a água na largura de uma ou duas braças, porém logo se elevava de novo mais alta pelo rio acima, onde a vaga geral sem cessar era impulsionada para diante. Enquanto eu estarecido de admiração contemplava essa periódica revolta das águas, de repente afundou-se duas vezes a montanha de água abaixo da confluência do Capim com o Guamá, enquanto inundavam e enchiam largas ondas rasas, pequenos redemoinhos, toda a superfície do rio. Porém, mal se extinguia o estrondo do primeiro avanço, empinavam-se novamente as águas, elevando-se em muralha viva com ronco formidável, e corria sacudindo nos seus fundamentos as margens, continuamente precipitando-se do cume espumante de novo quase tão alta como havia vindo, separando-se em dois braços pelos rios acima, onde em breve desapareceu da minha vista. Todo o fenômeno havia durado menos de meia hora apenas; as águas revoltas, que, entretanto, assim como as próprias ondas da pororoca, não eram de todo turvadas pela lama e estavam então no ponto de maior enchente, foram pouco a pouco ficando sossegadas, e começaram, após igualmente curto prazo, a esvaziar visivelmente, ao começar o refluxo. Os moradores de São Domingos disseram-me que, durante as lunações, os refluxos duravam mais até nove horas; nos outros dias, porém, eram de uma a duas horas mais curtos. O período da baixa-mar, que no rio Pará dura de seis a sete horas e que é seguido por maré alta relativamente longa, prolonga-se, portanto, aqui, pois a onda inva-

sora precisa de uma hora a oitenta minutos para impelir toda a sua massa de água pelo rio acima. A água que colhemos logo após a pororoca não tinha sabor salgado, nem era muito mais turva do que costuma ser normalmente. A pororoca aparece, porém, apenas a uma légua rio abaixo de São Domingos e 12 léguas além, rio acima, nos dois rios, ao passo que as regiões inferiores do Guamá teriam fluxo e refluxo sempre regular, acompanhando em todos os seus fenômenos as vizinhas costas do oceano.

Também nem todos os lugares do curso superior daqueles rios são inquietados pela pororoca; mas, em diversos pontos, que seriam sempre de considerável profundidade, a pororoca afunda como abaixo da confluência do Capim com o Guamá e eleva-se só além, de novo, nas partes supostas mais rasas do leito do rio, a fim de, com igual ímpeto, precipitar-se pelo rio acima. Esses lugares tranquilos são chamados de *esperas* pelos habitantes. Neles, também, em todo o caso, sobe a água, quando a maré enche; mas alcança a maior altura, sem movimento algum impetuoso, em uma e meia até duas horas, depois da maior baixa da água. Essas *esperas* estão a distâncias desiguais e não tão distantes umas das outras que coincidam com os pontos que sofrem, ao mesmo tempo, o maior esvaziamento. Segue-se, portanto, que a pororoca nenhuma influência tem nas regulares vazantes do rio que fazem o seu caminho, independentes da chegada daquela água e de onde se espera poder nivelar. As mais fortes pororocas do Guamá se realizam simultaneamente com as marés altas do litoral, na época da lua cheia e da lua nova, porém particularmente nos meses de março, abril e setembro, portanto nos equinócios. Ainda cheguei a ver, na igreja de São Domingos, os vestígios da devastação causada pelos abalos da pororoca de abril próximo passado. Esta igreja corre perigo de ser arrancada de todo pela pororoca, que solapa a terra na vizinhança, assim como aconteceu tempos antes, quando ficou tão estragada que precisou ser reconstruída quase que a começar dos alicerces. Um simples cálculo da gigantesca massa de água, que aqui se eleva e se despenha, dá a medida da força com que a pororoca abala as margens, e aniquila tudo que se acha no seu caminho. Uma muralha de água de 80 pés de largura e 15 pés de altura, com a espessura de dois pés, consta de 2.400 pés cúbicos, ou calculando o pé a 70 libras, tem o peso de 1.680 quintais. Avaliando a velocidade, como numa tempestade, a 60 pés por segundo, deve a *quantitas motus* dessa massa de água montar

a 100.800 quintais. Árvores, rochas e outras coisas, com que a pororoca topa no caminho, são arremessadas para o alto, com impetuosidade de temporal e com igual velocidade precipitada no abismo cavado. Quando a pororoca corre entre margens de altas matas, desarraiga as mais fortes árvores e derriba-as depois com tanta violência no leito do rio, que este, sem sofrer estorvo algum, continua a correr por cima. As margens arenosas são com tal impetuosidade batidas, que parecem ter sido cuidadosamente alisadas. Muitas canoas têm sido afundadas pela pororoca, perdendo-se a equipagem e toda a carga; porém, depois que se conhecem os períodos em que ela aparece, procura-se abrigo nas esperas, onde a embarcação não pode ser apanhada pelo fluxo passando. A única precaução que se costuma tomar ali é a de segurar a canoa, não com âncora no leito do rio, mas amarrando-a com o cabo a uma árvore, a fim de que, ao repentino altear do nível da água, ela não fique retida embaixo. No rio Guamá, a pororoca é mais forte do que no Capim; além desses, como já mencionamos, o fenômeno também sucede no rio Mearim, e igualmente no Marapani, no Moju e na costa da província norte, nos rios Jari, Anauirapucu, Aruari, Maracari e Aricari, onde parece que se eleva às vezes até 20 pés de altura. (**Nota II.**)

O vento leste, chamado *vento geral* pelos navegantes no interior porque sopra grande parte do ano, já se havia estabelecido nos últimos dias de julho, e soprava quase incessante de manhã até dez horas, e das três pós-meridianas até tarde da noite. Era-nos, pois, muito conveniente aproveitar este vento favorável, que costuma durar até setembro ou outubro, e graças à benévola solicitude do Sr. conde de Vila Flor, — que pôs à nossa disposição um barco real e mandou armá-lo, para o nosso especial uso, no arsenal, sob a imediata fiscalização do intendente, Sr. João Antônio Rodrigues Martins, — já a 15 de agosto podíamos começar a carregá-lo com as provisões e outros objetos. A embarcação, para nós destinada, carregava novecentas arrobas e era bem menor que as comuns canoas de comércio, que trazem mercadorias do interior e transportam de três a cinco mil arrobas. Tinha um convés, quase à altura das bordas, coberto nos dois terços dianteiros da canoa, com fortes pranchas no meio e realçado horizontalmente dos lados. A proa era munida com chapa de ferro e com um castelo para servir de cozinha. Na popa, estava a cabine com espaço suficiente para nela dependurarmos as nossas duas redes. À sua frente, quando se quer, pode-se encaixar ou retirar um

curto mastro com vela quadrangular. O leme gira num tabique, na parede de trás da cabine, em cujo teto fica o piloto (*jacumaíva*)⁷. Os oito remadores índios, quatro de cada lado, sentam-se no canto horizontal do convés abaulado; os seus compridos remos estão amarrados num laço de cordas de cipó a postes fixados verticalmente ao longo do convés. Tinha a embarcação uma âncora principal e outra de emergência, das quais só se faz uso, entretanto, na parte inferior do rio, pois é mais seguro prender a canoa nas árvores da margem. As provisões de boca para a tripulação que constavam de vinte balaios de farinha-d'água, trinta arrobas de pirarucu salgado, alguns barris de biscoitos, um barril de cachaça e seis balaios de sal, foram arrumadas embaixo do convés da proa. Para nós, levávamos biscoitos, farinha, arroz, presunto, chouriço, carne salgada, manteiga, açúcar, café, chá, vinho, aguardente, medicamentos, munição, tudo disposto embaixo da cabine. Levamos, ademais, uma grande rede de pescar, e considerável quantidade de objetos, que nos haviam sido recomendados para permutar com os índios, isto é: machados, facões, canivetes, anzóis, espelhos de Nuremberg, tecidos de algodão grosseiro (branco, azul e listrado), chitas, miçangas. Todas essas coisas foram guardadas numas sólidas malas portáteis, colocadas igualmente na proa do barco. Como era nosso plano não nos limitarmos só aos caminhos habituais do comércio do Amazonas, mas também procurar tribos afastadas, talvez inamistosas, ofereceu-nos o próprio governador uma guarda militar. Aceitamos esse benévolo oferecimento com grande satisfação, pois S. Exa. nos avisou da necessidade de contermos em rigorosa disciplina os índios remadores, por meio dessa escolta, assim como de exigir o cumprimento das ordens, que ele dera às autoridades, para que, onde necessário, nas vilas, nos fornecessem novas *equipes de remadores*.

Desde La Condamine, cuja narrativa de viagem tínhamos felizmente recebido, ainda ninguém havia escrito sobre o rei dos rios, que o soubéssemos; e nós mesmos, aqui perto da sua foz, debalde procurávamos escl-

7. *Jacumaíva* (ou *jacumaíba*), de que há ainda a variante *jacumaiba*, é a designação típica do piloto das montarias e das pequenas embarcações que navegam no Amazonas. Vem de *jacumã*, nome que passou de remo ou leme para significar a própria canoa e até as balizas de pescaria. José Veríssimo (*Revista Amazônica*, vol. I, pág. 90) diz que o termo *jacumaiba* caiu em desuso no Pará, “sendo substituído pela expressão *homem do jacumã*”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

recimentos sobre ele e chegamos a pensar que ainda predominava o mesmo caiporismo, que tinha privado à curiosidade da Europa quase meio século da primeira relação minuciosa. Como se sabe, já no ano de 1641 fora publicado em Madri o *Descubrimiento del gran Rio de las Amazonas*, de Acuña; mas, devido à política ciosa de Filipe IV, tinha sido destruída essa obra, à exceção de dois exemplares, de sorte que, só pela tradução de Gomberville em 1682, se tornaram conhecidos os resultados científicos daquela memorável viagem. A primeira grande expedição dos portugueses ao Amazonas, onde Pedro Teixeira comandou uma flotilha de 45 canoas e 900 homens, nos anos de 1637-1639, até o rio Napo, é gabada pelos Paraenses como equivalente das heroicas façanhas de um Vasco da Gama e de um Afonso de Albuquerque; porém a relação dessa viagem (nos *Anais do Maranhão*, de Berredo pág. 288-322), que tivemos ocasião de confrontar na própria capital do Pará, não nos deu nenhum esclarecimento geográfico. É antes como também a descrição de viagem do padre Acuña (companheiro do Teixeira na volta de Quito), um assunto de pesquisa histórica; pois embora essas expedições não estejam ainda três séculos atrás de nós, não se encontram mais os nomes de numerosas povoações e tribos, nem nos mapas recentes, nem na boca do povo; já foram quase todos substituídos por nomenclatura nova. Sim, todo o quadro das terras percorridas, que aqueles viajantes no intuito de darem maior valor aos seus descobrimentos apresentam com cores brilhantes, adornados com um sem-número de fábulas, que excitavam a imaginação da Europa, especialmente naquele período, agora que nos achávamos na sua vizinhança afigurava-se-nos inteiramente diferente. Tanto mais bem-vindas nos seriam por isso notícias mais recentes; porém só ouvimos contar generalidades acerca das viagens dos portugueses: soubemos que, em 1749, havia partido uma expedição militar do Pará, e, depois de uma viagem de nove meses pelo Amazonas, Madeira e Guaporé, tinha chegado ao arraial de São Francisco Xavier, de Mato Grosso. Sabíamos que o governador Mendonça Furtado havia feito, em 1754, uma viagem com grande comitiva até Mariuá, no rio Negro, e visitara então todas as missões, particularmente as dos jesuítas. Das quatro viagens de visitação, que o bispo dom Caetano Brandão tinha empreendido nos anos de 1784, 1787 e 1788, apenas pudemos obter vagas notícias, que não concordavam em nada, a não ser nas canseiras com que o digno prelado tivera de arcar. Não eram mais completas as notícias acerca das viagens da última comissão de limites, chefiada por João Pereira

Caldas, que, acompanhado por diversos astrônomos, geômetras, desenhistas e pelo naturalista dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, realizara em 1781 ao interior da província, e, juntamente com o comissário de limites, espanhol, D. Francisco Requena, havia passado alguns anos (até 1786) em Ega e no rio Negro. (**Nota III.**) Somente quando de regresso a Pará, em abril do ano seguinte, recebemos a cópia de uma relação hidrógrafo-etnográfica, escrita por volta de 1786 por um vigário-geral do Pará, José Monteiro de Noronha, e que nos teria sido de grande utilidade durante a própria viagem.

Dispúnhamos, portanto, além do mapa feito por ordem da Academia Francesa, apenas do mapa geral da América do Sul, de Arrowsmith, e não informados nem a respeito do caminho a tomar, nem acerca das águas navegáveis e outras circunstâncias importantes, numa viagem tão prolongada e arriscada, entregues inteiramente ao alvitre de um índio, nosso piloto. Tanto mais sinceramente nos devíamos, portanto, felicitar, quando o nosso amigo, capitão Zani, que já havia realizado sete viagens no Amazonas, prometeu concluir a tempo seus negócios na capital, para alcançar-nos, um mês depois de nossa partida, em Santarém, de onde íamos viajar em sua companhia, até o rio Negro.

A singela confluência das águas do Amazonas com as do Tocantins, que vazam cada um na sua foz entre o labirinto de inúmeras ilhas, oferece três diferentes caminhos, para, ao sair do Pará, alcançar-se o grande rio. Para os maiores navios, é aconselhável descer pelo rio Pará abaixo, dobrar o cabo Magoari e tomar, entre as ilhas Mexiana e Caviana, o caminho para Macapá, e daí seguir rio acima. Entretanto, esse caminho é perigoso para navios de toda a espécie, porque os bancos de areia existentes nas proximidades daquelas ilhas, e os da foz, mudam frequentemente de lugar, e as águas são bastante revoltas. O segundo roteiro é o que se toma no rio Pará, entre a ilha de Marajó e o continente, na direção de sudoeste, depois pelo Tagipuru para o norte, levando os viajantes ao rio Amazonas, abaixo de Gurupá. Também este caminho, o mais curto de todos, é arriscado, por causa dos numerosos bancos de areia, escolhos, desigualdade da correnteza, e somente o tomam as embarcações, cujo tamanho não permite a passagem pelo chamado Igarapé-mirim. É este um canal, como propriamente diz o seu nome, navegável só para pequenos barcos (igaras), ao interior do continente, e liga, na direção de Noroeste, as águas do Moju com a foz do Tocantins. Os viajantes que preferem navegar nele, saindo de Pará, seguem pelo rio Moju, e evitam as-

sim os perigos do rio Pará, entre a costa meridional de Marajó e as margens baixas do continente. A esses dois primeiros caminhos fluviais chamam os paraenses *por fora*, e ao último, *por dentro*; a este escolhemos também nós, para maior segurança. A nossa canoa foi levada do arsenal para o porto, onde ainda introduzimos nela mais umas pequenas coisas para uma demorada expedição, que, embora nos promettesse tantos prazeres, todavia não deixava de inspirar, de antemão, bastantes apreensões.

NOTAS DO CAPÍTULO II

I – Como acontece no litoral, todos os maiores rios do Brasil também têm nas suas margens uma vegetação característica, que se distingue tanto pela feição própria de suas plantas individuais, como pela impressão geral que produzem na paisagem. Assim, predominam, no rio São Francisco, a *Hermesia castanaefolia*, de folhagem verde-azulada e galhada a modo do salgueiro; os cepos em forma de varas, da *Rhabdia lycioides*; a aérea *Triplaris pachauí*, com sussurrantes cachos de frutos; a *Sapindus saponaria*, de copa e folhagem escura; crótons de folhas grandes; ou, aqui e acolá, bosques claros de acácias de fina folhagem e a canafístula (*Bactrylobium grande*), de flores douradas.

Por outro lado, as margens pedregosas do rio Doce são adornadas com arbustos semelhantes ao salgueiro de diversas espécies de *Cnemidostachys* ou com lustrosas mirtáceas e os caniços oscilantes das ubás (*Gynerium parviflorum*), cujas partículas esvoaçam ao vento como penachos. Assim, figuram aqui na bacia inferior do rio Pará, isto é, no arquipélago em torno da ilha de Marajó e nas embocaduras dos rios que nele deságuam, formas inteiramente diversas. Já a planura e baixeza das margens, que apenas se elevam alguns pés acima do leito do rio, transforma o cenário, e, com a presença dos manguezais, conferem outra feição. Pelo fato de se debruçarem as árvores baixas e os arbustos da margem até longe por cima da água, e formarem até a altura de quinze e mais pés, como que uma ourela fechada da mata virgem, no interior das terras, escondendo os troncos despidos e em parte enlameados pela vasa do rio, concorrem muito para caracterizar a feição dessas margens. Além disso, a abundância das palmeiras é que, sobretudo, empresta um cunho singular a essas zonas. Muitas dessas nobres plantas se elevam aos ares, separadas e esbeltas, a mais de cem pés; outras, particularmente as palmeiras de espinho *Bactris*, têm pequena altura e reúnem-se em moitas fechadas; umas poucas, igualmente menos altas, porém de folhagem densa, se tornam notáveis pela grossura do tronco, em que os restos dos pecíolos oferecem arrimo a um sem-número de fetos e de outros parasitas. Bem junto da margem e às vezes espalhados até longe acima da superfície do rio, crescem várias espécies de ingazeiros, que se distinguem tanto pela densidade da folhagem pinada, como pelos cachos em penacho de suas delicadas flores e pelo tamanho das vagens de seus frutos. Entre eles, estão *Dalbergias*, *Sloaneas*, de folhas largas, a *Schousboea* e *Poievrea*, com os seus suntuosos cachos de flores, às vezes de côvados de comprimento. Mais para dentro, aparecem os inúmeros arbustos das pimenteiros, *Justicias*, de grandes flores, *Gustavias*, toda a sorte de espécie de *Solaneas* e *Tabernae montanas*, trançadas com as espessas cortinas das *Feuilleas*, Bignônias e Cucurbitáceas, num labirinto impenetrável. Os vestígios de passadas inundações

estão ainda visíveis nos troncos de árvores e arbustos; junto com as moitas fechadas dos manguezais, nos quais moram inúmeras formigas e mosquitos, dão a este território feição inóspita, sinistra, que, embora variando pouco a pouco, quanto mais se sobe pelo Amazonas, mais ou menos predomina por toda a parte essa vegetação marginal do rei dos rios.

II – Os poucos fatos que conseguimos apurar, infelizmente não são suficientes para neles basear uma explicação válida em geral do fenômeno, e temos que deixar para os físicos, depois de examinarem alguns anos seguidos todas as localidades e a periodicidade de fluxo e refluxo, de dar uma explicação completa.

III – Para dar ao leitor um resumo dos nossos predecessores no rio Amazonas, cito aqui em breve aqueles viajantes dos quais achamos notícias nos livros que consultamos.

A geografia desse rio e dos seus afluentes deve a maioria das informações às numerosas expedições que antes foram feitas, sem interrupção, do Pará para o interior, a fim de caçar índios ou colher os produtos naturais às margens dos rios. As experiências, alcançadas desse modo, formavam o conhecimento tradicional, que pelos cientistas viajantes foi anotado da boca do povo. Também, as colônias do sertão, fundadas ora por colonos individuais, ora pelos missionários, deviam ter concorrido consideravelmente para esclarecer a geografia daquela região. Os progressos nesse sentido se conheceriam com mais segurança pela comparação dos dados cronológicos da fundação e das mudanças tão frequentes aqui dos povoados. Como me falta, entretanto, o material para esta última, posso apenas citar, além das viagens descritas, umas poucas daquelas expedições.

1541 e 1542 – *Francisco Orellana* separa-se em fins de dezembro de 1541 de Gonçalo Pizarro, navega no Coca abaixo, entra no Napo, e deste passa-se para o Amazonas, cuja foz ele alcançou a 11 de setembro de 1542, a ilha de Cubagua.

1560 – *Pedro de Orsúa* empreende o descobrimento do rio Amazonas partindo de Cuzco; foi, porém, assassinado, durante a expedição, pelo tirano *Lopez de Aguirre*, que continuou a viagem até a foz, de onde se dirigiu para a ilha Margarida. O caminho tomado por Aguirre não foi com segurança determinado. Acuña refere-se a uma comunicação do Amazonas pelo rio Negro com um rio situado mais ao norte pelo qual Aguirre chegou ao oceano. Diz ele, porém, expressamente, que esse rio não é o Orinoco. O próprio Aguirre conta a sua viagem na famosa carta ao rei Filipe, da qual pude tirar cópia em Madri, e que foi, em resumo, citado pelo Sr. von Humboldt, do seguinte modo: “Fizemos jangadas, deixamos cavalos e bagagem atrás e navegamos pelo rio abaixo, correndo sérios perigos, até que chegamos a um golfo de água doce. Desde o lugar, onde a primeira vez embarcamos, navegamos trezentas léguas.

Nesse rio Marañón, ficamos durante mais de dez meses e meio até a sua foz, onde se lança no mar; fizemos exatamente cem dias de viagem, e percorremos mil e quinhentas léguas. É um rio grande e terrível; tem na embocadura oitenta léguas de água doce, são grandes os seus baixios e tem 800 léguas desertas, sem população de espécie alguma, como Vossa Majestade verá na muito verdadeira relação da viagem que fizemos. Tem mais de 6.000 ilhas. Só Deus sabe como saímos dessas terríveis águas...” Esta narrativa discorda, portanto, da de Acuña, descrevendo como desabitada a região, ao passo que este último se refere a uma incrível população marginal.

1635 – Os irmãos leigos *Domingos de Brito* e *André de Toledo* chegam depois da morte de Juan de Palacios, que tinha empreendido expedição partindo de Quito para descobrimento do rio, com seis soldados no Pará.

1637-1639 – O capitão-mor *Pedro Teixeira* conduziu uma flotilha portuguesa pelo Amazonas até o Napo e, por este acima, até o Peru; chegou a Quito; e daí regressou ao Pará, trazendo em sua companhia Cristoval de Acuña e André de Artieda.

Por essas viagens, os portugueses tomavam conhecimento das embocaduras de todos os grandes rios que deságuam no Amazonas. Notícias mais minuciosas sobre o curso deles e sobre as comunicações dos seus inúmeros canais obtiveram-se daí em diante, sobretudo pelas expedições que guerreavam os índios ou os traziam como escravos às colônias portuguesas.

1689-1691 – *Samuel Fritz*, jesuíta da Boêmia, que, durante quarenta anos, foi missionário em Mainas e havia fundado numerosas missões espanholas no Marañón, a leste de Mainas, até a foz do Japurá, viajou por esse rio abaixo. Em Pará foi retido durante um ano pelo governador; mas, finalmente, por ordem do rei, foi-lhe permitido regressar a Quito. Ali foi gravado o mapa do rio por ele desenhado (1707). Os jesuítas de Quito tinham quatro missões entre os cambebas, no alto Solimões. Para a expulsão dos mesmos, foi organizada, em 1708-1710, uma expedição portuguesa no Pará. Neste último ano, foram também os jesuítas do Pará incumbidos de fundar uma missão no Javari. Aí se limitava, de fato, o domínio português a oeste, e pode-se assumir que o ano de 1710 foi o momento em que eles possuíam a noção geral geográfica do curso do Amazonas.

1743 – A 4 de julho, embarcou *La Condamine* em Jaen de Bracamoros e, a 19 de setembro, chegou à cidade do Pará. De todas as viagens feitas no Amazonas, sendo a mais curta, foi, no entanto, esta a que deu os maiores resultados para a ciência.

1749 – *Godin des Odonais*, igualmente membro da expedição para medir os graus sob o Equador, viajou de Quito, pelo Amazonas abaixo, até Pará e Caiena.

1749 – Uma *expedição militar* partiu do Pará pelo Amazonas e Madeira acima, para a aldeia de São Francisco Xavier do Mato Grosso. Esta viagem foi descrita por um dos seus participantes, incumbido das observações científicas.

1753-1755 – Nesses anos fez o Governador do Estado, *Mendonça Furtado*, que também era encarregado da determinação dos limites, aquela viagem de investigação do Amazonas tão notável na história da ordem dos jesuítas, cujos documentos serviram para acusá-lo em Lisboa. Na mesma época achava-se no Amazonas, isto é, na Vila de Borba, à margem do Madeira, um jesuíta alemão Anselm Eckart, que transmitiu muitas notícias suplementares acerca daquelas regiões.

1774-1775 – O ouvidor do rio Negro, *Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio*, fez nesses anos uma visita de inspeção pela sua província. A sua descrição foi publicada só mais tarde (1825) pela Academia de Lisboa. Muitas observações geográficas e etnográficas tornam preciosas essas notícias.

1784-1787-1788 – Nesses anos fez o bispo do Pará, d. Caetano Brandão, quatro viagens de visitação por grande parte de sua diocese, que compreendia não só as províncias do Pará e do Rio Negro, em toda a sua extensão, como também ainda a vigararia-geral de São Félix, em Goiás, atualmente parte da prelazia de Goiás. Na primeira viagem, visitou d. Caetano Brandão alguns lugares do continente, ao sul de Marajó, uma parte dessa ilha, Macapá e as povoações da margem setentrional do rio Amazonas até Monte Alegre, depois as Vilas do Porto de Mós, Gurupá e Cametá; na segunda viagem, percorreu os povoados à margem direita do rio Pará até Cintra, os pontos mais importantes da ilha de Marajó, e também Cametá. Na terceira passou pelos povoados do Guamá, no litoral, a leste de Pará e do rio Capim. A última expedição seguiu pelo Amazonas e Solimões acima até Alvarães e pelo rio Negro, até Lamalonga. Provavelmente, ao menos em parte como resultado dessas viagens de visitação pastoral, deve-se considerar um manuscrito anônimo, que foi tirado do *Jornal de Coimbra* do ano de 1820, devendo ser da autoria do vigário-geral e (na ausência de d. Caetano Brandão) provisor do bispado, José Monteiro de Noronha: o “Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as últimas Colônias dos Domínios Portugueses em os rios Amazonas e Negro”. Sem contestação, é esta pequena obra a de maior valor das escritas em língua portuguesa sobre a etnografia e geografia dessas terras e à mesma devo eu muitas informações para a nossa narração de viagem.

1781-1791 – Embora a *demarcação entre o Brasil e os domínios espanhóis limítrofes*, nessas latitudes, já houvesse sido levada adiante no ano de 1755, do lado português pelo governador do Pará, Mendonça Furtado, e do lado espanhol por d. José Iturriaga, acompanhados de grande comitiva de militares e astrônomos, ao ponto de que, baseando-se nela, foi possível chegar à conclusão geral do tratado de Santo Ildefonso, em 1776; ainda se julgou necessária uma de-

terminação mais rigorosa, por meio de exatas observações astronômicas e melhor conhecimento das respectivas bacias de rio. No governo de Martinho de Sousa¹, veio, portanto, uma grande expedição de Portugal, a fim de, conjuntamente com os comissários espanhóis, a cuja testa estava o então governador de Mainas², d. Francisco Requeña, estabeleceram definitivas demarcações dos limites entre as províncias do Rio Negro e Mato Grosso e os domínios castelhanos.

No rio Negro foram continuados os estudos até o ano de 1791 pelo dr. José Simões de Carvalho e pelo engenheiro José Vitório da Costa. A este último, que tivemos o prazer de conhecer no Pará, depois de ter ele deixado a administração exemplar de muitos anos da província do Rio Negro, devemos os mapas do rio Negro e do Solimões, sobre os quais se baseou o mapa geral da América do Sul³.

Ainda até hoje persiste a lembrança dessa expedição entre os habitantes da província do Rio Negro. A estada de tão grande número de estrangeiros ilustres, alguns dos quais, como o dr. Fr. Requeña, passaram com suas famílias muitos anos em Ega, teve influência benéfica sobre a vida comercial e industriosa dessas solitárias paragens; para os índios, porém, foi funesta essa demora dos trabalhos, porque para servirem à expedição, eram requisitados em muito grande número e retirados do seio de suas famílias e da lavoura.

1791-1794 – Nesses anos fez o *Padre Narciso Girval* diversas viagens no Ucaiale. O resultado delas está em parte anotado num mapa de Marañón que devemos à bondade de d. Filipe Bauzá.

1799-1804 – A viagem do Sr. von Humboldt, tão rica em magníficos frutos para a ciência, também cita o Marañón, cuja altura acima do nível do mar ele mediu em Pongo de Retama, achando 194 toesas.

-
1. Martinho de Sousa Albuquerque governou a capitania do Grão-Pará desde 1780 até ser substituído por d. Francisco de Sousa Coutinho, em 1790. (Nota da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.)
 2. Naquela época nome da província do Peru, vizinha com o Brasil. (Nota da rev., Ed. Melh.)
 3. É muito lastimável que não foi publicado relatório algum sobre o trabalho desta comissão.

.....

Capítulo III

VIAGEM DE BELÉM DO PARÁ, PELO ARQUIPÉLAGO, AO RIO AMAZONAS,
E, NESSE RIO, ATÉ O ESTREITO DE ÓBIDOS

A 21 de agosto, mal raiou o dia, partimos de nossa bela chá-cara, e, às 9 horas da manhã, embarcamos. O intendente do arsenal, Sr. Antônio Rodrigues Martins, que nos tinha auxiliado nos preparativos da viagem com interesse científico, e todos os nossos amigos europeus acompanharam-nos até o barco. Havia-se marcado a partida para as 10 horas, a fim de nos aproveitarmos tanto do vento marítimo, quanto da maré, que subia. Após uma hora, tínhamos passado pela foz do Guamá, alcançando a parte meridional da bacia do Guajará; entramos então no rio Moju, que se lança por uma embocadura de mais de 700 braças, num mar de água doce. As margens deste majestoso curso de água, da largura de uma milha alemã, são por toda a parte cobertas do verde de densa mata e estendem-se até a foz do Acará em grandes enseadas, depois porém estreitam-se a 50 a 60 braças. Uma viagem de sete horas levou-nos ao engenho de Jacuarari, a linda propriedade de nosso hospedeiro, Sr. Ambrósio Henriques, que já havia dado ordens para nos acolherem alguns dias. Em todo o Pará, esta fazenda, que aproveita a cana plantada nos arredores para fabricar açúcar

e particularmente cachaça, tem fama de maior eficiência e elegância, e, de fato, ainda não havíamos visto outro engenho que lhe pudesse ser comparado. A usina muito espaçosa e alta acomoda um grande engenho, de cana e acessórios, um pilão para socar arroz, e os alambiques construídos segundo o modelo inglês. Um riacho bastante considerável, que ao mesmo tempo fornece água potável para os habitantes e movimenta a máquina. A aguardente, cuja produção monta anualmente a 1.500 pipas, é conservada no pavimento térreo de uma casa grande, em monstruosos troncos ocos de angelim. A morada do administrador é contígua à usina e liga-a com a casa do proprietário, de extremo bom gosto, que, de sua ensombrada varanda, goza da alegre vista do rio tranquilo e de suas margens cultivadas. Atrás do engenho, estão dispostas duas filas de casas pequenas para os escravos, cujo asseio e boa aparência física são a melhor prova do tratamento humano que aqui recebem. Jacuarari era antigamente uma fazenda e casa de recreio dos jesuítas. Eles haviam feito uma plantação de cacauzeiros, a qual, devido ao solo de barro esbranquiçado, impróprio para essa cultura, não prosperou bem, e, por isso, foi abandonada. Ainda encontrei uma única caneleira, plantada por um dos padres 70 anos antes, e agora inteiramente abandonada, mas ainda se conservava viva. Os arredores imediatos do engenho foram transformados em campinas, onde se elevam, espalhados, alguns troncos da majestosa palmeira inajá (*Maximiliana regia* M). A um quarto de hora rio abaixo, havia o fazendeiro, amigo de construir, erguido uma pequena capela e com ela dignificada a natureza conquistada por sua atividade. Quem nunca observou quanto pesam no ânimo dos habitantes as matas virgens, não pode compreender tampouco a sensação de alegre tranquilidade que produzem nos colonos as vistas abertas.

As margens do Moju prestam-se para qualquer espécie de cultura tropical; além da cana, também há ali café, mandioca, milho e arroz. Como de grande vantagem, gabou-nos o administrador o poder empregar na lavoura exclusivamente os numerosos escravos pretos da fazenda, pois os índios da vizinhança, quase que só ocupados com a pesca e as suas pequenas roças e dominados pela invencível aversão ao serviço dos brancos, não podiam ser empregados com segurança. Vivem esses índios em número assaz considerável na ilha baixa, formada pelo desaguadouro do Tocantins, o Moju e o Igarapé-mirim, em duas vilas: a do Conde e a de Beja. Devem essas povoações a sua existência aos jesuítas, graças aos quais se juntaram ali

índios das tribos dos tupinambás, nheengatbas, mamaiamases e, mais tarde, famílias dos toquiguarás, que desceram do Tocantins¹. A princípio, chamavam-se Murtigura e Sumaúma. Todas essas tribos misturaram-se e perderam os seus traços distintivos, consistindo sobretudo nos seus diversos dialetos. Eles falam todos o português, e, como os índios das costas do Maranhão e da Bahia, adquiriram certo grau de civilização. Digno de nota é que os índios das costas, que ficaram entre os europeus, primitivamente se dedicavam à navegação e à pesca, nas suas pequenas igaras e ubás, ao passo que as tribos caçadoras do interior do continente permaneceram no seu estado selvagem, e sempre vão recuando para mais longe. Desde muito tempo, não fizeram estes últimos invasões nas colônias destas regiões. Nas enseadas do Moju, aparecem enguias elétricas, e contam-nos que há poucos anos, um mulato foi morto no banho pelo choque descarregado por um desses curiosos peixes. Fizemos grande esforço para apanhar um deles com a rede, que havíamos mandado fazer na vila de Vigia, com fortes fibras de palmeira. Foi trabalho perdido. A única presa foi uma tartaruga, a matamatá dos índios (*Chelys fimbriata* Spix). A fantasia de um *Breughel* não poderia criar animal mais feio do que esta tartaruga pardo-escura, com apêndices carnosos no pescoço e na cabeça e que aparece aqui, não raramente, nos rios e nas águas paradas do estado, só sendo comida, por causa de seu aspecto horrível, pelos índios que têm menos nojo.

O rio Moju participa de todos os movimentos periódicos do fluxo e refluxo e da pororoca, que ocorrem no rio Pará, e esses fenômenos se dão aqui cerca de oitenta minutos mais tarde do que na cidade. A maré enche durante seis horas e vaza em cinco. Na lua nova e na lua cheia de agosto, sobre a preamar das sete horas e 45 minutos até às 8 horas. As mais altas marés cheias, de 10 a 12 pés, ocorrem no mês de março. As mesmas ocorrências nas embocaduras do Tocantins nada influem nos movimentos

1. Os jesuítas chamaram suas missões modestamente de aldeias ou missões; depois de sua expulsão, a maioria daquelas povoações foi elevada a vilas, apesar de que grande parte da população tenha se perdido. Também os antigos nomes, quase todos de origem indígena, foram mudados por outros, de maneira que agora será em muitos casos tanto mais difícil achar um vestígio dos primitivos fundadores, que os escritores portugueses evitam quase propositalmente qualquer lembrança deles.

das águas do Moju, do que podemos concluir que as águas do primeiro não correm pelo Igarapé-mirim para o Moju.

A 26 de agosto, cerca das 10 horas da noite, deixamos o aprazível lugar de Jacuarari (“rio dos cães”), e seguimos, favorecidos pela maré alta, pelo Moju acima. O rio corre, em geral, de sudoeste para nordeste. Na manhã do dia seguinte, achamo-nos em Jacari (“rio dos jacarés”), numa fazenda com pequeno engenho para fazer açúcar e destilar aguardente. Também se cultiva algum cacau; e vimos secar as cascas do fruto e reduzirem-nas a cinza, a fim de preparar sabão da potassa com sebo de boi ou azeite de andiroba. A região baixa e úmida é coberta de tão densa mata, que não podemos estender muito a nossa excursão. O fazendeiro havia amansado uma anta, que andava como um porco pelo pátio da fazenda e, sem o menor vestígio de medo, nos farejou com a tromba móvel. Era um macho da cor comum cinza-escuro. Durante os três anos em que se achava ali, havia-se observado que, sempre no início do tempo das chuvas, ficava indomável e bravo, talvez por impulsos de cio. Uma vez, nesse período, chegou até a fugir; porém, alguns dias depois, avistaram-na muito perto da fazenda, onde se deixou apanhar docilmente. Os porcos, com os quais essa anta se associava de boa vontade, pareciam ter-lhe medo. Aqui também nos aproveitamos do fluxo, para o prosseguimento da nossa viagem. Embarcamos na canoa, às 8 horas da noite, antes de encher a maré; remamos durante duas horas com bastante esforço, e depois com a cheia favorecidos rio acima. A 28 de agosto, antes do amanhecer, fomos acordados por fortes estalos de galhos que se partiam e caíam. Achávamo-nos acima da fazenda Catimbau no começo daquele canal o Igarapé-mirim que liga o Moju com as águas do Tocantins. Essa entrada é tão estreita que a nossa canoa só lentamente podia seguir adiante entre as margens de mato fechado, e tínhamos que cortar a machado os galhos que não cediam à pressão. Canoas grandes com mastros altos só correndo risco transpõem a primeira meia légua do trecho apertado; e, antes do alargamento artificial, executado no governo de d. Francisco de Sousa Coutinho, precisavam para essa viagem de poucas horas às vezes alguns dias. Na entrada a água é durante um quarto de hora tão rasa que, sobretudo com embarcações, só se passa com a cheia da maré, e nos anos de seca, na ocasião da vazante, quase fica sem água; mais ao oeste, porém, o canal se aprofunda de repente, e muitos canais laterais se comunicam com ele, em todas as direções. Quando o sol nasceu, iluminou um espetáculo nunca visto. O canal, conservando-

-se quase sempre na direção O.N.O., alarga-se aqui e acolá em profundas enseadas, separa-se, correndo por entre pequenas ilhas baixas, ou se estreita à largura de um rio mediano. Além das águas bastante escuras o olhar não encontra senão o verde vicejante que ora se arqueia, em pérgula, acima da canoa, ora pende balançando em guirlandas entre as altas árvores das margens, ora se trança em impenetrável cerca, não deixando a descoberto nem a largura de um pé do solo. Inolvidável é para mim a impressão desses jardins aquáticos, nos quais a vegetação se ostenta em toda a sua grandeza. Por entre a lustrosa folhagem das hipocráteas, das avicêneas, da *Myristica sebifera*, aparecem os grandes cachos escarlates da *Schousboea*, os aparatosos sarmentos de bignônias de ouro e rosadas, as grandes panículas das erismas roxas (*E. floribundum* M.), ricos ramalhetes das dabérgias e andiras e do *Macrobium bifolium*, as estrelas amarelas das sloâneas e as gigantescas flores da *Carolinea princeps* cujos galhos, estendidos, a custo conseguem sustentar acima do rio os frutos pentágonos, do tamanho de uma cabeça, cheios de amêndoas. Por espessos grupos de árvores, por entre os quais se elevam os esbeltos troncos das palmeiras paxiúba, bacaba, juçara, jabati e miriti (*Iriarteia exorbiza*, *Oenocarpus bacaba*, *Euterpe oleracea*, *Sagus taedigera* M. e *Mauritia flexuosa* L.), a incomparável paisagem é toda fechada em volta.

Com a mesma preamar, navegando para diante no Igarapé-mirim, passamos por diversas fazendas espaçadas na margem e a freguesia de Santa Ana de Tarauçu, umas poucas casas em torno à igreja paroquial, meio escondidas por densos arbustos. Depois de termos transposto a parte estreita e rasa do Igarapé-mirim, pela foz do Juruti, e, daí em diante, até chegarmos à fazenda de Nossa Senhora da Nazaré, distante algumas horas a noroeste de Catimbau, notamos uma estranha alta do barômetro, 338", indicando o termômetro 19,1°R ao ar de 20° na água. Este fenômeno tomou especial significação quando, à tarde, prosseguimos a nossa viagem, não mais com a maré alta, mas com a vazante. Numa região onde, em certas fases da lua, também ocorre a pororoca, havíamos evidentemente deixado águas, às quais o rio Pará transmite a sua pulsação, e estávamos agora na própria bacia do Tocantins. Esta parte inferior do Igarapé-mirim está, porém, no domínio comum destas duas grandes bacias, e, conforme uma delas estiver mais cheia ou mais vazia, o viajante encontra nesse canal de ligação, mais cedo ou mais tarde, o limite da outra. O Igarapé-mirim alarga-se sempre mais e, reunindo-se com o rio Anapu, que vem de S.O.

ao seu encontro, abandona neste o seu nome. Prosseguimos a viagem, portanto, pelo Anapu abaixo, favorecidos pela vazante e talvez também pela própria queda deste último rio, que estaria separado do Tocantins por uma serra baixa. A água divide-se agora em diversos braços, que por entre ilhas baixas, de mata fechada, inundadas na cheia da maré, procuram ligação com a foz do Tocantins. A estes diferentes canais dão também alguns o nome de rio Abaeté; outros, porém, chamam assim ao delta muito fragmentado na margem oriental do Tocantins, e conservam a denominação de Anapu para o canal mais meridional, por onde seguíamos. Nesse labirinto de ilhas, às quais o rio ora dá novos contornos, ora novos canais, ou que mesmo desaparecem completamente depois de forte maré, nada tem denominação permanente, e as informações dos habitantes a respeito delas são tão indecisas, como são vagas as regras pelas quais os navegantes se orientam. Estes guiam-se principalmente pelas marés, pois, no contínuo prosseguimento da viagem, precisam de aproveitar-se de duas marés altas para alcançarem o Igarapé-mirim, distante 19 léguas do Pará, e, diante desse canal, esperam a terceira maré cheia, com a qual chegam bastante longe, para alcançarem com duas vazantes o fim da navegação no Anapu, cuja distância do Igarapé-mirim é avaliada em 10 léguas. Algumas horas de viagem na direção O. e S.O. levaram-nos à foz do Anapu na grande bacia, que se deve considerar como embocadura do Tocantins, no arquipélago de Pará. Tornaram-se altas as vagas tocadas por vento forte, e procuramos então uma enseada segura para ancorar em sossego; todavia, surpreendidos pelo escurecer rápido da noite sem estrelas, tivemos de nos contentar com um lugar de quatro braços de fundo, onde achamos boa ancoragem. Durante a noite inteira, balançou a canoa de modo desagradável, é, pela primeira vez, sofremos, em água doce, os tormentos do enjoo do mar.

A manhã de 29 de agosto ainda não havia clareado quando suspendemos âncora, para alcançarmos o continente fronteiro, cuja vista nos era vedada pela Ilha Uararáí, de três léguas de comprimento. Essa ilha baixa, revestida de matas densas, como as vizinhas, está situada quase no meio da embocadura do Tocantins, e a divide em duas vastas enseadas, sendo a de leste chamada baía de Marapatá e a de oeste baía de Limoeiro. Tínhamos diante de nós um mar de água doce, que se destacava mesmo pelo colorido amarelado das águas, onde até aqui havíamos navegado. Antigamente, fazia-se a travessia para o continente, distante cinco léguas,

procurando um furo na ilha Uararaí, e, depois de passá-lo, descia-se na margem ocidental da ilha, para evitar os bancos de areia, que se estendem para oeste, na parte meridional da ilha. Mas, depois que se fechou aquele furo, costuma-se rodear a ilha Uararaí e mais duas ilhotas a oeste, Saracá e Pautinga, pelo lado do sul, a fim de alcançar a terra firme. Esta travessia é arriscada para canoas pequenas ou canoas muito carregadas, difíceis de governar, e procura-se atravessar numa vazante, levantando ferro antes da entrada da maré cheia, a fim de, com esta, passar sobre os bancos de areia do outro lado da ilha. Mas, se as águas estão agitadas, ou se o piloto não for bastante familiarizado com a rota navegável, gastam-se vários dias. Durante os meses secos, não é preciso tomar tantas precauções, como no tempo das chuvas, quando é sempre aconselhável sair de manhã, antes da maré alta, porque de tarde vêm fortes trovoadas que podem atirar a embarcação sobre os numerosos bancos de areia. A lua, antes das 7 horas da noite, passou pelo meridiano, e a maré começou a subir perto da meia-noite; deveríamos, pois, ter partido mais cedo, do que atualmente ocorreu para chegar à margem oposta, no mais curto prazo. Uma vez que estávamos atrasados, não podíamos velejar com a mesma rapidez, e, na manhã de 30 de agosto, havíamos apenas percorrido metade do caminho para a ilha Uararaí, quando o vento, acompanhado de aguaceiro, e cada vez mais tempestuoso, já levantava tão altas vagas, que estas ameaçavam destruir a nossa canoa. Aceitamos, pois, de bom grado, o alvitre do piloto, de encostar na margem meridional da ilha Pautinga, e ali ficar à espera de tempo mais favorável. Um cenário inteiramente novo, em extremo surpreendente, apareceu-nos nessa ilha, apenas alguns palmos elevada acima das águas. Inúmeras palmeiras miritis (*Mauritia flexuosa* L.), cujos troncos cinzentos lisos, de um e meio a dois pés de diâmetro, trazendo a copa colossal de enormes folhas em leque à altura de 100 e mais pés, pareciam as únicas moradoras dali, e cresciam tão densamente, que em muitos pontos se apertavam, como a estacada de uma fortificação de gigantes. Nos lugares onde o rio as havia derrubado, formaram todas, atravessadas em desordem, um baluarte de algumas braças de altura, por onde trepamos penosamente, para apreciar toda a redondeza. Esses príncipes das matas, tombados aos milhares, uns sobre os outros, abandonados ao embate furioso das águas ou à lenta podridão, como que chorados pelos sobreviventes, cuja fronde geme incessante na tempestade, é um espetáculo espantoso da inexorável força dos

elementos. “Que pavoroso lugar de estadia seria esta deserta ilha para um pobre náufrago europeu”! – dizia eu a mim mesmo, recordando-me da sorte de Robinson Crusoe, como me ficara impressa na imaginação juvenil. E, contudo, esta palmeira, que se assenhoreou exclusivamente da ilha, é para muitas tribos indígenas da América a árvore da vida; nela pendura o anfíbio garaúno a sua rede, durante o tempo das chuvas, na inundação geral; dela recebe teto, alimento, roupa, tão diversas são as necessidades do homem (**Nota I**).

O prosseguimento de nossa viagem à tarde não foi feliz, pois que, devido ao vento contrário, não pudemos alcançar a baía de Limoeiro. Grande era o perigo de encalhar num banco de areia, ou, se havíamos ancorado em maior fundo, sermos arrancados pelas ondas enormes e despedaçados na praia. Nesta conjuntura, procuramos abrigo num canal ao sul de Limoeiro, onde passamos uma noite relativamente sossegada. Na verdade, este canal está em comunicação com a baía de Limoeiro, por diversos braços laterais no continente, todavia, como esses não são navegáveis para canoa do tamanho da nossa, fomos então forçados a procurar de novo, a 31 de agosto, as águas do largo. Navegamos de manhã, com o favor da maré; tínhamos, porém, vento tão contrário, que nos foi de todo impossível alcançar a nossa meta e tivemos de voltar ao mesmo lugar. Só à noite, quando o vento amainou, conseguimos chegar à baía de Limoeiro, em cuja margem encontramos agasalho no engenho do Padre Prestana. Essa travessia da foz do Tocantins é empreendida somente pelas embarcações que se destinam a viajar pelo Amazonas. Quem navega pelo Tocantins ou se dirige à vila Viçosa de Cametá, toma, quer pelo estreito canal Pindoal, frequentemente raso de mais no tempo seco, quer por águas mais facilmente navegáveis, por entre numerosas ilhas ao longo da margem oriental, sete léguas ao sul, e atravessa então para o outro lado. A travessia de uma margem à outra faz-se em três horas, pois o rio, em toda a sua largura é semeado de muitas ilhas baixas. Muito gostaríamos de percorrer as margens do alto Tocantins, ou, pelo menos, visitar aquela vila, a mais importante povoação de todo o rio; mas a necessidade de aproveitarmos bem o vento leste obrigou-nos a desistir desse desvio; e, por isso, infelizmente, não estou em condições de acrescentar as minhas próprias observações às notícias dadas pelos habitantes acerca do Tocantins, e que transmito na **Nota II**.

Quando, na madrugada de 1º de setembro, partimos da baía de Limoeiro, e descemos na margem ocidental do Tocantins, a vazante veio em nosso auxílio, e, em breve, de novo nos metemos num labirinto de canais, que principalmente tomam a direção N.O., por entre a terra firme baixa. As margens, de mata fechada, tinham a maior semelhança com as do Igarapé-mirim, e eram povoadas de belas aves, sobretudo guarás e frangos-d'água. Remamos todo o dia; só ao meio-dia desembarcamos numa ilha para preparar a refeição. Os nossos índios, nada dispostos a serviço esforçado, afirmaram que nestas regiões não era costume remar contra a maré cheia; entretanto deixaram-se facilmente persuadir, com dupla razão de cachaça, a remar para diante. Eram, na maioria, oriundos das vilas de Oeiras (antes *Araticum*), de Portel (antes *Aricuri* ou *Guaricuri*) e Melgaço (antes *Arucará*) e mostravam-se descontentes por não tencionarmos passar por esses lugares, um após outro. É que no Pará já nos haviam insistentemente dissuadido de fazê-lo, pois a inconstância dessa gente raramente resiste à prova, quando se lhe dá a oportunidade de desembarcar em lugares conhecidos. A saudade da terra, os conselhos dos parentes que não consideram desleal quebrar a fé para com os brancos, dão ensejo para escapulirem na primeira oportunidade, e deixarem o patrão desamparado. Nossos índios pareciam, na verdade, satisfeitos com as camisas brancas e gorros vermelhos, com que nós os havíamos todos presenteado, assim como com a alimentação farta, e não queriam confessar o seu intento, rindo, ao modo deles, quando os acusamos disso; todavia, pareceu-nos mais prudente não mudar o nosso plano de viagem, e bastaram poucas horas para que eles esquecessem seu desejo. Tanto é o índio violento no querer alguma coisa, como facilmente se acomoda, quando vê que não o alcança.

Só à noite do dia seguinte, saímos do extremo daqueles canais, o furo do Iapim ou do Cruzá, e nos achamos agora de novo num mar de águas doces, formado não somente pela foz do Tocantins, pelos rios pequenos da costa de Marajó, e pelos caudalosos do continente, a oeste, o Jacundás, Pacajós, e Uanapu, como também, sem dúvida, pelas águas do Amazonas. Achemo-las mais claras do que no Tocantins, porém, não da cor tirando a verde, como no Moju e no Igarapé-mirim, mas um tanto amarelo-oca. Evidenciava-se a mistura das águas do Amazonas, mais ainda do que por essa cor, pelo fato de verificarmos, nos canais estreitos, decidida correnteza de N.O., e, com a entrada da maré alta, quando estávamos ancorados, maior

afluência de água daquela região. Essa parte do mar de água doce do Pará, como poderia ser propriamente chamada, pois não é somente o desaguardouro do Tocantins, mas a confluência de muitos e extremamente caudalosos rios e correntes, é designada pelos habitantes com o nome da baía dos Bocas ou rio dos Bocas, porque a nação dos cambotas estava aldeada na missão de Araticum ou Oeiras, dos jesuítas, à margem do continente. Os limites dessas águas são segundo a linguagem dos navegantes: ao norte a ilha do Marajó; a foz do Canaticu, a leste; a do rio Parauaú, a oeste; ao sul, isto é, no continente, as fozes do Cupijó e do Jaguarajó, quase fronteiras às acima citadas. Mais adiante, a oeste, a baía chama-se Parauaú, qual é considerada como a entrada no Tajipurú. Quanto mais adiante seguíamos para oeste, tanto mais se afastavam as inúmeras ilhas verdes, por entre as quais nos achávamos. Raramente chegamos a ver o continente ou a ilha de Marajó, diante da qual estavam ilhas dos mais diversos tamanhos e formas, e só à tarde de 2 de setembro foi que nos apareceu, de quando em quando, toda a largura das águas, numa extensão de quatro a cinco léguas. Como La Condamine foi conduzido pelo mesmo caminho, quando transpôs a embocadura do Amazonas para o Pará, o fato de não ter ele reconhecido a verdadeira natureza do movimento das águas neste território, só se explica pela rapidez da sua viagem. O gigantesco rio não forma aqui um canal estreito, mas um vasto braço de mar, e leva as suas águas por este caminho realmente para a capital. Navegando rio acima, tem-se que lutar contra a constante correnteza de, no mínimo, três milhas marinhas por hora, e, mesmo durante a vazante, ela é bem sensível. Resta ainda a interessante tarefa de determinar exatamente, como se comunicam estas águas, os períodos nos quais elas sofrem, ora a pulsação do Amazonas, ora a do Tocantins; a altura e configuração das ilhas, etc., tarefa que exigiria mesmo alguns anos de observação e medição. A este propósito, atrevo-me a repetir a já formulada conjectura de que tanto a maior parte das ilhas situadas na extremidade sudoeste de Marajó, como as que podem ser consideradas como formações do delta do Tocantins, e bem assim os trechos próximos de terra firme, estão situados mais baixos do que muitas regiões mais próximas do oceano, a leste. Na descrição da ilha de Marajó, explanarei outras razões confirmando essa opinião.

Passava do meio-dia, quando urna chuvinha fina e nevoeiro começaram a encobrir-nos o singular arquipélago, e ao mesmo tempo o nosso piloto se queixou de mal-estar, aterrando-nos secretamente, ao reconhe-

cermos nele sintomas de varíola. Demos-lhe ordem de deitar-se embaixo, no convés e tomamos a direção do leme a nossa conta. Na verdade, afora o mapa geral da América do Sul, de Arrowsmith não possuíamos roteiro algum que nos guiasse naquele arquipélago; todavia, não nos pareceu difícil achar a margem da ilha de Marajó, e depois seguir ao longo dela, sempre para diante, no rumo de N.O. Desgraçadamente, o tempo se perturbava cada vez mais; perdemo-nos algumas vezes entre os meandros das águas tranquilas, que havíamos procurado para maior segurança, e navegamos o dia inteiro, ora a vela, com pouco vento, ora remando, sem descobrir lugar habitado, onde pudéssemos desembarcar o doente, para ser tratado em melhores condições. Esta circunstância causou-nos a mais penosa inquietação, pois que, com a demora do doente na canoa, expúnhamos toda a equipagem a contrair o mal, e, se os índios tivessem uma ideia do fato nadariam para a margem, abandonando-nos a nossa sorte. Depois do pôr do sol, distávamos, como se verificou no dia seguinte, apenas uma légua da povoação de Breves, sita na ilha de Marajó; mas, como o vento soprasse sempre mais violento, e ameaçasse atirar-nos sobre algum dos muitos bancos de areia, ali existentes, não nos atrevemos a prosseguir viagem na profunda escuridão da noite sem estrelas, e desconhecendo de todo o local. A custo atracamos com segurança a canoa na margem da ilha, e esperamos o amanhecer do dia, muito receosos. Quanto a dormir era coisa que se não podia esperar, pois o barco, incessantemente arremessado de um lado para o outro pelas ondas muito agitadas, batendo algumas vezes de modo violento num tronco de árvore imerso, do qual não tínhamos tido prévio conhecimento, ameaçava desintegrar-se. Com dificuldade, levantamos a âncora e deixamo-la cair mais distante da costa. Tudo baldado. Como não pudesse firmar-se no fundo da lama, foi a canoa repetidamente arremetida contra a costa, e não nos restou outro alvitre, senão entrar na água, alternando com os índios, a fim de impedir os choques com os remos e vergas atravessados. Durante essas lidas, começou a chover, zunia furiosa a ventania na mata próxima, e tudo se unia para cumular de horrores aquela noite. Entretanto, iam-se aumentando os sintomas da doença do nosso piloto; contudo, na manhã seguinte, as pústulas ainda não se haviam formado. Continuamos a deixar os índios na ignorância sobre a natureza da doença e rumamos para O.N.O., ao longo da costa; como, porém houvéssemos perdido a maré, foi-nos preciso labutar seis horas num caminho, que, de

ordinário, fariamos em menos de uma hora. Só depois do meio-dia foi que alcançamos Breves, onde tivemos a sorte de entregar o doente ao juiz, um mulato benévolo, que na nossa presença mandou preparar uma choça para ele, entregou-o aos cuidados de sua preta velha, e arranjou-nos novo piloto. O desgraçado índio, tomado de sombrio pressentimento, debalde havia tentado fugir da cidade de Pará; o seu destino colheu-o aqui. Quando, oito meses depois, passamos de volta, encontramos o seu túmulo; já florescia em cima dele a Cósmea, cujas flores rosadas as índias costumam usar no cabelo e com elas enfeitar a sepultura dos seus amados.

Breves é o povoado sito mais a sudoeste da ilha de Marajó. Mal o posso chamar de aldeia, pois que, entre as 30 ou 40 choças espalhadas sem regra, em volta, na sombra de cacauzeiros, jambeiros, abieiros, e laranjeiras, somente a do juiz, de esteiras e barro, tinha paredes; as outras não mais do que grandes tetos feitos com folhas da palmeira ubuçu, colocadas sobre mourões baixos, e às vezes também tapados do lado do vento, por uma esteira ou grade portátil contra a chuva. Essa palmeira ubuçu (*Manicaria saccifera* Gaertn. e Mart.), é a única do Brasil que tem as folhas indivisas, de 20 pés de comprimento e 6 de largura. A estrutura das mesmas é tão rija, que o teto, constando delas, pode, com cuidado, durar muitos anos; e muitos habitantes as preferem às telhas, pela leveza e frescura. Aqui, tudo tinha o cunho de pobreza idílica e sobriedade. Um olhar para o interior dessas moradas, abertas, deixa ver as exuberantes formas das mulheres e raparigas, quase completamente nuas, porém no ingênuo pudor do estado natural, que, comparado com a “pruderie” da nossa civilização, parece duplamente moral. Seria fazer injustiça a essa gente simples, atribuir à depravação o desacato com que andam despídos por toda a parte, à exceção da igreja. O calor do clima, a raridade e custo do vestuário e o hábito fazem que eles quase se esqueçam dessa necessidade. Encontramos diversas mulheres ocupadas em fabricar louça de barro. Elas modelavam cântaros e tigelas quase sempre sem o torno, a mão livre, com grande habilidade. No canto da choça, avistamos o pobre fogão, muitos utensílios de pesca, redes de dormir, bem como arcos e flechas, armas que não só os índios, mas também os demais habitantes de cor usam geralmente. Um cesto cilíndrico (*tipiti*) de duas toesas de comprimento, cheio de mandioca ralada e, em sua parte inferior, carregado com uma pedra, pende de uma das travessas da choça. Deste modo simples, o suco venenoso das raízes frescas é espremido e cai num recipiente. Esse suco, engrossado ao fogo

e misturado com pimenta (*Capsicum*), seca, produz o tucupi, tempero usual de todos os pratos de carne, do qual os paraenses fazem tão constante uso, como os indianos da soja. Para assar as raízes da mandioca, estão dispostos entre as choças alguns fornos redondos de barro, sob tetos de junco, provavelmente pertencendo em comum à povoação, como os fornos entre nós no campo. A roupa, que não está em uso, seca, estendida sobre os arbustos em torno das cabanas, ou está guardada numa arca grosseira, que também contém os outros objetos de valor. Quanto o normando do extremo norte europeu não tranca a sua cabana, porque confia na lealdade do vizinho mais do que em fechaduras e ferrolhos, o colono de raça indígena, em Marajó, deixa a sua choça aberta, porque não possui coisa alguma de valor e mesmo sem curiosidade espera tampouco segredos no vizinho. Quão diversa é, nesse sentido, a mentalidade do negro! Este fecha cuidadosamente a sua morada; apreciando a comodidade do lar, reconhece também o valor de suas posses, e é com isso estimulado à atividade e ao ganho. Com tal índole da gente de Breves, de balde se procurariam plantações extensas e outras provas de diligência. De fato, o café, aqui, dá admiravelmente, mas encontramos já totalmente desleixados os cafezais plantados pelos jesuítas de Melgaço, paróquia de Breves; em geral, pareciam os habitantes viver em absoluta despreocupação de um dia para o outro. Um peixe qualquer, que o marido traz para casa, umas frutas do mato ou raízes, que a mulher colhe, além da farinha seca, ou mexida com água (*tiquara*) e umas bananas do quintal maltratado, constituem a alimentação usual; quando muito, cuidam de conservar num cercado, para os dias de penúria, algumas tartarugas.

Quantos prazeres, entretanto, não forneceria esta região, como toda a Ilha de Marajó, a habitantes que soubessem utilizar-se da natureza exuberante! Numa latitude tão privilegiada, quase exatamente abaixo do Equador, pode Marajó dar quase todos os produtos coloniais das zonas mais quentes, mas a incrível facilidade com que gado e cavalos, aqui introduzidos, se multiplicaram, quase sem cuidado algum dos colonos, foi o motivo de negligenciar a fertilidade da terra e fazer da criação de gado, até aqui, a única indústria explorada. Toda a ilha é baixa, e nela não existe uma só montanha, se bem que nunca seja inundada pelos grandes rios que a formam porquanto as suas margens se elevam acima da linha da água, por todos os lados sobretudo na costa setentrional. Entretanto, também é fertilizada, anualmente, durante o período das chuvas, em virtude de inundações parciais, mas exten-

sas, produzidas pelos numerosos rios, riachos e lagoas. A formação geológica da ilha é o já muito citado conglomerado de grés ferroso. Com exceção do lado norte, onde as praias em muitos pontos são cobertas de areia, sobre essa pedra está depositada uma camada mais ou menos profunda de boa terra vegetal. São numerosos os brejos, e é mal afamado particularmente o trecho pantanoso de uma légua de largura, cheio de mondongos, na parte setentrional da ilha, entre as nascentes do rio Anajá e a grande lagoa piscosa de Arari, que está em comunicação com o rio de igual nome. Densamente revestido de citamíneas, palmeiras de espinho e caniços, paradeiro de onças e grandes jacarés, é atravessado pelo viajante só com grande risco e esforço. A vegetação está distribuída de modo estranho pela ilha: a metade, a nordeste, em geral um tanto mais alta e mais seca, é de campos agrestes; a de sudoeste, porém mais banhada, é de matas, inundadas até longe nos meses de chuva, semelhantes, pelo emaranhado, pela densidade e pela imundície, às selvas que se encontram na bacia inferior do Amazonas. O limite entre essas diferentes formas de vegetação acha-se na costa setentrional da ilha, a leste das bocas do rio Jurara-paraná; passa então pelas regiões das nascentes dos rios Cururu, Mucuins e Anajás, até ao meio da ilha, onde diversas grandes lagoas se juntam, formando um pequeno sistema de águas do interior e dali para sudeste, sobre as nascentes dos Afuá e Anabiju, até à baía de Marajó, perto de Porto Salvo. A lagoa de Arari, além de seus numerosos afluentes, e a maior parte dos mondongos, acham-se a nordeste.

Aqui são raras as matas e só agrupadas, como ilhas, entre arbustos e campinas. Na outra região evidentemente mais baixa, que é atravessada de canais até longe, no interior, e revestida de floresta de igapó, acham-se, em diversos lugares, bancos de conchas, como, por exemplo, ao longo da margem do rio Canaticu, moluscos, que os índios chamam de *cernambis*, dos quais não se encontram vestígios nas costas setentrional e oriental. São calcinados para o uso; a não ser isso, é preciso mandar vir cal de Lisboa, como lastro. Monteiro (*Roteiro*, pág. 17) refere que essas conchas fósseis, que, infelizmente, não chegamos a ver, aparecem também no continente, a oeste do Tocantins, entre Cameté e o Furo do Limoeiro, assim como ao longo dos rios Maracanã e Marapani, na costa do oceano. Dessas circunstâncias depreende-se que de modo algum toda essa ilha é produto aluvial dos rios e que só a parte a nordeste foi arrancada da terra firme pelo rio; a parte de sudoeste, mais baixa porém, antigamente estava

coberta pelo mar e secou, quer elevando-se, quer por contínua acumulação de terra, trazida pelo rio. O lado de nordeste, coberto de vegetação de campos, pertence segundo as suas condições físicas, à região de Macapá, donde se estendem campos a perder de vista até ao cabo Orange; a parte coberta de mata, por outro lado, pertence ao continente meridional do Pará. É, sobretudo, naqueles campos, que se criam quantidades enormes de gado bovino e cavalos. As duas fazendas do governo, Arari e Chaves, possuem: aquela, 40.000 cabeças de gado bovino; a de Chaves 30.000; Arari, além disso, possui 10.000 cavalos. Também os carmelitas do Pará e os mercenários, cujo convento se reuniu mais tarde ao do Maranhão, da mesma Ordem, possuem ali diversas estâncias, outrora pertencentes aos jesuítas, e pode-se calcular qual a sua fartura em gado por ter o bispo Brandão deplorado o fato de receber cada mercenário (da Ordem de “La Pietà”, como é chamada em Roma), diariamente, seis libras de carne de boi e o superior doze libras. Um boi vale, ali, de 4\$000 a 5\$000; um cavalo, de 6\$000 a 10\$000; uma égua, que até agora não se emprega para serviço algum, apenas de 1\$000 a 2\$000. O abastecimento em carne bovina do exército e da marinha é fornecido pelas duas referidas fazendas, e igualmente o peixe salgado por diversos pesqueiros mantidos ali à custa do governo. Que a capital é também abastecida pela ilha, já o mencionei. A pescaria nas lagoas da ilha e nas suas costas é muito rendosa e era antigamente explorada por uma companhia com sede em Pará. A receita anual do governo de parte dos arrendatários monta, segundo dizem, a 200.000 ou 300.000 cruzados.

Incrível é a abundância de aves aquáticas, entre as quais se capturam muitas espécies de marrecas saborosas. Devido à especial natureza do país, todos aqui andam a cavalo, e não raro os pastores, quando não se podem mais servir da sua pequena e ligeira montaria, nos brejos dissecados, amarram-na à cauda do cavalo, a fim de irem para diante. Os inúmeros riachinhos, que de todos os lados deságuam nos rios dos arredores, estorvam muito as viagens pela costa, pois as suas águas acarretam extraordinária quantidade de lama. Prefere-se, então, entrar com o cavalo no rio e atravessar a nado o perigoso lugar. As águas do rio Pará e do Amazonas circundam Marajó por todos os lados, de modo que mesmo grandes navios de guerra podem ancorar em água doce. Somente na alta preamar do equinócio de primavera, segundo dizem, a água do lado setentrional e oriental tem sabor um tanto salgado. Esse mar de água doce deve banhar mesmo as ilhas de Caviana

e Mexiana, antes de se misturar com o oceano. Nas suas condições físicas, são estas ilhas idênticas em tudo à parte nordeste de Marajó. Dispõem de grande criação de gado, e o nosso hospedeiro, Sr. Ambrósio Henriques, possuía ali duas grandes fazendas, contendo 8.000 até 10.000 reses. As pequenas ilhas dos Camaleões e outras sob o Equador, que se acham além das acima citadas no mar de água doce, são de tal modo inundadas, que não permitem colonização, nem lavoura. Marajó, a maior ilha, que pertence à coroa do Brasil, também denominada ilha de Joanes, era antigamente baronia independente, conferida pelo rei como feudo. Atualmente, depende do Pará e a sua primeira autoridade, um juiz de fora, reside em Monforte, junto com Chaves, a vila mais importante da ilha. Toda a população montava, em 1820, a cerca de 10.500 almas. Não é sujeita a doenças endêmicas. Os homens, capazes de serviço militar, formam um corpo particular de força armada, – a Legião de Marajó, – constante de 524 soldados de cavalaria e outros tantos de infantaria. O coronel que os comanda é, ao mesmo tempo, o comandante da ilha.

A 3 de setembro, antes da meia-noite, avisou o novo piloto que a maré era favorável para a partida e deixamos Breves, sem que os nossos índios indagassem coisa alguma a respeito do seu companheiro, que ficava ali, ou mostrassem medo acerca da doença do mesmo. A lua brilhava clara no céu, iluminando com a sua luz suave a paisagem escura e silenciosa. A vazante levou-nos, até às 7 horas da manhã, perto do pequeno rio Maruani, onde puxamos para terra a montaria a fim de fazermos outra excursão na ilha. Também aqui se vê, por toda parte, uma espessa mata, com arvoredos gigantesco, de mistura com arbustos novos e muitas palmeiras, e muitas vezes, tão fechada que, em plena claridade do dia, se fica no crepúsculo. O solo, quase todo coberto de matérias putrefatas, sobretudo de raízes decompostas, muito favorece o desenvolvimento de saprófitos; notamos variados gigantesco cogumelos de chapéu, boletóideos e hidnáceas, os quais ao lado da estranha *Helosis* vermelha, parecida com o falo, pareciam caracterizar a feição dessas matas virgens, úmidas e nebulosas. Os índios não se descuidaram de colher, sempre que o podiam, as espadas da palmeira ubuçu, das quais fazem bolsas, sacos e carapuças. As flores desta palmeira estão envoltas numa espada de uma vara de comprimento, tecida de fortes fibras pardas, que servem para esses simples misteres, do modo mais satisfatório. Ao começar a vazante, depois do meio-dia, prosseguimos viagem, sempre perto de Marajó, em canais que, pela maior parte, se diri-

giam no rumo N. e N.O.; passamos por Portento, onde só havia algumas choças de índios e ancoramos à tarde, junto do rio dos Macacos, pequeno rio que vem de Marajó. De igual modo, pusemo-nos a caminho às cinco horas da manhã, seguindo até à foz do rio Mapuá; rumando em geral para o norte, nesse caminho, avistamos à nossa esquerda muitas ilhas, cobertas de mata densa, pois não nos afastamos do canal, que os separa de Marajó e que quase sempre tem apenas 300 a 400 pés de largura. Já aqui tinham os índios dificuldade para avançar remando, fora da época da vazante, e pudemos avaliar a pressão que imprimem as águas do norte, isto é, as do Amazonas, na direção meridional, não somente na preamar, mas também na própria baixa-mar, convencendo-nos assim, igualmente, de que esse rei dos rios despeja uma parte de suas águas no mar só depois de fazer uma forte curva em volta de Marajó. Mais claramente observamos essa preamar, uma hora depois da mais forte vazante, quando a nossa embarcação estava ancorada na extremidade meridional de uma ilhota. Então, vimos crescerem as águas ao longo de dois lados da ilha, com uma rapidez no mínimo de $2^{1/2}$, a 3 milhas marítimas por hora, vindo ao nosso encontro, e daqui continuarem para o sul; espetáculo único no gênero e que observamos com tanto maior admiração, pois também a vegetação da margem participou e os seus ramos e flores eram banhados pelas ondas agitando-se, ao passo que o resto da mata permanecia imóvel. Achamo-nos, aqui já no Tajipurú (*Tagypurue* tajupuru), aquele canal interrompido por muitas ilhas entre o Amazonas e o rio dos Bocas; embora muitos paraenses designem com este nome apenas o canal principal ao norte, no qual se navega na direção de noroeste e que se perde no Amazonas ao norte das ilhas de Gurupá. Pouco a pouco, percebemos que as águas mais se alargavam, e tomavam tonalidade puxando para amarelo.

Pela manhã de 6 de setembro, achamo-nos no canal Jaburu, onde avistamos diversos cachalotes (*Catodon macrocephalus* Lacep.), que evoluíam em torno de nós ora perto, ora longe, elevando a cabeça disforme, fora da água. Vivem esses cetáceos, propriamente, só no oceano; mas, por vezes, sobem pelo rio até muito mais longe. Já se havia apanhado, na vizinhança de Gurupá, um deles, que tinha encalhado numa ilha de areia, não podendo mais flutuar. Os peixes pequenos fogem deles, assustados por causa da grande agitação que imprimem à água, de sorte que dão à costa em grande número. Que dessas baleias provém o âmbar, sabem-no os índios, e julgam

que é o esperma que o macho perde na perseguição da fêmea. Chamamo-no de *pirapien*². Durante o dia 6 de setembro, prosseguimos viagem no canal Jaburu, rumo a noroeste. Ao cair da tarde, desembarcamos no continente para ali passar a noite. Como a âncora se desvencilha, a custo, das raízes das árvores da margem, preferimos, como já muitas vezes tínhamos feito, amarrar a canoa a uma árvore forte. O terreno era alguns pés mais elevado do que das ilhas vistas até aqui, e na sua vegetação se notava diversidade, sobretudo as palmeiras eram muito mais raras do que nas ilhas pantanosas, se bem que a margem da terra firme seja diariamente inundada.

A 7 de setembro, ao alvorecer, caiu moderado vento leste, com cujo auxílio contornamos uma ilha, que fica ao norte da ponta extrema do continente; e, então, chegamos à boca do Tajipurú no Amazonas, uma grande baía, que, na extensão de várias léguas com o forte rolar das ondas, dava ideia de mar. Daqui até à vila de Gurupá, a distância é de 13 léguas, viagem perigosa, segundo disse o nosso piloto, por serem as costas tempestuosas. Quando o vento refrescou a tarde, a nossa embarcação voou no rumo de sudoeste, numa superfície de água de quatro a cinco milhas marinhas, entre o continente, ao sul, e diversas ilhas, ao norte. O movimento semelhante ao mar das ondas largas e de um pé de altura, e a cor amarelada das águas turvas, indicavam estarmos agora no próprio Amazonas. Ficamos, entretanto, o dia inteiro na vizinhança dessas ilhas setentrionais, que são idênticas, na pujança das árvores e na planura, às do Tajipurú. Todas essas ilhas, que, na direção de N.E. para S.O., se estendem na distância de umas seis léguas pelo rio, numa largura de meia a uma légua, estão incluídas no nome geral de ilhas de Gurupá. Inunda-as a enchente, e, por essa razão, são desabitadas, nelas só desembarcando poucos pescadores ou caçadores. Ademais, parece que são poucos os peixes nessa parte do rio, provavelmente por preferirem

2. *Pirapien* talvez seja erro tipográfico, em lugar de *pirapoan*. Este vocábulo não era a designação do “âmbar”, e, sim, a dada pelos nossos índios do grupo tupi-guarani à baleia e ao cachalote. Teodoro Sampaio consigna os dois termos *pirapoan* e *pirapoan-repoti*. *Pirapoan*, corrutela de *pirá-po-ã* ou de *pirá-mbo-ã*, segundo ele, “é o peixe que se empina, é a baleia, alusão ao seu andar, empinando-se de quando em vez, e arrojando a água para o ar”. E, como a voz *repoti* significa “excremento” ou “excreto”, só a expressão *pirapoan-repoti* é que pode designar o “âmbar”, considerado como um “excremento da baleia”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

águas mais puras a oeste. Por outro lado, as matas das ilhas de Gurupá são abundantes em caça, particularmente caititus, capivaras e antas. Seguindo o conselho do piloto, afastamo-nos dessas ilhas, para alcançar a costa fronteira do continente, quando o sol já ia chegando ao ocaso. Até longe, tingia ele de vermelho o espelho agitado das águas; as matas do primeiro plano destacavam-se, brilhando com tons rosados, do claro-escuro do fundo de sombras suaves. A ideia de estarmos no primeiro rio do mundo, tão próximo do Equador, dava a esse incomparável cenário ainda maior valor, e os nossos olhos saturavam-se, sôfregos, do espetáculo, até que o sol se escondesse e o rio e a margem se confundissem no crepúsculo indistinto. Ainda estávamos imersos no gozo dessa visão, quando, de improviso, caiu forte vento leste, em pouco tempo encapelando vagas e jogando tão fortemente, de um lado para o outro, a nossa canoa, que gemia, que julgamo-nos metidos nos horrores de uma procela. Viramos as velas, e finalmente, colhemo-las completamente, receando pelo mastro. Os esforços dos índios, nos remos, para aproximar-nos da costa, foram baldados, e tivemos que resolver seguir na direção do vento para oeste. Foi a nossa sorte amainar-se a fúria da tormenta ao cabo de um quarto de hora; agora, podíamos de novo adriçar as velas, e, na escuridão da noite, chegamos à margem, onde deitamos âncora em doze braças de fundo. Essas ventanias, em geral prenunciadoras de trovoadas, são costumeiras na navegação do Amazonas, e, com a devida distância das margens e boas condições do barco, são mesmo desejáveis para os viajantes, subindo o rio, quando não sopra o vento geral; para nós, novatos, foi urna dura provação. Agora, nos alegrávamos, pois tínhamos a canoa em segurança, sob a copa de altas árvores, alegres, fogueiras no mato, e a animação dos nossos índios, que após dupla ração de cachaça, se puseram a cantar; quando escureceu de repente, ainda mais o céu noturno, e de nordeste veio, com a velocidade do vento, terrível trovoadas, que, em breve, se estendeu pelo céu todo. Caía chuva em torrentes daquela noite escura; cresceram os gemidos surdos da folhagem da floresta. Incessantes, resplandeciam relâmpagos por todos os lados; ribombavam trovões; bramiam as águas encapeladas; eram as cortesias, com que nos recebia o rei dos rios. Depois da meia-noite, acalmou-se um tanto a agitação do mar, ao passo que os coriscos e estrelas fugazes continuavam particularmente do lado do sul; afinal, pudemos conciliar o sono depois de um dia pigro, cheio de tão diversas sensações.

8 de setembro – O vento leste pôs-se a soprar, já no alvorecer do dia, de modo que não precisamos dos remos para seguir a O.S.O., ao longo do continente. Parecia-nos que as margens se elevavam e que as ilhas, assim como o continente, antes apenas sobressaindo do nível das águas, se destacavam agora, alguns pés acima deles. Ao anoitecer, paramos, seguindo o conselho dos índios, que prediziam temporal. Como este, porém, não se aproximou tão depressa como se julgava, levantamos novamente âncora, ao pôr do sol, para aproveitarmos o vento leste, que se tornava mais forte. Às dez horas da noite, obrigou-nos nova trovoadas a procurar abrigo na margem. Desencadeou-se com extraordinária violência e durou mais de uma hora. Com isso, baixou consideravelmente a temperatura do ar. Era ao meio-dia, à sombra, de 24,8°R., e desceu, então a 21,3°R. Na água, que de manhã tinha indicado 22,7°, e, ao meio-dia, 22,6°, voltou o termômetro a 22,6°. Durante a noite de 8 para 9 de setembro, havíamos ancorado só algumas horas de Gurupá, e, no último dia, contornada ainda uma ponta de terra quando, numa pequena elevação, avistamos esse lugar, à margem meridional do rio. Santo Antônio do Gurupá (Corupá) e denominada “Fortaleza” nos relatórios oficiais, mas não tem, além de uma escarpa de barro em frente ao rio, fortificação alguma, nem artilharia, e, corno guarnição, apenas poucos soldados, que se ausentam a maior parte do ano, acompanhando expedições pelo rio Xingu, etc. As canoas que descem pelo Amazonas, carregadas de mercadorias, são aqui registradas, sem, entretanto, pagar direitos de exportação, os quais são cobrados na alfândega do Pará, antes do embarque, ou segundo declaração, quando são mercadorias para uso local. A província, que dispõe de não menos de 30 artigos de exportação, pela desigualdade de exportação nos diferentes anos e pela pequena quantidade de muitos artigos, revela a escassa densidade da população, e o baixo estado de cultura. O comandante do povoado – ao mesmo tempo juiz dos destacamentos de soldados, fiscal e escrivão da alfândega – descreveu-nos o lugar como “vila de brancos”, isto é, uma vila cujos habitantes são brancos puros, sem mistura de sangue índio. De fato deu início ao povoado uma fortificação dos holandeses (1615), e La Condamine refere expressamente que os índios aqui por ele encontrados eram só escravos dos brancos. O nosso glorioso predecessor tinha igualmente estado aqui a 9 de setembro de 1743, portanto justamente 77 anos antes; e parece que, então, o lugar estivera em condições mais florescentes do que na época de nossa chegada. Na vizinhança do povoado, tinha

existido uma missão dos capuchinhos do Pará, da qual os habitantes provavelmente se haviam mudado para a própria vila, onde não encontramos nenhum branco, mas somente gente de cor, por entre a qual muitos com mistura da raça indígena, ou índios puros, e onde a fila de casas pequenas, mal caiadas, cobertas com folha de palmeira, não davam nota atualmente de prosperidade alguma. Apenas uma pequena parte do terreno fértil é votado à lavoura, particularmente à do café, visto que os habitantes preferem aproveitar-se dos abundantes pés de salsaparrilha e cacaueiros nativos, nas ilhas próximas e ao longo do rio Xingu. Um dos habitantes de cor lastimou a decadência da vila, pois, como ele dizia, no tempo dos Pai *tucura* era muito melhor. O nosso intérprete explicou, rindo, que, com o nome de Pai-*tucura* ou Pai-*gafanhoto*, ele se referia a um capuchinho, e os índios os chamavam assim, por causa do capuz pontudo. Verificamos, na vizinhança da vila, o mesmo gênero de rocha que há em Breves e no Pará. O grés aparece aqui às vezes composto de pedaços do tamanho de um pé e menores, de cor vermelha e vermelho-amarelada, ligado com um cimento margoso ou ferruginoso à maneira de brecha. Em cima da rocha e nas cavidades dela, acha-se aqui e acolá, formada pela decomposição da pedra, uma argila muito fina, que se presta não só para telhas, mas também para uma bela louça de barro; com a dita argila, os índios fabricam, particularmente, grandes potes, que são daqui exportados para Cameté, Pará e até para o interior, para guardar a gordura dos ovos de tartaruga.

Até aqui, ainda não havíamos visto no Amazonas terreno como este, que se eleva vinte e cinco pés acima do rio. Os nossos olhos não se cansavam, de contemplar a imensa superfície da água a N.E., a qual só é limitada pela ilha Jauariuba, uma das maiores entre as de Gurupá. Calcula-se a distância em vinte e sete léguas até Macapá, sita na margem fronteira, e que, entretanto, por causa das numerosas ilhas não é visível. Saindo daqui, ou melhor, da entrada do canal, entre o continente e ilhas de Gurupá, costumam em geral os navios, que de Pará procuram a contracosta setentrional do Amazonas, fazer a travessia, porque o rumo pela costa oriental de Marajó é muito mais perigoso. A viagem de Gurupá para Macapá faz-se, com vento favorável, em trinta e seis horas, pois calcula-se a travessia da própria foz do Amazonas, livre de ilhas, em oito léguas. Essa parte da navegação entre a baía da Vieirinha e o porto de Macapá, devido ao violento movimento do rio, que tem aqui ondas de um côvado de altura, aconselhável só



Santa Maria de Belém, capital do Estado do Grão-Pará.



Vila do Porto de Moz, na margem sul do rio Xingu, algumas léguas acima da sua junção com o Amazonas.



Serra de Paru, montanha tabular de grés, coberta de espessa mata alta, e que se estende ao longo da margem norte do rio Amazonas, na região de Almeirim.

em barcos fortes, é feita com o auxílio da vazante e do vento terral, que sopra durante a noite. Outro caminho, tomado pela maioria das embarcações, é por entre os canais a nordeste de Gurupá. De todas as viagens pelas águas do Amazonas, a do Pará, contornando o Cabo de Magoari para Macapá, e a navegação das costas ao norte dessa vila, são tidas como as mais perigosas. Contudo, uma índia, incitada por fiel amor conjugal remou através do tremendo golfo entre Macapá e a ilha Marajó, sobre uma prancha. Com muito gosto relato a enternecedora história de Venância, como a ouvi contar em muitos lugares do rio. Quando Mendonça Furtado mandou reunir índios de todos os lugares da costa, a fim de emprega-los na sua expedição ao rio Negro, um índio da tribo dos armabutós foi também intimado a servir como marujo. Tinha ele vindo uns dias antes, com sua mulher Venância e um filhinho de colo, a Macapá, para serem todos três batizados. Debalde expôs o sacerdote ao comandante a barbaridade dessa imposição; debalde Venância se prostrou de joelhos diante dele; foi-lhe até recusado o consolo de acompanhar o seu amado, e, sem lágrimas viu-o, mergulhado pelo imprevisto infortúnio, em mudo desespero, embarcar com os outros. Três dias e três noites ela permaneceu ali na margem, com a criança ao colo; e sua profunda aflição tampouco enterneceu o comandante de um barco mercantil, a quem pediu passagem até Chaves. Então, ela se escondeu na embarcação que partia; porém, o choro da criança a traiu, e o desumano obrigou-a a voltar a nado para terra. Nisto, ela é bem sucedida e a provação deu-lhe nova coragem. Achou um remo, avistou uma viga que dava à costa e confiou a esse remo mais do que aos homens. Tendo a criança num braço, e remando com o outro, entregou quase um dia inteiro ao sabor das águas, ela alcançou com felicidade a outra margem e encontrou o seu amado. Tanto heroísmo comoveu os ânimos empedernidos dos soldados; restituíram-lhe o marido, mais feliz do que aquela gualba do Atabapo, cujo amor materno celebrou a pena de um grande viajante (veja-se Humboldt, *Relat.*, II, pág. 409). Tais exemplos de amor invencível e fidelidade inabalável são como que raios de luz nas trevas da selvajaria e insensibilidade, em que quase sempre se veem amarasmados esses aborígenes da América. Com que satisfação ouvimos contar esses traços da mais alta humanidade!

Logo que conseguimos novo piloto, nada mais nos retinha no triste lugarejo, e, às dez horas da noite, já levantávamos âncora para prosseguir viagem, à luz de um claro luar, na direção oeste-sudoeste, ao longo do

continente. Os nossos índios reanimavam-se na labuta de remar, cantando, incansáveis, uma simples toada, horas seguidas. A melodia, provavelmente uma variante de canto de igreja, era entoada primeiro por um da companhia, e os outros faziam coro no momento certo, com o que se redobrava o esforço nos remos. Não escapava à nossa atenção o que se confirmou a demorada observação, isto é, que o índio é dotado de muito justo senso de harmonia; pois sempre cantavam em terças e quintas afinadas, e evitavam, com inconsciente cuidado, qualquer dissonância. Também neste ponto o homem vermelho difere de modo absoluto do negro, que, privado de todo senso de harmonia, mal parece dotado de instintiva predileção pela melodia. Quem jamais teve oportunidade de ouvir o terrível uníssono com que os negros horas inteiras repetem a sua cantiga simples, cadenciada, sem vestígio de harmonia, concordará com a nossa observação. De fato, além da inata predileção musical, tinham os nossos índios ainda outro desagradável motivo para encurtarem as horas do trabalho por meio de cantigas: eram os mosquitos, que se abateram hoje pela primeira vez em nuvem cerrada sobre o barco, e nos flagelaram, todos, até ao desespero. Já frequentemente havíamos sido atacados, nesta viagem, pelos perseguidores de pernas longas, quando à tarde atracávamos junto dos arbustos cerrados ou navegávamos em canais estreitos; mas essas visitas tinham sido passageiras e em menor número. Hoje, porém, quando nos achávamos nas próprias águas do Amazonas, caíram essas harpias sobre nós, em tão denso enxame, que o seu contato contínuo dava sensação igual à de uma ligeira chuva sobre a pele nua, logo em seguida passando à dor de inúmeras picadas. A proteção do mosquiteiro, uma vasta tenda de morim com que o viajante se cobre na rede, é tanto mais insuportável na atmosfera quente, abafadiça, que não impede que penetrem sempre alguns desses verdugos cantores; não restam assim outras armas de defesa, senão roupa de couro grosso ou de seda, máscara para o rosto, ou paciência. Esses insetos malignos, que os índios chamam de *carapanãs*, ao pôr do sol se elevam do lodo da margem e das moitas próximas da água, e voam, ora mais em cima, ora mais embaixo, segundo a direção do vento, em enxames densos. Quando ameaça trovoadas ou chuva, assim como nos dias sombrios, sem viração, tornam-se eles mais inquietos, ativos e molestos. Somente muita fumaça, sobretudo de folhas de fumo queimadas na canoa, consegue afugentá-los. Desde o pôr do sol até à meia-noite, eles nos atormentaram com mais fe-

rocidade; depois, vão voltando aos matagais da margem, onde ficam até à tarde seguinte, pois fogem da claridade do sol, e só voltam de dia, quando as nuvens encobrem o sol. Já o Sr. von Humboldt fez a observação de que esse mosquito só se conserva na vizinhança dos rios de águas geralmente pardacentas ou escuras. Também notamos o mesmo fato; entre os rios de água escura, só o rio Negro acha-se inteiramente isento dessa praga; ao contrário, nos rios de água turva, esbranquiçada, é que moram de preferência esses demônios. Provavelmente, as matérias solúveis, diluídas nas águas negras, são perniciosas para os ovos e as larvas, ao passo que a vasa das outras águas lhes favorece o desenvolvimento e a multiplicação. Ademais, é digno de nota que, todos os viajantes que navegaram no Amazonas, justamente na região em que nos achávamos, é que foram flagelados do modo mais bárbaro pelos enxames de carapanãs. Afirmaram-nos mesmo que eles predominam durante seis meses, e, do dia 4 de outubro em diante, desaparecem. Talvez o vento de leste e as enchentes do equinócio de outono participem desse fenômeno. Com o desenvolvimento da lavoura, a diminuição das grandes superfícies lamacentas nas margens, que, fermentando com o calor, oferecem aos insetos excelente lugar de incubação, e provavelmente também com a diminuição de certas plantas marginais, poder-se-á esperar a redução progressiva da terrível praga. Muitas das árvores, que crescem à beira do rio, aumentam a malignidade desses insetos sanguinários. As leves e dolorosas inchações produzidas pelas picadas de inúmeros carapanãs crescem em altura e extensão causando por vezes estado febril, quando existem na vizinhança muitas da *Sapium aucuparium* ou árvores de *acaçu* (*Hura*). Provavelmente, os insetos transmitem uma parte do látex daquelas euforbiáceas tóxicas para a pele, donde, devido ao processo de absorção, duplamente rápido nas zonas quentes, logo penetra no sangue. Quando outras regiões são quase que inabitáveis pela quantidade de cobras ou de morcegos, aqui justamente são os representantes humildes dos insetos, mais acirrados inimigos do colono. Nas vilas sitas à margem setentrional do Amazonas, além dos mosquitos, há também o *mucuí*, quase invisível, que vive nos capins dos campos, e uma espécie grande de vespa, a *moruçoca* que se tornam extremamente molestos. Na vila Nova Vistosa da Madre de Deus estas últimas intrépidas constroem por toda a parte nos edifícios as suas casas, e não pouco têm concorrido para expulsar muitos colonos da região, agradável em tudo mais.

A 10 de setembro navegamos para oeste, ao longo do continente. Já ficavam atrás de nós as maiores das ilhas de Gurupá; entretanto não podíamos avistar a margem setentrional do Amazonas, por causa de umas ilhas menores, de certo modo a continuação da ilha Jaraiuba, que ficam de per-meio. Essas ilhas formam, em comum, dois grandes canais; o que está mais ao norte é considerado como a foz principal do Amazonas; o mais meridional, como foz secundária, e, ao mesmo tempo, como boca do rio Xingu. Este último canal é geralmente chamado pelos habitantes de rio de Gurupá, e as suas águas, misturadas do rio Amazonas e Xingu, são de tonalidade um tanto menos amarela do que as do próprio Amazonas; isto prova o volume de águas claras que rola no Xingu. Perto do meio-dia, avistamos no continente o povoado de Carrazedo (antigamente chamado *Arapejó*), e, algumas horas mais tardes, a vila Vilarinho do Monte (antes Caviana). Ambas essas povoações são habitadas exclusivamente por índios, cujo aldeamento e civilização se devem ao esforço dos capuchinhos do Pará. Vilarinho também não deixa de ter certa importância atual, devido ao comércio dos produtos naturais do vizinho Rio Xingu, que a gente da aldeia vai colher ali.

Achamo-nos nesse rio depois do pôr do sol; e surpreendente era a mudança da água, cada vez mais clara, quando mais íamos de sudoeste para o sul, subindo o rio. Perto de meia-noite, ancoramos em Porto de Moz à margem meridional do rio. Essa vila é formada por uma rua irregular com choças baixas cobertas de folhas de palmeiras, e é habitada quase por índios e mestiços, cujos primeiros missionários foram os capuchinhos do Pará. São descendentes dos tacunhapés e jurunas, dos quais ainda ficaram hordas errantes entre o Tocantins e o Tapajós. Atribui-se agora à freguesia de Porto de Moz, da qual também faz parte a povoação de Boavista, a população de 210 habitantes e umas cinquenta casas³. Os homens, que podem prestar serviço na força armada, formam uma companhia de milícias. O Xingu rola as suas águas puras, esverdeadas, com a largura de uma légua. Tal abundância de águas da mon-

3. Estes dados, assim como todas as listas de população, são aqui, no país, tirados dos livros paroquiais. Incluem, portanto, apenas aqueles que não só frequentam a igreja, mas também participam dos sacramentos, e, portanto apenas uma parte mínima de índios que, em geral, só se deixam batizar pelos padres, porque daí auferem as vantagens do compadrio. O total da população deve montar a umas 1.000 almas.

tanha, no baixo leito do Amazonas, só se explica porque o rio Xingu vem de regiões altas ao sul, sem receber afluentes consideráveis no seu curso inferior. As margens do rio são de areias brancas, limpas; mais ao interior das terras, eleva-se alta mata virgem, cujo verde-escuro contrasta, de modo singular, com as árvores floridas, aromáticas, espalhadas nas suas margens.

Em toda a bacia do Amazonas não havíamos até então encontrado lugar algum de aspecto tão aprazível como este. A areia limpa da margem, onde o viajante pode desembarcar a pé enxuto, e os bosques agrupados, a modo de parques, tanto encantam o olhar quanto parece triste e terrível a mata de igapó desordenada e selvagem, devastada pelas inundações. Em casa do vigário, vimos um grande carregamento de cravo-do-maranhão (*Cassia caryophyllata* dos droguistas), pronto para ser despachado com destino ao Pará, e que o piedoso sacerdote havia mandado colher pelos seus índios, na bacia superior do rio. Essa agradável especiaria, cujo sabor medeia entre o da canela e do cravo-da-índia, é chamada pelos portugueses de pau-cravo (na língua geral de *ibyra* ou *moirá quiynha*). É a casca de uma árvore (*Persea caryophyllata* M.), que se eleva a trinta e mais pés, e, pela densa folhagem lustrosa, já de longe se anuncia como pertencendo à família dos loureiros. Em geral, os pedaços são de dois pés de comprimento e, como a quina, enrolados porém em diversas camadas concêntricas, até à espessura de uma polegada. Vinte ou mais desses bastões, de peso de cinquenta a sessenta libras, são amarrados com tiras da casca preta lustrosa de um cipó, provavelmente um *Cissus*; esses feixes são despachados para o comércio, ou protegidos por folhas de palmeira, em cestos ou em sacos. Essa árvore do cravo aparece, na verdade, aqui e acolá, em toda a bacia do Amazonas e na de seus afluentes; porém é menos gregária que muitas outras espécies de loureiros. A colheita da casca é, portanto, tarefa cansativa, às vezes perigosa, pois os índios, andando solitários à procura dela nas matas, expõem-se ao ataque de índios inimigos ou de feras. Raro é a expedição encontrar essas árvores em bom número reunidas, de maneira que se possa fazer o trabalho sem se separar. Costuma-se então limpar um lugar no mato, para “fazer arraial” e enceta-se o trabalho, sem cuidado algum: as árvores são só parcialmente descascadas, ou abatidas conforme a conveniência. São enroladas as cascas, ora sem mais preparo, sobre fogo brando, em forma de canudo (*cravo grosso*), ora retirando-lhes com uma faca a epiderme de cortiça (*cravo fino*). Faz-se a colheita em qualquer época do ano, mas de preferência depois da estação das chuvas. Com o mau

tratamento que sofre essa nobre árvore, já seria muito rara, se não fosse que a predileção dos europeus, sobretudo do norte, pelo cravo-do-maranhão diminuiu muito; eis a razão por que a atividade dos coletores se volve agora principalmente para o cacau e a salsaparrilha.

O pau-cravo parece pertencer ao número de plantas particularmente características da bacia do Amazonas. Encontra-se, embora ainda isolado, no rio Capim; daí para oeste, torna-se sempre mais abundante até ao rio Madeira, e, de fato, parece ter sua maior abundância entre o Tapajós e o Madeira. Afamadas pela fartura de pau-cravo são diversas ilhas das lagoas de Canumã e Autás, bem como as matas à margem do rio Maués. A oeste do Madeira, esta árvore também aparece, entretanto em menor número. É também conhecida na província de Mainas, onde a chamam de *Espingo*. Os rios, que correm do Norte para o Amazonas, são amiúde visitados pelos índios, com o intuito de colherem estes a casca aromática das árvores; ao oeste do rio Negro, segundo se diz, ela cresce também abundantemente. Em geral, dá fora das matas marginais, em lugares mais secos e mais limpos. Parece que o pau-cravo não se espalha da bacia inferior dos afluentes meridionais nas regiões mais altas. Procurei indicar em traços gerais a área de distribuição dessa interessante árvore, porque não há dúvida que ela tem particular relação com o território em que é observada, e, entre as plantas características da bacia do gigantesco rio, ocupa posição importante, tanto pelo interesse que tem para os indígenas como por seu aroma específico. Quanto mais a natureza concentra deter minadas substâncias em certas plantas, e as dota de propriedades químicas peculiares, tanto mais podem ser consideradas como anunciadoras de uma qualidade física especial do solo e de uma modificação determinada do clima. De igual modo, nas Índias Orientais, a pimenteira, a moscadeira, a canforeira, e a caneleira; no arquipélago austral a árvore-do-pão; na costa da Guiné, a espécie de cardamomo, ali cultivada, etc.: são indicadoras de uma certa unidade de condições climáticas e locais. Assim é que vemos também, sobretudo na bacia do rio Negro, aparecer a árvore do pixurim. O cacauero, por outro lado, e a salsaparrilha expandem-se numa área de distribuição muito maior, para cuja caracterização geográfica e física elas concorrem representando um papel importante. Trataremos delas depois (**Nota III**).

As margens orientais do Xingu, onde nos achávamos, são um tanto mais altas do que as ocidentais, onde dois rios, o Jarauçu e o menor Guajará deságuam por diversas bocas no Amazonas, e, por uma bifurcação tão comum nessas águas, também se comunicam com o Xingu, acima da foz desse rio, quase defronte de Porto de Moz. Este canal, que liga o Xingu com aqueles rios, e corre paralelo com o Amazonas, separando uma região do continente, baixa e coberta de arbustos e de igapó, é conhecido pela denominação de *Furo de Aquiqui*. Igual nome tem a sua primeira boca no Amazonas (ou a principal foz do Jarauçu); a segunda boca (ou a do Guajará) é também chamada Magoari. Muitos navegantes, seguindo o rumo de oeste, preferem tornar por esse canal Aquiqui, sobretudo nos meses em que o vento de leste sopra menos, a fim de evitarem a correnteza do Amazonas. Como, porém, nos assustassem os habitantes de Porto de Moz, descrevendo a praga dos mosquitos ali, onde na distância de dez léguas, por causa de numerosas curvas, se navega só raramente com o vento, em geral só a força de remos, preferimos prosseguir no próprio Amazonas. Para contornar a extremidade da terra da margem ocidental procura-se aproveitar sempre o vento terral, que começa a soprar cedo, de manhã, e, de tarde, ao anoitecer. Depois de atravessar o Xingu, ao sairmos da vila, achou o piloto mais prudente ancorar perto da foz do Aquiqui e esperar o anoitecer. Penduramos as nossas redes entre as árvores baixas da margem e percorremos a ilha formada pelo Aquiqui e pelo Xingu, igualmente chamada de Aquiqui. Tentaram os índios, entretanto, a sorte, deitando no rio a tarrafa, enquanto outros preparavam algumas tartarugas grandes para o jantar. Examinando de perto o arvoredo daquelas aprazíveis margens arenosas, achamo-lo de surpreendente semelhança com a vegetação de muitas regiões do sul, particularmente as do Vão do Paraná, em Goiás, e as dos tabuleiros dos rios Formoso e Carinhanha. Julgamo-nos de fato transportados por magia à latitude de dez graus mais ao sul. As árvores mais baixas são de galhada mais espalhada, de folhagem menor, mais seca, mais frequentemente peluda ou felpuda; os troncos, não raro revestidos de diversos líquens foliáceos, e, ao lado, estirões de gramíneas, sob emaranhados floridos. Tudo isso nos lembrava uma formação de plantas, cujo aspecto encantador nos fazia falta, desde muito tempo, nas províncias setentrionais do Brasil. Assim apareciam muitas mirtáceas, malpighiáceas, apocináceas, e, como especialmente caracterís-

tico, o acaju e a mangabeira que preferem as regiões secas e arenosas do interior, e uma árvore de bálsamo, o *umiri* (*Humirium floribundum* M.) que eu vi nas costas marítimas do Rio de Janeiro e da Bahia.⁴

À boca da noite partimos da ilha de Aquiqui e procuramos alcançar sua ponta setentrional; mas o vento não era bastante forte, e remávamos devagar, pois a correnteza do Xingu aqui não é forte. Só graças ao vento da manhã de 12 de setembro foi que pudemos alcançar as águas amarelas do Amazonas, cuja margem fronteira estava escondida aos nossos olhares, por diversas pequenas ilhas no lado meridional. Durante a noite, havíamos atravessado a foz oriental do Urucuricaia: assim se chama o mais largo dos três canais, pelos quais se comunicam as águas do Guajará e do Jarauçu com as do Xingu. Logo à entrada do Amazonas, navegando ao longo da margem meridional, topamos com um dos costumários perigos que os viajantes têm que arrostar em tal rio. Uma grande quantidade de madeira flutuante vinha ao nosso encontro, impelida pela plena velocidade da correnteza, e não deixavam a tripulação descansar; labutavam pois, os índios, por meio de varejões, para desviá-las da canoa, trabalho às vezes penosíssimo, porque os troncos flutuantes excediam de duas ou três vezes a nossa embarcação em comprimento. Tivemos a explicação do grande número deles quando passamos pela enseada rasa de uma ilha; esta estava de tal forma colocada transversalmente no rio que uma quantidade enorme dos paus nela se ajuntavam, quer amontoados na praia, quer flutuando em redemoinho diante dela até que uma casualidade qualquer os soltasse. Eram os troncos, na maior parte, de embaúba (*Cecropia peltata* L.), e de munguba (*Bombax munguba* Mart.), e quase todos arrancados com as raízes. Como à tona da água ora aparecia uma parte do tronco, ora o resto da copa, de longe ofereciam o mais singular espetáculo; outros acarreta-

4. Outras plantas do planalto central, que aqui encontrei são: *Wallenia laxiflora* M., *Terminalia fagifolia* M., *Simaruba versicolor*, St. Hill., o guajará, *Cluysobalanus Icacó* L., *Triplaris Pachau* M., *Hedwigia balsarnifera* SW., *Dipterix odorata* W. e, finalmente, quantidade não pouco considerável de orquídeas que adornam as árvores com suas flores. As palmeiras, uma forma de planta tão característica na bacia do Amazonas, sumiram-se e só eram visíveis nos trechos de floresta de igapó, que aparecem no norte na terra muito baixa e plana no extremo da foz do Xingu.

vam grande porção de terra, onde estiveram, e formavam pequenas ilhas flutuantes⁵; porém as mais estranhas de todas pareciam aquelas onde pou-savam animais de toda a espécie, que, na maior calma e paz, faziam juntos a viagem incerta. Viam-se ali solenes jaburus, ao lado de macacos brinca-lhões, que, à vista da nossa canoa, prorromperam em grande alarido; acolá, uma fileira cerrada de patos e mergulhões, ao lado de serelepes; e, em cima de um tronco apodrecendo de cedro, um enorme jacaré em companhia de uma onça, casualidade provavelmente rara. As duas feras pareciam entreo-lhar-se com contínua desconfiança hostil, mas o sáurio carnívoro sentia-se sem dúvida mais seguro da sua superioridade e deixava-se levar na viagem pelo rio abaixo, na maliciosa esperança de não deixar escapar a presa. Da-va-nos este espetáculo uma cisão geral do domínio do rio em que nos achá-vamos: desarraigando árvores e obrigando as feras a associar-se contra os seus hábitos e tendências, a grande caudal domina toda a natureza circun-dante. Quando, afinal, afundam no rio os troncos flutuantes, muitas vezes multiplicam os perigos da navegação, principalmente para os que viajam a jusante; para os que sobem o rio, eles opõem grande estorvo no caminho, pois acumulando os juncos e gravetos, tornam-se verdadeira barreira, em cujas extremidades o rio corre com maior impetuosidade. Como até a menor viga ou um galho de árvore que pende da margem do rio, produz forte correnteza – só quem os viu é que pode crer. Só a extraordinária massa de água do rio fundo, que propaga longe qualquer redemoinho, é a explicação do fenômeno. Os índios precisavam de empregar não raramente toda a força para vencer a remos tais rápidos, pois o vento leste soprava só muito fraco de tarde. A leve aragem das horas da manhã havia-nos livrado dos incômodos mosquitos, que, durante a noite, nos tinham acompanhado. Eles saíam aos poucos das pregas da roupa e dos lugares escuros da canoa, e desapareciam; infelizmente, ao anoitecer, outros enxames se acirravam sobre a embarcação, e a sua sanguinária perseguição mais e mais aumentava, quando se desencadeou tremenda trovoada, que durante meia hora, entre inúmeros raios, despejou rios de chuva, sobre a terra. Se essas tormentas,

5. A essas “ilhas flutuantes”, a que se refere o autor, dão os escritores que tratam da região amazônica três nomes: *mururés*, *matupás* e *periantas*. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

no Amazonas, aterram os viajantes europeus com o ribombo dos trovões, o bramido do tufão, nas florestas da margem e o fragor das águas, ao menos, quanto aos raios, são pouco perigosos, porque descarregam tão alto que quase não se tem noção de caírem sobre as coisas embaixo. Assim, logo nos acostumamos à esplêndida grandiosidade do fenômeno, que se repetia de agora em diante, umas três a quatro vezes por semana.

Durante o temporal, ficamos ancorados à margem; porém perto de meia-noite foi que os mosquitos despertaram a nossa equipagem, e remamos, então, rio acima, favorecidos de novo pelo vento leste, beirando a margem meridional.

Quando nasceu o sol, a 13 de setembro, um espetáculo desacomumado se nos ofereceu. Na margem setentrional do rio, elevava-se uma série de montanhas tabulares, estendidas, cuja primeira impressão nos fez involuntariamente recordar a formação tabular do Piauí. No primeiro plano, à frente das montanhas estavam ilhas esparsas, muito baixas, cujo verde seivoso tanto mais lustroso se destacava das águas palhetadas de ouro, por se revestir o fundo da paisagem de um colorido vago verde-azulado. Apenas a montanha mais a leste, que era mais baixa que as outras mostrava em algumas encostas o avermelhado da pedra; todas as outras cobriam-se, por toda a parte, de mata cerrada. Essas montanhas, a serra do Paru, cujos ramos isolados, começando a leste, chamados serra do Almeirim, Vaimi Buraco, Tucumaiuntuba, Uaramu, Jutaí e Paranaquara, estendem-se desde a vila de Almeirim até Monte Alegre; não formam, entretanto, cadeia ininterrupta, mas apresentam-se tanto mais separadas quanto mais se navega para oeste. Em geral não se preocupam mais os navegantes com a preamar e a baixa-mar, assim que, a leste, deixam Gurupá atrás de si; todavia, esses movimentos periódicos ainda exercem certa influência sobre a viagem nos canais de Aquiqui. Daí em diante, para oeste, apareceu-nos o rio muitas vezes em toda a sua largura, de umas três léguas, não interrompida por ilha alguma. A correnteza da monstruosa massa de água, não estorvada por embarço algum de permeio, é mais rápida e impetuosa. Pelo balanceio da canoa, parecia que estávamos em alto-mar. A navegação é também perigosa em tais paragens, porque as embarcações, batendo em baixios, podem ser feitas em pedaços pela força da correnteza. Antigamente, e por esse motivo, os que saíam da boca do Aquiqui preferiam procurar, ora a costa setentrional, ora ficar dentro do canal que liga o curso de água do Aquiqui com a bifurcação do rio Gua-

jará. Esse rio desce paralelo com o Jarauçu para o Amazonas, e, antes de se juntar a este último, reúnem-se as suas bifurcações, em número de quatro a seis, às do Jarauçu numa rede de canais, nos quais, saindo do Porto de Moz se torna possível uma navegação segura, porém demorada e penosa, por causa das muitas curvas e da incessante perseguição dos mosquitos. Daí a razão por que se prefere agora viajar no próprio rio, ao longo da costa, fazendo-se a viagem em três dias, enquanto que, pelos canais, se gastam cinco dias. Quase tivemos que nos arrepender de não ter escolhido este caminho mais seguro, pois dois dias de contínua labutação da equipagem nos fizeram avançar apenas umas oito léguas para oeste, porque o vento leste soprava muito fraco; e quando, na noite de 14 para 15 de setembro, o vento aumentou depois da trovoadas, formada a nordeste, a qual não nos alcançou, navegamos com maior rapidez rio acima, até que nos assustasse o vozerio dos remadores da proa, esclarecendo-nos que estávamos vogando com só braça e meia de fundo. A noite estava escura, sem estrelas, e achávamo-nos acossados por violenta ventania sobre águas agitadas, nos mal afamados bancos de areia de Mauari (*Magoari*). Foi logo colhida a vela, os *igatiúbas* (isto é, os proeiros, remadores da frente) precisavam sondar e informar, com contínuos avisos, do que iam achando, enquanto o resto da equipagem lidava com os varejões, para levar a canoa a maior fundo.

Ao despontar do sol, havíamos alcançado outra boca daqueles canais ligados entre si, chamados os furos de Mauari, ou Mauari-ajura-para, e, rumando por ali, navegamos todo o dia, entre o continente e uma ilha baixa. A feição dessa paisagem baixa toma peculiar característica pela quantidade das embaúbas (*Cecropia peltata* L.), cujos troncos de casca branca suavemente curvados estendem, em grande altura acima dos arbustos das margens, as suas folhas lobadas de uma vara de comprimento. Bandos de capivaras tímidas abrem caminho, às vezes, na espessura da margem, ou ressoa ao longe, nas matas, o grasnado das araras; a não ser isso, nada encontra o viajante nessas selvas solitárias, e a falta de franca viração, ou de mais animada vista na movimentada superfície da água dá vontade de voltar ao mar do Amazonas. Aqui avistamos ilhas espalhadas nele, das mais diversas formas e tamanhos; às vezes, porém, juntava-se formando um rio indiviso, e, então, víamos de novo as montanhas da costa setentrional, mas com diferente aspecto, pois que se apresentavam espaçadas.

Na manhã de 16 de setembro, tínhamos atrás de nós as chamadas ilhas de Uruará, e entramos então em outro canal, que formado pela bifurcação do pequeno rio Uruará, faz de uma parte baixa do continente ao sul uma ilha. A entrada é tão estreita e rasa, que a nossa embarcação algumas vezes só com enorme esforço pode ser levada adiante, através do tapete de trepadeiras enredadas de uma margem a outra, e que haviam, além disso, subido, formando impenetrável sebe de 20 pés de altura na mata vizinha. Havia ali, particularmente uma cucurbitácea (*Elaterium carthaginense* Jacq.), cujo incrível vigor havia quase abafado as outras plantas. À margem, crescia vasta mata de mungubas, cujos troncos verde-acinzentados, galhos airosos e grande folhas pinadas emprestam feição peculiar à paisagem. Poucas são as famílias de plantas nos países tropicais, cujos membros tanto se evidenciam pelas formas colossais e grotescas aos olhares dos viajantes, como as bombacáceas (divisão dos malvales), a que também essas árvores pertencem. Na África é a monstruosa Adansônia; nas matas virgens das províncias meridionais do Brasil, havíamos observado as espécies de chorísia e bombácea monstruosas e armadas de fortes acúleos; nas planícies ressecadas e matas de catingas do interior da Bahia, as barrigudas (*Pourretia tuberculata* Mat.), de troncos intumescidos como tonéis e casca coberta de verrugas. Agora, apareciam-nos mais duas outras dessa raça de gigantes. A mungubeira vive gregária nas várzeas da bacia do Amazonas, onde frequentemente alterna em extensos trechos, com a embaúba; isolada e mais em terrenos elevados, encontramos a sumaúma (*Eriodendron samauma* Mart.), árvore com elas aparentada. Eleva-se esta ainda mais alto do que a primeira citada, e estende os seus galhos quase horizontais a grande distância acima do solo. Em vez da ramificação levemente torcida e da copa graciosa da mungubeira, a sumaúma prende a atenção pela massa arrojada dos seus enormes troncos e galhos e pela exuberante folhagem da sua fronde. É comum ver-se uma dessas portentosas árvores destacar-se acima das suas vizinhas, como uma torre vegetal, e os índios, particularmente os rapaces muras, sobem pelos seus troncos como numa atalaia, para espiarem os viajantes do rio, aos quais armam ciladas. Os frutos de ambas estas árvores, uma cápsula oval às vezes do tamanho de um palmo, contêm considerável quantidade de fios encrespados, a maior parte seguros na coluneta mediana, que fica após a queda da casca, dando à árvore quando são muitas, um aspecto extremamente singular. A felpa da mungubeira é amarelo-acinzentada, mas a da sumaúma é da alvura do mais belo algodão. Tentou-se fiar estes filamentos vegetais, como os do

próprio algodão; como, porém os fios são mais quebradiços e têm menos das pequeninas farpas, pelas quais o algodão se presta especialmente para muitos tecidos, pouco proveito se achou na sua exploração. Essa espécie de algodão é tanto mais adequada para o feltro, como para leves chapéus de verão e para o preparo de almofadas macias, e elásticas. Para esse fim, costuma-se já, desde muito tempo, fazer dele remessas do Pará para Portugal. Nos países mais frios recomenda-se especialmente a felpa da sumaúma⁶, por ser condutor de calor inferior do que a da mungubeira, a qual aquece menos.

Na elasticidade das fibras parece influir um certo grau de higroscopicidade pois ela se renova, quando, depois de longo uso, a felpa é de novo exposta por algum tempo ao ar. Durante a nossa estada alguns comerciantes ingleses fizeram remessas do precioso artigo para Liverpool. Na colheita e seca é mister muito cuidado, porquanto, os flocos são muito delicados e leves, e estendidos ao sol a menor aragem os fazem voar alto, levando-os até longe. A entrecasca da mungubeira tem a mesma extraordinária tenacidade e solidez da de muitas outras bombacáceas. Na falta de outra corda, costumavam os nossos índios, quando era preciso puxar a canoa nas correntezas violentas, utilizar-se de compridas tiras da entrecasca, que eles sabem cortar da árvore, com grande habilidade. Foi no canal de Uruará que avistamos, em estado de liberdade, as primeiras daquelas tartarugas (*Emys amazonica* Spix), que, para os moradores de todo o Amazonas substituem o gado bovino, pois a sua carne é ali o alimento animal mais comum. Elas estavam ocupadas a pastar o capim alto (*Panicum elephantipes* Nees), na areia úmida da margem. Depois da tartaruga do mar, esta espécie, a tartaruga grande dos colonos, é a maior de todas; um animal adulto dá bem nove a dez libras de carne. São apanhadas pelos índios e conservadas em currais fechados, que se constroem à beira da água, de sorte que elas podem banhar-se. Folhas e frutos do ingazeiro e de outras árvores, que lhes deitam de quando em quando, constituem a sua alimentação. Em fazendas abastadas, o curral mantém, às vezes, cem ou mais tartarugas, das quais costumam matar diariamente, ou pelo menos nos dias

6. A felpa de ambas as árvores é chamada indiferentemente de *samaúma*. Aos próprios nomes das árvores, porém, dão os brasileiros, não raro, a terminação portuguesa: *mungubeira*, *samaumeira* ou *sumaumeira*.

santificados, para ser servida à mesa como carne fresca. Os habitantes da província do Rio Negro fazem diversos pratos, alguns muito saborosos, com a tartaruga; os mais comuns, porém, são a sopa preparada com as patas e uma iguaria feita com as partes apensas ao plastrão, que são picadas miúdas, temperadas com pimenta-malagueta e outros condimentos e assadas sobre o mesmo nas brasas. A sua casca não pode ser aproveitada, pois não tem brilho, nem belo colorido, e, além disso, é sujeita a esfoliar-se em lâminas finas. Veem-se por isso só as carapaças inteiras, usadas em lugar de outras vasilhas grandes, em suas casas pobres. Esses quelônios são estúpidos e bastante vagarosos, de sorte que foi fácil aos nossos índios apanhar alguns, cortando-lhes o caminho para o rio e com um pau virando-as nas costas. A única precaução é evitar chegar muito perto da sua forte dentadura. Não era ainda a época em que as tartarugas saem em bando do rio, para a postura dos ovos na areia da praia. Ademais, o ano de 1819, como afirmam os nossos índios, foi muito desfavorável para a caçada de tartarugas, porque o rio, na época do mais baixo nível da água, isto é, nos meses de agosto e setembro se mantinha a uma altura excepcional. Muitas das margens arenosas, que, nesse período, costumam estar bem a seco e cobertas de tartarugas, achavam-se este ano inundadas com quatro a seis pés de água. As enchentes da primavera precedente haviam causado estragos ainda visíveis. As margens íngremes em certos lugares pareciam desabadas de fresco; enormes quantidades de troncos desarraigados jaziam amontoados ou flutuavam rio abaixo, e muitas das matas de cacaueiros, ao longo das margens, traziam nos galhos lama do rio, gravetos e caniços, até 12 pés de altura. Nelas estava arruinada a colheita do cacau, ou inutilizada, devido aos perigos da colheita. Mais acima, no rio, ouvimos contar os múltiplos prejuízos causados por essa cheia enorme, nas plantações de cacaueiros, cana, arroz e café; e, à margem setentrional, entre Monte Alegre e Macapá, nos rebanhos. Foram esses prejuízos, desde a Vila de Faro até Santarém, avaliados em 60.000 cruzados. O gado, sitiado em ilhotas diariamente diminuídas no rio, entregue a si mesmo, exposto ao assalto de famintos jacarés e onças, sucumbia em massa. O que mais surpreendia era a grande mortandade que essa extraordinária enchente determinou entre as cobras, os jacarés e peixes, que moram nas lagoas e águas paradas, ao longo do rio. Em parte foi causada pela putrefação dos outros animais mortos, e, além disso, provavelmente também pela contaminação daquelas águas tranquilas

pelas do Amazonas... Os colonos ribeirinhos do Amazonas afirmam todos que a água desse rio, “por ser bem batida”⁷, merece preferência entre a maioria das potáveis, contanto que se deixe sedimentar as partículas de terra, que ela contém em grande quantidade. Costumam, por isso, guardá-la em grandes talhas de barro mal cozido, que a refrescam por meio de imperceptível evaporação, e onde descansa 24 horas, ficando então de sabor puro. As águas das lagoas e dos canais, embora cristalinas e contendo menos partículas de terra, são, ao contrário, de pior sabor e mais quentes. A inumerável quantidade de anfíbios em parte carnívoros, que ali habitam, as substâncias solúveis das plantas apodrecidas, e talvez também a falta do saudável arejamento, que ao menos durante algumas horas, se faz na superfície do Amazonas, devem ser o motivo da menor salubridade das águas da vizinhança do grande rio. Também devo atribuir o aumento da mortalidade dos seus habitantes, por ocasião das enchentes fluviais demoradas, à mistura de águas. Embora se encontrem jacarés e cobras grandes também no próprio rio, a maioria desses animais costumam viver nas águas laterais, e só entram na correnteza, quando perseguem caça, ou quando atraídos pelo cheiro de sobras animais despejados no rio, na vizinhança de colônias, particularmente das pesqueiras do rio. Não receávamos tomar banho no rio de forte correnteza, e não me recorde de haver visto um só jacaré em algum dos principais canais, ao passo que apareciam frequentemente, às centenas, nas enseadas profundas, nos juncais das margens pantanosas, nas bocas dos canais e na proximidade das habitações. A dar-se crédito às numerosas narrações de homens sem preconceitos, as profundezas do Amazonas hospedam, além dos grandes anfíbios acima mencionados, ainda algumas espécies de cobras-d’água, que são peculiares a esse rio e aos seus maiores afluentes, porém que evitam as águas tranquilas dos charcos e lagoas vizinhas. Têm-se visto enormes serpentes, esverdeadas ou pardas, nadando como se fossem troncos flutuantes, e, segundo dizem, crianças e adultos já foram arrebatados, quando acaso elas saem em terra o que é raro. A esse monstro os índios dão o nome de mãe do rio (paraná-maia)⁸, temem encontrá-lo e ainda mais matá-lo, porque então seria certa

7. A expressão acha-se em português no original e assim grafada: “por ser bem batida”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

8. *Paraná-maia* não é “mãe-d’água”, e sim, “mãe-do-rio”. “Mãe-d’água”, como se sabe, e o termo é peculiar na região amazônica, é iara. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

a própria ruína, bem como a de toda a tribo. Um velho remador de nossa canoa afirmava ter avistado essa terrível cobra-d'água perto de Gurupá, e, dois dias depois, ela devorou o seu irmão. Este passeava com a noiva, à margem do rio, e, chegando a um ponto onde havia no fundo um barro preto fino, com que as índias tingem os tecidos de algodão, ela pediu-lhe que colhesse umas mãos-cheias. O rapaz mergulhou, mas a noiva debalde o esperou por muito tempo. Quando finalmente observou, aflita e mais de perto, o lugar onde ele se sumira, não viu mais a sua sombra no fundo, e, no meio do rio, a mãe-d'água sacudia a terrível cauda furiosamente e o noivo lhe tinha sido arrebatado para sempre. Já desde milênios se preocupa a imaginação dos povos com tais ideias de cobras gigantescas, habitantes do fundo das águas, e que só raramente emergem das mesmas, para terror e desgraça dos homens. Na Europa admiramos o primor artístico do Laocoonte⁹, originado dessa lenda; na América, a fantasia é empolgada pelas dimensões colossais, com as quais esse monstro apareceria. O aparecimento, tantas vezes confirmado recentemente, da serpente do mar nas costas norte-americanas realça a probabilidade de semelhante fato nas águas abundantes de vida, do Amazonas. Cumpre dizê-lo, porém: os índios com efeitos singulares levam o simples fato para o reino da fábula. Assim, eles contam que, de quando em quando, aparece a mãe-do-rio com um diadema brilhante ou deixa emergir a cabeça luminosa fora do rio anunciando, com isso, a queda em extremo do nível d'água e a propagação de doenças decorrentes. A confiança, com que os índios contam tais lendas, é uma das feições mais peculiares do seu caráter, e o viajante, neste país, deve ficar prevenido disso, para atribuir uma parte, de tudo que ouvir da boca dos homens vermelhos, do milagroso, a esta inclinação fantástica. O enfeite dos simples fenômenos da natureza com o brilho do prodigioso é a única poesia de que é capaz o índio com sua alma sombria e tenebrosa. De igual modo quase todo fato natural que se assinala por qualquer distintivo, possui sua fábula. De muitos animais e plantas, o índio conta as maiores extravagâncias. A lenda das Amazonas, de homens sem cabeça e com a cara no peito, de outros que têm terceiro pé no peito ou possuem cauda, do conúbio de índias com os macacos coatás, etc., são idênticos produtos da fantasia sonhadora dessa raça de homens.

9. Vê-se uma cópia do "Laocoonte" em São Paulo à Avenida. 9 de Julho. (Nota da rev., Ed. Melh).

A viagem pelo estreito canal de Uruará, a qual se costuma calcular em sete léguas, transcorreu com felicidade, até à tarde de 16 de setembro, quando de novo entramos no próprio Amazonas. Passar a noite nas suas margens ou praias, onde estas já emergiram das águas, sempre e preferível a permanecer nos canais. O cenário mais aberto, à vista do posante caudal, e a aragem suave, que sempre enxota uma parte dos mosquitos, são amenidades às quais se acrescenta a de uma pescaria mais rendosa; pois raramente deitavam os índios no rio os anzóis ou a rede sem colher abundante presa de grandes e pequenos peixes. Os nossos índios sempre se alegravam, antecipando o momento em que podiam largar os remos, para se entregarem a essa ocupação predileta. Apenas parava a canoa, já eles lançavam da proa os anzóis, ou alguns pulavam de bordo, soltando exclamações de prazer, procurando lugar favorável para dispor o arrastão, enquanto outros ainda logo cuidavam de acender o fogo, para preparar os peixes apanhados dando brados de júbilo. Uma boa ração de cachaça, que nessas ocasiões nunca deixávamos de lhes dar, tinha o salutar efeito de torná-los alegres, sociáveis e ativos. O índio é tão destro na pescaria, quanto na caçada. Dentro da água ele avista e distingue ao longe os mais diversos peixes, escolhe com perspicácia a espécie de isca que mais atrai os peixes do momento, e maneja os instrumentos com incrível ligeireza. Raras vezes usa prender a linha numa vara; enrola-a, engenhosamente, lança-a da margem ao longe, no rio, e sente, sem ver, o mais leve tremor ao contato do peixe com o anzol. Muitas vezes ouvi dos índios que os peixes se deixavam atrair não tanto pelo cheiro, como pela forma da isca; e, com grande surpresa minha, eles apanhavam justamente o peixe, cuja isca particular, haviam fabricado, quer de farrapos de lã, de papel, de casca, quer de um inseto, peixe ou carne salgada, e tudo feito tão rapidamente, quanto apropriado para enganar. Quando se pensa que um sem-número de tribos desse aborígenes brasileiros, habitando nas proximidades de águas, tanto dependem para alimentação de peixes, como de animais terrestres, e relativamente de poucos vegetais comestíveis, não se deve estranhar que, apesar de toda a sua incultura, possuam grande habilidade e até conhecimentos, para nós totalmente desconhecidos, na arte da pesca. O modo de pescar dos índios ora é uma caça com as mesmas armas de que eles usam contra outros animais e na guerra, ora captura tirando os peixes para fora do seu elemento, ou entorpecendo-os com diversas substâncias. A caçada aos peixes é feita

com a lança, a zagaia, a flecha, ou com a estólica. As flechas têm, em geral, farpas nas pontas, e constam de duas partes separáveis. Logo que a ponta fissa o peixe, e este foge para o fundo, desenrola-se uma fina linha da parte dianteira da flecha, e fica a parte traseira na superfície da água, indicando ao caçador onde deve buscar o peixe. Incrível é a habilidade do índio, ao desferir a rápida flechada no peixe ligeiro, debaixo da superfície d'água. Ele sabe calcular a enganadora refração da imagem na água, e raro falha o alvo fugaz. Particular destreza nessa arma têm os passés, aos quais por isso muitas vezes devia uma abundante refeição no rio Japurá, quando os nossos víveres se acabaram. Algumas tribos, como a que acabo de citar e a dos juris, gabam-se de ser tão bons arqueiros, que podem até matar tartarugas, pois lançam a flecha tão bem calculada no ar, que ao cair a prumo, vai ferir o único ponto vulnerável, o pescoço esticado do animal. A estólica¹⁰, é tábua feita de um pau leve de cedro ou de embaúba, servindo como funda para flechas pesadas e compridas, lançando o projétil colocado paralelamente numa ranhura ou num cavalete transversal, com imperceptível movimento da mão. Só vimos essa arma entre velhos índios da tribo dos cambevas e sorimoês, em Ega; parece ser desconhecida nas regiões orientais.

Outro muito diverso modo de pescar, que na Europa dificilmente se empregaria, a não ser no fechar de viveiros de peixe, íamos ver ainda na noite de 16 de setembro. Consiste em nada menos do que pôr a seco os peixes de pequenos riachos esgotando rapidamente a água nestes. A nossa canoa ancorava junto de uma ponta de terra, pela qual verte no Amazonas uma vala rasa. Um de nossos proeiros, que os seus companheiros por sua extraordinária corpulência chamavam de *Igaratiiba-Barrigudo* (comparando-o ao macaco barrigudo), não confiando bastante na sorte de pescador dos outros para satisfazer o seu insaciável apetite, saiu para inspecionar a região e voltou todo sorridente, a clamar: — “*Jossoana! Aique igapujá! Aique piraeté! Corutim!*” (Vamos! Há muito peixe para ser posto a seco! Depressa!). Quase todos largaram a ocupação do momento e correram ao riacho, levando cuias e cascas de tartaruga; levantando dois bancos baixos de areia, represaram a água de pouca correnteza numa extensão de seis braças, lançando para trás a água com tal rapidez entre as pernas

10. Não nos foi possível descobrir a origem da palavra *estólica*, assim escrita e explicada no texto por Martius. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

abertas que, em menos de 10 minutos, apareceu muito peixe a estrebuchar em seco. Muito mais difícil parecia chegar a um acordo sobre o que se devia aproveitar do pescado ou abandonar, do que o próprio trabalho; pois longamente discutiram a esse respeito, cada um gabando as qualidades do seu peixe preferido; mas, afinal, prevaleceu a nossa decisão de que se ficaria com todos e os que não prestassem para alimento seriam conservados no barril com cachaça para nossa coleção¹¹.

O nosso proeiro barrigudo parecia animado pelo êxito da pescaria, para maior atividade; como tivesse anoitecido, enquanto os outros, acorados em volta da fogueira, olhando gulosos para a refeição ainda não concluída, esgueirou-se ele e dirigiu-se para o rio, levando um tição aceso. Não havia passado um quarto de hora, voltava com um colossal pirarara (*Phactcephalus bicolor*), que deitou triunfante na areia defronte de nós. Tinha atraído este peixe de doze libras de peso com o tição à praia e pegado com as mãos. Nos lugares onde não se receia ataque de jacarés, os índios usam, não raramente, desse simples processo, que pode ser equiparado ao modo de caçar salmão no Reno e na Escócia. Também o costume de “titilar uma truta” *to tickle a trout* com que o pescador hábil da Inglaterra obriga as trutas a saírem das suas tocas debaixo das pedras é um jeito conhecido dos índios. Quem já viu a habilidade com que o homem vermelho sabe atrair o mais esperto pássaro e longamente o entretém com o laço até que a ave, por seu próprio impulso, se mete nele, não estranha que ele consiga apanhar os estúpidos e menos ariscos peixes, por meio de semelhantes artifícios.

As espécies de peixes obtidas por meio de igapujá (esgotamento da água) eram conhecidas dos índios por nomes quase todos compostos com a palavra *pirá* “peixe”, seguida de outra para significar semelhança com algum animal; por exemplo: *pira-inambu*, *pirá-andirá*, *pirá-arara*, isto é “peixe-inambu”, “peixe-morcego”, “peixe-arara”. Menciono este fato para acrescentar a observação geral de que é inclinação do índio dar nomes por uma semelhança qualquer. Nomes de plantas são por eles transferidos para animais e vice-versa; até muitas tribos receberam nomes

11. Apanhamos aqui: uma qualidade de *surubim* (*Platystoma* Lima) que, além do saboroso *pirinambu* (*Pimelodus pirinambu*), foi escolhido para o prato principal, bem como *Pimelodus Spixii*, *Engraulis tricolor*, *Anodus latior*, *Tetragonopterus chalcus* e *Chalcus amazonicus* e *pira-andirás* (*Julis dimidiatus*)



Montes banhados pelo rio Tapajós, ao sul da vila de Santarém.



Desfiladeiro de Óbidos, desenhado em pleno rio.



Óbidos, vista da ilha de Paracatuba.



Corredeira de Jatauarana, algumas milhas a leste da foz do rio Negro.

desse gênero, que, não sendo a sua primitiva designação, foram, entretanto, conhecidas assim pela maioria, e agora servem para diferenciá-los. Por exemplo: marauás ou parauás e coatá-tapuias, cujo nome derivou de duas espécies justamente não bonitas de macacos, o *parauá* (*Pithecia hirsuta e inusta* Spix) e o *coatá* (*Ateles paniscus*). Mais brilhante denominação é a de araras, pois deriva a tribo o seu nome de bela ave, à qual procuram, assemelhar-se por meio de tatuagem do rosto própria. Muito comum é esse costume entre numerosas tribos que assim procuram distinguir as suas diferentes hordas; por exemplo, os miranhas *oera-açu*-tapuias e *carapanás*-tapuias, isto é, miranhas, “ave grande” e “mosquitos”.

A 17 e 18 de setembro, prosseguimos viagem pelo Amazonas, rio acima, e ao longo da margem meridional. Soprou vento favorável, principalmente desde que amanheceu até ao meio-dia. Assim que cessava parávamos em terra firme ou numa ilha, para preparar a comida, concorrendo o rio, quase sempre, com a sua contribuição de excelente peixe. Passávamos as noites na proximidade da terra, martirizados pelos mosquitos do modo mais cruel. Quando, durante a viagem por terra, com receio de algum assalto, tínhamos de ficar de sentinela, parecia-nos então muito menos penosa a falta do sono do que essa vigília involuntária, causada pela perseguição tremenda dos mosquitos. Aliás, nesses dias, como antes tampouco, não avistávamos ente humano algum, a não ser os nossos companheiros. Essa profunda solidão, que não tinha influência desfavorável em nosso ânimo, fazia-nos sentir quão longe já estávamos das margens habitadas. Sem dúvida, já nos achávamos na região enorme que ainda pode ser considerada de preferência domínio dos indígenas do Brasil; pois só as raras povoações à beira do Amazonas e de seus afluentes são ocupadas por gente de origem europeia; todo o vasto território, até imensa distância, é exclusivamente habitado por tribos de índios muito espaçadas, entre as quais nenhuma família europeia tomou pé. Por esse motivo, costumam os paraenses chamar as regiões a oeste de “Sertão do Amazonas”. Como daqui em diante teremos constantemente ocasião de aludir a índios, parece oportuno explicar resumidamente quais as condições em que estes autóctones se apresentam ao viajante. Ou eles habitam ainda aldeias fundadas pelos brancos, ou ainda vivem separados nas suas matas; mas civilizaram-se o bastante para manter poucas relações com os brancos, ou finalmente são inimigos declarados do imigrante, ora procurando atacá-lo e perseguir-

-lo, ora sentindo a sua inferioridade e fugindo de qualquer contato com o europeu. Mercê da persuasão do missionário ou de colonos respeitados, uma ou outra família ou hordas inteiras de diversas regiões resolveram estabelecer-se em povoações, e daí a razão da incrível mistura de seis até dez e mais tribos, a qual se nos depara aqui não raramente. Os índios aldeados, em proporção com o tempo em que moram na povoação, abandonaram os seus hábitos e línguas, e falam o tupi, ou, se mais longa é a sua convivência com os colonos, falam o português. Quase sempre é muito inconstante essa população, em geral de contato passageiro, só por motivo de guerra com os vizinhos, de epidemias, de falta de alimento, raras vezes motivada por necessidade real de alcançar melhor condição de vida. Regressa às suas matas ou muda o lugar da aldeia, para cuja escolha primitiva não tinha tido o devido cuidado. Muitas vilas já mudaram quatro ou cinco vezes de lugar, e, nos diversos deslocamentos, foram perdendo certos moradores ou adquiriram outros. Também não são raros os casos de matarem os índios o missionário, e voltarem ao seu primitivo domicílio. Malogradas esperanças de maior comodidade no novo modo de vida, opressão exercida por certos colonos imigrados, a devastação causada pelas bexigas ou pelo sarampo, muito raras vezes a conduta imprudente do missionário, foram os motivos desses levantes, que, então, foram castigados pelo governador do Pará ou do Rio Negro com guerra de extermínio ou com a prisão e transporte a lugares remotos. Essas condições explicam bastante o despovoamento que verificamos quase por toda a parte onde estivemos no interior das províncias do Pará e do Rio Negro; e logo indicam que espécie de observações podiam ser feitas sobre as tribos que encontrávamos nas aldeias. Aqui elas não se apresentavam na sua vida natural e primitiva, com liberdade de movimento, seus costumes e vida própria; antes, encontrávamos apenas restos de tribos, doentes e alteradas. Ainda mais: como justamente às tribos menos numerosas com maior facilidade foram persuadidas a estabelecer-se nesses povoados, e, como, além disso; por serem de gênio menos combativo, de costumes menos característicos e de constituição mais fraca, tanto mais estavam destinadas a extinguir-se na união com os brancos, às vezes restando uma só família de uma tribo inteira; de outras, só restava o nome, e as nossas investigações etnográficas se transformaram em discussões arqueológicas, pois o interesse na atualidade havia desaparecido. De muitas tribos citadas nas narrativas de Acuña, de raças poderosas ribeirinhas do

Amazonas, e ainda de maior número de outras indicadas em mapas, não encontramos vestígio algum, ou apenas longínquas reminiscências de nomes semelhantes. Por esse motivo, tanto mais nos importava o conhecimento de tribos poderosas, ainda no estado primitivo, porém que tivessem tido algum trato com os brancos. Uma nação numerosa, a dos muras, vive em liberdade em famílias espaçadas ao longo das margens do Amazonas, do Solimões e do Madeira. Essas, de certo modo os ciganos entre os índios, não têm morada fixa (índios de corso), e podíamos encontrá-los como amigos ou inimigos, segundo a ocasião. As demais grandes tribos livres, os mundurucus, maués, miranhas, etc., se as queríamos conhecer, devíamos procurá-las nas suas tabas mais ou menos distantes do grande rio.

Na manhã de 18 de setembro, tínhamos a nosso lado a margem de Cuzari, encosta de barro de uns seis pés de altura, à margem sul do Amazonas. O dia inteiro navegamos ao longo dessa margem; e os índios puseram-se em movimento, ao raiar do dia seguinte, acordando-nos com o seu canto cadenciado. Ao sair do camarote, notamos uma grande mudança na água; não tinha mais o tom amarelo-sujo da do Amazonas, mas era verde-escura e mesmo mais clara que a do Xingu; achávamo-nos, portanto, na foz do Tapajós (**Nota IV**). Em breve, subíamos, por esse rio, cuja largura não nos pareceu muito menor que a do Xingu em Porto de Moz. Por volta do meio-dia, alcançamos a Vila de Santarém, duas léguas acima da embocadura na margem oriental, onde nos apressamos a desembarcar, para descansarmos das muitas fadigas da viagem até aqui. Santarém, chamada Tapajós na língua geral, é a vila mais importante de todo o Amazonas, e a sua situação garante-lhe rápido florescimento e opulência, com o progressivo povoamento destas regiões. Está assentada sobre um terreno desigual, que se eleva 12 a 30 pés acima do rio. Diversas filas de casas de um só pavimento formam a rua principal e outras laterais, e apresentam aspecto de asseio e comodidade. A igreja nova, cuja construção ainda não se concluiu, dá ideia de gosto e boas proporções. Tem duas torres baixas, quadradas, estilo muito comum nas províncias do norte do Brasil. Aqui, como nas demais vilas do interior do Pará, as paredes das casas são de pau a pique, barreadas e caiadas de branco. O teto é coberto com telhas côncavas ou com folhas de palmeira. Poucas são as casas que têm fundamentos e alicerces de alvenaria ou tijolos. As salas são espaçosas e às vezes têm portas dando para a rua no lugar das janelas, porque eventualmente podem vir

a servir como armazém. Muitas vezes é grande o número de quartos em fila, os quais, conforme a necessidade, se dividem para moradia de diversas famílias. Os quintais, nos fundos das casas, são separados uns dos outros por muros baixos de barro, e contêm em geral um telheiro, sob o qual se cozinha, e senzalas para a criadagem da casa, quase sempre índios, sendo raros os pretos ou mulatos. Em vez de vidraças, veem-se por toda a parte somente venezianas de madeira ou de trançado fino. O chão raras vezes é assoalhado; em geral é coberto de tijolo, ou, nas casas mais pobres, é de terra batida. As portas consistem, quase por toda a parte, em dois batentes, cada um dos quais é feito de uma só tábuia. As paredes são caiadas de branco ou de amarelo com tabatinga, tirada de enormes jazidas nos rios; para melhor ligar esse material, amassa-se não somente com água, mas também com uma parte do leite viscoso da sorveira, árvore da família das apocináceas (*Collophora utilis* Mart). A esse simples modo de construção corresponde o mobiliário das salas. Móveis foros são raros, embora haja à mão muitas das mais preciosas madeiras, como a *muirapinima*. As cadeiras são usualmente de palhinha ou forradas de couro; em vez do sofá, penduram algumas redes de algodão branco, finamente tecidas com desenhos delicados, não feitas a ponto de malha; há também um pequeno espelho. Em vez de lustres, usam grandes lampiões de latão, nos quais arde, em diversas mechas, o óleo de rícino. O número dos habitantes de Santarém, registrados nas listas da igreja, não se eleva muito além de 2.000; se forem contados todos os que vivem dispersos, fazendeiros que às vezes moram longe e as inúmeras famílias de índios que para eles trabalham, calculam-se em 4.000 todos os habitantes do distrito, avaliada a sua área habitável em 15 léguas quadradas. Entre os moradores, existe um número relativamente grande de brancos, que se domiciliaram aqui e se casaram com mulheres de cor. Desde Pombal, predomina em Portugal a ideia da opulência e de condições naturais favoráveis da província do Pará; assim, gente das classes mais baixas do povo foi estimulada a emigrar para aqui, onde as relações com os índios, e a facilidade de empregá-los nas plantações, em lugar dos escravos, lhes vem ao caso. Justamente esse trato com os índios, – cujos serviços, bem como os artigos que eles trazem ao mercado não se pagam a dinheiro, – deu motivo a que muitos colonos montassem lojas abertas ou fechadas, com toda a espécie de mercadorias europeias, dando assim à vila a aparência de mais animado comércio, do que é realmente possível. Deve-

-se considerar Santarém o empório do comércio entre a parte ocidental da província do Pará e a capital. Das vilas vizinhas, Óbidos, Faro, Alenquer, Vila Nova da Rainha (a oeste), Alter do Chão, Vila Franca, Boim, Pínhel e Aveiro (ao sul), à margem do Tapajós, trazem cacau, salsaparrilha, cravo-do-maranhão, algum café, algodão e borracha. Os fazendeiros, que têm as suas plantações próximas, e só raramente, sobretudo na ocasião dos maiores dias santos, vêm à cidade, outrora cuidavam quase exclusivamente de cultivar o cacau, que de resto aqui também não raro cresce espontaneamente; em tempos recentes, começaram a dar mais atenção ao café, ao algodão e ao anil. Muitos desses opulentos donos de terras remetem os seus produtos, em suas próprias canoas, para o Pará de sorte que ao grande número de intermediários resta sobretudo o comércio com os índios do Tapajós, que habitualmente entregam os seus artigos só em pequena quantidade. Em extremo, favorável para o comércio de Santarém é a navegação do Tapajós até à província de Mato Grosso, a qual é empreendida com muito maior frequência do que a do Madeira, desde uns 15 anos para cá. Os negociantes de Santarém aproveitam essa viagem, não simplesmente para manter o comércio com os mato-grossenses, mas também para permutar com as duas poderosas tribos do mundurucus e maués, que vivem ao longo do Tapajós, cravo-do-maranhão, salsaparrilha, cacau, adornos de penas e o guaraná, cujo preparo é negócio especialmente dos maués. Saindo de Santarém, pelo rio acima, faz-se em seis semanas a viagem, em barco pequeno, ligeiro; numa canoa grande, que carrega umas 1.200 arrobas, gastam-se quatro meses ou ainda mais tempo.

Encontramos amável acolhimento por parte de algumas pessoas distintas da vila entre as quais um eclesiástico, que, antes, tinha sido missionário nas Índias orientais. As suas narrativas acerca do estado natural dos hindus, na terra de tão antigo culto e de uma história quase petrificada, proporcionavam interessantes comparações com a condição dos índios, entre os quais nos achávamos. Esta raça traz em tudo o cunho da absoluta falta de unidade intrínseca e essencial e, por essa razão, sua atitude, os seus intentos, costumes e linguagem são de contínua inconstância. Em coisa alguma permanece firme, a não ser na instabilidade. Os índios da redondeza, empregados dos colonos ou donos de pequenas roças, eram cruzamento de numerosas tribos: dos jacipuíás, jurunas, cariberis, curiarés (curiverés), cuzaris, guaruarás, todas morando entre o Xingu e o Tapajós, e os pas-

sés, juris, uainumás marauás e miranhas, que foram trazidos das regiões a oeste, sobretudo do Japurá. Todas essas tribos refundiram-se ao contato dos brancos, muitas vezes dentro de poucos anos, numa população quase homogênea nos costumes e na língua. Muito poucos se recordavam ainda da sua primitiva fala; também poucos haviam assimilado perfeitamente o português ou a língua geral; antes falavam esta última estropiadamente, cada um a seu modo. Já aqui começa a ser veículo preferido a língua geral por meio da qual os colonos se comunicam com os índios; porém, os seus vocábulos de muitas vogais e sonoros são transformados, mutilados e viciados, pelas diversas tribos de modo mais diverso, de sorte que por vezes só se percebe um indistinto sussurro ou cicio. Reunidos pelo acaso, esses índios entre si concordam plenamente no ódio, que cada um, de acordo com as impressões e os sentimentos herdados de sua tribo, vota contra qualquer outra. Nada mais doloroso para o filantropo do que verificar quão profundamente estão arraigados na alma dos índios essa inimizade nacional e fúria de perseguição. De tal modo está entranhado na sua natureza, que raramente se obtém informação sobre qualquer tribo, sem que o índio interrogado logo denuncie, por sua própria conta, os inimigos declarados daquela. Em semelhante atitude, embora sob forma mais suave, também se baseiam os nomes que os índios que vivem entre os brancos, e perderam seus distintivos tribais dão a si mesmos. Presunçosos, chamam-se de canicarus, o que significa mais ou menos “gente vestida, civilizada”; às tribos de além, a oeste, sobretudo as que vivem ao longo do Amazonas, chamam, ao contrário, de *ipiruara*, “gente do rio acima, da selva”.

Entre esses índios mansos, estranhamos ver indivíduos extremamente bem proporcionados, de pele mais clara e tendo uma mancha oval, tatuada, no rosto. São da tribo dos juris, passés e uainumás, e designam-se pelo nome geral de *juri-pixunas*, isto é, os “caras-negras”. Todos os colonos eram unânimes nos elogios a essa tribo, considerando-os operários ativos, fiéis e de grande inteligência.

Santarém foi fundada pelos portugueses como ponto de pouxada para os que caçavam índios de resgate nas regiões circundantes. Com o tempo, construiu-se um fortim quadrangular, acima da vila, na encosta íngreme e estabeleceu-se ali uma pequena guarnição, tanto para conter os índios como de sentinela para vigiar o tráfego no rio Amazonas. Talvez por não conseguir esse fim, pois a distância do grande rio não permitia

controlar os navios de passagem, ou como consequência da geral escassez de meios e relaxamento na administração da província do Pará, sobrevinda à queda do ministério de Pombal, essa fortificação está tão arruinada que a custo se descobrem os seus alicerces.

Não obstante isso, todas as embarcações que viajam a montante ou a jusante do rio, têm de notificar o comandante em Santarém a fim de registrar passageiros e carregamento, medida a que tanto menos procuram fugir, que dá até prazer o descanso de uns dias na vila, após demorada e penosa viagem e faz-se reabastecimento de víveres, que são aqui baratos e frescos. As regiões altas do Tapajós fornecem muito boa farinha de mandioca, assim como peixe seco, até trazidos para o mercado daqui por índios, porém só em pequenas quantidades. Demais, pode-se também comprar gado, cujas manadas pastam em campos que começam a umas léguas, ao sul da vila, entre as matas, e que continuam a estender-se até longe, rio acima, sempre mais frequentes. A criação de gado é quase impossível a oeste de Santarém, naquela parte do vale do Amazonas, que é exclusivamente coberta de mata virgem, por faltar o pasto e por causa das feras; a não ser que os criadores cuidem de ter ali o gado sempre em currais, alimentando-o com milho e capim plantado, sistema de agricultura que atualmente parece incompatível com o modo de pensar e o temperamento do colono. Não devíamos, pois, partir deste lugar sem levar nova provisão de carne fresca salgada.

O gado é para aqui trazido de Monte Alegre e de Outeiro. É de uma raça forte, porém não se multiplica muito depressa, devido à falta de bons pastos durante os meses secos e à perseguição dos morcegos, que são também aqui um dos maiores flagelos do país. As espécies gregárias¹² não vivem só nos telhados das casas e debaixo das pedras, na margem alta, mas também nas árvores, junto do rio, onde os vimos reunidos, pendurados em compridas bolas, às vezes de um pé de comprimento.

Goza a vila de clima agradável e saudável. O horizonte parece que não costuma ser tão forte e frequentemente nublado, como acontece no Pará, e o calor do dia é reduzido por trovoadas, que se formam a leste

12. São as seguintes: *Thyroptera tricolor* (Spix) e *Proboscidea rivalis* (Spix). Os grandes vampiros não abundam por aqui.

e nordeste, e que, além das muitas descargas elétricas, são em geral acompanhadas de ventos fortes, que sopram daqueles lados. Durante os meses de seca, sobretudo nos de julho até setembro, sopra vento leste quase todas as manhãs ao longo do rio. A água do Tapajós é saudável; pode, entretanto, ser também substituída pela de algumas nascentes, que jorram da alta margem argilosa.

Aqui não se conhecem doenças endêmicas; somente a varíola e o sarampo fazem, de quando em quando, grandes devastações entre a população, particularmente a indígena.

Da torre da igreja tem-se vasto panorama da paisagem em volta. O Tapajós corre através de uma região, cuja baixeza e planura se pode avaliar pelas isoladas árvores colossais que se destacam aqui e acolá, nas matas virgens. Algumas horas terras adentro, eleva-se ao sul e a sueste uma serra de morros baixos, cobertos de mata espessa. Já começam a altear-se, ao sul da vila, as próprias margens do Tapajós, tornando-se sempre mais e mais elevadas e abruptas. Na maior parte, formadas de barro vermelho, são de tal modo fendidas e lavadas pelas enxurradas e enchentes, que aqui e acolá parecem paredões naturais ou cones íngremes. A formação geológica é também aqui, como em Gurupá e Pará, um grés vermelho ou menos pardo cor de fígado, que aparece aqui e ali como brecha de arenito ferroso. A opinião de que já a poucos dias de viagem rio acima predomine formação de ouro é geral entre os habitantes de Santarém. Mostraram-nos também uma pesada pirita, achada abaixo das cataratas, num lugar que os índios chamam de Taguba-Coara, e que creem conter prata. Observa La Condamine que obtêm-se aqui com maior facilidade as pedras verdes, chamadas do Amazonas ou *pierres divines*. Nessa esperança, entramos na maioria das choças de índios que formam um quarteirão separado, mais baixo na margem do rio do que as casas dos brancos; mas foram infrutíferas as nossas investigações.

A vegetação aqui, assim como a da margem do Xingu, não representa a flora pura do Amazonas, mas contém muitas das formas sobretudo pertencentes às regiões mais meridionais. Na vizinhança da vila, notam-se árvores baixas, frondosas e uma campina de gramíneas duras, de pelos compridos dos campos agrestes, iguais às do Piauí. Mais para dentro das terras a alta mata virgem tudo cobre. A feição geral, com que a vegetação nos arredores de Santarém se distingue da do Amazonas, é justamente o resumo de todas as qualidades que observamos antes na flora do Planalto

do Brasil Central: arvoredo mais baixo, de mais forte galhada; folhas menores, mais duras, mais frequentemente peludas; flores mais abundantes e, muitas vezes, perfumadas; finalmente predominância de capins, ervas e arbustos baixos. A impressão em conjunto, pela qual a flora se salienta, surpreende ao próprio sertanista de viagem. Um deles com quem conversamos sobre a viagem pelo Tapajós até Cuiabá, para melhor descrever a espécie de vegetação ao longo desse rio, designou-a assim: “Encontram-se, ao longo das margens, as árvores e os campos agrestes de Minas.” Sob o nome de Minas compreendem, de fato, em todo o Amazonas, as regiões altas do sul, de cuja riqueza em ouro as ideias mais exageradas são espalhadas.

Nessas zonas meridionais, parece que não é raro ver-se a maior ave de rapina do Brasil, *Aquila destructor* Daud. Vimos uma dessas águias viva, trazida do alto Tapajós por um viajante. Media da ponta do bico à extremidade da cauda quatro pés. As enormes garras, quase do tamanho de um dedo, o bico forte, de mais de três polegadas de comprimento, e os olhos impávidos, penetrantes, reúnem-se numa figura terrível de ferocidade e rapinagem.

A 21 de setembro, tivemos a satisfação de ver chegar o capitão Zani, que havia feito rápida viagem, em 17 dias, do Pará para vir ter conosco. Como a sua embarcação, maior que a nossa, oferecia mais comodidade, transferimos para ela os nossos objetos mais necessários, a fim de ficarmos continuamente na sua companhia, e despachamos na frente a nossa canoa. De Santarém pode-se tomar diversos caminhos, para prosseguir na viagem pelo Amazonas. A terra firme, a oeste do Tapajós, é separada pelo grande lago das Campinas ou de Vila Franca e pelos canais que, saindo desse lago, vão desaguar no Tapajós e no Amazonas, formando uma ilha de considerável extensão, e pode-se velejar ao sul ou ao norte da mesma. No primeiro caso, tem-se a escolha de dois caminhos: o primeiro par indo do Tapajós, rumando para o sul, na distância de três léguas até à vila de Alter do Chão, onde se atravessa então o rio para chegar-se ao lago das Campinas por um canal a leste; o outro, partindo do Amazonas e pelo furo mais a leste dos que desembocam daquele lago nessa caudal. Recomenda-se esta viagem para os viajantes que desejam fazer no lago provisão do peixe que ali existe em abundância; somente é penosa, devido aos muitos enxames de mosquitos, e exige piloto muito prático, porque os temporais do lago são de extrema violência. Preferimos, pois, continuar a viagem no próprio Amazonas. O Tapajós estava

agora na vazante e corria lentamente (a sua maior cheia ocorre de dezembro a janeiro); a canoa, portanto, só prosseguia devagar, pelo rio abaixo.

A 23 de setembro, passamos para o outro lado do rio, e achamo-nos, ao cabo de algumas horas, de novo no turvo e amarelo Amazonas, cujas águas, aqui, de mais de légua e meia geográfica, de largura, banham numerosas e grandes ilhas. A primeira delas, Torapixum, forma com o continente ao sul um canal bastante estreito, no qual entramos, rumando para oeste. Na margem, e em alguns bancos de areia estranhamos ver postes fincados com intervalos de quarenta a cinquenta pés, convergindo para baixo, indícios de uma indústria qualquer. Informaram-nos que esses postes servem de descanso aos índios na caçada às tartarugas. O caçador vadeia para aqueles pontos, amarra uma tabuinha entre os postes, para sentar-se, e põe-se ali de cócoras, pronto para atirar, esperando que a tartaruga apareça à tona da água. Já tem acontecido, quando o índio, distraído, deixa pender os pés na água, ser preso por um jacaré. A correnteza do Amazonas era tão impetuosa nesta costa, que frequentemente se precisava de ajudar o remo com um cabo (espia), levado à frente rio acima na montaria, enrolado então numa árvore e trazido de novo para nele puxar a canoa contra a correnteza. Nas margens altas e na proximidade de bancos de areia, amarra-se uma segunda corda, para não perigar a canoa e se se romper a primeira. O trabalho ainda é dificultado, além disso, pelos cipós e espinheiros, ou pelo súbito desabamento da margem de barro, solapada, o que toma mais penoso o desembarque da guarnição.

Nessa cansativa navegação, passamos três dias inteiros, ao longo da margem setentrional da ilha Paricatiba. Esta ilha é, quase por toda parte, coberta de plantações de cacauzeiros, e à vista das filas regulares das árvores, graciosamente frondosas, compensa de certo modo a falta de outras provas de indústria da população. Apenas umas poucas palhoças e casas de campo se veem nas enseadas e junto dos riachos da ilha, que percorremos em diversos pontos, a fim de conhecer a sua vegetação. Foi aqui que, pela primeira vez encontramos na cerrada vegetação da margem, a palmeira pupunha¹³ (*Guilielma speciosa* Mart.) Entre todas as palmeiras brasileiras, a que mais alimento fornece, e, portanto, maior importância tem para a economia dos indígenas, ao ponto de ser cultivada por eles, esta merece ser detalhadamente

13. Pupunha-marajá. (N.T.)

descrita nas notas (**Nota V**). No terceiro dia, alcançamos a grande fazenda do capitão Cavalcanti, que quase na ponta ocidental da ilha, dista ainda uma légua da vila de Óbidos. Do sítio um tanto alto, escolhido pelo fazendeiro para a casa campestre, por motivo do transbordamento anual do rio, avistamos diante de nós a N.O., a vila reclinada num outeiro, coberto de arbustos, e o rio, apertado num só leito, a marulhar com mais altas ondas e no meio de insondável profundidade. Toda a margem setentrional é de morros, e mostra, por entre fechados arbustos, paredões brancos, abruptos, que, mais tarde, estando em Óbidos, tivemos ocasião de verificar; consistem em um grés argiloso recente, sobre o qual jazem um conglomerado ferruginoso e camadas de barro de cor. O estreito do rio, sem ilhas, diante do qual nos achávamos, chamado na língua geral *pauxis*, forma, como segundo ponto do gigantesco Amazonas, um notável ponto geográfico. A sua largura foi determinada trigonometricamente, pela comissão portuguesa de limites, em 869 braças (La Condamine avalia-a em 905 toezas). Como reservo a descrição geral do rio para a nossa viagem de volta, parece mais oportuno deixar para então as notícias mais minuciosas sobre esse local.

Com a entrada do vento leste, à tarde, navegamos ao longo da margem meridional, por esse estreito de água doce. A margem sul não sai da sua planura habitual e, com isso, faz estranho contraste com a setentrional, cujos morros arredondados ou com terraços são cobertos de arbustos. Vistos a leste da vila, acima do estreito, aparecem com as mais diversas formas.

Passamos a primeira noite acima do estreito de Óbidos, numa ilha baixa de areia, que o rio acabava justamente de pôr em seco. A lua saía das nuvens escuras, e, faiscando mil reflexos nas águas do rio gigante, iluminava docemente a paisagem silenciosa. Um surdo murmúrio das águas agitadas soou aos nossos ouvidos. Em breve, porém, transtornou-se esse tranquilo, alegre cenário; tímida, escondeu-se a lua; a mais profunda escuridão pairou sobre a ilha, a mata e o rio e, de longe, roncaram, como que coléricos, trovões por todos os lados. Aqui, onde podíamos, por assim dizer, com alegria, gozar de uma pausa feliz no drama de nossa viagem, sentíamos com maior sensibilidade todo o horror dessa noite de trevas, que, sem estrelas e luz alguma, nos relegou só a nós mesmos, “entre larvas, únicos peitos sensíveis”. Nas mesmas condições, daí por diante, muitas noites íamos passar de vigília, e o leitor amigo pelo menos uma vez será testemunha da profunda melancolia deprimente a que, às vezes, fica exposto contra vontade, quem viaja no Amazonas.

NOTAS DO CAPÍTULO III

I – Entre todas as palmeiras da América do Sul, nenhuma tem sido tão gabada pelos escritores como a miriti (*Mauritia flexuosa* L.). Particularmente discorrem Gumilla, com devota eloquência, sobre as múltiplas utilidades que ela oferece aos guaraúnos. Vivendo junto dela, também os índios brasileiros transformam os colossais troncos dessa árvore em canoas, pranchas, caibros, e vários utensílios; mas o preparo de um fino amido da medula, igual ao ragu das Índias orientais, é-lhes desconhecido, provavelmente por não terem, como acolá, moradia fixa nos terrenos úmidos, onde cresce a palmeira, e por cultivarem a mandioca nas matas mais enxutas. Com as folhas e pecíolos fabricam igualmente trançados; também bebem a seiva doce que ressuma, quando cortados os pedúnculos dos seus frutos, ou que se ajunta em incisões feitas nos troncos derribados. Mais raramente eles preparam uma bebida com o cozimento dos frutos, por preferirem a das bagas da palmeira patauí e da açai; porém, tão pouco nojentos como os seus irmãos mais setentrionais, conhecem e apreciam as larvas do *Curculio palmarum* que se desenvolvem inúmeras nos troncos caídos. A observação feita por Gili, de que embaixo da *miriti*, nunca se cava debalde para encontrar água, a qual, logo se ajunta na cova de alguns pés de profundidade, tive também ocasião de verificar, fato que assume importância dobrada para o estudo geográfico de certas regiões extensas, cuja elevação acima do mar é, pelo menos, em grande parte desconhecida. Já disse que a *Mauritia* só raras vezes aparece numa altura de mais de 800 pés acima do nível do mar. É provável que até esta altura, se eleve em geral a grande bacia do Piauí, cujo rio principal, o Parnaíba, na sua rede fluvial coberta de campinas úmidas e florestas dispersas, é, sobretudo adornado com muitas *Mauritias*. Também aparece amiúde nas bacias do Itapicuru, Mearim e Turiaçu, mais ao norte. Na ilha de Marajó, ela prospera especialmente na metade nordeste, coberta de vegetação de campos, porque prefere posição livre. Ao longo do Amazonas para o interior observamo-la mais raramente do que na costa, e só nas ilhas ou nas lagoas de terra firme, porém, fato de certa importância, no Japurá, vimo-la não raro reunida em bosques fechados, repetindo por assim dizer o quadro da foz do rio principal. O Sr. von Humboldt a observou no monte Duida; conforme as afirmações dos meus índios de Japurá ela também se encontra nos afluentes ocidentais do rio Negro, e é de supor que dessas depressões do interior ela se expande até à bacia do Orinoco, seu delta, a ilha de Trindade, os lhanos de Cumaná. Em Essequibo, Surinam e Caiena não aparece longe da costa no interior. Provavelmente é distribuída num amplo perímetro em redor do planalto de Parimá, caracterizando uma baixada cuja feição essencial é a riqueza em nascentes. Muitas outras pal-

meiras se elevam à mesma altura da *mauritia*, porém o seu solo não contém a mesma abundância de água; disso concluímos que não aproveita só a umidade do ar, como, sobretudo, só cresce em terreno úmido.

II – Acerca do rio Tocantins, julgamos dever acrescentar, aqui, outras notícias, pois um lance de olhos sobre os grandes rios que deságuam no Amazonas poderá fornecer esclarecimentos sobre a geografia deste último e do seu sistema fluvial.

A primeira notícia do descobrimento deste grande rio foi dada por Berredo¹. No ano de 1673, manda Pedro César de Meneses, governador do Estado do Grão-Pará², a um dos conquistadores do alto Amazonas e do Rio Negro, Francisco da Mota Falcão, tomar conhecimento do rio. A primeira causa que determinou essa expedição proveio de índios fugitivos da tribo dos guarajus, que desceram pelo Tocantins, para escaparem de um paulista, Pascoal Pais de Araújo, que até aqui tinha estendido as suas caçadas aos silvícolas. Falcão topou com esse aventureiro, mas evitou-o. Em fins do ano seguinte e princípios de 1675, o padre Antônio Raposo, que em Lisboa, pessoalmente, despertou esperanças magníficas de descobrir minas de ouro na bacia desse rio, empreendeu uma bem organizada segunda expedição, que, entretanto, foi igualmente infrutífera. No segundo decênio do século passado foi que ocorreu o descobrimento de todo o curso do rio, pois o capitão Diogo Pinto da Gaia, por ordem de Berredo, que em 1718 encarregou-se do governo, navegou rio acima, reconheceu a confluência do Tocantins e Araguaia, e seguiu por este último rio, até ao 12° de latitude sul. O outro braço importante oriental do Tocantins, o rio Maranhão, tornou-se conhecido de 1728 em diante, quando na sua bacia foram achadas minas de ouro, logo ativamente exploradas. Para a navegação do Araguaia, foram beneméritos, sobretudo os governadores Tristão da Cunha Meneses³, no ano de 1791, e o conde da Palma, em 1805. Embora, desde esse tempo, todos os governadores de Goiás e do Pará recomendassem essa via fluvial, todavia pela escassez de população, e indústria, é ela ainda agora muito pouco frequentada.

-
1. Bernardo Pereira de Berredo, autor dos *Anais Históricos do Estado do Maranhão* (Lisboa, 1749), governou a colônia setentrional do Brasil desde 1718 até 1722, data em que foi substituído por João da Maia da Gama. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)
 2. Pedro César de Meneses governou o Estado do Maranhão de 1671 a 1678, quando teve por sucessor a Inácio Coelho da Silva. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)
 3. Tristão da Cunha Meneses governou a capitania de Goiás de 1783 a 1800. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

Passam-se anos, sem que uma só grande embarcação, ainda menos uma *parada* completa (assim é denominada uma flotilha de diversas canoas, que, pelo receio de assalto de índios, se reúnem) faça a viagem. Para induzir colonos a estabelecerem-se nas margens do Tocantins, foram prometidos pelo governo, em 1810, os seguintes favores: dez anos de dispensa de impostos, seis anos de prazo no pagamento de dívidas ao erário, livre importação nos seus barcos durante dez anos, e, no mesmo prazo, o direito de escravizar índios capturados em guerra justa. Para proteção dos viajantes, foi fundado, além do posto de vigia do rio Manuel Alves, outro, o Presídio de Santa Maria, entre o Porto da Piedade e São João das Duas Barras, nos anos de 1813 a 1818. A Companhia de Comércio, proposta pelo Governador de Goiás, entre essa província e a do Pará, obteve em 1811 a sanção real. Segundo informações recentes, até o ano de 1828 ela não teve incremento algum.

Muito mais tarde que a navegação do Tocantins, a partir do Pará, foi conhecida a ligação desse rio com o interior da província do Maranhão. Depois da fundação do arraial de São Bento dos Pastos Bons, no interior do Maranhão em 1744, foi que os fazendeiros, criadores de gado desse sertão, avançaram as suas fazendas sempre mais para oeste. Elias Ferreira de Barros chegou ao rio Manuel Alves Grande, onde estabeleceu, em 1798, a sua Fazenda Mirador. Informado, por um negro fugido, da proximidade de um grande rio, no qual esse homem devia ter viajado numa parada, do Pará para Goiás, desceu Barros, o Manuel Alves e Tocantins, e chegou ao Araguaia, remando primeiro neste a montante, depois, volvendo atrás, navegou pelo Tocantins até o Pará, e determinou o governo do Maranhão a abrir uma estrada desde Mirador, ao longo do Tocantins, até Porto Real, empregando 40 soldados no serviço. Em 1809 foi realizada a primeira viagem nessa estrada, através de Goiás e de Minas Gerais, até ao Rio de Janeiro.

Todos os maiores rios, que conduzem suas águas das terras altas do Brasil, para despejá-las no Amazonas, atravessam dois territórios de natureza diferente e cujo limite é em geral designado por suas cataratas. Acima deles: vegetação de campo, formação de ouro, território de minas comparável ao de Minas Gerais, Goiás e Cuiabá; abaixo deles, matas da mesma feição das da vizinhança do Amazonas, e, em vasta extensão, a mesma planura e baixeza das terras. Podemos designar propriamente esta região como a bacia inferior e a outra como a bacia superior. Quanto mais se adianta de leste para oeste, tanto mais se alarga a região inferior, por estender-se mais profundamente em direção ao sul, e só à maior distância do Amazonas é limitada pelas terras de Minas.

III – De todos os grandes rios que se lançam no Amazonas do lado meridional, o Xingu é o que tem sido menos navegado; as suas nascentes e os

seus afluentes meridionais são ainda de todo desconhecidos⁴ e apenas assinalados nos mapas segundo as vagas informações dos sertanejos. As seguintes notícias tive oportunidade de obtê-las em Porto de Moz de uns homens de cor, que haviam viajado na bacia inferior do Xingu. Daquela vila em diante até Sousel, colônia mais meridional, que dista em linha reta 16 léguas de Porto de Moz, tem o rio, em geral, a largura de uma légua. Surgem ilhas, das águas verdes, aqui e acolá e oferecem tão variados quanto encantadores aspectos junto com as suas margens de areias claras, por vezes estendendo-se longe, e nas quais se alternam regiões com arbustos e limpas com trechos de mata virgem. O céu é constantemente límpido e puro; frequentes trovoadas refrescam a atmosfera, e, a não ser a praga dos mosquitos, que, em enxames cerrados, flagelam muitos lugares do rio, e a relativa escassez de caça nas matas que obriga os habitantes a entregarem-se à mais rendosa pescaria, tudo mais convida a fundarem-se colônias ali. As regiões mais afastadas do rio são de fertilidade pouco comum. Sarampo e varíola são as únicas doenças endêmicas agudas; contudo, quando se espalhou, em meados do século passado, uma epidemia de sarampo em todo o Estado, grande devastação fez ele na população indígena.

Já perto de Sousel, vai-se elevando o terreno, sem, entretanto, estorvar o curso do rio. A esta primeira elevação perto do rio sucedem colinas e montanhas a oeste; provavelmente são elas que formam os saltos no piscoso rio Jarauçu, paralelo ao Xingu; das suas encostas meridionais brotam as fontes do Tucuruí, rio mediano, que se volve a leste entre vales, para reunir-se ao grande rio. Também este corre com a largura diminuída em região montanhosa, onde se alternam campos e matas, tanto mais numerosas, quanto mais se avança para o sul. Acima do Tucuruí, interrompe o geral declive do terreno, que também nos dois rios próximos, o Tocantins e o Tapajós, forma cataratas, e obriga o rio, completamente mais para o sul, a fazer duas grandes curvas. Até ali, só chegaram os ditos habitantes, por ocasião de viagens para colher cravo-do-maranhão; mas algumas expedições, empreendidas para buscar índios para as colônias mais abaixo, chegaram até ao sul, vencendo diversas corredeiras e saltos, além da foz do rio Iriri. Acima das cataratas, o rio correria quase sempre através de campos, e supõe-se existir ali uma formação aurífera. Os índios da bacia deste rio são curiarés (curiverés, cariberis), jurunas, tacunhapés, tribos pouco numerosas que falam línguas diferentes, mas que foram aldeadas mediante a língua geral. Nessa tarefa participaram os capu-

4. As nascentes do Xingu foram exploradas só em 1884 por um dos sábios estrangeiros a quem muito deve a etnografia brasileira, Karl von der Steinen. (Nota da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.)

chinhos e os jesuítas. Aos primeiros deve-se a fundação de Carazedo, Vilarinho do Monte e Porto de Moz (antigo Maturá); os últimos tiveram além dos 3 lugares ainda existentes de Veiros (primitivamente numa outra localidade e com o nome de Itacoruçá ou Cruz de Pedra), Pombal (Piraquiri) e Sousel (Aricara) ainda outra missão de tacunhapés e jurunas acima do rio Tucuruí, fundada por um missionário alemão. Porém esta aldeia pouco depois foi abandonada pelos intrépidos religiosos e é visitada atualmente só pelos coletores de cravo-do-maranhão. Não consegui saber dados fidedignos sobre as regiões mais meridionais do rio e as oportunidades que oferecem para descer das minas de Cuiabá. Conta-se que, no ano de 1819, um tenente de milícias viajou pelo Xingu, vindo de Cuiabá. Deve-se crer que a sua navegação não é mais penosa; será até mais curta do que a do vizinho Tapajós; e, provavelmente, será tentada logo que as solidões do norte de Cuiabá se tomarem melhor conhecidas.

IV – O rio Tapajós – (História) – Já antes da expedição de Pedro Teixeira era conhecida dos portugueses a bacia inferior do Tapajós, e um autor pouco seguro (Manuel Rodrigues, *Marañón*”, pág. 138) conta que, já antes, os ingleses haviam empreendido duas expedições por esse rio, provavelmente com o intuito de achar ouro, mas quase todos tinham perdido a vida ali. Segundo a narração de Acuña, habitavam então a sua foz os valentes tapajocos, armados de flechas envenenadas; deles se originou o nome do rio. Uma de suas malocas parece que continha mais de 500 famílias. Merece citar-se que o nome dessa nação não mais aparece entre as que atualmente vivem às margens do Tapajós e às dos seus afluentes, e que também o uso de flechas envenenadas não mais subsiste ali.

Pode ser que o tratamento cruel infligido pelos portugueses aos tapajocos, os tenha completamente exterminado, ou isso os levasse a fugir para oeste, rumo a paragens, onde nunca mais se encontraram com os imigrantes europeus.

O Tapajós, a princípio, foi quase que simultaneamente navegado do sul e do norte. A descoberta de que ele se origina da reunião do Juruena com o Arinos foi feita pelos habitantes de Mato Grosso e Cuiabá, que seguiram essas suas nascentes abaixo. Em 1745, navegou João de Sousa Azevedo pelo rio Sumidoro abaixo e alcançou as suas cataratas. Dois anos depois, fez Pascoal Arruda igual viagem, partindo das minas de Santa Isabel que foram descobertas em 1745 por Antônio de Almeida Falcão nas nascentes do rio Arinos.

A região setentrional do rio até às cataratas foi primeiro conhecida pelos jesuítas, que ali fundaram suas seis missões já por volta do ano de 1735.

João Viegas fez em 1805 nova viagem rio abaixo; e, em 1812, foi empreendida a primeira expedição até ao Pará por Antônio Tomé de França, que, no ano seguinte, conduziu a Cuiabá, de retorno pelo mesmo caminho, as suas carregadas canoas mercantis. Dessa época em diante, foram sempre mais frequentes as

viagens pelo Tapajós, e preferidas tanto mais à demorada e perigosa navegação do Madeira, que o governador de Mato Grosso, João Carlos Augusto de Oeynhaus- sen, favoreceu-as nos anos de 1813 a 1817.

(*Geografia e etnografia*) – Pudemos saber dos habitantes de Santarém, que haviam viajado no Tapajós, o seguinte: o rio corre até às primeiras cataratas, que, partindo-se de Santarém, se alcançam no oitavo ou décimo dia, entre mar- gens cobertas de selvas, e sendo raros ali os campos livres. Essa região inferior do rio é exclusivamente habitada pela poderosa e numerosa tribo dos mundurucus, cujas aldeias estão situadas em ambos os lados do rio. Vila Nova de Santa Cruz, a freguesia mais meridional do rio, tem como paroquianos quase só os mundu- rucus, e uma das capelas, por eles frequentadas, em Guri, está mais adiante, rio acima. Esses índios entretêm comércio de cacau, cravo e salsaparrilha, que eles colhem à beira do rio, e, por esse motivo, são procurados pelos habitantes de Santarém, os quais lhes oferecem, em troca, tecidos de algodão, cachaça, pérolas falsas, gorros e utensílios de ferro. Inimigos declarados dos portugueses outrora, esses mundurucus são atualmente aliados seguros, pois sua coragem e seu grande número impedem os imigrantes de tratá-los hostilmente. Ao sul desses mundu- rucus, habitam os maués, nação igualmente importante e industriosa. Por eles é também particularmente negociado o guaraná, em cujo preparo são mestres. Acima da sua maloca chamada Itaituba, é interrompida a navegação por um salto, o Maranhão, onde o carregamento é levado adiante por terra, mas a embarcação precisa de ser empurrada no brejo de uma vala até acima da queda mais ou menos no meio de toda a viagem, topa-se com outra catarata, a maior de todas, o Salto Grande, que interrompe inteiramente o curso do rio, obrigando-o a uma queda de trinta pés de altura. Aí, carga e canoa são transportadas por terra até duzentas braças além. Menos perigosos são os últimos saltos, a cachoeira de São Carlos e de São João da Barra, acima da qual se reúnem os dois braços principais do Tapajós, o Juruena e o Arinos. Sobretudo no primeiro habitam os apiacás que, embora ainda não formem aldeias e vivam espalhados, são amigos dos brasileiros e lhes fornecem quantidades apreciáveis de salsaparrilha em permuta. Depois deles são os cabaíbas distintos por seu número e seus costumes. Fato mui surpreendente é que estas duas tribos, cercadas de outras que falam as línguas mais diferentes, se servem da língua tupi. Isto e a terminação de seu nome em *az* ou *às* parece signifi- ficar que são parte daqueles tupinambás, de cuja migração do sul do Brasil até à ilha Tupinambarana Acuña já fala. Outras tribos que nos informaram morar mais perto ou mais longe do Tapajós e seus nascentes são os yaucins, uarapás, ubaías, mambriarás, guajajás, bacuris e chacuruinhas. Monteiro menciona mais os tapa- corás, cararis, jacaretapuia e sacopés, ambos antropófagos, os suariranas, piriqui- tás e uara-piranga. Ignoro quais dessas tribos existem ainda hoje e aonde, quais

que foram eliminadas já no movimento e dissolução contínua e quais devem ser consideradas só como hordas de tribos maiores. O etnógrafo interessado no conhecimento completo das tribos de aborígenes brasileiros deve ter muito cuidado ao anotar dos nomes da língua geral (como jacaré-tapuia, uara-pitanga), porque estes não partiram das próprias tribos incultas. Os viajantes no Tapajós entram em contato com a maioria desses índios; entretanto, se começam a desconfiar ou suspeitar que foram ludibriados, às vezes estes índios atacam a tripulação das canoas de noite e os viajantes pagam com a vida a sua especulação. Por isso é aconselhável mandar de volta na tarde os índios visitantes e dispor sentinelas durante a noite. Prosseguindo a expedição o Arinos para cima, chega à sua importante nascente ocidental o rio Preto, que vem do planalto perto do Arraial Diamantino. Para aí levaria um caminho por terra do ponto mais meridional no rio Preto, de 5 léguas e mais 12 léguas até ao rio Cuiabá. Percorrido este trecho em mulas, embarca-se no rio Cuiabá até à cidade de igual nome, 30 léguas abaixo. A viagem de Cuiabá até Santarém pode ser feita num mês; rio acima, em grandes embarcações, requer três a quatro meses; em canoa, um mês e meio. Empreendem os cuiabanos a viagem, quando o rio está cheio, em dezembro; e regressam de janeiro a maio. Mais tarde, está o rio, na verdade, ainda mais vazio, e, com a menor correnteza, oferece menos resistência; mas, nos meses de agosto, setembro e outubro, quando as margens ficam ainda mais a descoberto, é comum se declararem febres intermitentes, diarreias e disenterias, e já tem acontecido ser vitimada quase toda a tripulação por essas doenças perniciosas. Nem todos os artigos de comércio, que recebem da costa Cuiabá e Mato Grosso, são com vantagem embarcadas na viagem pelo Tapajós acima. Isto é o caso só para mercadorias pesadas cujo transporte em tropas, por terra, é mais caro e arriscado, como, por exemplo, objetos de ferro, aço e latão, pólvora e chumbo miúdo, vinho, aguardente, medicamentos, etc. Finos tecidos de algodão e de seda de toda a qualidade, panos, chapéus, etc., são comprados pelos cuiabanos na Bahia ou no Rio de Janeiro, vinte por cento mais barato do que em Santarém, cujo comércio é insignificante demais, para poder concorrer com aquelas opulentas cidades marítimas, onde o movimento é mais rápido, a escolha é mais livre e os recursos monetários maiores. Não obstante, várias firmas do Pará têm explorado, com lucro, o comércio pelo Tapajós. Os cuiabanos transportam das suas terras de minas, sobretudo, tecido grosseiro de algodão e algodão em rama, ouro em pó, assim como em contrabando, diamantes.

V – Entre povos do mais baixo grau de civilização, os quais ainda não puderam produzir monumento histórico algum, o olhar do observador dirige-se de boa vontade em torno deles sobre produtos da natureza, que estão em relação com sua condição atual e assim podem servir como medidores do tempo. Entre estas, estão em primeiro lugar as plantas cultivadas, desde tempos imemoriais, pe-

los aborígines do Brasil: o milho (*Zea mais*) *Musa paradisiaca*), o aipim (*Manihot aipi* Pohl.), a mandioca (*M. utilissima* Pohl.), o pimentão (*Capsicum anuum*) e a palmeira pupunha (*Guilielma speciosa*), que inspiram esta observação. Todas estas plantas trazem em si o cunho de longo cultivo, pois ou já existem em muitas variedades, ou os seus frutos foram pouco a pouco perdendo as sementes. Esta última condição se manifesta mais frequente na banana, cujos frutos só muito raramente formam alguma semente madura; menos comum é também achar-se o fruto da pupunha sem a casca ou sem a semente. Esta palmeira é cultivada por muitas tribos junto de suas casas. O seu crescimento é mais rápido do que o de muitas outras palmeiras, pois às vezes aos quinze anos já frutificaria; de todo modo, o seu cultivo pressupõe uma certa estabilidade de domicílio; esse cultivo, entretanto, é estranho aos muras, turás e outros índios de corso, que mudam frequentemente as suas malocas. Encontramo-la mais frequentemente entre os passés, juris, coerumas e uainumás, no Japurá e na ilha Tupinambarana, antes habitada pelos tupinambás, e em mais outras ilhas a oeste delas, no Amazonas, entre os rios Madeira e Juruá, que, segundo a relação de Acuña, foram outrora habitadas pelas numerosas e industriosas tribos dos curuzicarís, iorimás e cochiuuarás. Esta palmeira tem de comum com as demais plantas, primitivamente cultivadas, uma área de propagação relativamente muito vasta. Ela aparece na Guiana Francesa (é a *paripou* de Aublet), e foi observada pelos Srs. von Humboldt e Bonpland no Orinoco, no Atabapo, na província de Choco e na bacia do rio Santa Madalena. O fruto da pupunha, uma drupa, é oval, do tamanho de uma pera mediana. Abaixo da epiderme, amarela ou vermelha, está a polpa esbranquiçada, farinácea, adocicada, atravessada de fibras, comparável no sabor a muitas espécies de batatas-doces. Os índios preferem este fruto, cozido ou assado, à maioria dos outros. O mingau, feito de pupunhas e bananas misturadas, é o seu petisco predileto. Como uma palmeira dá algumas centenas de frutos, que amadurecem pouco a pouco, ela lhes é fonte de alimento rico, natural, e os índios evitam abatê-la, embora a madeira, extremamente rija, preta no tronco armado de acúleos, se preste para o fabrico de armas e de outros utensílios.

É esta a única espécie de palmeira, cujo cultivo pelos índios, eu pude por mim mesmo verificar. O número de palmeiras que, além disso, eles distinguem por meio de nomes diferentes, é enorme, e múltiplos são os seus empregos para construção das palhoças, o fabrico de utensílios domésticos e armas, poucos, porém, para a alimentação. É digno de nota que todas as espécies, das quais se utilizam os índios do interior do Pará e Rio Negro, pertencem quase todas aos gêneros de palmeiras aculeadas (*Astrocaryum* e *Bactris*), que têm em comum de formar de uma raiz vários troncos reunidos em grupo. Esta pujança compensa as devastações que os índios causam pelo derrubamento dos troncos.

As drupas de muitas destas espécies fornecem com a sua polpa, que nos *Astrocarryum* é farinoso-adocicada, nos *Bactris* às vezes mucilaginoso e agridoce e na foz oleaginosa, certo alimento. Maior utilidade tem, entretanto pela resistência das fibras de suas folhas, que quase todas são sem distinção empregadas para trançados. Especialmente hábeis nestes trabalhos achei os juris no Japurá. Os folíolos fresquinhos são cortados do pecíolo e separadas a nervura mediana fibrosa e as nervuras laterais do resto do limbo mediante jeito próprio, usando o índio para isso os joelhos puxados para cima como apoio.

.....

Capítulo IV

VIAGEM DO ESTREITO DE ÓBIDOS ATÉ FORTALEZA DA BARRA¹, CAPITAL DA PROVÍNCIA DO RIO NEGRO

FAZ-SE A TRAVESSIA ACIMA DO ESTREITO, da margem sul do Amazonas, até à vila, sem dificuldade, em 20 a 25 minutos, pois é só necessário aplicar toda a força da remada para cortar as águas na direção nordeste deixando-se depois pelas ondas impelir para baixo. As embarcações, destinadas a Óbidos, costumam por essa razão, remar até aqui a montante do rio. Como houvéssimos resolvido visitar a vila apenas quando de volta, seguimos adiante, pela margem meridional, e só atravessamos para a margem setentrional, no ponto onde o rio se alarga de novo, entre diversas ilhas. A série de outeiros, que se estendem desde Óbidos até ao rio Trombetas, cerca de uma milha alemã, vai-se abaixando pouco a pouco, e avistamos esse rio, que verte as suas águas claras numa vasta baía do Amazonas. Segundo informa Acuña, aqui foi que, desembarcada, a guarnição de Orellana sofreu o ataque de índios, em cujo número combatiam mulheres, e, portanto, é ponto clássico para a etnografia e geografia do maior rio, que deriva o seu nome desse fato, tantas vezes floreado e posto em dúvida. Espera, portanto, o leitor, com

1. Hoje Manaus.

razão, que, por minha vez, eu me manifeste a respeito das amazonas; para não interromper muito o curso da narração, basta declarar que não acredito na existência delas, quer no passado, quer no presente. Pelo geral interesse que o assunto desperta, confie o leitor na declaração de que nós, o dr. Spix e eu, não poupamos esforço para obter alguma luz ou certeza sobre o caso. Entretanto não avistamos em parte alguma qualquer amazona, nem soubemos de pessoa fidedigna, de origem europeia, fato algum que de longe se referisse a essa tradição fabulosa. Na verdade, os índios falavam a esse respeito de tal modo que; com alguma imaginação ativa, sem dificuldade poderia deduzir-se tudo que é necessário para apoiar a lenda. À pergunta: — “Existem amazonas?”, a resposta deles, por via de regra, é: — *Ipu*, “parece que sim”. É, porém, a própria pergunta que já contém todas as qualidades atribuídas às amazonas, pois não há na língua geral termo próprio para significar “amazona”, de sorte que o índio só precisa responder na afirmativa ao seu modo, e já está pronta a lenda. Uma argumentação mais completa sobre este assunto merece, de resto, lugar entre as notas (**Nota I**).

O rio Trombetas, que Acuña denomina Cunuris, e na língua geral é *Orixi-miná*, não foi ainda navegado até às suas cabeceiras, porque numerosas e altas cataratas se contrapõem aos viajantes, que lhe vão procurar nos arredores a salsaparrilha e o cravo-do-maranhão. Acima das cachoeiras, dizem que o rio corre através de campos. A sua bacia inferior é tão plana, como a dos demais afluentes do Amazonas, e comunica-se ele por um furo ocidental com o vizinho rio Neamundá (*Neamundá, Iamundás*). Até à foz oriental deste último, calculam os navegantes em seis léguas a distância, que percorremos num dia. Este rio alarga-se no interior, formando belo e piscoso lago, em cuja margem oriental está, a oito léguas do Amazonas, a vila de Faro, extrema povoação da província do Pará. Ela era primitivamente, assim como a vizinha Óbidos, missão dos capuchinhos, os quais haviam aldeado aqui os índios da tribo dos nhamundás. Faro é uma vila de alguma importância; seus habitantes colhem os produtos naturais dos arredores, e cultivam principalmente o fumo, que assim como o da vizinha Silves, é tido como o melhor do Estado. O próprio rio forma os limites entre o Pará e a província ocidental de São José do Rio Negro², em cujo território nos achávamos agora. Do lado

2. Hoje E. do Amazonas.

meridional do Amazonas, o limite é formado pelo morro Parintins, o rio Maués-Açu e, a oeste deste, pelo Madeira.

A não serem os mosquitos, não havíamos sido incomodados até agora por perseguidores alados; mas hoje nos caiu em cima, de repente, um enxame de piuns e diversas espécies de moscas, como a *mutuca* e a *muriçoca*, pareciam aliar-se aos mosquitos, para nos fazer guerra cerrada. O *pium* é um mosquitinho do gênero *Sumilium* de cabeça grande e forte tromba curta sugadora. Ele voa em círculos estreitos com extrema rapidez; pousa na pele, onde se apoia simultaneamente com as seis patinhas e com a tromba; logo que ele começa a satisfazer a sede de sangue, sente-se uma dor penetrante, que se torna cada vez mais violenta. Em meio minuto, o inseto, em geral, se encheu e escapa depressa. A força de sucção da sua tromba é tão grande, que no lugar da pele, onde sugou, eleva-se uma bolha hemisférica, de quase a terça parte de uma linha, a qual, a princípio meio transparente e provavelmente cheia de soro, depois se enche de sangue e torna colorida de vermelho. Abate-se, em seguida, e finalmente, o coágulo forma na epiderme um ponto vermelho-escuro, que, ao cabo de alguns dias, seca e cai. Palavra alguma pode exprimir o tormento que esse terrível inseto inflige ao viajante, quando, em enxame denso, o assalta. Se por grande número de picadas é atingida uma parte qualquer do corpo, alastra-se nela dor ardente, que só por um banho frio se alivia um pouco. Se as picadas estão bem juntas, produzem tumores superficiais, que, com a contínua comichão e irritação da pele, podem tornar-se graves; contam-nos até casos fatais de índios, que foram vítimas da *piêra*, denominação com que designam o exantema. Nenhum viajante pode, no alto Amazonas, escapar a essa praga, e, por esta razão, encontra-se quase sempre, nas casas dos colonos, um criado à disposição, para, à noite, na hora de lavar os pés, furar com uma agulha fina as bolhas, que dão particularmente às mãos o aspecto de estarem ocupadas por pontos sangrentos, tal como, nas províncias do sul, se oferecem os bons serviços de um escravo, para tirar bichos-de-pé. Aliás o *pium* só voa de dia; o seu flagelo é o pior à claridade do sol, pois que à noite ele se recolhe. Outro inseto, que aparece ao entardecer, é o *maruim*, uma espécie de mosquito, que, embora três vezes menor do que o *carapanã*, com a sua penetrante picada, não é menos molesto do que este último. Só difere com vantagem do *carapanã*, pelo fato de atormentar em silêncio, sem o zunido repugnante daquele, e só por pouco

tempo esvoaça em torno do viajante, pois que, apenas escurece, volta para o mato, cedendo o lugar ao inimigo do descanso noturno. Só se protege de mauins e carapanãs com tecido de seda fechado; quanto ao pium, esse só pica a pele descoberta. Estes três insetos sanguinários sucedem-se com regularidade; e, também no rio Amazonas encontramos espalhado o dito, que o Sr. von Humboldt cita como comum nas missões do alto Orinoco: — eles se revezam, isto é, “montam guarda”. Não notamos a absoluta periodicidade do aparecimento desses insetos, como aquele insigne viajante verificou nas regiões que percorreu.

De modo geral supomos existir essa praga de malignos insetos por todo o Amazonas, em menor grau do que no alto Orinoco e no rio Madalena. Sinto não poder dar urna relação sistemática das espécies que nos perseguiram no curso da viagem; entretanto, comparando os mosquitos observados por nós e pelo Sr. von Humboldt, faz crer que o pium é o mesmo mosquito do Orenoco, e que as duas espécies maruim (propriamente meru-i, “mosquitinho”) e carapanã, correspondem aos *tempraneros* e *zancudos*. Estas últimas espécies de culícidas não parecem corresponder, contudo, às espécies citadas pelo Sr. von Humboldt, e, provavelmente, não foram ainda descritas cientificamente. O carapanã do Amazonas (*Culex amazonicus*) tem o tórax verde-acinzentado e os pés, cujo último par eles estendem horizontalmente durante a sucção, têm algumas listas alternadas, brancas e pretas. Os índios, em geral nus, oferecem as costas carnudas aos terríveis inimigos, com uma impossibilidade de que não é capaz nenhuma outra raça. Em serviço na canoa, eles se batem às vezes com a pá do remo maquinalmente nas costas, mas é raríssimo que procurem, uns dos outros, enxotar os atormentadores. Tais serviços atenciosos são-lhes coisa desconhecida. É também muito raro que se queixem dos ataques de mosquitos da “praga de bichos”, mesmo quando enxames martirizam de modo intolerável, até o europeu todo vestido. Um retalho de algodão ou pedaços grandes de entrecasca de *tauiri*, às vezes uma camada de lama preta, ou pó de areia e pez, com que eles cobrem as partes mais desprotegidas do corpo, são os recursos com que, até certo ponto, procuram evitar a perseguição. Somente nas regiões superiores do Japurá encontrei as pequenas cabanas feitas à maneira de fornos (os *hornitos* dos índios espanhóis), nas quais os índios do Orinoco se protegem contra os seus verdugos. A maior agitação da atmosfera no rio Amazonas, no meio do qual esses insetos são sempre mais raros do que nas margens, faz-me supor que

nada poderá ser tão eficaz, para a diminuição da terrível praga como a eliminação de certos trechos da mata, para fazer caminho à passagem do vento.

Diante da foz ocidental do Nhamundá, as águas revolvem-se fortemente em caldeirão, tão perigoso, ao que parece, que todas as embarcações o evitam de propósito, fazendo de novo a travessia para a margem meridional do Amazonas. Portanto, também nós, ao chegarmos à foz oriental do Nhamundá, procuramos a margem sul do grande rio. Durante quase um quarto de hora, tivemos de cortar a correnteza impetuosa do furo principal, cujas vagas, tão altas como as da entrada no porto da Bahia, sacudiam de modo inquietador a nossa canoa. É difícil medir a profundidade desse canal principal, porque mesmo uma sonda bastante pesada é inutilizada pela violência das vagas; pareceu-nos, contudo, que, pelas diversas tentativas, a profundidade é entre 70 e 80 braças.

Chegando ao lado meridional, encontramos as plantações espalhadas de cacauzeiros de Maracá-açu-Tapera. Essas plantações não compenham com o seu solo fértil a triste solidão da selva. Foi aqui que, pela primeira vez, nos assustou uma onça grande, com a qual o dr. Spix e eu topamos, durante um passeio pela mata sombria, enquanto a equipagem cozinhava a refeição animal era de tamanho descomunal, e, ao que parecia, acabava de beber água, pois estacou várias vezes para limpar, com a pata dianteira, o focinho molhado. Estávamos separados dela apenas 30 passos e a sua aparição inesperada nos deteve incontinente. Como só o dr. Spix estivesse armado com uma simples espingardinha, agradecemos à sorte o não nos haver presenciado a fera, que foi seguindo o seu caminho pela selva a dentro. Os índios falam muito da força do jagaretê, que é capaz de agarrar pelo focinho um peixe-boi (*lamantin*) do peso de alguns quintais e, nadando, puxá-lo para a margem; parece até que, na luta com um jacaré, a onça é quase sempre a vencedora. Também aqui, como na maioria das regiões brasileiras, é mais comum a espécie malhada do que a preta lisa, o jagaretê-pixuna. Por vezes, esses animais, impelidos pela fome, aparecem até mesmo nas colônias, onde apenas provocados atacam os habitantes, e, são mais destemidos ao homem preto ou de cor, que ao branco.

A navegação na costa meridional do continente foi demorada, porque o vento nos faltou completamente. Alcançamos, portanto, a 1 de outubro, o registro de Parintins, algumas palhoças ao sopé de uma colina de uns 200 pés de altura, coberta de mata virgem densa, que, de certo modo, pode ser considerado como ponto natural limítrofe entre as províncias do Pará e do Rio Negro. O governador desta última província,

assustado pelo boato de perigosa epidemia de bexigas, que grassaria na província inferior, havia posto ali um destacamento de soldados da milícia, com o encargo de exercer estrita vigilância sobre a entrada de quaisquer viajantes naquelas alturas. Embora desde várias semanas sem contato com os habitantes da margem e com o perfeito estado de saúde da tripulação, ficamos convencidos de não poder levar contaminação alguma; todavia, as medidas higiênicas da polícia de saúde não deviam, de forma alguma, ser desrespeitadas por nós. Por outro lado, não nos resignávamos à quarentena de 15 dias naquelas selvas solitárias, as quais, pelo tormento dos mosquitos, já em poucas horas nos pareciam um inferno. Decidimos por isso, seguir o conselho do tenente comandante, de partir à frente, numa canoa equipada com dez índios, moradores daqui, para Vila Nova da Rainha³, e deixar atrás as nossas tripulações com as duas embarcações, sob as ordens do sargento, que nos acompanhava, até que se pudesse obter licença para a continuação da viagem, por parte do governador da Fortaleza da Barra. Em seis horas de viagem, alcançamos aquela vila, que se acha situada sobre a margem meridional, 20 pés acima do nível das águas, e meia légua abaixo da foz do furo de Abacaxis ou rio Maués no Amazonas. O lugarejo compõem-se de diversas filas de cabanas baixas, em parte sem janelas, cobertas com folhas de palmeira. Apesar do seu nome, com uma população de cerca de umas 600 almas, goza apenas dos foros de lugar. A princípio, deu início à sua fundação uma missão de jesuítas; constituída com o resto de índios da tribo dos tupinambás, que, depois de muitas vicissitudes, emigraram da missão da lagoa Uaicurapá, parte deles para aqui, parte para a Vila de Boim, no Tapajós. Chama-se, por isso, na língua geral, de *Tupinambarana*. Aqueles primeiros habitantes tanto se cruzaram com os restantes índios, ou com a população meio europeia, que somente lhes ficou como lembrete da antiga origem, maior facilidade no manejo da língua geral ou tupi. Ademais, foram ainda aldeadas aqui, durante os quatro últimos decênios, além daqueles índios ladinos, nativos ou quenecarus, umas famílias das tribos dos paravelhanos, mundurucus e maués. Florescia o lugar, quando era empório dos viajantes vindos do Amazonas, e que seguiam pelo rio Madeira para o Mato Grosso, ou de lá regressavam; contudo, também

3. Hoje Parintins.

agora pouco perdeu em riqueza e população, pois o comércio é por ela ativamente explorado com os índios do rio Maués e da vizinha do Madeira, tão rico de produtos. Desses maués, tanto os brasileiros maués, quanto os índios civilizados da mesma nação, vão adquirir cravo-do-maranhão, salsaparrilha, cacau e particularmente o guaraná, droga cujo preparo está muito espalhado entre os maués (**Nota II**).

É o guaraná uma pasta cor de chocolate, de pouco aroma e considerável dureza. Finamente pulverizado, serve, quando dissolvido em água e açucarado, como refresco estomáquico, e é tomado simplesmente como limonada, pelo seu sabor agradável, porém, sobretudo para curar diarreias. O seu uso é tão vastamente espalhado, que é remetido de Tupinambarana para todo o reino e até para fora do Brasil, particularmente para as províncias de Moxos e Chiquitos. Um bondoso índio da tribo dos maués presenteou-me com diversos pedaços de guaraná que ele próprio havia preparado, e deixou-me assistir ao preparo da droga (**Nota III**).

A nossa estada na Vila Nova da Rainha foi-nos em todos os sentidos agradável, sobretudo devido ao amável acolhimento que nos dispensou o comandante, Sr. Elias de Sentas, a quem havíamos sido recomendados pelo irmão, o vigário-geral do Pará. Tem a vila, como mais oriental povoação da província do Rio Negro, uma guarnição de uns 20 e tantos soldados, encarregados de conter os índios em respeito, e fiscalizar as canoas de comércio, em trânsito por ali, cujo carregamento têm de registrar. À frente do quartel, avistamos assestados dois canhões, que são utilizados para dar salvas nos dias de festa da igreja. Pequenos destacamentos de soldados acompanham, por vezes, os viajantes no rio Madeira, ou aos dois grandes povoados de índios, Canumã e Maués, cujos habitantes, mundurucus e maués, são dirigidos por dois missionários, e, na verdade, demonstram pacíficas disposições para com os comerciantes que os procuram; entretanto, por motivo do seu grande número, exigem certa cautela. A situação da vila é extremamente aprazível. Da alta margem, avista-se uma grande parte do Amazonas, que, até à primeira ilha, tem uma légua de largura, e daí se estende, em diversos canais, até à vila de Faro, cuja distância se calcula em sete léguas. O ar é puro; o horizonte, relativamente vasto para estas regiões, é claro e sereno; o calor é quase diariamente atenuado por fresca viração, que sopra rio acima, e a praga dos mosquitos não flagela demais. Os arredores mais próximos são cobertos de matas aqui e acolá arejados por derrubadas e roças, que passam para arbustos cerrados ou capinzais, onde pasta algum

gado. Mais para dentro, dizem que se estendem vastas campinas, sobretudo em torno das lagoas piscosas, muito procuradas pela gente do lugar nos meses secos. A leste da vila existe uma grande plantação do governo, com casa de morada à disposição do atual comandante. Encontramos ali longas filas de goiabeiras, e, na encosta da margem, perto do rio, um pacoval com incrível número de pés. Aqui, como em todo o Amazonas, é plantada de preferência a pacova comprida (*Musa paradisiaca* L.) indígena do Brasil, e que, sob o nome de banana-da-terra, se distingue da banana-de-são-tomé (*Musa sapientum* L.) menor e arredondada. A primeira é menos doce na verdade, mas também menos insípida; pois desenvolve o seu aroma peculiar perfeitamente quando é dependurada em lugar arejado e quente. Os índios, que sabem com ela preparar diversos manjares, preferem-na à outra espécie. A quantidade de bananas que produz um pacoval bem plantado, mesmo pequeno, é incrível. Dá cachos com 10 frutos numa penca, que pesam 80 libras. Perto das goiabeiras, avistamos um grande açacu⁴, a difamada árvore de veneno, com cujo leite os índios entorpecem ou *tinguijã*⁵ os peixes. Resolveu-se fazer com esse suco uma experiência na pescaria, e logo alguns índios cuidaram de obter o látex. Na profunda fenda de uma e meia polegada, feita na parte inferior do tronco, aplicou-se um canudo de taquara, e em três horas escorreu um suco leitoso, quase sem aroma, com

-
4. O autor escreve *oassacu*, mas em geral a grafia antiga era *assacu*. O leite dessa euforbiácea (*Hura crepitans* ou *Hura brasiliensis*), conforme Almeida Pinto (*ob. cit.*, pág. 54), além de servir para “embriagar os peixes”, foi também empregado “para a cura da elefantíase dos gregos”. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)
 5. *Tinguijar* não é de Martius. Foi a melhor forma que acudiu à tradutora para a expressão *die Fische betaüben*», a qual, ao pé da letra, quer dizer «entorpecer os peixes». Deixamos, entretanto, aquele brasileirismo, porque já é corrente no linguajar comum e já anda dicionarizado. Há quatro plantas indígenas, tóxicas, empregadas na região do rio-mar para a pesca: o timbó (*Serjania cuspidata*), o turari (*Paulinia grandiflora*), o cruapé (*curuapé*) vermelho (*Paulinia pinnata*) e o tingui (*Mahonia globatra*). Como se vê, *timbó* e *tingui* são vegetais diferentes. Do último é que se origina o verbo *tinguijar*. É possível que o verbo e o apelativo dele derivado tenham tomado tal extensão, que abranjam hoje todas as plainas usadas para a pesca, em nosso país. Os lusitanos não estranharam esse processo de pescaria, praticado pelos nossos silvícolas, porque em Portugal também se faz, para o mesmo fim, a *troviscada*. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)

que se encheram duas garrafas. Um pouco desse látex, posto na ponta da língua, produziu sabor acre, pungente, e persistente vermelhidão. Era da consistência de leite muito gordo, e, depois de ficar uma hora na garrafa, depositou uma substância viscosa, caseosa.

Fomos ao mato, onde alguns índios nos tinham precedido, a fim de represar uma vala de muito peixe, que ali desemboca num igarapé maior. Neste último, encontramos a peculiar espécie de *gamboa* feita com estacas dispostas numa fila e o contorno de uma rabeca, que em toda a parte, no Brasil, os índios dispõem, para prender nos seus meandros os peixes, que descem pelo rio.⁶ Vide príncipe de Wied, vol. 2, cap. II. O menor regato era na sua embocadura no maior, represado por um dique de faxinas e areia, e já víamos, na parte inferior, muito peixe que nadava em torno, agitado. Assim que a água represada começou a transbordar, cortaram os índios, na margem, uma árvore de folhagem densa e lançaram-na uns cem passos acima da boca do riacho, para tolher a volta dos peixes, e deram então os potes cheios de suco leitoso em diversos lugares, sobre a água. Acelerou-se a mistura com a água revolvendo-a com paus compridos. Apenas haviam passado uns dez minutos, os peixes numerosos numa inquietação geral e cada vez maior começaram a agitar-se. Afluíam constantemente à tona, pondo a cabeça fora da água, pulavam para cá e para lá e alguns dos maiores e mais fortes pulavam tão alto, que uma parte deles caía na margem, outros se salvaram com êxito, atirando-se por cima da represa, no regato maior. Esses esforços, entretanto, pouco duraram; tudo sossegou: apareceram os menores imóveis, os maiores continuando a agitar-se, porém cada vez menos, à flor da água. Tinham os opérculos todo abertos e pareciam inconscientes e imóveis, pois deixavam-se pegar dos índios, que entraram na água, pela mão. Antes de flutuarem, completamente inertes virados de barriga para cima, revolviam-se como tontos, de um lado para outro. Estranhamos verem todos os peixes, trazidos à margem, unia extraordinária dilatação das pupilas, circunstância que junto com a natureza química do látex, faz concluir que o envenenamento, mesmo começando talvez com a perturbação do processo respiratório, termina afetando o sistema nervoso. Foram os peixes, afinal, comidos sem inconveniente algum.

6. Vide príncipe de Wied, vol. II, cap. II.

São os índios muito propensos a preferir esse modo de pescar a todos os outros, com o que causam frequentemente grandes danos em lagoas e riachos. Por isso, o governo proibiu o envenenamento dos rios, mas essa medida tem sido pouco observada. No Japurá, tive ocasião de assistir ainda a outra maneira de pescar, cujo princípio é o mesmo. Em vez do leite tóxico, empregam-se ali, como é costume em muitas outras regiões do Brasil, os sarmentos do timbó (*Paullinia pinnata*, *cururu* L., etc.). Grandes tufos dele são esmagados entre madeira ou pedras e depois por diversas canoas, que cruzam o lago em muitas direções, mergulhados na superfície das águas, com o que os peixes, tomados de vertigem, pulam fora da água, ou boiam imóveis, até serem colhidos à mão ou atingidos pelas flechas dos atiradores nas canoas. O sistema mais simples de todos foi o que observei no riacho Juí, afluente do Japurá. Quando ali os meus índios, ante a absoluta falta de provisões, dependiam só da pesca, represaram uma parte do riacho, e sovaram a água com compridas varas, até que alguns peixes atordoados e meio mortos lhes vieram às mãos. Eles serviram-se, para isso, das hastes sem folhas, de cipós desconhecidos para mim, e, entre esses, também do caule, singularmente achatado, torcido, como fita da *Bauhinia guyanensis*, Aubl.

A estada em Tupinambaranas proporcionou-nos muitos aspectos da vida dos índios, que encontramos ali, sob a direção de benévolo comandante, mais confiantes e pacíficos que em qualquer outro lugar. A proximidade das grandes nações dos mundurucus e maués dá vida e atividade industriosa à vila, e empresta aos índios, domiciliados ali, ainda um pouco da espontaneidade da sua condição primitiva, que, na maioria das aldeias mais antigas, é suplantada pela indolência, melancolia e maior imoralidade. Aqui, todavia, também devíamos observar pesarosos o principal vício do índio, a bebedice, pela qual o mais belo germe da civilização é destruído, e talvez fomentado, o despovoamento. Seria injustiça considerar essa intemperança na bebida como trazida exclusivamente pelos europeus. Os homens vermelhos já conheciam antes do descobrimento da América bebidas inebriantes o *pajauaru*, feita da raiz da mandioca fermentada, e o *cajiri*, feita de beijus. No estado de embriaguez, o seu gênio tranquilo e calado passa para barulho indômito e gritaria e logo surgem rixas e corre sangue. Havíamos, por isso, proibido terminantemente aos nossos homens, desembarcados graças à licença do comandante, o entrar nas palhoças dos índios, depois do sol posto; mas foi difícil retê-los da ruidosa alegria, que

presenciavam ao luar, nas cabanas dos índios, hospitaleiramente abertas. Um dos soldados, português nato, que não tardou muito a dar-nos mais sério motivo de descontentamento, era insaciável nos louvores desses folguedos noturnos e o bravo sargento disse, lamentando, que aqui no sertão encontrava-se o divertimento, se não do Céu, pelo menos do Inferno.

Nas margens desbarrancadas do rio, víamos confirmadas as nossas anteriores observações das condições geológicas. Onde víamos pedra compacta, eram rochas de um arenito pardo-violáceo, contendo muito ferro, que aparece aqui amiúde em lajes. Por cima, encontra-se fina tabatinga de listas avermelhadas, esbranquiçadas ou violáceas, muito empregada aqui para cair as casas; ainda uma argila vermelha pesada ou areia acinzentada, e, finalmente, humo negro, da espessura de três a cinco pés. Quando, a 5 de outubro, partimos da vila, já encontramos mais descobertas as margens até à altura de 12 pés, pois, desde alguns dias o rio começara a baixar mais rapidamente. Nesses lugares, havia, aqui e acolá, erosões no arenito a modo de coral ou de esponja, do jogo das águas, e, segundo as diferentes alturas do rio, alternavam-se camadas da pedra carcomida com outras mais maciças. As ilhas de areia afloravam em maior extensão do rio; daí em diante, ofereceram-nos todas as noites hospitalidade, e, além disso, um espetáculo interessante, pois se cobriam de inúmeras aves aquáticas, que, justamente agora, estavam na época da postura dos ovos. Os nossos homens traziam cestos cheios de ovo que haviam colhido no areal em meio à gritaria das gaivotas (*Larus brasiliensis*) que esvoaçavam aflitas. Essas aves põem dois ovos, semelhantes aos do nosso abibe. Também irerês (*Anas viduata*), mergulhões (*Colymbus ludovicianus*), garças (*Ardea egretta*) e, por vezes, os graves maguaris (*Ciconia americana*), animavam essas ilhas, as quais não raro se estendem em meia hora e mais no comprimento, com largura correspondente. Atraídos pela abundância da caça, sobem também os jacarés à margem em grande número. Vimos muitas vezes bandos deles deitados, com as goelas meio abertas, piscando os olhos, à espera da aproximação das aves. O sol arenoso, onde observamos liditas roladas, além dos elementos comuns da areia do rio, apenas poucas plantas nutre; em particular, crescem ali moitas verde-clara da *Salix humboldtiana*, da *Hermesia castanea-efolia*, e, aqui e acolá, grupos da palmeira jauari (*Astrocaryum jauari* Mart.). Logo ao desembarcarmos, tratamos primeiramente de suspender as nossas redes entre esses salgueiros do sul, que, pelo seu

nome se nos tornavam ainda mais caros. Quando os havia só muito no interior, cortavam-se troncos deles, que se fincavam perto da praia, e as redes dos três amigos eram amarradas em triângulo. Os índios logo traziam provisão abundante de peixes. O fogo, eles o faziam, ora friccionando dois paus secos de cacauero, um dos quais a prumo noutra é revolvido rápido com movimentos de viravolta, ora com aço e pedra, fazendo cair as faíscas sobre um pau seco, corroído pelas formigas e cujos pedaços, semelhantes a iscas, guardavam num canudo de bambu. Os peixes frescos eram cozidos ou assados numa grelha, mas o pirarucu seco assava-se do modo mais simples, colocando pedaços espetados sobre o fogo, ou na areia, junto da fogueira. Quanto à farinha de mandioca, cada um preparava, com água quente o pirão na própria cuia. Mal terminada a refeição, durante a qual em geral pouco se conversava, e não permitindo a noite passeios pela ilha, cada qual procurava o seu pouso, preparado *ad hoc*. Poucos ficavam na canoa; a maioria deitava-se em roda da fogueira, enterrando na areia parte do corpo, e sobre o resto estendendo a pouca roupa, a fim de se protegerem contra os mosquitos e o sereno, que todos recebavam. Quando havia palmeiras na vizinhança, cortavam-se algumas, para fazer com as folhas um teto fincando-as em círculo na areia. Para esse fim, preferem entre todas as palmas largas da paxiúba (*Iriarteia exorhiza* M.). Quando era incômodo o pouso, os homens conversavam a noite inteira, às vezes até pilheriavam e riam; e, não obstante isso, achavam-se, ao romper do dia, dispostos para o serviço dos remos. Dormiam tanto mais nos lugares cômodos, onde frequentemente só tarde da manhã conseguíamos pô-los de pé. Apesar de toda a rudeza desses homens da natureza, o viajante europeu deve fazer justiça ao seu incansável bom humor. Enternecia-me muitas vezes a ingenuidade cândida dessa pobre gente, que, ignorando para onde ia, seguia centenas de léguas, interesses que lhes eram inteiramente estranhos, e tão descuidada da ideia de lucro, que pareciam acompanhar-nos simplesmente por... tédio.

Já havíamos percorrido dia e meio de viagem, desde Vila Nova, sem avistar a margem setentrional do rio, pois continuamente remávamos a montante, em furos laterais, entre ilhas. As ilhas de areia (praias) de agora em diante eram sempre mais extensas, e mais abundantes se notavam nelas os rastos de tartarugas. Em toda a parte onde parávamos num desses areais descobertos, à espera de vento ou para cozinhar, era motivo para

nossa admiração a facilidade com que os nossos índios achavam o rasto de tartarugas e os ovos por elas profundamente enterrados. Nestas regiões, eles nos traziam mais frequentemente os ovos da tracajá (*Emys dumeriliana* Schweig; *E. Tracaxa* Spix) do que os da tartaruga grande (*E. expansa* Schweig; *E. amazônica* Spix). Os primeiros de forma elíptica e de uma polegada de comprimento, contêm uma gema granulada, que, no café, em substituição do leite, ou frita em gordura, é muito saborosa. Daí a razão por que os colonos os preferem para estes e outros usos aos ovos da chamada tartaruga grande, cuja gordura é especial para o preparo da manteiga de tartaruga.

Desde Vila Nova, acompanhava-nos na sua igara um índio da tribo dos mundurucus, ali domiciliado havia muito tempo, com o fim de trazê-la cheia de ovos de tartaruga. Esse índio, ao percorrer a praia, encontrou diversas famílias de muras, e convidou-nos a entrar com ele nas suas palhoças provisórias. Talvez fosse vaidade o propósito de no-los apresentar, no seu papel de vencedor. A nação guerreira dos mundurucus que, nos anos de 1770 e seguintes, dera vários devastadores assaltos às colônias portuguesas do Tapajós, desde já 20 anos, graças aos presentes e ao trato benévolo, tornou-se amigável com os colonos e até, num pacto de paz, se haviam, pelo menos em parte, aliado tanto, que sua força podia ser dirigida contra os muras, que, vagando em pequenos bandos, se tornavam perigosos, como ladrões e salteadores, para a navegação do rio e para as colônias. Nesta campanha os mundurucus, auxiliados pelas armas portuguesas, continuavam durante anos, com crueldade sem exemplo, resultando daí o enfraquecimento dos muras, dos quais uma parte se dirigiu para o sul, para as cataratas do rio Madeira, enquanto outra parte permanecia, em pequenas hordas, no rio principal, onde se mostravam mais incômodos do que perigosos, por seus pequenos roubos. A preponderância que os mundurucus granjearam com isso é tão grande que os muras evitam em toda a parte seus inimigos mortais, e nem ousariam defender-se, quando isolados mundurucus chegam às suas palhoças e até tentam raptar-lhes as mulheres. A esperança de grande presa havia atualmente atraído diversas famílias de muras às ilhas e às margens do rio, por onde passávamos. Numa pequena enseada, avistamos uma horda de cerca de 30 pessoas acampadas. Homens, mulheres, e crianças estavam nus, em volta de uma grande fogueira, onde assavam algumas tartarugas. Ao chamado do Sr. Zani, na sua

língua: — “*Camará! Abutia hei?! Gobê chureri! Doe pae-tisse*” (Camarada, venha já, traga tartarugas! Aqui temos cachaça!), diversos deles tomaram as suas canoas, para nos seguir. Entretanto, ou porque remássemos com impetuosidade demasiada, para que não nos alcançassem facilmente ou talvez por terem avistado o mundurucu nosso acompanhante, o fato é que voltaram sem nos terem visitado. No dia seguinte, vimos outra horda de muras, a qual havia construído cabanas num ressalto da barranca, coberto de mato. Quando viram que se aproximavam numa montaria quatro homens armados de arco e flecha e um mundurucu, de aspecto grave, a maioria dos muras quis escapulir. O nosso chamado, contudo, conseguiu detê-los. Chegando a terra, mandamos que o mundurucu deixasse as armas na canoa, e nós, por nosso lado, procuramos apaziguá-los com uns presentes de miçangas e anzóis, o que de pouco valeu. Apontavam para uma palhoça afastada na mata, como morada do chefe, que estava lá no momento. Quando entramos nessa cabana, acompanhados do mundurucu, fechou-se a carranca do tuxaua, num misto de cólera, embaraço e temor que pareceu aliviado quando da cabana baixa e enfumaçada nos retiramos para o ar livre. Também nos bastaram poucos minutos para ver-lhe os pobres e sujos objetos caseiros. Em parte alguma nos pareceu tão medonha e triste a miséria do silvícola americano, como ali. Tudo indicava que mesmo as mais simples necessidades da vida se satisfaziam ali a modo dos animais. A palhoça, construída com troncos de árvores, coberta de folhas de palmeira e ripas, cuja porta baixa também servia de janela e de chaminé, tinha quando muito o comprimento de uma rede, feita não com o artístico trançado, mas simplesmente de uma casca de árvore em forma de canoa. Além das armas, faltava todo utensílio doméstico. A mulher, que à nossa entrada fugiu espavorida do leito, estava tão pouco vestida como o homem e as crianças pertencentes à horda. A expressão das fisionomias era feroz, hesitante, abjecta. Mesmo a expressão de liberdade não podia animar os traços largos, confusos, ensombrados por mechas de cabelo comprido, e as mulheres traziam, tanto no rosto, quanto no corpo, vestígios de maus-tratos, parecendo de acordo com o seu estado de sujeição servil ao homem. Eram largos os seus corpos, carnudos, e de estatura inferior à mediana; devido à constante nudez, a pele era da mais escura cor de cobre, pelos quase só se notavam na cabeça, e num homem no lábio superior, que tinha ainda desfigurado o rosto carrancudo com três grandes dentes de caititu, metidos

no lábio superior e no lábio inferior. Outros homens traziam um batoque de uma polegada, introduzido no beíço inferior, e uma das mulheres tinha enfiado no septo nasal um fino cilindro de taquara, o qual, à nossa aproximação, quis por faceirice trocar por um pedaço de resina amarela. Em volta do pescoço, a maioria usava um colar de dentes de macaco, ou de quati ou duas garras, unidas em forma de meia-lua, de tamanduá-bandeira, presas por um fio de algodão; todo o corpo era pintado de vermelho e preto. Alguns homens que traziam grandes manchas pretas, irregulares, no peito e no ventre, eram de aspecto repugnante, ainda aumentado pela imundície. Duas jovens haviam listado o corpo com vasa do rio, para menos sofrerem da praga dos mosquitos. Desde algumas semanas, a horda tinha acampado ali, e era seguida por uma sentinela ambulante, que, por ordem do governo, vigia as praias procuradas pelas tartarugas, a fim de impedir o prematuro desenterrar dos ovos e o afugentar dos bichos. Para enganar as sentinelas, haviam amarrado a cipós e afundado no rio as suas igaras, escondendo-as um dia inteiro nas matas vizinhas. Estas informações, eles davam rindo, ao capitão Zani, que havia aprendido a língua mura, pois que existe, desde anos, perto da sua fazenda, uma colônia da tribo, a qual ele consentiu que se estabelecesse ali, e, quando a sua caprichosa indolência não intervém, emprega-os na pesca.

São os muras uma das nações mais numerosas de silvícolas, tanto mais esparsa, por não ter lugar fixo de morada, e preferir vagar, ao sabor da fantasia e da necessidade do momento, pelas margens dos rios maiores. Supõe-se que o total das hordas espalhadas monta de 6.000 a 7.000 arcos, isto é, homens armados, donde se infere que deve a nação inteira constar de 30.000 a 40.000 indivíduos. Parece que, antigamente, viviam no baixo Madeira, donde se foram depois dispersando, talvez em parte devido à perseguição dos mundurucus, em hordas menores, dirigindo-se para o Solimões, Rio Negro e Amazonas. Assim como os paiguás são o flagelo do Paraguai, os muras, desde que há deles notícias, tornaram pouco seguras as paragens dos rios setentrionais, quer agindo sós, quer aliados aos *torás* (*turazes*). Estas duas tribos foram, por isso, mais implacavelmente perseguidas, como índios de corso, pelos colonos europeus, do que os demais silvícolas. Costumam elas atacar de surpresa, nos lugares onde a mais forte correnteza reclama maior atenção dos navegantes que remam rio acima, e, para aquele fim, colocam vigias nas árvores altas. A aproximação do inimigo é assinada pelo *toré*, instrumento de sons rouquinhos, que eles fa-

bricam com um gomo de taquara, em cujo nó furado prendem um pedacinho de bambu mais fino, em forma de lingueta, de sorte que o todo representa a mais tosca imitação de uma garganta. Aos sons desse instrumento, eles cadenciam também as suas danças selvagens, que tivemos mais tarde ocasião de presenciar, na fazenda do Sr. Zani. Embora atualmente já suavizada a hostilidade, ao menos em parte, contudo, desdenham servir aos brancos, mais do que qualquer outra tribo, e só o gosto pela cachaça os torna às vezes serviçais por curto período. Sem esse talismã, o aparecimento de um mura entre os brancos seria o mais estranho acontecimento. Todas as demais atrações são ineficazes para homens, cujo estado baixo de civilização dispensa as mais simples necessidades. Como hábeis caçadores e pescadores, e só cuidando do presente, eles dispõem em geral do suficiente para a subsistência e empanturram-se na época de fartura, ao passo que, nos dias de penúria, sofrem com resignação a fome. Afirma-se que essa tribo trata com mais dedicação o belo sexo, guardando-o também com verdadeiro ciúme e não raro a infidelidade ou simples suspeita dão motivo para assassinios ou para guerras entre as hordas. Via de regra, cada homem desposa duas ou três mulheres, tendo precedência sobre as outras a mais bela ou a mais jovem, enquanto as outras passam a ser as criadas da família. Essas mulheres são as mais das vezes o prêmio de um pugilato, a que se submetem os apaixonados da rapariga casadoura, com a condição que se torna a partilha do vencedor. A sua indômita selvajaria também se manifesta nas cóleras e brigas, que se desencadeiam depois de bebedeiras, muitas vezes em prejuízo do colono. Por muito que tenham repugnância ao serviço dos brancos, e por mais obstinados que se tenham esquivado a qualquer obrigação no serviço do governo, têm-se visto exemplos de brancos que se conservavam por muito tempo inviolados entre eles, graças a uma sábia atitude. A sua língua, toda gutural, e continuamente acentuada pela gesticulação das mãos e vivas pantomimas, soa de modo extremamente desagradável e é difícil de aprender. Da mesma maneira é também a língua geral apenas conhecida por poucos muras. A índole selvagem e volúvel dessa tribo inimizou-a com a maioria dos vizinhos e a guerra com os mundurucus, catauixis e maués, seus inimigos declarados, é permanente; com as outras tribos, porém, só depois de prévia declaração, a qual consiste em cravar no terreno do inimigo algumas flechas de ponta para cima. Singularíssimo costume, entre os característicos da tribo, é o uso do paricá como rapé. O pó é preparado com as sementes torradas da paricaúva, uma espécie de ingazeiro, e o seu efeito, a princípio excitante, é depois narcotizante.

Cada horda toma o paricá uma vez por ano durante oito dias entre contínuas bebedeiras, danças e cantigas. A festa é para comemorar a entrada na virilidade dos rapazes; ouvimos contar, entretanto, que independente disso também se destina a celebrar a maturação das sementes. Numa casa espaçosa, toda aberta, reúne-se a horda inteira, anima-se ao esvaziar as cuias de cajiri e de outras bebidas feitas de vegetais, que as mulheres distribuem liberalmente. Os homens em seguida perfilam-se aos pares, de acordo com prévia escolha e flagelam-se com compridas correias de couro de anta ou de peixe-boi até correr sangue. Essa flagelação não é tida por eles como ato hostil, mas antes como prova de amor, e, segundo todas as informações que obtivemos, deve-se considerar esse excesso de transviada atitude sexual. Depois de continuada por alguns dias a operação sangrenta, sopram-se o paricá, mutuamente, os companheiros unidos em pares, um nas narinas do outro, por meio de um canudo de um pé de comprimento – feito, em geral, do osso escavado da coxa da anta – e sopram-no ininterruptamente, com tanta violência, que, por vezes, alguns ou ficam sufocados pelo fino pó, penetrado até às cavidades frontais, ou, superexcitados pelo efeito entorpecente, caem mortos. Nada igualaria a fúria com que os pares se sopram e enchem de paricá, aproximados de joelhos um do outro, tiram o pó das tabocas, onde é conservado, enchendo o osso oco por meio de um dente oco de jacaré, que contém a medida de uma insuflação. Súbito frenesi, palavras sem nexos, gritos, cantigas, pulos selvagens e danças, são a consequência dessa prática, depois da qual, entorpecidos igualmente por bebidas e por toda a espécie de excessos, tombam numa embriaguez bestial. Outro emprego do paricá é tomá-lo em decocto, como clister, cujo efeito é semelhante, porém não tão forte. Não pôde deixar de ocorrer-nos à lembrança, diante desse prazer bestial, o costume repugnante dos ostíacos e *kamtchadales*, os quais, como se sabe, excitam-se de maneira semelhante ingerindo um cogumelo, *amanita muscaria* e a urina dos que beberam o decocto venenoso. Para o etnógrafo da América, permanece um enigma como povos inimigos, justamente podem parecer-se nessas excentricidades. Assim, o uso do paricá também existe entre os maués e foi observado por nós, ali, onde, entretanto, graças à civilização mais alta de toda a tribo, é praticado de modo mais sutil. Aberração também produz o uso do pó do ipadu, tirado das folhas da coca (*Erythroxylon coca* L.), que se nos deparou entre os miranhas e outros viajantes encontraram entre populações peruanas.

Depois de havermos observado os muras e o que havia nas suas palhoças, volvemo-nos a examinar as suas embarcações. Só uma era aparelhada, de madeira leve, e tinha 20 pés de comprimento; as demais eram simplesmente umas camadas de casca de árvore, ligadas com cipós, atadas e curvadas para cima em ambas as extremidades, formando um canudo semicilíndrico de 12 a 15 pés de comprimento.

Em tais miseráveis barquinhos, três ou quatro muras expõem-se ao maior dos rios, e quando, por acaso, vira, ou pouco a pouco se enche de água, os índios nadam ao seu lado, até conseguirem esvaziá-lo e pô-lo em condições de acolher de novo a equipagem. Quando nos despedimos dos muras, deixamos-lhes alguns garrafões de cachaça, dos quais eles se apoderaram com verdadeira avidez, apertando-os ao peito com os braços cruzados. Ao que parecia, eles deliberaram longamente sobre o modo de provar a sua gratidão; e, quando já havíamos deixado a costa, trouxeram-nos, em troca, uma grande tartaruga de presente.

Ao meio-dia do segundo dia nossa partida de Tupinambarana apreciavam os altos barrancos de barro vermelho de *Cararauaçú* (gavião-grande) à margem setentrional do rio. Seguimos para ali na montaria, empresa, aliás, perigosa, por causa da impetuosidade da correnteza no furo principal, e que, afinal, não nos proporcionou espetáculo novo algum, pois a margem norte, revestida de espessa mata inóspita, em nada se distinguia da feição geral. Resolvemos evitar, daí em diante, semelhantes travessias, como fazem os navegantes em geral, para não desperdiçar o tempo. Ao voltarmos para a canoa grande, vieram ter conosco duas canoas de muras, uma das quais estava repleta de macacos esfolados e secos. Foram bastante amáveis, para oferecer-nos, arreganhando, alguns exemplares daquele repugnante montão de presente. Desde algumas semanas, estavam eles ocupados, na margem setentrional, em fazer este abastecimento para a sua horda. Os animais estavam cuidadosamente esfolados, destripados, e assados em grelha (moqueados). Não me lembro de ter visto coisa mais desagradável do que essa porção de corpos de forma humana, para a qual se volvíam, com canibalesca alegria, os olhares dos caçadores. Quando precisamente nos afastávamos, um velho mura, que trazia no lábio inferior um enorme dente de caititu, remando confiante ao nosso lado, tirou do fundo da sua igara uma folha de bananeira cuidadosamente enrolada. Qual não foi a nossa admiração quando, ao desdobrá-la, vimos algumas dúzias de pênis de macacos,; sobretudo dos chamados macacos-prego (*Cebos*

macrocephalus), que o velho, sorrindo, nos oferecia como um febrífugo a toda a prova. A ideia de que essa parte dos macacos é fortificante para o coração e panaceia contra várias doenças, deparou-se-nos por quase toda a parte entre os índios, e, quando nos traziam macacos monos, muitas vezes já esse membro tinha sido cortado, como privilégio do caçador.



Utensílios dos índios. Estão figurados em tamanho proporcional os utensílios das diferentes tribos, colecionados, sobretudo na viagem pelo rio Amazonas:

1)2) Louça de barro dos índios de Nogueira, descendentes dos jumás, na província do Rio Negro. A louça é grosseira, a pintura, pouco nítida; diâmetro de 11 polegadas. 3) 4) As duas que estão em cima: Louça de barro dos índios mansos em Cameté, a qual se distingue pelo mais fino favor, melhor pintura e é dourada. Fig. 4. Vasilha menor, idêntica às usadas no Pará como manteigueiras. Diâmetro da fig. 3 = 1 pé; as restantes, na mesma proporção* 5) 6) 9) Cuias, pintadas de preto, com ornamentos brancos, talhadas pelos habitantes da ilha das Flores. (Perto da costa, ao sul da Baía de Todos os Santos). Diâmetro da fig. 9=8 polegadas. 7) Vaso de pau envernizado,

* Quanto à forma estranha das louças, veja o rodapé do próprio autor na pág. 194. (Nota da rev. Ed. Melh.)

fabricado pelos índios na fronteira de Mainas. 8) Cabaça esculpida pelos maués. 10) Rede feita de fibra de palmeira, com trama de algodão; trabalho dos tecunas. Tamanho, sem as cordas, seis pés. 11) Instrumento dos miranhas para ralar mandioca; em vez dos dentes de ferro, veem-se os dentes do inimigo morto, metidos na madeira. Comprimento 21/2 pés. 12) Novelo de fina fibra de palmeira, de meio pé de comprimento. 13) Roca de um pé de comprimento. 14) Bolsa de caçador tecida com fibra de palmeira; obra dos miranhas. 15) 16) Tecidos de algodão, listados de branco e vermelho, dos camacãs; saquinho de seis polegadas de comprimento, onde eles trazem suas preciosidades e bolsa de caçador, esta com 2 pés de comprimento. 17) 19) 20) Rolos de fibra de palmeira, diversos cordéis e um cabo confeccionados pelos miranhas. 18) Dois pentes, com cinco polegadas de largura, dos juris-tabocas. 21) Molho de fios de folha de ananás; utensílio dos passés. 22) Tipiti (cilindro-prensa) para espremer mandioca, trançado à maneira de cesta, com sarmentos flexíveis. A raiz ralada de fresco é então espremida para se lhe tirar o suco, prendendo-se um peso à extremidade inferior; tem 51/2 palmos de comprimento; usado pelos índios mansos, na barra do rio Negro. 23) Pedra em forma de espada, do comprimento de duas polegadas e duas linhas; do rio Amazonas, recolhida em Óbidos. 24) Caixinha para isca, feita de uma peça de cana arbórea, de seis polegadas de comprimento. Como isca, contém fungo de formigas, que é de muito fácil combustão; pertencente aos miranhas. 25) Chapéu de palha trançada, dos índios mansos de Tefê. 26) Comprido entrenó de gramínea arboriforme, onde os mundurucus costumam guardar o seu cetro de penas; mede esse entrenó palmo e meio de comprimento. 27) Penduricalho de caroços que os juris amarram em volta dos pés para chocalhar; tem um terço de pé de comprimento. 28) Molho de favas lenhosas, que os coerunas chocalham nas suas danças; mede um pé de comprimento. 29) Penduricalho de caroços que os miranhas trazem na parte superior do braço. 30) 32) Troncos ocos, pintados exteriormente com tinta de cor térrea, de 31/2 e 3 pés de comprimento, com os quais os miranhas batem o compasso nas suas danças. 31) Chocalho dos coroados, de 9 1/2 polegadas de altura. 33) 34) Flautas de caniço, dos juris, de 9 e 12 polegadas de comprimento. Entre estas (sem numeração), em igual proporção de tamanho, dois paus de cacauero seco que os índios usam para fazer fogo, revolvendo o pau mais comprido no buraco e movimentando o menor em volta. 35) Cesta trançada com fibrilas da casca do uarumã (Maranta arundinacea). Aí se acham algumas figuras feitas de goma elástica, de 1 palmo e 6 polegadas de diâmetro, obra dos índios do rio do Capim, província do Pará. 36) Caixinha da casca pardacenta e dura de turiri, uma lecitidácea; dentro estão alguns potezinhos de barro, feitos pelos miranhas; com veneno para flecha (curare) e urutu; esses potezinhos têm um palmo e dez polegadas de comprimento. 37) Berço onde os capemvas, que vivem nas margens do Solimões, costumam achatar o crânio das crianças por meio da tampa do mesmo; mede três palmos de comprimento. 38) Cesto com tampa, comprimento de 22 polegadas, trabalho dos canzacãs, província da Bahia. 39) Ossos do crânio de um tamanduá grande, envolvidos em cortiça, os quais os índios puru-purus colocam nas suas choças (como ornamento?); comprimento de 1 palmo e 2 polegadas. 40) Bloco de pasta de guaraná, de seis polegadas de comprimento. 41) Suspensório tecido e outro de cortiça, de 6 a 8 polegadas de largura; o primeiro, dos passés, o segundo dos juris. 42) Cestinha de 81/2 polegadas de altura, trançada com os talos do timbó-titica; dentro estão ossos de 8 polegadas de comprimento, da abóbada palatina do peixe pirarucu; os índios usam esses ossos, em vez dos dentes de ferro

do ralador, sobretudo para ralar guaraná. 43) Cestinha com tampa, trançada pelos coretus, onde eles guardam os seus adornos de penas; dois palmos de comprimento. 44) Banco, de um palmo de comprimento, dos juris-tabocas. 45) Gomo de taquara arboriforme com tampa de madeira, de 6 1/2 polegadas de comprimento, onde os índios (da tribo dos coretus e outras) guardam o ipadu, pó das folhas da *Erythro-xylon* Coca. 46) Colher, feita com o osso da coxa da anta, com que o cacique reparte o ipadu, na guerra ou na caçada; seis polegadas de comprimento. 47) Canudos feitos com o osso da coxa de corça, com os quais os tecunas costumam soprar no nariz um do outro o paricá (seu rapé); têm um palmo de comprimento. 48) Caixa de rapé dos juris, com 4 polegadas de comprimento, feita da preciosa concha *Bulimos Galina Sultana*, com tampa feita de um pedaço de fêmur de anta. 49) Instrumento feito com dois fêmures, por meio do qual os muras sopram em si mesmos o paricá; mede quatro polegadas de comprimento. 50) Pedra chamada mágica, *Muraquetã*, que os passés trazem ao pescoço, contra o quebranto; duas polegadas de comprimento. 51) Grande piteira, com que o cacique dos miranhas aspira a fumaça nos exorcismos; oito polegadas de comprimento. 52) 59) Dentes de onça, parte de um colar dos miranhas. 53) Batoque de cana que os aponegicrãs trazem no lábio inferior; três polegadas de comprimento. 54) Tufo de bicos de tucano que os Miranhas usam como ornamento na parte superior do braço. 55) Duas conchinhas de madreperla, ornamento de nariz dos miranhas; uma polegada de diâmetro. 56) Figura feminina, de 10 polegadas de altura, esculpida em madeira, obra de maués. 57) Arcos e flechazinhas, de 12 1/2 e 19 1/2 polegadas de comprimento, com que os coroados abrem em si mesmos as veias. 58) Bico afiado de um tucano com que as mulheres maués abrem em si mesmas as veias, no tempo da gravidez. 60) Vaso para fumo, dos mundurucus, de um fruto imaturo de castanheiro (*Bertholettia excelsa*). 61) Ralador e pilão em que os mundurucus preparam o seu paricá; têm um palmo e duas polegadas de comprimento. 62) Guarnição de colo de um aponegicrã, feita de garras do tamanduá grande. 63) Caniço por meio do qual os muras sopram o pó de paricá nas respectivas narinas; dez polegadas de comprimento. 64) Pedacinho de um chupador de veneno, preparado com chifre de veado sobre brasas e que é usado com o almíscar de jacaré; quatro linhas de comprimento.

Gastamos na viagem de Tupinambara até à vila de Serpa⁷ seis dias inteiros, pois nos conservávamos entre as inúmeras ilhas, quase sempre do lado setentrional do rio. A viagem, por falta de vento, feita só a remos e a tirantes, foi demorada e em extremo penosa. Quando a planura da margem o permitia, a canoa era puxada pelos índios; em geral, porém, as margens consistiam em barrancos íngremes, de seis a 12 pés de altura, e até à beira tinha mato tão cerrado, que ninguém ali podia tomar pé. Frondosas árvores tombadas daí no rio não raro se antepunham ao nosso caminho, e precisavam ser rodeadas com grandes esforços e perda de tempo. Em

7. Hoje Itacoatiara.

outros lugares, elas ameaçavam cair, de sorte que procurávamos apressar a passagem, com redobrada energia. Onde podíamos desembarcar na margem, o nosso passeio limitava-se a poucos passos pelo interior. Troncos de palmeira, armados de acúleos longos de um pé, e arvoredos baixos de ingazeiros e outras leguminosas, penetrados de trepadeiras, formavam uma cerca impenetrável, e, além do mais, era a mata povoada, como o indicavam frequentes pegadas na areia, por numerosas onças. A esses contratemplos se juntava um calor tremendo, das 2 às 4 horas da tarde, quando observamos algumas vezes, ao sol, 43,5° R, e à sombra 33,7° R. Essa alta temperatura era tanto mais sensível, por se alternar com as noites úmidas, quando para evitar as picadas de enxames de mosquitos, tínhamos de ficar no convés aberto. A fim de que a nenhuma hora se ficasse livre dos verdugos alados, a eles se juntavam ainda enxames de um pequeno besouro (*Bostrichus*), de manhã, ao nascer do sol, quando se sumiam os carapanãs. Esses besouros, na verdade, não atormentam com picadas, mas penetram em enxames nos olhos, na boca, no nariz e fizeram-nos recluir tudo por nossas pipas de cachaça, às quais tivemos de dar uma protetora mão de alcatrão. Ao norte do rio, estende-se o grande lago de Silves (*Saracá*, na língua geral), ligado por seis furos quase paralelos, ao rio principal. No primeiro deles, passando por entre numerosas ilhas, encontramos uma família de índios, que havia construído para si, com folhas, um pequeno rancho. Três mulheres estavam ocupadas a tingir de preto as suas saias e os curtos corpinhos, que mal lhes recobrem o peito. Para isso, elas empregam um lodo preto muito fino, contendo ferro, que aparece frequentemente nas enseadas do rio, e os frutos do macucu (*Ilex macucu* Aubl.). Esses frutos, do tamanho de uma castanha-da-índia, parecem que contêm considerável quantidade de tanino e ácido gálico, porque logo que são ralados com água e misturados com o lodo, produzem uma tinta muito duradoura. O modo usual de aplicar este processo químico é o seguinte: os panos a tingir ficam cobertos alguns dias com o lodo, e, depois de enxaguar com água, são metidos numa cuba, onde o pó do fruto de macucu está dissolvido na água; ou, inversamente, mordenta-se o tecido na água, onde os frutos foram triturados, e cobrem-se depois com o lodo. Se a tinta não pega muito bem pela primeira vez repete-se o processo. As índias apreciam mais o algodão grosseiro, tinto desse modo, do que o branco, talvez porque não é preciso lavar tão amiúde. A roupa preta apertada assenta-lhes bem, porque condiz melhor com a

cor escura da pele e do cabelo, do que as camisas brancas, finas, e amplas que fazem o enfeite principal das negras e outra gente de cor nas províncias do sul⁸.

Numa ilha, entre a segunda e terceira bocas do lago Saracá, desembarcamos no dia 11 de outubro, para percorrer uma fazenda, cujo dono tem a fama de ser mestre no preparo do fumo. Dizem que esta ilha e as vizinhas, assim como a região em redor de Silves, produzem o melhor fumo de todo o Estado. Sem dúvida, a excelência do produto depende mais do clima favorável do que dos cuidados no cultivo e preparo. As sementes do fumo são semeadas em terreno solto, ensombrado; as plantinhas, que brotam, são ou transplantadas ou rareadas por eliminação e crescem então, até à altura de um homem, em poucos meses. Cortam-se as folhas, põem-se ligeiramente a secar, enrolam-se em cilindros de três a seis pés de comprimento e uma polegada de grossura; e, em seguida, são enroladas com forte pressão, com uma tira, larga de uma polegada, da entrecasca do castanheiro-do-pará (*Bertholletia excelsa* Humb.). Ao cabo de alguns dias, tira-se-lhes o primeiro amarrilho, passa-se-lhes em volta outro mais arrochado, continua-se o processo até ficar o fumo comprimido em massa quase homogênea, perfumada. Envolve-se finalmente esses rolos com a casca resistente de uma *Maranta* nova, que tem muita semelhança com a palmeira *Calamus* da Índia oriental. Esse fumo, assim despachado, conserva durante anos o seu bom cheiro. Até agora, era remetido particularmente para as fábricas de rapé de Portugal. Os habitantes do Estado costumam dele fazer os seus cigarros, com tiras de papel fino.

À meia-noite do dia 12 chegamos à vila de Serpa, situada numa das maiores ilhas entre o Amazonas e as bifurcações do lago de Saracá. O grés ferruginoso, pardo-vermelhado, que se eleva aqui com camadas de tabatinga, amarela, a cerca de 25 pés, altura já considerável nesta região do

8. Esta não é a única cor preta que esses índios sabem preparar. Outra tinta é feita com a erva da *Eclipta erecta* L. molhada em água e de outras compostas; uma terceira se prepara com os frutos do genipapeiro (*Ganipa americana* L.); de azul tingem eles com as bagas dum *Cissus*; de vermelho, com o pau-brasil e com o urutu (*Rocou, Orlean*), de amarelo, com as folhas de diversas bromeliáceas. Coisa semelhante a esse modo de tingir é o que se pratica no Chile com a argila *rovo*, a que os índios de lá acrescentam o decocto das folhas da *Coriaria myrtifolia* L, ou da raiz da *Gunnera scabra* R.P.

rio, deu motivo para o nome *Itacoatiara*, isto é, “pedra pintada”, que tem esta zona na língua geral. Encontramos um lugarejo miserável, tão pobre de população como de indústria, constando só de 20 e poucas cabanas ao todo. Tudo aqui indicava a máxima decadência, observação que mais significado tem, visto Serpa ser um dos mais antigos povoados de toda a província do Rio Negro⁹ e, mesmo na ocasião de nossa estada, era ainda a sede municipal de Fortaleza da Barra¹⁰, situada a oeste, e que não possuía ainda então a seu senado da Câmara. Os poucos moradores índios tinham perdido todo o vestígio de suas diferentes origens e falavam a língua geral. Pareciam gente indolente, apática. Tanto mais nos interessou uma rapariga índia da tribo dos passés, a qual, ao que parecia, tinha sido trazida aqui do Japurá, como escrava. Foi o semblante escuro mais perfeito que havíamos visto até agora. A tatuagem formava meia elipse, que começava debaixo dos olhos, com uma curva pouco acentuada, e, tomando a maior parte da bochecha, se ia afinando até a covinha do queixo. O nariz não era tatuado; o cabelo, de um negro de azeviche caía-lhe em franja na testa e era atado atrás com uma larga fita de entrecasca e guarnecido com um pente português. Meiga ingenuidade emprestava ao rosto, assim singularmente desfigurado, uma expressão, que comparada às feições feias de um jovem miranha, de narinas furadas, também ali prisioneiro, tornava-se duplamente

9. De acordo com Monteiro, os primeiros habitantes desta vila vinham de aldeias no rio Maturá, um afluente do Madeira, das tribos de urururis e apacaxis. Ouvimos ainda mencionar os aruaquis, irijus, e tiaris, que foram transferidos do rio Purus para cá. Os aruaquis, uma nação muito numerosa, distinguidos por orelhas longas, pendentes e perfuradas e por isso chamados pelos portugueses *orelhudos*, antigamente eram muito espalhados entre os rios Nhamundá e Negro. No último, uma parte deles foi aldeada e desapareceu na mistura com os outros. A missão da Conceição, que os mercenários fundaram entre eles, sumiu sem vestígio após o assassinio do missionário. Os poucos aruaquis ainda selvagens, que cheguei a ver, apareceram na barra do rio Negro para permutar cera e penas. Ribeiro menciona como habitantes de Serpa, ainda, os seguintes hordas, provavelmente quase extintos durante os cinco decênios decorridos desde que escreveu: sara, baré, anicoré, aponariá, urupá, jûma, juqui, curuaxiá e paraquis. Os últimos, primitivamente residentes no Vatuma, descreve como gente bem feita, com o distintivo nacional de uma ligadura larga de três dedos nos pés, para aclarar a cor da pele. Deles não vimos mais vestígio algum.

10. Hoje Manaus.

interessante. Havia qualquer coisa infinitamente enternecedora na mímica muda da pobre índia órfã. Na parte ocidental de Serpa, as margens do rio elevavam-se, em geral a 12 pés de altura, e a impetuosa enchente deste ano ali havia devastado e de fresco solapado grandes trechos. Na espessura de seis a oito pés, as barrancas são de areia misturada com algum humo e vasa, tendo por cima uma tabatinga cinzenta, amarelada ou esverdeada. Os nossos índios saboreavam essa argila acompanhando a mandioca e o pirarucu e, daí em diante, tivemos frequentes oportunidades de verificar que o singular costume de geofagia é conhecido entre todos os habitantes índios, embora nem todos o pratiquem. Não duvido que esse desejo de comer terra se origina de uma sensação, análoga, porém não idêntica à da fome. Quando interrogamos os nossos índios porque, não lhes faltando o alimento conveniente e agradável, comiam o barro fino, quase à guisa de sobremesa, eles não davam outra resposta senão que sentiam um indefinido bem-estar depois de terem enchido o estômago com urna porção de barro do peso de algumas onças. A gulodice desses povos, e, sobretudo, a falta de cuidadosa dosagem dos alimentos dados a crianças não desenvolvidas, deve como consequência produzir dilatação e relaxamento do estômago, despertando com isso a sensação de uma fome insaciável. Por outro lado parece-me provável que o clima quente e a mais forte pressão do sangue nos vasos periféricos de corrente, possa despertar sensação de vácuo (*inanitas*) para cuja supressão o homem primitivo inconsciente recorre a tão indigesta comida. Terceiro motivo talvez seja também a frequência de verminose entre os índios, a que os viajantes no Amazonas estão também expostos, num grau terrível, provavelmente por causa da água impura. Aliás, também entre nós não faltam exemplos de semelhantes apetites anormais; a ociosidade ou capricho de imitar os outros, talvez tenham também concorrido para tornar tão comum a geofagia no Amazonas, como o Sr. von Humboldt observou no Orenoco.

A 14 de outubro, passamos favorecidos por fraco vento leste, pelo furo de Araua tó, a boca mais ocidental e a sexta do lago de Saracá. As ilhas, formadas por esses escoadouros, são de superfície plana; mas como o rio, nestes oito dias, havia baixado no mínimo 10 pés, apareciam mais altas as barrancas de barro do que as planuras que os nossos olhos estavam acostumados a ver. Nas suas densas matas matamos alguns dos grandes e belos galináceos, que têm entre nós o nome de *Hocco* e na lín-

gua geral o de *mutum*. Os habitantes do Amazonas têm nos seus quintais essas aves, que, na América, substituem a nossa galinha caseira; porém só raramente conseguem que elas se reproduzam presas. Parte dos exemplares que trouxemos para a Europa ainda vive, e é de esperar que, com o devido trato, o mutum venha a ficar tão domesticado como acontece com outras das nossas aves mansas¹¹. Também os jacamins (*Psophia crepitans* L.; e *Ps. leucoptera* Spix), que vimos em bandos nos galinheiros dos índios, em Tupinambarana, apareciam às vezes nas moitas da margem,

-
11. As notas do meu diário acerca dos mutuns diferem em parte do que eu encontrei a esse respeito nos tratados ornitológicos, e, portanto, aqui têm o seu lugar. Além do mutum-poranga (belo mutum), de Piso (*Crax rubirostris* Spix) e, provavelmente, *Crax alector* Temm., se a cor do bico varia entre o amarelo e a cor do açafão, que também caçamos nas matas virgens da Bahia, apareceram-nos no Amazonas mais as seguintes espécies: 1ª mutum-de-fava (*Crax globulosa* Spix); 2ª mutum-da-vargem (*Crax pauxi* Tem.; *Crax tuberosa* Spix); 3ª, urumutum (*Crax urumutum* Spix); 4ª, (*Crax tomentosa* Spix). O mutum-de-fava e o mutum-de-vargem são os mais comuns no Amazonas. Em Mainas e nos domínios espanhóis, a leste dos Andes, o primeiro destes é chamado *piuri*, donde se originou *peuru*, que, na língua portuguesa, designa o *peru* (*Meleagris gallopavo* L.); e o segundo *pauxi*. Todos os mutuns vivem em pequenos bandos, ao modo de muitos galináceos, em poligamia, guiados por um único macho. Constroem os seus ninhos chatos, com gravetos, no ângulo dos galhos, não muito alto acima do solo, e são pouco ariscos, deixando quase sempre o caçador chegar-lhes muito perto. Ao amanhecer o dia, eles saem em bandos do interior das matas para as margens mais claras do rio, e ocupam, estendendo as asas, as mais altas árvores. Os machos brigam entre si, como os nossos galos; essa tendência combativa parece natural em todas as aves polígamas. O seu canto, *raqua-raqua-raqua-raqua*, penetra longe pelas selvas. A fêmea, segundo a nossa própria observação e a afirmação dos índios, põe apenas dois ovos brancos, maiores e mais resistentes do que os ovos de galinha. Essas aves domesticadas, que encontramos aqui e acolá, até nas casas dos índios bravos, como, por exemplo, no Japurá, eram, em geral, de ovos trazidos do mato e chocados pela galinha caseira; pois a fecundação se logra no cativo só em condições muito favoráveis. Domesticados, eles são mais mansos e soltam o singular murmúrio queixoso, produzido pela particular forma da traqueia, de extraordinário comprimento e que desce em muita volta até aos pulmões. Contentam-se com qualquer alimentação, comem também insetos e vermes, às vezes barro; e toleram a companhia das outras aves de galinheiro. A carne dos mutuns é branca e no sabor iguala-se à do peru. Os índios ajuntam as penas deles e conservam-nas nos cilindros secos da bainha da folha da palmeira açáí. As penazinhas servem para diversas formas de adorno, e as rêmiges e as retrizes para abanos.

mas só muito raramente chegavam ao alcance de tiro, pois que levantadas, não confiando no seu voo pesado, desciam nos arbustos, onde só os olhos de lince dos índios as podiam descobrir. Essas aves parecem que se propagam quando presas. Não é sem importância para a etnografia do Brasil o fato de haverem os índios domesticado diversas espécies de aves; pois isso pressupõe certa estabilidade, de domicílio e longo espaço de tempo, durante o qual as aves, aqui criadas sem cuidado, podiam abandonar seu hábito, até ao ponto de procriar no cativeiro. Os papagaios como os macacos, tampouco procriam presos; asseguraram-nos, entretanto os índios, que mais facilmente se propagam os jacamins e um tanto menos os mutuns. De preferência, são portanto os ventríloquos entre as aves os que facilmente se domesticam. De resto, o mesmo nos afirmaram a respeito do rubro guará; e, de fato, encontramos na ilha de Marajó duas dessas aves mansas, que trouxemos para Munique. Também vi na maloca dos juris, no alto Japurá, uma ave aparentada (talvez o *Ibis mexicanus* Cuv.), que estava igualmente domesticada e que, por sua beleza, eles não quiseram permutar conosco. De onde as tribos mais remotas, por exemplo, as do rio Apaporis e do rio dos Enganos, dois afluentes setentrionais do Japurá, receberam numerosa criação de nossa galinha caseira, é para mim um enigma inexplicável. Na vida doméstica do índio, representam as referidas aves um papel importante; para os seus feiticeiros e médicos, são de especial interesse as seguintes, sobre as quais aproveito a oportunidade para acrescentar mais algumas considerações. O caracará (*Polyborus vulgaris* Spix.), gavião comum em todo o Brasil, que solta um grito plangente, é considerado ave agoureira pelos índios. Encontrá-la é prenúncio e causa de desgraça próxima; e os pajés dizem perceber pelo grito qual é a pessoa da tribo que vai morrer. O atrevimento da ave em se alojar na vizinhança da maloca e por assim dizer vigiar o que acontece ali, é explicado como se fosse um agente mandado pelo demônio (*jurupari*) para os espreitar. Outros creem que o caracará como que inocula as almas dos defuntos em outros animais¹². Não menos sig-

12. Esta superstição baseia-se talvez na observação frequente de perseguir, o caracará, mamíferos maiores, para comer as larvas de insetos que neles se aninham. Alguns versos da língua geral, também notável prova de poesia dos índios, referem-se assim ao gavião pequeno, o caracará (*Polyborus chimango* Vieill?):

nificativo é aos olhos dos índios o *acauã* (*caoá*, *oacôoã*, *Astur cachinnans* Spix)¹³, igualmente um pequeno abutre, cujo principal alimento consiste em cobras. Consideram-no protetor contra as mesmas dizendo que ele clama o seu nome para afugentar as cobras venenosas, e os índios lhe imitam o grito, quando passam em caminhos onde receiam encontrá-las, com o fito de afastá-las. O bico e todos os ossos, como opinam outros, devem ser tomados reduzidos a pó, como excelente antídoto para picada de cobra. Eficaz ainda em mais alto grau é o antídoto de *inhuma* (*Palameda cornuta* L.), especialmente quando tirado do estilete córneo que a ave traz na testa. Alguns escrópulos de pó, tomado com vinho ou água, parece que cura a pessoa já completamente sem sentidos em consequência da picada de uma cobra venenosa. Medicamentos animais, aos quais se atribui semelhante eficácia, aos acima citados, valoriza-os o selvagem americano na mesma proporção em que se acham, atualmente, abandonados na Europa. Chifre queimado no qual se desenvolve amônio, serve-lhes, como se afirma, não raro com bom resultado, tal qual entre nós a água de Luce ou amônia. Assim, emprega-se às vezes, no litoral, a ponta córnea, que arma a cauda da arraia, como antídoto, nos ferimentos feitos por esse peixe ou por picada de cobra. Com os chifres de veado, o índio prepara outro remédio de valor análogo, assando alguns

“Cha maná ramaê curi

Tējerru iaschió,

Aiqué caracará

Serapiró arumu curi.

Cha mano ramae curi

Se morabôre caá puterpi,

Aiqué tatu memboca

Se jutú ma aramú curi.”

“Quando eu um dia morrer,

— E não quisesse chorar,

— Aí está o caracará

— Que me há de prantear

— Quando eu um dia morrer,

— E me jogares no mato,

— Aí está o tatu,

— O qual me há de enterrar.”

(Sabe-se que o tatu fucila os túmulos e come os cadáveres).

Os guaicurús do Paraguai têm a singular lenda de que, depois de já existirem os outros povos da Terra, eles foram criados pelo caracará. Esse criador empenado deu-lhes armas e disse-lhes que com elas poderiam fazer guerra às outras nações e fazer prisioneiros. Aliás, esses selvagens não lhes prestam culto, e matam-no tanto como a qualquer outra ave.

13. Note-se a dificuldade com que Martius lutou para grafar com exatidão o nome *acauã*, que, segundo Teodoro Sampaio, é corruela de *aça-uá* e contração de *açã-uara*, significando “o comedor de cabeças (de cobras)”. Há, também, as formas *cauã* e *macauã*. Afirma o nosso patrício, acima citado, que entre os guaranis a ave é chamada *macaguá*. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

pedaços ao fogo e juntando-lhes pingos do almíscar que os jacarés segregam em duas glândulas sob o pescoço. Toma-se reduzido a pó e o osso inteiro é amarrado sobre a ferida, para chupar o veneno. Este último produto, de forte cheiro almiscarado, parece ser de extraordinária eficácia, quando deitado no ouvido para curar a surdez¹⁴.

Havíamos passado o furo de Arauató, distante 12 léguas da primeira boca do lago Saracá, quando se desencadeou uma terrível trovoadas, vinda do Madeira ao sul. Durou duas horas e julgamo-nos felizes, por ter achado abrigo na margem alta de uma ilha. Essas tempestades são aqui frequentes, particularmente na época das chuvas; provavelmente a sua formação corresponde à contínua agitação da atmosfera acima dos dois rios que se encontram aqui. Quando estávamos ancorados, uma igara cheia de índios veio ter conosco, os quais queriam, em nossa companhia, esperar que passasse a trovoadas. Eram moradores de Silves, em viagem para a praia de Tamanduá, no Madeira, onde iam colher ovos de tartaruga. Eram todos homens de bela estatura, de feições simpáticas, conversados e manejando perfeitamente a língua geral, também um pouco o português, dando-nos prova animadora de certo grau de civilização. Nenhum deles tinha distintivo nacional e não sabiam dizer de que tribo descendiam¹⁵. Um deles

-
14. Do emprego da cascavel na sífilis já falei anteriormente (vol. II, pág. 104). De modo semelhante aplicam-se diversas espécies de lagartixas, das quais os índios, aliás, têm um medo supersticioso, contra essa doença, a icterícia e eczemas. Cozinham o animal inteiro, bebendo o caldo, ou queimam-no e tomam as cinzas. A todos esses remédios, cujo efeito terapêutico, talvez, resida, sobretudo no seu teor em amônio, seguem os bezoares, dos quais vimos diversas qualidades em uso com os colonos brancos. O bezoar ocidental, da vicunha, às vezes chega aqui vindo do Peru. As pedras de cobra, examinadas por J. Davy, de Ceilão, eram ossos calcinados, outras, carbonato de cálcio tinto com substância vegetal, ou, finalmente, bezoares.
 15. A vila de Silves está do lado oriental de uma das numerosas ilhas espalhadas no lago Saracá. A primeira colônia aí foi fundada pelos mercenários com índios trazidos da antiga aldeia Aniba no rio de igual nome. Uniam-se aqui índios das tribos dos aruaqui, baré, caraias, beúna, pacuri e comani. A ilha onde está situada a vila, e todas as outras no belo lago piscoso são tão altas que não são atingidas pelas inundações anuais. Possuem uma vegetação extraordinariamente pujante e são apropriadas para a cultura do fumo, algodão e cacau. No lago Saracá desemboca entre outros o rio Urubu, cujo escoadouro é o Arauató. Mencionam-se como habitantes de suas margens os aroaquis, uma horda de orelhas compridas, bastante numerosa, que em parte ainda reside selvagem nas matas ao este do rio Negro.

trazia ao pescoço, preso por um fio de algodão, uma pedra-das-amazonas, paralelogramo de uma e meia polegada de comprimento e duas linhas de grossura com dois furos e tão grande valor dava a esse amuleto, que por preço algum o queria negociar. Além desse exemplar, só vimos, em toda a viagem, mais uma só dessas pedras, que permutamos em Óbidos, para o Museu Etnográfico de Munique. Tem a forma de um sabre ou dava, com um cabo num lado, achando-se, porém, talvez partida abaixo da metade. A pedra é tão bem lapidada e polida, que é um mistério como os índios, que desconheciam o emprego de qualquer metal, puderam conseguir tal perfeição. Segundo notícias coligidas a este respeito, acho provável que essas pedras-das-amazonas, lapidadas sejam artefatos dos índios do alto Peru (**Nota III**).

Não são essas pedras, aliás, os únicos amuletos que eles trazem ao pescoço contra doenças, picadas de cobras e outros males. Igual, virtude atribuem à *muraquêitá*, talhada das costas da grande concha fluvial, ornamento grosseiro, ou a um pedaço de madrepérola, ou a qualquer arredondado osso de peixe.

A 15 de outubro, avistamos, entre um grande banco de areia a leste, e uma ponta terra coberta de mata baixa, a oeste, a foz do caudaloso rio Madeira. Embora se apresentasse dividida por uma grande ilha, tínhamos, contudo diante de nós, desde a margem norte até àquele rio, um verdadeiro mar de água doce. Depois de meio-dia, chegamos às altas e íngremes costas de Amatarí, que, pelo duplo escoadouro do relativamente pequeno rio Amatarí, se tornam ilhas. Conquanto existisse outrora nessas ilhas uma aldeia dirigida pelos mercenários, da qual ainda pareciam dar testemunho algumas capoeiras baixas, tudo havia, entretanto, voltado à primitiva selva, e, em vez daqueles padres devotos, estavam instaladas ali algumas famílias de muras errantes.

Bastam poucos decênios, neste país, para dar à natureza poder ilimitado sobre a obra do homem. Do lado meridional, depararam-se-nos ilhotas de areia, que surgiam das águas, e nas quais se viam inúmeros bandos de toda espécie de aves aquáticas. A sua gritaria confusa chegava até nós, e elas não pareciam assustar-se com ruído algum, nem com a aproximação dos homens. Constante é a briga entre os ciconídeos grandes e os patos, e a ela assiste impassível, em geral pousada numa árvore, a garça branca *Ardea egretta*. Em outra ilha, jazia morto um jacaré grande, em volta

do qual esvoaçavam urubus. Os nossos índios fizeram-nos observar que um urubu-rei¹⁶ havia justamente voado dali, deixando campo livre para os outros. Quanto mais altas se elevavam as barrancas, tanto mais cresciam as dificuldades de navegação, por aumentar a correnteza. Tornou-se particularmente impetuosa acima da ponta de Amatari, de modo que, só por meio de tirantes amarrados na margem, pudemos fazer avançar a canoa. Num ponto onde o rio redemoinhava em torno de um paredão de grés de mais de 20 pés de altura, foram amarrados dois fortes cabos nas árvores da margem e no mastro da proa, e, apesar da forte arrancada dos nossos índios, gastamos várias horas para vencer a correnteza. Depois do meio-dia, prosseguiu a viagem do mesmo modo, e enquanto a montaria, à frente, levava os tirantes para a margem, julgamo-nos de repente favorecidos da sorte, ao ver soprar inesperadamente o vento fresco de leste, que começou a encrespar as águas do rio. Infelizmente, o céu num instante todo se toldou de nuvens negras; as ondas do rio empinaram-se e sobreveio o tufão, acompanhado de pavorosos trovões. Dentro de três minutos; o dia claro tomara-se noite tão profunda, que só ao clarão dos relâmpagos reconhecíamos as margens; e, embora tivéssemos a fortuna de enrolar de novo as velas apenas armadas, a ventania, acompanhada de chuva, nos tocava rio acima com a rapidez de uma flecha, de modo que em poucos minutos fizemos quase meia légua. Conseguimos, finalmente, pôr a canoa a salvo na margem, e também vimos, com regozijo, chegar a montaria ileso de estragos, passado o temporal; a não ser uma verga partida, só lamentamos a perda de alguns papagaios, os quais naquela confusão foram atirados do convés ao rio. A súbita trovoadá, a mais violenta com que tivemos de arcar em toda a viagem fluvial, confirma a necessidade de mais rigorosa observação acerca das variações do tempo sobre o rio. Desta vez, foi mero acaso feliz o ser a canoa impelida rio acima e não de encontro às costas alcantiladas, onde sem dúvida se teria despedaçado e naufragado conosco. O temporal produziu notável influência na temperatura. Desceu o termômetro a 18° R., e assim se conservou toda a noite. Tanto nós quanto os índios sentimos frio e até os insetos pareciam ressentir-se da friagem, pois

16. O urubutinga, isto é, “urubu branco”, é mais conhecido por “urubu-rei”. A esse *Cathartes papa* (denominação científica da bela ave) davam também os índios o apelativo de *urubu-rubixá*, “urubu-chefe”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

com redobrada fúria procuravam intrometer-se na nossa roupa. O céu coberto de dia por escuras e baixas nuvens tomou, durante a noite, uma negrura deveras pavorosa e sobre a solidão da natureza pairou tal melancolia, que nem a tento descrever. De igual modo, tivemos de lutar quatro dias com a mudança de calor sufocante, pavorosas tempestades e frias noites tristonhas; pela absoluta falta de vento, navegávamos com extremo vagar. Pareceu-nos que, dia a dia, crescia a impetuosidade da correnteza, quanto mais se elevavam as ribanceiras de argila. Com isso, nem a vegetação nem a fauna apresentavam variedade animadora. Uns pobres colonos, índios e mamelucos, aproximavam-se de nós, em montarias para permutar conosco tartarugas por um pouco de cachaça. Parecia gente despreocupada e sem necessidades; os seus casebres solitários apareciam aqui e acolá no barranco alto e as pequenas plantações de fumo e algodão demonstravam a mais completa falta de diligência. Na tarde de 20 de outubro cortamos o rio, por entre ilhas para a margem meridional, a fim de evitar a violenta corredeira de Jatuarana a oeste da enseada do Tabocal, formada por barrancas de terra argilosa relativamente altas do lado setentrional. O rio, neste lugar, era sem ilhas, tinha talvez uma légua de largura. As costas elevadas, cobertas de matas, junto às quais havia algumas cabanas espalhadas, foram um deleite para os nossos olhos. O governo havia estabelecido neste sítio um segundo posto de guarda, por causa da epidemia de bexigas. Achemos aqui uma carta do Sr. governador, o major Manuel Joaquim do Paço em resposta à petição que para ele mandávamos de Vila Nova, e pela qual nos dava as boas-vindas à sua província. Portanto, não havia mais impedimento algum para o prosseguimento da nossa viagem até Barra do Rio Negro. Passamos pela boca do lago d'el-Rei, e avistamos no lado setentrional outra elevada margem, a costa de Puraquecuará (buraco do poraquê). São muito abundantes aqui os poraquês nas covas das pedras da margem; e, ainda no mesmo dia, obtivemos dois desses peixes grandes, harpoados pelos índios da nossa montaria. Mais diante, recebemos, na Barra do Rio Negro, um exemplar vivo com que tivemos oportunidade de fazer várias experiências¹⁷. As águas, nestas regiões do rio, são muito ricas dos mais diferentes gêneros de peixes.

17. Como essas não acrescentam nada ao que já se sabe, limito-me a indicar a minuciosa descrição desse maravilhoso fenômeno, inserta nas obras do dr. von Humboldt. Os poraquês do Amazonas e do rio Negro crescem até seis pés de comprimento e têm a

A 22 de outubro, antes de romper a madrugada, atravessamos o rio, partindo do lado meridional em direção ao noroeste, e, quando nasceu o sol, achamo-nos numa estranha mistura de águas. Por entre as ondas turvas e esbranquiçadas do Amazonas apareciam bem distintas, como grandes manchas, porções de águas pardo-escuras que, aparecendo e desaparecendo, eram finalmente absorvidas pela caudal dominante, comunicando-lhes tonalidade mais escura.

Pouco a pouco, o número e tamanho das ondas pardas se foi tornando maior; sumiram-se, afinal, as águas esbranquiçadas, e achamo-nos no rio Negro, que tanto mais tranquilo se tornava, quanto mais nos afastávamos do turbilhão do Amazonas. Os índios romperam em brados de grande alegria, quando remávamos no espelho das águas pardas sossegadas, e, perto do meio-dia, lançamos âncora na Barra do rio Negro¹⁸.

Ao desembarcarmos da canoa, fomos recebidos pelo ouvidor da província e por diversos oficiais da guarnição os quais logo nos acompanharam à casa do Sr. governador. Encontramo-lo doente e de cama; graças, porém, aos seus benévolos cuidados, já nos estava preparada uma casa, onde nos alojamos, para repousar das canseiras da viagem. Havíamos feito a navegação de Belém do Pará até à Barra do rio Negro em três meses e meio¹⁹, quando se pode, com embarcações menores e com máxima pressa, fazer o percurso num mês.

grossura de uma coxa de homem. Pesam, então, 40 e mais libras. A forma de enguia e a cor verde-escura do peixe aliam-se, num aspecto desagradável. Vivem eles em grandes cardumes. Monteiro afirma que põem ovos, mas trazem, por algum tempo, entre as guelras, os seus filhotes recém-nascidos, à semelhança dos piratucus e de outros peixes cartilaginosos.

18. Hoje Manaus.

19. Estes três meses e meio do autor parecem um erro. Pois, ele mesmo, no começo do cap. III deste livro, fala do dia 21 de agosto, como data da partida de Belém do Pará. Dessa maneira a viagem de lá à Barra do Rio Negro durou quase exatamente três meses. (Nota da rev., Ed. Melh.)

NOTAS DO CAPÍTULO IV

I – Sobre as Amazonas — Se uma circunstância parece indicar que na América do Sul existiam ou ainda existem amazonas, semelhantes às que se atribuem à Ásia, é a extraordinária divulgação da lenda neste continente: Orellana foi avisado, por um cacique, acerca de um povo de mulheres guerreiras, que esse índio chamava de cunhá-puiãra (talvez fosse ele da tribo dos omáguas, que falavam a língua geral), e encontrou em 1542, no rio Cunuris, hoje Trombetas, entre os homens, mulheres combatentes. A relação de Acuña acrescenta ao simples fato todas as lendas, que, desde aquela época, têm sido tão repisadas...

Talvez quisessem descrever a Orellana a feição belicosa de certa tribo, contando que até as mulheres pegavam em armas, e a vista de algumas dessas mulheres, que combatiam ao lado dos maridos, nas refregas à beira do rio Trombetas, veio completar a fábula. Deste modo tão simples, como me parece, explica Ribeiro o fenômeno alegando como a nós também afirmaram, que, entre outros índios, os mundurucus costumavam levar as suas mulheres ao combate onde elas forneciam as flechas aos homens.

Do estado de escravidão das mulheres, no qual La Condamine vê um provável motivo para a instituição de uma república de mulheres, tanto menos posso deduzir este fenômeno, quanto sei que a dependência notória das mulheres ao homem se baseia justamente na sensualidade delas. Essa situação dá motivo a que muitas índias abandonem as suas hordas, talvez repudiadas por seus maridos, e, como hetairas livres, mudem de um bando para outro, onde são tanto melhor acolhidas, por serem consideradas uma espécie de escravas e se submeterem a qualquer serviço da casa.

II – O guaraná (bem diverso da goma caraná) era, a princípio, preparado só pelos maués. Depois, porém, o seu uso tanto se espalhou, que o tornou artigo de comércio bastante considerável, e também foi preparado por outros colonos, principalmente em vila Boim e ainda em outros pontos do Tapajós. O verdadeiro distingue-se do falso pelo maior peso, pela maior dureza e densidade, e porque o seu pó não tem cor branca, mas toma uma tonalidade vermelho-acinzentada. O fabrico, como me mostrou o índio de Tupinambarana, era o seguinte: — O arbusto do guaraná (*Paullinia sorbilis* Mart.) tem as suas sementes maduras em outubro e novembro. Soltam-se da cápsula e são expostas ao sol quando estão bastante secas, ao ponto de soltar, se esfregadas com o dedo, o arilo branco que as envolve à metade, deitam-se num pilão de pedra ou sobre uma chapa côncava de grés bem duro, aquecida embaixo por brasas. Ali são reduzidas a pó fino, que se mistura com um pouco de água, ou expõe-se ao sereno, até que se deixe amassar, formando-se uma pasta. Juntam-se à massa algumas sementes inteiras ou pedacinhos, e enrolam-se o

todo na forma preferida, em geral cilíndrica, ou com ponta, tendo de 12 a 16 onças de peso, o comprimento de cinco a oito polegadas, com grossura correspondente e mais raramente em forma de bola. Ao sol ou exposta à fumaça no interior das cabanas, a pasta, colocada junto do fogo, seca até considerável dureza, e torna-se tão difícil de quebrar, que é preciso cortá-la a machado. Depois é empacotado o guaraná, entre folhas largas de *Scitaminae* em cestos ou sacos, e, quando não é exposto a muita umidade, conserva-se por muitos anos, sem se estragar. No Estado do Pará é costume ralar a pasta de guaraná com o hioide do pirarucu, com numerosas eminências ósseas, e que é guardado numa cesta trançada com fibras de *uarumã* (*Maranta Tonckat* Aubl.), considerada peça comum entre os objetos caseiros. Segundo outro modo de preparar, não tão bom, mistura-se ao pó do guaraná algum cacau ou farinha de mandioca. A pasta toma, com isso, um colorido esbranquiçado na fratura, torna-se menos compacta, e não se conserva tão bem.

Como particular propriedade da guaranina, substância essencial do guaraná, lembro a de entorpecer peixes, nela procurada por analogia com diversas plantas da família das sapindáceas, especialmente a *Paullinia sururu* e *pinnata* L. (o timbó), que se tem provado eficaz em alto grau. Parece principalmente afetar os nervos do abdome e agir com intensidade nas diarreias e disenterias, resultantes de resfriados e de emoções ou nos estados em que existe elevada sensibilidade doentia do *plexus coeliacus*. Por outro lado, não é indicado nas congestões ou estados saburrosos. Em maiores doses, excita todo o sistema nervoso, produz visão dupla, cintilações na vista, insônia, excitação fora do comum e outros fenômenos semelhantes. Nas hemorragias uterinas e outras hemorragias passivas, tem prestado excelentes serviços. Estranho é o conceito, espalhado em todo o Brasil, do seu efeito afrodisíaco, inutilizando, ao mesmo tempo, o *vis fecundans seminis virilis*.

III – Pedra do Amazonas (pedra divina, *Lapis nephriticus*) — A chamada “pedra do Amazonas” é variedade da nefrita. Diego de Ordaz (1530) na sua expedição ao Amazonas, encontrou ali entre os índios duas pedras, que os espanhóis tomavam por esmeraldas. Se essas pedras são iguais à de que estamos tratando, o que é provável, pelo tamanho e por dizerem os índios haver rochas inteiras delas, essa é a mais antiga notícia acerca desse minério. Evidentemente, não podiam os habitantes atuais dar a forma a essa pedra dura; também ouvimos dos índios, assim como antes de nós La Condamine e von Humboldt, a explicação de que a pedra, formada de argila debaixo da água, se tinha endurecido ao ar. Afirmaram-nos que, além da forma da nossa pedra, encontram-se a de vários animais, cilíndricas ou em tabuinhas quadradas. Dessa última espécie são as placas que foram mandadas antigamente à Europa, pelos jesuítas, que traziam gravados os símbolos do culto cristão. Como país de origem dessas pedras, os acima citados viajantes referiam-se ora ao país das Amazonas, ora às nascentes do Orinoco ou

do Rio Branco. A nós informaram que mais as usam os índios no Tapajós, no Madeira e Purus e por isso estamos inclinados a crer que foram lapidadas pelos peruanos, conhecedores do emprego do mineral. Devemos admitir na América do Sul pelo menos dois pontos centrais de civilização antiga; entre os muíscas, da Nova Granada, e entre os peruanos. Os antigos mexicanos tinham conhecimento de idêntica pedra verde, chamada *xuxuque-tecpatl*, e merece talvez ser mencionado o fato de ter a nossa pedra do Amazonas alguma semelhança na forma com o signo do *tecpatl* (instrumento cortante de *silex*). Os índios interrogados por nós nada sabiam de um uso medicinal. Na Alemanha, há uns 100 anos, era famoso o emprego dessas pedras no tratamento das doenças dos rins, da gota, do reumatismo e da ciática (daí, *jade*), e a implantação de pequeninos glóbulos de pedra, bem alisados, no braço, sob o músculo deltoide, ainda foi recomendada, há pouco, por grandes médicos.

LIVRO NONO

.....

Capítulo I

ESTADA EM FORTALEZA DA BARRA DO RIO NEGRO¹ E EXCURSÕES PELOS ARREDORES

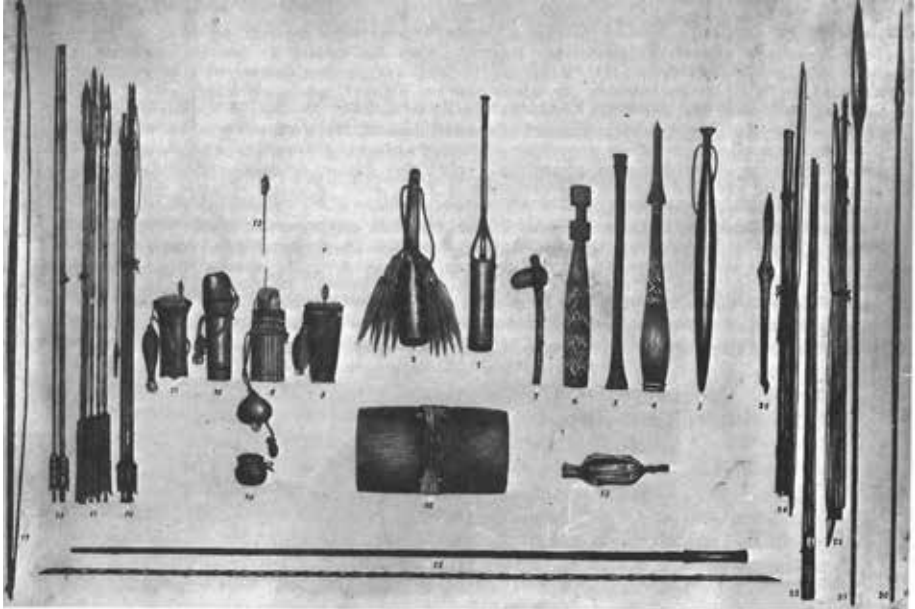
RESPIRA MAIS DESAFOGADO O VIAJANTE, logo que se vê transportado das várzeas do Amazonas às mais altas margens do rio Negro. Essas margens de areia pura, nas quais aparecem, aqui e acolá, rochas de grés ou barrancos de barro endurecido, nunca são inteiramente inundadas pela cheia do rio; são, por isso, limpas das matas de igapós, sujas, fechadas, como as que se estendem ao longo do Amazonas. Por igual razão, não hospedam enxames de mosquitos, que até aqui perseguiram os viajantes. A floresta que perlonga aquelas margens já de longe se apresenta mais densa e regular, e, de perto, toda enfeitada com a maior variedade de magníficas flores, grandes e de lindas cores. Corre a mata, singela e monótona, ao longo das margens, que nunca se elevam em montanha ou se aprofunda em gargantas escarpadas; todavia, é desigual o terreno, alternando-se, aqui e ali, com outeiros e inúmeros, frescos regatos, que, vindos do interior ao norte, afluem para o rio, trazendo vida e variedade

1. Hoje Manaus

às vargens cobertas de matas, ao passo que as elevações transformadas às vezes pela mão do homem em pastos, oferecem o alegre aspecto de campos verdejantes, que o viajor tão raramente encontra aqui. A todos esses encantos junta-se a majestosa tranquilidade do clima equatorial, que proporciona manhãs frescas, meios-dias ardentes, tardes agradáveis e noites serenas, estreladas, em alternância regular. De felicidade suprema se enche o coração do homem que, saindo das sombrias matas amazônicas, pode ali gozar da cálida suavidade dos dias, da solene calma das noites. Foi esta a primeira impressão com que nos encantou a nossa estada de alguns dias em Barra do Rio Negro, e, quanto mais aqui nos demorávamos, tanto mais se afirmava em nós o conceito de que esta região fora criada para doces saudades, contemplações filosóficas, sagrada paz, profunda gravidade. Decorriam essas considerações muito naturalmente da lembrança das tão diversas privações e dos perigos enfrentados para alcançarmos este alvo; porém, ademais, devia também parecer-nos significativa a ideia de estarmos perto do centro do continente sul-americano, não longe das fronteiras do Brasil. A mesma graça da natureza circundante que nos causava as mais risonhas impressões, talvez seja o motivo do mais rápido progresso e povoamento do lugar, o qual, só desde 1809, fora elevado à capital da província de São José do Rio Negro (**Nota I**), e, em consequência da mudança de residência do governador de Barcelos para aqui, abriga hoje não só as mais altas autoridades civis e militares, como também diversas famílias, domiciliadas antes naquela vila, ou ainda mais adiante, no alto rio Negro. Foi-nos citado o número da população em mais de 3.000; entretanto, nunca se acha toda no lugar, pois uma parte das famílias mora em distantes fazendas ou pesqueiros, e só vêm aqui por ocasião das festas de igreja. Na época de nossa estada em Barra do Rio Negro, oficialmente designada por Fortaleza, esta ainda não era *vila*, mas simples *lugar*. Está situada na margem setentrional do rio Negro, a cerca de uma milha alemã da sua confluência com o Amazonas, num terreno desigual cortado por diversos córregos, e consta, como todas as demais vilas do Estado, quase exclusivamente de casas de um só pavimento, cujas paredes são construídas de pau-a-pique e barro, cobertas geralmente de folhas de palmeira. As casas estão muito espaçadas umas das outras e formam algumas ruas irregulares. A habitação de nosso

amigo Zani parecia a mais imponente de todas, por motivo dos seus dois pavimentos, primando sobre a própria residência do governador. Aliás, não faltam nessas habitações as comodidades imprescindíveis nos climas quentes; e, não obstante a sua distância do oceano, encontram-se ali numerosos indícios do comércio, não só de móveis, mas também de aparelhamento doméstico. Além da autoridade mais alta, subordinada ao governador do Pará, e por via de regra um militar, residem aqui o ouvidor e o vigário-geral da província. As funções de juiz de fora são preenchidas por um juiz ordinário. A província tem ainda um erário e os demais cargos administrativos subalternos, tal como as outras. Ainda faltam médico, boticário e professor primário. A maioria da população recém-imigrada de Portugal, ou descendente de lusitanos, quase sempre com mescla de sangue indígena, negocia com a colheita de suas fazendas e com os produtos naturais obtidos por permuta dos índios. Esse comércio, todavia, é relativamente muito insignificante, e a já grande falta de numerário em Santarém aqui se faz sentir sempre mais. Parece pouco provável que existam em circulação uns 30.000 escudos fortes. Por este motivo, o governo se vê obrigado a cobrar a renda da província por meio do dízimo dos produtos naturais. Dificilmente essa renda sobe a mais de 12:000\$000 em toda a província, embora se pague pela farinha de mandioca não 5%, como em outras províncias, mas 10%. Considerável parte da décima é constituída pela tributação da manteiga de ovos de tartaruga. Deve esta montar a cerca de 1.000 potes, os quais, no Pará, rendem 3:000\$000. Também se estende a décima sobre galinhas, porcos, etc., e compete aos arrendatários gerais. Só funcionários do Estado recebem, em vez dos emolumentos, uma parte dessa décima. Diante dessa escassez de renda da província, são tanto mais meritórios os esforços de Almeida da Gama Lobo, que administrava a província de 1781 a 1788 para melhorar as finanças com a fundação de fábricas, nas quais os índios trabalhavam, a minguado salário, por conta do governo. As suas duas instituições, uma fiação de algodão com tecelagem e uma fábrica de potes de barro, ainda subsistem. A primeira produz diariamente por uns 16\$000; a segunda, 4\$000. Na casa de fiação, edifício bastante grande e baixo, trabalhavam umas 20 ou 30 índias. O algodão fiado aqui, e na maior parte da décima, é muito fino e bom; somente os fios, que as mulheres fiam em rodas mal

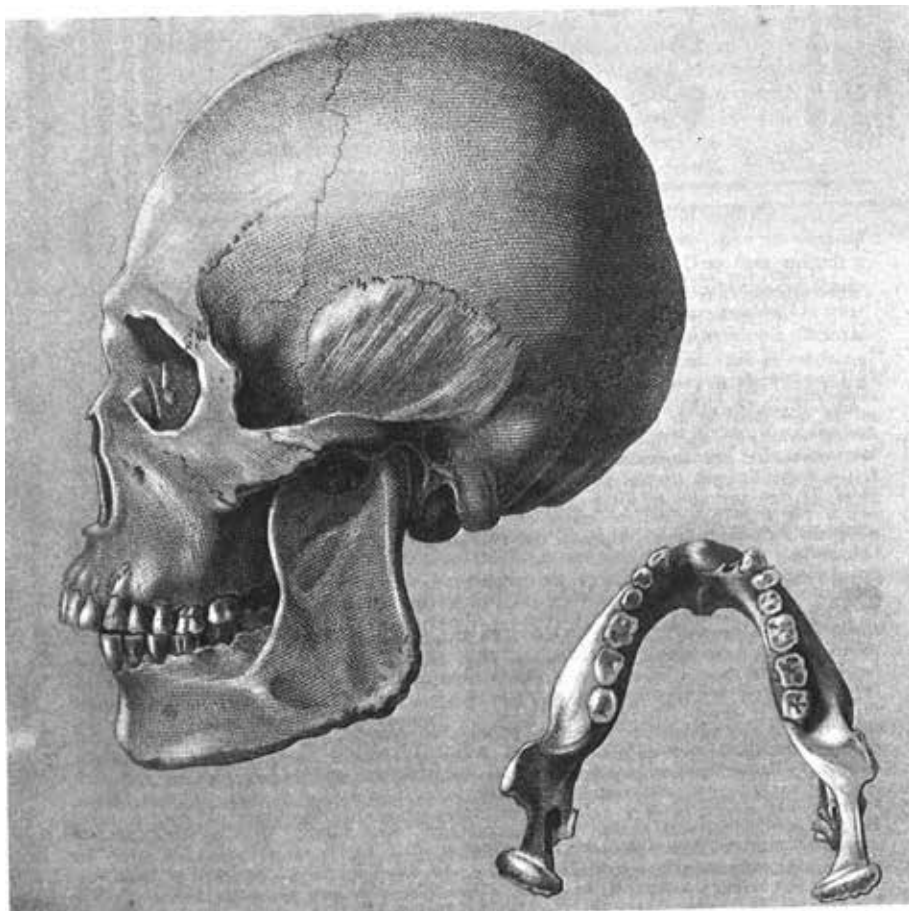
construídas, são grosseiros, e igualmente imperfeitos são os teares, dos quais nem todos funcionam atualmente. Parece que antes se fabricava às vezes diariamente um “rolo de pano” do valor de 32\$000. As mulheres ganham semanalmente na média 800, os homens 1\$200. Calcula-se que cada fiandeira produz diariamente no mínimo meia libra de fio de algodão, pela qual recebe 100 réis. A olaria emprega uma argila esbranquiçada e uma avermelhada, que jazem em consideráveis camadas na margem meridional do rio. É usada, na maior parte, só para louça não vidrada, particularmente os potes para manteiga de ovos de tartaruga, e telhas. Também nesta trabalham mais mulheres do que homens, pela mesma diária da fiação. Estas duas instituições, na verdade, pouco correspondem aos intuitos benfazejos do fundador, pelo fato de tirarem as mulheres das suas famílias e dos seus deveres maternos. Num país de população tão escassa parece que deveria haver o maior empenho em promover casamentos para aumentá-la. Na bacia superior do rio Negro e no rio Branco, tem o governo ainda outros estabelecimentos, nos quais são empregados só homens, também só índios. Os mais rendosos dentre eles são as fábricas de cabos e cordoalha de piaçaba, que são preferidas às melhores cordas de cânhamo da Rússia, e que geralmente se empregam no Arsenal do Pará, exportando-se também dali para as ilhas da Índia Ocidental. As fibras são de grande solidez, resistência e dureza, e resistem à ação da água por muitíssimo tempo. Infelizmente, não sei dizer com certeza se a piaçabeira de rio Negro é a mesma espécie ou uma diversa das palmeiras observadas na Bahia, pois não a avistei. O Sr. von Humboldt refere-se a elas sem comentário, sob o nome de *chiquechique*, que lhe dão no alto rio Negro (na Bahia, dá-se esse nome ao cacto espinhoso e arbustivo). Os espanhóis de São Carlos do Rio Negro vendem muito dessas cordoarias de piaçaba aos brasileiros. Os pedidos são tantos, que o governo poderia vender anualmente cerca de 10:000\$000; mas, como emprega pouca mão-de-obra neste mister, monta a produção anual, quando muito, a 2:000\$000 ou 3:000\$000. Até hoje não se entrega esse artigo a arrendatários, mas consideram-no como bem da Coroa e o fornecimento do mesmo é feito pelo Arsenal da barra diretamente ao Pará. Gama Lobo também criou diversas fábricas de anil, mas já estão em decadência. O anil fabricado aqui é dos piores.



Armas dos índios. Os inúmeros índios habitantes das margens do Amazonas diferenciam-se uns dos outros, não só pelos distintivos da tatuagem ou desfiguramento do rosto, como sobretudo pelas suas armas, cujo comprimento, forma e ornamentação tradicionais eles conservam.

1) Trombeta de guerra dos mundurucus, de cana de gramínea arboriforme, com 3 pés de comprimento. 2) Trombeta guarnecida de penas, dos aponegicrãs, feita de pau e de uma cabaça, com dois pés de comprimento. 3) Clava dos miranhas, feita com o pesado pau-preto da palmeira pupunha (*Guilielma speciosa*), com 3 1/2 pés de comprimento. 4) Clava dos maxurunas, de pau-vermelho com desenhos brancos, com 3 e 31, pés de comprimento. 5) Clava dos culinos, de pau-preto de palmeira com figuras gravadas, com 3 pés e 4 polegadas de comprimento. 6) Clava dos puru-purus, de pau-vermelho com desenhos brancos, com 2 pés e 10 polegadas de comprimento. 7) Machado de pedra dos miranhas, com 22 polegadas de comprimento. 8) Aljava dos coretus para as flechazinhas envenenadas que eles sopram pela zarabatana. É trançada de fibras fortes e coberta com uma camada negra de pez. Uma bolsa de pendurar, feita da casca parda da árvore turiri, e que contém algodão para enrolar na extremidade inferior da flechazinha, antes de ser desferida; a bolsa tem 10 polegadas de comprimento. 9) Carcás dos miranhas. Contém um molho grosso de flechazinhas envenenadas; em volta estão gomos finos de caniço, em cada um dos quais está contida uma flechazinha pronta para a caçada (Fig. 12). O algodão é guardado numa cabaça de pendurar; além disso, o miranha leva algum barro dentro dum crânio de cutia ou de coati, para com ele tornar mais pesadas as flechazinhas; o carcás tem

9 1/2 polegadas de altura. 10) Carcás dos passés, feito com pau-vermelho, guarnecido de figuras pretas e tampa de vime, coberto com camada de resina; de 1 palmo e 2 polegadas de comprimento. 11) Carcás dos tecunas, igualmente de vime, com revestimento de resina, de 13 polegadas de comprimento. 13) Casca de urari raspada, envolvida em folha de palmeira, de 1 palmo e 4 polegadas de comprimento; com essa casca os juris-tabocas preparam o veneno de suas flechas. 14) Panelinha de barro, de 3 polegadas de diâmetro, coberta de cortiça, na qual os juris-tabocas guardam as suas flechas. 15) Zarabatana dos juris-tabocas, que eles fabricam com o espique fino de uma palmeira ubim (*Geonoma?*), o qual separam em duas partes no comprimento, queimam o interior, envernizam e reúnem ambas as partes com fibras, cimentam com resina e encaixam, na ponta, a embocadura de pau-vermelho; tem oito pés e 2 polegadas de comprimento. 16) Flechas dos uriquenas, de 4 pés de comprimento. As pontas de ferro soltam-se da haste quando o peixe ou a tartaruga atingida mergulha; a haste, ligada por um comprido fio com a ponta, aparece sobrenadando na água no lugar onde se acha o animal. As pontas são revestidas com um pedaço de bambu, enquanto o índio não se serve da arma. 17) Flechas dos araras, que se consideram entre as melhores, de tamanho igual às precedentes. As hastes são em alguns lugares enfeitadas com fios de algodão. As pontas são diferentes, conforme o gênero de caça. 18) Flechas envenenadas dos maués. Uma destas tem a ponta encaixada num caniço. 19) Arco de pau vermelho, de 7 1/2 pés de comprimento. Esses arcos que os maués e jumás fabricam, e que outras tribos também manejam, são dos mais compridos e rijos. 20) Bastão de pau-vermelho, envernizado; na parte superior há uma abertura feita a fogo, onde se fixam algumas pedras que chocam à vibração do bastão; tem 7 pés de comprimento e é a insignia de chefe dos coretus e juris-tabocas. 21) Lança de guerra, com 7 pés de comprimento, usada pelos maxurunas. A haste é de palmeira, a ponta, de caniço afiado. 22) Arco e flechas com farpas de ferro, de 5 pés de comprimento, usados pelos sabujas, na província da Bahia. 23) Dardos envenenados, com 5 pés de comprimento, usados pelos miranhas. As pontas são encaixadas num pedaço de caniço. 24) Arco e flechas da Amazônia. 25) Pau com que os tecunas arremessam bolinhas de barro e pequenas flechas embotadas, de 2 1/2 pés de comprimento. Chamado por Martius “Estólica”. 26) Escudo de madeira.



Caveira e osso maxilar inferior de um índio. (Maximiliano príncipe de Wied.)

Barra do rio Negro, com o crescimento da população, tornar-se-á praça muito importante para todo o comércio do interior do Brasil. A sua situação em saudável e aprazível altitude, dominando todo o rio Negro, na proximidade do Amazonas e não distante da foz do Madeira, não poderia ter sido melhor escolhida. O rio Negro e os seus dois principais afluentes, o Uaupés e o Branco, são atualmente, na verdade, bem pouco povoados e cultivados; uma vez porém que estas férteis terras se elevem à civilização e indústria, a sua via natural de comércio levará à barra e esta, florescendo em rica e poderosa cidade comercial, será a chave da parte ocidental do país. Mesmo

o curso superior do Orinoco; separado do oceano, ao norte pelas cataratas, comunicar-se-á com a Europa por este lado, cuja navegação das costas do oceano Atlântico sobre o Amazonas, semelhante a um braço de mar, pode ser continuada até aqui. Por mais longe que esteja ainda essa brilhante época, a importância de Barra do Rio Negro é plenamente reconhecida pelo governo. Está sendo conservado um fortim e pouco a pouco será aumentado; também aqui se acha o quartel-general do destacamento militar da Província do Rio Negro, constando de uns 150 homens, a metade dos quais pertence à força de linha e a outra metade às milícias. Estas últimas já estão organizadas e na ocasião deviam formar oito companhias, cada uma de 80 homens; só quatro, porém, estavam completamente equipadas e exercitadas. Segundo notícia que nos foi dada por carta do nosso amigo Zani, ele foi depois encarregado pelo imperador de organizar dois regimentos em toda a província. As tropas aqui aquarteladas têm um raio de ação muito extenso e variado. Na vila, elas são empregadas no policiamento e vigilância dos edifícios públicos. Fora, servem nos três postos de fronteiras: Tabatinga, ao Solimões; São José dos Marabitanas, no rio Negro; e São Joaquim, no Rio Branco. Fazem patrulha contra índios hostis, ou, nas ilhas de tartarugas, acompanham os viajantes que se dirigem aos rios afastados, para colherem ali os produtos naturais, e fazem os descimentos, isto é, expedições organizadas no intuito de trazer índios livres aos povoados. Para empresas particulares são requisitados e pagos à parte. Como o governo possui, nos campos às margens do rio Branco, uma quantidade considerável de gado bovino, cujo transporte se faz de quando em quando, para ser abatido nos lugarejos do rio Negro, uma parte da guarnição também se ocupa com esse serviço das fazendas. As ordenanças, até agora, ainda não foram organizadas na província, embora não sejam poucos os oficiais desse corpo.

A amenidade dos dias passados em Barra do Rio Negro foi realçada pelas virtudes sociais do nosso companheiro de viagem, o Sr. Zani, e seus amigos; contudo logo nos primeiros dias, um incidente singular ameaçou causar aborrecimentos. Estávamos hospedados na mencionada casa, com os nossos serviçais indígenas resolvidos a acompanhar-nos ainda mais adiante e começávamos a tratar dos nossos afazeres costumeiros, quando o vizinho mais próximo, um bom cidadão, vem à nossa presença queixar-se de muitos furtos efetuados em sua residência, desde a nossa chegada, tão atrevidos quanto travessos, repetindo-se quase diariamente e que não deixavam

dúvida ter de atribuir-se a um dos nossos companheiros. Ora dava ele por falta da roupa lavada, posta na corda a secar, em seu quintal; ora se sumiam seus utensílios da cozinha, mesmo a comida já em preparo no fogo. A nossa tripulação, chamada a contas, pôde dar provas cabais de sua inocência, de sorte que só nos restou recomendar ao vizinho uma rigorosa vigilância. Alguns dias depois, teve ele a sorte de surpreender o ladrão e trouxe-o à nossa casa, pois de fato também nos pertencia: era um grande macaco, um coatá (*Ateles paniscus* Geoff.), que costumávamos deixar correr à solta. O animal tinha obedecido ao seu inato instinto de furto com grande astúcia e escondia todos os objetos furtados perto do seu retiro; foi descoberto, quando descia do telhado pelo caminho usual, para esvaziar a panela de carne no fogareiro. Este singular fato engraçado deu ensejo a muitas histórias acerca dos hábitos dos coatás. Poder-se-ia considerá-lo o orangotango do Brasil, pois é o maior, mais ativo e astuto de todas as espécies de macacos indígenas. Ele habita isolado na espessura da mata virgem, em cujos mais altos galhos trepa com quase incrível rapidez, servindo-se dos compridos braços e da longa cauda preênsil. Em cativeiro, é de caráter ingênuo e brincalhão e por isso é domesticado frequentemente pelos habitantes. É esta a espécie de macacos, da qual os índios afirmam geralmente que resultaram da sua união com índias uginas ou coatás-tapuias, tribo de homens com cauda, a qual habita entre as nascentes dos rios Purus e Juruá. Esta lenda foi-me tantas vezes narrada, quanto a das Amazonas, e Monteiro menciona mesmo o testemunho, sob juramento, de um missionário, que, no ano de 1752, vira um índio das matas do Japurá que tinha um rabo comprido de cinco polegadas, sem pelos. O devoto padre acrescentara haverem-lhe assegurado que essa cauda crescia depressa e era preciso, por isso, apará-la de quando em quando. O engano fora motivado, neste caso, provavelmente pelo cinto de casca de árvore, que costumam usar diversas nações no alto Japurá, como por exemplo, os miranhas. De resto, outra singular notícia, além da lenda dos índios de rabo, coloca ainda outros prodígios naturais, justamente naquelas regiões entre o alto Purus e o Juruá. Contam que ali existem os cauanas, tribos de anões e segundo outras notícias, de gigantes com 16 palmos de altura. Assim como os tamanacos colocam nas margens do rio Cuchiueno as amazonas e o único casal de antepassados que escapou ao Dilúvio, também os índios brasileiros situam a maioria das suas lendas nas nascentes do Purus e do Juruá, e, daí para o sul, nas bacias desconhecidas do Beni e do Madeira. Tão generalizadas como essas fábulas

e outras semelhantes, entre quase todas as tribos indígenas do Brasil, correm as ideias sombrias de espectros e de demônios fantásticos. São elas uma das mais importantes provas de um estado primitivo desses povos, quando na verdade não se acharam em grau mais alto de civilização, mas vivendo mais próximo uns dos outros, podiam formar conceitos tão idênticos, como os que atualmente vemos espalhados de modo surpreendente em todo o Brasil. Quase por toda a parte, os índios distinguem três espécies de espíritos maus: o *jurupari*, o *curupira* e o *uaiuara*. O termo *jurupari* encontra-se mais generalizado em todo o Brasil, entre os índios que falam a língua geral; onde o uso desse idioma foi abandonado, emprega-se o termo português demônio. Quase todas as tribos ainda selvagens têm na sua linguagem expressões correspondentes. Merece notar-se que esse *jurupari*, assim como a palavra grega demônio, e, em muitas línguas, ao mesmo tempo a única designação para espírito ou alma dos homens. A natureza dele é má e ele se manifesta em todas as desgraças a que estão expostos. Epidemias, feras, influxos nocivos dos elementos, não são, na crença dos índios, coisas mandadas pelo espírito mau, mas aparições concretas dele próprio. Ao pajé não raro é atribuída a faculdade de comunicar-se diretamente com o *jurupari* e de esconjurá-lo. Esse demônio, contudo, nunca aparece sob forma humana; desvanece-se rápido, e assim toca a sorte dos homens só à maneira de fantasma, fugaz². Essas condições e a circunstância de empregarem muitas tribos de índios, não raro, o vocábulo *jurupari*, ou o correspondente da sua língua, após a instrução pelos padres, procuram uma expressão para designar a divindade e autorizam a conclusão que essa palavra resume em si todas as noções de um ser mais alto, espiritual, a que é capaz de elevar-se a sombria apatia da contemplação do índio. Dolorosa é sobretudo a observação que o amor e a confiança num ser superior dirigindo a sua sorte se acha muito menos na alma desses homens que o pavor atônito de uma força má e hostil. Menos aterrador que o juru-

2. Quando o índio se sente empolgado e vencido por forças hostis, de efeito lento, quando o mal não o ataca de súbito de modo quase elementar ou sobrenatural, é antes a arte negra de algum pajé zangado, agindo. Já citamos antes as influências do feiticeiro dos índios. A sua ação pode ser comparada à dos *chamanes* da Ásia Oriental. Também no Amazonas ouvimos falar de bruxas (*maracáimbara*, “agitadoras de chocalhos”), cuja arte má se baseia igualmente sobre o uso astuto do medo infantil de fantasmas, que têm os índios.

pari é o curupira, espírito brincalhão das matas, que topa com os índios sob várias formas, até conversa com eles, inspirando ou mantendo inimizade entre indivíduos, e com malícia goza da desventura ou da desgraça dos homens.

Quando uma vez, em Barra do Rio Negro, levei comigo, numa excursão pela mata, um hábil índio camponês (que tinha vindo dos campos do rio Branco para aqui), ele, acostumado desde a infância às planícies abertas, perdeu o caminho na escuridão da selva e andamos perdidos, para cá e para lá, durante horas, com o que o selvagem cada vez mais se angustiava. Nuvens baixas carregadas de trovoadas refrescavam a atmosfera, ao ponto de fazer um lagarto entorpecido cair sobre as minhas costas. Desse momento em diante, o índio perdeu de todo a cabeça. “*Aique tinia catú, aique curupira*” (Aqui não há segurança, é o curupira!), murmurou ele entre dentes, e olhava-me aterrado, como eu guardava o suposto demônio na minha caixa de herborizar. Cada vez mais nos perdemos na mata e quando, afinal, o meu guia, assustado, se afundou até meio corpo num brejo coberto de capim voltou-se para mim com a mímica expressiva de quem já se sentia em poder do mau espírito. Tremia-lhe o corpo todo, e só lentamente, depois de diversas pausas, consegui fazê-lo avançar até que alcançamos felizmente a margem do rio. Ainda mais medroso era um índio da tribo dos catauaxis, com quem fui herborizar em Coari. Aterrava-o cada galho retorcido, ou tronco de árvore mona, qualquer entrelaçamento esquisito de cipós e o seu pavor pareceu crescer, quando, pela demora em voltarmos para casa, ele começou a sofrer a sensação da fome. Não sossegou, até subir a uma árvore de pamá, carregada de bagas vermelhas comestíveis, sobre as quais caiu com sofreguidão. Assim que se satisfez, recuperou o ânimo, parecendo que as suas fantásticas visões aterradoras só eram efeito de estômago vazio. Assim como o curupira infesta as densas matas, tornando-as pouco seguras, creem os indígenas das margens dos grandes rios que as águas são povoadas por outros demônios, chamados *ipupiaras*. Este termo; que significa “senhor das águas”, parece ser o mesmo de que usam os índios habitantes do profundo interior, para um monstro de pés virados para irás ou tendo uma terceira coxa a sair-lhe do peito de quem a gente tanto mais se aproxima, quanto mais crê afastar-se dele, e que sacia o seu ódio no viandante solitário, estrangulando-o com os braços cruzados. Quando um índio adormecido na canoa desaparece na água, puxado por algum jacaré, dizem eles que isso é obra do malvado ipupiara. Demônio de casta muito inferior é o *uaiuara* (talvez “senhor da mata?”), que geralmente

costuma aparecer aos índios sob a forma de homúnculo ou de cão enorme, de compridas orelhas estalejantes. Este deixa-se mais terrivelmente ouvir à meia-noite. Talvez seja esse duende o lobisomem dos imigrantes. Também os fogos-fátuos, que os portugueses imaginam com a forma de cavalo-sem-cabeça, são para eles fantasmas de fogo (*boitatás*). A imaginação assombrada dos rudes aborígenes da América cerca-os por todos os lados de máscaras e figuras pavorosas, de cujo influxo a sua mentalidade aterrorizada nunca se liberta; e em todos os seus atos têm medo e pavor como constantes companheiros. Também a sua língua conhece o termo terror (*mocakyjaçaba*)³, talvez motivado por esse medo de fantasmas, costumam eles colocar, num ou noutro ponto da mata solitária, objetos de sua vida diária, por exemplo, armas, molhos de ervas ou de penas de pássaro, quer como silenciosa oferta expiatória às potências tenebrosas, quer como sinal de encorajamento, indicando que essa solidão, tão cheia de impressões sinistras, já percorrida por seres humanos, está com isso livre do influxo dos malignos demônios.

As nossas excursões pelos arredores da vila fizeram-nos conhecer a sua natureza, acentuadamente diversa da até aqui observada. Em particular, as proporções numéricas, na distribuição das plantas, segundo certos grupos ou famílias são que indicam ao naturalista que ele se acha no limiar de uma bacia fluvial, diversa da do Amazonas. Foi para nós motivo de particular alegria descobrir, em vez da vegetação toda enredada e suja daquele caudal uma quantidade maior de formas risonhas, brilhantes, e uma predominância de elementos aromáticos. Notavelmente mais abundantes são aqui mirtáceas, bignoniáceas, Swartzias rubiáceas e lauráceas. Entre as curiosas plantas desta região, encontramos o carajuru (*Bignonia chica* Humb.), da qual se obtém, por um processo semelhante ao do preparo do anil, uma excelente tinta vermelha, que os índios comprimem em bolos de quatro a seis polegadas de diâmetro, e embrulhados em bolsas trançadas com embira aparecem no comércio. Perto do rio, haviam feito algumas plantações de cacauzeiros, que fomos ver nas nossas excursões. O número de cacauzeiros bravos, no rio Negro e, em particular, na sua parte superior, é muito menor do que no Amazonas, sobretudo entre

3. No original, *mocakyjaçaba*. Nessa palavra houve, provavelmente, erro tipográfico, pois “aquilo que causa susto ou espanto”, no tupi amazônico, como se pode ver no *Vocabulário* de Stradelli (pág. 539), deve ser *mucikiêjaçáua*, do verbo *mucikiê*, “assustar, causar espanto”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

Óbidos, Santarém, e, descendo daí até às ilhas do Tocantins; dizem também que produzem colheitas menos abundantes e facilmente morrem. Por esse motivo, é aqui menos cultivado o cacauero, e julga-se a terra mais apropriada para café, fumo e cana-de-açúcar. As plantações eram feitas em filas regulares com uns 15 pés de distância e as árvores eram decotadas na altura de 20 pés. A limpeza do solo e o verde fresco e viçoso das copas tornavam bonita a vista dos bem cuidados cacauais. Começavam as árvores então justamente a florir. Os frutos, que vêm em seguida, amadurecem em fevereiro e março. Nas árvores cultivadas, aparece uma segunda floração cujos frutos amadurecem em agosto; dos cacaueros bravos, porém, só se faz uma colheita, nos primeiros meses do ano. Não é raro produzir uma boa árvore 10 a 12 frutos; contudo, é difícil indicar a produção normal de um pé; em terrenos idênticos, um pé dá seis a oito libras, outro dá apenas uma a duas por ano. Nos anos de grande inundação, a colheita é mais farta. Árvores de três anos já dão frutos. De mil árvores, calcula-se em média uma colheita de 50 arrobas anuais de amêndoas secas. Os frutos maduros do cacauero, semelhantes a pequenas abóboras, são partidos pelo meio, e as amêndoas são raladas numa peneira grossa, para separar-se o suco doce, contido num invólucro mucoso e que é apreciado pelos índios como bebida agradável. Nessa operação, os índios tomam na boca, continuamente, algumas vagens, para as irem chupando. Depois desse preparo, é o cacau posto a secar em esteiras de maranta tupé. O fruto do cacauero bravo é sempre mais pesado e mais amargo do que o do cacauero manso, isto é, cultivado em plantações; não raro, também são menores as suas amêndoas. Nas próprias plantações, vende-se a arroba a 1\$000. Encontramos também no mesmo local diversos tamarindeiros, árvores muito altas e robustas e que devem dar farta colheita. Costuma-se nesta região preparar conserva da polpa de tamarindo com açúcar e usá-la como limonada. Também urucu, bálsamo de copaíba, borracha, favas Tonka e pixurim são remetidos daqui para o Pará, mas muito mais considerável é o comércio feito com a salsaparrilha, e, desde algum tempo, também com o algodão e o café. Nem a árvore de Tonka aqui chamada cumaru (*Cumaruna odorata* Aubl.) nem o pixurim foram até agora cultivados; as suas favas são colhidas pelos índios, particularmente no alto rio Negro, e levadas em pequenas porções à Barra. Tive a felicidade de poder observar as plantas, e, por isso, certifiquei-me de que as favas grandes e pequenas de pixurim provêm de duas árvores diversas. (**Nota II**). Também a baunilha, trazida ao mercado pelos índios em molhos muito pequenos embrulhados em

folha e amarrados com cipó, é fruto de várias plantas diferentes, que esperam a investigação de futuros botânicos. Os nossos passeios levaram-nos às vezes – por um caminho já invadido pelo mato, a oeste da vila – ao riacho da Cachoeira, regato da mata, que se despenha de um rochedo de grés de cantaria, e forma bonita cascata. A água tem aqui, em geral, a temperatura de 19,5° a 20°R., em forte contraste com a temperatura média das águas do Amazonas (26°R), e proporcionou-nos o gozo de um banho fresco, semelhante ao do nosso norte europeu.

Suntuosa variedade de flores e de arvoredo cerca essa bacia, de sorte que, para nós naturalistas, os mais afamados banhos da Itália teriam menos encanto. Procurei esboçar o aspecto daquela solidão encantadora. Quando nos afastamos mais da Barra, nas matas, julgava-se necessário levar acompanhamento de índios armados, porque a região é visitada, não raro, por onças. De regresso à barra, recompensávamos os homens com alguns garrafões de cachaça, e os estimulávamos a exibirem-se nos seus jogos. Entre estes o preferido é a dança do peixe (*pira poracéya*). A companhia forma um círculo em torno de um deles, que representa o peixe, e o coro pergunta que espécie de peixe ele é, ao que responde esse homem: “Sou um peixe de fato.” Enquanto os circunstantes cantarolam todos os nomes de peixe em monótona toada, e ameaçam o prisioneiro com o timbó entorpecente ou a cambar, ele procura escapular e, se o consegue, vai para o meio aquele cujo descuido permitiu a fuga. Singelo como é, esse jogo diverte os índios dias inteiros sobretudo quando está à mão alguma bebida alcoólica para aumentar-lhes a alegria. Outro jogo, a que mais apaixonadamente se entregam é muito parecido com o de dados. Jogam com um certo número de pequenos paus, que têm nos seus diversos lados maior ou menor número de cortes (*ymyra jemossaraitaba*)⁴; lançam-nos ao ar, acampados em terreno nivelado e ganha aquele cujo pauzinho caído tenha mais cortes. Embora o clero proíba severamente esse jogo, é praticado por toda a parte quando os índios estão sós ou se julgam não observados. Estes homens, embora reservados e quietos na sua vida doméstica, são, entretanto, acessíveis à franca camaradagem, e os nossos companheiros também logo acharam conhecidos

4. No original, *ymyra jemossaraitaba*. Como, porém, se pode verificar pelo “vocabulário” de Stardelli (no vol. 158 da *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro*, pág. 133), a expressão mais correta deve ser *myrámuçaraináua*, “brinquedo do pau”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

e se entretiveram com eles à noite, com aqueles jogos. Também índios estranhos, que traziam produtos para permutar na vila, juntavam-se de boa vontade aos outros. Entre esses, encontrei um aroaqui de orelhas muito alongadas, que me permitiu fazer um esboço de sua fisionomia indiana. Com outros índios de Tarumá, de uma plantação da vizinhança, feita pelo precedente governador, veio uma vez, também, uma rapariga de 15 anos, filha de um casal ali aldeado, de cabelo e sobrancelhas inteiramente brancos e pupilas vermelhas; era perfeito exemplo de albina. Ela parecia doentia e aleijada, talvez devido a violências e abandono sofridos na infância, pois os índios têm honor aos seres deformados, raros entre eles, e, por vezes, logo os matam ao nascerem.

Embora o terreno, nesta região do rio Negro, fosse bastante mais elevado do que o do Amazonas, os igarapés, aqueles canais estreitos comunicantes entre si longe no interior das terras, são aqui tão numerosos, que não raro as nossas excursões foram limitadas por eles. Por esse motivo, preferíamos, como, no Pará, dar os nossos passeios em montarias ao longo da margem, e resolvemos fazer uma excursão mais longínqua, a Manaquiri⁵, fazenda do nosso amigo Zani, distante da barra um dia de viagem, e sita à margem meridional do Amazonas, o qual, acima de sua confluência com o rio Negro, é chamado de Solimões pelos portugueses. Partimos da barra uma tarde, acompanhando ao nosso hospedeiro e ao senhor governador, que tencionava além disso inspecionar um pesqueiro estadual. A viagem de algumas horas levou-nos, fora das águas pardo-escuras do rio Negro, às do Amazonas, até um extenso banco de areia, a praia do Catalão, onde foram armadas as maqueiras em postes fincados no chão, ocupando-se a maioria dos índios com a pesca. Quando estávamos observando-os nessa tarefa, alguns dentre eles acorreram do interior da ilha, gritando angustiosos, que uma jacaré-namboia⁶ lhes voava em volta; lançaram-se ao rio, mergulhando tanto quanto possível. Com surpresa soubemos que os índios consideram o

5. Original: Manacaru.

6. Tendo ouvido *jaquiranabóia*, Martius confundiu aparentemente essa voz com a de *jacarenamboia*; *jitiranaboia* é que é a forma correta no Brasil, ao invés de *jiquiranaboia*. Este, porém, é o nosso típico (já corrompido), dado à *Fulgora lanternaria*, tão temida, ainda agora, pelos nossos sertanejos. Trata-se de um inseto “de todo inocente”, como assegura Teodoro Sampaio, que faz provir aquele segundo apelativo de *jaquiranaboia*, “a cigarra-cobra, com manchas e sinais, como a cobra”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

lanterneiro como um inseto em extremo peçonhento, e procuram escapar daquele modo à sua picada. A forma singular do bichinho entre esses homens supersticiosos deu motivo a esse medo sem razão, e provavelmente também o seu nome, que significa “cobra-jacaré”. Apanhamos alguns deles, ainda naquela tarde, causando horror aos índios. O lanterneiro (*Fulgora lanternaria* L.) voa rápido em grandes círculos e aparece sobretudo à tarde nas ilhas de areia. Nunca os observamos a luzir; e os índios também ignoravam esse seu predicado. Besouros fosforescentes (vaga-lumes) são abundantes também no Amazonas e seus afluentes; todavia, não me lembro de os ter visto aqui tão numerosos e tão lindos como nas matas da serra do Mar, onde o número dos vagalumes era tal, que tornava perfeitamente distintos os contornos das moitas, por sobre as quais eles circulavam (**Nota IV**).

Na manhã seguinte, prosseguimos na viagem pela margem norte do Solimões acima, e passamos pela fazenda de café, chamada Caldeirão e pertencente ao governo. Embora esse estabelecimento exista só desde poucos anos, já produz, entretanto, anualmente, 300 arrobas de excelente café. Os grãos são grandes, pesados e muito aromáticos, de sorte que o café do rio Negro, preparado devidamente, deverá ser a qualidade preferida. Manaquiri está situada na parte meridional do Solimões, que atravessamos entre extensas ilhas. Entramos, à noite, no canal Paraná-mirim (isto é, “rio pequeno”, pois assim se chamam, em Rio Negro, os afluentes e canais de comunicação dos rios quando, pela quantidade maior de água, não podem ser denominados igarapés, isto é, “caminho de igaras”), no qual navegamos meia légua terras a dentro, até à fazenda do nosso amigo. O terreno elevado uns 20 pés acima do nível da água, só nas várzeas atravessadas por muitos escoadouros naturais, é exposto às inundações anuais, e, portanto, presta-se para qualquer gênero de lavoura. O dono já dispõe de 20.000 cafeeiros e outros tantos cacauzeiros, plantados em filas, que ocupam um vasto terreno atrás da casa de residência. À frente desta estão reunidas em quadrado as cabanas que servem de armazéns, a fiação e a forja, ficando a um lado as senzalas dos escravos e dos índios. O Sr. Zani tem ao seu serviço principalmente passés, juris e macunás, que ele mandou vir das matas do rio Japurá para aqui. As duas primeiras tribos, geralmente chamadas jurupixunas (bocas-negras), distinguem-se pela atividade, destreza e apego aos seus patrões. Todos estes índios mansos mostram aspecto alegre e animado, consequência do seu estado atual, tão favorável, em contraste com o

desassossego e as preocupações da vida nas matas. Os muras, estabelecidos na vizinhança de Manaquiri, mal se aperceberam da nossa chegada, acorreram, através da escuridão da noite, em grande número com o intento de obterem alguns garrafões de cachaça, em troca das manifestações de regozijo pelo regresso do patrão. Eram uns 60 entre homens, mulheres e crianças. Os adultos apareceram, em sua totalidade, de fato vestidos; mas o aspecto pouco aseado, sobretudo as cabeleiras emaranhadas, caindo nos rostos pintados de negro e vermelho, indicava que era contra a sua inclinação natural e só em obediência ao nosso hospedeiro. Logo que a lua nasceu, eles se dispuseram a dançar no pátio. Formaram de mãos dadas um grande círculo, tendo de um lado as mulheres e as crianças e do outro os homens. Quando o principal, o tuxaua, homem robusto, cujo distintivo consistia num topete de penas amarelas e pretas, amarrado na testa, deu o sinal, todo o círculo se movimentou sapateando em compasso de três, ora para a direita, ora para a esquerda, ao som do turé, e de um atroz unísono, que os homens e mulheres berravam, ora alternados, ora em conjunto. A cantiga alternada foi-nos traduzida pela forma seguinte: *Os homens*: – “Aqui está o teu diabo; quem quer casar comigo?”

As mulheres: – “Tu és um belo diabo; todas as mulheres querem casar contigo”⁷.

Essa dança prolongada quase por horas a fio e o berreiro selvagem começaram finalmente a animar os nossos índios mansos. Estes pediram um local separado para as suas danças e puseram-se, com igual extravagância, a pular, enquanto repetiam a seguinte simples cantiga: *Xe kyryretá porangaeté oerá taguá maiabé* (Os meus irmãos são mais bonitos do que um pássaro amarelo). Quanto mais durava o baile, tanto mais crescia o furor bacântico dos dançadores. Não houve meio de dissuadi-los ou moderá-los, de modo que já desde muito nos havíamos recolhido para dormir, e sempre continuava o tumulto selvagem. De manhã, já bastante

7. Na língua brasílica, são estas as palavras: *Ike cecói indé juruparít; matá momendar potar xe-irupamó? Ndé juruparí poranga; cunhãetá pabe momendar potár ndé-irumamó*. No dialeto estropiado, falado pelos índios do rio Negro, as mesmas palavras soavam assim: *Pussucú ené juruparí; matá umenar putár sairum? Iné juruparí poranga; coinangetá pané umenar putár neirum*. Este exemplo serve para indicar quanto é deturpada de seu tipo primitivo a língua geral, na boca do povo.

tarde, encontramos os nossos índios a dormir nas redes e, quando fomos ver o acampamento que os muras haviam estabelecido no sul da fazenda, na lagoa de Manaquiri, soubemos que todos tinham tomado de madrugada um banho, após o qual se recolheram às palhoças, onde estavam os homens a dormir e as mulheres a cozinhar. Muitos destes muras ambulantes são empregados como hábeis pescadores pelos colonos da vizinhança, pois todas as fazendas, nestas regiões, são organizadas para a pesca e dela dependem; também o mesmo se faz aqui em Manaquiri. Um escoadouro da lagoa de Manaquiri, que deságua no braço do rio, pelo qual tínhamos vindo, está munido perto das casas dum telheiro para as canoas e dum tablado, onde os peixes são destripados e salgados. Estes pesqueiros são particularmente destinados a apanhar pirarucus, porque esse peixe grande, muitas vezes de 50 a 60 libras de peso, é o que mais se presta para a salga e a seca. São mortos a arpão ou a flechadas; mais raramente são apanhados em redes. O preparo no pesqueiro é simples e rápido. A cabeça, entranhas, espinha dorsal e escamas são lançadas à água; a carne é cortada dos ossos em grandes pedaços, salgada e posta a secar ao sol ou sobre o fogo. Incrível é a quantidade desse peixe, que anualmente é salgado nos pesqueiros do governo ou de particulares. Ele aqui substitui em absoluto o bacalhau, e constitui o principal alimento da classe trabalhadora. Aqui, no rio Negro, pobre de homens, custa a arroba do peixe seco apenas 500 réis; a sua pesca, porém, torna-se tanto mais lucrativa, quanto maior a quantidade que se puder remeter para a província inferior. Os demais peixes menores são salgados e secos em muito menor proporção, porém tanto mais consumidos frescos. Várias espécies de peixes daqui, especialmente da família dos salmonídeos, são de excelente paladar. A pesca do pirarucu é explorada de preferência nos meses em que o rio esvazia, e o mesmo acontece com o boto (*Delphinus amazonicus*, nobis) (**Nota V**), que nos apareceu aqui tanto mais abundante nas águas do Amazonas, quanto mais seguíamos para oeste. Ficou resolvido pescarmos aqui ambos esses animais para a nossa coleção, e já no primeiro dia foi apanhado um grande boto que os muras arpoaram. Esse boto habita nas enseadas claras e profundas do rio e dos seus afluentes, particularmente nos pontos onde as margens são de pedra ou de barro compacto. Frequentemente nos apareciam manadas deles nesses lugares, nadando rápidos como flechas na superfície do rio, mergulhando e espadanando água em roda, ao voltarem à tona. Elevam às vezes não

só o focinho pontudo acima da água, mas também uma parte do corpo inteiramente sem pelos, de sete a oito pés de comprimento. Alimentam-se não só de peixes miúdos, mas também de diversos frutos caídos no rio, por exemplo, dos ingás, das sapucaias, ou da *Labatia macrocarpa*. Muitas vezes o boto do Amazonas tem sido considerado idêntico ao *Delphinus phocaena* L., do qual difere mais acentuadamente pelo focinho mais estreito. Já a diversidade do *habitat* faria lembrar que aí se confundiram duas espécies de animais bem diferentes. Enquanto a temperatura média do oceano, nas latitudes mais setentrionais, “habitat” do *D. phocaena*, é apenas de poucos graus acima do ponto de congelação, vive aqui esse mamífero aquático no Amazonas, cuja temperatura quase nunca vem abaixo de 20°R. Ademais, para os habitantes ribeirinhos do Amazonas o boto é menos importante do que os outros grandes animais aquáticos, pois é dura a sua carne e de sabor um tanto oleoso. Também a camada de toicinho branco, que ele tem sob o couro, é menos abundante do que a do peixe-boi. Do seu espesso couro fazem escudos os índios bravos, e na cavidade do crânio, perfeitamente preparado, guardam às vezes o seu paricá ou o pó de ipadu.

Os refugos animais da pescaria haviam atraído grande quantidade de jacarés, que, ora nadando tranquilos de um lado para o outro, ora batendo a água com a cauda, ou alternadamente mergulhando e subindo à tona, não pareciam assustar-se com a proximidade dos homens em trabalho. Já frequentes vezes havíamos observado esses monstros em grande número, sobretudo nos lugares para onde os atraí o cheiro de carne ou de sangue; nunca, entretanto, se nos havia deparado espetáculo tão pavoroso. Em geral, faz-se ideia inocente demais do jacaré americano; nem no tamanho, nem na voracidade e malignidade, é ele inferior ao africano. Os animais reunidos aqui, em número superior a 60, pareciam perfeitamente ambientados no lugar; mediam 15 até 24 pés. Dois esqueletos que de lá trouxemos para Munique medem 12 pés de comprimento. Asseguraram-nos os índios que o mais forte entre eles devia ter de 15 a 20 anos de idade. Não era da espécie observada no rio São Francisco e noutras regiões mais meridionais (*Croc. sclerops*), mas uma espécie muito mais forte (*Croc. niger* Spix), que já havíamos visto em muitos lugares do Amazonas, e encontrávamos em sempre maior quantidade nas bacias dos rios ocidentais. O focinho mais curto, mais rombudo, a carcaça preta com manchas amarelas e o tamanho fazem logo distinguir, ao primeiro

olhar, esses animais daquela espécie menor, pardo-esverdeada. A gente do lugar chama-o de jacaré-açu, “jacaré-grande”⁸. Pouco custou apanhar

-
8. O jacaré-açu do Amazonas distingue-se do jacaretinga também pela fisionomia, se é permitido usar essa expressão da sua cabeça medonha, que de certo modo não passa de goela. Suas órbitas são mais amplas e os ossos entre elas não se salientam em quilha tão alta. Os pés curtos e a cauda larga são mais fortes. Jazendo à margem ou caminhando tem o jacaré-açu do Amazonas (*C. niger* Spix) expressão menos aterradora do que nadando e de certo modo com maior mobilidade. Em geral, anda devagar, e então pouco levanta a barriga e a cauda do chão; somente quando em corrida de arremesso, levanta obliquamente a cauda. Dentro da água, por outro lado, parece diminuir a desproporção entre o corpo informe e as patas agora estendidas, e os seus movimentos são de violência feroz. Quando enfurecido, levanta alto a cauda, e bate com ela a água, em rápidas chicotadas; e então é que os movimentos da cabeça são impetuosos e de máxima ferocidade. Quando, porém, o jacaré nada tranquilo, mal deixa aparecer os olhos e a ponta da cauda fora da água; e nada em geral rápido em linha reta para aqui e para acolá, sem agitar muito a água. À espreita de caça fica às vezes muito tempo imóvel, e então a sua aparência é de um tronco de árvore boiando. O mais estranho é que, justamente dentro da água, com maior mobilidade, ele é menos perigoso do que em terra. Afirmam os índios que quem quiser escapar da perseguição do jacaré deve mergulhar logo, porque ele abocanha só as partes do corpo salientes da água. Lutando com o inimigo ou perseguindo-o, ele redobra os golpes da cauda e se serviria dela até para empurrar a presa à boca. Aquilo que a sua poderosa queixada segura, não larga mais; o jacaré vira a cabeça de um lado para outro, até arrancar o bocado. É em extremo voraz e particularmente prefere a carne em decomposição, mas não recusa presa alguma. Dizem (talvez seja uma das muitas lendas dos índios) que o jacaré, uma vez comendo carne humana, sempre a procura com maior apetite e audácia. Aliás, a sua ferocidade e atividade são maiores no tempo do cio e da desova, o que coincide no Amazonas quase com as mesmas épocas das tartarugas. A cópula faz-se em terra ou em poças pouco profundas, do rio transbordado. Vivem em poligamia. A fêmea põe uns trinta ovos elípticos, duros, de quatro polegadas de comprimento numa cova chata da terra marginal, cobre-os com folhas e areia, e fica de sentinela a certa distância. Quando as crias saem do ovo e entram na água, não raro são devoradas pelas grandes cegonhas ou pelos urubus, e até pelos próprios machos vorazes. Sem isso, esses animais se multiplicariam de modo terrível. Os índios não só comem esses ovos, mas também toda a carne do corpo, embora tenha ela um repugnante cheiro almiscarado, que lhe é comunicado pelas glândulas do pescoço e das partes sexuais. Chamuscam a carne com moquém e derretem a gordura esverdeada, com a qual preparam os unguentos e tintas destinadas à pintura do corpo. Com uma parte da couraça, fazem os seus escudos diversas das tribos guerreiras entre os rios Negro e Japurá. Trata-se, sem dúvida, da mesma espécie de jacaré que, além do *C. fissipes* Spix, habita também as regiões ocidentais do Solimões, na província de Mainas, onde ambos são chamados de lagarto.

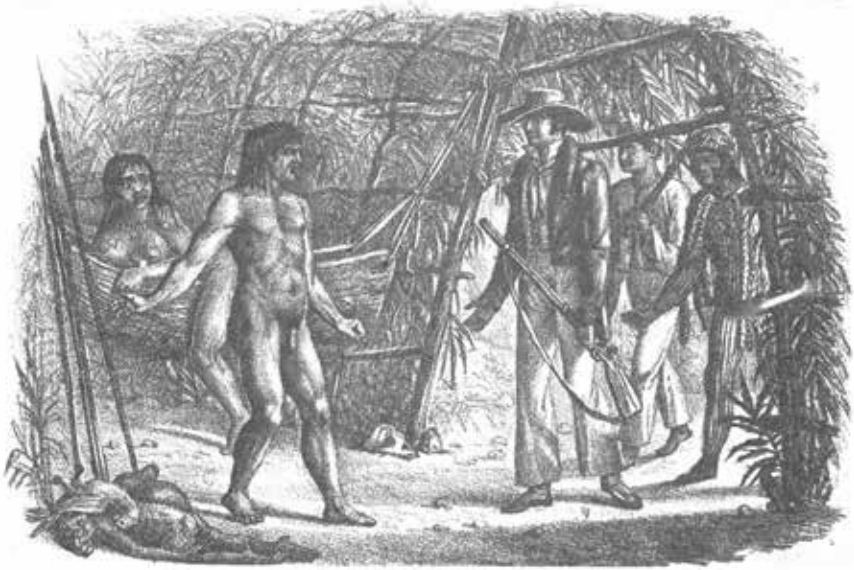
alguns desses monstros vorazes. Um bucho de tartaruga, inchado de ar, contendo no interior um grande gancho, preso a uma corrente de ferro, foi lançado do tablado do pesqueiro ao meio dos jacarés, estabelecendo-se logo briga por causa da presa. De todos os lados se aproximaram eles, procurando abocanhar a isca, finalmente, conseguindo-a aquele que mais escancarou a goela formidável para a devorar. Quando o monstro engoliu, foi necessário empregar grande força para impedi-lo de fugir para o fundo, e puxá-la, bufando terrivelmente e batendo com a cauda, para a terra, onde a corrente foi amarrada numa árvore; ali o deixamos um dia inteiro, até que um corajoso mura lhe abriu o ventre e o matou, ferindo as entranhas vitais. Em geral, são esses animais mortos a pauladas, o que quisemos evitar para a conservação do esqueleto. Sabe-se que além desta maneira, costumam os selvagens matar o jacaré por processo ainda mais simples, apresentando-lhe um pedaço de pau mole, a fim de inutilizar a sua dentadura. Se ele segura o pau, pode-se, sem correr perigo, esmagar-lhe a cabeça. Parece incrível, mas é verdade, que os índios às vezes saltam às costas do jacaré e lhe metem a madeira mole de ambaúva como freio na boca. Alvejam-lhe sempre os olhos, quando são atacados por um jacaré, o que não raro acontece; e o mínimo ferimento nesse ponto fá-lo desistir da sua perseguição.

Depois da captura do jacaré, ainda nos faltava um terceiro habitante das águas, que obtivemos igualmente em Manaquiri, isto é, o lamantin ou manati (*Manatus americanus* Cuv.), na língua geral *goaravá*, *guaraguá*. Este cetáceo parece ter sido outrora mais abundante no Brasil do que atualmente. Vivia nos rios costeiros, entre o Rio de Janeiro e o Maranhão, e era tão caçado pelos colonos, por causa do óleo, que hoje está quase extinto. Só no rio São Francisco é que aparece às vezes. Muito mais comum é ele, ainda, no rio Amazonas e nos seus grandes afluentes. Por sua semelhança com o boi, deram-lhe os portugueses o nome de peixe-boi, e os espanhóis o de vaca-marina. Veem-se frequentemente alguns deles reunidos em águas tranquilas, sobretudo nas profundas e calmas enseadas do rio. A pesca não se faz, como a do boto, na vazante do rio, mas na ocasião das cheias. É arpoado tal como se usa fazer na pesca da baleia, sobretudo com o fim de se obter o óleo, do qual um peixe-boi de azeite (talvez o macho adulto?) dá 480 a 500 galões. A carne muito branca, semelhante à do porco, intercalada de camadas de gordura, em particular no ventre, é

excelente petisco. Não me lembro de haver saboreado no Brasil prato de carne mais delicioso. Fazem-se com a carne e as tripas do próprio peixe-boi gostosas linguças (na língua geral, *mixiras*, do verbo *mixire*, “assar”), que são remetidas para Portugal, como raridade. Os índios empregam a gordura do peixe-boi do mesmo modo que a do jacaré⁹.

Entre as diversões a que nos pudemos dedicar em Manaquiri devo citar ainda a caçada às aves. As matas, sobretudo no interior do continente, são povoadas por muitas e lindas espécies de pombos, e, embora não falte alimento para essas aves, elas procuram com grande avidez os grãos de cevada, que lhes atiramos. A isca foi, na véspera, molhada em suco de mandioca ralada de fresco, forte veneno para elas. Quando comiam bastante da isca, não podiam mais levantar voo e caíam palpitantes em nossas mãos. É fato conhecido empregarem muitos fazendeiros, de igual modo, o suco da

9. O peixe-boi, que vive nas águas do Amazonas, do rio Negro e do Solimões, atinge a 15 e até 20 pés de comprimento, e pesa então 70 a 80 quintais. A parte mais volumosa do corpo mede, neste caso, 12 a 15 pés de circunferência. Feio como é em geral seu corpo, tem ele, todavia, nas feições do focinho grosso, rombudo, semelhante ao de um bezerro, a expressão pacífica de gênio, com que são vistos habitualmente senão em bandos numerosos, quase sempre aos pares, um junto do outro. Como a fêmea produz só uma ou duas crias e, como os índios afirmam, fica prenhe por espaço de 11 meses, não admira que diminua rapidamente o número dos peixes-boi, com a perseguição dos jacarés e dos homens. Deve-se acrescentar que isso se dá em tanto maiores proporções, quanto mais cresce a população. Vive o peixe-boi exclusivamente de ervas, da margem, em particular da *Echinochloa elephantipes*, Nees, e de muitas espécies de *Panicum* e *Paspalus*, que crescem luxuriantes, nos meses secos, por toda parte, ao longo das margens. Na época das enchentes, quando essas ervas estão em grande parte debaixo da água e apodrecem, os peixes-boi veem-se forçados a subir mais nas margens a fim de buscar alimento. Entretanto, nunca saem inteiramente da água porque em terra mal se podem mover. Se acontece ficar algum deles em seco ao recuo das águas, em geral morre. Pode-se aproximar deles sem receio, pois são tímidos demais para atacar e só poderiam morder se o acaso lhes meter algo diretamente na boca, pois nos indivíduos adultos só contêm os dentes molares. As fêmeas aleitam as crias, nas suas mamas chatas, ao menos durante meio ano. A semelhança orgânica com a raça humana incita a lascívia dos índios a um vício vergonhoso, que, capturada uma fêmea, tanto mais praticam, por acreditarem que com isso garantem a sua boa sorte nas caçadas. Também nas costas da África conhecem os portugueses um *manatus*, ao qual deram o nome de peixe-mulher.



Visita na maloca do mura.

Mura. Constituem os muras numerosa tribo, de gênio traiçoeiro, sempre em guerra com a maioria das outras tribos. Habitam as margens do rio Madeira. Desfiguram-se, fazendo buracos nos beijos, onde metem dentes de porco.



mandioca, um tanto engrossado pela exposição ao sol, a fim de impedir a devastação que os papagaios e outras aves fazem nas searas de milho, arroz, feijão. Os grãos molhados absorvem bastante veneno para entorpecer as aves, quando elas engolem as sementes arrancadas do solo.

Excursões deste gênero, como a que fizemos a Manaquiri, na qual tivemos oportunidade de observar a uniformidade com que se apresenta por toda parte o reino dos animais e das plantas nas várzeas do Amazonas, determinaram-nos a estender a viagem, quanto possível, para oeste da Barra do Rio Negro, a fim de talvez conhecermos as fronteiras que a natureza marca pelos seus produtos entre a bacia inferior e a superior do rio Amazonas. Nesse sentido, preferimos o Solimões ao Negro, pois, segundo as mais recentes notícias, em vários lugares da bacia deste último rio reinavam justamente então febres malignas, às quais não nos podíamos expor no nosso estado precário de saúde. Além do mais, o Sr. Zani se havia oferecido a acompanhar-nos até à vila de Ega. Para fazer mais rápida e mais agradável viagem, embarcamos com o nosso companheiro em duas canoas sem convés, providas só na popa de um simples toldo de folhas tendo 36 pés de comprimento e quatro a seis de largura, as quais ofereciam espaço para seis remadores e três a quatro passageiros. Ao sargento foi dada ordem de seguir à frente, na nossa canoa grande, levando as provisões até Ega. Dos três soldados que nos haviam sido dados em guarda, dois deixamos na Barra, por impróprios para o nosso serviço, e, a não serem alguns poucos índios da província inferior, víamo-nos cercados por uma equipagem toda estranha.

Somente a perspectiva de ter à mão uma tripulação corajosa, habituada aos perigos de tais viagens, e que havia sido mandada a Ega, em missão comercial, pelo Sr. Zani, sossegaram o nosso espírito acerca dos perigos de uma excursão, na qual, afastando-nos das raras colônias europeias ao longo do Solimões, íamos visitar numerosas tribos bravias, nas suas primitivas moradas.

NOTAS DO CAPÍTULO I

I – *Fatos históricos da província do rio Negro.* — Como primeiro conquistador do rio Negro, cita Ribeiro a Pedro da Costa Favela, antigo companheiro de Pedro Teixeira na viagem a Quito. Ele navegou pelo rio, em caça aos índios, por volta dos anos de 1668 a 1669; e, pouco depois (1671), foi construído o forte na foz do rio. A primeira povoação, sujeita ao governo português, estava situada uma légua mais para oeste. Era a missão dos carmelitas, que a princípio aldearam grande número de índios tarumãs ali contando-se oitocentos homens combatentes. Atualmente, não se encontra mais vestígio algum dela, e, em geral, as mais poderosas tribos, que, em começo, viviam junto do rio, os barés, manavas e os inimigos destes, os caraias, agora, se não se extinguíram de todo, andam espalhados entre os colonos sem nacionalidades e língua própria. Em Fortaleza da Barra foram aldeados índios das tribos dos banibás, barés e passés, estes últimos oriundos do rio Japurá. Os manaus, primitivamente antropófagos e muito belicosos, eram no segundo decênio do século passado, sobretudo sob a direção do seu cacique Ajuricaba, temíveis caçadores de escravos. Guerreavam os vizinhos e vendiam os prisioneiros aos holandeses de Essequibo, com os quais estavam em relações comerciais, por meio do rio Branco. Por seu lado, os portugueses, para obter escravos, faziam igualmente expedições, nas quais, já por aquele tempo, ultrapassaram as cataratas do rio. Essas tropas de resgate, isto é, expedições para redimir cativos, costumavam assentar arraial, aqui e acolá, durante determinado tempo, e de suas primeiras roças surgiram ulteriormente colônia e vilas. Nos anos de 1725 e 1726, haviam os portugueses explorado o rio, outrora chamado Quiari (simplesmente “rio”), na parte superior Ueneiá ou Guainiá, até Javitá, ao norte da foz do Cassiquiare, e dali traziam índios para os seus povoados. Foi numa expedição semelhante que Francisco Xavier de Morais, em 1744, encontrou o jesuíta espanhol Manuel Romano, fato pelo que os espanhóis ficaram sabendo da ligação do rio Negro com o Orenoco mediante o Cassiquiare. Deste fato se aproveitou, em 1763, o governador do Pará, Manuel Bernardo de Melo de Castro, para demonstrar o primitivo direito de posse da Coroa de Portugal ao comissário de limites por parte do governo espanhol, D. José de Yturriaga, o qual exigia que os portugueses recuassem a sua guarnição até ao Salto do Corocobi.

As primeiras colônias dos espanhóis, no alto rio Negro, São Carlos e São Filipe, foram fundadas, como afirmam as autoridades portuguesas, em território português, nos povoados de índios, por soldados espanhóis, sob o pretexto de estabelecerem armazéns e depósitos para a comissão espanhola de limites, ali esperada. Naquela época (1756), Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em sua primeira visita, havia separado do Pará a província de São José do Rio Negro

e elevado a Aldeia Mariuá, onde preparou uma conferência com os comissários espanhóis de limites; à vila e capital da província com o nome de Barcelos, promovendo ativamente a imigração de portugueses e o aldeamento de índios. O primeiro governador da nova província chegou em 1758; acompanhavam-nos o ouvidor e o vigário-geral. Os índios, que foram aldeados em Barcelos, pertenciam às tribos dos manaus, barés, baianas, uariquenas e passés. Neste ínterim, eram fundadas diversas missões no rio Negro pelos carmelitas. As colônias portuguesas foram duas vezes inquietadas pelos índios sublevados, em 1725 e 1756, depois, porém, sendo as armas lusitanas sempre mais vitoriosas, só ficaram ainda tribos livres nas regiões remotas da bacia do rio, e atualmente em tal estado de fraqueza, que dificilmente poderiam ainda ser consideradas perigosas para as colônias.

II – *De algumas drogas e plantas medicinais do Rio Negro.* – 1) A chica, chamada carajuru no Pará, rio Negro e Surinã, recentemente foi empregada para tingir algodão de amarelo e vermelho e se distingue pela dispersão extraordinária do seu corante. Na Holanda, aonde é levada desde muito tempo de Surinã, parece que a empregam para a falsificação da cochinha. Acha-se este lindo vermelho em forma de uma torta chata, às vezes também como pó fino. A matéria corante é de qualidade especial, assemelhando-se muito com a alcanina, orleã e a garança. Distingue-se do sangue-de-dragão e outras substâncias resinosas sobretudo pela decomposição no calor, sem fundir-se, sua solubilidade nos álcalis e pelo fato de não se precipitar de soluções alcoólicas com adição de água, como uma resina. Seu preparo das folhas, da *Bignonia chica* Bonp, se faz da maneira seguinte. Os índios, e até agora são eles exclusivamente que se ocupam disso, colhem as folhas do arbusto quando começam a ficar avermelhadas, deixam-nas murchar na sombra e depois deitam-nas no tronco escavado ou numa cuba grande feita da madeira mole de uma figueira. Molhadas com água, começam as folhas a fermentar, e o corante vermelho precipita-se em forma de pó muito fino e leve. Elimina-se a água suja, adiciona-se água limpa e, quando o precipitado aparece sem outra impureza, escoar-se todo líquido e seca-se no sol até ficar pó, ou forma-se uma torta, com as mãos. Os índios pintam sua pele com o carajuru preparado com água ou gordura de ovos de tartaruga e consideram também depurativo de sangue e rins uma infusão clara e aquosa, tomada diariamente em grande quantidade. Como artigo de comércio não interessa até agora o carajuru. Só casualmente é permutado dos índios.

2) Cacau. Como é sabido, o cacau do Pará e do rio Negro é considerado de qualidade média ou mesmo inferior, devido ao seu paladar um tanto acre e amargo e por conter menos do azeite doce. Isto em parte é devido ao cacau daqui ser colhido de árvores silvestres mais do que de plantadas. No seu estado silvestre as plantas produzem mais de suas substâncias específicas, às quais, quan-

to ao cacau, deve-se acrescentar o princípio amargo, comparável à cafeína. Em compensação, no fruto da árvore plantada acha-se mais gordura; azeites gordurosos nos frutos são produzidos em maior proporção sob cultura. As amêndoas do Maranhão, por isso, são na maior parte achatadas, menos ricas em substâncias do que as qualidades menores. Contribui provavelmente à desvalorização deste produto a falta de cuidado no preparo das sementes. Ignora-se aqui totalmente o procedimento de enterrar as amêndoas a fim de chegar a uma fermentação sem acesso de muito ar, o que impede a germinação e fixa o aroma amargo. Limita-se a secar as sementes no sol, deixa até de mexê-las para que todas igualmente fiquem em contato com o ar. Na coleta do cacau silvestre este preparo muitas vezes se tornaria difícil nas condições locais, porque nas vargens úmidas das matas de igapó faltam espaços secos livres e os coletores às vezes são restringidos à canoa. Devo acrescentar ainda que embora a maior parte do cacau daquela região proceda de *Theobroma cacao* L., sem dúvida misturam os coletores também as sementes de outras espécies que porventura encontrem. Achei o *Theobroma bicolor*, descoberto por Humboldt e Bonpland na província Choco, também perto da barra do rio Negro, em Manacuru e no Japurá em estado silvestre, e além deste encontrei ainda várias outras espécies de cacau: *Theobroma speciosum* Willd., *subincanum* M., *silvestre* Aubl. e *microcarpum* M.

3) Favas de pixurim. No rio Negro esta fava se chama de preferência puchuri, puchurim (o vocábulo acha-se em diversas línguas indianas e significa, p. ex., entre os catoquinas, a planta venenosa, da qual se prepara o veneno de flecha urari). A qualidade maior destas sementes aromáticas provém da *Ocotea puchury major* Mart., a menor da *Ocotea puchury minor* Mart. Ambas as árvores deixam cair os frutos maduros do cálice no chão, onde são recolhidos pelos índios, despulpados e secos sobre fogo brando. Nisso perde-se uma parte do óleo aromático, porém é indispensável este tratamento para impedir que as sementes apodreçam. Até ao Pará são mandadas em cestos, desde lá em caixas ou sacos. As favas de pixurim acham-se, assim como as favas Tonka, sobretudo no alto rio Negro; são muito mais raras no Amazonas.

4) Estas regiões equatoriais são extraordinariamente ricas em plantas da família das lauráceas e muitas delas são aplicadas pelos habitantes. Uma das árvores mais importantes desta família chama-se em rio Negro casca preciosa ou pereiorá, entre os bares *inidáo* (*Cryptocarya pretiosa* Mart.) A casca tem cheiro quase igual ao do sassafrás, é, porém, muito mais rica num óleo etéreo próprio. Usa-se o decocto ou o infuso contra fraqueza de nervos, edema dos pés em consequência de resfriados, catarros crônicos, hidropisia, gota, sífilis. As sementes contêm o óleo vivificante em maior proporção e, raspadas, são tomadas em vinho especialmente contra fraqueza gástrica, dispepsia, flatulência, etc. Também

pertence aqui o cujumari (*Ocotea cujumary* Mart.). Suas sementes aromáticas são aplicadas de preferência em vinho, contra os mesmos padecimentos dos órgãos digestivos. Os habitantes empregam ainda estas sementes pulverizadas junto com o pó da madeira semicarbonizada da piracuíva, diariamente 3 a 4 dracmas em água, tanto contra estas doenças como contra dores reumáticas depois de resfriados. Contra rigidez e contrações dos membros e dores reumáticas aplica-se externamente o bálsamo das sementes de outra laurácea: *Ocotea opifera* Mart. O óleo etéreo contido nas sementes pode substituir o óleo de alfazema ou de limão. Embora não perto do Amazonas, porém também na província de Rio Negro, no Japurá, achei ainda outra laurácea, cuja casca muito aromática, amarga, é aplicada às vezes pelos índios como excelente estomáquico: *Ocotea amara* Mart.

5) Inúmeras são nas florestas do rio Negro as plantas segregando um látex. Sem dúvida, podia-se, pois, extrair muito mais borracha, se não se limitasse à seringueira (*Siphonia elastica* Rich.). Entre as plantas úteis, que contêm tal látex, menciono aqui ainda a subuú-uva, sucuíba *Plumeria phagedaenica* Mart. Na dose de meia a uma dracma, tomada internamente, serve este látex para a expulsão de vermes; externamente, aplica-se para a limpeza de úlceras malignas, impingens e verrugas. Também o látex, acima mencionado da sorveira, receita-se na mesma medida, contra vermes. Um terceiro remédio forte contra vermes é fornecido pela coajinguba, *Ficus anthelmintica*. A dose é de um a dois escrópulos diários. Como as verminoses aqui são muito frequentes e aparecem com várias complicações, é muito difundido o uso destes látex drásticos. Aplicam também, contra vermes, o látex dos frutos não maduros do mamoeiro (*Carita papaya* L.), misturado com água e açúcar. Parece que pode causar cólicas e, aplicado em doses maiores, ataques perigosos. Parece ser muito venenoso o látex do mururé, árvore, que não cheguei a conhecer.

6) Manacá, geratacaca, mercúrio vegetal (*Franciscea unillora* Pohl.) A planta inteira, sobretudo porém a raiz, é um drástico violento e incidente. Os índios usam-no desde muito tempo interna e externamente contra mordedura de cobra. Atualmente aplica-se principalmente contra sífilis. Produz evacuações violentas de toda espécie e deve ser aplicado com precaução. Contra o veneno de cobra bebe-se o sugo espremido de begônias (poejo).

7) As condições climáticas e a maneira de viver dos habitantes exigem não raro estimulantes fortes para o sistema gástrico para debelar estados febris ou contra prisão de ventre, dores gástricas, falta de apetite, dor de cabeça gástrica, etc. Entre os remédios satisfatórios para estas indicações encontram-se duas apocináceas cuja madeira verde é ralada e posta de molho em água. A água contendo as substâncias ativas, bebidas em grandes quantidades, tem ação diaforética e purgativa. São dois cipós arborescentes: *Echites grandiflora* Meyer e *Echites cururu*

Mart., ambos chamados *cipó-cururu*. Como purgante suave usa-se a polpa dos frutos do mari-mari (*Cathartocarpus grandis* P.)

8) Contra sífilis emprega-se de preferência as folhas de caroba (*Jacランダ procera* Sp.). Externamente aplicam-se cataplasmas, internamente um decoto que provoca vômitos e diarreias, se a dose for grande demais.

9) Os melhores amargos daquelas regiões são: a madeira e a casca de marubá ou simarubá (*Simaruba excelsa* D.C.), a raiz da *Tachia gujanensis* Aubl., chamada raiz de jacaré-arú ou coferana, e a erva da mata-cana (*Vandellia diffusa* L.) Esta última planta substitui mais ou menos o nosso trevo aquático. Contra a fraqueza dos órgãos digestivos, febres gástricas, especialmente quartanas, é comprovadamente eficaz. Em doses fortes, tem ação emética e purgativa.

10) Conhecem-se aqui bálsamos em grande quantidade. Extrai-se o bálsamo de copaíba da *Copaifera gujanensis* Jacq. e outras espécies. O umiri (*Humirium floribundum* M.) fornece um bálsamo claro, amarelo, muito aromático, que deve achar-se aproximadamente no meio, quanto à eficácia, entre o bálsamo-de-copaíba e o bálsamo-do-peru. Como remédio excelente para feridas me indicaram o bálsamo de tamacoaré (tamaquaré) que, entretanto, não cheguei a conhecer. Contra dor de dente: o óleo da fava de Tonka.

11) As plantas oleosas aqui são as mesmas como em Maranhão. Só desejo ainda mencionar aqui as amêndoas da castanha-do-maranhão, na língua indígena, *nhá* ou *niá*. Estas contêm quantidade tão extraordinária de um óleo claro, igual ao de amêndoa, que mereceriam também, a este respeito, a atenção dos habitantes desta região. Com partes das castanhas piladas dão 56 partes de óleo líquido que consiste de 74 partes de ácido oleico) e 26 partes de estearina. Também as sementes do gênero *Caryocar*, aqui chamado de piquiá, poderiam ser utilizadas para o mesmo fim. Até agora só apreciadas e comidas como substituto das nozes. Outra matéria gordurosa, semelhante à manteiga de cacau, é obtida das sementes de uma árvore aqui chamada ucuúva, *Myristica (Virola) sebifera* Aubl. Um alqueire destas sementes, aquecidas sobre fogo brando e prensadas, fornece uma arroba desta gordura vegetal, usada para unguentos e velas.

12) Em lugar dos adstringentes da família das leguminosas, usados amiúde nas províncias meridionais, costumam os colonos daqui empregar a raiz fresca, pilada, ou cozida da goiabeira (*Psidium pomiferum* L.). Serve sobretudo no caso de diarreias serosas e de disenteria, assim que o estado inflamatório passou.

13) Ambaúva mansa ou do vinho (*Puruma cecropiaefolia* M.) chamam no Pará e Rio Negro a uma árvore, que no aspecto tem a maior semelhança com a verdadeira ambaúva (*Cecropia*), porém difere dela pelo fruto. É uma drupa suarenta, algo mucosa, tem sabor muito agradável, agridoce e se aproxima, mais do que qualquer outro fruto brasileiro, da nossa uva. É por isso procurada com

avidez tanto pelos índios como pelos colonos, e até cultivada às vezes. Fizeram também experiências com a videira, que forneceram em lugares sombreados e de temperatura moderada resultados favoráveis. Não raro, as videiras frutificaram duas vezes por ano, em maio e novembro. Aliás, todos os frutos do Brasil tropical dão-se bem nestas latitudes favorecidas. Especialmente saborosas e refrescantes são várias espécies de maracujá (*Passiflora*). As verduras europeias, com a exceção dos diversos alhos, prosperam menos; minhocas e formigas atacam-nos muito. Uma verdura comum, que substituí o espinafre, é fornecida pelas folhas da *Portulaca pilosa*, que, assim como a verdadeira *P. oleracea*, é cultivada.

III – *Macacos do Amazonas, Solimões e Japurá*. Talvez seja característico para estas regiões, que são a pátria dum número extraordinário de macacos (português bugio, mono, na língua geral macaca, e daí macaco adotado no português). Nenhuma ordem de mamíferos, própria do novo continente, é representada por igual número de espécies e indivíduos, como os macacos. Será, portanto, o lugar apropriado para mencionar aqui as espécies encontradas, referindo-me à monografia de meu colega falecido.

Sob o nome de prego (*ab figuram membri vir.*) os habitantes da bacia fluvial conhecem várias espécies do gênero *Cebus*: 1) *robustus*, 2) *xanthosternus* Neuw., 3) *fatuellus*, 4) *capucinus* Geoff. e 5) *gracilis* Spix. Este último, na língua geral, chama-se caiarara. Veem-se esses macacos reunidos em grandes bandos, atravessando as densas florestas com extraordinária rapidez. Bem que se deixem domesticar com facilidade, são amansados menos frequentemente que outras espécies por serem extremamente vivazes, lascivos, desasseados, ruidosos e muito inclinados a perturbar o sossego da casa. Os índios preferem a sua carne à de muitos outros o que talvez, junto com a curiosa opinião das virtudes curativas de certo membro, é uma razão a mais para domesticá-los menos. 6) O oacari (ouacari) *Simia melanocephalus* Humb., (chamado no Orinoco de cacajao ou mono feo, *Brachyteles ouacary* Sp.) e 7) o aparentado *Simia satanas* Humb (*Brachyurus israelita* Sp.) tampouco se recomendam pelos seus costumes como conviventes. Os macacos preferidos dos índios são o coatá (*Ateles paniscus* Geoffr., chamado de marimonda no Orinoco) devido a seu tamanho e sua gravidade engraçada, e os barrigudos, 8) *Lagothrix canus* e 9) *humboldti* Geoffr. ou *Gastrimargus olivaceus* e *infumatus* Sp. Estes macacos, de uma tranquilidade e afabilidade de temperamento raros na sua ordem, e fáceis de cativar ao convívio com o homem pela sua gulodice, têm verdadeira fisionomia de negro, razão pela qual muitas vezes são chamados de moleque (negrinho). Sua pança grande, suas caretas ridículas e seus movimentos, nos quais a cauda preênsil mostra incrível força, sua afeição risonha que por assim dizer se renova diariamente à vista de cada prato, finalmente o alto grau de inteligência, manifesto em furtos astuciosamente disfarçados, tornam-nos

de fato animais domésticos alegres. Parece, entretanto, difícil guardá-los em climas mais frios, porque são como os pequenos tamarins (*Midas*) e saguis (*Jacchus*) muito sensíveis contra o frio e adoecem de gota, reumatismo e prisão de ventre.

10) O parauaçu (marauaçu, paraguaçu), *Pithecia hirsuta* Sp e o menor parauá (*Pithecia inusta* Sp.) — talvez não especificamente diferente? — Igualmente são pequenos animais sensíveis e delicados e ademais, devido a seu caráter melancólico, não são companheiros alegres. Porém os observei muitas vezes entre os juris e miranhas no Japurá, amansados e extremamente meigos com seus donos e fui testemunha como uma índia deu o seio a um desses animais feios olhando em redor com ares de pedante. Sua conversa indistintamente articulada, a meia voz, na liberdade eles alçam, sobretudo de manhã e de tarde a sons mais claros, quando, reunidos em bandos numerosos, percorrem as copas das árvores. Seu alimento preferido são frutas doces, moles. As espécies do gênero *Callithrix*, que se encontram naquela região são: 11) *C. amicta* Geoffr., 12) *C. cinerascens* Sp., 13) *C. cuprea* Sp. (oiapuá) são menos apropriadas para a domesticação; são animais irrequietos sem costumes agradáveis. Não me lembro tampouco de tê-los visto nalguma parte como animais domésticos livres. O mesmo vale para os bugios, dos quais os habitantes distinguem várias espécies: 14) o aruató (*Mycetes stramineus* Sp., *Stentor* Geoffr.) e os guaribas 15) *M. discolor* Sp., 16) *M. ursinus* Humb, (*fuscus* Sp.); 17) *M. barbatus* Sp. ou *Stentor viger* Geoffr. e 18) *rufimanus* Kuhl. Estes são reputados pelos índios uma das melhores caças. As espécies menores de macacos desta região são: 19) o mico (*Midas bicolor* Sp.) e mais os sauins; 20) *Oedipus* Geoffr., 21) *M. fuscicollis*, *nigricollis* e *Mystax* Sp. e *Jacchus*; 22) *penicillatus* Geoffr. e 23) *pymaeus* Sp., deixam domesticar-se indistintamente e, devido a seu corpo bonitinho não raro guardam-se dentro da casa. São pequenos animais sossegados, cândidos, sem violentas paixões. Apegam-se tanto à pessoa do seu dono, que em caso se aparente perigo ou durante a frescura da noite, procuram proteção e calor na roupa dele. Sossegados, deixam frequentemente ouvir um som semelhante ao ronrom do gato; provocados soltam gritos agudos. Vivem menos gregários que a maioria das espécies mencionadas.

24/25 Os macacos de noite (*dourouculus*, no Orenoco *cusicusí*), *Aotes* Humb. ou *Nyctipithecus felinus* (juá) e *vociferans* Sp. (caráí), diferem nos seus costumes dos outros macacos. Vivem quietos e tímidos em bandos pequenos; dormem durante o dia entre densas moitas, enrolados e de noite saem para buscar comida. O olhar felino, o andar e todos os movimentos lembram animais da família dos felinos ou das martas. Os animais observados em nossa coleção, de dia, mesmo no meio da gritaria irritante dos seus vizinhos, sempre ficaram tímidos e reservados, só raro deixaram ouvir gritaria baixa e comiam pouco. Depois do pôr do sol duplicava a sua vivacidade. Receberam para comida frutos e arroz cozido e pareciam apreciar muito o açúcar. Todos esses macacos têm

a sua criação nos últimos meses do ano e é muito curioso que, embora tão frequentemente domesticados entre índios e brancos, nunca chegaram a procriar-se nestas condições. Costuma-se retirar os animais novos do ninho para os amansar. Só com muito trabalho deixam-se adestrar; mesmo a força de vontade fixa dos índios é frustrada pela mobilidade independente desta estirpe antropomorfa.

IV – A luminosidade dos insetos é, nos países tropicais, muito mais viva do que na Europa. A luz fosforescente, que irradiam os vaga-lumes *Elater noctilucus*, *ignitus* e *phosphoreus* Fabr., supera seis vezes em intensidade a dos pirlampos europeus; porém, o fenômeno chama a atenção do observador sobretudo pelo número e a vivacidade com que o cerca de todos os lados. O número de círculos luminosos que num incessante vaivém, ora perto, ora longe, em torno do viajante iluminam a espessura da mata, é muitas vezes tal, que faz lembrar um fogo de artifício, e o profundo silêncio da noite escura aumenta a impressão do maravilhoso espetáculo. Observei que a grande umidade do ar, em particular antes ou depois da chuva, tem influência sobre a atividade de tais bichinhos: eles circulam então com maior rapidez; e as luminárias brilhando, ora claras ora azuladas ou avermelhadas, conservam-se mais uniformemente fortes. Nas noites secas, sobretudo quando sopra vento rijo, a fosforescência é muito mais fraca, e os insetos parecem então mais vagarosos. Notam-se em todas as épocas do ano, mas sempre em maior quantidade de novembro a abril do que nos outros meses. O acima dito também vale para os lampirídeos (luz em cu, tupi: *oâm*) cuja luminosidade em geral é mais fraca, porém mais fosforescente e cujo voo é mais lento, em círculos menores. O número desses insetos bonitinhos não é menos considerável e talvez as espécies individuais não estão distribuídas por todo o Brasil, porém limitadas a certas regiões. Levamos conosco 24 espécies de lampirídeos, ou seja 5 *Phengodes* e 19 *Lampyris* do Brasil, a maior parte dos quais colecionamos nos campos das províncias de Minas e Bahia. As espécies já descritas são as seguintes: *Phengodes plumicollis* Latr., *praeusta* Dej.; *Lampyris maculata* Fabr., *corusca* F., *glauca* Ol., *thoracica* Fabr., *hespera* F., *pyralis* F., *marginata* F., *pallida* Ol., *lucida* F., *occidentalis* Ol. e *compressicornis* F.

As grandes lanternárias, tupi: jaciranamboia (*Fulgora diadema* e *lanternaria* L.) só nos apareceram no Equador; a maioria das demais espécies, vimos-las igualmente nas regiões mais meridionais, em particular nas matas virgens de Minas e Bahia. Contamos onze espécies: *F. lanternaria* L., *serrata*, *phosphorea*, *adscendens*, *fasciata*, *pallipes*, *diadema* F., *flammea* Holl., e mais 3 espécies ainda não descritas. Em nenhuma delas observamos a fosforescência pela primeira vez descrita por Mme. Merian, que aliás tanto menos desejamos negar, por termos observado num *Dynastes* moribundo distinta luminosidade.

V – Designamos o boto do rio Amazonas com o nome de *Delphinus amazonicus*, porque a distribuição geográfica desta espécie parece apresentar um de seus característicos distintivos. Ao menos até agora não se conhece nenhum outro boto que se conserve em tal quantidade, e tão de preferência em água doce. Ele aparece não só no Amazonas e Solimões, mas também a oeste, nos rios de Mainas, e, segundo me afirmaram alguns fugitivos espanhóis, em Ega, igualmente nas costas de Choco e do Peru. Acrescentaram esses homens que ali o boto vive nas águas frias dos rios sem ser perseguido pelos jacarés, os quais, como já observaram Acosta e Ulloa, não suportam a água gelada, que desce dos Andes para os rios costeiros. Para completar os remédios animais, usados pelos índios, devo ainda mencionar que eles empregam a vértebra superior do boto, assim como a do peixe-boi, reduzida a pó, com muita eficácia, contra as hemorragias.

.....

Capítulo II

VIAGEM DA BARRA DO RIO NEGRO, PELO SOLIMÕES, PARA A VILA DE EGA

PARA OS VIAJANTES, vindos da província baixa (Pará) e que navegam do Amazonas a montante no Solimões, é a Barra do Rio Negro um desejável ponto de descanso, e, por isso, só raras vezes eles evitam esse lugar. Pode-se, porém, além disso, sair do Amazonas acima da foz do Madeira, e tomar pelo *Uaquiri*, um furo que sai do Amazonas, do lado meridional, acima da sua confluência com o rio Negro, e segue dois dias de viagem até se reunir de novo ao rio principal. Quem, no entanto, saindo da barra do rio Negro, quiser tomar pelo Solimões, pode, sobretudo na época da enchente, encurtar também a viagem, seguindo para o sul, pelo furo de Guariba, que faz da extrema ponta de terra uma ilha entre os dois rios. Durante a época seca do ano, falta às vezes água navegável em alguns lugares deste furo. Aliás todo o terreno triangular, que está a oeste da confluência dos rios, é baixo e cortado, aqui e acolá, por valas rasas, ora inundadas pelo rio Negro, ora pelo Solimões. Preferimos seguir a viagem em redor desse delta já descrita, e achamo-nos, depois de três dias de navegação, em frente à foz do Guariba (*Guaribóca, Ariatú*), do lado setentrional do Solimões. O aspecto do país, aqui, como, em geral, no Solimões, onde até o navegamos, nada difere do que se vê no

Amazonas, são as mesmas margens e corredeiras; em terra firme, as mesmas matas de igapó, sujas e enredadas; a mesma vegetação baixa nas inúmeras ilhas espalhadas. A correnteza agora, na costa, era menos impetuosa do que por ocasião da enchente, de sorte que alcançamos sem esforço o pesqueiro de Manacapuru. Aqui mantém o governo um destacamento de soldados, para abastecer com a fartura do pescado, particularmente de pirarucus, a vila da Barra e os postos de fronteira, Marabitanas e Tabatinga. Um número proporcional de índios deve ali auxiliar a guarnição com serviços forçados de um a dois meses. A maior parte do peixe é pescado no lago de águas pretas, situado mais no interior, e salgado e seco no local. Dizem que as remessas para barra, de 15 em 15 dias, montam a 800 arrobas anuais. O rio, em que nos achávamos agora, tinha na média uma milha marinha e mais de largura. As suas águas branco-sujas, apresentavam-se interrompidas por diversas ilhas de areia, que se estendiam amiúde por grandes extensões. Passamos primeiro pela praia de Cabanaoca, depois de Camaliana em frente do pesqueiro, e, finalmente, pela de Pratari, na qual pernoitamos. Estas ilhas elevam-se apenas poucos pés acima do espelho da água, não apresentam em parte alguma rocha firme e só raro humo, quase sempre nada mais do que areia, que não se presta para vegetação pujante; quanto a árvores, veem-se quase que exclusivamente a oeirana (*Hermesia* ou *Alchornea castaneaefolia*) e uma espécie de salgueiro (*Salix Humboldtiana*). Estas árvores parecem ter grande zona de distribuição dentro dos trópicos; a primeira, já a havíamos notado no rio São Francisco, e o Sr. von Humboldt no Orinoco; a outra, observou-a no Peru o mesmo viajante. A corrente dos ventos nas ilhas de areia enxota os mosquitos, razão por que, daí em diante, sempre costumávamos passar nelas à noite. Os índios logo se habituaram a cortar alguns troncos das oeieranas e fincá-los em um ponto mais alto na areia, para ali dependurar as nossas redes. Eles próprios permaneciam fiéis ao seu costume, e passavam a noite, cobertos, com pouca roupa, estendidos na areia, junto da margem, embora não cessássemos de lhes lembrar do perigo de assalto de jacarés. Mais do que as nossas palavras serviu a experiência dessa noite. Isto é, depois de estar toda a equipagem entregue ao sono, fomos despertados por um grito terrível, que nos fez correr meio vestidos, de armas na mão, até à margem. Ali encontramos todos os índios sobressaltados, pois um grande jacaré tinha passado por entre os homens adormecidos a fim de alcançar um cesto cheio de galinhas; tinha-

-o arrebatado, e voltava tão rápido para o rio, levando algumas das aves, que só pudemos ainda notar umas rabanadas, antes do mergulho. Daí em diante, conseguimos que nossos índios armassem o acampamento mais para o interior, perto de nós. O acidente havia afugentado o nosso sono, e como, entrementes, a lua, saindo das nuvens, resplandecia clara, voltamos às canoas e prosseguimos a viagem, enquanto os índios se animavam no serviço do remo, cantando uma simples toada. Únicas e inolvidáveis são as impressões que experimenta o viajante em noites como esta. No sossego e silêncio dessas paragens, não se ouve senão o sussurro das vagas ou a gritaria longínqua de bandos errantes de macacos. A mata virgem cerrada destaca-se ora toda iluminada na costa, ora recua em escuras enseadas; como fantasmas balançam na água às margens de árvores isoladas ou trechos de margem iluminada, e tudo nesse cenário maravilhoso parece adormecido em imóvel tranquilidade, salvo o firmamento noturno, que, empurrando ou separando lentamente nuvens iluminadas ou pretas, ora ensombra o rio na escuridão, ora num jogo de luz fá-lo faiscar em mil reflexos de prata. Tínhamos passado junto da praia do Pratari (*Paratary*), pela foz do rio do mesmo nome, que nasce no lago Autás (na margem ocidental do Madeira), e, pelos lagos de Paratari e Beuri, se comunica com o rio Purus, do qual se julgava antigamente a embocadura mais oriental. Essa distribuição das águas prova que o trecho de terreno entre a parte inferior do Madeira e do Purus seja tão baixo e horizontalmente aplanado como já havíamos visto com frequência no Amazonas. Essas vargens, cobertas de densas matas, eram, ao tempo de Acuña, habitadas pelos zurinas e caripunás (caraíbas?); as ilhas da foz do Purus, pelos poderosos cochiuaras. Todas essas hordas estão agora desaparecidas sem deixar vestígios; selvagem e inóspita, pende a mata sobre o rio e oculta os paradeiros das raças extintas. O único indício pelo qual o observador atento pode depreender que outrora aqui estivera estabelecida uma população indígena é as espessas cercas de gramíneas arborescentes taquaruçu, que era costume plantar como meio de defesa. Por outro lado, não encontrei aqui, nem em ponto algum ao longo do Amazonas ou do Solimões, remanescentes de plantas úteis, cultivadas pelos índios, seja mandioca, milho ou bananeira; só urutu é que aparece por vezes. Nos barrancos da margem, avistam-se, aqui e acolá, moitas de canaviais (*Gyneryum saccharoides*), da qual os silvícolas se servem para as suas armas. Embora o rio estivesse esvaziando com bastante rapidez, ainda assim

diversas corredeiras na costa deram muito que fazer aos nossos remadores, e alegramo-nos ao despontar o dia, por sermos favorecidos pelo vento leste, que continuou o dia inteiro e nos levou além da longa ilha de areia chamada praia do Periquito, e a praia de Guajaratuba, à tarde.

Aí, pela primeira vez, deparou-se-nos o espetáculo da colheita dos ovos de tartaruga e o preparo deles em manteiga de tartaruga. Numa extremidade da ilha de areia haviam os colhedores construído umas palhoças de folhas de palmeiras; grandes montes de ovos desenterrados, canoas cheias de ovos já quebrados, soltando o conteúdo, panelas cheias de gordura a ferver, e cerca de 150 homens, índios, mulatos, negros e alguns brancos, ocupados nesses diversos trabalhos: tudo isso constituía espetáculo novo e alegre, em seguida à costumada solidão da viagem. Nos meses de outubro e novembro, quando as águas do rio chegam a baixo nível, sobem as grandes tartarugas fluviais¹ a certas ilhas de areia emergentes e põem os ovos. Vigias, encarregados pelo governo, fiscalizam quando a postura se

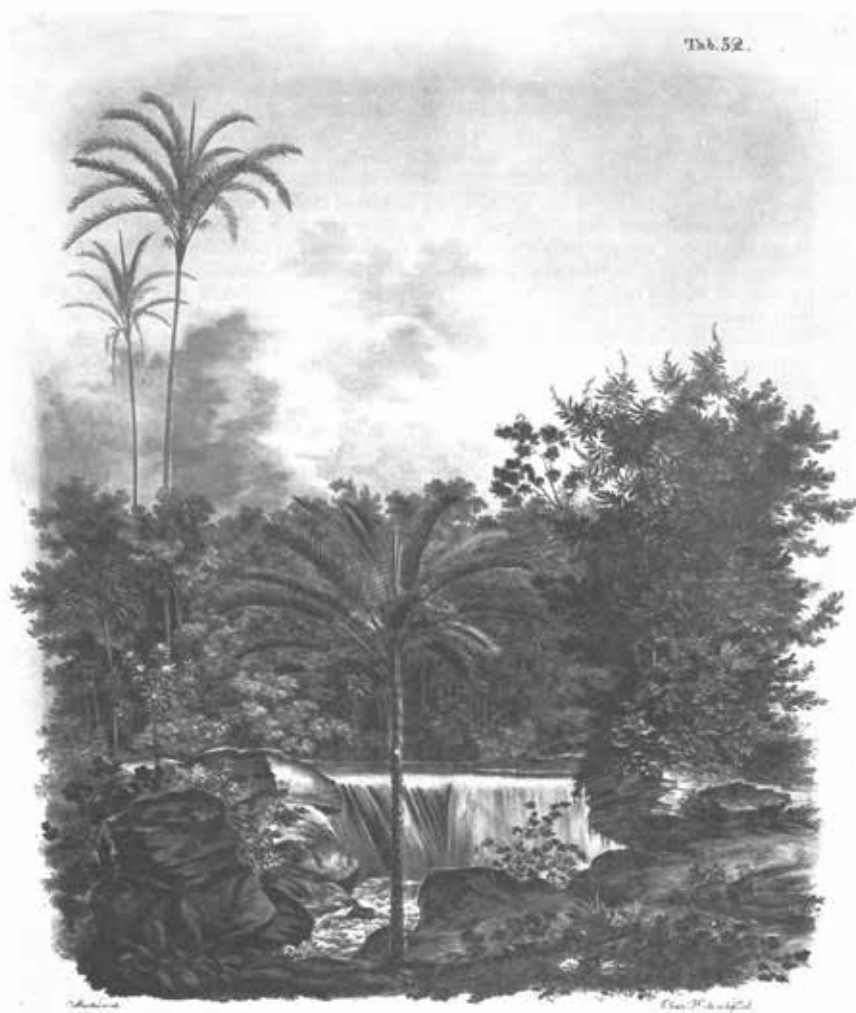
-
1. É a *jarará-açu* da língua geral (*Emys amazonica* Spix), chamada *tartaruga-grande* pelos habitantes. A desova, o ato mais importante, por assim dizer, na vida desses lerdos animais, reúne-os nos meses de outubro e novembro, durante uns vinte dias em bandos inúmeros que vêm saindo dos lagos vizinhos, onde têm pasto suficiente, para o rio, e daí, em seguida, aos próximos bancos de areia ou pontas da margem arenosa. Por umas poucas delas é escolhido o local da postura, contornando e espiando a praia, cavando a areia em diversos pontos, verificando se existe, na necessária profundidade, areia enxuta, e voltam depois. O mínimo vestígio de gente ou qualquer violência contra essas espias afugenta todo o bando, que vai arribar então em outra praia. Quando se julgam em segurança, começa a desova. À noite, em geral com o luar, vem então do rio emergindo um bando após outro. As fêmeas caminham no centro; os machos, menores e muito menos numerosos, seguem nos lados, em proteção. Um confuso fervedouro desses animais escurece então até longe o areal claro, e tão apressadas correm e voltam, que, cerrados lado a lado, ou mesmo um por cima do outro, procuram tomar a dianteira, e o chocar dos cascos, semelhante ao estrépido de canos pesados, se ouve a grande distância no silêncio da noite. A este espetáculo assisti num banco de areia do Japurá, onde estavam reunidas no mínimo alguns milhares de tartarugas; naquela inquietação noturna tem algo de arrepiar. Arribando à ilha, o bando trata logo da postura; com incrível rapidez, a praia é toda revolvida, e o pó escurece o horizonte. Alternando ativamente as patas traseiras, a tartaruga cava, jogando para fora a areia, e forma uma cova por vezes de três pés de profundidade; coloca-se a prumo no buraco e põe os ovos (cujo menor número é 64 e no máximo 140, na média deve-se calcular uns

termina nas ilhas, conhecidas desde muitos anos como lugares habituais, e protegem as praias, de perturbações por índios nômades, particularmente dos muras. Em seguida acodem (sobretudo na ocasião da lua nova de outubro, a melhor época) numerosos colhedores, vindos às vezes de regiões afastadas, e um fiscal (capitão da praia), especialmente nomeado para manter a ordem entre essa gente, divide a colheita e cuida da entrega do dízimo para o erário. A escolha do funcionário para negócio, via de regra muito rendoso, é feita pelo governador da província, e quase sempre ele

100); ao passo que se apoia nas patas dianteiras, recobre-os com areia enxuta e calca-a firme, dando em cima com a couraça do peito. Cada fêmea precisa para a sua tarefa de três a quatro horas. As covas são feitas na parte plana mais no interior, não nos barreiros íngremes das margens, até uns cem passos adentro e em geral alguns pés acima do nível mínimo da água, que ocorre pouco depois da desova. É válida, pois, a observação já feita por Aeliano com as tartarugas do Nilo (*Tryonix aegyptiaca*), que põem os ovos fora do alcance da enchente, também para estes quelônios do Amazonas. No trabalho da postura dos ovos, durante a qual se ouve um soprar baixo interrupto, não raro acontece ser alguma tartaruga enterrada pela companheira ou outra escava-lhe os ovos já postos, a fim de também ali desovar. Uma vez iniciada a postura, as tartarugas não se deixam mais demover dali, e pode-se passear entre elas sem risco de ser mordido, contanto que não se tope com um macho. Afirmam os índios que os homens vestidos de branco ficam em maior segurança, porque os animais os tomam pelas grandes cegonhas, que aparecem nesta ocasião como em geral frequentemente nas praias. Dura a desova desde o pôr do sol até a madrugada, numa pressa como que inconsciente dos animais. Se o número das tartarugas reunidas é muito avultado, já começa a postura pelas cinco horas da tarde e termina às 10 da manhã; mas, em regra geral, o bando já está de volta ao rio ao amanhecer e somente algumas fêmeas isoladas, que se acharam impedidas de desovar antes, é que correm aflitas de um lado para outro. Essas, não raro, são as presas das onças, que agora aparecem frequentemente nas praias, e que viram a tartaruga e a abrem com muito jeito entre a couraça das costas e a do ventre, e com a garra dianteira extraem-lhe toda a carne de dentro. As fêmeas permanecem alguns dias à margem do rio, alimentando-se de cana-brava e de outras gramíneas; depois, dirigem-se de novo para os lagos ou poças vizinhas onde são esperadas pelos machos. Os lugares, onde foram postos especialmente muitos ovos, reconhecem-se pelas cascas, que jazem espalhadas, e pela areia aglomerada com a gema dos ovos. Depois que as tartarugas regressam ao rio, só o olhar experiente reconhece o lugar onde se acham os ovos, pelas leves elevações, às vezes ondulações, na superfície do areal. Esta descrição concorda perfeitamente com as notícias que o Sr. von Humboldt deu sobre as tartarugas do Orinoco e não duvido de que a sua *Testudo arruá* seja a nossa *Emys amazonica*, assim como a sua *Testudo terekay* seja a nossa *Emys tracajá*. Ali, a desova é feita no mês de março.

designa um membro da guarnição ou outro cidadão distinto. Faz-se rigorosa medição das camadas de ovos, que em geral se apresentam em trechos seguidos, em cada ilha, raramente em vários lugares, sob a indicação de índios práticos assinalando-se os limites por meio de compridos paus, que, entrando na areia, mais resistência encontram do que nos ninhos. Todo o areal é então dividido entre os presentes, na proporção do número de operários que traz cada cidadão. A décima parte do total é designada como posse da Coroa por uma bandeira. Logo que a divisão é feita, os presentes se precipitam sobre a parte do trecho que lhes cabe, cada qual remexe a areia, sondando-a na profundidade de alguns pés, onde ainda encontrarem vestígios de ovos. Os ovos jazem ora numa, ora em diversas camadas, umas sobre as outras, por isso variando o rendimento nos diversos pontos da praia. Trata-se logo de os desenterrar o mais depressa possível, porque os ovos, no fim de sete a oito dias, começam a apodrecer. Assim, em poucas horas, formam-se colossais montes de ovos, de 15 a vinte pés de diâmetro e proporcional altura, constituindo um espetáculo singular; e o areal, antes plano, agora todo revolvido, cheio de covas e montículos, fica entregue à enchente, para que ela o aplaine de novo. De manhã cedo, os botes, bem calafetados, enchem-se até ao meio com ovos, que são quebrados com tridentes de pau, semelhantes aos nossos forcados, e, finalmente, esmagados com os pés. Como os ovos contêm pouca clara e muita gema, a mistura parece uma papa amarela, na qual sobrenadam pedaços de casca. Deita-se água por cima, e fica essa massa exposta à ação do sol tropical, que, já ao cabo de três a quatro horas, faz subir à superfície o óleo gorduroso por ser o ingrediente mais leve. Dali é ele apanhado com cuias e colheres feitas de grandes conchas fluviais e juntado em grandes potes de barro. Repete-se em cada canoa o processo de esmagar, mexer e colher duas a três vezes, obtendo-se com isso a maior parte do óleo. Esta papa tem agora a cor e a consistência de gemas batidas. Despeja-se em grandes caldeirões de cobre ou de ferro, colocados sobre um fogo brando, onde, durante algumas horas, é mexido, espumado e clarificado, com o que a parte coagulante se precipita. A parte líquida, cuidadosamente retirada, é segunda vez cozida sobre fogo ainda mais brando, até não formar mais bolha alguma, quando então toma cor e consistência de banha derretida. A manteiga de tartaruga, depois de esfriar, é guardada em grandes potes de barro, de boca grande e contendo umas 60 libras, fechados com folhas de palmeiras ou entrecasca

de árvores, e assim são despachados. É tanto mais saborosa e pura, quanto mais depressa é preparada depois de desenterrar os ovos, e quanto mais frescos estes forem. Com o devido preparo, a manteiga perde inteiramente o cheiro da tartaruga, mas conserva sempre algum sabor oleoso com o qual só mesmo o paladar dos habitantes pode acostumar-se. Quando, porém, as tartaruginhas, já demais desenvolvidas, apodrecem ao sol, o cheiro e sabor são extremamente repugnantes, e só para os sentidos embotados dos índios pode ainda ser considerado um petisco. O óleo de pior qualidade é empregado nas lâmpadas, como azeite de iluminação. O número de potes de manteiga, anualmente preparados nas ilhas do Solimões, monta a mais de 8.000, e os de toda a província a 15.000. As tartarugas evitam as praias onde as colheitas foram feitas rigorosamente ano após ano; voltam para ali, todavia, com o tempo, em maior número. Como, já desde quase um século, tem a mão do homem furtado ao desenvolvimento natural tão enorme quantidade de ovos, como, além disso, os urubus, jaburus e tuiuiús, os iguanos ou camaleões (sinimbu) e jacarés, lhes comem os ovos; como muitos são quebrados, por ocasião da postura, e também muitas das tartaruginhas são devoradas pelos mesmos inimigos antes citados; e, apesar disso, ainda agora se fazem tão rendosas colheitas: causa admiração o número destes animais, que ainda existem hoje, e deve-se dar crédito às tradições dos antigos índios ao dizerem que outrora o Solimões fervilhava de tartarugas, como de formigas os formigueiros. O Sr. von Humboldt calculou pouco mais ou menos que, para o total de 5.000 potes a 25 botijas, cada, que se preparam anualmente, nas três ilhas do Orinoco, são necessários 33.000.000 de ovos produzidos por 330.000 fêmeas. De diversos colhedores práticos, que exploram as praias no Solimões, ouvi os seguintes números reduzidos: para um pote (que contém igualmente umas 25 botijas), calculam-se os ovos de 16 covas (supondo-se uma média de 100, perfazem 1.600 ovos); o número de fêmeas cujos ovos, no Solimões, são anualmente transformados em manteiga, importariam, portanto, avaliadas com rigor, em 240.000. Tartarugas adultas, anualmente matadas no Solimões, montariam a 20.000, e o número total que vivem nesse rio e nas suas águas interiores montaria no mínimo a 2.000.000. Estas grandes cifras são alegadas pela incúria dos habitantes, quando lembrados da possibilidade de esgotar-se essa rica fonte de alimentação.



Tab. 52.

ASTROCARYUM lauri.

LEOPOLDINIA pulchra.

*Riacho da cachoeira, nas cercanias da Barra do Rio Negro;
“...procurei esboçar o aspecto daquela solidão adorável”
(Martius, Genera et species palmarum).*

Aliás não há dúvida de que o sistema atual as exterminará, não obstante toda a produtividade desses úteis animais; e o governo procura, por esse motivo, coibir ao menos as irregulares caçadas, que sofrem as posturas e os animaizinhos, ao saírem da casca, por parte dos índios nômades. Costumam estes também secar grande número de ovos para guardá-los como provisão. Fazem isto ou ao fogo (em moqué^m)² ou ao sol (*urubu-moqué^m* “secar ao modo dos urubus”). O ovo seca, perdendo dois terços de seu peso, e toma sabor oleoso repugnante. Como a época da postura dura um mês inteiro³, conservam-se os índios, assim como os demais colonos, na vizinhança do rio, por esse tempo todo, e colhem, quando podem, apesar das patrulhas, cestos inteiros das tartaruginhas recém-nascidas para comê-las, ou assadas de espeto ao fogo ou em caldo gordo. Estes pratos são, sem dúvida, os mais saborosos que o reino das águas oferece. Para a diminuição do útil animal concorrem também os já citados inimigos, as cobras e as onças, que todas perseguem gulosas a ninhada inerte, quando esta se dirige para a água. Por mais de uma vez vi na margem arenosa formigarem esses bichinhos, e alguns jacarés velhos deitados à espreita, na praia, para abocanharem os inexperientes que se atreviam na goela escancarada. As tartarugas adultas são em grande parte apanhadas nesse período, quando voltam das praias, e são conservadas na margem em taipais. Chamam-nas

-
2. A palavra *boucaner* = aventureiro que come carne moqueada, vem de *moqué^m*, *moçãem*. Os índios expõem ao fogo, de quando em quando, a provisão de carne seca para preservá-la da podridão.
 3. Para a história natural da tartaruga, ainda há o seguinte: a cópula faz-se do mesmo modo que entre as rãs, e não no rio; mas nas águas vizinhas. Segundo afirmação dos índios, as fêmeas ficam quase um ano inteiro prenhes. Nem todos os ovos, que elas põem, são fecundados; esses contêm então muito menos gema e relativamente mais clara. Encontram-se não somente alguns não fecundados, entre os fecundados, mas por vezes covas cheias deles. Só os fecundados (ovos de manteiga) é que são postos a secar pelos índios. A maioria dos ovos são esféricos; os de forma um tanto alongada dizem que contêm machos. Quarenta dias depois (segundo outros, um mês), da postura, o filhote, favorecido sem dúvida no seu desenvolvimento pelo acesso de ar na areia, e pelo calor do sol, quebra a casca e labuta para sair da areia, correndo depressa para o rio (onde, na opinião de von Humboldt, eles são guiados por forte sensação para o lado aonde vem o ar mais úmido). Deve-se supor que o calor médio da areia, onde os ovos são chocados, corresponde ao calor de choco, que realiza o desenvolvimento do ovo de galinha (33° a 34°R.).

de “gado do rio”, por serem o manjar de carne mais comum em todo o curso do Amazonas, e um ou diversos pratos dessa carne não faltam em mesa bem servida. As tripas derretidas dão igualmente uma gordura saborosa, que se emprega no preparo de certos pratos. Também a outra tartaruga, a tracajá (*Emys tracaja* Spix) é utilizada do mesmo modo.

Aliás ela é mais da metade menor do que a outra, e petisco menos abundante. Também ela não vai em grandes bandos às praias de areia para a postura, mas procura sozinha o lugar do choco, e põe apenas de vinte e cinco a trinta ovos. Dizem que vive em monogamia. De nenhum desses animais se obtém a tartaruga própria para a manufatura de objetos.

Durante a noite, na praia de Guajaratuba⁴, fomos perturbados pelo ininterrupto ruído da multidão aqui reunida que se entregava a uma bebedeira desenfreada. Muito poucas vezes se veem os moradores destas regiões reunidos em tão numerosa companhia; e nessa ocasião a sociabilidade manifesta-se então em descordados excessos, os quais o governo tem debalde tentado reprimir.

Ao raiar da madrugada, fizemo-nos a vela, favorecidos pelo vento de leste, ao longo da margem meridional a montante, e evitamos assim a corredeira de Jurupari-Pindá (Anzol do Diabo), na contracosta. Cerca de umas duas léguas acima daquela praia, avistamos a foz do rio Purus, que, numa largura de quatrocentas a quinhentas braças de águas esbranquiçadas, mistura com as do Solimões.

Era atualmente fraco o seu curso (**Nota I**). Segundo notícias de Acuña, eram antigamente muitíssimo povoadas as margens desse rio; menciona ele, em particular, os cochuiaras, aos quais se atribui expressamente o cultivo do milho e da mandioca. As matas ao longo das margens baixas são densas e enredadas; e não encontramos aqui, como em parte alguma, vestígios de antigas plantações; somente o grande número de palmeiras pupunhas, nas matas do continente e das numerosas ilhas, pode talvez

4. Guajaratuba ou Guajaratiba, isto é, o “lugar onde cresce a árvore guajará” a icica (*Chrysobalanus icaco* L.). O arbusto de densa folhagem ou árvore, aparece, aqui e acolá, à margem do areal; e os índios comem-lhe as cerejinhas alongadas, doces, embora um tanto ácidas. As combinações de radicais com “tiba” são muito comuns na língua tupi, por exemplo: Curitiba, “lugar dos pinheiros”; Guarupa-tiba “da árvore do paricá”; Comandatiba, “do feijão”.

ser considerado como um remanescente daquele tempo. Forma o Solimões, a oeste da foz do Purus, uma grande baía, cuja correnteza pudemos evitar, atravessando para a margem norte, por entre ilhas baixas cobertas de arbustos, embaúbas e juncos. Na boca do lago Anori, passamos uma noite úmida, atormentados em nossas redes, e de modo mais atroz, pelos mosquitos. No lago Anori são abundantes as tartarugas, razão porque o governo aqui estabeleceu um pesqueiro que despacha, duas vezes por mês, 150 animais para Barra do Rio Negro. A praia fervilhava de toda a espécie de aves aquáticas, que justamente acabavam de efetuar a postura de ovos, e voavam em círculos baixos, soltando gritos angustiosos. Restos de onças e de jacarés, que, atraídos pela quantidade de presa, percorrem incessantes as praias, encontramos muitos e foi preciso manter acesas grandes fogueiras de bivaque, para prevenirmos qualquer assalto noturno, fogueiras que nós mesmos tínhamos que ativar, em vista da incúria dos índios. Apesar de tudo, foi o acampamento aterrorizado, antes da madrugada, pelo ataque de um grande jacaré, que vinha em perseguição das galinhas e só com a gritaria unida dos índios pôde ser espantado.

Daí em diante, aumentava geralmente o número desses monstros no rio cada vez mais; em grandes bandos, jaziam na praia ou nadavam pelas águas tranquilas das enseadas. Por isso só nos arriscávamos a tomar banho em água rasa, onde fazíamos os índios formar um círculo em torno de nós. Entre eles, havia alguns, para quem a luta com um jacaré era divertimento. Atiravam-se com um cacete numa das mãos e na outra um facão comprido, às enseadas tranquilas do rio, nadavam ao encontro do monstro, mergulhavam diante dele, e com o facão abriam-lhe o ventre. Como a primeira vez recompensamos com um garrafão de cachaça essa proeza heroica feita sem conhecimento nosso, foi necessária, depois, uma proibição expressa, para que não se repetisse.

A ilha, onde pernoitamos, como todas as vizinhas, tira o nome do furo de Cuchiudara, que a oito léguas a oeste do Purus, liga este rio com o Solimões e, ainda mais a oeste, comunica com dois semelhantes braços de água, o Cojuuaná e o Aru ou Aru-paraná. A mais ocidental dessas junções com o Solimões dista ao menos umas vinte léguas do Paratari, a mais oriental. Não se deve atribuir as suas origens só ao Purus; em rigoroso sentido, não são deltas de afluente, pois para a sua formação concorrem rios independentes, como o Paratari e o Aru, ou também o próprio rio

principal, que durante enchentes altas corre por esses canais para o rio Purus. Mesmo se dessa singular distribuição e ligação das águas segue que o plano em que elas correm deve ser superfície quase horizontal, por outro lado também parece necessária a elevação do terreno em ondulações entre esses cursos d'água (pois, a não ser assim, as águas em tais embocaduras deveriam formar lagoas rasas) e daí a razão das violentas corredeiras que se encontram, ora à margem da terra (*ibi-retê*) ora nos canais (*paraná-mirim*), entre as ilhas. Tal corredeira existe a oeste de Anori, no lado setentrional, na enseada de Araúna-Coara, motivo por que navegamos ao longo da contracosta a montante, até que, na tarde do dia seguinte, aproamos na segunda ilha de tartarugas, a praia das Onças.

Aqui encontramos uns 350 homens ocupados com o preparo da manteiga, e tinham em diversas barracas vários artigos necessários expostos à venda. As praias de manteiga (em tupi *çaiba-ibicuí*) oferecem aos colonos, que vivem espalhados, todas as vantagens de uma feira. Também antes acudiam, sobretudo à outrora excepcionalmente rendosa praia do Jurupari, os negociantes do Pará, agora substituídos pelos mercadores da Barra do Rio Negro. A mistura de gente de todas as cores era aqui ainda maior do que na praia de Guajaratuba, o movimento aumentou com a presença de um oficial da Barra, nomeado capitão da praia pelo governador e o conjunto apresentava interessante espetáculo.

Entre os índios estavam diversos da horda dos purupurus, que ofereciam seus serviços, como serventes, durante o período da colheita dos ovos, em troca de um machado ou de um côvado de tecido de algodão. Dois deles estavam atacados de doença de pele singular que seria hereditária entre eles e considerada pelos demais como marca da tribo. Todo o corpo parecia semeado de manchas escuras, irregulares, de diferentes tamanhos, em geral arredondadas, isoladas ou reunidas constituindo um aspecto repugnante. Essas manchas pareciam ao toque como leve endurecimento da pele, e não mostravam separação eczemato-sa, bem que a superfície delas era desigual e mais seca que a do resto da pele. A margem em torno era, quase sempre, mais pálida do que a pele sã, mesmo quase branca, mas, pela inflamação, tomava tonalidade mais escura, de sorte que esse tom esbranquiçado parecia ser o primeiro grau da doença. Ambos esses indivíduos demonstravam constituição forte e tendência para obesidade, sem outra qualquer anomalia; porém, mais

rigoroso exame nos fez verificar que traziam o fígado inchado, e mesmo num ponto doloroso ao apalpamento. Como nos interessávamos muito por essa circunstância, nos veio de moto próprio terceiro índio da tribo catauixis, apresentando idêntica anomalia. Tinha ele em particular, no rosto e no braço grande quantidade de manchas e pontos esbranquiçados. O homem parecia caquético; era muito magro e tinha extraordinariamente forte crescimento da cabeleira. Embora também essa doença da pele deva ser hereditária, nos recém-nascidos, ainda não se mostra e sim somente ao entrar na puberdade. Segundo Ribeiro, seria mesmo contagiosa. Sobre as causas dessa deformação feia da pele, só posso apresentar hipóteses. Os próprios índios creem que esse mal está no sangue das tribos dos purupurus⁵, catauixis e amamatis, e chamam-nos provavelmente, por isso, de malhados ou pinipinima-tapuias⁶. Deve-se possivelmente procurar sua origem na vida quase anfíbia desses indígenas, na má alimentação, e no costume de se untarem amiúde com a gordura de jacaré ou do peixe-boi (**Nota II**).

Diversos dos colonos presentes diziam ter observado que a água do rio já estava de novo crescendo; mas tratava-se apenas de enchente passageira, das que acontecem de quando em quando, durante a baixa das águas e antes da cheia, e a que no país chama *repiquete*. A causa de tão transitória elevação do espelho das águas, devo talvez procurá-la no fato de alguns dos grandes afluentes acarretarem as suas cheias precisamente para o Solimões, quando este está com o seu nível baixo. Devido à colossal extensão do leito do rio, essa afluição maior de águas nota-se apenas por pouco tempo, e as margens, que de novo estavam alguns pés debaixo da água, reaparecem pouco depois banhadas de fresco. Pudemos fazer essas observações nos últimos dias, quando os barrancos abruptos (ou meios-barrancos, como são chamados com a atual altura da água) ostentavam as

-
5. Araújo e Amazonas menciona também a tribo purupurus, na região do Solimões. Stradelli explica minuciosamente o que é a doença da pele, chamada purupuru. Acaba dizendo que “para algumas tribos, o ser foveiro é sinal de distinção, e as manchas consideradas como as imagens das estrelas, com que são assinalados os escolhidos pelo sol”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)
 6. Pinima, em toda língua tupi, quer dizer “mosqueado”. Pinipinima, portanto, quer dizer salpicado de pintas ou de manchas. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

mais belas tonalidades das diferentes camadas de argila, que se alternavam como fitas, umas sobre as outras⁷.

Foi-nos desagradável a demora na praia das Onças, pelas exalações repugnantes que os ovos de tartaruga apodrecidos espalhavam longe. Além disso, sofríamos todos de tremendo calor. Até os próprios índios pareciam afetados; corriam rápidos, quanto lhes era possível, sobre a areia quente da ilha, e, quando não tinham trabalho, metiam-se dentro das camadas mais frescas. Depois que partimos da ilha, tivemos que arrostar uma forte trovoadas, à qual se seguiu, entretanto, uma fresca aragem de leste, de sorte que pudemos armar a vela, com cujo auxílio alcançamos um dia depois a terceira ilha de tartarugas, a praia do Jurupari (*Jurupari-ibicuí*). O nome do mau demônio figura frequentemente na denominação de lugares dos índios. Aqui, segundo contam, esse inimigo da raça vermelha puxou para o fundo uma canoa com pescadores e daí o nome dado ao lugar. Há alguns anos passados a praia do Jurupari fornecia vários milhares de potes de manteiga de tartaruga. Atualmente a produção é muito menor. Diziam os nossos índios que as tartarugas depois das perseguições sofridas aqui, se haviam mudado para o próximo grande lago de Codajás e pelos seus rios próximos, por exemplo,

7. Esses barreiros são em geral cobertos de uma camada de areia solta de dez a vinte pés de altura e estendem-se provavelmente para baixo em igual profundidade, do mais baixo nível da água. Aparecem aqui e acolá, por cima ou por entre o grés avermelhado de granulação fina ou matizado de vermelho, branco, ou cinzento, que desde Óbidos encontramos como formação dominante. A cor das argilas é de modo pouco comum variada, violeta, amarela, vermelha, cinzenta, branca ou cinza esverdeada. Expostos longamente ao sol, endurecem tanto que poderiam ser utilizados como pedras de construção. Os índios empregam de preferência as qualidades mais finas, que não contêm partículas de areia, para tingir seu algodão, para rebocar paredes e pintar utensílios de madeira; como acompanhamento dos pratos de mandioca e de peixe, nunca vimos comer-se outra coisa senão a argila cinza esverdeada, plástica, que forma ao que parece muito novos depósitos e extratos por cima e entre as camadas tão belamente coloridas (**Nota III**). Mais interessante ainda para nós foi a existência de grandes pedaços de pedra-pomes (em tupi *ita-bubú*), que os nossos índios encontravam ora isoladas, ora a modo de núcleo, acamadas na areia. Veem-se, daqui para oeste, flutuando espalhadas por toda parte no rio, ou arribadas na margem. Parecem descer sobretudo pelo Napo-Içá e Japurá, para o Solimões e, sem dúvida, foram lançadas pelos vulcões de Quito e Popaian.

o Unini e o Guijuni, no rio Negro. Da primeira boca (a oriental) do precipitado lago, de quase três quartos de hora de largura, até à do lago de Coari, que alcançamos a 16 de novembro, não avistamos o rio quase nunca unido num leito só. Por todos os lados, divide-se ele, na largura de uma e meia a duas horas, em canais (*paraná-mirim*) por entre numerosas ilhas baixas e cobertas de arbustos. Majestoso é o aspecto dessa enorme superfície de água, derramando-se em todas as direções, no meio da mais pujante vegetação. Tínhamos que arcar, ora com corredeiras, ora com baixios, de sorte que, atacados, além disso, por todas as espécies de mosquitos, pairando em nuvens densas sobre nós, essa demorada navegação ameaçava esgotar também a mais estoica paciência. Mais que as outras, as noites passadas nas praias de Juçara e Urutari foram um tempo de tormento e de terror; pois que, vencidos pelo sono, que nos tornou insensíveis às picadas daquelas harpias, assustaram-nos os gritos dos vigias, atacados por grandes e extremamente audazes jacarés ou por onças. Achávamos-nos agora entre as ilhas dos Solimões ou iorimaús⁸, como os denomina o padre Acuña, que fez desta tribo, como a mais poderosa em todo o rio, uma descrição muito favorável. Atualmente não existe vestígio algum de povoamento indígena, nem nas ilhas, nem no continente. Em muitos lugares, encontramos densos bosques de cacaeiros; e, nos pontos mais elevados, havia grande número de palmeiras pupunha, indício duvidoso de cultivo antigo neste ermo, entregue de novo à força criadora do reino das plantas. Quanto nos alegramos, portanto, ao avistarmos as barrancas mais altas de argila ou de grés vermelho, coroadas de matas, na boca do lago de Coari destacar-se na uniformidade da paisagem! O escoadouro desse lago alarga-se ao sul de duas ilhotas, numa grande bacia de quase duas léguas de largura e seis de comprimento. As suas margens mal se elevam, e são

8. Já em outro lugar chamamos a atenção sobre a sinonímia dos vocábulos sorimão-sorimões e iorimaús. A última palavra provavelmente é derivada de iurú = boca, e aba ou ava = homem, pela transformação de aba em aua ou água, como aconteceu na palavra omáua ou omagua. Variações deste tipo ocorrem frequentemente na língua guaranítica, como p. ex. jauareté ou jaguaretê = onça; tauá ou taguá = amarelo. lurú-m-auá assim significa boca-homem, porque eram tatuados em redor da boca. Formado de maneira igual é o vocábulo iurupixuna = boca preta. Aliás, é muito estranho que nem Acuña, nem seu comentador Pagan, dizem uma palavra sequer dos distintivos nacionais das diferentes tribos do Amazonas.

revestidas, na praia, de arbustos e, mais no interior, de alras matas virgens. Achamos as suas águas bastante claras, de um tom esverdeado (daí o nome de *lac-vert*, no mapa de l'Isle para Acuña). A correnteza atualmente é muito fraca. Em geral é pouco fundo, particularmente junto das margens, de sorte que, nas mais fortes secas, apenas resta um canal navegável para o lugar de Alvelos, situado a três léguas do interior, à margem oriental do lago. Havíamos navegado apenas a metade do caminho para essa povoação, quando se fez uma noite tenebrosa em torno de nós; e, como o menor pé de vento cavava ondas altas, vimo-nos por muito tempo em perigo, até que grande esforço de remadas nos levou por cima dos baixios, ao porto, à meia-noite.

Alvelos, chamado Coari pelos índios, uma das missões fundadas pelos carmelitas⁹, abrigava primitivamente índios das tribos do Solimões, jumas, juris, passés, uaiupis, iripus, purus e catauixis. Os atuais habitantes, na recíproca mistura e convívio com os brancos, renunciaram à sua língua e outras particularidades de tribo. Achamos, nessa ocasião, apenas poucos moradores presentes, pois a maioria dos homens estava longe nas caçadas ou no preparo da manteiga de tartaruga. Aliás, já desde tempos minguava continuamente a população do lugarejo. As bexigas e muito recentemente febres intermitentes malignas, causadas pelo transbordamento do lago, dizimam de quando em quando a população, que, sem o socorro médico, ainda mais depressa sucumbe (infelizmente, em toda a Província do Rio Negro não há um médico diplomado). Entre os índios presentes, conhecemos dois, mostrados pelo padre, ambos de mais de cem anos de idade, e, apesar disso, ainda de incrível robustez e vivacidade. Em relação com a particular impassibilidade e indolência dessa raça de homens está a peculiaridade de só tarde envelhecer e perder os dentes. Mesmo no andar não revela o índio a idade, pois também os companheiros mais novos da tribo costumam caminhar curvados para a

9. Monteiro informa que a povoação, primeiro fundada em Paratari, daí foi transferida para a Ilha de Guajaratuva, depois para a costa de Guanamá, e finalmente para aqui. Tais mudanças de localidade deram-se com muitas colônias no Amazonas, pois ulteriores experiências a respeito de clima, condição do solo, tráfico comercial, vizinhança de índios hostis, ou a praga dos mosquitos, e igualmente a tendência do domicílio. Num país que parecia conter, por toda parte, riquezas quase desconhecidas e onde tão pouca despesa é necessária para se obter um teto, tal propensão é duplamente fácil de explicar.

frente e com passo miúdo. As casas, ou antes as pequenas choças cobertas de folhas de palmeiras, perfilam-se em linha irregular, ao longo da margem baixa, não revestida de vegetação alta, suja e enredada do Amazonas e Solimões, mas com bonitos arbustos, tendo num e noutro ponto campinas abertas. Só quem já experimentou a impressão sombria de tais florestas intermináveis, pode compartilhar a sensação de liberdade e bem-estar que se apodera do viajante, ao ver-se nesse novo ambiente. Estes lugares claros não se formaram pelo corte da mata virgem, mas espontaneamente. O aspecto conjunto de sua vegetação assemelha-se perfeitamente aos chamados capões (“ilhas”, do tupi *caapuam*, propriamente “mato redondo”) de Minas. Também nos apareceram, entre diversas plantas características (entre elas a *Blakea trinervis*, com suas magníficas flores semelhantes às rosas) outras já conhecidas de zonas meridionais. O firmamento parecia com menos nuvens, mais alegre do que até aqui, por cima do variegado tapete da vegetação de campo e de arbustos. Dizem, entretanto, que a região é sujeita a violentas trovoadas. Como quase todas as colônias ao longo do Amazonas e do Solimões, situadas nas proximidades dos afluentes meridionais, são sujeitas de maneira semelhante a tempestades, é lícito considerar como causa geral desse fenômeno o encontro de correntes de ar de diferentes regiões do mundo.

Durante a nossa estada em Coari, as excursões foram limitadas, por ser necessário deixar descansar a nossa própria tripulação, depois das fadigas sustentadas até aqui, e o sacerdote do lugarejo só nos dava contra vontade os poucos índios, então presentes ali, para nos acompanharem. Dois dias antes, um enorme jacaré, que vivia na vizinhança, e conhecido de todos desde muito tempo, havia virado a igara de um índio que regressava sozinho e o devorara. Vimos ainda como o terrível animal e sua cria brincavam com a cabeça do desgraçado, e toda povoação estava tão aterrada diante do horrível espetáculo, que renunciámos ao projeto de percorrer de canoa as margens circundantes do lago¹⁰.

10. Deságuam no fundo, além do próprio rio Coari, ainda dois outros rios menores, o Urucu-Paraná (rocou-. conforme outros oeraçu- = rio da ave grande) e o Arauá, ambos no lado ocidental. A geografia das regiões percorridas por eles é quase totalmente desconhecida. Só algum índio ou mulato, que mandamos buscar salsaparrilha ou cacau, não conhecem outro interesse, naveguem estes rios. O Coari, de águas pretas, seria navegável até trinta dias montante e já a alguns dias de viagem para o sul do

Partimos de Alvelos, com destino à vila de Ega, viagem que se faz subindo o rio, em quatro ou cinco dias e, rio abaixo, às vezes em meio dia. Mal o Lago de Coari desaparecera das nossas vistas, já de novo caíam sobre nós as nuvens de mosquitos. Devíamos considerar-nos felizes, por podermos passar a noite livres deles, na praia dos Surubins. Nessa região, elevam-se no rio as costas da Tauana e Tauá-Coara, barrancas íngremes de argila de cor e branca.

Desde que nos achávamos no Solimões, não raro nos apareciam pinturas feitas com tinta desses barros, pelos índios, nas portas das cabanas, nas canoas, nos remos, e semelhantes objetos. São muito grosseiras, executadas amiúde sem pincel, com o dedo ou pedacinho de pau. Toda sorte de arabescos, figuras toscas de homens e de animais, são os objetos dessas primitivas tentativas de arte. O que entre elas mais surpreendia era a contínua repetição de uma figura, que, entre toda a diversidade de coisas ao alcance da fantasia desses seres da natureza, era constante. É uma espiral de mais ou menos curvas dentro de um quadrado, e ligada a um dos lados do mesmo. Mais tarde, observei essa mesma figura gravada nas lajes de pedra às margens do Japurá. A significação de um desenho tão geralmente espalhado não me pôde ser explicada por nenhum dos índios, e eu vejo nele apenas um arabesco que eles continuam a empregar com o apego ao acostumado peculiar a sua raça. Talvez a figura queira imitar os redemoinhos produzidos pelas remadas na água ao longo da igara, ao menos acho-lhe maior semelhança com isso, e o olhar dessa gente anfíbia, volvido para baixo e cativado pelo surpreendente e contínuo movimento das águas, talvez fosse estimulado à imitação.

Os índios que daí em diante encontramos nas colônias cristãs, ou espalhados pelas margens do rio, patenteavam não só por tais tentativas na pintura dos objetos caseiros e nas paredes das igrejas, mas também por

Solimões correria por campos. Índios, que subiram ao longe no Urucu, teriam finalmente alcançado um rio maior, cujas margens mostravam a mesma vegetação do Solimões. Supõe-se que se trata do Juruá. Tal ligação, conhecida por Purus e Javari é provável em vista da baixezza do terreno vizinho. Aliás, as margens do rio Coari, mesmo na cheia do Solimões, não são inundadas a grande distância terra adentro, porque sua bacia, toda fechada em redor, além do escoadouro principal só se comunica com o rio por um canal de pouca profundidade, mais a oeste.

outras atividades, um grau de civilização e indústria que os distinguiu grandemente da incultura quase animal das tribos do sul do Brasil. Os seus utensílios e armas de madeira, finamente polidos ou pintados e enfeitados delicadamente com penas de pássaros, os trançados e louças de barro – tudo indicava uma espécie de perfeição, que só se adquire com diligência sossegada, quase cômoda. Também parecia que eles apreciavam os seus objetos, não meramente pela ideia de sua utilidade, mas com uma espécie de paixão. Custava-nos frequentemente persuadi-los a que permutassem essas armas e utensílios por artigos europeus. Isso acontecia, sobretudo, quando se tratava do veneno de flecha e das zarabatanas, com que eles sopram as pequenas flechas envenenadas, armas que primeiro vimos em Coari, mas daí em diante encontramos em toda parte no Solimões e nos seus afluentes. É verdade que esses objetos em parte não são fabricados por eles próprios, pois o veneno eles recebem de algumas populações do Japurá e do alto Solimões, peritas no seu preparo, particularmente os juris, passés, miranhas e tecunas; e as zarabatanas são igualmente, pelo menos em parte, negociadas dos vizinhos de oeste, de sorte que só lhes resta preparar flechazinhas e os carcasses para contê-las. É extraordinária a habilidade com que são manejadas essas perigosas armas¹¹. Um atirador experimentado,

11. O veneno de flecha *urari* (assim o ouvimos chamar no curso de toda nossa viagem como outrora Raleigh, no Orinoco, e não *curaré*, como na Guiana Espanhola, nem *woorara*, *wurara*, *wurah* como em Surinã) é o mais importante artigo de comércio dos índios. É vendido em pequenas vasilhas hemisféricas de louça de barro mal cozido (raramente em cabaças) muito conhecidas, que só contêm algumas onças de extrato negro, a princípio espesso, depois de todo endurecido. Essas vasilhas são fechadas com folhas de palmeira ou pedaços de entrecasca igual a pano *turiri*. Pela permuta, essa substância mortífera passa do Brasil e de Mainas, de mão em mão, até às mais remotas tribos dos quixos e macas nas nascentes do Napo e do Pastaza, e, além da cordilheira dos Andes, às províncias de Esmeralda, às de Barbacoas, e, a leste, às nações do baixo rio Negro. É distribuída igualmente no Orinoco pela Missão Esmeralda, onde o sr. von Humboldt lhe assistiu o preparo. As plantas que fornecem o ingrediente principal do mortal extrato, embora difundidas em vasta zona, não parece que sejam igualmente repartidas, mas apenas esporádicas; aí está a razão por que o preparo do *urari* é praticado só por algumas tribos ou hordas. Sem entrar aqui em detalhes de mais rigorosa investigação dessa espécie de plantas e de venenos, quero apenas fazer notar a grande área na qual se servem os autóctones da América do Sul dessa mesma arma de caça e guerra. Os selvagens da Guiana, grande parte do norte do Brasil, Nova Granada e Peru, servem-se

em cinquenta a sessenta tiros, não erra o alvo; e a força com que ele sopra a flechazinha é tão admirável como a ligeireza com que maneja a comprida e desjeitosa zarabatana, no meio da espessura da mata virgem. Pequenos

desse singelo veneno vegetal. E também no La Plata ele é conhecido. Cita Garcilaso de La Vega (*História de las Indias*, II, pág. 37) um veneno de flecha ali preparado que, entretanto, seria muito mais fraco, apenas faria efeito ao cabo de três dias e só mataria em 28 dias. A região dentro de cujos limites essas perigosas armas são empregadas, se não indica mais elevada civilização, patenteia, contudo, um traço distintivo e uma cultura que difere da das tribos daí excluídas. Sem dúvida, a outrora tão poderosa e espalhada tribo dos tupis precedeu em civilização aos selvagens que preparam o *urari* ou que se servem dele; os diversos sistemas de beneficiar a raiz da mandioca para farinha e outros alimentos, revelam tanto ou talvez ainda maior conhecimento de primitiva química; a despeito disso, os tupis, como muitos outros, menosprezaram as armas das quais também os fracos se podem servir; eles preferem as que exigem força rude e corajosa no seu manejo. As zarabatanas (*esgaravatanas, sarbacanas*, no Peru; *zarbanas, pucunas*, em Mainas) das quais compramos grande quantidade, feitas de diversas tribos, e que depositamos na coleção de Etnografia de Munique, diferenciam-se só pelo comprimento entre oito e dez pés, e na espessura que varia entre três e meia e uma e meia polegada na extremidade inferior. Somente encontramos zarabatanas feitas com haste muito fina de palmeira, que provavelmente pertenciam a uma espécie do gênero *Geonoma (ubirana)* ou talvez a uma *Kunthia*. A palmeira cresce no alto do rio Negro, no Uaupés e no Japurá, para lá das cataratas e, por vezes, é trazida tosca às outras tribos. Compramos essas hastes de palmeira em Barra do rio Negro. O interior, cheio de tecido celular tenro, atravessado por filamentos longitudinais, é queimado e a cavidade alisada; para este fim, os índios em geral racham a haste em duas metades iguais no sentido do comprimento. Na falta de instrumentos apropriados, pois todo trabalho é feito com uma faca de caniço ou com uma concha do rio, o polimento da cavidade é tão admirável como o é a direitura da arma, que frequentemente fica útil por mais do que uma vida humana. Uma vez ajustadas com exatidão ambas as partes, são coladas com resina e a superfície é toda apertada delicadamente e enrolada com casca preta de um cipó liso, cortada em fita. Afinal, aplica o artista índio, na extremidade inferior, uma embocadura mais grossa de pau vermelho liso. As flechazinhas, sopradas por esse canudo, têm, quando muito, um pé de comprimento, feitas de pau de palmeira, branco, leve, raramente da qualidade preta, pesada e com mais ou menos rigor arredondadas. Na ponta o veneno mortal é aplicado no comprimento de uma polegada, em camada tanto mais fina e com tanto mais cuidado, quanto mais caro é. Entre as tribos que preparam elas próprias o *urari*, feixes inteiros de flechazinhas são mergulhados de uma vez no extrato líquido ainda fresco e então são secos ao sol; entretanto, os índios que recebem de longe o veneno, amolecem-no com água e suco de limão azedo (dos pequenos) e com uma pena aplicam camadas finas à ponta da flechazinha. Os carcasses

mamíferos e aves são de preferência caçados desse modo, entretanto, também usa o índio a sua esgaravatana contra a anta ou a onça. As tribos que se guerreiam com flechas envenenadas dão preferência ao dardo para isso. O efeito mortal da flechazinha envenenada depende da força de penetração, da idade e do grau de umidade do veneno e do lugar do ferimento. Quanto maior for o contato do urari com o sangue da caça, tanto mais segura e rápida é a ação do veneno. Eu vi bois estremecerem e tombarem em transes de morte ao cabo de quatro minutos, ao passo que, em outros casos, um macaco ou um caititu, menos mortalmente feridos, resistiram três vezes mais tempo à ação do veneno. Geralmente espalhada entre os índios, é a crença de que a caça morta pelo urari é mais saudável do que outra qualquer. Que tem um sabor especial, pudemos diariamente verificar, pois nunca faltavam mutuns nem papagaios e porcos, que os nossos caçadores entregavam à cozinha. A morte rápida e a ação específica sobre a quantidade total do sangue talvez produzam tal mudança no sabor, semelhante ao que dão os nossos cozinheiros à carne, deitando vinagre fervente pela boca de animais ainda vivos.

O rio nesta região é todo semeado de ilhas maiores ou menores, nas quais se repete a vegetação arbustiva característica de oiranas, *Salix humboldtiana*, *Cecropia*, murtas, entrelaçados com vários cipós. Bosques da palmeira, de espinho jauari¹² alternam, com os troncos isolados da esbelta

são ora de trançado e revestidos de pez ou de verniz, ora de uma muito bela madeira vermelha esculpida com extrema paciência, com tão delicado labor, que se diria obra de um artista torneiro. Esses carcasses são um dos característicos com que se distinguem as diversas tribos. É raro levar consigo, o índio, grande provisão de flechazinhas envenenadas; mas prepara, antes da caçada, a porção necessária presumível, envolvendo a extremidade inferior com alguma felpa de samaumeira ou do algodoeiro. Isto serve para encher a zarabatana, a fim de que a flechazinha seja expelida com toda a energia de sopro do caçador. O peso da flechazinha, avaliado cada vez no momento do emprego, é aumentado com algum barro úmido, que o índio leva guardado num osso frontal de pequeno mamífero, e que é aplicado na parte inferior da flecha, na ocasião do tiro. Esta parte dos apetrechos de caça, assim como a bolsa feita da entrecasca de *turiri* para essa felpa, pende do carcás, que eles suspendem no pescoço.

12. Jauari (avari) ou iauari é a *Astrocaryum javary*, palmeira de espique espinhoso, que prefere os igapós e margens baixas do Amazonas. Eis o que diz dela Stradeli (*Vocabulário*, pág. 463):

palmeira açai¹³, e emprestam à paisagem um cunho de pujante natureza tropical. Navegamos a montante, pela margem meridional, em geral por igarapés rasos, ao passo que o rio principal, a mãe do rio, se conservava no meio, por entre ilhas. A largura total da caudal pode, na média, importar numa ou numa e meia horas. Do lado setentrional, deságua aqui no rio o Copeá, antes tido como uma terceira foz do Japurá, porém propriamente um desaguadouro do lago Amanã que, de fato, está em comunicação com aquele rio, mas é uma bacia independente. Enquanto avançávamos pelo canal de Arauana-hí (água do peixe arauana), à margem meridional, foi mandado um bote a essa embocadura, para apanhar peixe, que agora, com a gradual enchente das águas, começava a escassear no Solimões. Trouxeram-nos no dia seguinte uma carga dos mais diversos peixes. Durante a cheia do rio, a pescaria em toda a região do Amazonas não é feita nele próprio, mas somente nos seus afluentes e lagos, para onde acode a maioria dos peixes em cardumes regulares.

Atualmente o rio, aqui e acolá, fornecia ainda ovos de tartaruga, em particular na praia de Camará-Coari, à margem setentrional, onde vimos panejar a bandeira real e muitos homens atarefados. Nos pontos onde pequenos bandos de tartaruguinhas rastejavam fora da areia, estavam reunidos bandos inteiros de cegonhas e urubus. Mais adiante, rio acima na margem sul, encontramos vastos bosques de cacauzeiros bravos, que davam já de longe sinal de si pelo verde-escuro, pela altura e copa uniformes. Dizem que outrora aqui se domiciliaram os curuzicaris ou corosirares, tribo de cujo número e habilidade no preparo da louça de barro trataram circunstanciadamente Acuña e seu comentador, Pagan. Apenas achamos na mata uma ou duas choupanas, habitadas por índios mansos, porém nômades e somente o nome de *uara-tapera* (lugar abandonado

“Das folhas se extrai uma fibra assaz resistente, de que os ipurinas do rio Purus tecem suas redes de dormir. A fruta, que amadurece com as primeiras águas da enchente, é comida muito procurada pelos tambaquis. Do espique se fazem estacas, mas de não muita duração.”

Quanto ao rio Javari, Teodoro Sampaio fá-lo provir de yauá-r-y, “o rio da onça”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

13. É a *Euterpe edulis* (Martius) peculiar do norte do Brasil, e da qual se faz no Pará o tão elogiado vinho: “Quem for ao Pará parou; Bebeu açai, ficou”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

pelos senhores), assim como a presença dos cacauzeiros que costumam proliferar na vizinhança de antigas moradas, parecem lembrar que ali existiu, em tempos passados, uma maior população¹⁴. Mas embora todos esses índios tenham desaparecido sem deixar vestígios, ainda é exato o que diz Acuña da paisagem: ao sul do rio ela se eleva e mostra um grés avermelhado, ou barrancas escarpadas de barro, a que já nos referimos, e, mais para o oeste, as de Tabatinga (barro branco) e Mutum Coara (lugar dos Mutum). A costa norte, Carapanatuba, é mais baixa. As margens íngremes de Muturn Coara elevam-se a quarenta ou até cinquenta pés, e dizem que no interior formam uma região alta, montanhosa, que não é coberta de mata, mas de vegetação dos campos. Nessas pastagens, a expedição de Orellana teria encontrado grandes mamíferos, desconhecidos dos índios; e sem dúvida, para ali imigrados do Peru. Recentemente, ninguém havia visto esses animais; mas, na falta de outras tradições importantes, esse fato não estava ainda esquecido entre os índios. O gado bovino europeu espalhou-se com quase incrível facilidade nas planuras

14. Os nomes das populações indígenas, que Acuña nos deixou, parecem na maior parte ser incorretamente grafados e muitas vezes tão difíceis de decifrar como suas indicações sobre o tamanho da povoação de concordar com a verdade. As choupanas desses curuzicaris teriam formado no ano de 1639, tempo da expedição do P. Teixeira, uma fila ininterrupta de milhas na margem do rio e apesar disso, em 1709, o número dos índios ao longo do rio era tão reduzido que o pe. Fritz se viu obrigado a estender sua propaganda espiritual desde Mainas até aqui a fim de obter algumas centenas de catecúmenos. As informações exageradas de Acuña acerca da povoação não favorecem uma opinião boa sobre sua autenticidade. Aliás, era familiar talvez com o quíchua (peruano), porém dificilmente com o tupi brasileiro. Talvez os seus curuzicaris fossem apenas uma horda dos tupinambás, porque, ao que parece, a palavra se compõe de coaraci = sol e jara ou uara = senhor, homem, ou seja, homem do sol. As terminações em uara ou ares em nomes de povos significam distinções entre hordas. Que a terminação aris, usada por Acuña tem o mesmo sentido, deriva de suas próprias palavras, quando chama os índios cavadores de ouro de iuma-guaris (ita = pedra, iuba = brilhante, uara, isto é, homens metal). Muitos nomes nos mapas desenhados de acordo com o relatório d'Acuña, como p.ex. de DE L' ISLES do ano 1717: cachig-uaras, carigu-eres, cumai-arís, guacui-arís-, guac-aras, iacuma-aras, cuchiu-uaras, agua-iras, canisiuras, pacaiaras são sem dúvida de origem semelhante e distintivos de hordas individuais dos tupis ou nomes com os quais o intérprete designava povos ou hordas distintas na língua tupi. Semelhantes são as composições com aba ou ava

ervosas sul-americanas, tanto ao sul como no norte do Equador. Quando interrogamos índios que haviam empreendido longas viagens, eles quase nunca se referiam aos pastos naturais, sem citar ao mesmo tempo o gado bovino bravo, que ali pastava. Assim passaram os bois das Missões do Paraguai e das províncias de Moxos e de Chiquitos aos campos que se encontram aqui e acolá, entre as nascentes do Javari, do Coari e Juruena; dos campos no Rio Branco, o gado dispersava-se, por vezes, pela região da serra do Parima; e, nas savanas ao norte de Macapá, mataram touros marcados a ferro, talvez desgarrados de Essequibo ou das missões dos monges catalães, no Alto-Caroni. Dois dias de viagem, nos quais vencemos cerca de doze léguas, levaram-nos à foz do pequeno rio Catuá, ou Catual, nome com que, em diversos mapas antigos, é designado o Coari. O terreno parecia aqui mais baixo, desigual, e revestido de densa mata da qual se destaca, aqui e acolá, uma gigantesca samaumeira. Menos as plantações naturais de cacauero e salsaparrilha do que a abundância de peixe nesse pequeno rio e nos mais ocidentais, Camuçua e Caiambé e no Jutica-Paraná (rio das batatas; na realidade, é um lago), que determinaram os nômades muras a domiciliar-se nessas regiões. Avisaram-nos de seus assaltos e depredações e, por isso, dispusemos sentinelas durante a noite; mas fomos inquietados apenas pelos mosquitos.

No Jutica-Paraná, estava montada uma feitoria para pesca dos peixes-boi, que justamente agora, com o crescimento das águas, devia ser equipada de Ega. O Solimões, nestas paragens, reparte-se por entre inúmeras ilhas e espraia-se em mais de uma légua de largura. Deveras imponente é o aspecto do enorme rio; um labirinto de impetuosas corredeiras, que, ora menos, ora mais rápidas, se derramam por entre a viçosa espessura, acima da qual campeiam os ondulantes penachos da palmeira açai, ou as esguios troncos das embaúbas, com a sua folhagem esbranquiçada, ou as gigantescas paineiras. Navegamos a montante, pelo braço mais meridional do rio. A 25 de novembro, alcançávamos afinal a foz do rio Tefé. Abre-se limitada a leste por uma barranca de argila escarpada, a oeste por uma

= nação. É conhecido que os índios distinguem suas hordas e famílias por nomes de vários animais e plantas como, por exemplo, paca-jares, iacuma-ares, (remadores) nhenga-iba (aba) = língua-homens, isto é, homens da mesma língua. Facilmente um escritor espanhol alterava a terminação aba ou aua em águas.

ilha baixa, para ostentar o soberbo espetáculo da vasta bacia, na qual o rio Tefé se espraia. O majestoso lago tranquilo, com suas praias de areia alva, limpa, e mais para o interior, cercado de pujante mata, cuja fronde se arqueia imóvel em cúpula no azul do céu, dava impressão extremamente aprazível. Apenas ali entramos, atraíu-nos um espetáculo de gênero inteiramente diverso. As águas pretas sossegadas do lago eram habitadas por numerosos jacarés, que pareciam viver juntos, pacíficos como numa família. Entre eles, estavam os maiores, que até aqui tínhamos visto: de vinte e mais pés de comprimento. Muitos ficavam imóveis na água, outros nadavam em torno ou para o nosso lado, e não pareciam assustar-se com a embarcação, até eram para ela atraídos. Um dos maiores veio para nós em linha reta e tão decidido, que um índio, então na proa, receou que ele quisesse tentar subir. Assentou-lhe uma cacetada, mas o monstro não se deixou desviar, apanhou com a boca a mão estendida e segurou-a felizmente com um só dente, de sorte que apenas pôde arrancar a unha e a carne de uma falange. Só depois de alguns tiros de fuzil na espessa couraça, semelhante à casca de árvore, o animal desistiu da perseguição, sem estar, entretanto, ferido. Prosseguimos então viagem para a vila de Ega¹⁵, distante perto de duas léguas da foz do rio Tefé. Desde a partida de Coari, todas as tardes haviam sido assinaladas por violentas tempestades e agora também o céu se nublava de repente, forte vento de oeste cavava o lago, e obrigava-nos a seguir com a vela colhida ao impulso das ondas, tomando tal violência que estivemos em risco de ir a pique. Fizemos portanto tocar a embarcação para uma ponta de terra de mato fechado, que alcançamos levados por tão altas vagas, que, ao invés de encalhar na areia da margem, fomos dar sobre os galhos estendidos de uma árvore baixa, que a ventania inclinara no momento sobre a água. Ficamos assim suspensos no ar, e, só graças a esforços concentrados da tripulação, que pulou fora, conseguiu-se prender a canoa à árvore, com cabos, contra o choque tremendo das ondas, até passar o temporal e podermos restituí-la no seu elemento, abatendo os galhos mais fortes. Pernoitamos nesse lugar, e, na manhã seguinte, chegamos à meta da viagem, onde também já estava o argento, com a nossa canoa grande.

15. Hoje Tefé.



Escavação e preparo dos ovos de tartaruga, na praia de Guajaratuva. Os ovos da grande tartaruga terrestre (Emys amazonica) contêm quase que só gema a qual, purificada ao calor do fogo, é usada em todo o Grão-Pará, em vez de azeite e manteiga, na economia doméstica. O povo colhe-os, sob a fiscalização do “capitão da praia”, nos lugares arenosos das margens fluviais ou das ilhas, onde as tartarugas costumam pô-los aos milhares. Esses lugares são repartidos entre os colhedores. Os ovos são quebrados mesmo nas embarcações, o seu conteúdo despejado em caldeirões e, finalmente, em panelas de barro.

A vila de Ega, chamada de Tefé pelos índios, está situada na margem oriental desse alargamento em forma de lago do rio Tefé, justamente no ponto em que apresenta a sua maior largura, de uma milha alemã. Um regato, vindo do continente a leste, banha a várzea, e assim divide em duas partes desiguais o terreno, que se eleva em anfiteatro. As casas da vila de Tefé¹⁶, numa rua ao longo da margem, são todas de um pavimento só e construídas de taipa, com venezianas de madeira às janelas em vez de vidraças, e cobertas de folhas de palmeira. Só pelo tamanho e pelas fechaduras das portas é que se diferenciam das choças que tínhamos visto em muitas aldeias de índios. Elas formam uma rua irregular, ao longo da margem do lago, algumas viradas de lá para dentro e formando praças livres em volta da igreja e da casa do comandante militar, a única que tinha uma varanda como as casas de campo do Pará. O número de habitantes deve montar a umas 600 almas. Apesar dessas circunstâncias, ouve-se designar Ega como a corte do Solimões, nome que pôde ter merecido apenas na ocasião em que a última Comissão de Limites luso-ibérica, reunida (de 1782 a 1788), aqui estava estabelecida com o seu quartel-general. A presença então, de muitos estrangeiros do Pará e de Mainas produziu desusada animação, e comércio relativamente considerável (**Nota IV**). Como porém algumas centenas de índios eram chamados à vila, para o serviço da Comissão e às vezes retirados por anos de suas moradas, concorreu assim a Comissão para o despovoamento das colônias cristãs, e tornou-se muito impopular entre todos os patriotas. Ega tinha, naquele tempo, o duplo da população de agora; está atualmente muitíssimo reduzido o número de operários e negociantes, e do luxo de outrora não resta mais vestígio, a não ser, como afirmam muitos, na disposição dos habitantes só para a ociosidade, para o divertimento, particularmente, porém, para a embriaguez. A falta de diligência e de espírito empreendedor é de fato surpreendente, quando se considera a compensadora fertilidade do solo muito apropriado para mandioca, café, cana-de-açúcar, algodão, bananas, etc., e a riqueza das matas vizinhas. Apenas alguns poucos moradores, e entre os

16. Também Taifé, Taipé, Tapi (tupi: fundo). O rio, de água marrom-escuro, marrom-claro no vidro, de acordo com a tradição, teria sido navegado 40 dias a montante. Estreita muito pouco acima; suas margens são cobertas de mata densa, porém baixa, pobre em salsaparrilha e cacau e por isso pouco procuradas. Na parte alta habitam, bem conhecidos dos brasileiros, os catuquinas, inimigos dos catauixis e fugidos destes. Entraram ainda pouco em contato com os brancos.

índios um único, se ocupam com o cultivo de produtos coloniais para exportação; outros mandam expedições aos rios Japurá, Içá, Juruá, Juraí e Javari para mandarem colher os produtos silvestres: salsaparrilha, cacau, óleo de copaíba e castanhas-do-maranhão. Para essas empresas, necessitam de licença do governo, a qual, para os citados rios, é concedida pelo comandante desta praça. Essas licenças, exclusivamente conferidas segundo o parecer do oficial, dão ensejo a muito favoritismo, queixas e intrigas. A fim de apaziguar as rixas entre os índios aí residentes e as tripulações das canoas de comércio, e exercer alguma autoridade, ainda que seja fraca, sobre os índios, instituiu-se nas colônias do Japurá, na foz do rio Içá e nos lugares onde existe naqueles rios uma população estável, um juiz ordinário, que é escolhido entre os cidadãos de Ega, Fonte Boa ou Olivença, e deve anualmente apresentar-se a Ega, para prestar contas de sua administração ao comandante militar. Esses juizes ordinários frequentemente favorecem a mais violenta opressão dos índios empregando-os sob o pretexto de serviço público, unicamente para seus fins particulares. Aliás, a população indígena em Ega¹⁷ está sob a direção de um juiz próprio, que eles escolhem no seu próprio meio, e que precisa ser

17. Era originariamente Ega uma missão dos carmelitas. Transferida para aqui, da ilha dos Veados (formada pelo canal *Gi-Paraná* no Solimões, a leste da foz do Juruá), foi elevada a vila em 1759. La Condamine, que por aqui passou em agosto de 1743, gabou o então florescente estado da missão. Os índios aqui aldeados eram das tribos dos *uainumás* (ianumás), *tamuanás*, *sorimões*, *iauanás*, *jupiauíás*, *achuaris*, *jumás*, *manaus*, *coetus*, *xamás*, *passés*, *juris*, *uaiupis* e *coerunas* (Ribeiro § 92; Monteiro, págs. 101-126). E essa mistura de gente, primitivamente moradora quase toda das margens do Solimões, entre o Coari, e o Jutaí, mas também do Japurá e rio Negro se foi fundindo numa população atualmente de língua e costumes uniformes, porém muito menos numerosas do que se poderia supor diante de tantos nomes. De muitas tribos, achava-se aqui também originariamente uma só família. Antes, haviam as bexigas despovoado o lugarejo, assim como, desde 1803, as febres intermitentes anualmente ali reinantes. De fato, a própria vila não é inundada pelas enchentes, mas está próxima das exalações de um grande lago, cujas águas, durante uma grande parte do ano, são quase paradas. Encontramos o lago coberto em toda parte, por uma película de substância verde, produto da decomposição do capim que nasce depressa, quando as águas estão baixas, e, depois, fica todo mergulhado na cheia. Também a água potável, que dali exclusivamente se tira, deve contribuir. Verificamos a sua temperatura por diversas observações, alternando de 21° a 24° R. Só a indolência irrefletida dos habitantes explica o emprego da água do lago, porque todos os outros moradores do rio preferem tanto mais beber a deste, quanto mais é movimentada.

confirmado pelo governador. O comandante tem o manejo da polícia, a superintendência da Ribeira e das obras encomendadas para os estaleiros do Pará. Cortam-se muito, por aqui, madeiras excelentes para construção de navios, que regularmente são remetidas para a capital (**Nota V**). No governo do Sr. Vitório da Costa¹⁸, foi iniciada, perto da entrada do lago, uma grande plantação de algodão, de cujo cultivo são encarregados os índios, em serviço forçado ou mediante exíguo jornal. Uma consequência desvantajosa desses, e semelhantes trabalhos por conta do Estado, é a falta dos que poderiam tomar serviço entre os colonos. A queixa da falta de negócios, da impossibilidade até de mandar colher os produtos naturais brutos, que se ouve aqui como em toda parte, no rio Negro, parece de fato uma justa crítica ao sistema de obras públicas. Este país tem para suas riquezas uma população demasiado pequena, que possa suportar monopólios de qualquer gênero, sem prejudicar a indústria particular. Se jamais os braços dos índios forem libertados para a indústria dos outros a jornal, será necessário que o governo fiscalize esse emprego deles; pois, embora o juiz dos índios tenha a obrigação de guardar os direitos de sua raça, é, entretanto, pouco perspicaz e fraco demais, para não ser vencido em cada conflito com os brancos.

Ega é o empório comercial da parte alta do Solimões e de todos os seus afluentes. Negociantes ingleses e brasileiros do Pará estabeleceram sucursais aqui, para a venda de mercadorias europeias e para compra, em primeira mão, dos produtos locais. Encontram-se aqui as mercadorias de maior procura: estampados, e tecidos de algodão riscados, alguma seda, chapéus, linhos, panos, artigos de ferro, aço, latão e cobre, louça de pó de pedra, vidros, porcelanas, vinho, aguardente, etc. em quantidade e variedade suficiente. Os preços, embora consideravelmente mais altos do que no Pará, são, todavia, duas vezes menores do que nas vizinhas províncias peruanas, de Mainas, Quichos e Macas, onde as mercadorias dos portos do Pacífico são importadas e levadas através da Cordilheira. Os artigos naturais que seguem rio abaixo, vindos de Ega são cacau, salsaparrilha, manteiga

18. Depois do coronel Manuel da Gama Lobo de Almada, cujo governo se estendeu até fins do século XVIII, a capitania de São José do Rio Negro foi administrada interinamente por José Salgado, de quem a recebeu, em começos do século XIX, o chefe de esquadra José Joaquim Vitório da Costa, de quem foi sucessor, em 1818, o major Manuel Joaquim do Paço. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

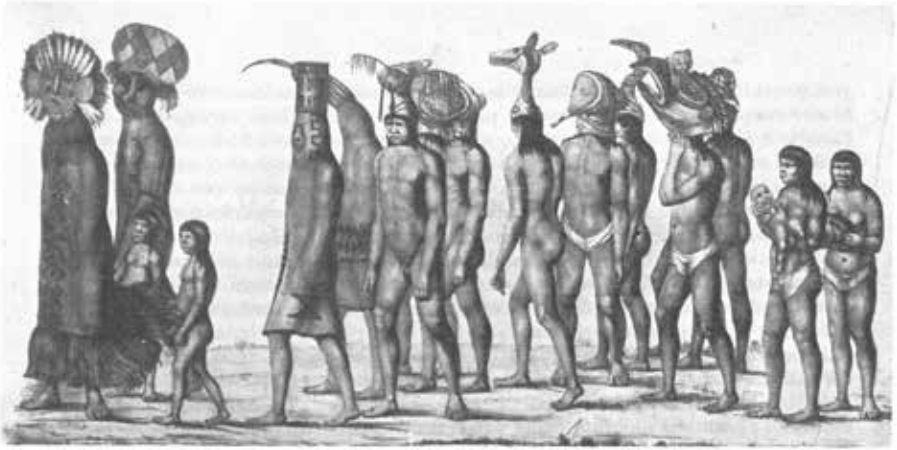
de tartaruga, pirarucu seco, algum café, algodão, óleo de copaíba, favas de pixurim, castanha-do-maranhão, carajuru urucu e madeiras de construção. A maioria desses produtos vem do Solimões e do Japurá; poucos são os que saem do Tefé, cujas margens são relativamente pobres.

As plantações são florescentes aqui, mas muito sujeitas a devastações pelas formigas.¹⁹

As excursões na vizinhança de Ega fizeram-nos conhecer uma vegetação muito diversa da que observamos em Coari. Em vez dos campos dali e do mato baixo, veem-se aqui densas matas virgens, semelhantes às de Barra do Rio Negro e do Solimões. Contudo, esta região tem também as suas particularidades, entre as quais assinalo uma mirtácea, a *Eugenia egensis*, pelos índios chamada de *araçá-rana*, isto é, “goiabeira brava”. Esses alegres arbustos contornam longe os areais limpinhos da margem do lago e, justamente agora, todos cobertos de flores alvas e perfumosas, fazem lembrar a florescência das nossas fruteiras europeias. No planalto do Brasil, do Peru e da Jamaica, aparecem muitas espécies de mirtáceas de folha miúda e, nos rios equatoriais do novo continente, outras, com espécies de folhas grandes, formam parte predominante da vegetação das margens. Nesse sentido, poder-se-iam comparar as mirtáceas da América com os salgueiros da Europa. As matas virgens, no fundo da vila, tornam-se tanto mais secas, limpas e altas, quanto mais se afastam da margem. Como o solo é formado de enormes camadas de argila vermelha ou de humo, raramente se vê aflorar, junto do barro de cor, também o grés vermelho de granulação fina. Nessas matas mais enxutas (*caã-etê*) da dita terra firme, encontrei troncos colossais, particularmente de *Ficus*, *Lecytis*, *Bertholletia*, *Caryocar* e *Lauráceas*; por outro lado, só pouco mato rasteiro. Pode-se aqui medir facilmente os caules gigantes e as suas raízes radiais salientes da terra e distinguir umas das outras as copas frondosas. Não são raros os troncos que atingem 120 pés de altura, com 15 de diâmetro acima da raiz. Formidáveis cogumelos agaricáceos surgem da podridão da folhagem caída, e os troncos são revestidos, como os das matas virgens da Bahia e do Rio, de

19. Um velho índio queixou-se-me amargamente que o que lhe haviam deixado os muras, antigamente ambulantes pela vizinhança, agora lhe tomavam as formigas doidas (*taciba cainâne oãê*); isto causava-lhe tanto pesar, porque ele preferia dar suas plantações à gente do seu sangue do que a esses bichinhos, que nem podiam ser comidos; as ditas formigas doidas são uma das espécies menores e são assim chamadas pela incrível rapidez com que correm de um lado para outro, em todas as direções.

colossais parasitas. Animais muito variados animam essas extensas e altas florestas: os macacos divertem-se ruidosos nos cumes; caïtits e quatis vagueiam afocinhando o chão, e os mutuns voam de galho em galho. A mata da margem (*caâ-igapó*), ao longo da faixa plana da beira do rio e dos igarapés, que se estende para o interior, é mais baixa, mais fechada e mais enredada. A parte inferior dos troncos, desprovida de galhos, revestida de casca mais fina, mais lisa e toda coberta de lama até à altura da precedente cheia do rio, está mais perto uma da outra e tem os galhos entrelaçados. Aqui é que, associados em maior ou menor número, aparecem os cacaueiros e os sarmentos espinhentos da salsaparrilha. Lianas sem folhas e sem galhos entrelaçam-se em grotescas formas nas árvores, entre as quais surge o variegado emaranhado do mato rasteiro, que frequentemente é de novo afogado na enchente seguinte. Em vez das grandes parasitas, aqui só se veem musgos e jungermânias espalhadas acima das folhas gotejantes. Só poucos animais habitam a mata úmida. Aves aquáticas pousam nos arbustos da margem, e os jacarés estão de emboscada na água ou no lodaçal. As curvas labirínticas dos furos, que atravessam esse igapó, são tão densamente cobertas de vegetação pendente, que frequentemente o nosso bote só a custo pôde seguir adiante; o mudo silêncio só é interrompido pelo chapinhar dos peixes, ou pelos roncões dos jacarés; o ar abafado na folhagem, que nesta atmosfera quente-úmida viceja com brilho apagado: o céu escuro carregado de nuvens, só visível a espaços por entre as copas, tudo concorre para o cenário melancólico próprio para inspirar medo inquietante. Nestas matas de igapó, quase anualmente inundadas até alguns pés de altura, não se encontram plantações. Os colonos escolhem para eles as mais próximas pontas de terra firme, donde podem ser facilmente transportados os produtos em igaras, pois outro qualquer meio de comunicação não existe aqui, nem em geral em parte alguma, no interior das províncias do Pará e do Rio Negro. As picadas, que existem no mato, são somente percorridas pelos índios caçadores, e, embora estreitas e sinuosas, são, todavia, visíveis. Devido a essa falta absoluta de caminhos e estradas reais, seriam inúteis os animais de tiro e de carga, e, por essa razão, desde Barra do Rio Negro até as fronteiras do Brasil só encontramos dois cavalos e uma mula. Por outro lado, encontra-se gado bovino, conquanto em pequeno número, em todas as povoações. Ele é levado a pastar nos trechos derrubados da mata, ou é alimentado com milho e capim nos currais. Leite é coisa rara na mesa do habitante, assim como a carne de vaca. São substituídos pelos ovos e a carne das tartarugas.



Préstito festivo dos tecunas. O nascimento de crianças dá-lhes oportunidade para uma estranha mascarada, na qual figuram o malvado demônio Jurupari, o tufão e as diferentes feras do mato, por meio de máscaras feitas com casca de árvore. Depila-se o recém-nascido durante o préstito, enquanto ele é embalado lentamente pelas ruas do arraial, ao som de monótonas cantigas e aos estalidos feitos na carapaça de tartaruga. Não somente os tecunas, porém igualmente os passés e os juris gostam de tais préstitos, também em outras oportunidades.

Habitam os purupurus ao longo do rio, a que devem seu nome. Observamos que diversos índios dessa tribo têm sobre a pele manchas escuras irregulares que parecem hereditárias.

Num outeiro despido de mato, ao sul da vila, foi onde vi a primeira vez uma plantação de ipadu (*Erythroxylum coca* Lam.)²⁰, que se poderia chamar de “chá do Peru e do Alto Marañón”, pois as suas folhas produzem o mesmo efeito estimulante. Os pequenos caules, de três pés de altura, estavam dispostos na extremidade de uma roça que também continha muitas trepadeiras de maracujá (*Passiflora maliformis* L.), carregadas de excelentes frutos, em filas, distantes três pés, e como parecia, tinham sido repetidas vezes despojados recentemente de suas folhas. Estas, do tamanho da folha da cerejeira, verde-pálidas, de textura delicada e de sabor herbáceo, que depois de algum tempo na boca se torna agridoce, um tanto adstringente, e de aroma agradável, são postas a secar pelos índios, à sombra ou no forno, onde eles torram a farinha; depois, são socadas em pilão de madeira, só ou com as cinzas finamente pulverizadas das folhas da *Cecropia palmata*, e afinal conservadas num gomo oco de taboca. Os índios usam esse pó cinza-esverdeado, com que, de quando em quando, enchem a boca, assim como os turcos o ópio e os mascadores de tabaco o fumo como estimulante, e, sobretudo, para acalmarem por algum tempo, a necessidade de alimento e de sono. Aumenta a secreção da saliva, produz sensação de calor e de estômago cheio, diminui a sensação de fome; tomado em pequena quantidade, estimula o espírito para jovialidade e energia, e assim distrai das preocupações; mas tomado em dose excessiva por pessoas de nervos fracos causa abatimento e sonolência. Tive ocasião de ver no Japurá como o chefe de uma horda de miranhas, que ia encetar uma demorada expedição, forneceu a cada um de seus companheiros uma dose regular desse pó, por meio de uma colher feita de osso de peixe-boi, para garanti-los contra o cansaço. Quando o índio descansa na rede, toma de vez em quando uma pequena porção e conserva-a longamente nas bochechas inchadas a fim de estimular para o estado sonhador para o qual a sua indolência tanto o dispõe. Como se sabe, é generalizado entre os índios do Peru o costume

20. Martius trata desenvolvidamente (veja-se também a nota VI no fim deste capítulo) da coca amazonense, ali chamada Ipadu (vocábulo do qual existem as variantes ipanu e ipandu, sendo o segundo já citado *Vocabulário* de Stradelli). Terão acaso os incas do Peru ensinado aos selvagens do nosso rio-mar o uso da coca do mesmo modo que lhe ensinaram a cerâmica (a hoje chamada marajoara)? (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

de tomar o ipadu, que lá se chama coca; e penso que dali foi que passou para o Brasil. Assim também esses povos incultos adotam, como os mais altamente civilizados, modas e costumes dos seus vizinhos (**Nota VI**).

Enquanto o Dr. Spix se aproveitava da nossa demora aqui para obter mais alguns peixes-boi, botos e jacarés, destinados às nossas coleções (todos esses animais são apanhados, não raro, no lago e nos igarapés próximos), eu levei adiante as minhas excursões para além do Tefé, a Nogueira, outrora Parauari. Essa aldeia está situada duas léguas a oeste noroeste de Ega, numa região um tanto mais alta, extraordinariamente fértil e agradável, na margem ocidental²¹. Ao aproximarmo-nos, notamos diante da igreja, na barranca da margem, uma fila de índios inteiramente nus, ao lado do padre, e uma mulher velada. Quando me aproximei da igreja aberta, ouvi, com surpresa, que justamente estava no ato de realizar o batismo desses silvícolas. Eram seis homens da tribo dos iupuás e cauixuanas, do Japurá. Tendo chegado da mata na véspera, ouviram uma explicação dogmática, para eles ininteligível, dada pelo padre, que os deixou indiferentes; depois acompanharam-no instintivamente à igreja, onde se realizou a cerimônia, nisso entregando o padre a uma mulata robusta, encarregada do papel de madrinha (maia angaba, isto é, mãe das almas), e a mim, uma vela acesa para tornar mais solene a cerimônia. Não me lembro de mais dolorosa emoção da que senti ao presenciar essa inútil solenidade. Somente a madrinha talvez poderia ser capaz de sentimento de devoção, praticando tal ato de misericórdia. Os índios retiraram-se dali sem mais, depois de uma desajeitada genuflexão e de terem recebido da madrinha uns presentinhos; à tarde observei-os em suas igaras, remando de regresso às suas matas pátrias. Pareceu-me cheia de ironia amarga toda a cerimônia, e com pesar devo dizer que não são raros esses casos. O rude íncola considera o batismo, ora supersticiosamente, como proteção contra a arte negra de seus inimigos, ora interesseiramente, como meio de obter dos brancos enganados algum

21. Esta situação aprazível e saudável justifica a transferência da povoação para aqui, depois de já haver estado ela em duas outras localidades da vizinhança. Em 1753 foi para aqui mudada por um missionário carmelitano e povoada com famílias das tribos dos iauanás, jumás, ambuás, cirus, upis, juris, mariaranas e catauixis. Graças à sua disposição salubre, muitos brancos também se estabeleceram aqui. Os índios fundiram-se todos, num povozinho homogêneo que fala a língua tupi.

objeto útil. Não é raro apresentarem-se os mesmos indivíduos diversas vezes a diferentes párocos...

As índias de Nogueira são afamadas por sua habilidade no fabrico de louça de barro²². Andamos ali de cabana em cabana, para conhecer a mercadoria e a maneira de trabalhar, e encontramos a mesma obsequiosidade afável, entre estas discípulas de Dédalo, com que as índias aldeadas se distinguem, por toda parte, dos homens.

22. Para o uso doméstico, preparam aqueles pratos grandes, às vezes de três pés de diâmetro (*japunas*), que são fixados no fogão de barro para a torrefação de mandioca, e vasilhas hemisféricas (*nhaempepô*) de diversos tamanhos, em geral sem tampa (*cokendapaba*), onde cozinham os alimentos. Mais raros, cântaros (*reru*) e panelas rasas (*peririçaba*). Fazem, finalmente, os grandes potes (*camotim*), para conservar as bebidas. Toda essa louça não é vidrada; e, em geral, de fabrico maciço e tosco, e cada qual segundo as diferentes argilas, de cor acinzentada, esbranquiçada ou avermelhada, raramente de tom escuro ou quase preto. Para a venda, fabricam, com maior cuidado, especialmente uma qualidade de pratos rasos de diversos tamanhos recortados num lado, à semelhança de nossas bacias de barbeiro. Provavelmente uma delas serviu primitivamente de modelo, e esse singular formato predomina agora em toda região do rio. Essa louça é vidrada na parte interior, ou, antes, envernizada. A matéria-prima para esse fim, uma argila branco-esverdeada ou cinza-esbranquiçada, é durante muito tempo amassada entre as mãos, com esforço, até adquirir a finura e a plasticidade devidas. O formato é dado a mão livre, como fazem em geral todas as tribos selvagens da América, pela junção de finos cilindros de barro, em torno de um centro comum, que então se vai alisando e intimamente ligando. A louça mole é posta ao sol, e depois cozida em covas abertas na terra, empregando-se como lenha achas de madeira branca menos caloríferas como do cacauero, algumas espécies de *Celtis* ou a casca do matá-matá (*Lecythis idatimon* A.). A tarefa, na qual os índios se revelam mais industriais, é a da pintura da louça. Uma tinta feita com oca ou tabatinga, finalmente pulverizada, ou também com o *carajuru* vermelho, misturada com água, às vezes ligada com a resina leitosa da sorveira, forma o fundo. Sobre ele são aplicados muitos padrões de figuras de linhas curvas e retas, entremeadas de flores e animais ou arabescos em variadas cores. As tintas são quase todas vegetais e não suportam nova cocção. Contentam-se, por isso, em passar sobre toda superfície uma fina camada de pó de copal (*jitaicica*) e fundi-lo ao sol do meio-dia ou sobre o fogão, com o que se forma um verniz brilhante, transparente, que só perde o brilho e resistência por calor demasiado ou líquidos alcoólicos. Essa louça faz lembrar, pelo desajeitado colorido variegado de suas pinturas, o barroco e o gosto chinês, como o dos antigos mexicanos. Os índios, que pela convivência com os brancos, se tornam mais hábeis, em particular os da vila de Cameté, sabem agora dar melhores formas à sua louça, usar tintas minerais e chegar mesmo a dar-lhe o dourado.

Em Nogueira, tive também oportunidade de assistir à pesca praticada em grande escala com o cipó entorpecente *Paullinia cururu*. Diversas igaras arrastaram durante algum tempo, numa enseada do lago, de um lado para outro, as hastes pisadas, e o veneno agiu com tanta eficácia, que ao cabo de um quarto de hora, se pôde encher uma montaria com o pescado.

Numa herborização, por aquelas matas virgens – onde são abundantes de modo pouco comum *Scitamíneas* –, como as que eu costumava emprender, acompanhado por um único índio, topei com uma grande onça, sem ter sido entretanto notado por ela. Dizem que essa perigosa fera é mais frequente na vizinhança das colônias do que nas matas virgens do interior. Essas onças são aqui menos perseguidas pelos índios, e estão certas de achar presa entre o gado bovino, carneiros, etc. Por vezes, quando acossadas pela fome, atrevem-se a chegar às aldeias. Só com veemente aceno consegui impedir o índio, que me acompanhava, de desferir uma flechada na fera, pois tendo apenas como arma um facão, não quis fiar-me na sorte da sua pontaria. Aborrecido, ele seguiu-me pelo mato adiante e, de improviso, sumiu-se. Depois de chamar por ele muitas vezes, vi-o deslizar de uma enorme árvore oca e, à minha pergunta por que se havia escondido lá, mostrou-me um punhado de grandes larvas de besouros, que tinha colhido no pau podre, e, agora, cortando-lhes com os dentes a cabeça e chupando o resto, saboreava-as gostosamente. Essa repugnante comida é tão apreciada pelos índios como as formigas grandes. Comem-nas cruas ou assadas na própria gordura, e afirmam que fazem aumentar o leite das mulheres que amamentam.

A nossa estada em Ega e Nogueira capacitou-nos, dia a dia mais vivamente, de que aqui, por assim dizer no centro do Brasil, existia para colher muito material importante para etnografia e história natural, e disso nasceu o desejo de aproveitar a rara oportunidade mais eficientemente, pela divisão em duas direções. Resolveu-se a separação, e o dr. Spix tomou a seu cargo a excursão pelo alto Solimões até a fronteira do Brasil, enquanto eu me decidi a subir o Japurá, diante de cuja foz estávamos. Mais uma razão para isso achamos na alteração da nossa saúde, que esperávamos talvez ainda conservar com a pronta mudança de clima. O meu companheiro, especialmente, já desde muito tempo, andava constantemente sofrendo acessos de febre intermitente, que ele só conseguia aliviar com doses de quina e outros amargos, especialmente a raiz da *Tachia guyanensis* (caferana). Muitos boatos poderiam ter-me desanimado da viagem pelo Japurá,

como empresa muito perigosa. Concordavam todos em que as febres ali reinantes, muito frequentes sobretudo na época quando o rio começa a esvaziar, mesmo quando não matam no acesso do calafrio por apoplexia ou degeneram em septicemia, têm, entretanto, como consequências muito graves, cirroses do fígado e do baço ou febre consuntiva. Porém, justamente este ano, o rio estava mais cheio do que costumava acontecer em dezembro, e, portanto, menor o perigo. Além do mais, resolveu o capitão Zani, encarregado pelo Sr. governador-geral, acompanhar-nos tão longe quanto possível, e eu próprio senti-me particularmente alentado com a esperança de talvez observar uma forma de vegetação diferente daquela dominante em todo o Solimões, e algumas de suas numerosas tribos de índios, ainda no seu estado primitivo e que não toleram ainda a presença de colonos portugueses entre eles. Para esta viagem, tomamos embarcações ainda menores; com isso, na verdade, expostos a muitas privações, mas garantidos com mais rápida navegação. O dr. Spix escolheu o sargento, um soldado da milícia, o nosso criado francês, que nos acompanhara incansável até aqui, e diversos dos melhores índios, para seus acompanhantes. Antes de nos separarmos, confiamo-nos mutuamente os recíprocos testamentos escritos.

A ordem impõe agora que eu faça os relatórios separados de ambas as expedições.

O dr. Spix partiu de Ega a 7 de dezembro de 1819 e chegou em 9 de janeiro de 1820, à fronteira do Brasil, em Tabatinga, e entrou, de volta, na Barra do Rio Negro a 3 de fevereiro. O dr. Martius saiu de Ega a 12 de dezembro, alcançou a 27 de janeiro a cachoeira intransitável do Japurá e voltou a Ega em 2 de março, entrando na Barra do Rio Negro em 11 de março.

Como, entretanto, restara tempo ao seu companheiro para outra excursão, ele a empreendeu a 11 de fevereiro às colônias portuguesas do Rio Negro, chegando até Barcelos, donde, porém, já estava de regresso em 28 de fevereiro, de sorte que ambos os viajantes, à chegada do outro, vindo do Japurá, de novo se reuniram na Barra.

NOTAS DO CAPÍTULO II

I – Acerca do rio Punis, calam-se todas as mais recentes notícias (antigamente, supunha-se que o Punis se comunicava com o Madeira e que o Beni era uma das nascentes daquele rio).

Sabemos apenas, baseados em dizeres de índios, das notícias que já *Acuña* e *Pagan* deram a conhecer, isto é, que esse rio pode ser navegado a montante, durante dois meses, até se lhe alcançarem as cachoeiras. Ambos os escritores chamam tanto ao rio, como aos índios morando perto de sua foz, de *cochiuuara* (palavra que consta de *uara* – dono), *Acuña* cita mais os *cumaiaris*, habitando mais ao sul, depois os *curiguireis*; *Pagan* os *curianés*, os *motuanes*, enfeitados conforme a tradição de plaquetas de ouro e, ao norte deles, os *catoses*, provavelmente forma estropiada de *catauixis*. Esta última tribo, também chamada de *catauoxis*, ainda atualmente habita um largo trecho ao longo das margens, quase em toda parte cobertas de densa mata. De todas as outras nada mais ouvimos; provavelmente já estão extintos ou se fundiram com outras. As demais tribos, atualmente consideradas senhoras da bacia do *Purus*, são os *purupurus*, os *amamatis* e os *itapuias*, todos ainda na sua primitiva liberdade e mal afamados pela sua perfídia. Coletam os produtos naturais abundantes aqui, cacau e *salsaparrilha*, permutando-os com as expedições que visitam o rio, costumando ambas as partes aparecer armadas. Antes se conheciam ainda as hordas dos *irijus* e *tiaris*, ambas porém se extinguíram depois que parte deles foi mudada de *Serpa* para *Alvelos*. Ninguém se aventurou ainda a fundar missões no *Purus*.

II – Os índios malhados – os índios das tribos dos *purupurus*, *catauixis* e *amamatis*, não são os únicos na América do Sul, em que aparece essa anomalia da pele. Em *Uarivaú*, sítio do *Japurá*, encontrei alguns índios da tribo *uainumá*, que traziam manchas redondas, confluentes, preto-azuladas, no rosto, nas mãos e no peito, e cujo corpo, além disso, é todo semeado de verrugas duras. A menos forte alteração em manchas brancas na pele dos *catauixis*, também observei nos índios do *Japurá* assim como em algumas pessoas de cor, de Minas e Bahia. Uma lepra hereditária, quando o corpo como que se cobre de escamas de peixe (*ichthyosis*), aparece entre os *manaticas*, uma horda de *Chiquitos* do Paraguai.

Quanto ao raro fenômeno de gente de pele malhada, cumpre-nos fazer as seguintes considerações: as imediações do *Purus* são baixas, em parte pantanosas e cobertas de altas matas virgens, que, nas enchentes dos rios, são inundadas até longe. Os *purupurus* têm o costume de fugir então para fora das

brumosas, úmidas espessuras, mudando-se para o próprio rio, e estabelecem-se sobre a madeira flutuante que arriba e se amontoa nas enseadas em enormes pilhas, oferecendo uma base vacilante para suas miseráveis choças. Ali eles padecem frequentemente da friagem da morte, que combatem com a demora mais prolongada na água. A sua alimentação consiste principalmente em carne de anfíbios e peixes, no meio dos quais eles vivem, pois o cultivo da terra é-lhes quase inteiramente desconhecido, e as matas são pobres em caça. A essas desfavoráveis influências acrescentam-se mais dois hábitos peculiares da tribo que só prejudicam o organismo. Consiste um deles no jejum metódico, ao qual se entregam com tal rigor, no mínimo uma vez ao ano, no último quarto e na lua nova de agosto, que afora uns peixinhos cozidos, nada põem na boca, e muitas vezes se esfomeiam até inanição mortal. O maranuchau¹ dos purus, que se encontraram na praia das Onças, contou-nos que havia comido só um pequeno lagarto desde três semanas. Mostrou uma cinta de entrecasca, com que se prevenia contra a fome. O outro fator talvez possa ser o costume de se besuntarem com gordura de jacaré, a qual, em geral já velha e rançosa, toma repugnante cheiro almiscarado, de sorte que já de longe o olfato percebe a aproximação desses selvagens. Não será que esses hábitos singulares, além do frequente consumo de carne de jacaré que eles ainda não só comem simplesmente fresca mas moqueada, produz uma mistura prejudicial nos humores? A maioria das tribos indígenas detesta carne de jacaré, como malsã, e, considerando os efeitos medicinais que provavelmente não sem razão se atribuíram a certos animais de ordens aparentadas (por exemplo, do *Scincus officinalis* como afrodisíaco, do lagarto morto de fresco e de víboras pulverizadas contra erupção cutânea), não é de todo improvável existir uma relação entre o exantema crônico dos purupurus e dos catauixis e esses grandes sáurios carnívoros. No clima quente, é, em todo caso, possível que a gordura do jacaré untada continuamente e em grande quantidade no corpo todo seja absorvida até o ponto de exercer ação patogênica. Ainda seguem pouco esses índios o hábito, espalhado em toda a América do Sul, de fricção com tinta vermelha do urucu. Pode-se admitir que essa tinta, embora não proteja contra a picada de insetos (como às vezes se admitiu), entretanto não deixa de ter influência sobre o organismo, pois o urucu, tomado internamente, causa, como se sabe, efeito análogo ao do ruibarbo. Também pelos banhos repetidos e demorados, pode-se explicar a disposição para

1. *Maranuxaua* é uma contração de mara-tuxáua, “chefiador da guerra”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

muitas doenças da pele, porque naquele país o banho não tem o efeito adstringente e fortificante, visto ser a água em geral mais quente do que a atmosfera. Os poros da pele dilatados, quando os índios saem do banho e descansam na areia ou na mata úmida, absorvem tudo o que há para absorver. Parece, de modo geral, que a natureza se vingá justamente daquele órgão, no qual os índios interferem mais, a pele, cujo desenvolvimento eles perturbam e cujas funções alteram com a operação penosa da tatuagem e, desde a mais tenra idade, a ininterrupta pintura em todas as cores: amarelo, com urucu, vermelha, com o carajuru, azul, com o *Cissus* e o genipapo, preta, com os frutos do macucu (*Ilex macucu*), etc.

III – São as seguintes as propriedades físicas do barro comestível do Solimões. Aparenta cor cinzenta amarelo-clara, com manchas amarelo-oca; é muito mole e absorve sofregamente a água. Exposto no alambique, ao fogo do maçarico, cheira a chamusco e dá muita água, que reage com amônia. Conserva bastante da sua cor; ou queimado, torna-se mais claro. Em fogo forte, derrete-se ele na superfície, dando um vidrado esverdeado ou acinzentado. Com bórax, dissolve-se difícil e demoradamente, dando um vidrado fracamente tinto pelo ferro. Umedecido com solução de cobalto e aquecido, toma uma tonalidade azul-clara. Com ácidos não produz efervescência ou muito pouca.

Entre as argilas coloridas, que trouxemos do Amazonas, distingue-se uma qualidade lilás, que pelo pouco conteúdo de sílica e pela propriedade de se decompor facilmente com ácidos, difere de todas as variedades empregadas na Alemanha para o fabrico da louça de barro. Acha-se em diversos lugares como, por exemplo, perto da praia das Onças, em Coari e Ega, em camadas espessas, não perde a cor, é de fratura terrosa, imperfeitamente concoide, apega-se fortemente á língua, e desfaz-se na água, em massa solta que, pela trituração, forma uma pasta plástica. Aquecida em ácido clorídrico concentrado, dissolve-se toda, depositando sílica pura. Esta argila é frequentemente empregada pelos índios para sua louça, em particular para os pratos pintados na parte inferior, e toma, no fraco grau de calor, a que costumam expô-la, uma tonalidade violeta-avermelhada ou violeta-pálida. Basta-lhe também um fogo brando, para produzir louça sólida, semelhante em resistência e compacidade a muitas louças romanas antigas...

Em diversos lugares, por exemplo, perto de Óbidos e Coari e Ega, encontramos, entre as precipitadas argilas coloridas, também uma excelente qualidade de caulim em enormes camadas, paralelas com as outras. Segundo experiências feitas em pequena escala, pode ser equiparada às melhores espécies alemãs. É branco de neve, de fratura imperfeitamente concoidal desigual, não se altera em

água, e dá, triturada nela, uma pasta plástica. Ao fogo se queima branco e dura, quebrando-se então perfeitamente concoidal. Ácidos eliminam só pequena proporção de alumina.

IV – Comércio entre o Rio Negro e Mainas. – Antes da recente catástrofe política², era de todo sem importância o comércio entre as províncias espanholas e o Brasil, ou Portugal, como se dizia então e ainda se diz hoje. Era princípio do governo suprimir com altos impostos as vantagens que o comércio, no maior de todos os rios, podia oferecer, e conservar os dois países em rigorosa separação. Atualmente, prosperam cada ano mais as transações entre as províncias brasileiras e Mainas, e particularmente as mercadorias europeias são levadas pelo Solimões, em parte provavelmente por contrabando. Moyobamba, a capital de Mainas, e Lamas, estão quase na extremidade ocidental do país, no limite do imenso vale amazônico, com o qual têm de comum clima, produtos e as mesmas necessidades comerciais. Para os habitantes de Mainas, assim como para os de Quichas e Macas (Ávila, Baeza, Achidona e Macas), que estão separados dos portos marítimos do Peru pela escarpada e glacial cordilheira dos Andes, apenas transitável por poucas gargantas, é muito mais difícil transportar os produtos seus do que para as fronteiras do Brasil a leste, pelos rios navegáveis, não interrompidos por cataratas. Mainas é, aliás, uma província excepcionalmente fértil, mas muito pobre em população e dinheiro e, no seu desenvolvimento, ficou muito atrás das outras situadas a oeste. Numerário é ainda mais raro ali do que em Rio Negro, e até a colheita dos produtos silvestres é menos fácil, pois se dissolvendo a antiga administração das congregações religiosas, muitos índios, a única classe trabalhadora, fugiram para suas matas. Devido a essas circunstâncias, os preços dos produtos regionais são em Mainas em geral inferiores aos das regiões três vezes mais afastadas do oceano, do alto Solimões. Tudo aqui se transformará quando o comércio tomar o seu curso natural, e Loreto e Tabatinga florescerem, como cidades de fronteira. O Marañón (assim chamamos, como os habitantes, o Amazonas, acima da fronteira do Brasil) espraia-se como um único porto colossal através desse território baixo, e abre-se com todos os rios de oeste, que nele deságuam, na direção do Brasil. Desse caminho comercial, parecem os habitantes de Mainas tanto mais dependentes que nos mercados ocidentais, em Quito, Cachapoyas e Caxamarca, encontram uma indústria cujos produtos, destinados para terras mais frias, não são adequados para eles. A criação de carneiro e

2. As lutas pela independência do Peru. (Nota da rev., Ed. Melh.)

o fabrico dos diversos tecidos de lã usuais no Peru (bayetones, panetes, jergas, etc.) não interessam aos habitantes das zonas quentes, e os algodões grosseiros (tocujos), com que se veste a classe do povo em geral, são tecidos por índias em ambos os lados da cordilheira. São importados de Caxamarca para Mainas apenas artigos de ferro fabricados no Peru. O Brasil não permuta com essas províncias os seus próprios produtos, mas simplesmente artigos europeus importados. Mainas, porém, exporta a produção de seu fértil solo, isto é, cacau, salsaparrilha, baunilha, bálsamo de copaíba, casca de quina, algum fumo e algodão. Cacau, salsaparrilha e bálsamo de copaíba vêm principalmente das missões do Ucayali, onde, como no Rio Negro e Pará, são colhidos das árvores silvestres pelos índios. A quina (cascarilla) vem não só dos arredores de Moyobamba, mas também de Lamas, Cachapoyas, das encostas orientais da cordilheira de Caxamarquilla e da bacia superior do Huallaga; todos esses artigos, de resto, não passariam de segunda ou terceira qualidade. Com o tempo, travei conhecimento no Pará com diversos negociantes que amaldiçoavam como fraudulento e pouco seguro o comércio da quina em Mainas. Mais abundantes do que a quina, vêm de Mainas o cacau e a salsaparrilha. As melhores qualidades são colhidas nas missões do Ucayali. Com o muito fino algodão de Ucayali, especuladores espanhóis fizeram tentativas que, entretanto, foram infrutíferas, porque os preços exigidos na fronteira do Brasil acrescidos do frete, não estão em relação com os preços do Pará. Açúcar e café prosperam excelentemente em toda Mainas, mas assim como os demais produtos do país, castanhas-do-maranhão, copal (*jitaicaica*), estopa e breu para calafetar, cera branca e preta de abelha, anil e diversos produtos de caça e pesca, não são exportados, porque são igualmente produtos do Solimões. Só o sal é mais facilmente transportado rio abaixo de Mainas do que da costa marítima para ali, pelo Solimões. Vimos grandes blocos de sal mineral (*jukira kitan*) empacotados em cestos, trazidos do Mainas. Era de cor cinzento-azulada e deve aflorar em formações enormes. O sal marítimo de Setúbal constitui ainda atualmente um dos mais importantes e apreciados artigos de importação da província rio abaixo e, em pequenas quantidades serve como moeda. Não é transportado em sacos, mas em cestos toscos, forrados com folhas de palmeira. Sem dúvida, seria vantajoso para o governo brasileiro fomentar importação do sal ao mínimo preço possível e, com isso, auxiliar a criação do gado bovino, que no Solimões é muito escasso. Mesmo as maiores colônias não possuem mais de 50 ou 60 cabeças, e reina ali o preconceito que não se devem mungir as vacas.

Os negociantes de Mainas aceitam como carga de retorno, contra os seus acima citados produtos, utensílios de ferro, aço, estanho, cobre, munições,

armas, tecidos de lã para roupas mais finas, tecidos de seda, chapéus, espelhos, miçangas e outros objetos para os índios.

A pobreza de ambos os países em numerário não permite muitas vendas a dinheiro (escudos espanhóis e ouro português). Em geral, a transação é feita por permuta, e então, é costume avaliar o preço um quinto ou sexto mais alto do que por dinheiro à vista.

Entre Loreto e Tabatinga, como lugares de fronteira vizinhos, cujos habitantes se visitam mutuamente, com frequência, faz-se em maior escala negócio a retalho, no qual os brasileiros devem ter vantagem.

Os sobrecargas brasileiros com os quais tive oportunidade de conversar sobre essas transações comerciais, todos só navegavam no próprio Marañón e no Huallaga, visto nestes rios estarem situadas a maioria das vilas. O Ucayali, no qual dizem que se acham quatro a cinco colônias, o Içá, o Napo, o Tigre e o Pastaza, ainda não tinham sido navegados por esses negociantes, e também o tráfico a jusante desses rios é extremamente fraco. As antigas missões franciscanas do Rio Içá estão atualmente tão desertas que só raro algum viajante desce por ele ao Marañón. Aquela ordem religiosa e os jesuítas tinham, na região superior do Napo, 22 missões, que atualmente devem achar-se igualmente em estado precário ou completamente extintas. Aliás, é livre a comunicação com o Napo, em cuja bacia superior existiria abundante formação aurífera, e é possível navegar esse grande rio, natural caminho fluvial de Quito para o Marañón, sem receio de índios hostis.

V – É fato conhecido que as madeiras dos países equatoriais têm extraordinária densidade, peso e solidez. Em particular as espécies de madeiras do Amazonas e rio Negro que, em consequência do processo de crescimento favorecido sem interrupção, crescem as árvores com quase homogênea estrutura. Distingue-se a madeira nova da velha, na maioria por ser mais duro e pesado o cerne do tronco, e escuro; porém, os anuais desaparecem completamente nas madeiras velhas de muitas espécies. São, portanto, muito adequadas para navios de guerra as madeiras de construção naval dessas regiões, que, embora difíceis de lavar, resistem melhor do que outras, mesmo ao canhoneio. As espécies dessas árvores são na maioria as mesmas que na província da Bahia. Além daquelas menciono ainda: matamatá (*Lecythis idatimon* A.), castanheiro (*Bertholetia excelsa* H.), jutaí e jutaí-mirim (*Hymenaea* sp.). Pela estrutura fina e belamente colorida são apropriados para trabalho de marceneiro especialmente: pau-violeta ou pau-da-rainha, muirapiranga, pau-vermelho (talvez *Sickingia erythroxydon* W.), muirapirama e jacarandá (*Bignonia* sp.). Para utensílios e construções são muito usados

pau-mulato (*Exostema leptophloeum* M.), a madeira pesada marrom-avermelhado da *Godovia gemmiflora*, a madeira, semelhante à da nogueira de uma mirtácea (*Eugenia inocarpus* Dc.) e 4 espécies de loureiro: louro-branco, vermelho, preto e amarelo. Para caibros toma-se frequentemente a parte periférica, preta de um tronco de palmeira, paxiuba barriguda (*Iriartea ventricosa* M.). O peso específico de muitas madeiras brasileiras é consideravelmente maior do que o das europeias.

VI – A coca – Os montanhese peruanos e mensageiros que estão habituados a alimentar-se de batata, de quinoa, milho e outros vegetais, não tomam às vezes, durante vários dias e noites, outro alimento senão a coca, e, com isso, se estimulam de tal modo, que podem trabalhar ou correr sem parar. Para reforçar seu efeito, costumam ali misturar-lhe pó de cal, da terra tocera ou *llipta*, ou cinza de sabugo de milho e da mole (*Schunus molle* L.) e conservar esse preparado em forma de bola na boca (*acullicar*), até perder o sabor acre. A saliva, provocada por seu uso, só é tragada pelos mascadores de fumo. A coca contém goma, porém quantidade pouco considerável de resina. O seu efeito é tônico, calmante e nutritivo. Os índios, quando adoecem, costumam tomar um chá dessa planta, entretanto merece ser incluído o ipadu nas drogas medicinais, pois que nas dispepsias e consequentes obstruções e cólicas, falta de apetite e hipocondria, é de grande eficácia. Também conserva os dentes. Em particular para os marujos e soldados, nos climas tropicais, seria recomendável o seu uso. No Peru, a coca é cultivada na montanha; faz-se a sementeira e transplantam-se as mudas no tempo chuvoso (dezembro e janeiro), quando já têm um pé e meio de altura.

Muitas vezes, podem ser feitas três colheitas num ano. O fumo das folhas antigamente foi usado no culto do sol. Bem que se acha divulgado o hábito de mastigar o ipadu, entre muitas tribos, por exemplo, os tecunas, uainumás, coretus, miranhas, cauixanas, juris, passés, assim como nas povoações do Solimões; sou da opinião que este artigo de luxo é de origem peruviana.

O fumo é de uso mais comum entre os índios do que o ipadu, e eles costumam tanto mascá-lo como fumá-lo. Encontramos esse estimulante conhecido e usado por todas as tribos, e, sem dúvida, já estava espalhado por toda América do Sul, quando esse continente foi descoberto pelos europeus. Sobretudo são os feiticeiros e médicos (*pajés*), que usam o fumo e defumam os doentes com grandes charutos. Para fazê-los transpirar, sopram-lhes a fumaça no nariz e nas orelhas, e receitam-lhes clisteres, etc. A língua tupi possui termos para todas as formas de fumo: *pytyma-cuí*, – “pó de fumo”; *pytyma-tyba* – “plantação de fumo”; *pytyma-pita* – “cachimbo para fumo”, de *pitêr*, “chupar” e também – “beijar”.

.....

Capítulo III

RELAÇÃO DA VIAGEM DO DR. SPIX¹, DESDE EGA,
PELO SOLIMÕES ACIMA, ATÉ O PRESÍDIO DE TABATINGA,
E REGRESSO, ATÉ BARRA DO RIO NEGRO

A 7 DE DEZEMBRO, parti de Ega. Havíamos deixado atrás a canoa grande, e embarcamos em montarias para sofrermos menos com a correnteza. Entretanto, fora despachado à frente um bote mediano, apropriado à guarda das coleções, abastecido de munições e provisões de boca, sob a direção do sargento, com alguns soldados da milícia. Viajei numa pequena embarcação, equipado com oito remadores índios, acompanhada por outra ainda menor, onde se achavam o soldado caçador, o criado e três índios. O rio, que já antes havia crescido algum tanto, tornou a esvaziar-se e continuou em vazante até à minha chegada a São Paulo, na véspera do Ano Bom, quando de novo recomeçou, com impetuosidade, a encher-se. Aliás, as corredeiras, mesmo na vazante, são também extremamente

1. A narrativa da viagem de meu falecido colega está aqui relatada, parte segundo os apontamentos deixados por ele, parte coligidos do relatório que ambos os viajantes em conjunto mandaram de Lisboa ao governo real da Baviera.

violentas, e cada árvore que tomba na água provoca uma correnteza, a qual frequentemente só é vencida a poder de tirantes. Quase sempre se navega ao longo da margem meridional do rio, para evitar as corredeiras impetuosas, predominantes na outra margem. A viagem já desde Barra estava complicada por dificuldades, mas estas aumentaram de Ega até Fonte Boa, pelo frequente desabamento das margens, que, pela distância de meia hora, aluíam com ou sem o revestimento das matas. A isso se acrescentam os enxames dos piuns e dos carapanãs! Ao cabo de meia hora de navegação, deixamos atrás de nós a ponta de terra, onde está situada Nogueira, seguindo pelo Solimões afora. Pelo furo, que desemboca no lago em frente de Nogueira e de novo deságua em Caiçara, ainda não se podia navegar. Só podem passar por ali pequenas montarias, no tempo em que o rio está na cheia. Havíamos partido às 10 da manhã e, depois de termos passado por duas bocas de furo, chegamos às 7 da noite a Caiçara ou Alvarães (**Nota I**). À esquerda, havia um lago de águas negras. Na vila, toda cercada de água e de mato, tivemos, durante a noite, a primeira provação dos mosquitos, de sorte que imediatamente tratei de recolher-me a um quarto previamente defumado e bem fechado, para passar sossegadamente a noite. Tive aí oportunidade de obter informações sobre a língua dos uainumás, nação do Japurá, a qual fura o nariz e as orelhas, e acerca dos jumanas. Estes últimos têm tatuado em volta da boca um oval, que nos homens é mais largo do que nas mulheres, e do canto da boca às orelhas uma simples linha. Creem num ente bom e num mau, chamados *Uauilloa* e *Locozy*, que vivem ambos acima da terra, na direção do sol. Temem o ente mau; do bom acreditam que aparece depois da morte, para comer frutas com o morto, e para levar-lhe a alma para sua morada. O corpo do morto é enterrado dentro dum grande vaso de barro, com as extremidades encolhidas e a face voltada para o sol nascente, conjuntamente com as suas armas partidas, e algumas frutas, que leva ao colo. Por cima da sepultura, colocam, por entre danças e uivos, frutas e as roupas do defunto, que retiram ao cabo de alguns dias, e dão-nas às crianças ou queimam-nas. Uma festa com bebedeira conclui então o cerimonial. Disfarçam o túmulo externamente, a fim de que o cadáver não seja roubado por inimigos. A mulher é pedida em casamento aos pais, por meio de presentes, em particular, alimentos. O chefe tem o *jus primae noctis*. A boda é festejada com danças e cantigas. Logo que a

criança se pode sentar, é borrifada com o decocto de certas folhas e recebe o nome de um de seus antepassados. Os nomes são diferentes para os dois sexos, por exemplo: *Maicayu*, para raparigas, *Apailacaré*, *Euxapuya*, *Payán*, para rapazes.

A 8 de dezembro regressamos à barra do lago, e em seguida velejamos, passando pela ponta de Parauari, que, segundo La Condamine, é a antiga aldeia do ouro de Teixeira, atualmente despovoada. Em breve tínhamos à nossa direita, atrás de algumas ilhas, a foz do afamado Japu, pelo qual o meu fiel companheiro de padecimentos devia seguir viagem até ao território espanhol. De fato, pertence o Japurá aos rios de segunda classe, estende-se entretanto ao longe, além da serra das Araras, e ainda é habitado, em parte, por gentios antropófagos. Entre eles especialmente os miranhas. Na compleição também eles se parecem com os demais índios do Brasil.

Os principais distintivos da raça americana são: a cor de cobre, de diferentes graus de intensidade, a relativamente maior largura do que comprimento de todas as partes; estatura pequena (índios de cinco e meio a seis pés são raros); pescoço curto; bacia larga, porém ainda mais largos o peito e as espáduas; seios fortes, pés curtos, sendo a planta do pé larga na frente; o dedo grande em geral afastado dos demais; em todos, os pés são extraordinariamente largos nos dedos; mãos curtas, unhas das mãos e dos pés curtas e largas, umbigo não tão saliente, protruso como entre os negros, mas um tanto retraído, cabelo negro, rijo como de cavalo, mais ou menos comprido; cabeça arredondada, larga; a parte parietal larga; a occipital não tão saliente como nos negros, mas arredondada; testa larga, baixa, um tanto inclinada para trás; os seios frontais salientes, rosto largo, arredondado, raramente estreito e oval; os malares salientes, o nariz achatado, narinas largas, um pouco viradas para os lados e para cima; olhos pequenos, pardo-negros; as órbitas apartadas para os lados; sobranceiras largas, de poucos pelos, em geral descendo para o nariz e igualmente para fora; boca larga e lábio inferior não tão forte como o superior, ambos menos protrusos do que os dos negros. Dentes alvos, bonitos; os incisivos parecidos com os da fuinha e de outros carnívoros; o queixo não como o dos negros, mas arredondado. Disformes são raros entre os índios, também porque as crianças mal conformadas são mortas e enterradas logo ao nascerem. Entretanto têm-se visto índios adultos com quatro dedos nas mãos ou nos pés.

A compleição do negro, por outro lado, é muito diferente. Todas as partes exteriores são alongadas: braços, mãos e pés compridos, peito estreito. A bacia é do mesmo modo estreita, porém mais larga relativamente à cabeça e ao peito. Os malares são estreitos, o queixo alongado, etc.

Nos mestiços, prevalecem por toda parte as qualidades físicas do pai. Os filhos de pai de raça caucásica e mãe índia são aqui chamados mamelucos, como no resto do Brasil. Mestiços de negros e índios são ora chamados cafuzos, ora cabras; os filhos de negra e branco designam-se por mestiços (caribocas), pardos e mulatos. Tenho justamente diante dos olhos um exemplar típico de cafuzo, cujo pai era negro e a mãe uma índia tapuia; nesse caso, prevalecem os característicos do físico do negro sobre os da índia, por exemplo: o rosto não é tão alongado, como o do negro, os lábios são grossos; entretanto, o lábio inferior não é mais saliente do que o superior; o alto da cabeça é mais arredondado do que nos negros; a base do nariz é mais achatada do que em geral acontece nos índios; os olhos são mais arqueados; as extremidades são mais alongadas, mais esguias do que nos índios, igualmente a planta dos pés; as nádegas mais salientes do que no índio e menos do que nos negros; o peito muito mais estreito do que nos índios; a posição da cabeça sobre o tronco, em ângulo mais oblíquo do que nos europeus, igual como nos negros; o cabelo só um tanto encrespado na extremidade, mas quase liso. Outro mestiço, cujo pai era índio e a mãe mulata, tinha todas as dimensões mais largas do que as acima descritas.

Com tempo variável, passei diante das embocaduras do preto lago de Cupacá e dos pequenos rios Jauató e Baré, e pelos canais, formados por ilhas, de Comatiá e Macuapanim, chegando ao rio Juruá. Este rio, de águas um tanto mais claras do que as do Solimões, até agora é ainda muito pouco conhecido, e não é navegado no interior das terras (**Nota II**). Na sua foz, tem quase um quarto de légua de largura. É habitado pelos índios catauixis, catuquinas, canamarés, caripunas, etc., e é incrível ali a abundância de cacau e salsaparrilha. O suco adocicado da polpa envolvendo as amêndoas do cacau dá uma espécie de vinho, que é bebida muito refrescante. Uma singular lenda refere-se a homens da cauda curta, *coatá tapuias* que, segundo dizem, vivem no Juruá. Embora essa lenda seja geralmente espalhada no Solimões, não pude, entretanto, colher informação segura a tal respeito. Mais exata deve ser outra lenda, a da existência de uma tribo de índios anões, a dos cauanas, cujos indivíduos teriam apenas três a qua-

tro palmos de altura. Pelo menos vimos, na Barra, um índio do Juruá que, embora já com vinte e quatro anos de idade e bem conformado, só tinha três pés e quatro polegadas de altura. Se esta estatura pequena é hereditária na tribo, ou se se deve atribuir a uma casualidade, como a da índia albina, que observamos em Barra, e um segundo caso, que vi em Tarumá – deixo por decidir.

Transpus a foz do Juruá e alcancei, ainda na mesma tarde, a terrível Barreira Castelhana. Como foi grande o meu susto, ter de navegar ao longo do barranco de cinquenta a sessenta pés de altura, solapado pela correnteza e já amolecido pelas chuvas, que em parte havia aluído com a alta mata sobre ele, ou que, com desmoronamentos, ameaçava canoas de naufrágio igual ao que havia sucedido aos barcos espanhóis, os quais se partiram e submergiram, dando o nome ao lugar! Para acréscimo do perigo, não era possível passar tão depressa quanto eu desejaria por este lugar, e os índios, impotentes contra a correnteza, precisavam até agarrar-se às árvores caídas, tocando assim lentamente as canoas para adiante. Essas corredeiras impetuosas, os barrancos solapados, prontos a desabar, e as gigantes cascatas, tombando no rio, já fizeram naufragar muitas canoas no Solimões, e constituem o maior de todos os perigos. A esses se juntavam ainda os padecimentos físicos, produzidos pelos piuns, carapanãs, maruins e mutucas, variadas espécies de moscas de estábulo e mosquitos, e mais ainda pelo mucuim, bichinho quase invisível, aparentado com o *Acarus*, e que penetra na pele e produz inchação e, afinal, pelos grandes exércitos de formigas. Quase que diariamente, na continuação da viagem, tive de passar por semelhantes perigos e incômodos. Com grande dificuldade, entretanto feliz, passei pela Barreira Castelhana, e volvi ao sul, na enseada de Fonte Boa, lugarejo cujos habitantes já foram quase totalmente exterminados, pela febre intermitente. O extraordinário despovoamento, ao longo de todo o Solimões, tem como causa principal que os índios, tirados de suas matas e da sua existência agreste, sucumbem facilmente ao modo desacostumado de vida dos colonos e às doenças por eles transmitidas.

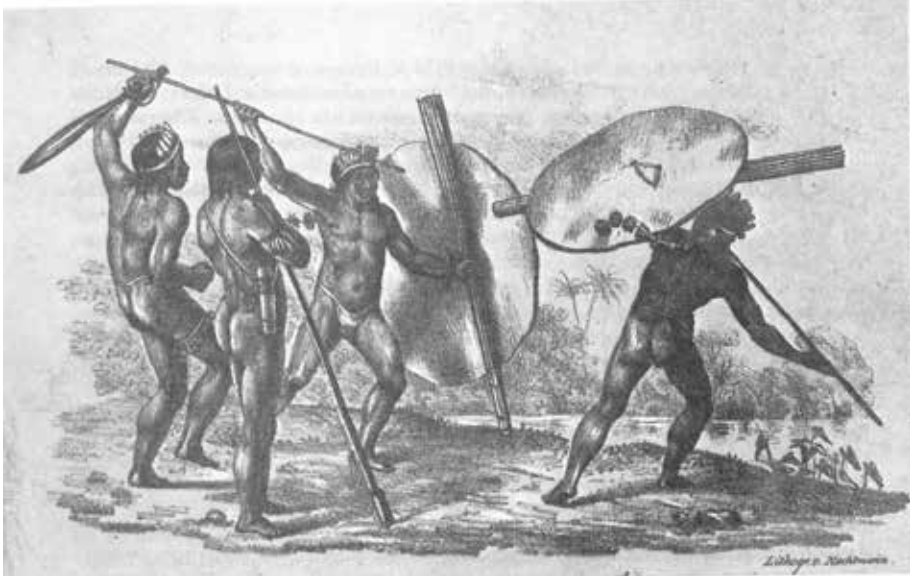
De Ega em diante, o terreno tornava-se cada vez mais selvagem e matagoso; as margens pouco a pouco mais altas são animadas por numerosos bandos de macacos, papagaios, periquitos, mutuns, etc.; o rio mostra abundância de peixes. As nações de índios, que vivem nas matas ao longo dessa parte do Solimões, são numerosas, e diferem muito na língua, costu-

mes e características nacionais... Veem-se aqui marauás, juris, passés, jumanas, catuquinas, tecunas, araicus (uaraicus), etc. Todos esses índios andam mais ou menos nus, alimentam-se de cobras, sapos, peixes, macacos, etc. e empregam nas suas caçadas, além do arco e flecha, como as demais tribos do Solimões, também a zarabatana e flechazinhas envenenadas. Ao cabo de três dias, parti de Fonte Boa, e, ainda na mesma tarde e na noite seguinte, passei no meio de uma multidão de aves, tartarugas e jacarés. Alguns urubus-reis (*Vultur papa*), nas copas das mais altas árvores, inúmeras garças e outras aves convidavam-me a entrar nas águas escuras do lago Campinas, em cuja boca me encontrava. Cheguei diante de uma cabana isolada na mata, onde estava estabelecida uma feitoria para o preparo e seca do aqui abundante pirarucu. O proprietário, um mulato, acompanhado de alguns índios e ainda maior número de índias, convidou-me a desembarcar; e alguns montes de milhares de tartarugas, que encontrei na margem, foram, de fato, um interessante espetáculo. Esses animais são por toda parte apanhados logo que acaba a postura dos ovos e quando o tempo da chuva está para chegar. Para essa caçada, mandam-se índios que viram as tartarugas nos bancos de areia, ou sentados em paus enterrados na margem, arpoam-nas à passagem no pescoço com flecha presa numa linha e puxam-nas para terra. Como o gado bovino ainda é extremamente raro aqui, esses quelônios o substituem, e todos os moradores têm perto da casa uma poça onde eles são conservados como provisão para o inverno. Apenas avancei uns passos na praia, recuei assustado, topando com um bando de jacarés, uns junto dos outros, assim como entre nós as rãs na época da desova, tendo fora d'água apenas os olhos maliciosos, o costado e a cauda, e esperavam vorazes os refugos da feitoria, abrindo e fechando as compridas goelas.

Continuei minha viagem rio acima, ao longo das margens, cheias de lagoas e riachos. Ao cabo de três dias, passei pela foz do rio Jutai, que tem um quarto de hora de largura. Esse grande rio de águas negras é habitado, na vizinhança da sua embocadura, por índios das nações mura, marauá, maçarari e outras (tapaxana, araycu, de acordo com Monteiro, conamanás, segundo Ribeiro); mais para o interior, é ainda completamente desconhecido. Trazem os marauás batoques nos lóbulos das orelhas e em ambos os lábios, mas não são tatuados. Os homens cobrem-se com um pedaço de entrecasca e levam em torno das barrigas das pernas e dos tornozelos, fitas franjadas de algodão, que eles nunca

tiram; as mulheres andam inteiramente nuas. Os casamentos são festejados depois do consentimento dos pais da noiva com ou sem danças. Se um marauá tem irmãos, só pode tomar uma mulher. Após o nascimento, a mãe lava a criança em água aquecida, fica deitada na rede durante três semanas, e apenas se alimenta, assim como o marido, com pirão de farinha de mandioca, certas aves e peixes. Quando a mãe se levanta, o parente mais velho dá ao recém-nascido, num quarto escuro, um nome usual na família. Logo em seguida são furados os lábios da criança. A ocasião é solenizada com festa. Chegando os meninos aos dez ou doze anos, o pai grava-lhe, junto à boca, quatro traços; depois disto jejuam cinco dias. Os rapazes, quando já maiores, flagelam-se com uma vara curta, operação considerada como prova de caráter. As suas festas são celebradas na lua nova. Acreditam que, depois da morte, os bons vão para a companhia de um ser bondoso e os maus para a do diabo. Os corpos são enterrados em comum, numa cabana.

Um dia depois, atravessei para a margem setentrional do Solimões, e alcancei, escapando com felicidade de algumas tempestades, em sete dias depois da partida de Fonte Boa, a povoação no Tocantins. Este rio nasce a apenas alguns dias de viagem, mais ao norte, na direção do Japurá. Aqui existem muitas roças de mandioca. O Tocantins é habitado pela tribo dos cauxanas, conhecidos por se alimentarem de jacaré, e há poucos anos mataram o seu missionário. Ao meu aparecimento em suas moradas, no mato, mostraram-se assustados no primeiro momento, mas logo saíram das cabanas, os homens todos nus e atrás deles diversas das suas mulheres e filhos, com os rostos salpicados de preto e vermelho, enfeitados com tiras de entrecasca e penas nos braços e pernas. Essas choças de teto cônico são feitas com folhas de palmeira, e têm uma parte baixa, pela qual a gente entra e sai de rastos. Homens, mulheres, crianças e cães deitam-se todos juntos nessa morada escura, cheia de fumaça. Trouxeram-me muitos bugios, os negros coatás, os peludos macacos ursinos (guaribas ruivos), rãs azuis, variedade de colibris, muitos insetos, ovos verdes de inhambu, etc.; parecia que esses índios viviam numa zona muito mais rica em alimento do que seus vizinhos do Japurá, que têm que se habituar à fome, por causa da quase contínua escassez de caça. Também diversos ingazeiros, cujas vagens longas e doces são comestíveis e oferecem aos cauxanas agradável alimento.



Dança guerreira dos juris.



São Paulo de Olivença (em cima) e Presídio de Tabatinga (embaixo) são as mais extremas colônias dos portugueses no Amazonas, ao oeste, sendo Tabatinga o posto da fronteira com o Peru, província de Mainas.

A 24 de dezembro alcancei o quartel militar do rio Içá², que nasce a noroeste, na cordilheira, onde é chamado Putumayo, e verte as suas águas pretas pelo lado setentrional, no Solimões. A minha chegada foi festejada com luminárias à noite, para cujo fim queimam manteiga de tartaruga em cascas de laranja. Duzentos dos mais belos índios da tribo dos passés, com caras tatuadas de preto, inteiramente nus, alguns com compridas varas na mão, outros com flautas de caniço, marchavam em fila, seguidos pelas mulheres e crianças, formando ora um círculo singelo, ora um círculo duplo. Semelhante marcha militar também executavam os menos numerosos juris, alternando com os outros. Ambas as nações são habitantes principais das margens do baixo rio Içá. Entre os passés, o pajé é tido em grande consideração. É ele quem aparece logo depois do parto, e dá o nome à criança. A mãe fura as orelhas do recém-nascido. A força e insensibilidade do menino são postas à prova com surra. Jovens donzelas casadouras são suspensas na cabana e jejuam durante um mês. A parturiente fica um mês de resguardo no escuro e só pode comer mandioca, e igualmente o marido, que, durante esse período, se pinta de preto e também fica deitado na rede. Usam-se aqui as insuflações com o pó de paricá e clisteres com o decocto do mesmo. O tuxaua tem, em geral, diversas mulheres; os demais, apenas uma. O *jus primae noctis* não faz parte dos costumes destes. Há festas frequentes com mascarados. Enterram os defuntos em covas redondas. Só o corpo do chefe é que tem acompanhamento, e suas armas são-lhe incineradas sobre o túmulo. Entre estes índios, encontram-se indivíduos da tribo dos jumanas, miranhas, de asas nasais furadas, ujaquas, ariauenas de orelhas alongadas e pendentes e também muriatés, cujas mulheres, em seguida ao parto, se escondem no mato fechado, a fim de que o luar não lhes provoque nem ao recém-nascido, alguma doença. Dos juris, conhece-se o costume usual aqui e acolá na América do Sul de deitar-se o marido na rede, logo que a mulher dá à luz, e ser servido por ela.

O Içá (**Nota III**) era outrora ocupado pelos espanhóis até a sua foz. Atualmente, porém, com o avanço dos portugueses, a ocupação militar desse rio retrocedeu trinta léguas.

2. Hoje S. Antônio do Içá.

Não cessa agora de cair diariamente a chuva e aumenta com isso a insalubridade do clima. Durante a nossa estada de dois dias, adoeceram de febre intermitente vários índios da equipagem, e entre outros, também o piloto; todavia, restabeleceram-se tomando vomitório. Como também eu me ressentisse do mesmo mal, fiz uso do mesmo remédio e segui viagem sem mais tardança. Do Içá, voltei ao Solimões, atravesssei aqui o rio, onde já tem ele menos largura, para a margem meridional, e pernoitei na fazenda Maturá, onde, na manhã seguinte, sete passés mataram com a zarabatana, no espaço de uma hora, uns cinquenta macacos e outras tantas aves grandes da mata. Dali passei por Castro de Avelãs, outrora vila bastante populosa, mas agora habitada apenas por três famílias e cheguei, a 30 de dezembro, a Olivença (**Nota IV**), ou São Paulo³ como era antigamente chamada. Esta vila está na margem meridional do Solimões, que tem aqui uns cem pés de altura, e, com as suas campinas nos arredores, empresta uma rara feição risonha. Este lugar é também assolado pelas mesmas febres malignas e logo começaram a adoecer, uns após os outros, os índios tripulantes. Os habitantes tratam-se com toda sorte de plantas silvestres que nascem por aqui. Servem-se assim do caquetá contra a disenteria; do paricá-rana, contra as erupções crônicas; de curuba e de caatinga, contra a febre; da erva de Santa Maria, contra a dor de dentes e câimbras; do marupá, contra a diarreia; do catauré, contra dores reumáticas; e do pau-cruz contra hemorragias⁴. A minha saúde também piorava diariamente. Um catarro que já desde três semanas me afligia, mais asmático se tornava; o corpo emagrecia visivelmente, e só o uso de banhos quentes é que de certo modo me sustentava.

Os habitantes daqui são os campevas, tecunas, culinos e araicus, todos povos que andam nus e pintam o corpo de diferentes modos. As raparigas dos culinos, conhecidos como bons corredores, quando chegam à puberdade, são suspensas numa rede à cumeeira da casa, onde, expostas constantemente ao fumo, jejuam tanto tempo, quanto aguentam. Entre os araicus, o rapaz tem que caçar e encarregar-se de todos os deveres de pai de

3. Hoje S. Paulo de Olivença.

4. Paricá-rana, uma *Acacia*; erva de Sta. Maria *Chenopodium ambrosioides*; marupá, *Simaruba sp.* pau-cruz provavelmente uma *Caesalpinia*; às plantas medicinais desta região pertencem ainda o pau-de-s.josé e o pau-doce (*Vochysis*)

família muito tempo antes de se casar com a noiva que lhe é destinada desde a infância. Hábito ainda mais singular, mas cuja prática se vai mais ou menos perdendo atualmente, era usual entre os campevas: costumavam amarrar a criança num berço, em forma de canoa, e por tabuinhas finas seguras no crânio, a fim de dar à cabeça a feição de mitra. Também é comum entre eles atirar as flechas mediante um pau oco (pallheta, estólica). Aliás, essa nação é descrita de boa índole e leal. A sua língua tem muitos vocábulos em comum com o tupi. Também aqui existe o costume de submeter os rapazes à prova de flagelação e as raparigas à defumação. A parturiente só se pode alimentar da tartaruga tracajá e de peixes, mas não de mamíferos; igual dieta observa também o marido, até que o lactente se possa sentar. Quando falece um membro de família, esta fecha-se em casa durante um mês, lamentando-se com gemidos incessantes; os vizinhos têm de alimentá-los por meio de suas caçadas, durante esse tempo. Faz-se o enterro na choça e o chefe é enterrado num vaso grande.

O produto da caça era aqui tão grande, que eu podia diariamente encher uma caixa com animais preparados. Ao cabo de cinco dias, parti da vila, depois de haver despachado previamente algumas igaras às matas, para caçarem e colherem curiosidades etnográficas. Passei pela antiga vila de São José hoje transformada em selvas, no caminho para Tabatinga (**Nota V**) onde cheguei a 9 de janeiro de 1820. Este lugar é o quartel de fronteira dos portugueses, no Solimões, contra o Peru, ponto ocidental extremo naquele rio, e distante do Pará quase quinhentas milhas francesas.

Acha-se aqui um comandante de milícias, com 12 soldados. O comércio com as províncias espanholas ao oeste parece ter sido outrora mais ativo do que atualmente. Ainda se veem ruínas de um belo edifício, construído pela Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, fundada no tempo de Pombal, para sua filial. O forte, com alguns canhões enferrujados, está em muito mau estado. As matas de Tabatinga são, em grande parte, habitadas pelos tecunas; nas selvas que se estendem ao longo do rio Javari, que deságua na margem meridional, vivem os maxurunas (**Nota VI**). Observei aqui alguns destes últimos índios: são inteiramente bravios; trazem furadas as orelhas, nariz e lábios; além disso, espetam todo o rosto com espinhos e penas, enquanto a testa é pintada de preto e vermelho. Não raro, são de cor bastante clara. Para provar e atestar a força, eles fazem profundas incisões nos braços. A parturiente não deve comer carne de macaco, mas alimentar-se

principalmente de carne de mutum. As crianças recebem o nome sem solenidade alguma; por outro lado, festeja-se com grande cerimônia a operação de perfurar orelhas, lábios e faces. As duas primeiras já são feitas na infância; a perfuração da face só se faz ao chegar à puberdade. Para que as perfurações não se fechem, deixam-se ficar nelas flechas, que são todas as manhãs revolvidas de um lado para outro.

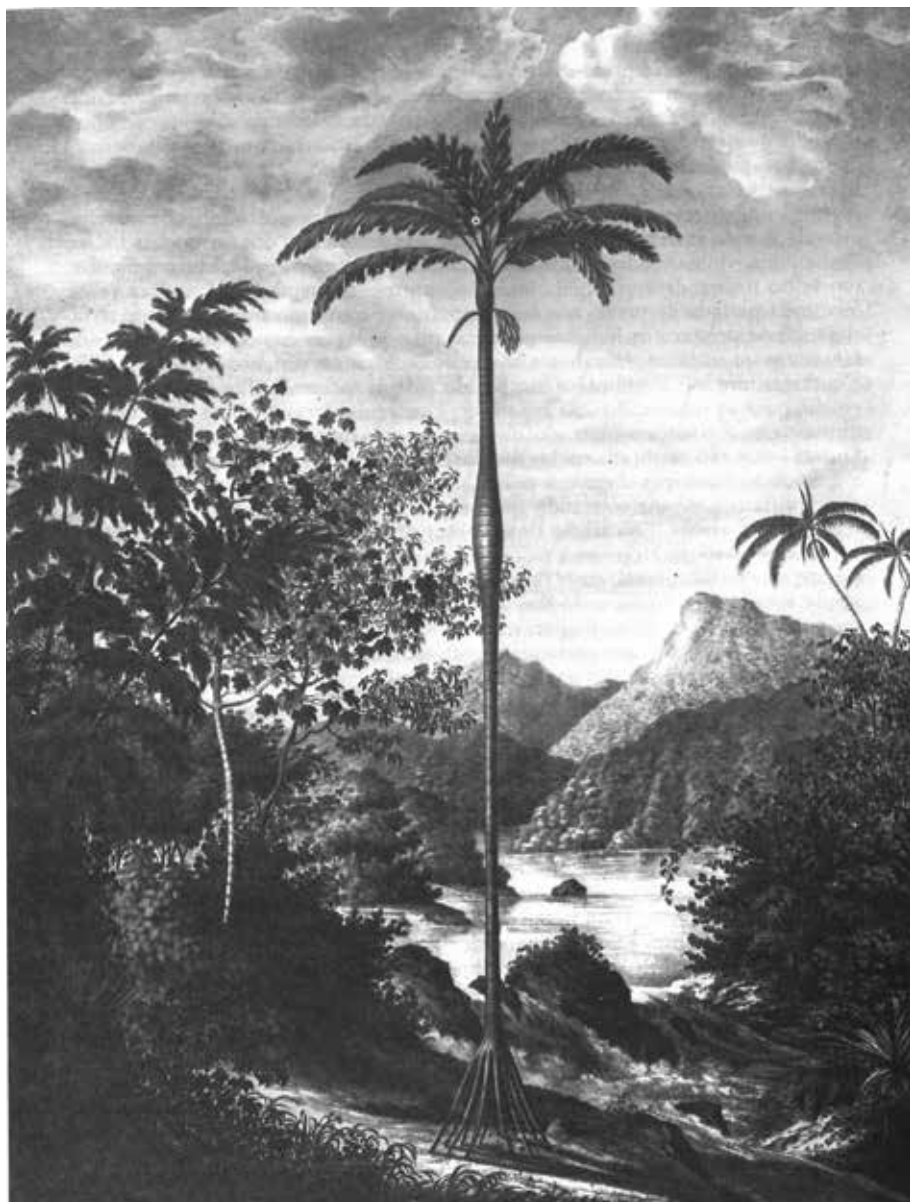
No Javari (**Nota VII**) são de fato abundantes o cacau, a salsaparrilha e tartarugas; mas, por causa das doenças malignas, ali reinantes, e da crueldade dos seus habitantes, é evitada essa região pelos portugueses. Quando passa uma canoa, aqueles índios hostis, escondendo-se atrás de uma árvore, atravessam o piloto com um grande dardo, ou com a azagaia, e caem então sobre os outros da tripulação com grandes dadas quadriláteras (tamaranas), de sorte que raramente escapa algum. Mais mansos e mais amigos dos brancos são os tecunas (**Nota VIII**). Quando cheguei a Tabatinga, vi diversas igaras dirigidas para terra, cheias de índios nus, enfeitados com braçadeiras, ligaduras, ombreiras e testeiras de penas, e os quadris revestidos com delicado cinto de entrecasca. Apenas desembarcaram, ouvi uma atordoadora música, e presenciei a festa, para a qual tinham vindo de suas matas esses índios. Consistia a cerimônia em arrancar a cabeleira de uma criança de dois meses, entre danças e música. Os índios haviam convidado para isto os vizinhos, tocando numa buzina de caniço grosso, e festejaram a bárbara solenidade com dança bacânica, excitando-se cada vez mais aos goles de uma bebida fermentada, feita com a raiz do aipim doce (macaxeira). Emulavam um verdadeiro préstito. Aquele que figurava o diabo jurupari, com máscara de macaco, abria a marcha; a cauda do seu vestido, feito de entrecasca, era levada por duas pequenas índias. Em seguida, vinham outros mascarados, um figurando um veado, outro um peixe, um velho tronco de árvore, etc. Fechando a procissão, vinha uma mulher velha, feia, toda pintada de preto que batia monótono compasso numa casca de tartaruga. Nesse préstito, os indivíduos dançavam e pulavam como bodes, parecendo fantasmas ou malucos. Um desses horrendos comparsas dirigiu-se logo para mim e queria arrancar-me os botões luzidios do paletó, parecendo-lhe um conveniente enfeite para as suas orelhas. O espantoso espetáculo dessa bárbara festa, na qual muitas vezes a criança morria, durou desta vez três dias e três noites consecutivas. Outras festas são celebradas pelos tecunas, quando se furam as orelhas da criança e quan-

do as raparigas chegam à puberdade. Enterram os seus defuntos em potes e incendeião a cabana com tudo quanto possuía o morto, quando os filhos não reclamam as armas. Esta nação dos tecunas pratica nas suas matas a circuncisão em ambos os sexos. Negociei a troca de suas armas, seus adornos e utensílios por miçangas, espelhos, facas, etc. O tempo também aqui foi muito desfavorável, chovendo sem cessar. No segundo dia, puseram-se às minhas ordens 30 tecunas, que me trouxeram aves de incomparável beleza, da mais variada plumagem. Como aqui e em Olivença é que particularmente são abundantes essas magníficas aves, são os tecunas hábeis não só na caçada, mas também em as esfolar, e para a operação apenas se servem de um pauzinho. Em quatro dias, era tão grande o fornecimento, que enchi quatro caixas.

De Tabatinga vai-se em 24 horas a Loreto, onde vivem os índios pevas. É a primeira povoação espanhola, com um comandante e algumas tropas. A oeste dali, toma o rio o nome de Marañón (em português Maranhão), e, em lugar da língua brasílica ou tupi, os índios e a gente mais baixa do povo falam a língua peruana vulgar ou quíchua (*lengua del inca*). Com prazer seguiria eu para oeste, em direção à cordilheira, sobretudo por me haver convidado para sua casa o comandante espanhol, logo que soube de minha chegada a Tabatinga; todavia, a notícia de que os independentes avançavam para Lima, e tendo o vice-rei ali ordenado o regresso dos mais importantes oficiais do interior, nomeando outros para os substituir, assim como também o fato de só serem válidos no Brasil os nossos passaportes, obrigaram-me a voltar daqui. Portanto, terminei a viagem aqui, na fronteira do Brasil, e volvi na direção ocidental para leste. A jornada para Olivença, que a montante se fizera em quatro dias, apenas exigiu 24 horas, na descida. Nessa viagem, permanece-se sempre no fio da correnteza, em meio do rio. Aqui aconteceu-me bater a canoa num tronco imerso na água, enchendo-se a meio, num instante, e quase afundou; porém, como felizmente o tronco se partiu, de novo flutuou a canoa e passou o perigo. Em Olivença ainda não haviam chegado de volta às igaras dos índios mandados aos silvícolas da vizinhança, e esperei oito dias por eles. Os culinos, que vivem aqui, não são tatuados; têm, porém, furados as orelhas, o lábio superior e o inferior e o septo nasal. O casamento é decidido já na mais tenra idade das raparigas, e é consentido em troca de serviços para os pais dela. O chefe goza do *jus primae noctis*. Enquanto a parturiente está de dieta, o

marido nada come, nos primeiros cinco dias. Evitam comer, nessa ocasião, carne de paca, e de anta, e só se alimentam de carne de porco. Assim que o recém-nascido tem uma semana, é defumado um dia inteiro pelo pajé com um charuto, e depois se lhe dá o nome. Que a alma dos defuntos passa para um animal, eles não creem; ao contrário, a sua crença é que elas vão para o céu, onde todos os povos se reúnem. Enterram os seus mortos na terra, numa cabana redonda, destinada especialmente a esse fim; enquanto os parentes fazem o enterramento, ficam os demais da tribo nas suas redes; somente o corpo do chefe é acompanhado por todos.

Decorrido algum tempo, parti da vila, atravesssei o rio e, na margem setentrional do mesmo, entrei num rio pequeno que nos devia levar ao rio Içá. Uma igara foi despachada à frente, para abater no estreito rio as árvores e os arbustos cerrados das margens; porém, mesmo depois dessa precaução, ainda ficou o trabalho de carregar aos ombros a montaria maior, por cima das árvores tombadas. Já depois do primeiro dia de viagem, achei-me numa mata tão fechada, que não permitia entrar um só raio de sol, e o gotejamento incessante das árvores encharcava-me tanto, como se estivesse exposto ao mais violento aguaceiro em campo aberto. No segundo dia, passei por um lago, e, pelo Jucurapá, impetuoso afluente, no Içá, alcançando no quinto dia a foz onde está a vila. O Solimões já estava agora tão cheio, que não aparecia mais um só banco de areia, e a mata próxima submergida 15 a 20 pés. No Solimões encontrei índios da tribo uaraicu. Esses não são tatuados, mas têm furados as orelhas, o lábio inferior e o septo nasal. Têm os mesmos costumes que a maioria dos seus vizinhos, na ocasião dos casamentos, nos partos (depois dos quais a mulher se afasta do marido durante seis meses, e habita outra cabana com os seus parentes), a fumigação das donzelas e a prova da resistência viril pela flagelação. As suas festas não são celebradas com préstitos mascarados. Eles creem em Deus e no Diabo; ambos moram acima da terra. O Diabo aparece sob forma humana só ao pajé. Incineram os seus mortos estendidos e com o rosto voltado para o oriente. A cinza dos defuntos é conservada na cabana. No Solimões, viajei dia e noite a jusante; em dois dias, vim de Içá para Fonte Boa; num dia, daí para Ega; e, finalmente, em quatro dias, deste último lugar, de regresso a Barra do Rio Negro, onde entrei a 3 de fevereiro.



*Cachoeirinha de Cupati; no primeiro plano, uma paxiúba-barriguda
(Martius, Genera et species palmarum).*

NOTAS DO CAPÍTULO III

I – Alvarães, antigamente São Cristóvão, acha-se ao lado oriental do riacho Urauí, cujas águas negras banham também a vila, em parte, pelo lado de trás. Na língua geral, chama-se *Caiçara* (o que significa “curral”)¹, nome que se originaria do fato de serem conservados aqui os índios que eram apresados outrora, principalmente nas matas do Japurá. A povoação fundou-se em 1758, quando foram transferidos para aqui os índios que antes viviam reunidos no Tijuaca, um furo entre o Japurá e o lago Amaná. Seus primitivos habitantes eram da tribo dos uarus, chamados cocas, porque costumam repetir muito a palavra coca, que na sua língua corresponde a não – e dos ambuás, uaimás, jucunas, alaruas, passés, cauiaris, miranhas, quase todos das matas no Japurá, e dos maranhas, que foram trazidos para cá do Juruá. Os últimos são antropófagos. A região de Alvarães é aprazível e muito fértil, dando-se especialmente bem a mandioca; entretanto, os habitantes têm de sofrer muito dos carapanãs e piuns.

II – O Juruá (Pagan chama-o Amarumayó) é até hoje mal conhecido pelos brasileiros, pois as numerosas tribos (Monteiro cita 32 e a mim indicaram como as mais importantes dos marauás, catuquinas, catauixis, canamarés e arão), existentes nas suas margens são guerreiras e inimigas dos brancos. Quase todas se servem de armas envenenadas, e só em pequeno número foram trazidas para as colônias. As expedições, que para colher salsaparrilha e cacau, sobem uns 20 dias de viagem no Juruá, não chegam ainda às cachoeiras, para as quais se calculam no mínimo 30 dias de navegação. A correnteza do Juruá é mais impetuosa do que a do seu vizinho de oeste, o Jutá. A largura da sua foz, de acordo com a medição de de La Condamine, é de 362 braças. As terras, por onde ele corre, segundo referência dos habitantes, são baixas e, em grande parte, cobertas de mata.

III – O lugar de Fonte Boa, antes de ser transferido para cá, tinha ocupado quatro outros sítios no Solimões. Os índios que constituíam sua população em parte foram trazidos do Juruá, parte do Japurá e pertenciam às nações dos umauas, ou campevas, xamas, xomanas, passés, juris, conamarés, tumbiras, cururamás, araicus, catuquinas e paianas. Atualmente só restam poucos vestígios

1. *Caiçara* (de *caitara*, “queimada”) era a cerca, ou trincheira, feita de paus retirados da queimada, com que os nossos índios defendiam as suas tabas. Entrando na corrente da língua portuguesa, o vocábulo tomou considerável extensão, pois passou a significar, não só “curral”, como também armadilha de ramagem, presa a moirões, para atrair e deter os peixes, à beira-mar, e até, finalmente, os pescadores paulistas, que vivem nas praias de mar grosso. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

de sua antiga independência. Os habitantes falam a língua tupi e alguns até português. São afamados por sua habilidade na confecção de variada louça. Ribeiro menciona que havia aqui antigamente uma localidade, da qual ainda restavam grandes potes enterrados com os ossos (igaçaba oçu) dos defuntos, cujos cantos estavam quase na superfície da terra. Como na fundação da maioria das povoações no Solimões, também aqui era decisiva a fertilidade do solo. Grande como seja esta, a estadia torna-se insalubre pela posição no riacho Caiaraí, um quarto de légua acima de sua foz, entre vargens, nas quais se aprofunda o terreno a leste e incômodo pelos inúmeros mosquitos e moscas do estábulo.

IV – Por mais importante que seja o Içá para os moradores desta região, como rio onde são abundantes o cacau e a salsaparrilha, não me foi possível encontrar alguém com bastante conhecimento para dar-me informações a seu respeito. Todas as notícias que se obtêm dos *cabos*, que anualmente levam expedições até ali, limitam-se ao seguinte: – “É um rio muito rico, acha-se ouro nele”, palavras que não são mais do que o eco das antigas notícias de Acuña.

As tribos de índios, habitantes do Içá, foram levadas em menor quantidade às colônias portuguesas do que as dos rios próximos. Os iças, dos quais o rio tomou o nome, já se extinguíram. Tampouco consegui apurar algo de concreto dos caca-tapuia, descritos por Monteiro como antropófagos, distinguidos por um traço tatuado correndo do nariz às orelhas.

V – A Vila de Olivença, fundada em 1759, foi antigamente considerada como o lugar mais rico de todo o Solimões; agora, porém, parece inferior ao presídio de fronteira, Tabatinga, que pertence à sua diocese. Os arredores da vila elevam-se, em alguns pontos, a 80 e até 100 pés, altura considerável relativamente à geral planura e baixeza da margem. Tampouco como em outras colônias, acham-se casas grandes, de dois pavimentos, por entre as choças dos índios. Constituíam outrora os campevas a maioria dos seus habitantes; atualmente, não mais são distinguíveis como tribo independente, mas passaram a ser índios mansos. Só poucas famílias campevas é que vivem ainda agora em completa liberdade nas matas entre Olivença e Tabatinga; e a maioria habita essas vilas ao menos uma parte do ano, quando voltam das suas roças. Já antes fiz observar que esses silvícolas primitivamente falavam o tupi, embora com certas alterações, e ainda o falam; e o nome de campevas (cabeça-chata) triam-no por causa do costume singular de dar à cabeça das crianças a forma de mitra mediante compressão. O dr. Spix levou consigo o berço, de que eles se serviam para esse fim. O recém-nascido era fixado no cesto por meio de uma tabuinha, movediça, no sentido do comprimento, para trás e para diante, e a cabeça, descansando num pequeno traveseiro, era comprimida lateralmente com uma tala de sarrafinhos de caniço ligados. A mãe dava de mamar ao filho, sem o retirar desse penoso berço, e a limpeza da criança devia ser, pela mesma razão, extrema-

mente imperfeita. A conselho dos portugueses, as mães abstiveram-se do bárbaro costume; entretanto, procuravam dar, ao menos com as mãos, ao crânio dos recém-nascidos, o feito predileto. Não se deve, pois, estranhar que a tribo dos campevas (ou omáguas) se tenha cada vez mais enfraquecido, e esteja agora próxima da sua extinção. Ademais, é muito estranho que esse costume não se limita simplesmente aos omáguas, mas reaparece em tribos muito distantes. Faz Ribeiro dessa extraordinária tribo a seguinte descrição, que confere em geral com a descrição de Acunã: – São os campevas os índios mais civilizados e inteligentes. Já os distingue a cor mais branca da sua pele e compleição bonita. Homens e mulheres sempre andavam vestidos: fato extremamente raro entre os índios. Os vestidos são feitos com muita habilidade pelas mulheres. Elas tecem cobertas (tapeciranas) com diferentes tonalidades, tecido de algodão muito fino para vestidos e outros empregos. Também negociam esses produtos; na verdade, é coisa rara uma tribo manufatureira e comerciante. São, de resto, muito singelas as suas vestimentas: um pano com abertura para a cabeça e duas laterais para os braços, caído na frente e nas costas. Dos campevas é que os outros índios, também os do Pará, aprenderam o preparo da borracha, com a qual sabem fazer seringas, sapatos, botas e chapéus. São guerreiros; eram os tecunas e os maiurunas seus velhos inimigos. Em guerra, mostravam-se cruéis. Decepavam a cabeça do inimigo, e penduravam-na como troféu, nas suas cabanas. Com os dentes arrancados, faziam os seus colares. É a flecha a sua arma; entretanto, não a disparam com o arco, mas com a palheta, uma tabuinha comprida de três palmos e meio, em cuja extremidade está fixado um dente ou prego, com a curva para dentro. Neste, eles adaptam a flecha que sabem lançar a considerável distância, com a máxima segurança. Essa arma é a *estólica* dos guerreiros incas do Peru. É duvidoso se eram antropófagos os campevas. Muitos o afirmam que os que vivem nas matas ainda o sejam. Contudo, não me quis confessar tal fato nenhum campeva, mas asseveravam que, pela deformação do crânio das crianças, eles queriam distinguir-se dos antropófagos. Entre os costumes dos campevas, também se contam as bufonarias fraudulentas e bruxarias no tratamento das doenças. Os seus pajés (feiticeiros chamanes) são por isso desacreditados. O uso de pó de paricá, insuflado por meio de um osso oco, a que chamam, assim como os otomacos do Orenoco, de *curupá*, eles o têm em comum com os muras, os maués, os tecunas e outros. Quando se sentem debilitados, preparam e tomam essas sementes adstringentes também em clisteres. Quanto à terra de origem dos omáguas, nós mesmos estamos inclinados a aceitar a hipótese de sua vinda do sul e consideramos-lhes como parte da grande tribo dos tupis, cujas migrações parecem ter-se estendido sobre o Brasil inteiro.

VI – A vila de S. José do Javari foi fundada em 1759 com índios da tribo dos tecunas; porém a situação baixa, insalubre, o tormento terrível das moscas

de estábulo, o afastamento do lugar e a inconstância dos habitantes, que preferem morar na mata, tiveram como consequência a ruína total da vila.

VII – A situação do Presídio de São Francisco Xavier de Tabatinga, no extremo ocidental, parece muito adequada para um posto de fronteira. Desse local se tem a vista do rio, aqui bastante apertado e sem ilhas, na distância de duas léguas a leste até a foz do rio Javari, e, em uma e meia légua a oeste, até as ilhas de Xanarié; e a passagem do rio seria fácil de dominar, ali estabelecendo algumas baterias. Porém, o forte construído de madeira, com algumas peças de 6 libras a oeste do lugar, no mais alto ponto da margem, não é cuidadosamente conservado. Na ocasião da estada do Dr. Spix, ainda vigorava a autoridade de Fernando VII, em Mamas e Pelai; porém, o antigo vice-rei de Nova Granada, já havia declarado a sua independência, e recebemos, antes de nossa partida de Barra do Rio Negro, a 14 de março, uma proclamação de Bolívar publicada a 20 de fevereiro de 1820, em Angostura, que chegou pelas cataratas do Orenoco, até a foz do Rio Negro, em menos de um mês.

As convulsões políticas nos estados espanhóis vizinhos eram então consideradas sem o receio de que se possam estender para este lado da fronteira do Brasil. Sem dúvida, por falta de povoamento, menos se tem que recear justamente nesta região alguma reação violenta contra as autoridades existentes. Assim como os vulcões ativos estão na proximidade do mar, no Novo Mundo se acham também nas costas os focos de revoluções políticas, onde mais densa é a população, mais animado o tráfico e mais fortes as paixões, das quais se inflamam tempestades políticas.

O tráfico entre Tabatinga e as vizinhas terras espanholas de Mainas não era muito considerável, nem provavelmente o é também hoje. Quanto ao comércio entre ambos os países, reporto-me à **Nota IV** do capítulo precedente. Os índios de Loreto, originariamente da tribo dos pevas, falam a língua incaica; entretanto, não pura, mas em geral com mistura de vocábulos tupis. São citados como povo de boa índole, trabalhador e dedicado aos espanhóis. Chegando-lhes a notícia da estada do Dr. Spix em Tabatinga, vieram em diversas canoas pelo rio abaixo e ofereceram-lhe a permuta de aves esfoladas e copos talhados em madeira, envernizados com cores diversas e guarnecidos com folhetas de ouro.

VIII – Os maxurunas (majurunas, majorunas, maxironas), constituem uma das tribos mais poderosas, mais vastamente espalhadas e mais temíveis do alto Solimões. Eles nem reconhecem a supremacia espanhola, nem a portuguesa, e são perigosos para os viajantes brasileiros do Javari, assim como para os espanhóis do Ucayali. Falam língua própria, de entoação muito sonora e dura. Usam cabeleira comprida, com tonsura ao redor do topo da cabeça. Fazem muitos furos no nariz e nos lábios onde metem compridos acúleos e, junto dos dois cantos da boca enfiam

duas penas de arara. No lábio inferior, asas nasais e lóbulos das orelhas, soem trazer discos talhados de conchas. A esse aspecto apavorante, corresponde a crueldade de seus costumes; pois não se satisfazendo com comer a carne do inimigo abatido, matam e comem os próprios velhos e doentes de sua tribo, sem poupar o pai ou filhos nas doenças graves, antes que o doente emagreça.

IX – O marco, colocado nesse rio pela comissão de limites, está na margem meridional, distante 1815 braças da foz. Navega-se este rio três semanas a montante sem encontrar cataratas.

X – São os tecunas uma tribo extremamente indolente: Eles creem que a alma, depois da morte, emigra para outros corpos, até de animais irracionais. Nos recém-nascidos, praticam a operação de circuncisão, e é em geral a mãe quem a pratica, em ambos os sexos. Este ato é festejado com grande folguedo, e nessa ocasião se dá o nome à criança. Eles se apegam muito a uma grosseira idolatria, de sorte que mesmo os que aprenderam nas missões não se podem separar de seu ídolo, que se encontra constantemente nas cabanas. Esse ídolo é o que chamam de *Itoho* (sinônimo de diabo), figura terrível, feita com cabaça, que eles guarnecem com entrecasca de uma árvore, chamada *aichama* na sua língua. O sinal distintivo dessa tribo é uma linha estreita, tatuada de través no rosto. As mulheres andam inteiramente nuas; os homens, ao contrário, cobrem-se com um avental, feito com a entrecasca acima mencionada.

Provavelmente não seja sentimento religioso o que determina os tecunas a não se separarem do seu *Itoho*, pois que, segundo observação de meu companheiro, ele lhes serve de máscara, nas suas danças e préstitos festivos. Vi as mesmas mascaradas entre os juris no Japurá, e as descreverei no devido lugar do meu relato. A dança do Diabo também é conhecida pelos índios do Orenoco. Digno de nota é haver o dr. Spix citado, além da circuncisão, também a depilação da cabeça dos recém-nascidos entre os tecunas. Esses indígenas são descritos como tribo de índios muito esbeltos. Assim, eles aparecem no esboço de um préstito desenhado pelo dr. Spix e assim encontrei também um da tribo, que em Maripi admiti entre meus remadores. A estranha magreza das suas extremidades será, acaso, resultado do hábito de enfeitar-se no artelho e abaixo do joelho com uma ligadura de uma plegada de largura? O dr. Spix trouxe consigo alguns pares dessas ligaduras de perna, feitas com cuidadoso trançado de finos fios de algodão, guarnecidos na borda com peninhas de papagaio. Os culinos, vizinhos (talvez tribo aparentada) dos tecunas, têm os mesmos hábitos, e são afamados como ligeiros corredores. Entre estes, como entre os caraíbas, considera-se grande beleza, quando os músculos da coxa e da barriga da perna são engrossados por meio de ligaduras apertadas abaixo e acima dos joelhos e tornozelos. As mães atormentam as crianças, já na primeira infância, com esse embelezamento.

Além dessas tribos, também há aqui os chamados tumbiras, cujo nome (timbira) já havíamos conhecido antes no Maranhão e no Piauí e, dentre os quais também uma horda de coxas delgadas (timbiras de canela fina), costumam trazer semelhantes ligaduras. Serão esses predicados indício de parentesco das tribos? Na grande obscuridade que envolve a história primitiva dos selvagens sul-americanos, seja permitido combinar mesmo tais fatos aparentemente insignificantes. Desde algum tempo os tecunas já alcançaram certa fama pelo preparo do veneno de flecha. O dr. Spix trouxe a planta que fornece o ingrediente principal desse veneno e a casca raspada da árvore do veneno, embrulhada em folhas de palmeira e, na ocasião de mencionar o veneno de flecha dos juris no Japurá, voltarei ao assunto.

.....

Capítulo IV

A VIAGEM DO DR. MARTIUS, DESDE EGA PELO JAPURÁ ACIMA,
ATÉ A CATARATA DE ARARAQUARA E, DE REGRESSO,
ATÉ A BARRA DO RIO NEGRO

OS PREPARATIVOS PARA VIAGEM pelo Japurá¹ não foram tão fáceis como as para o caminho escolhido por meu companheiro, o Solimões, a principal via deste vasto continente. Embora, desde uns 80 anos sejam preados índios do Japurá e o número deles, assim arrancados de suas matas, talvez já possa montar a 20.000, as tribos que vivem nas suas margens são ainda consideradas com receio e desconfiança pelos viajantes que, só acompanhados de numerosa guarnição, se atrevem às regiões além das duas aldeias de índios fundadas pelos portugueses, Maripi e São João do Príncipe², situadas ainda abaixo das primeiras

-
1. Yupurá ou Yapurá é a verdadeira pronúncia na boca dos índios, embora os nomes de Japurá e Jupurá sejam mais usados pelos brasileiros. De acordo com Monteiro, o rio recebeu o nome da tribo, já extinta, dos yupurás e de uma massa, também chamada assim e preparada por esse povo de uma fruta podre, mole, preta e de mau cheiro e comida por eles em lugar do pão.
 2. Hoje Maraã (?) e S. João.

cataratas. Era, pois, preciso esperar primeiro a grande embarcação do capitão Zani, feita para o comércio de salsaparrilha e cacau, e provido de víveres e munições para todos nós, a qual, sob o comando de João Bernardo, mulato robusto e corajoso, equipada com 20 índios, e acompanhada por duas pequenas montarias, devia seguir à nossa frente, pelo rio. Quanto a nós, além da nossa própria canoa, guarnecida de 12 índios, com um toldo de folhas de palmeira (em tupi, *tamarica*)³ levávamos mais três montarias, uma das quais, comandada pelo soldado do Pará, devia seguir na vanguarda, enquanto que as outras duas conduziam os caçadores e pescadores. Um índio de cabeça grisalha, sempre bem disposto, foi-nos dado como piloto (*Yacumaúva*). Como o velho Gregório, tuxaua (tubixava) dos coerunas de Maripi, se achava justamente em Ega, convidamo-lo a reunir-se a nós. Toda a nossa frotilha agora consistia em oito embarcações, que levavam 56 homens; e, depois de havermos concedido ao pesado barco de João Bernardo o avanço de três dias de viagem, partimos de Ega a 12 de dezembro e, não rumando para a foz do Tefé, mas seguindo pelo canal a leste dali para Alvarães (Caiçara) dirigimo-nos para esse pequeno povoado, onde passamos a noite. Depois de havermos atravessado o Solimões na manhã seguinte, a uma légua a oeste de Caiçara, avistamos diante de nós, à direita, a foz do Japurá (de uma légua marinha, no mínimo de largura), o qual, correndo tranquilo por entre margens baixas, cobertas de mata virgem e muitas palmeiras, incorpora-se aqui ao maior de todos os rios. Acerca das viagens realizadas no Japurá antes de mim (**Nota I**) quase nada sabia eu; mas essa falta de notícias exatas estimulava o meu interesse. O homem está inclinado a colorir as empresas que põem à prova a sua coragem com cores dum futuro poético. Ainda me recordo da exaltação com que contemplei a embocadura do majestoso rio, sonhando com o descobrimento de múltiplas maravilhas. Se esses sonhos não se realizaram, devo, entretanto, ser grato particularmente às experiências que se oferecem nessa remota região, e que me proporcionavam o aspecto na-

3. Não se nos deparou o vocábulo *tamarica*, e, sim, *tamacarica*, significando o toldo das pequenas embarcações que cortam os rios da Amazônia. (Nota da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.)

tural, o único exato, do estado primitivo do continente americano e dos seus habitantes! Não entramos no rio pela boca principal, mas seguimos por um furo (paraná-mirim) relativamente pouco importante, chamado Majana, que, formado por uma ilha comprida, coberta de arbustos, corre, fazendo muitas curvas ao longo do rio. As águas de curso lento, vindo ao nosso encontro, tinham a cor turva, puxando para o amarelo do Solimões e pareciam um tanto mais turvas quanto mais nos afastávamos do rio principal. A razão disso era, sem dúvida, a atual enchente do rio, pois que em outras épocas do ano, são mais claras as águas do Japurá do que as do Solimões, e só se turvam quando misturadas com as do canal Aranapu, que, cortando desde Fonte Boa o terreno, leva as águas do Solimões ao Japurá e deve, portanto, ser considerado um verdadeiro braço do grande rio. Remamos o dia inteiro, sem avistar o rio principal. Passamos a noite, à falta de uma ilha de areia, numa ponta de terra onde, como sempre, daí em diante nos acautelávamos com numerosas fogueiras e sentinelas revezadas, contra o ataque de animais ou de índios hostis. Na manhã de 14 de dezembro, alcançamos a margem ocidental do rio principal que, com grande surpresa minha, repetia aqui, no meio do continente, o aspecto do Amazonas na sua foz. A largura é, em média, de uma légua marinha, conforme haja no rio ilhas maiores ou menores. Tudo aqui tinha a feição do Solimões: a formação das ilhas e margens abruptas, e a vegetação consistente de denso arvoredos, sujo de lama, arbustos pendentes longe, por cima do rio, e de inúmeras palmeiras, entre as quais são particularmente abundantes as paxiúbas (*Iriarteia exorhiza* M.), com suas raízes muito salientes do solo. O Solimões, durante a nossa estada em Ega, havia crescido enormemente e por isso encontramos engrossada a parte inferior do Japurá, que recebe pelo Aranapu as águas do grande rio, já com mais 8 a 10 pés de altura. As ilhas de areia, como as que havíamos visto três semanas antes no Solimões, estavam agora mais submersas, a maioria totalmente desaparecidas. Observamos a primeira mudança na feição do rio, somente a alguns dias de viagem a montante, acima de Maripi⁴, onde ele se curva de sueste para leste, e

4. Hoje Maraã (?).

não está mais em comunicação, por nenhum canal, com o Solimões. A água colhida num copo, mostrou-se um tanto mais límpida do que a do rio vizinho, de sabor um pouco mais doce e indicava em geral a temperatura de 24° a 25,5°. Os paraná-mirins, formando uma série de extensas ilhas ao longo do rio principal, estendem-se durante alguns dias de viagem a montante, e nós aproveitamos desses canais mais tranquilos, mas agora com bastante água, navegando neles de referência e pernoitando ora neles ora na margem do rio principal, ao qual voltávamos de distância em distância. Do canal Majana passamos pela boca do lago Pirarara, alcançando o canal Pirarara, e daí aos de Pirapucu, Manacabi e Putiri, acima dos quais o rio é dividido em dois braços pela grande ilha de Cururu. Na manhã de 17 de dezembro atravessamos para a margem oriental, onde passamos pelas bocas do Tijuaca, um canal que liga o lago Amaná com o Japurá. Acima desse canal, encontramos no meio do rio, e à vista da foz do caudaloso Aranapu, uma feitoria (riba), fundada para a pesca do peixe-boi e do pirarucu. Tais instalações são apenas provisórias. Onde alguém calcula abundância de peixe, logo constrói uma cabana com folhas de palmeira e um grande jirau de ripas, para secar o peixe sobre o fogo, monta algumas caldeiras para a refinação do óleo e fica à espera da caçada, que os índios lhe fazem com arpão e tarrafa. Às vezes é tão farta a pescaria, que o trabalho de oito dias produz provisão para meio ano. O jirau que encontramos aqui media cinco braços quadradas e estava coberto de pirarucus, pirararas, surubins e acarás que, assados na sua própria gordura, espalhavam cheiro (pixé) extremamente agradável para os nossos índios. Permutamos, por um cesto cheio de sal, tanto peixe, que encheu alto uma das pequenas montarias. Tendo por cima uma esteira de folhas de palmeira, levamos essa provisão seguramente por 14 dias; até que os índios que dormiam na montaria se queixavam que os jacarés, atraídos pelo cheiro, não lhes davam descanso e, por isso, repartimos o carregamento entre os barcos. Disseram os índios que só agora nos achávamos no próprio Japurá, após deixar atrás de nós a boca do Aranapu. Opinião errada, porém.

Só no sétimo dia após a nossa partida de Ega, alcançamos Santo Antônio de Maripi (Imaribi), o primeiro povoado do Japurá, fundado 50 anos antes, mas acrescido depois sucessivamente por uma população de tribos mui diversas⁵. Encontramos ali apenas seis casas e uma igrejinha, à

qual já desde muito tempo faltava o pároco. Também o juiz do lugarejo, o único branco ali residente, um cidadão de Fonte Boa, não estava presente justamente na ocasião. Vimo-nos, portanto, cercados exclusivamente de índios pertencentes às tribos dos passés, juris, coerunas e jumanas. A maioria deles não habita na própria aldeia, mas vive espalhada pela vizinhança. Em cada uma das casas, encontramos mais de uma família. Os coerunas, passés, e jumanas têm aqui seus próprios principais. Aos tuxauas das duas primeiras tribos estão sujeitos, quando muito, uns 107 indivíduos. Esses chefes de aldeia, provindos do tempo da Diretoria⁶, constituem uma espécie de magistratura. São escolhidos pelos índios de sua tribo, confirmados pelo governo, e tornam-se os intermediários, pelos quais o juiz dirige a população. Gregório nada mais tinha de urgente para fazer do que nos apresentar a todos os aparentados da tribo ali presentes, e assim vieram à tarde oferecer-nos pequenos presentes (*potaba*) de frutas, adornos de penas e armas, que permutaram, com a máxima gratidão, por utensílios de ferro e miçangas. Os coerunas constituem atualmente uma tribo sem importância no Miriti-paraná; eles chamam de Caritajá o afluente junto ao qual vivem. Outrora costumavam, como distintivo da tribo (**Nota II**), guarnecer o furo no lábio inferior, com um disco de concha ou com um cilindro de copal; mas os índios que aqui encontramos, não tinham esse defeito. Em geral, eram de estatura pequena, robustos, de tez escura, sem expressão agradável na fisionomia. Falavam com extrema rapidez, e a sua língua, cheia de muitos sons nasais, soava-me mal ao ouvido. A entoação, quando reforçada ou atenuada, parece que também entre eles assim como em muitas outras tribos, serve para designar diferentes

-
5. O lugar está situado uns 24 pés acima do rio, que aqui forma muitas ilhas, numa margem muito íngreme. Imarí, na língua dos manaus, quer dizer terra abrupta. Seus primeiros habitantes, das tribos dos mariaranos, juris e coerunas, moravam a quatro dias de viagem mais a oeste do riacho Mauapari; mais tarde foram para lá conduzidos indivíduos das tribos dos mepuris, jumanas, macus, barés e passés. (Monteiro, Ribeiro).
 6. Foi o irmão de Pombal, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que governou o Estado do Maranhão e o Estado do Grão-Pará de 1751 a 1759, quem, a 3 de maio de 1757, deu o Regimento do Diretório, destinado a regular a administração dos índios do Brasil, declarados livres e subtraídos à influência do clero (dos jesuítas, em particular) pela lei de 7 de junho de 1755, confirmada pelo alvará de 17 de agosto de 1758. As medidas, tomadas então em prol da população indígena, não foram más; faltaram-lhes apenas bons executores. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

tempos e pessoas. Não consegui animá-los para executar uma de suas danças nacionais; para isso, disseram-me eles, faltavam-lhes agora os frutos do mato.

Gregório, índio bondoso, amigo dos brancos, deixou-se logo persuadir a acompanhar-nos na sua própria igara. Ele me prestou muitos bons serviços, e tive ensejo de conhecer por ele algo das crenças dos membros de sua tribo, pois se exprimia de modo bastante inteligível na língua geral, para o que o meu companheiro, o capitão Zani, estava continuamente à mão como intérprete.

Dizia ele que os coerunas da existência do mundo concluíam por um Deus, que tudo havia feito: rio, matas, ar, sol e estrelas, porém que eles nunca o haviam visto. Como Deus tudo tinha feito para eles, adoravam-no e se referiam a ele. Na imortalidade não criam; tinham mesmo medo da morte. Eram muito simples suas expressões a este respeito na língua própria: ele repetia-se frequentemente, e parecia falar sem mudança de tempo, nem de pessoa.⁷

Albano, o principal do passés, apresentou-me uns trinta de seus companheiros de tribo, que, certamente pelas bonitas feições e pela esbel-

7. Quando, certa vez, ele tinha conversado comigo por muito tempo acerca de tal assunto, e parecia cansado, de repente tomou um aspecto muito grave, e repetiu com voz mais alta o tema principal: “*Toibá* (Deus), *caüückie* (para nós), *remenehü* (faz), *raasé* (rio), *acaittó* (mato), *ünú nüühü* (todas as águas), *ünú caüückie* memereã agatigocki (tudo foi feito para nós, para vivermos bem); *agaticki* (sermos bons), *neiwaniçoira* (devemos), *ocki* (também nós); *agatigocki gahunatütze* (comportar-nos bem); *cubatoamé* (com os companheiros)”. Com a frase final, queria ele exprimir que como estava bem intencionado para comigo, também eu deveria sê-lo para com ele, e, provando-lhe eu de fato as minhas intenções amistosas com o oferecimento de um grande copo de cachaça, despediu-se muito satisfeito. Em outra ocasião, perguntado sobre as estrelas, deu Gregório algumas respostas, das quais depreendo que a sua tribo compartilhava com os seus vizinhos passés certas ideias sobre o cosmos. Ele sabia bem que a estrela da tarde e a da madrugada são idênticas e deu bem inteligíveis indícios de acreditar que a Terra se move e que o sol está fixo. Gregório arranjou-me diversas caixas com o principal adorno de sua gente. São estas guarnições os mais belos trabalhos de penas que encontrei entre os índios. São feitos: 1) de algumas caudas, feitas com feltro do pelo de macacos, que penduram através de um osso fixado na nuca, sobre as costas; 2) de um pedaço rômbo de entrecasca (imitando uma ave ou a rede para cabelo, usada na Europa), preso a uma vareta oblíqua de madeira, tendo coladas na parte externa penas de lindas cores e usado pendente entre aquelas caudas; 3) de um tufo de penugem, seguro na parte traseira da cabeça; 4) de rêmiges de garça

teza da estatura, justificavam a voz geral, segundo a qual são esses os mais belos índios do rio Negro. Já a cor mais clara do rosto os distingue dos seus vizinhos; ainda mais, porém, a delicada estrutura dos membros e uma altura e harmonia que em geral faltam na raça americana. As extremidades mais finas em comparação às dos outros índios, pescoço mais comprido; as clavículas mais salientes e o peito mais estreito, porém de musculatura mais carnuda, o abdome gracioso, menos saliente, os quadris mais esguios: – tudo fazia lembrar mais a estrutura caucásica. Também os traços do rosto são distintos, em geral agradáveis, até belos às vezes. Isto, entretanto, mais nas mulheres do que nos homens; a verdadeira beleza masculina exige o ornamento da barba, que igualmente lhes falta. Os olhos dos passés, pareceram-me mais francos, mais finamente talhados, mais distanciados um do outro e não obliquamente traçados, os malares menos salientes, o nariz não tanto achatado, mas delicadamente formado, descendo em linha reta, às vezes até um tanto arqueado, com a ponta fina curvada para baixo, o que lhes dá notável expressão de mobilidade, destreza e uma espécie de sutileza, moderada, entretanto, pela bondade da boca fina, de lábios pouco grossos. E justamente essas feições simpáticas são desfiguradas com a horrenda marca distintiva da tribo. O passé tem tatuado no rosto uma malha, mancha⁸ que começa embaixo dos olhos, onde é talhada de través

branca, seguro na frente da cabeça; 5) de um magnífico diadema de penas, armado sobre trançado e preso em volta da testa. Também as caixinhas, em que se guardam os adornos, constituem interessante documento da indústria indígena; consistem em tiras de hastes de maranta, artisticamente ligadas entre si. Em tudo iguais são os adornos nacionais dos coretus, assim como as caixinhas, nas quais são guardados. Muito bonitos são também os penduricalhos, feitos com fios de algodão e élitros do besouro *Buprestis gigas* F. que os coerunas fazem estalar como castanholas nas suas danças.

8. Como a tatuagem é feita pouco a pouco, as manchas têm, segundo a idade, dimensões diferentes. O nariz é tatuado por último; a região da boca em primeiro lugar. Nos indivíduos mais velhos, observam-se, como último ornamento desse raro aformoseamento, mais duas linhas retas paralelas, feitas da raiz do nariz, para cima, até ao alto da cabeça, ou uma rede de linhas cruzadas, a qual segue das têmporas até ao canto superior da mancha, no rosto. Antes, parece que era geral entre os passés o costume de furar também o lábio inferior, e guarnecê-lo, enfiando-lhe uma taboca, coisas que não mais vi, entretanto, em nenhum deles. Por outro lado, furam os lóbulos das orelhas, e intrometem ali um pequeno pauzinho de uma e meia polegada, do talo liso de maranta.

em linha reta, e abrange embaixo faces, nariz e lábios, até a cova do queixo. Os homens raspam a cabeça e deixam apenas na borda da testa uma estreita coroa, assim como no occipital uma pequena mecha⁹. Trazem as mulheres o cabelo comprido, que, sobretudo quando o deixam solto, lhes dá, conjuntamente com a malha, um aspecto guerreiro; e os soldados de Orellana, quando encontravam heroínas dessa espécie, tiveram toda razão para designá-las com o nome clássico de Amazonas. A mulher do tuxaua Albano era de traços tão regulares, olhos negros tão brilhantes e o corpo tão harmonioso que com a sua boquinha negro-azulada, até na Europa causaria sensação. Também no seu modo de vestir, só usado quando aparecem estranhos, são aseados os passés. Em geral, as mulheres vestiam saias de algodão riscado, e um estreito corpinho, também de algodão, tinto de preto, e de mangas curtas; os homens, pelo menos, uma camisa curta. Um deles trazia suspenso ao pescoço um *muraquetã* contra feitiço. Consiste ele na parte mais espessa de uma concha grande do rio ou de uma vértebra do peixe-boi. A índole dessa tribo corresponde ao seu exterior agradável: eles são dóceis, afáveis, francos, pacíficos, diligentes, e, por esse motivo, desde muito foram procurados pelos colonos para a cultura das roças – afeição infeliz, que já resultou na dissolução da tribo em grande parte. Eles habitavam, a princípio, um considerável território entre o Içá e o Japurá; tanto, porém, se acham reduzidos que, atualmente, talvez existem em plena liberdade quando muito 1.500 indivíduos. Esses dirigiram-se para a margem ocidental do Içá; uma horda dos mesmos, bastante numerosa, habita, meio aldeada, na foz do rio. Os passés, que encontrei em Maripi, não falaram bastante a língua tupi, para me darem informações sobre os característicos

9. Esta maneira de cortar o cabelo, e todo o físico dos passés, lembra os caraiabas de Cari, dos quais o sr. v. Humboldt fez descrição tão favorável. À primeira vista daqueles passés bem proporcionados, achei possível que fossem o resto dum povo penetrado entre as outras tribos índias. Se o nome de caraiíba deriva, como pensa aquele ilustre viajante, de calina, caripuna, é certamente mui esquisito que Spix achou em Olivença, não longe dos passés e junto com tecunas, uma horda de culinos, e que todos estes índios correspondem na sua compleição superior do corpo e das faces, no corte dos cabelos e no uso de ligaduras apertadas nas pernas, aos caraiabas. No tupi cariba quer dizer estrangeiro poderoso. (Os portugueses assim se chamaram a si mesmos em contraste aos franceses e outros europeus, que chamaram de tapuitinga, inimigos brancos.)

da sua tribo; por isso me aproveitei da descrição que deles fez um etnógrafo português¹⁰.

Da nação dos jumanas (*xomanas*), que vivem no Içá, e entre esse rio, o Puruê e o Duami, chamados tecunas pelos espanhóis de Mainas, só ficaram ainda uns restantes em Maripi, e mesmo estes não trazem mais, assim como diversos descendentes da mesma tribo, moradores em Ega, o seu distintivo, um comprido oval, tatuado em volta da boca, o qual frequentemente também cobre os lábios, e continua nas faces numa linha horizontal. O principal, como exemplo de fisionomia, teve de sujeitar-se a uma sessão, para ser retratado, e também a um interrogatório sobre seu vocabulário. Sobretudo este último esforço lhe pareceu muito penoso¹¹. O jumana, que eu tinha ao

10. “Os passés admitem a existência de um criador de todas as coisas; eles creem que as almas dos bons, como recompensa, vivem com o criador; e a dos maus, ao contrário, ficam, como castigo, maus espíritos. Na sua ideia, o Sol está fixo e a Terra move-se em volta dele; inclinam-se, pois, para o sistema ensinado por Pitágoras 300 anos antes de Cristo, e depois, por Filolaus, Aristarco e Cleanto de Samos, sistema restabelecido pelo cardeal de Gusa, e, finalmente desenvolvido por Copérnico. Dizem eles que do movimento da Terra provém a correnteza dos rios e riachos, que eles chamam de artérias e veias da Terra. A Terra move-se, para que todas as suas partes sejam fecundadas pelo calor do Sol. Ao Sol e à Lua dão o mesmo ofício que lhes é atribuído na Escritura Sagrada. Assim como os antigos astrônomos dividiam a esfera em diferentes céus, na ideia dos passés ela se divide numa superior e outra inferior, separadas por uma abóbada transparente: a superior toda luz, morada do criador, ilumina pelos seus raios, as estrelas, a inferior. Enterram eles os seus mortos em grandes potes de barro, mais tarde transferindo os ossos com certas cerimônias em potes menores. Nos casamentos, adotam um costume semelhante ao dos antigos samuítas, cujos heróis nos combates tiveram a escolha da rapariga. Os passés obtêm a noiva pelo triunfo, numa peleja, dos pretendentes entre si”. (Ribeiro). Até que ponto as ideias sobre o cosmos, aqui atribuídas aos passés, são de origem própria, não me atrevo a decidir. O certo é que não encontrei, em tribo alguma, sistema tão desenvolvido; mas, por isso mesmo, merece maior consideração, porque muita coisa na conformação física desse povo parece indicar-lhe mais alta civilização.

11. Na Europa, parecerá incrível o esforço que custa para dispor um índio ao exercício, tão estranho ao seu espírito, como o de pronunciar certas palavras, quando o intérprete o interroga. A maravilhosa arte de escrever, que ele contempla estúpido, logo perde todo o encanto, e ele fica tímido e aborrecido, como um culpado em interrogatório. Como nos esforçássemos por coligir de muitas tribos as palavras principais,

meu dispor, era, na franqueza e regularidade dos traços fisionômicos, muito inferior a todos que mais tarde encontrei no Japurá, onde me convenci de que esta tribo, depois dos passés e júris, é a de melhor conformação física. Na verdade, são de estatura menos delicada do que aqueles, entretanto mais esbeltos do que a maioria das outras tribos. O rosto é redondo, o nariz mais pontudo do que em geral, e no todo a expressão é afável e bondosa. As mulheres têm bela estatura, e os colonos do rio Negro as procuram particularmente para escravas, assim como as mulheres dos marauás do Jutai. A índole dos jumanas seria ainda mais franca e honesta do que a dos passés, e, por essa razão, foram buscados em tantos descimentos para os povoados do Solimões e do rio Negro, que só poucas famílias ainda vivem, agora, na primitiva liberdade. Assim também essa tribo afável estará, dentro em poucos decênios, de toda extinta. Triste prerrogativa das mais nobres entre as tribos do Brasil, que quanto mais facilmente se domiciliaram entre as populações civilizadas, tanto mais cedo se extinguiram! É o caso dos uainumás, outrora uma das mais poderosas tribos do Japurá, já quase toda desaparecida. Desses, apenas ainda uns 600 habitariam em liberdade as matas entre o Upi, afluen-

verificamos que, para os interrogar, somente podíamos despertá-los da indolência por meio de duas coisas: a caça e perguntas sobre certas partes do corpo, cuja designação faltaria ao nosso vocabulário. Questionado sobre os números, o índio responde, servindo-se em geral dos dedos, e, quando quer exprimir número superior a três usa combinações de “mão” ou de “dedo”. O interrogado mostra o correspondente número de dedos, ou também os dedos do pé, que estende para cima, como se quisesse melhor afirmar a correspondente expressão. Monteiro e Ribeiro dão vários exemplos de palavras da língua dos jumanas, que qualificam exatamente o objeto, as quais desejo mencionar segundo as minhas anotações a fim de ressaltar a diferença de concepção. Sol, de acordo com aqueles etnógrafos, é entre os jumanas simá (sö-manlu, Martius), isto é, astro quente; lua: uaniú (=), astro frio; estrelas: uúeté (oité), astro luminoso; raio: iuí (juí), que faz barulho; trovão: quiriúá (sequec “o” urá), denunciante de chuva, etc. A língua dos jumanas tem muitas semelhanças com a dos uainumás e dos cauixanas, os quais conheci no lago Acunai. A tribo é dividida em diversas hordas, cujas mais importantes seriam as seguintes: caruaná, varauamá, Jöcacuramá, lamaramá, urizsama, jajúnama (uainuma ?), picúama, jamolapa e malinumá. Monteiro assinalou um estranho costume dos jumanas. Diz-se que eles queimam as ossadas dos seus mortos e tomam as cinzas nas suas bebidas, crentes de que a alma reside nos ossos, e que desse modo os mortos vivem de novo naqueles que lhes beberam os ossos.

te do Içá, e o Cabuinari, que deságua no Japurá, acima das cataratas.¹² Em nenhuma parte encontrei mais a tribo reunida em maiores comunidades, mas apenas algumas famílias, sob a proteção dum tuxaua dos juris, em Uarivaú, e alguns isolados, como trabalhadores, ou, antes, como escravos espalhados em todo o Solimões. Uma mulher da tribo fugitiva de Ega, e refugiada aqui, foi acolhida por Gregório, e rogou-me deixá-la viajar com a nossa expedição até ao Alto Japurá, onde esperava encontrar os seus parentes. Tive que recusar-lhe o pedido, pois, para evitar desordens, todas as mulheres haviam sido excluídas da nossa jornada.

Os índios, que encontrei em Maripi, usavam armas envenenadas. Este costume está em voga entre todas as tribos da bacia do Japurá; entretanto, a árvore do veneno só cresce na parte ocidental deste território, e de lá é que vem o tóxico urari. Quando o índio vai à caça, não leva na mão senão a sua zarabatana; do pescoço pende o seu carcaz, e se é rico, traz o facão. Do completo equipamento do índio do Japurá faz parte a flecha

12. Os uainumás moram em grandes cabanas cônicas, onde estão dispostas duas portas pequenas, fronteiras uma a outra. Eles cultivam mandioca, mas pouca farinha fazem, quase exclusivamente só os beijus. Nas danças, enfeitam-se com profusão de penas. Essas danças festivas realizam-se em determinadas ocasiões: duas, quando amadurecem os frutos da palmeira pupunha, e oito quando as garças reais acarás, nos seus voos migratórios entre o Solimões e o Orenoco, aparecem nas suas águas. Faz-se então caça dessas aves aos milhares, assam-se em moquém e guardam-se como provisão. Também conhece essa tribo o uso do ipadu. Fabricam boas maqueiras e são em geral industriosos, ativos, de boa índole e simpáticos aos brancos. No seu próprio idioma, os uainumás chamam-se inabiçanas. O cabelo, eles cortam-no, às vezes, à maneira dos antigos peruanos. As suas diversas famílias ou hordas diferenciam-se pela extensão da tatuagem no rosto. Assim os miriti-tapuia (chamados como a palmeira), não têm nenhuma, os jacamins (segundo a ave) o lábio superior, os pupunha-t., metade das faces sem o nariz, os assai-t. (palmeira), metade das faces com o nariz, os moira-t. (madeira), as faces todas, os jauarete-t. (onça), a boca tatuada. Às vezes também discos de concha nas asas perfuradas do nariz ou uma taboca no lábio inferior. Seus inimigos declarados são os umaüas do alto Japurá; mas travam também combates com hordas isoladas dos miranhas, às vezes, e estes últimos procuram freá-los, porque a sua disposição para o trabalho e docilidade de gênio os recomendam em particular para serviçais. Dessa louvável índole parece estar compenetrada toda a tribo. Também o indivíduo, a quem devo estas notícias, concluiu as suas informações, exclamando: – Inabissana gamissai bagati riseni – rigeuhne uab, “o uainumá é bom? ele serve os brancos de boa vontade; ele não foge”.

(*curabi*), que ele desferia com um arco de pau vermelho, a lança (*murucu*), ambos igualmente envenenados, e também a clava (*cuidaruz*), à qual as diversas tribos dão variadas formas e ornamentos. Grandes escudos, feitos com o couro curtido de anta, ou com a couraça dorsal de jacaré, pertencem entre as armas defensivas mais raras. Recebi em Maripi grande quantidade dessas preciosidades etnográficas, que entreguei à guarda do principal Albano, e, na volta, encontrei acrescidas de mais algumas peças. Havia-me Gregório ensinado o meio mais fácil de estimular os índios às permutas: abri, na presença das mulheres, uma caixa, na qual levava miçangas, chitas e lenços de pescoço, e esse simples ardil obteve-me, por intercessão do sexo mais fraco, tudo que eu desejava do mais forte. Essas índias tinham uma criação considerável de galinhas, das quais nos forneceram abundante provisão; nem bois, carneiros e porcos se encontraram, em toda a bacia do Japurá, e os animais domésticos mais comuns são galinhas e cachorros, duas espécies de animais, cuja presença entre os índios bravios, nas baixas e cálidas vargens da América do Sul, antes da chegada dos europeus, é muito problemática. Quando depois, além das cataratas, sofremos falta de alimento, despachou Gregório a sua montaria pelo Miriti-paraná acima a qual nos trouxe em jacás, das malocas dos coerunas, uma boa porção de galinhas. Onde foi que recebeu essa remota tribo a útil ave doméstica, que, embora indígena nos climas quentes das índias, é igualmente e se prova também amiga do homem produtiva em todos os climas? Encontrei diversos índios, que conheciam a castração dos galos. Nenhuma ave sul-americana foi domesticada pelos índios com tanto sucesso, e os jacamins (*Psophia*), os mutuns (*Crax*) e cujubis (*Penelope*) precisavam ser, de quando em quando, renovados do estado silvestre, porque, presos, de ordinário não produzem criação fértil. Os cães da terra eram em geral peludos e latiam, de fato não com a mesma vivacidade das nossas raças vivas, mas de modo bastante eficaz para provarem que não pertenciam à espécie de cães mudos, que os conquistadores espanhóis encontraram entre os habitantes de Cundinamarca e do Peru. A maioria era de uma raça pequena de cabeça pontuda e de pelo escuro e comprido (*Canis familiaris*, var. domestic. L), e pareceu-me evidência que outrora estes índios não tinham obtido o útil animal doméstico dos povos, seus aparentados das montanhas a oeste, mais civilizados, e sim dos estrangeiros de além-oceano, animal, cujos diversos empregos e convivência com o homem indicam, de certo modo, grau de

civilização diferente. Quando entrei, à tarde, na cabana, onde Gregório, cercado de mulheres e crianças nuas, se preparava para prosseguir viagem, assustei-me, vendo uma cobra de quatro côvados de comprimento, das mais belas tonalidades de verde e amarelo, empinada a metade e dançando em minha direção; obedecendo à voz dum velho índio se pôs a dançar em círculo, de um lado para outro, e, por fim, retirou-se para o ninho quente de capim a um canto sem molestar as crianças nem os numerosos macacos domesticados. Contaram-me que existem aqui domadores de serpentes, que as sabem amansar, depois de lhes arrancar os dentuços, e as empregam nas suas mágicas e nas curas de picada de cobra. Graças a isso, eles se impõem aos índios estúpidos e indolentes, cuja índole toda favorece a crença em forças sobrenaturais. O pajé presente¹³ curado de cobra era da tribo juri. Ele tinha incessante na boca a palavra *paa*, "diabo", e com isso parecia impressionar particularmente a parte feminina da sociedade, que o tratava com tímida deferência.

Partimos de Maripi, depois de ter passado a embarcação grande. Além de Gregório, tínhamos ainda por companheiro o tuxaua dos jumanas daqui. O próprio Gregório havia aconselhado, como medida de segurança, convidarmos os principais de diversas tribos, para viajar conosco, e insistiu especialmente que avisássemos o Pachico (assim estropiam os índios o nome de Francisco), chefe dos coretus, poderoso e mal afamado por sua astúcia, e que habitava acima de São João do Príncipe. A margem

13. A palavra pajé (piajé, Piaccé) é comum, assim como muitas outras, às línguas dos caraíbas, tamanacos e tupis, e tanto menos hesitei em empregá-la geralmente para os chamanes das tribos brasileiras, que as suas feitiçarias e fraudes são exatamente iguais às praticadas pelos povos das Guianas e do continente. Exorcismos com cusparadas, com carícias, massagens, fumigações, etc., para quem se demorar algum tempo entre os índios, são práticas que se verificam diariamente; pois o pajé acha do seu interesse mostrar-se, quanto possível, em atividade. Em todas essas manipulações dos importunos charlatões, nunca encontrei vislumbre de conhecimento superior ou de especial experiência médica. Eles exercem o seu ofício com tão cego abandono no efeito dos seus remédios e tão completamente sem livre apreciação das circunstâncias, que forçosamente se chega à conclusão que eles só burlam por estarem burlados eles mesmos pelos seus preconceitos. Aliás os juris, assim como os uainumas, os cauxixanas e muitas outras tribos não possuem expressão particular para "Deus". Empregam o termo Tupã, da língua tupi, ou nomes que na sua fala significam o "mau demônio".

setentrional, ao longo da qual navegávamos, apresentava-se, aqui e acolá, com a altura de 30 pés. Consiste ela em barro vermelho, ou, se bem que raro, da mesma brecha de grés ferruginoso, parda ou vermelho-violácea, que havíamos observado em tão grandes extensões do baixo Amazonas. Grandes moitas de uma bela gramínea, de panículas ouro-pálidas (*Paspalus pulcher* Nees), são aqui uma das plantas mais comuns. Meia légua acima de Maripi, passamos pelas águas negras e frescas do Vanaracu, um paraná-mirim que, segundo os índios, é o desaguadouro do grande lago Aiamá, e se estenderia até longe para o norte. Aqui se haviam domiciliado, em 1773, duas hordas dos anianas e jucunas, e o povoado foi incluído, com o nome de São Mateus, na diocese vizinha, mas atualmente não existe mais vestígio algum dele; parece até que os anianas se extinguíram todos. Também em Maripi-Tapera, lugar alto na margem, uma légua além a oeste, onde os habitantes de Maripi atuais estavam domiciliados antes de um assalto dos uaupés, que os levou a seguir rio abaixo, hoje não se encontra senão mato. Por que é que as plantas cultivadas, mandioca, milho e bananeiras, persistem só tão pouco tempo na vizinhança das antigas colônias? Fazia a mim mesmo, também aqui, essa interrogação, sem poder achar resposta. Quase se deveria crer que essas plantas, já desde tanto tempo estabelecidas na proximidade dos homens, houvessem perdido um tanto da sua primitiva independência, de modo que seriam incapazes de defender-se contra a supremacia das livres filhas da natureza. Havia escurecido de todo, quando desembarcamos na boca do lago Maraã, onde pernoitamos na cabana de Albano, o principal de Maripi. Como prova de mais alta civilização desses índios, deve-se considerar o costume de manterem casa em dois lugares, tal como fazem os habitantes europeus. Mora aqui Albano, nas ocasiões de plantação ou de colheita das suas roças da vizinhança; a não ser isso fica em Maripi. O curso do rio, cujas águas se tornam um pouco mais escuras, mais turvas, mais rápidas e mais frias, a montante deste lugar, ainda é mais dividido do que antes, e tem de largura um quarto de hora. As ilhas baixas, de densa mata, não apresentavam atualmente a margem de areia, que aparece em outros períodos, assim como nas do Amazonas. Daí em diante, não podíamos mais contar com muitas das também aqui numerosas praias de tartarugas, que, a esta época, outrossim são procuradas pelos habitantes de Ega e de Fonte Boa. A atual altura da água foi-me, de resto, explicada como fenômeno antes parcial e passageiro, devido à afluência do Aranapu,

pois, de ordinário, o rio alcança o seu mais alto nível (como o Orinoco) em julho, e vai baixando dessa época em diante até ao Natal; em geral não é raro mudança múltipla entre enchente e vazante sobrevindas em curto espaço de tempo, conforme forem as chuvas gerais na bacia do rio acima das cataratas. Enquanto o Japurá se conservou na direção N. para S., não se observava quase diferença alguma entre a vegetação das suas margens e a do Solimões; porém agora, quando nele navegamos para oeste, apareciam algumas plantas, que antes não havíamos visto, ou em menor profusão (**Nota VIII**). Em certos pontos, particularmente nas vargens úmidas, abafadas, abundavam de modo extraordinário o cacaeiro e a salsaparrilha. Ambas incluem-se entre as poucas árvores desta zona equatorial, que se podem chamar verdadeiramente gregárias. Se por toda parte, onde o solo não é demasiado pantanoso, oferecem passeios frescos e agradáveis os bosques umbrosos do primeiro, por outro lado as cercas e sebes da salsaparrilha opõem quase a cada passo um estorvo. Tive aqui ocasião, assim como em outros sítios do Rio Negro, de observar esse famoso arbusto, e o descrevo na **nota III** com tanto maior empenho, por serem as plantas-padrão das diferentes espécies de salsaparrilha ainda não conhecidas.

Achamos prudente trocar em Maraã o nosso barco por outro, que Albano nos ofereceu, pois o seu comprimento dificultava a marcha, e, além disso, fazia tanta água, que só a vigilância do meu companheiro na noite antecedente, nos havia salvado de naufrágio. Não foi esta a última vez que me felicitei por ter a companhia do Sr. Zani; no curso de toda a viagem, ele mostrou-se amigo experiente e corajoso.

Quanto urgia opor forças unidas contra o acaso e contra a má vontade dos índios, nessa solitária região, fiquei sabendo no dia 23 de dezembro, que seria provavelmente o da minha morte, se não fosse a fidelidade do índio que tínhamos contratado em Pará, para cuidar da cozinha. Havíamos já, em Maripi, matado diversas belas cobras, que se aqueciam ao sol na margem, e isso deu-me vontade de caçar uma das muitas serpentes grandes, que viveriam em quantidade nos lagos da vizinhança. Quando, portanto, me assegurou o nosso piloto que estávamos junto do lago de Cumapi, tomei uma das pequenas montarias, equipadas com quatro índios, e procurei alcançar a boca do lago. Um índio da tribo macuná, que já vinha conosco desde Ega, ofereceu-se para guia, e não julguei ter motivo algum para desconfiar deste zelo, de ordinário, pouco comum. O terreno

é muito baixo, diversos canais correm entre as ilhas e o continente, e, além disso, a mata de igapó estava, até longe, debaixo da água. A vida animada dos peixes, que se haviam retirado para ali em quantidade, a profusão das mais lindas flores que revestiam essa floresta, e o fervilhar dos enxames de formigas, que se refugiavam nas árvores e, ao mínimo choque, caíam sobre nós aos milhares, tudo tanto me prendia a atenção, que, durante muito tempo não reparei que o guia não se conservava na direção indicada, mas antes procurava tomar canais laterais para irmos rio abaixo. Já se alongavam as sombras, quando o meu fiel índio do Pará se aproximou de mim, e, com sinais e algumas palavras portuguesas, deu-me a entender que o macuná, de inteligência com os outros, tencionava alijar-me em qualquer parte ou dar cabo de mim, para fugir com a canoa, que por acaso levava uma caixa com objetos de permuta. Logo que me convenci do rumo irregular, mandei que sentassem o macuná na parte da popa e lhe amarrassem a mão esquerda na borda, enquanto, com a direita guiasse o leme; coloquei-me com as pistolas carregadas diante dele, e jurei que o mataria se, até ao pôr do sol, ele não me reconduzisse ao próprio rio. Essa pronta ação decidi da minha sorte; o índio intimidado levou-me de novo ao rio, e, mesmo antes do nascer da lua, eu alcançava o barco de João Bernardo, ao qual fiz subir o meu inimigo, para não espalhar o espírito de indisciplina entre a minha guarnição. Foi essa uma das raras ocasiões em que encontrei fria malícia num índio. A lição tornou-me mais cauteloso, porém igualmente mais confiante nos homens vermelhos que têm a índole fraca e irresoluta demais, para se subtraírem à influência imponente da coragem firme.

Em outra aventura que acabou mais alegremente do que as aparências permitiam esperar, vi-me empenhado, com toda a equipagem, no dia seguinte. Haviam-nos falado de certa maloca de índios cauixanas, a qual se acharia do lado meridional do Japurá, junto do lago de Acunauí; atravessamos o rio, que é aqui cheio de ilhotas, e chegamos, à tarde, ao pequeno lago de águas escuras. Em breve, descobrimos, no fundo de uma enseada, cabanas altas, cônicas, e, no meio delas, alguns índios nus até ao avental ou suspensório. Desembarcamos sem armas e ali nos recebeu um rapaz bem proporcionado, filho do chefe que falava a língua geral com bastante facilidade e conduziu-nos a uma daquelas cabanas grandes. Pude notar, de fato, nele e nos seus companheiros, algum embaraço, mas de modo algum medo de ataque de nossa parte. Por isso, quando com o Sr. Zani e alguns remadores entraram

pela porta baixa da cabana, não foi pequena a nossa surpresa, vendo-nos por assim dizer numa fortaleza indiana e nas mãos de inimigos. O rapaz logo fechou a meio a porta atrás de nós, e defrontamos mais de 30 índios, todos armados de arco e flecha, sentados nas redes fixadas ao longo da parede, ou de pé, por entre os postes. Imóveis, mudos e prontos para o ataque, os olhos pregados nos estrangeiros, um momento de desinteligência ou de recuo nos teria sido provavelmente fatal. O aparecimento de diversas embarcações no seu lago dera-lhes receio de um assalto, e o seu acolhimento mostrava que haviam bem imaginado o mais seguro plano de operações. Sem espaço, nem luz, para se servirem das armas, os brancos, no primeiro momento do assalto, cairiam trespassados de flechas envenenadas, vítimas do próprio atrevimento. Conseguimos, porém, em breve, obviar o desfavorável preconceito. Tiramos as nossas gravatas e as lançamos em sinal de paz, para o tuxaua, o qual também, havendo logo verificado que nós estávamos desarmados, abandonou toda suspeita e do nosso garrafão de aguardente brindou alegremente. Era o tuxaua um índio de cinco pés e oito polegadas de altura, peito largo, musculatura atlética, e, na sua nudez, parecia ainda mais alto e mais robusto. Nunca ainda eu havia visto índios a se beijarem, manifestação de sentimentos amistosos, que parece estar acima de seu grau de civilização; mas o cauixana provou-me amizade esfregando o seu rosto, carregado de urutu, no meu. Depois dos primeiros cumprimentos, perguntou-me, por meio do intérprete, sobre a aparência do rei de Portugal e Brasil, e a veneração dele por essa ilustre pessoa cresceu visivelmente, quando eu lhe atribuí as dimensões de gigante. Como sinal de amizade ele presenteou-me com um arco de pau vermelho e um feixe de flechas envenenadas, cada uma das quais metida num canudo especial; e a sua gente, estimulada pelo exemplo, rivalizou em regalar-nos com armas e frutos, em troca do que aceitava agradecido qualquer ninharia, porém particularmente anzóis. Eram somente homens os que estavam na nossa presença; mulheres e crianças provavelmente com receio eram reunidas numa das cabanas mais distantes, e, durante todo o tempo da nossa estada ali, faziam uma gritaria tonitruante. Os homens eram todos galhardos, de cor bastante escura, sem desfiguração alguma por tatuagem; mas parte deles traziam as orelhas alongadas de modo espantoso. Nunca ainda tinham visto brancos, e qualquer bagatela, que viam de nós, parecia interessá-los; especialmente os maravilhou a minha escrita quando eu fiz questionar o principal sobre o vocabulário da sua língua e tomei deles assentamento.

O tuxaua portou-se com dignidade, e, quando partimos, retirou-se para sua cabana, mandando o filho reconduzir-nos ao porto. Eram as choças desses caixanas as mais artísticas construções índias que eu havia visto até então. Com seis braças de diâmetro e quatro de altura, eram construídas com a máxima regularidade. Tinham duas portas quadradas, fronteiras, de quatro pés de altura, e uma abertura redonda na cúpula, para deixar entrar a luz e sair a fumaça, podendo ser fechadas pelo lado de dentro. O vigamento consistia em troncos da matamatá, curvados ao fogo, e os esteios cruzados estavam ligados às vigas sem cavilhas e sem pregos, apenas amarrados com cipós. A cobertura com folhas de palmeira era tão impermeável que nenhuma gota de chuva ali penetrava. Mais tarde encontrei semelhante construção de cabanas entre diversas tribos do Japurá e entre os mundurucus. Os caixanas, dos quais esta horda se havia separado, vivem juntos uns 600 indivíduos, mais para oeste, nas margens do rio Mauapari. Os novos colonos estavam satisfeitos com o local e tencionavam chamar para aqui os parentes. É este o modo ordinário por que os selvagens do Brasil mudam o seu domicílio; e, portanto, sob certas restrições, pode-se considerá-los certamente como nômades. Os caixanas têm o costume, em comum com muras e miranhas, de se flagelarem de quando em quando, e julgarem isso heroísmo. Como muitas outras tribos, costumam jejuar na ocasião em que as mulheres dão à luz. Enterram seus mortos em grandes potes de barro.

Regressando do lago Acunauí, desembarcamos, para passar a noite, numa ilhasita à margem meridional do rio. Na véspera, haviam os índios descoberto a primeira praia que ainda restava com ovos de tartaruga, e aqui contavam com igual achado; em vez deles, só trouxeram ovos de um cameleão da espécie *Iguana* ou *Lophyrus*, que aparecem na margem, ligeiramente cobertos com terra e folhas. Eles tinham sido guiados por um bando de jabirus, que procuram esses ovos com a maior avidez. Embora os bichinhos já estivessem bem formados nos ovos, os índios os devoravam ainda assim, como petisco. Aqueles jabirus (*Ciconia americana*) e algumas garças grandes brancas (*Ardea egretta*) eram atualmente as únicas aves aquáticas que encontrávamos. Diziam os índios, também, que elas não deviam ser senão retardatárias, restantes dos outros que se haviam dirigido para o outro lado das cataratas do Japurá e para o norte, por causa do alto nível das águas do Amazonas. Esta observação combina com as do Sr. von Humboldt, segundo as quais as aves aquáticas do Orinoco, depois do equinócio da primavera, isto é, no tempo da primeira en-

chente, voam para o sul, porque a altura das águas naquele rio lhes dá pouco alimento. Em geral, porém, encontrei o Japurá, nos meses de dezembro a fevereiro, pobre em aves de toda espécie¹⁴. Na véspera do Natal, o céu escureceu de repente sobre nós, sem uma só estrela no firmamento; mas em breve se tornou mesmo assim festivo, iluminado por milhares de vagalumes, despertos como que por encanto, que saíam de todas as moitas.

Continuou a viagem, ora entre ilhas, ora pela margem setentrional O Japurá pode ter aqui, em sua maior extensão no canal principal, quando muito um quarto de légua marinha, e, de uma margem do continente à outra, outro tanto de largura; em muitos lugares, a profundidade é pouca, sendo a média do canal principal de cinco a seis braças. As dificuldades aumentavam com a correnteza crescente, havia muitos troncos afundados, enxames de mosquitos, calor abafadiço, com o céu encoberto, e frequentes pancadas de chuva. Por isso, apesar dos esforços dos índios, só alcançamos a povoação de São João do Príncipe¹⁵ ao cabo de cinco longos dias de viagem. Está ela situada na margem setentrional, aqui bastante elevada, um quarto de hora abaixo da foz do Puruê, um dos maiores afluentes do lado meridional. Esse lugar, a extrema colônia dos portugueses no Japurá, havia sido fundado em 1808 pelo então governador J. J. Vitório da Costa, sogro do meu companheiro Zani, e povoado com famílias das tribos juris, coretus e jamas, domiciliados nas matas da vizinhança. Os benévolos intentos do inteligente fundador, que tencionava mais animado tráfico pelo povoado, em cuja proximidade diversos chefes daquelas tribos possuíam plantações, foram malogrados, em grande parte com a instituição de um juiz branco para os índios. Como quase por toda parte, quando um desses juízes, sem a fiscalização eclesiástica ou de outras autoridades, governava os solitários indígenas, com ele se davam opressão, intrigas e miséria, e a maioria dos colonos retomava o caminho das suas matas. Aquelas três tribos viviam em três filas de cabanas,

14. Fazem os índios a sua provisão de aves aquáticas nas seguintes espécies: cegonhas (*jaburu*), patos (*ipecu*), mergulhões (*oirãmegôan*), quero-queros (*aty-dy*), garças (*acará*) e patos pequenos e grandes (*potery* e *guananá*), depois de fevereiro. As aves, então mortas aos milhares, são preparadas em moquéu e comprimidas entre as bainhas da pacova sororoca (*Urania amazonica*), musácea arborescente, ou de certas palmeiras, e são assim conservadas na cumeeira da cabana.

15. Hoje S. João.

construídas à custa do governo, com postes de madeira, paredes de pau-a-pique e teto de folhas de palmeira. Atualmente, só existiam ali algumas famílias de juris e coretus, e mesmo estes, à notícia de nossa vinda, se escondiam ou se refugiavam nas casas dos vizinhos, que vivem nas roças, afastados do povoado. Os trabalhos forçados, a que essa pobre gente era sujeitada a pretexto de serviço público, e exclusivamente em proveito do juiz, tornavam os índios receosos ante a chegada de qualquer branco; e só o meu companheiro Zani, familiarizado com o caráter dos índios, pôde convencê-los do infundado de seu medo, vindo eles então ao nosso encontro e suplicando-me que expusesse ao governo o seu estado de desamparo, oprimidos pelo juiz. Contra este já se havia dado queixa, por desvio do dízimo e por seu comportamento de libidinosa crueldade para com os seus subordinados, e oito dias antes havia voltado a Ega, para justificar-se perante o comandante. Não encontramos, portanto, senão um mulato de São Paulo, aqui domiciliado, que falasse o português (entre todos os brasileiros, são os paulistas os que mais longe se espalharam por todo o reino). Também a febre intermitente tem concorrido para o abandono deste lugar. Ele foi muito bem escolhido para estabelecer comunicação entre os brasileiros e as ricas matas do Japurá e suas numerosas tribos de índios, com mútuo proveito das permutas. A fertilidade é quase incrível. Vi raízes de mandioca pesando 30 libras, e cachos de bananas de 100 libras. Os juris, que encontrei no lugar, civilizados e de boa índole como pareciam, trouxeram-nos grandes potes com toda a sorte de bebidas, fabricadas pelas mulheres, às quais, além dos outros afazeres domésticos, competia também isto. Eram as bebidas feitas com raízes de mandioca e de aipim e com diversas frutas, e em parte de sabor bem agradável¹⁶.

16. Já no primeiro tomo mencionamos a preparação da bebida com milho, de uso comum, não só em todo o Brasil, mas também na América espanhola, onde por quase toda parte é chamada *chicha*. As demais bebidas, conhecidas dos aborígenes do Brasil, são particularmente de três espécies, chamadas em tupi *caxiri*, *cauhy* ou *cauim* e *pajuaru*. Ao caldo, obtido de qualquer dos frutos da mata, eles chamam de *caxiri* (*cajiri*). É sobretudo abundantemente extraído dos frutos das palmeiras *açat*, *pataudá*, *pupunha*, e também das bananas, cajus, etc. Especialmente apreciado pelos índios do Japurá é o decocto dos frutos das duas primeiras palmeiras acima citadas, que têm cor e o sabor não muito diversos do chocolate, e é tão nutritivo, que, fazendo uso mais demorado dele, os índios engordam. Nos banquetes, essa bebida é tomada ainda morna da fervura. *Cauim* é o suco espremido, a infusão ou

No último dia de dezembro, chegou Pachico, o principal dos coretus, que havíamos convidado para nos acompanhar. Ele apareceu-me descalço, trazendo as calças de algodão usuais dos índios, mas envergava uma casaca azul e empunhava a *pococaba*, uma cana com borla de prata. Este símbolo de autoridade havia sido dado aos principais no tempo de Mendonça Furtado e da segunda Comissão de Limites, pois esperavam conquistar os rudes silvícolas por meio de aparências de dignidade e cargos de honra; mas atualmente é tão raro como ver-se um fato europeu, qual o de Pachico, que provavelmente data daquela época. Esse homem era de longe o índio mais astuto e atrevido, que até agora eu havia encontrado. Ele achou conveniente apresentar-se como fiel vassalo do rei de Portugal e como funcionário preocupado com seus companheiros de tribo; mas não tardou muito a trair-se, sendo não menos adverso dos brancos, que os outros, e que conhecia, melhor do que qualquer outro, a arte de empregar os seus subordinados a serviço da sua cobiça. Procurava conservar a sua tribo no mato, longe dos brancos, e, por sua própria conta, fazia guerra aos vizinhos, a fim de negociar os prisioneiros com os europeus a chegarem; mesmo os seus próprios companheiros de tribo teria de igual modo permutado por uma bagatela. Assim, pela primeira vez, no interior da América, vimos o retrato perfeito dum chefe africano, que faz do tráfico de escravos seu negócio. Sem dúvida, o Estado prejudica a sorte dos índios com a nomeação

o decocto de frutos, batatas doces ou raízes de mandioca doce (macaxeira), passado por fermentação alcoólica. Esses vinhos, eles os sabem preparar de todos os frutos ricos em açúcar e mucilagem, e muitos deles conservam-se alguns dias, quando guardados em lugares frescos. Outros frutos mais duros, como, por exemplo, o milho para a chicha, ou as raízes da mandioca-doce e batata-doce, são cozidos duas vezes e fermentados pelo cuspo. Depois que o vinho vira vinagre, chama-se *caui-çat*, isto é, “vinho azedo” (ao vinho de Portugal dá-se, na língua tupi, o nome de *cau-piranga* ou *caui-çobaigoara*, is) é, “vinho vermelho” ou “vinho do reino”). Finalmente, mais complicado é o preparo do pajuaru, e dos bejus da farinha de mandioca, ou desta última quando cozida em papa. Deita-se água sobre essa massa e deixa-se ficar para a fermentação alcoólica. O suco de frutas em geral se chama *ty: tycoara*, misturar, e esta palavra é particularmente usada para uma mistura de farinha de mandioca, água e rapadura. O índio gosta, geralmente, de bebidas substanciais, e toma, por isso, também frequentemente, uma papa quente de bananas cozidas e esmagadas, manjar muito nutritivo e saboroso.

de tais principais, tanto como com a dos juizes de raça branca; por felicidade, entre os primeiros, só poucos são dotados da esperteza e do espírito de iniciativa desse coretu. Procuramos convencê-lo, pois ele compreendia bem o português, de que mais poderia ganhar, ele próprio, tanto como o Estado, pelo início do cultivo regular da terra e pelo negócio dos produtos naturais; mas rebateu, logo, que tudo isso era muito mais penoso do que vender escravos, e este negócio lhe rendia sempre o que precisava. Quando, afinal, lhe pedi informações acerca das riquezas minerais daquela bacia, fingiu absoluta ignorância a esse respeito; mas, ao anoitecer, apareceu com a filha, rapariga de 18 anos, à nossa porta, pedindo licença para entrar, pois tinha coisa importante para informar. Então, uma vez de portas fechadas, disse ele que não devia ocultar o que diante de outros não quisera declarar, isto é, que por seu pai conhecia ricas minas de ouro nas nascentes do Apaporis; dispunha-se ele a mostrá-las em troca de determinada recompensa, e nos acompanharia em toda a viagem, mas, nesse caso, teria de levar consigo a filha. Rejeitada esta proposta e satisfeita a avidez do pai com um bom presente de utensílios de ferro, e a vaidade da filha com miçangas e chitas, prometeu afinal acompanhar-nos até às cataratas, e muito me alegrei por haver conquistado, nesta solidão, a boa vontade de tão perigoso homem. Conteí detalhadamente este incidente, porque dá conhecimento acerca da índole e dos costumes do índio, aliás, nada favorável. É triste ver aliada a uma maior inteligência os mesmos sentimentos baixos pelos quais se entregaram os selvagens brasileiros quase automaticamente à cobiça repugnante dos recém-vindos. Com Pachico vieram algumas igaras dos seus coretus. À tarde, eles dançaram com os adornos de penas, que mais tarde negocieei com o seu tuxaua. Eram sem graça os seus movimentos, acompanhados de monótona toada e sons de flautas de caniço. O dançador-mestre trazia na mão um imponente dardo, enfeitado com penas; os demais tinham as mesmas armas, e, em volta do antebraço esquerdo, delicadas castanholas, feitas de élitros de besouro, com um tufo de penas negras. Todos eram de estatura baixa, mas muito robusta. À exceção do tuxaua, estavam nus, trazendo um simples suspensório, preso com fios de algodão. A sua linguagem pareceu-me extremamente gutural, e ainda mais difícil de se entender, porque cerravam os dentes ao falar. São menos civilizados do que os coerunas, passés e juris, o que entre outras coisas parecia provar seu grande devotamento ao principal. São seus inimigos mortais declarados os vizinhos

jucunas. Também essa tribo muito se enfraqueceu pelos descimentos, às colônias no Solimões e rio Negro. O núcleo dele habitaria entre os aliados iupuás e coerunas, no alto Apaporis, e entre este rio e o Miriti-paraná. Os que se estabeleceram em São João do Príncipe são casados na maioria com mulheres da tribo uainumá. Encontram-se particularmente frequentes esses casamentos mistos entre os índios que vivem fora da associação da sua tribo, e que querem amparar-se pela união com as numerosas famílias de suas mulheres. Todos os membros femininos das famílias aparentadas por casamento tornam-se, de certo modo, protetores e serviçais do marido e assim esta aliança alivia também os deveres deste pela manutenção, aos quais o homem indolente se subtrai quanto possível.

A 1 de janeiro de 1820, à tarde, partimos de São João do Príncipe, e seguimos ainda três léguas adiante até a praia de Utaru, onde pernoitamos entre altas fogueiras. Na manhã seguinte, fomos ao sítio Uarivaú, onde mora o tubixaba Miguel, principal da tribo juri, muito conhecido em todo o Japurá. Este índio, cuja estatura larga, compacta, e olhos faiscantes revelavam o guerreiro, já desde alguns anos havia conduzido das matas no Puruê para aqui uma horda de cerca de 100 indivíduos, e tinha-os reunido em cabanas espaçosas, semelhantes às dos brancos; a maior parte das famílias não mora, entretanto, nas casas; mas num vasto telheiro aberto, onde cada um arma a sua rede, à vontade, e, como eles dizem, agasalham-se com o fogo debaixo. Embora em contacto com os brancos, esses juris, todavia, devem ser considerados como índios do mato. Eles andam inteiramente nus, a não ser uma tira de entrecasca em volta dos quadris e um suspensório; particularmente, as mulheres, que, como se sabe, entre todas as tribos americanas, são menos vestidas. A sua lavoura é pequena; somente as bananeiras, que dão aqui excelentemente, é que se veem em grandes touceiras em torno das habitações; as roças (capixabas), sitas nas vizinhanças das cabanas, são plantadas com mandioca, urucu e algodoeiro, mas exclusivamente para o necessário, e a mandioca destinava-se mais ao preparo dos grandes bolos, dos quais eles fazem o seu *pajuaru* do que para farinha. O rio piscoso, que percorrem continuamente em montarias de dois remos, e a mata cheia de caça e de frutos, fornecem-lhe os principais alimentos. O tubixaba Miguel domina como protetor e tem grande preponderância sobre os índios individuais que exploram as suas próprias roças, mas seguem-no obedientes, quando ele os emprega na lavoura ou nas expedições, para trazer índios do interior para as

colônias. Cede-os aos brancos, mediante salário, e despacha, de três em três meses, quatro pessoas a Ega, para trabalhar nos estaleiros. Parecia aqui tudo em boa ordem, e os índios felizes e satisfeitos, gozando de sua vida natural, enquanto não têm alguma vez ou outra que padecer pela vontade de seu temido tubixaba, que à custa deles mantém o comércio com os brancos. Como me utilizasse dos fornos grandes de assar pão, para secar minhas plantas prejudicadas pela persistente umidade, passei a maior parte do dia entre o mulhério índio, que, com as crianças, ocupava esse lado do rancho. Eram sete famílias, e fui sempre testemunha do estreito círculo, em que gira a vida dos selvagens. Antes do romper do dia, todos os adultos saem das suas redes, e vão para o rio, onde ficam um quarto de hora a banhar-se; tornando dali, deitam-se de novo, e ouve-se lhes então, às vezes, durante horas, a conversa baixa monótona, quando não adormecem novamente. Logo depois do nascer do sol, acordam as crianças. O confuso berreiro logo exige o seio da mãe ou o almoço, que, entretanto, não se lhes dá no momento. O primeiro cuidado das mulheres é agora pintar os filhos. Diversos pequenos potes, cheios de urucu preparado em unguento, com o azeite do peixe-boi, fornecem o material para essa ornamentação, na qual as mães gastam às vezes horas, até que afinal os brados impacientes dos homens as chamam para outro dever¹⁷.

Após a “toilette” da pequenada, a das mães e das velhas é feita pelas filhas adultas, e somente então se trata do almoço. As índias dão de mamar por muito tempo; vi aqui meninos de quatro anos mamando de pé, diante da mãe. O resto da família reúne-se em torno da panela, que, cheia de carne ainda desde a véspera, ficou ao fogo, e comem todos calados, à vontade. Se não há alimento à mão, cada um procura compensar-se na casa

17. Nos recém-nascidos e crianças pequenas, pintam-se em redor das pálpebras, o rosto, o peito e as extremidades, fortemente de variadas linhas e arabescos, e a ternura das mães não conhece limite. Meninas e meninos maiores pintam-se a si mesmos, quando alguma pessoa da família não os auxilia. Quando, certa vez, observei uma avozinha ocupada em pintar a neta com urucu, e eu acrescentei, por gracejo, uns esquisitos arabescos na testa e faces da rapariga, a anciã, ficando encantada, pediu para si mesma igual favor. E mais ainda: na manhã seguinte, ao sair da minha cabana, encontrei uma fila de mulheres e raparigas, estacionando diante dela; a avó adiantou-se para mim, trazendo uma cuia de urucu, e sorrindo pediu para fazer em todas aquelas beldades as pinturas da véspera...

do vizinho ou na mata, ou com os beijus, que são torrados agora pelas mulheres, com mandioca ralada e exprimida de fresco. Esses beijus, de dois pés de diâmetro e uma polegada de espessura, são saborosos, quando vêm ainda quentes do forno; esfriando, tornam-se coriáceos e são de muito difícil digestão. Uma pequena espécie, em forma de disco (beijuchica), ao qual as mulheres dão forma redonda ou elíptica, com anéis de hastes de marmita, nos quais assam a massa, conserva-se bem, como biscoito, e é saudável. Farinha seca de mandioca, pouca é preparada, e quase só para o comércio. Enquanto os homens se dispersam, para caçar, ou para pescar, ficam as crianças sob os cuidados da mãe, e esse momento é de educação, se é que se pode chamar assim a ocupação tola com os pequenos seres egoístas. Lição de moralidade, mesmo de simples bons modos, não se acha aqui; quando muito, um adestramento para a subsistência entre os outros. As mães ensinam a fazer rede, a fiar algodão com fuso livre, a fabricar louça de barro; os trabalhos da lavoura e da cozinha, aprendem-nos as crianças por si mesmas, gradualmente sem outra instrução. Deferência, modéstia, obediência, desconhecem-nas tanto as crianças, quanto os pais. Nunca vi castigadas deliberadamente, porém eram sovadas, às vezes; por se terem servido das flechas do pai na sua ausência, ou entupido a zarabatana, ou comido a iguaria guardada para ele, e esses castigos eram apenas a expressão de uma cólera violenta. Nas horas quentes do dia, os homens voltavam à cabana, e deitavam-se na rede, esperando o preparo da refeição. Quando estão com muita fome, chegam-se a todo instante para junto do fogo, com impaciente avidez. A não ser isso, passam o tempo tocando gaita, um instrumento no qual o tubixaba Miguel alcançou grande virtuosidade; brincavam com os macacos mansos e aves domésticas, ou repetiam o banho, que diariamente costumam tomar várias vezes. Para a tarde, encomendamos uma dança a esses juris. Pouco a pouco se reuniram uns 40 e tantos homens de 20 a 60 anos, que cheios de gravidade, se prepararam na nossa presença. Consistia a sua ornamentação em pintarem uns aos outros com a tinta do urucu, feita com azeite de peixe-boi ou de tartaruga, colocarem cordões de miçangas e dentes de animais em volta do pescoço, da barriga das pernas e do antebraço, embaixo dos joelhos uns chocalhos feitos com a *Cerbera Thevetia*, e aplicaram tufos de penas à cabeça, dispostos ora como coroa em volta das têmporas, ora deixando-os pender pelas costas, qual uma cauda comprida. O mestre das danças trazia à cabeça um cilindro oco de embaúba, guarnecido com tufos de penas, e na mão esquerda idêntico

cilindro, pintado, mas esse era de três a quatro pés de comprimento do mesmo pau leve, com que ele batia no chão para marcar o compasso. Quando escureceu, e muitas fogueiras e lâmpadas iluminavam o grande rancho, apresentaram-se os dançadores. Depois de uns passos de dança, com os quais nos cumprimentaram e que terminou com oferenda de bananas, voltaram eles ao telheiro, onde executaram, com grande ruído e gritos de alegria, diversas danças¹⁸. Já estava cansado de ver a festa bacântica, até doida, quando, de

18. Não ousou decidir se a descrição das danças dos juris, pela comparação com as de outros selvagens, proporcionaria interesse geral aos etnógrafos. Todavia, como ela está anotada no meu diário, sempre achará aqui lugar. Os dançadores adiantam-se em duas filas, um atrás do outro, chocam os penduricalhos, batendo com os pés, e alguns, alternando-se, fazem soar desafinadas gaitas de bambu. Cada dançador traz um cacho de bananas no ombro esquerdo. Assim carregados, dançaram eles algumas vezes em círculo, diante de nós e deitaram os frutos em grandes montes. Esta cerimônia, a primeira por meio da qual os índios solenemente me ofereciam um presente, acabou com reverências, que eles, em fila, fizeram para todos os lados. De volta ao rancho, executaram a sua própria dança característica, que começou, como nos contaram, com a dança nacional dos seus vizinhos e aliados, os passés. Poder-se-ia considerá-la uma polonesa. Só homens é que dançavam em fila; ao passo que a metade deles colocava a mão direita sobre o ombro do vizinho, a outra metade à esquerda e o homem que estava no meio ficava livre de todos. Este tinha nas mãos duas espécies de gaita de bambu, e marcava com elas a cadência, com duas notas. Os outros respondiam, então, com assobios estridentes, e o conjunto se desenvolvia na copla reproduzida no anexo musical nº 7. A fila, ocupando todo o rancho, movimentou-se dum extremo ao outro com dois passos longos, compassados, e um terceiro, curto. Os dançadores nos pontos extremos da fila, com isso, precisavam de correr muito, e não raro tropeçavam, provocando grandes gargalhadas dos assistentes. De quando em quando, eles se dividiam em duas filas, que se defrontavam, cumprimentavam-se profundamente, em seguida os dançadores no meio tomavam-se pelas mãos, formando das duas filas uma cruz. Finalmente, estendiam-se de novo numa fila só, avançavam os joelhos de quando em quando, inclinando-se em profundas reverências, e, cansados de todo, concluíam a dança, soltando uma gritaria descompassada. Quando escureceu completamente, as mulheres também se associaram aos dançadores, que então executaram a própria dança nacional dos juris. Os homens estavam em duas filas, uma atrás da outra; os de trás colocavam as mãos sobre os ombros dos da frente; em terceira fila, ao lado dos homens, formavam as mulheres. A fila revolvía-se com passadas rápidas, ora em círculo, ora em diversas direções. Em vez das gaitas, soava agora o canto dos dançadores, em uníssono, que a gritaria das mulheres transformava em sons horríveis. Música melhor, que não a das suas gaitas e membis (espécie de pífaro de caniço ou de ossos humanos e uma espécie de charamela de caniço), não parecia fazer-lhes a mínima impressão, observação que fiz em todos os índios.

improvisado, me chamaram a atenção alguns mascarados, que corriam de um lado para outro, entre as filas dos dançadores. Eram índios nus, que apresentavam cabeças monstruosas, hediondas. Essas máscaras eram feitas de cestos de farinha, revestidos de um pedaço de *turiri* (entrecasca de árvore, semelhante a pano). Nem boca grande nem dentes faltavam nessas caras, cujo fundo era branco. Outro apareceu inteiramente envolvido num saco de *turiri* pintado do modo mais extravagante: trazia máscara, que representava uma cabeça de anta, andava de quatro pés e com o focinho imitava a mímica da anta, quando pasta. Para acréscimo da algazarra, alguns batiam, num pequeno tambor (*oapycaba*), feito do pau de *Panax morototoni*, e, finalmente, um deles tomou a grande lança do tubixaba, cuja vibração produz um som agudo. Incitavam esses sons bárbaros à dança de guerra, que foi então executada pelo próprio tubixaba, com os seus melhores guerreiros. Eles escondiam-se atrás dos grandes escudos redondos, de couro de anta, que costumam permutar dos miranhas, e lançavam contra eles o dardo com gestos ameaçadores, deslizando de um lado para o outro. Oferecia esta dança toda a plástica selvagem e feroz do corpo maciço dos indígenas americanos. Que atroz imagem de barbaridade representava esse rápido evoluir ameaçador dos guerreiros nus, cuja musculatura, untada com óleo, brilhava metálica, as horrendas caretas dos rostos tatuados, avermelhados de urucu, os gritos repentinos ao lançar o dardo e ao choque e a zombaria pérfida, quando o adversário se esconde atrás do escudo.

Durante as danças, haviam alguns índios posto fogo em pequena moita de arbustos cortados, em cuja vizinhança se achava uma touceira de taquaraçu. As taquaras arrebentavam, quando o ar dentro delas chega a certo grau de calor, e produz tão terrível crepitação, que, no primeiro momento, pensei tratar-se de fuzilaria nos arredores. Esses taquaruçus estão tão cerrados, que mal se pode ignorar sua plantação artificial; e os índios diziam que eram restos de antiga fortificação. Os rebentos contêm às vezes uma camada de água, que pouco a pouco se concentraria numa geleia, e depois em pedra (*tabaschir*). Não me foi possível obter uma dessas concreções pétreas. Os índios temem beber essa água, dizendo que produz cálculos na bexiga. Tinha cinco a seis graus R. menos que a atmosfera, e sabor fresco, como orvalho. Era quase meia-noite, quando me recolhi à rede; mas o barulho da dança, que durou até de manhã, apenas me deixou dormir uma hora. Sentia-me afetado pelos terríveis espetáculos desses dias,

pelas fadigas da viagem sob incessante chuva e trabalho esforçado. Quando, portanto, acordei enfraquecido e indisposto, receando um acesso de febre, tratei logo de tomar um vomitório, que me aliviou.

Partimos de Urivau, depois de termos substituído os índios até então fugidos ou deixados atrás, e seguimos viagem em sete barcos, guarnecidos com mais de 60 homens, pelo rio acima. Entre toda essa gente, só aparentavam boa cor de saúde aqueles que havíamos trazido de Ega; todos os mais eram pálidos ou ictéricos, e, com isso, ainda se destacava mais horrenda a malha tatuada no rosto. A maioria apresentava barrigas monstruosamente infladas, e os mais velhos dentre eles um evidente endurecimento do fígado e do baço, consequência das constantes febres contra as quais os habitantes do Japurá não conhecem remédios, e também por indolência não os compram dos brancos. Esse fato desmente a opinião geral, porém falsa, de que os índios dispõem de muitos e eficazes medicamentos. Segundo toda a minha experiência, são poucas as plantas que conhecem como remédios, em primeiro lugar certos frutos purgativos, e muitos cipós e vegetais seivosos de efeito venenoso. (**Nota IV**). Apesar do estado doentio, que se manifestava em tantos dos nossos índios, eles remavam infatigáveis a maior parte do dia, de modo que, no fim de quatro dias de viagem, alcançamos as primeiras cataratas, chamadas Cupati. O rio, cuja direção, até metade do caminho, é um quarto a sudoeste, depois a noroeste, tem menos ilhas do que abaixo de São João, e só a largura de um sexto até um oitavo de milha marinha. A sua correnteza é considerável no meio; podia ser então de cinco a seis milhas marinhas por hora. A profundidade, no centro do canal, monta a 20 ou até a 30 braças (talvez, demais, devido à inevitável diagonal da sonda); nas margens, era, ao contrário, muito raso o rio, e extensos bancos de areia obrigavam-nos frequentemente a grandes desvios. Estava aqui agora o rio visivelmente em vazante, e nas margens e na mata observavam-se vestígios do nível anterior da água, mais elevado de duas braças. Quanto mais nos aproximávamos das primeiras cataratas, tanto mais altas eram as margens, mais rala a mata, com as copas das árvores mais espaçadas, e à tarde lobrigamos a oeste a serra de Cupati, toda envolta em nuvens de chuva. Esta, caindo sempre mais cerrada, fê-la em breve desaparecer das nossas vistas. Às nove horas da noite, passamos pela foz do rio Apaporis (**Nota V**), acima da qual ar-
mamos acampamento, numa ilha de areia.



Esculturas indígenas na margem do rio Japurá. "...os índios chamavam a minha atenção para um rochedo destacado, onde se achavam algumas esculturas pouco visíveis, ao passo que exclamavam: Tupã, Tupã!" Palmeiras pupunhas. (Martius, Genera et species palmarum).

Na manhã seguinte, afinal, se nos defrontou a serra de Cupati, bem perto. As nuvens pluviosas rasgavam-se, e ofereciam um espetáculo já desusado, desde muito, para nós. Na imensa mata virgem, onde havia tantos meses estávamos internados, o olhar não achava ponto ou base de comparação para avaliar alturas. O homem, cujo organismo parece destinado pela natureza para medida de tudo que é terrestre, além de ser raro, desaparece, em meio de um arvoredo cuja quase uniforme altura mal se pode medir. Aqui, porém, oferecia-se vista ao longe, e os olhos entregavam-se com alegria a esse exercício. A serra de Cupati talvez se eleve a uns 600 pés acima do Japurá¹⁹. Ela estende-se talvez por uma légua, de sul a norte, e força o rio, que, vindo de oeste-noroeste, nela se rompe, a fazer grande curva, tal como o Apaporis, na sua extremidade setentrional. A sua forma é oblonga, e coberta de vegetação cerrada, pouco difere, quando vista de longe, dos terrenos levantados do Amazonas. Somente na parte oriental, cerca do vértice, se destaca do verde da mata uma massa branca de rocha, que, quando iluminada vivamente pelo sol, como eu o vi no caminho de regresso, reflete uma luz deslumbrante. Quando chegamos mais perto, percebeu-se, pelo mais rápido movimento das águas e um ronco forte, a proximidade do primeiro salto, o menor, que é chamado Cachoeirinha de Cupati; e, afinal, a vimos de fato. O leito do rio estreita-se aqui numa largura de cerca de 120 braças, e as águas precipitam-se impetuosas de cima de um penhasco, que o atravessa em toda a largura. Agora, estando o rio com pouca água, os rochedos de ambas as margens do rio sobressaíram oito a dez pés acima do nível da água, e outros estavam a descoberto entre pequenas quedas, redemoinhos e corredeiras, nos quais o rio abria passagem para baixo. Pela violência das águas, foram arredondados, quebrados, às vezes acumulados em pilhas, ou surgem ainda inteiros do fundo do rio. A pedra é grés de granulação muito fina, duro, estratificado. A superfície da rocha banhada pelas águas, interiormente branca, era de modo estranho brunida e polida pelo sol, o ar e a água, de sorte que sob certa iluminação espelhava. A oxidação parecia penetrar algumas linhas dentro da pedra; todavia, essa parte alterada não apresentava o depósito peculiar (um composto carbônico de

19. Lugar onde Martius, atravessou a fronteira atual do Brasil com a Colômbia. (Nota da rev., Ed. Melh.)

ferro?), que mais adiante pude observar nas rochas graníticas da bacia superior do rio. Acima desta cachoeira, curva-se o rio para noroeste, rodeando a montanha, e aparece cercado das margens selvosas, e sem visível abertura, por onde entra como um lago. A cor escura da montanha, sobre a qual passavam nuvens carregadas de chuva, a misteriosa tranquilidade da mata, as massas colossais de rochedos empilhados, uns sobre os outros, e o bramido da cachoeira, davam a essa paisagem uma feição sombria de indizível melancolia, cuja impressão está ainda viva no meu espírito. Os próprios índios, muitos dos quais nunca haviam visto uma montanha ou catarata, pareciam impressionados com aquele cenário formidável. Eles olhavam surpresos, ora para a montanha, aproximada assustadoramente pela chuva cerrada, ora para o redemoinho das águas rugidoras.

As embarcações seguraram-se com compridas hastes e lianas do timbotitica, e então procuraram os índios puxá-las para diante, num varadouro entre os penhascos por cima dos redemoinhos e corredeiras, enquanto outros a conservavam no rumo, por meio de varejões. Na margem setentrional, era a correnteza demasiado violenta; por isso, só tarde lhe alcançamos o termo na meridional. Durante esses esforçados trabalhos, chovia a cântaros, de sorte que ficamos bem satisfeitos ao levarmos os barcos nesse dia a uma ilha de areia, acima da catarata, ali pernoitando. Acima dessa primeira queda, diversos regatos se lançam no rio, ao longo dos quais o grés aflora em tão finas camadas, que pode ser empregado como pedra de amolar (em tupi, *ita-ky*), e os índios levaram daqui algumas até Belém do Pará. A maior queda, a Cachoeira de Cupati (em tupi *ytú*), dista cerca de uma hora a oeste da primeira, acima da qual o rio ainda mais estreita, entre margens mais altas. Ela é formada, como aquela outra, por bancos de pedra transversais, que nas enchentes cortam o rio completamente, produzindo uma só queda das águas pela largura inteira do rio. Nesse caso, as águas cobririam os recifes em mais de 30 toesas de distância e mais de três toesas em altura; mas atualmente, encontramos de fato muitos redemoinhos e corredeiras entre os gigantescos rochedos, sem interrupção total da superfície da água. Portanto, podiam ser os barcos puxados para diante, do mesmo modo que na Cachoeirinha; somente foi preciso descarregá-los completamente, e toda a carga teve de ser transportada às costas dos índios, passando por cima dos blocos empilhados até longe na margem, até uma ponta de areia além da catarata, tarefa penosíssima e perigosa, por

serem escorregadios e desiguais essas massas de rocha. Executado o mais necessário deixei ao meu obsequioso companheiro Sr. Zani a conclusão do cansativo trabalho e fiz com João Bernardo, que já várias vezes percorreu esta zona, uma excursão à montanha de Cupati, em cujos riachos havia ele achado belas pedras, segundo a sua descrição, cristais de rocha ou topázios. Importava-me, pois, completar o meu juízo sobre a formação dessa montanha, cujas camadas de uma pedra quartzífera, branca, muito dura, além da lenda de minas de ouro na vizinhança, faziam lembrar idêntica formação geológica de Minas Gerais. Navegamos a jusante do rio, na montaria, deixada embaixo da catarata, e alcançamos, já ao anoitecer, um lugar ao sopé da montanha, onde um largo riacho se precipita da floresta, por cima de altos rochedos. A mata úmida estava silenciosa e o cenário de uma natureza selvagem, vigorosamente acidentada, lembrou-me as montanhas pátrias. Investigamos demoradamente nos buracos do grés, mas debalde; apenas achamos cristais de rocha impuros, e não apareceu outra curiosidade geológica alguma. Nisso, escureceu de todo; de novo atravessamos para o lado meridional do rio, do qual ouvíamos melhor o estrondo do salto, e chegamos ao sítio, onde havíamos deixado a nossa gente atarefada, encharcados da chuva, a tremer de frio e famintos. Com surpresa nossa encontramos tudo em silêncio, sem sinal algum de sua presença. Haviam escolhido um banco de areia acima da catarata, para acampamento. Depois de muitas baldadas tentativas, conseguimos acender um pequeno fogo, e fizemos caminhar à frente os nossos índios acompanhadores com as tochas em brasa, para nos iluminarem o caminho perigoso pelos penhascos. Precisávamos de transpô-los ou volteá-los, para chegar de novo ao rio, acima da queda. Quanto mais nos afastávamos dele, e nos entranhávamos na escuridão do mato fechado, tanto mais perigoso tornava-se o caminho. Ora caíamos numa fenda das rochas, ora batíamos com a cabeça numa borda saliente, tropeçávamos em raiz de árvore ou nos enroscávamos nas espirais espinhosas da salsaparrilha. Essa caminhada noturna, sob uma chuva constante, arriscando-nos a topar com cobra ou outro animal, figura entre as mais penosas que fizemos. De repente, os nossos guias pararam, e vimo-nos à beira de uma parede de rocha, perdidos longe do rio. Afinal, sempre o alcançamos, e avistamos uma fogueira ao longe, de onde o vigia ouviu o nosso chamado e nos mandou montarias. Tarde, depois da meia-noite, chegamos ao acampamento, cuja fogueira já se ia apagando.

Estávamos agora separados, por uma fronteira natural, da bacia inferior, do Japurá, e, com isso, da bacia do Amazonas. Devia supor achar-me agora num território incontestado dos aborígenes da América, ainda não tocado pelo sopro da civilização europeia. Essa ideia tinha certo encanto para mim; e, cercado por natureza selvática e homens primitivos em toda a sua rudeza, e mesmo os perigos, que víamos à nossa frente e atrás de nós, davam à minha posição um colorido particular. Os homens, com quem aqui convivíamos, mereciam esse nome só pelo que se encontra na sua alma como um ponto de cristalização; eram inteiramente imunes daquela civilização, que no curso do progresso havia-se sobreposto com mil facetas e tonalidades àquele núcleo inalterável de humanidade. A mudança do nosso ambiente também se refletia, entre outras, na vegetação, ao longo do rio que tanto mais acrescentava outras formas, quanto mais seguíamos para oeste (**Nota VIII**). Com isso, igualmente se modificava a feição da paisagem; as árvores pareciam mais baixas, de galhos menos extensos, com as copas, portanto, mais estreitas; eram mais raros os cipós; particularmente abundava uma palmeira, a paxiúba barriguda, cujo tronco alto de 40 e tantos pés se engrossa no meio, a modo de tonel, de sorte que essa parte costuma em geral ser cavada pelos índios para suas igaras. Na própria mata, encontramos muitas pequenas palmeiras ubi, e, aqui e ali, nas rochas que afloram, seivosas moitas de arus trepadeira e particularmente de *Carludovica*, gênero de plantas que se tornou conhecido primeiro do Peru. Aliás, parecia esta mata agora bastante desabitada de animais; só se ouviam macacos de muitas espécies, mutuns fugiam, esgueirando-se nas moitas, e algumas grandes araras azuis grasnavam no topo das palmeiras, onde se aninham.

Os nossos índios remavam assíduos na verdade, como costumavam em geral fazer, no tempo de chuva; mas progredia-se pouco, pois o rio, no canal principal, é muito rápido, e além dele tem muitos baixios que frequentemente obrigam a contorná-los. Na noite de 10 de janeiro, passamos pela foz do Miriti-paraná; tinha umas 30 braças de largura.

A 12 de janeiro, ao meio-dia, alcançamos Manacaru, povoação dos índios juris, a qual, em condições semelhantes às de Uarivaú, está em relações com os brancos. Também aqui reside só uma parte pequena dos habitantes, em 8 ou 10 cabanas; a maioria vive espalhada pela mata. Consistem essas palhoças em um círculo de postes trançados com trepadeiras, com um teto cônico de folhas de palmeira, tendo uma porta baixa, como

as dos cauixanas ou dos “chiquitos” do Paraguai, que, por serem baixos, receberam essa denominação. Não se vê chaminé, nem janela, mas, a um lado, fronteiro à porta, acha-se um quarto murado de barro, todo fechado, para o qual se entra de rastos. Ali é que se retiram os índios, no tempo da enchente, para escaparem da perseguição dos piuns, espécie terrível de mosquitos, que, na ocasião, pairam em densos enxames sobre a região. Entre os utensílios caseiros, notei um instrumento, nunca antes visto por mim, para ralar mandioca: uma armação piramidal, com três ripas, entre elas fixadas pequenas pedras pontudas. O suco corre do aparelho para um prato de casca, colocado embaixo.

A minha saúde achava-se de novo abalada; e resolvemos parar aqui alguns dias. O tuxaua do povoado estava fora, com um mameluco de Ega, para efetuar um descimento, e, por isso, só encontramos presente a menor parte dos habitantes. Os juris daqui, assim como os que antes havíamos visto no sítio de Uarivaú, consideravam-se todos uma tribo só, também ligada pela mesma língua, mas dividida em diferentes famílias ou hordas secundárias, que à semelhança das divisões dos uainumás, tomam diversos nomes.²⁰ Consideram-se os juris como uma das tribos aparenta-

20. Assim os juris, cacau-tapuias, habitantes do Puruê, moira-t., no Ipu, e os outros morando no próprio Japurá, comá-, as - saí-, tucano-, pupunha-, curaçé- (sol), uiraçu- (ave grande), ubi- (palmeira caniço), ibitu- (vento), e taboca-tapuias. Os ibitu-t, como os caraíbas, passés, tecunas, etc., trazem, abaixo dos joelhos e no braço, tiras de uma plegada de largura; de algodão azul, apertadas ao máximo possível; a malha cobre o rosto todo deles. A horda dos taboca-t., dos quais vi vários aqui, traz uma taboca de pau de palmeira no lábio inferior perfurado. Num velho, este pedaço de pau, cuja caída é vedada por uma travessa dentro da boca, era tão intimamente fechado no furo, que não podia mais ser retirado. Achei a tatuagem diferente em diferentes indivíduos; a maioria tem a malha semielíptica em diversos tamanhos, segundo a idade e a família, outros dois traços oblíquos ou quatro pontos redondos no lábio superior, ou só o lábio superior inteiro tatuado. Uma horda, chamada jauareté-t., falaria uma língua diferente e seria hostil aos outros; talvez sejam estes os uainumá-jauareté-t. Os homens quase todos traziam suspensórios de turiri, as mulheres estavam completamente nuas. Como adorno do braço era frequente um tufo de pontas de bico de tucano (*Pteroglossus inscriptus e Araçari*). Eram gente aseada. Custa a permutar deles alguns pentes, consistindo de lascas finas, delicadamente ligadas, de pau de palmeira preto. Aqui consegui também uma caixa de rapé da rara concha *Bulimus gallina sultana*, e um banquinho de pé, esculpido de um pedaço de pau inteiriço.

das dos passés, e sem dúvida antigamente eram irmanadas. A sua língua tem o maior parentesco, as insígnias nacionais são as mesmas, e a forma do corpo apresenta estranha semelhança; entretanto, pareceram-me em geral os juris como tendo feições mais largas, peito mais amplo, e sendo menos esbeltos. Costumes, hábitos, armas, inimigos, crenças religiosas e cosmogônicas, são idênticas entre ambos. Antigamente eram, depois dos miranhas e uainumás, a mais poderosa tribo entre ambos o Içá e o Japurá; mas, atualmente, o seu total terá apenas 2.000 almas, pois eles foram, antes dos outros, levados para as colônias dos brancos, e ali mesmo se extinguiram no cruzamento. Como a planta urari cresce no território dessa tribo, acha-se esta a par do preparo desse veneno de flecha, ao qual tive aqui ocasião de assistir²¹. Estávamos observando essa operação, quando ressoou um

21. O ingrediente básico do veneno de flecha dos índios do Japurá é fornecido por uma árvore esguia, a *Rouhamon guyanensis* Aubl., (uma *Strychnos* L.), que, na língua tupi, se chama *urariuva*. A casca, posta de molho, é espremida com as mãos pelos juris-tabocas, e o suco amarelado é engrossado, a fogo brando, num prato raso, ao passo que o extrato aquoso da raiz de uma pimenteira (*Piper geniculatum*), de uma árvore que não conheço (*traira-moira*, isto é, “árvore do peixe-traira”), da casca do arbusto cóculo (*Cocculus Jnéme* M.) e de uma figueira trepadeira, juntos em quantidade igual, são adicionados. Esse extrato, misturado na consistência de xarope grosso, tomava ao fogo uma tonalidade pardo-escuro e é então despejado em potezinhos, contendo cada um mais ou menos duas onças, que ficam à sombra da cabana, para esfriar. Previamente, coloca o índio em cada potezinho uma pimentinha da *kiynhaavi*, e está pronto o *urari*. Os índios avivam-no de novo, quando enfraquece com o tempo, juntando-lhe especialmente pimenta e a raiz da *Piper geniculatum*. Sem dúvida, estas quatro plantas, adicionais, são de importância menor, e poderiam ser substituídas por outras. Segundo informação de diversos brasileiros, são adicionadas também outras substâncias, por exemplo: o leite da *Euphorbia cotinifolia*, *Hura crepitans*, ou os frutos adstringentes da *Guatteria veneficiorum* M., e, pelos índios supersticiosos, a primeira rã que se ouvir coaxar naquele dia, a grande formiga preta ou dentes de cobra peçonhenta. A experiência em Manacaru provou-me que o *curare* de Esmeraldas, no Orinoco, o *wurali* de Surinã e o *urari* do Japurá contêm um único princípio essencial, da casca da mesma *Stricneia*. Esse grupo de plantas oferece igualmente, na “fava-de-santo-inácio” e na noz-vômica, substâncias muito venenosas. Provavelmente, é o princípio ativo a estricnina ou substância com ela aparentada. É fato conhecido que esse notável veneno só é mortal ao imediato contato com o sangue. Índios, que se queriam suicidar, tragavam-no em grande dose, sem se ressentirem de mau efeito; até o consideram estomacal. Grandes doses de açúcar, sal ou adstringentes são

uivo fortíssimo, seguido de gritaria, que nos fez correr, assustados, ao outro lado da aldeia. Achamos uma cabana aberta, e três índios atarefados a enterrar ali o cadáver de um dos moradores. Já na noite antecedente, eu havia sido chamado para receitar-lhe um “remédio dos brancos”, *caryba-pocanga*, mas encontrei agonizante o doente, que sofria de hidropisia, por endurecimento dos órgãos abdominais. O defunto estava então encolhido, com a cabeça metida entre os joelhos dobrados, elevados, atado entre pedaços de entrecasca, num novelo redondo (exatamente, portanto, na mesma posição em que se costuma encontrar os corpos embrulhados em ponchos, nas *huacas* do Peru), e foi enterrado numa cova de quatro pés de profundidade, no meio da cabana (como é hábito, também; entre os selvagens do Canadá). Deitou-se sobre ele fina camada de terra, e depois a irmã do morto e dois homens, que moravam na mesma cabana, entraram ali e puseram-se a pisar a terra, dando urros terríveis. Esta cerimônia horrenda durou bem meia hora; afastei-me dali com o coração constrangido pelo próprio enterro e as lamentações dos coveiros, especialmente da irmã, que, entre soluços violentos, gritava continuamente as perguntas: – “Quem caçará agora macacos para mim? Quem me trará tartarugas?”, eram de expressão quase bestial e pareciam aumentar quanto mais socavam a cova.

Outra índia muito doente, na mesma cabana, não parecia impressionada com a expectativa de semelhante sorte para si mesma; jazia imóvel na rede e assistia tranquilamente ao enterro. Esses gritos fúnebres (em tupi, *jaceon*) continuaram até ao anoitecer quando os carpidores já estavam exaustos; mas no meio da noite, fui despertado de novo pelas lamentações da irmã. Particularmente, estranhei que os carpidores não derramassem lágrimas. Perguntando a razão disso ao tubixaba Gregório,

os antídotos, mas, depois de completa absorção da substância, de mais nada servem, e o ferido, pela diminuição do calor animal e do processo da respiração, sucumbe a uma apoplexia nervosa, às vezes já dentro em poucos minutos. O veneno dos tecunas é, segundo o exemplar da planta que Spix trouxe de Tabatinga, tirado de um arbusto trepador (em tupi *urari-cipô*), uma menispermea, talvez o *Cocculus amazonum* M., e provavelmente é picrotoxina. O princípio ativo essencial, tanto deste veneno, como do dos juris, dos miranhas e de outros índios do Japurá e do rio Negro, é solúvel na água, assim como em álcool.

ele deu a pavorosa resposta: — *Tapuuia uí uça tykyr!*, “o índio engole as lágrimas!”.

A cabana do morto só mais tarde é abandonada, não imediatamente. O citado modo de enterrar os mortos não é, porém, geral entre estes índios. Muitos metem o defunto em grandes potes de barro, que enterram dentro da própria cabana ou fora. Segundo as informações obtidas acerca desse uso, nem todas as tribos que o seguem têm o mesmo objetivo. A maioria visa, com isso, assegurar um enterro seguro e tranquilo; outros, porém, uma remoção posterior dos ossos para outro sítio, depois de limpá-los e ajuntar em cestos de entrecasca. Esse costume indica o grau mais baixo da tendência de certos povos de se ocuparem com os corpos de seus antepassados; encontramos coisa parecida entre os camacãs; mais adiantado é o uso daqueles índios do Orenoco, que conservam na caverna de Ataruípe os esqueletos dos antepassados, e a forma mais perfeita se encontra nas múmias dos guanches e dos egípcios. Parece tanto mais significativo ao etnógrafo, quanto está em relação com o desenvolvimento mais ou menos adiantado das ideias sobre a alma e sua transmigração.

Os juris, entre os quais repousamos aqui uns dias, eram, aliás, gente de boa índole, sensíveis, e extremamente loquazes com os parentes de tribo, que nos acompanhavam. Nas conversas demoradas, repetiam certas palavras como afirmação solene, termo correspondente à “*atea*” dos cheroqueses, de significado idêntico ao *amen* hebraico.

Parecia bastante melhorada a minha saúde, graças aos dias de repouso, durante os quais fomos menos embaraçados pelos insetos; embarcamos, portanto, a 15 de janeiro, para chegarmos, no fim de três dias de viagem, ao território dos miranhas, de cujo convívio eu esperava obter a maior cópia de informações etnográficas. O rio, porém, estava atualmente tão vazio, e com tantos bancos de areia e corredeiras por entre eles, que só alcançamos a nossa meta no quinto dia. Nessa viagem, sofri dois violentos acessos de febre quartã, que procurei atalhar com o emprego de forte emético e quina. Os calafrios manifestavam-se como que disfarçados em extremo abatimento, seguindo-se, entretanto, violentos calores e dor de cabeça. Também o meu companheiro de viagem e muitos dos índios começaram a padecer dos mesmos incômodos. Atribuímos isto sobretudo à água morna e turva, cuja temperatura marcava pouco menos de 25° R., a causa generalizada da doença. Recomendavam os índios velhos clarificá-la, deitando-lhe

dentro pedaços de cactos; mas faltavam aqui quase de todo as formas grandes, carnudas, dessas plantas, as quais constituem feição essencial da fisionomia vegetal de Pernambuco e Bahia, e aqui apenas aparecem pequenos parasitas espinhosos. Procurei então purificar a água com as mucilaginosas bagas da embaúba, que lhe comunicavam, além disso, sabor agradável. Nas refeições, sentíamos falta, o capitão Zani e eu, de galinhas, cuja provisão se tinha acabado. Havíamos despachado no caminho para cá o tubixaba Gregório, numa montaria, ao Miriti-paraná, para nos adquirir galinhas e guarnições de penas nas malocas dos coretus, coerunas e iupuás; mas esse abastecimento só muito mais tarde o iríamos receber. Acima de Manacaru, passamos à margem meridional pela foz de um rio não pouco considerável, chamado Meta pelos índios²². Os demais afluentes, que encontramos, pareciam relativamente menores e de pouca extensão. O próprio rio é ainda sempre beirado por margens baixas, que até aqui, à exceção da montanha de grés de Cupati, consistem em grés ferruginoso, pardo, vermelho ou violeta, ou de argila vermelha. As palhoças dos miranhas, chamado pelos portugueses de Porto dos Miranhas, erguem-se pouco acima do espelho do rio. Vimo-nos, ao desembarque, cercados por mais de 50 homens da tribo, que nos saudavam sem timidez e, com conversa animada e ruidosa, nos conduziram à presença do chefe. Embora nenhum deles falasse o português, nem o tupi, queriam todos, entretanto, tratar de negócios. Quando chegamos à cabana do tuxaua, grande casa com diversas peças, eles tomaram as lanças envenenadas, encostadas à parede, e colocaram-se em expectativa, perto da porta, por onde o dono da casa finalmente entrou. Esse chefe havia adotado um nome cristão, como todos os outros, que tínhamos encontrado até aqui, embora dificilmente fosse batizado. João Manuel era conhecido e temido, não só entre os seus miranhas, mas em todo o alto Japurá. Provavelmente, tivera ele bastante coragem e espírito de iniciativa, para adquirir escravos da sua tribo ou das tribos vizinhas e negociá-los com os brancos. No trato com estes, havia ele então adquirido alguns hábitos europeus; orgulha-se de andar sempre de

22. Teria na parte alta, alcançada depois de 5 dias de viagem, comunicações curiosas com outro, situado mais a oeste, chamado pelos índios Ipu; ou, se as informações pouco claras dos índios devem ser interpretadas de maneira diferente, há comunicação entre o Meta e o afluente do Içá, o Upi. Os índios localizaram nesta região ricas matas de cacauieiros e numerosas malocas, especialmente dos uainumás.

calças e camisa, comer em prato de louça e diariamente fazer a pouca barba que tem. Português ele não entende, mas na língua geral se exprime com energia. Estranhamente se destaca essa semicivilização do chefe da horda que ele comanda: antropófagos, que, mal falando a língua nativa, não têm noção de soberania, nem a toleram e, na sua insensível arrogância, querem governar-se a si mesmos, inconscientemente, por indolência, orgulho e egoísmo tornaram-se seus servos e súditos. Só o comércio com os brancos, que ele sabe controlar em nome de todos, parece que lhe deu a supremacia, que ele faz valer entre os companheiros de tribo; de comissário comercial passou a ser chefe da horda. Em geral estou inclinado a supor que à exceção da guerra, sempre são motivos semelhantes pelos quais os índios bravios são induzidos a ceder a preponderância a um do seu meio. Aliás, recebeu-nos essa gente com uma vivacidade, uma alegre, ruidosa animação que muito contrastava com a gravidade soturna, com que, em geral, éramos acolhidos pelos índios. Atribuímos, certamente não sem razão, essa ingenuidade, esse caloroso interesse por tudo que nos dizia respeito, ao seu estado de primitiva liberdade, distantes dos brancos, ignorando o recrutamento que para todos os índios é um espantinho, constituindo uma poderosa tribo, independente das demais. Rudes até a bestialidade, foi como encontrei esses miranhas, quando cheguei a conhecê-los de perto; mas eram-lhes alheios aquela perfídia, timidez e mesquinhez de caráter, que fazem muitas vezes dos índios aldeados um objeto de desprezo dos vizinhos. É uma tribo de índios robustos, bem proporcionados, de tez escura. O peito largo condiz com a largura do rosto, que parece ainda mais largo pelo costume abominável de furar as asas do nariz e de nelas inserir cilindros de pau ou conchas²³. Dessa desfiguração quase hereditária deve originar-se a largura do nariz, que julguei ter observado como característico fisionômico em todos os miranhas. De resto ostentavam no semblante ex-

23 Este distintivo desfigura o rosto, mais do que qualquer outro que tenho visto, sobretudo quando a dilatação das asas do nariz é tão excessiva, que desnuda o septo. Em tal hedionda perfeição da deformidade, precisam de ser apoiadas as asas, e, por isso, são forradas por dentro com fitas de folhas de palmeira. As mulheres, que sempre acham prazer e tempo para se enfeitar, abusam nisso mais; vi algumas cujas asas das narinas precisavam ser suspensas nas orelhas, para não penderem frouxas. O afiamento dos dentes caninos concorre para desumanizar completamente o rosto desses selvagens. Raramente usa o miranha uma taboca atravessada no septo nasal; onde

pressão da mais ilimitada rudez, mas, ao mesmo tempo, a natural bondade, sem a qual não podemos imaginar o homem no estado primitivo da natureza. A sua tribo é a mais numerosa e poderosa em toda a bacia do Japurá, a leste da grande catarata; avalia-se em 6.000 o número de indivíduos, que vivem desde o rio Cahuinari, a oeste, entre o Içá e Japurá e o rio dos Enganos, e, portanto, sobretudo no lado meridional do Japurá. Segundo o tubixaba Manuel, eles ocupam as matas a 15 dias de viagem do rio para o interior, isto é, no mínimo em 50 léguas de extensão. São várias hordas que falam dialetos diversos e até se hostilizam umas às outras. O tubixaba e a maior parte da sua gente pertencem à horda dos miranhas carapaná-tapuias, e vive em hostilidade declarada com os miranhas do interior e com os antropófagos umauás, que habitam o território acima da catarata de Araraquara, no Japurá. Depois da nossa chegada, despachou o tubixaba mensageiros para as matas, avisando que tinham chegado brancos para fazerem negócio, e queriam especialmente permutar adornos, armas e utensílios índios. Regressaram, porém, esses mensageiros com a notícia de que tinha havido rixa entre os carapanás-tapuias, e que, em consequência das surras, diversos foram mortos com paus pontiagudos. O chefe recebeu a informação com a maior calma; mas, ao cabo de algum tempo, levantou-se gravemente da rede e disse: – “Preciso ir ver o que há; eles conhecerão quem é João Manuel; ele é forte e um verdadeiro Diabo.” No pátio, houve deliberação demorada, a meia-voz, enquanto um grande charuto passava de boca em boca, e, finalmente, resolveu-se uma expedição para o interior. O esperto tubixaba havia, entretanto,

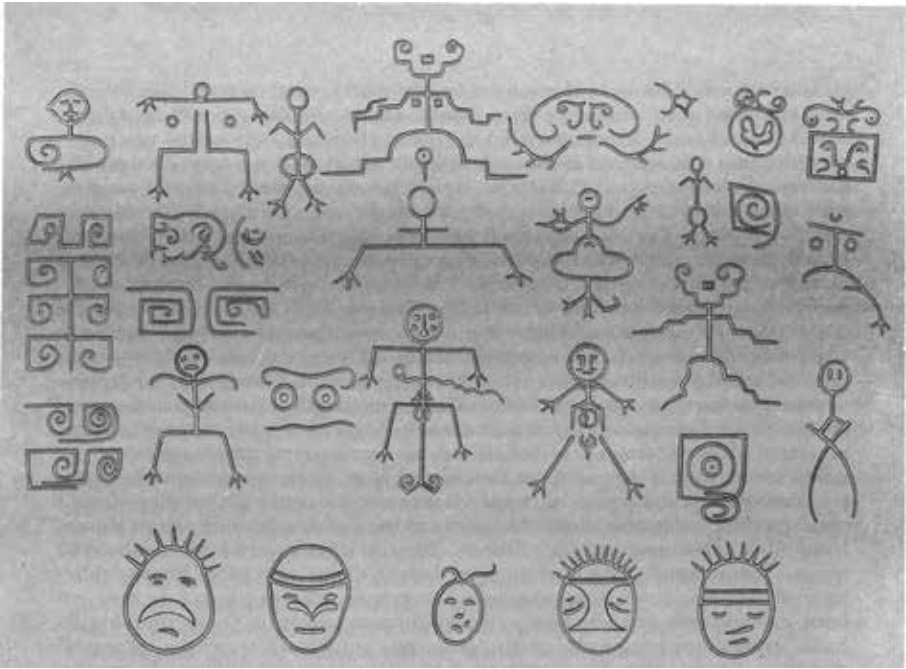
mais frequente se lhes vê esse adorno, ou um tufo de penas de arara, é nas orelhas. As tabocas são, em geral, de polegada e meia de comprimento, da grossura do cano de uma pena de cisne, tendo as extremidades pintadas de vermelho. Poucos usam tatuagem no rosto, mas o próprio tuxaua era tatuado, como um juri. Por vezes, eles enegrecem todos os dentes. Um distintivo todo especial dessa tribo finalmente é um cinto de entrecasca branca de *turiri*, que tem quase a forma de uma funda. Somente nesta tribo o observei, pois aqui a faixa não faltava em um só homem adulto. Essa cinta, de duas polegadas de largura, é apertada sobre os quadris, e outro pedaço de entrecasca, torcido como corda, passa entre as coxas. Essa corda é atada na frente e sobressai atrás, na região do *sacrum*, onde é amarrada na cinta, de sorte que isso provavelmente deu motivo à lenda dos “índios de cauda” do Japurá. Neste cinto, fixam, às vezes, um molho de aparas do perfumado pau de um loureiro, que talvez tenha valor de grau distintivo como a dragona na Europa.

imaginado outro plano, que conservava secreto, e, provavelmente, só à noite expôs à sua gente na mata, para onde ele se retirou de repente. Era de esperar que, durante a sua ausência, pouco pudéssemos realizar do nosso intento; e, como eu, além do mais, estava impaciente de chegar à cachoeira de Araraquara, termo quase natural da minha viagem, resolveu-se que, na ausência do tubixaba, eu para ali seguiria; mas o capitão Zani ficaria aqui, para recolher o que fosse oferecido e para construir uma canoa nova, na qual pudéssemos embarcar as coleções importantes feitas até agora, e os macacos e aves. Antes de nos separarmos, foram todos os índios empregados em abater um grande tronco de jacareúva (*Calophyllum inophyllum*) e transportá-lo ao porto, para dele se construir a montaria. O capitão Zani mandou levantar uma armação de vigas, sobre a qual o tronco assentou em posição horizontal, depois de se lhe abrir uma fenda ao comprido, para, pouco a pouco, ser alargada, a fogo debaixo, em forma de calha. Durante esses preparativos cuidou-se de preparar também farinha de mandioca e beijus pelas índias, pois as nossas provisões já começavam a escassear. Na grande cabana aberta atrás da do tubixaba, trabalhavam essas pobres e bondosas criaturas, com a máxima assiduidade e parecia como se a nossa visita, que inopinadamente lhes trazia miçangas e vistosas chitas acima de toda expectativa, lhes causasse raro prazer. Já antes do nascer do sol, as velhas voltavam das roças, trazendo raízes de mandioca, e velhas e moças atarefavam-se apressadas em as descascar, ralar, espremer e assar nos grandes fornos. Entre os instrumentos para ralar mandioca, havia um, cujo emprego eu obstei: era um pedaço de pau no qual estavam fixados dentes de inimigos mortos, os quais, portanto, ainda serviam, por assim dizer, ao gozo do vencedor. A vida, em tal cozinha dos índios, é um espetáculo dos mais curiosos. A maioria acocora-se nua em torno, e trabalha calada, com a maior seriedade. Algumas ocupam-se com outras tarefas: acolá, uma mãe pinta as pálpebras da criança de peito; aqui, outra penteia um pequeno traquinas que de quando em quando procura furtar do prato um beiju quente; mais além, outras, em vez da criança, que não está presente, toma ao seio um macaquinho barrigudo; ainda outra brinca com o macaco coatá, que fareja com as ventas largas e elevada cauda prênsil, anda esperto entre o forno e os fogões, – ou ensina ao papagaio a repetir, com a sua voz rouca: *Parauá! parauá!* De quando em quando, aparece um homem na cozinha; chega-se com cuidado perto da panela de carne, experimenta com o dedo se está cozida, ou de manso contorna o monte de beijus prontos e puxa

devagar até que uma parte cai ao chão; aí, guincham as mulheres; mas ele finge não ouvir nada, andando gravemente de um lado para o outro, restabelecendo-se a paz entre as mulheres com a intervenção da mais pacata, que serve ao guloso uma gamela de sopa de mandioca e pimenta, *tucupi-pixuna*, na qual ele mergulha enormes pedaços de beiju, e, calado, engole o seu primeiro almoço.

As cabanas desses miranhas estão espalhadas pela mata, longe uma da outra, porém são espaçosas, de modo que, em geral, agasalham diversas famílias. São quadradas, com teto em ponta, construídas levemente de vigas e ripas, as paredes barreadas ou forradas, como o teto, de folhas de palmeira. O quatinho escuro, onde os juris se abrigam durante o dia contra a perseguição dos piuns, chamado *hornito* no Orinoco, não o vi aqui, provavelmente porque os miranhas, durante a época das chuvas, quando os mosquitos mais flagelam, se vestem com uma camisa de entrecasca de turiri, muito comum entre eles. As redes de cada família pendem da parede da cabana em direção aos fogos. Essas maqueiras são fabricadas em tão grande quantidade, que se exportam daqui para toda a província do Rio Negro, até para o Pará²⁴.

24 Adquiri dúzias delas a troco de uns poucos utensílios de ferro. Em Barra do Rio Negro, vende-se uma rede ou maqueira dos miranhas por \$500; em Pará, custa ainda mais caro. Dizem que alguns milhares delas vão ao mercado anualmente, sendo parte remetida para as Índias ocidentais. Os traçados dos miranhas são manufaturados, não com algodão, mas com as fibras, tucum, de folíolos de palmeira, particularmente da *Astrocaryum tucumá* ou *vulgare*. Também as fibras mais finas das folhas do ananás são empregadas pelos miranhas em particular, para a trama das redes; mas especialmente hábeis na manipulação desse material extremamente delicado são os passés. Os homens preparam o material, amaciando os folíolos murchos sobre o joelho e desfiando sua epiderme. Estes fios, semelhantes aos de linho bruto, retorcidos, são conservados em novelos, para serem fiados segundo a oportunidade, com ou sem roca, feita de pau de palmeira, em linha, corda e cordão. As redes são feitas da seguinte maneira: – Sobre dois paus redondos, de cinco a seis pés de comprimento, é esticada a linha de urdidura, de modo que os fios fiquem paralelos como as cordas de harpa, um junto do outro. Esses dois paus são fixados numa estaca, enterrada a prumo ou na parede da cabana, e as índias tecem, então, por meio de uma vareta alisada, que faz as vezes da lançadeira, dois outros fios, como trama em faixas paralelas em geral distantes, uma da outra um pé, através da urdidura. Semelhante é o procedimento dos tecunas; mas as redes dessa tribo têm, entretanto, a trama de algodão. Outras nações fabricam as redes (em tupi, *kyçaba*) com urdidura cruzada. Redes pintadas e guarnecidas com penas de aves, não as encontrei no Japurá, porém os índios bem sabem embeber os fios em resistentes tintas vegetais.



Esculturas no rochedo da margem do rio Japurá



Porto dos Miranhas. Construção de nova embarcação, cuja quilha é exposta ao fogo para se dilatar. Flagrantes da vida dos índios. O cacique está chegando de volta do ataque aos inimigos vizinhos, conduzindo os prisioneiros para vendê-los como escravos a Martius.

Mas, embora as mulheres dos miranhas se ocupem incessantemente com essa mais delicada parte do seu lar, e também saibam confeccionar artísticos trançados, nunca se lembraram, entretanto, de fazer peças de vestuário para si mesmas. Elas sempre andam vestidas no traje de inocência, mas sempre cuidadosamente pintadas, em vez de roupa. Impressionou-me aqui tanto mais essa nudez, porque julguei notar nesse sexo muitos impulsos superiores. Ao passo que os homens se entregam à mais despreocupada ociosidade, as mulheres são incansáveis no incessante labor doméstico e até mostram bondade especial nos seus esforços contínuos, de nos preparar comida melhor e na compaixão por nossa doença. Quase quero acreditar que o sexo mais fraco possua em menor grau a disposição e o temperamento dos aborígenes americanos, e que por isso, mais facilmente, será possível levá-los à civilização. Pela vaidade, estão inclinadas a considerar aqueles que lhes dão espelhos, lenços de cor e miçangas como homens de espécie mais perfeita, e uma intuição mista de timidez e admiração aplinará o caminho para melhor juízo e a tendência de mudar a condição atual. Assim, podemos dizer que só as mulheres desses miranhas apresentam vestígios de indústria. Afora os trabalhos de trançar, plantar mandioca, preparar farinha e beijus, também cuidavam de pequenas roças de algodão, cujas fibras fiam com fuso e tingem com o suco de diversas plantas. O arbusto do algodoeiro (em tupi, *manym* ou *arnanym-uva*) era, sem dúvida, conhecido dos índios primitivos. Os miranhas também preparam das sementes farinhosas, que pilam e cozem com água, uma papa grossa, que, temperada com pimenta, constitui um dos seus alimentos. As demais plantas, que vi cultivadas aqui, eram o aipim, a banana e o urucu. Da amêndoa de *ayu-üva* (*Laurus chloroxylon* Sw.), que chega quase ao tamanho de maçã, eles preparam, como muitas tribos de Suriname, uma fina fécula secando e pulverizando o caroço e colhendo o precipitado da infusão aquosa. Atribuem a esse amido muitas virtudes medicinais, especialmente contra dispepsia. Também o preparo de substância salina, que substitui o sal de cozinha, observei entre essas industriosas mulheres. Elas tiram-na do pau novo da árvore do sal, *jukyra-uva* (uma *Lecythis*), ou da espádice, de três a quatro pés de comprimento de várias palmeiras grandes, por exemplo, da *Iriartea ventricosa* e da *Oenocarpus bataua*, incinerando-as antes de desabrocharem da espata envolvente. O produto, assim obtido, é extraído e a lixívia evaporada, num prato raso, onde então aparecem crostas pardo-

-acinzentadas de sabor enjoativo, amargo-ácido. Essa substância parece ser uma mistura impura de potássio e sódio com ácido acético e ácido málico (posteriormente, ouvi falar também em outras árvores, o gurupé e tanimbuca, árvore de cinzas, que são utilizadas da mesma maneira pelos índios do Solimões). As crianças, que não eram empregadas nas tarefas do rancho onde se cozinha (em tupi, *japuna-óca*, “cabana do fogão”), vagueavam pela mata vizinha, à procura de frutos e raízes comestíveis, formigas, larvas de insetos, peixinhos e ovas de rã. Certa feita, encontrei-as também ocupadas em colher isca de formiga, uma felpa fina, que, pela facilidade com que se inflama, é designada pelos índios mansos com o nome *tatápotaba*, isto é, “desejo de fogo” (Nota VI). Criar galinhas, bem o sabiam esses índios; mas eles se queixavam de que, por engolirem muitas baratas (em tupi *arebé*), que se haviam multiplicado excessivamente ali, sofriam as aves de sesso (inflamação de intestinos?), contra o que empregavam, como em feridas, compressas das folhas maceradas da *Cassia alata* e da *tararaçu* (outra *Cassia*). Com os nossos índios eles permutaram, pelas galinhas obtidas por Gregório no Miriti-paraná, muitas camisas feitas de entrecasca de turiri pardo e branco, que sabem tirar da árvore com rara habilidade, aos pedaços grandes, não sendo preciso fazer costura na peça de roupa, surrando eles a entrecasca com paus, até torná-la flexível. Do turiri pardo, fazem também caixinhas, onde guardam os seus adornos de penas; da qualidade branca, fazem especialmente os cintos (às vezes tinto com argila), com que cingem os quadris.

Já no dia seguinte ao da nossa chegada, vieram do mato diversos miranhas, chamados pelos toques dos trocanos que se fizeram ressoar imediatamente na aldeia. Consistem esses instrumentos em grandes blocos de pau cavados e postos sobre algumas traves, tendo na parte de cima uma abertura, entalhada no sentido do comprimento; quando percutidos com um pau, às vezes provido de um botão de borracha numa extremidade, ressoam com um ruído surdo, que ecoa longe. Encontramos esse instrumento, na verdade, não na forma descrita por Gumilla entre os cavres; todavia, os nossos miranhas tratavam de dar, com diversos toques, sinal aos vizinhos de tudo que a estes podia interessar. Apenas informados da nossa chegada ao porto, ressoavam à distância, do outro lado do rio, os mesmos toques, e o tubixaba assegurou-me que, dentro de uma hora, todas as malocas dos miranhas amigos seriam informadas da nossa presença. Nos

primeiros dias, quando era novidade o interesse deles por nós, nada podíamos fazer, sem que pelo singular telégrafo fossem informados os vizinhos longínquos. Ora os sons diziam: “O branco está comendo”; ora “Estamos dançando com os brancos”; e, quando escureceu, despachou-se a notícia de que nos tínhamos deitado para dormir. Fomos bastante inquietos observar essa organização, que, no caso de um desentendimento com os nossos hospedeiros antropófagos, poderia, dentro em poucas horas, deixar-nos entregues à superioridade de forças inimigas. Avisamos, por isso, à nossa gente, de evitar todo pretexto a brigas, e mandamos que só fossem em companhia dos homens à cabana grande da cozinha e aos telheiros próximos, onde trabalhavam as mulheres, cujos passos eram ciosamente observados pelos respectivos maridos. Não havia dúvida que estávamos aqui no meio de verdadeiros antropófagos²⁵: o próprio chefe e sua mulher, bela índia alta, tomada apenas recentemente em lugar da repudiada, não negou

25 Fiz interrogar o tubixaba sobre o motivo da antropofagia em sua tribo, e as suas respostas demonstraram que ele e os seus são completamente estranhos ao sentimento dos povos civilizados, que consideram execrável o costume de comer carne humana. “Os brancos”, dizia ele, “não querem comer jacaré nem macaco, embora sejam saborosos; se obtivessem menos tartarugas e porcos, bem os comeriam, pois a fome é penosa. É apenas questão de hábito. Depois de morto o inimigo, é muito melhor comê-lo do que deixá-lo apodrecer. Caça grande é rara, porque não põe ovos como as tartarugas. O pior é a morte, não o ser comido: e, uma vez morto, para mim é indiferente que o *umauá* (cita ele, aqui, o inimigo figadal da sua tribo) me coma ou não. Mas não conheço caça de melhor sabor do que essa; mas é verdade que os brancos são muito azedos”. Evidentemente, essa resposta contém a ideia que o índio de uma nação estranha, particularmente a inimiga declarada, podia ser tratado como qualquer caça. Quando fiz perguntar ao tubixaba se a sua tribo também comia os prisioneiros, e fazia prisioneiros para esse fim, ele respondeu: “Comer prisioneiro que eu possa vender, seria tolice; cachaça sabe muito melhor do que sangue; mas o *umauá*, que prefere morrer de fome do que ser vendido aos brancos, e que já comeu tantos de nós, logo tratamos de matá-lo.” De sacrifícios humanos, oferecidos em expiação ao espírito mau (espírito bom, o miranha não o conhece), não encontrei vestígio algum. É imaginável que o selvagem geralmente devore o inimigo pessoal incorrido à vingança de homicídio; mas a esse respeito nada pude saber entre estes miranhas. Os índios mansos fazem a mais aterradora ideia dos antropófagos. Afirmam que estes os caçam de preferência; e entre eles o tubixaba *Cucuí*, que há 100 anos viveu no alto rio Negro, e comia até as suas próprias mulheres, ainda atualmente serve de espantalho.

haver comido mais de uma vez carne humana. Não obstante, já habituados desde muito à convivência dos mais rudes e selvagens aborígenes, não achamos, neste ambiente horrível, motivo maior para temor ou desconfiança do que no meio de qualquer outra horda de índios livres. Não só o interesse comercial do tubixaba em continuar em bons termos com os brancos, mas também a inata boa índole dessa gente, pareceu-nos um pouco garantia de segurança. Na primeira noite, eu e o capitão Zani havíamos colocado, na parte da cabana que nos fora oferecida, diversas espingardas carregadas, e alternávamos em sentinela, mas João Manuel repreendeu-nos por nossa falta de fé na sua lealdade, e, daí em diante, dormimos descuidados a noite inteira, tendo para nos vigiar uma parte da equipagem em torno de nós e outra parte no porto junto das embarcações. Realmente, não faltaram provas de natural bondade da parte desse antropófago e da sua horda, particularmente quando fomos atacados da febre. Eles próprios a combatiam comendo certas partes de macacos, como já mencionamos acerca dos muras²⁶.

Embora sujeito a pequenos acessos de febre, sentia-me, entretanto, bastante forte, para partir da maloca dos miranhas a 22 de janeiro e pôr-me a caminho para a última fase da viagem, até a cachoeira de Arara-Coara. Segui numa canoa, tripulada por 12 índios e acompanhada de duas montarias, numa das quais se achava o soldado do Pará, com Pachico, chefe dos coretus, e na outra um soldado de milícias de Ega. O Sr. Zani ficou atrás com o resto da equipagem. Como fosse muito grande a vazante do rio atualmente, as frequentes cachoeiras deram-nos muito que fazer, e tanto mais custava, por meio de goles de aguardente e exortações, conservar os índios em boa disposição, porque a praga dos piuns era cada vez maior. Estavam ensanguentados os seus corpos nus, e eu próprio tinha o rosto e as mãos tão dolorosamente picadas e inchadas, que só me livrei dos abscessos abertos (piera), banhando-as de contínuo com cachaça. A maior largura do rio pode ser avaliada aqui numas 230 braças. Contém poucas ilhas, que, na maioria, apresentam formação recente, a modo de brecha de seixos de jaspe amarelado ou vermelho, de

26. Afirmavam ficarem exaltados e revigorados com isso. Os antigos já contam que o leão, quando se sentia doente, comia carne de macaco.

quartzo e de grés ferruginoso, violeta ou pardo. As margens consistem do mesmo grés ferruginoso; rareiam os barrancos de argila de cores. A vegetação da margem conservava a mesma feição monótona. Internarmos pela mata, não era, entretanto, aconselhável, à vista da nossa fraca escolta, quer por causa dos índios, de cujas habitações na selva víamos subir fumaça, quer por causa das onças, que, de manhã, havíamos visto beber água na margem, ou cujas pegadas tínhamos encontrado, quando desembarcamos, para prepararmos o almoço. Os jacarés, desde a cachoeira de Cupati, já se faziam muito raros, porque as águas de maior correnteza e mais frias (aqui, no rio principal marcavam em geral 23°R.) a eles e às tartarugas não são agradáveis. No segundo dia, passei pela foz do rio Ira (rio do mel); no terceiro, pela foz do rio Uvânia, que, talvez, depois do rio dos Enganos (*Cunhary* ou *Tauaxamini*), seja o afluente mais caudaloso desta região; daí em diante, diminuía ainda mais a largura, e devia medir, na média, umas 150 braças. Na tarde do terceiro dia, no pequeno afluente setentrional Juí observei aflorando o primeiro granito. É uma pedra de granulação pequena, muito compacta, quase no gênero do pórfiro, de cor avermelhada, e aqui e acolá ainda coberta pela formação de grés ferruginoso, em camadas de oito a 10 pés de espessura. No rio e nas suas margens, aparecem frequentes extensas jazidas da já citada brecha de quartzo, jaspe e aquele grés. Bancos dessa pedra, atravessando de vez em quando o leito, ameaçavam avariar-nos o barco, obrigando-nos a fazer grandes rodeios. Essa formação desapareceu, porém, completamente, quando, na manhã do quarto dia de viagem, alcançamos umas curvas, que os índios chamam de Poçoçu (grandes covas). O rio aqui faz caminho por entre grotescos blocos de granito, e forma diversos redemoinhos, que, na ocasião da enchente, devem ser de perigosa passagem. Foi aqui que, pela primeira vez, admirei a esquisita cor cinzenta de chumbo das rochas, por toda a superfície, onde podem ser tocadas pela água. Com essa massa de rochas de colorido monótono e sombrio, que, batidos pelo sol, reverberam um brilho apagado, a região mostra feição melancólica. Encontrei essa camada escura só no granito, e mesmo ainda no de qualidade muito dura; talvez porque as pedras menos duras, antes formem novas superfícies que modificam as antigas, desse modo estranho. Também o grés duro, inteiramente branco, de Cupati, até onde está tocado pela água, tem uma camada de cor castanha na superfície, que

se evidencia como gradual oxidação do ferro, procedendo de fora para dentro. De modo indubitável, esse metal tem também importante papel na coloração do granito; mas a análise química ainda terá que indicar até que ponto aqui contribuem a decomposição pelo sol tropical e a água e o depósito desta última. Depois de termos passado por Poçoacu, tudo parecia concorrer para tornar mais penosa e triste a viagem. A correnteza, de 1/2 até 1/3 de pé por segundo, segundo a minha medição, obrigava às vezes ao máximo esforço, quando era preciso dobrar uma curva. Os índios, de resistência indestrutível antes, começaram a adoecer mais de febre e a se queixarem vivamente com a praga dos piuns; eu bem podia compreender o descontentamento, vendo as suas costas ensanguentadas. Por causa dos frequentes escolhos e recifes, não podíamos mais arriscar navegação na frescura do luar à noite, quando essas harpias atormentativas se retiram. Na medida em que as águas se tornavam mais impetuosas, as margens mais rochosas, a mata ficava na verdade baixa, porém mais densa; sombria, ela pendura-se sobre o rio; nenhum pássaro ali faz ouvir o seu canto, nenhuma caça desce até à margem, e a solidão, pesada e pavorosa, angustia a alma do viajante. A toda essa miséria, acrescentava-se a malícia do soldado, que para a nossa escolta já nos acompanhava desde Pará; este, consoante sua conduta anterior (soubemos depois que ele era um degredado de Portugal), mostrava-se sujeito sempre mais insubordinado e rebelde, e tentava esquivar-se a prestar auxílio, nos casos de necessidade. Assim, uma tarde, ficou ele atrás, com a sua montaria, e, como também a outra montaria, mandada para pescar na margem fronteira, ficou atrás, tive que desembarcar sozinho numa ilha de areia, para passar a noite. Notaram aqui os índios, na areia, pegadas de gente, as quais atribuíram aos umaúas inimigos, e assustaram-se de tal modo que queriam pular da canoa e fugir. A custo, os retive, fazendo-lhes compreender o perigo maior, se eles nos houvessem percebido pelo ruído das remadas, e obriguei-os a passar a noite acorados na ponta da ilha, sem preparar a refeição quente, enquanto eu, bem armado, mas debilitado pela febre, ficava de sentinela durante toda a noite úmida. Sozinho ali, em meio a um bando de homens meio selvagens ou pérfidos, passavam-me pela mente as mais tristes imagens e dominaram-me sensações dolorosas, tanto mais por que, desde dois dias, me voltava o estado febril constante, e, à tarde aumento dos calafrios, estado provavelmente piorado pelos esforços des-

sa noitada. Nos Barrancos de Oacari, um dia de viagem além, para noroeste, elevam-se as margens particularmente à esquerda, a mais de 100 pés, e, mais no interior, chegam ainda mais alto²⁷. A noite de 26 para 27 de janeiro passei reunido com as duas outras montarias numa ilhota sita em meio do rio, a qual apresentava a leste um banco de areia livre e um recife de grés ferruginoso. Aqui encontramos muitos indícios de recente estada de umauás bravios: vestígios de fogueiras, pratos e panelas quebrados e restos de uma espécie de biscoito que eles fazem com os beijus, e o próprio acampamento. Ainda estavam fincadas eretas na areia, uma junto da outra, folhas ainda meio frescas da grande palmeira paxiúba, de modo a formarem uma fila de arcadas, protegendo contra o sereno ao menos a parte superior do corpo dos índios. Desejava eu ardentemente chegar a conhecer alguns indivíduos dessa nação temível, e julguei na manhã seguinte satisfeita essa aspiração, quando avistei numa enseada uma embarcação muito comprida, estreita, elevada de ambos os lados, que a minha gente tomou por uma *ubá* dos umauás. Aproximando-nos, vimos porém nela um mameluco de Ega, que, com os seus companheiros, colhia salsaparrilha. Ele contou que, à sua chegada, uns dias antes, tinha encontrado uma flotilha de mais de 12 *ubás*, cada uma com oito a 10 homens, que, à sua vista, logo se puseram em fuga pelo rio acima. Uma *ubá*, tinha-a ele encontrado vazia na margem. Havia nela alguns biscoitos, um pequeno escudo quadrado, flechas, arcos, remos e, provavelmente, fora abandonada no primeiro momento de pânico. Quanto a

27. Esses paredões de barro foram os que, entre outros, deram ao Japurá a fama de rio rico de metais, pois aqui aparecem, depositadas na argila, pesadas pedras brilhantes, as quais os índios já traziam até Ega, como metal precioso, e verifiquei não serem senão pirita. Mas, afora essas, encontrei apenas jazidas de argila de belas tonalidades variadas, alternando com o predominante barro vermelho, e, embaixo, a geral formação de grés ferruginoso, compacto ou diversamente modificado pelo rio, assim como, finalmente, grandes árvores depositadas e transformadas em lignita. A água das nascentes, que brotam aqui e acolá desses barrancos de argila, era consideravelmente mais fria do que a do rio, mas o seu sabor não é inteiramente puro, e turvou-se, quando lhe deitei a casca adstringente de uma acácia. Creio que contém ferro, e, como é tão vastamente espalhada essa formação que comunica à água este ingrediente, deve-se pensar que o teor em ferro é geral nas águas do alto Japurá e com isso concorre para o desenvolvimento do endurecimento do fígado e do baço, aqui endêmica e quase geral.

informações sobre esta tribo, dependia agora das declarações de sua gente e da minha²⁸.

A 28 de janeiro, oito dias depois da partida dos miranhas, ia eu finalmente alcançar o termo da minha viagem. Por entre perigosos escolhos, em contínua labuta contra a correnteza crescente, chegamos a uma ilha rochosa, perto da qual o rio dos Enganos, vindo do norte, se lança no Japurá. Estreita-se o rio principal na parte meridional da ilha, na largura de um tiro de fuzil e corre rápido, roncando, ao longo de uma parede de granito, coberta de densas moitas de ubis (palmeiras-caniço, *Geonoma paniculigera* M.), samambaias, anuns e *Carludovica* de folhas grandes, e oferece aspecto esquisito, muito fresco, como desde muito tempo eu não havia visto, isto é, desde a minha viagem através das matas virgens dos rochedos de Ilhéus. Calor, mosquitos e doença retinham-me no camarote ofuscado, até que, afinal, à tarde, me chamaram para fora as exclamações jubilosas dos índios: – *Arara-coara ické cekoi!* “Estamos em Arara-Coara (buraco das araras)”! O rio, tendo aqui aberto passagem na montanha, curva-se de noroeste, pelos paredões de granito a leste, talhados a prumo, precipita-se, ribombando espumejante ao sair da garganta, sobre a colossal massa de rochas empilhadas. A queda, cuja altura,

28. Os umauás, umaus (também mauas, Berredo) habitam extensa região a oeste e ao norte do rio dos Enganos e do rio Meçaí, que toma seu curso por campos secos e pedregosos. São, portanto índios camponeses e só descem às matas do Japurá para buscar *urari-uva*, que não existe na terra deles, ou quando caçam *miranhas*, ou os selvagens *huaques* (*huates*, *guates*), dos quais o sr. v. Humboldt relata que são chamados de *murcialegos*, morcegos, por terem o hábito de sugar o sangue dos seus prisioneiros, inimigos irreconciliáveis, que mutuamente se devoram. São mais numerosos e intrépidos que estes e reconhecem a supremacia espanhola. São descritos como homens esbeltos, mas de peito largo; cingem-se desde a mocidade os quadris com entrecasca de turiri. Costumam remar em pé e empurram suas ubás com tal rapidez, que é quase impossível alcançá-los. Têm receio de entrar em contato com os portugueses; mas aos espanhóis vendem contra utensílios de ferro, miçangas, etc. sobretudo cera amarela, abundante na sua terra. Vi a tanga (em tupi *oca*, caraíba *guai-uca*) dum *umauá*, trançada muito mais artisticamente do que de qualquer tribo brasileira, de cordas tintas de algodão e fibras de palmeira, carregada de miçangas multicores. Será que estes *umauás* são os *omaguajés* ou *amaguajés* (ou *coreg-uajés*) da missão espanhola de S. Antônio? Mais a noroeste deles morariam os *xeberos* e ao norte os *uruminis*, ambos tribos selvagens. Dos índios *tamas* não soube nada nesta região.

desde a entrada do rio na garganta até às águas tranquilas embaixo, pode ser avaliada nuns 60 pés, oferecia, na atual vazante, um espetáculo menos imponente do elemento vitorioso, mas talvez tanto mais selvagem e lúgubre. Gigantescos destroços de rocha, arredondados, de superfície pardo-escuro, reluzente, deitados como um mar de pedra, em ambas as margens, até à parede perpendicular de rocha e, fora da garganta, até longe, no interior da mata, de sorte que, na enchente, deve o rio estender-se até uma largura três vezes maior. A vegetação na margem mais baixa compõe-se de numerosos e densos arbustos, semelhantes a salgueiro, de mirtas e *Psidium*; mais acima, uma sombria mata virgem da qual surgem esbeltas palmeiras açai, aqui e acolá, cercas fechadas de gramíneas arborescentes, com colmos da grossura de uma coxa. Nas rochas de granito, onde a vegetação acha espaço, tão densa é a folhagem da *Mertensia dichotoma*, feto vicejante da altura de um homem, que as rochas, vistas de longe, parecem revestidas de um manto de musgo verde claro. Em cima, na borda do paredão de pedra que se eleva, por vezes a bem uns 150 pés, vi árvores baixas, iguais às dos tabuleiros de Minas, de extensa galhada. Profundamente empolgado pelo arrepio desta solidão selvagem, me sentei para desenhá-la; mas não tentarei descrever ao leitor os sentimentos que durante este trabalho comoviam a minha alma. Era este o ponto mais ocidental a que eu podia estender a viagem. Enquanto me oprimia com todos os terrores de uma solidão destituída de seres humanos, sentia indizível saudade da companhia de homens da cara Europa civilizada. Pensei como toda a cultura e a salvação da humanidade tinha vindo do Oriente. Dolorosamente comparei aqueles países venturosos com este ermo pavoroso; entretanto, mesmo assim me felicitava por estar aqui, levantei mais um olhar para o céu, e volvi corajosamente o espírito e o coração para o Oriente amigo.

Quando das penhas, sitas acima da entrada do Japurá, tornei às embarcações, os índios chamaram a minha atenção para um rochedo saliente, onde se achavam algumas esculturas pouco visíveis. Eles aproximaram-se delas respeitosos, e seguindo com o dedo as figuras levemente gravadas e já quase irreconhecíveis pela erosão, exclamavam: – *Tupã! Tupã!* (Deus! Deus!). Depois de mais demorado exame, percebi cinco cabeças, quatro das quais com auréola de raios (calântica?), e a quinta com dois chifres. Estas figuras estavam tão deterioradas, que pareciam indicar con-



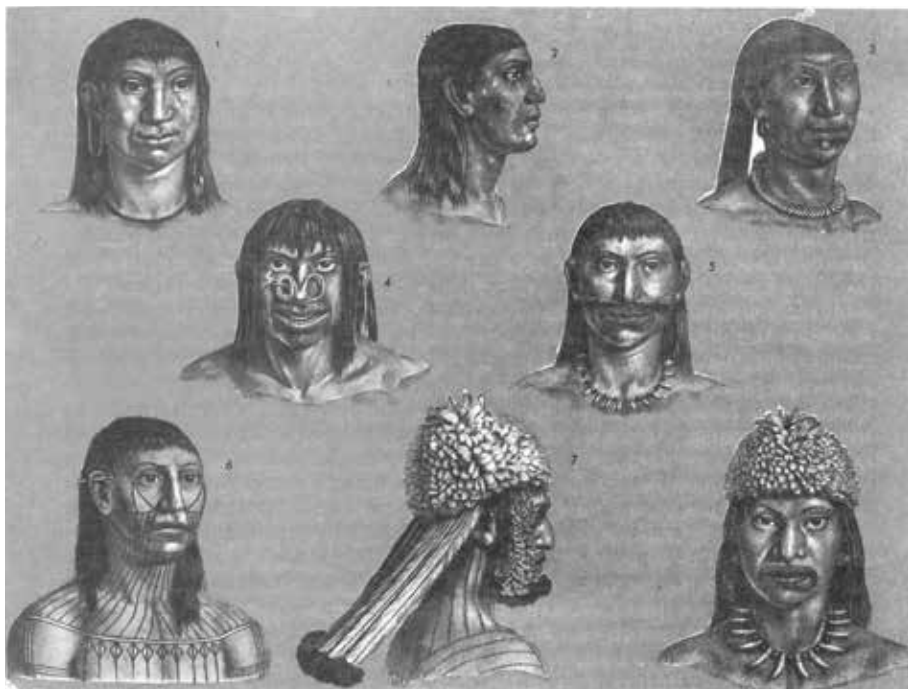
Cachoeira Araraquara: "Era este o ponto mais ocidental a que eu podia estender a viagem."

siderável idade. Mais perto do rio descobri, numa rocha plana horizontal, de uns nove pés de comprimento, algumas outras figuras que a água, em mais alto nível, podia tocar e já estavam quase apagadas. Eram 16 desenhos grosseiramente traçados como aqueles outros, e que representavam cobras, cabeças de onça, de sapos e caras de gente semelhantes às primeiras. O velho piloto assegurou-me que nas cachoeiras do rio Meçaí e do rio dos Enganos, existiam muitas dessas esculturas nas rochas. Mais adiante, notei-as em grande quantidade, perto de Cupati, e terei então oportunidade de mencioná-las de novo (**Nota V**). Chegando à canoa, fechei-me no camarote, com as minhas saudades e com o meu novo acesso de febre, sobretudo mortificado pela ideia de que, justamente nesta notável região, eu já não estava apto para os esforços de uma viagem de exploração. Despachei os índios sãos, sob a conduta do soldado da milícia e do tubixaba Pachico, para a parte setentrional da montanha, a fim de me trazerem notícia do caminho; e, assim, o soldado europeu e os doentes formavam a minha única companhia. Enquanto aquele miserável me julgava a dormir, contava aos índios que eu ainda tencionava viajar além das cachoeiras até aos espanhóis, e intimou-os a não me obedecerem, mas a me obrigarem a regressar, ou a me desembarcarem numa ilha do rio. Os índios ouviram-no calados; mas eu desarme a traição, pois que noutra ocasião, declarei que estava resolvido a voltar daqui. Já na manhã seguinte teria regressado, se os outros índios, chegando, não houvessem trazido notícia da fácil ascensão da montanha e da amenidade do caminho. Ao romper do dia, deixei a embarcação sob segura escolta, e penetrei, acompanhado pelos outros, na mata, que, com grande satisfação nossa, estava livre dos piuns. O caminho tornava-se logo íngreme, entre belo arvoredado, que me pareceu ser em parte diferente do observado até aqui. Rocha, não aflorava em lugar algum; espessa camada de humo negro cobria o solo. Depois de um quarto de hora de caminhada, achamo-nos no cume, onde, depois de duplo tempo de marcha por mata acidentada, saímos para uma planície mais clara, coberta de árvores baixas e arbustos. Nessa excursão, vimos de cima a cachoeira, pois o caminho passava junto do formidável abismo que o rio transpõe espumando. O paredão de granito fronteiro (meridional), na altura de algumas centenas de pés, está roto de modo tão abrupto, como se a montanha não fosse quebrada pouco a pouco, mas por uma catástrofe repentina, para dar saída à água. As rochas de granito, revestidas de arbustos e de samam-

baias, ensombram a garganta tenebrosa, onde o rio se escoia em redemoinho veloz; aparentemente inclinadas sobre o precipício, subtraem ao olhar a vista no fundo do abismo, de onde ainda nos chega aos ouvidos o ribombo da queda trazido pelo vento forte. Inapagável ficou-me na memória o espetáculo dessa grandiosa cena da natureza. Seguiu-se uma afável impressão, quando entrei na planície clara. Aqui pairava a peculiar fragrância das flores do campo. As árvores baixas, floridas, esgalhavam-se em múltiplos ramos, semelhantes às de Minas, e, acima de mim, curvava-se, azul-claro e sem nuvens, o céu sereno, vista que desde meses me faltava. Presumo que, nessa chapada de Arara-Coara (serra das araras), me achava apenas a uns 500 pés (ou pouco mais) mais alto do que a foz do Japurá no Solimões; contudo, tanto o conjunto da vegetação como nas ocorrências individuais, era essencialmente diferente da vegetação do Solimões. Em particular, pareciam característica a presença de três espécies da quina, indicando-me que me achava no limite de duas grandes regiões botânicas, do Brasil e do Peru. Colhi dessas espécies de quina tanto quanto os meus homens puderam encontrar; quando de regresso ao Pará, mostrei-as ao Sr. governador, conde de Vila Flor, e tive o prazer de convencer a esse excelente homem que o Brasil nada tem que invejar ao seu vizinho de oeste, quanto a uma das mais preciosas plantas medicinais. Desta altitude, podíamos ver como o rio se precipita na garganta, pelo lado noroeste; ele oferece aqui o mesmo panorama grandioso como na saída. Tão longe quanto o olhar atinge acima da queda, vem vindo na direção nor-noroeste. O espelho cintilante do rio e uma continuação da montanha, sobre a qual eu estava, em frente, na margem meridional, era só o que se destacava do verde-escuro da mata; esta estendia-se a perder de vista, como um mar de folhagem, para norte-nordeste e sudeste e algumas colunas de fumaça azul, que se elevavam dali, não eram bastantes para dar ideia da sua extensão. Assim, pois, tinha eu chegado ao termo da minha peregrinação, a fronteira de um reino, tendo o outro à vista. Todavia, não por obra de mãos de homem, não por sinais de civilização, nem mesmo por convenção explícita, aqui se delimitam as conquistas de ambas as nações, a espanhola e a portuguesa; a própria natureza interrompeu a via de comunicação vizinha no rio, aliás sociável. Ainda mais, apenas tribos bravias, hostis aos recém-vindos, europeus, acampam nessas longínquas províncias fronteiras pelas quais só a civilização das gerações futuras espalhará as bênçãos do tráfico mútuo. De certo modo,

depois de haver passado a cachoeira de Cupati, achava-me numa “terra de ninguém”, na verdade atribuída ao Brasil pelas excursões efetuadas por brasileiros, que navegam livremente até à cachoeira de Araraquara, e segundo a indicação dos mapas do Brasil, reproduzidos dos originais portugueses, mas sobre cuja posse ainda nada resolveu a última Comissão de Limites (1783)²⁹. A existência de riquezas minerais dificilmente elevará o valor deste território algum dia, pois, apesar das exageradas informações dos índios a este respeito, a formação geológica dominante, em grande uniformidade, ao longo do Japurá, não parece conter mineral precioso em quantidade compensadora.

29 Como prova que o próprio comissário espanhol de limites, d. Franc. Requena, pelo menos provisoriamente, aceitava a cachoeira de Araraquara, chamada no seu relatório de *Uviá*, como fronteira dos dois reinos, me contaram, que tinha mandado dizer aos índios da tribo dos umauás, dos quais alguns se apresentaram à comissão com o consentimento dos portugueses, que se retirem, como súditos da coroa espanhola, a oeste desta queda e do rio dos Enganos (ou mais exatamente de sua nascente principal, o Cunhari, Cunaré ou Comiari) para os campos, o que em geral também fizeram. A comissão de limites, reunida aqui durante alguns meses, experimentava transportar as embarcações pelo rio ou por terra em puxadouros, arrastadouros, para além da cachoeira, e ainda me mostraram rastos deles na mata; porém tinha de voltar a Ega finalmente, sem resultado. Na memória dos índios mais velhos ainda estava viva aquela grande expedição que provavelmente podia ser executada com maior sucesso e menos custas em dinheiro e homens se não trabalhasse tão lentamente. As informações, que consegui obter sobre o Japurá acima daquela queda, eram mui imprecisas, porém foram mais tarde confirmadas no Pará pelo sr. Vit. da Costa. Quatro dias de viagem a montante da cachoeira de Araraquara, se encontraria outra, muito mais alta, que não permitiria o transporte das canoas, nem por terra nem por água, mais para oeste. O caminho, pelo qual alguns portugueses daqui chegaram ao Peru, seria o rio Meçaí ou dos Umauás, afluente setentrional do rio dos Enganos, que seria navegável dois dias a montante da foz até a catarata. Dali em diante teria vegetação de campos em lugar da mata cerrada, e depois de galgar a serra dos Umauás, continuação da serra das Araras, além da seca e falta d'água dos campos pedregosos, não haveria outro empecilho físico para alcançar as povoações espanholas. Um soldado, procurando quina aí, teria chegado em cinco dias ao lugarejo espanhol Paiauá, e um desertor português, por caminho marcado, à missão de S. Maria, agora abandonada. Aliás, os umauás tornam pouco seguro aquela solidão e, muitas vezes também se mostrariam pérfidos para com os espanhóis. Só um ano antes da minha chegada teriam assassinado um desertor espanhol, cuja carne, entretanto, não comiam por parecer-lhes salgada.



Aruaqui (1), Catauixi (2), Jupuí (3), Miranha (4), Arara (5), Mundurucus (6 e 7), Maué (8). *Visamos dar, com esta coleção de fiéis retratos dos índios, uma ideia tanto da fisionomia comum de todas as raças vermelhas como do diferente nível de civilização, com o qual varia a expressão individual.*



Os jumanas habitam principalmente as margens do rio Içá. Consiste o seu distintivo nacional na tatuagem em volta da boca, a qual passa, em linha fina, dos cantos sobre as faces.

Mesmo se a insubordinação, reinante na minha escolta, não bastasse para forçar o regresso, obrigar-me-ia a febre a isso, da qual de fato me aliviei algum tanto, depois de forte vômito e grandes doses de quina, porém, aumentava o perigo de minha situação num deserto, distante de socorro humano, por todo um mês de viagem.

A 31 de janeiro, portanto, pus-me a caminho, no meio de brados de alegria dos índios, e remamos rapidamente rio abaixo. A jusante da cachoeira, onde o leito de novo se dilata a 200 pés de largura, tem o rio no meio 10 braças de profundidade; mais junto das margens, tem sete, cinco e menos. Ainda tinham sempre a intenção de navegar parte do rio dos Enganos; mas, quando alcançamos a sua foz e, ao chamado do piloto, tentei de balde, de tão fraco, levantar-me da cama, convenci-me da necessidade de renunciar a tão interessante excursão, e seguimos além. Os índios de Manacaru contaram-me, mais adiante, muita coisa a respeito das esculturas que aí cobrem em imensa extensão as rochas, de imagens (cabeças) e grandes vasilhas, que (se é que eu os tenha bem compreendido) sobressairiam, esculpidas em pedra, aqui e acolá nos campos da serra dos Umuauás. Quão dolorosamente tive que lamentar, então, o meu estado de fraqueza! O regresso até ao Porto dos Miranhas foi feito em três longos dias de viagem. Nós navegávamos continuamente ao fio da correnteza, em tupi *tipaquena-piterpe* (não conheço a derivação de *tipaquena*, “correnteza”, mas a sua terminação aparece frequentemente nos nomes de rios da Guiana). Cheguei à meia-noite, e entrei na cabana escura do tubixaba, onde com grande susto meu, não ouvi senão gemidos e estertores, como se houvesse aqui só moribundos. À claridade de uma lâmpada, vi toda a equipagem atacada de violenta febre, e o capitão Zani quase a morrer. Consumido de febre, havia ingerido, como limonada, uma grande porção de vinagre, e, com isso, o seu estado piorou. Todos os índios, um mulato e um rapaz escocês, que ele tinha para servi-lo, estavam doentes, e a epidemia, febre incessante, com ataque violento de vermes, não tinha poupado cor alguma. Não cansarei o leitor com a descrição da miséria geral e dos remédios empregados para combatê-la. Conseguiu-se melhora que permitisse embarcar os pacientes para a viagem rio abaixo; só a convalescença do Sr. Zani é que foi extremamente demorada. Também não estava pronta a embarcação, que havíamos começado a construir, e tivemos que esperar a volta do tuxaua João Manuel. Repartia-se então a minha ocupação entre a de enfermeiro e a de construtor naval. A dilatação do tronco, disposto em posi-

ção horizontal, pelo fogo, tinha que executar-se lentamente, a fim de não o rachar. Nesse trabalho, empregávamos as primeiras horas da manhã, durante as quais, em geral, não ventava. Tinham os índios de cuidar que não se elevasse de mais o aquecimento; eles empunhavam vassouras, para borrifar os lugares, demasiadamente aquecidos, com água ou argila diluída, que tiravam de umas carapaças de tartarugas diante de si. A montaria, assim cavada num tronco, tinha no meio seis pés de diâmetro. As extremidades abertas foram fechadas com tábuas, sobre cujas juntas se aplicou breu derretido. Com a construção da canoa estive ainda ocupado durante 10 dias, na desolação deste ermo. Um dia, ouvimos toques de trocano, e, logo a seguir, avistamos no lado meridional do rio uma quantidade de pequenas montarias, atravessando-o. Era o tuxaua, que regressava com as suas hostes guerreiras e os seus prisioneiros. Embora já estivessem embotados os meus sentimentos pelas recentes cenas de horror e por meu próprio estado doentio, confessei a mim mesmo que espetáculo de tão baixo aviltamento e desumanidade, como este que se oferecia diante de mim, jamais os meus olhos haviam visto. Os homens, em número de uns 30, tinham-se na maioria unido ao tubixaba em caminho, depois de feita a reconciliação ou punição dos brigadores da sua tribo, para seguirem com ele na incursão. Agora, voltavam eles todos, trazendo vestígios dos rudes prazeres do triunfo e da mais desordenada selvajaria nos rostos desfigurados. Luzentes de suor, com manchas vermelhas e pretas, sobre o peito e a barriga, com as fitas e arabescos pretos pintados nas coxas e nos pés, trazendo nas asas do nariz escamas redondas, ou conchas inteiras, no septo, e nas orelhas pedaços de cana, em volta da cabeça o diadema de penas coloridas: brandiam as suas pesadas clavas (*barasanga, tamarana*) de pau-preto de palmeira ou um feixe de dardos, cujas pontas envenenadas vinham encaixadas num carcás, e empurravam diante de si, desumanamente, os prisioneiros, sobretudo as mulheres e crianças. Estas vacilavam, sob o peso de tapioca, de beijus e de redes, despojo que, em grandes trouxas, os vencedores lhes haviam dependurado, preso a uma faixa segura em volta da testa, e caminhavam sem dar sinal de aflição, mas em apática indiferença. Foram os prisioneiros levados a uma cabana próxima, e, logo depois, puderam andar livres com exceção de um homem robusto, cujos pés foram metidos no tronco (*mondé*), porque ele havia tentado fugir. Entraram os vencedores na cabana grande, onde descansaram algumas horas diante do principal, como que em parada, e discutiam animados a meia voz, provavelmente a sorte dos

prisioneiros. Deixaram esses desgraçados, nos primeiros dias, em jejum e em toda a sorte de privações, até eles serem distribuídos entre os participantes da incursão, e por estes vendidos ao tubixaba. À tarde, despediu este a horda, em busca de pouso para dormir; e, ao anoitecer, voltaram eles, para serem banqueteados diante da cabana com enormes quantidades de beijos, caldo escuro de mandioca e gamelas cheias de cajiri de frutos de palmeira. A mulher do tubixaba e algumas outras serviam, com muita solicitude, aos hóspedes levando as bebidas a um por um. As comidas estavam expostas à vontade ali em torno, e cada qual se punha de cócoras perto delas. Estranha foi a atitude do principal para com a mulher. Até a reunião dos hóspedes, ela tinha estado ocupada com os preparativos da recepção; agora, porém, dirigiu-se ao marido, trazendo-lhe uma cuia cheia de cajiri, sem dizer palavra; mas também ele nada tinha para dizer-lhe, depois de tão longa separação; tomou das suas mãos a cuia, bebeu, sem olhar para ela, e restituiu-a calado. Quanto a mim ele mandou o intérprete explicar, enquanto zombava de um modo atroz, acenando para a cabana dos prisioneiros: havia realizado seu plano com êxito. Sem dúvida, ele não atribuiu à minha vinda aqui outro motivo que negociar prisioneiros; custou-lhe, portanto, a compreender, quando eu lhe ofereci pelo ornamento de penas, pelas armas e por uma bela samambaia em forma de leque (*Schizaea*), que ele me entregou, tantos machados e facas, quantos contava receber pelos prisioneiros. Ele acrescentou agora a esses presentes mais cinco jovens índios, duas raparigas e três meninos. Desses desgraçados, que eu aceitei das mãos do desumano, com tanto maior empenho, quanto sabia que, ficando aqui, eles se destinavam sem cuidados a morte certa, visto já estarem todos atacados da febre; a mais velha das moças, levamo-la para Munique, duas outras entreguei-as ao Sr. Videira Duarte, comandante militar de Ega, e so Sr. Pombo, ouvidor do Pará, e os outros dois, que já traziam o germe da morte, faleceram de endurecimento do fígado e hidropisia, durante a viagem. Aborrecido, viu-se frustrado João Manuel do lucro do descimento (em tupi, *goejyb*), como ele designava, paliando a sua caçada ao homem; tinha contado vender-nos todos os prisioneiros. Como não o conseguisse, descarregou o mau humor nos desgraçados, que foram tratados com bárbara indiferença, e, provavelmente, em pouco tempo pereceram vitimados pelo abandono e pelo clima insalubre. Era essa gente, como depois vim a saber, da horda dos miranhas, que se denominava *muriatês*. Para assaltá-los tinha o tubixaba caminhado dois dias pelo interior e, depois, tomado

rumo para oeste, paralelamente com o Japurá. O mais extraordinário foi já estar ele informado da minha volta e da doença do Sr. Zani, quando entrou na cabana. Excitados pela grande quantidade de cajiri ingerido, a chegada, pouco a pouco, dos pais de família da vizinhança, chamados pelos toques dos trocanos, com as mulheres e crianças, aumentava o regozijo da multidão selvagem. Assim que anoiteceu, vimo-nos cercados por várias centenas desses homens. Alegria tumultuária apoderou-se deles, e, à claridade de numerosas fogueiras, que chamejavam em torno das cabanas, expôs-se ao meu olhar horrorizado uma cena mais do inferno do que humana: uma dança de antropófagos depravados, exaltados pelo gozo do triunfo e pela sensualidade. Nós, estranhos, hesitamos todos, pois a menor desavença com essa súcia desenfreada, custar-nos-ia a vida. Procurei desarmá-los, permutando o maior número possível de lanças envenenadas, e este estratagema pareceu bem sucedido, pois em breve tinha uma montaria cheia delas, a qual mandei ancorar no meio do rio; todavia, no dia seguinte, a maioria deles exigiu a restituição de suas armas, mandando dizer pelo tubixaba que, tomando-lhes as armas, eu lhes tirava o sustento. Debalde expliquei ao principal que o ruído da dança noturna poderia ser prejudicial ao meu amigo doente. Mas não tardou a ressoar a música infernal de quatro gaitas e uma espécie de charamela (*memby*), feita de um pedaço de taquaraçu, e, com gritaria confusa, deram começo às danças. Particularmente a gente de fora, embora tivesse tido todo um dia de marcha penosa, parecia mais aferrada às danças que ao canto. Todos os recém-chegados, assim como os miranhas aqui domiciliados, aos quais alguns de nossos índios se haviam associado, apareceram pintados de fresco, com ornamentos no nariz e nas orelhas, e de lança em punho. Um tuxaua, distinguido com rico colar de dentes de onça, corria de um lado para o outro, na praça da dança, e de lança levantada, berrava, com gestos ameaçadores, uma canção horrível, nas trevas da noite, como que desafiando os inimigos de sua tribo a ali comparecerem, para transformar a brincadeira em carnificina. Começaram, então, as danças, nas quais tomaram parte a princípio alternando-se, cerca de uns 80 homens, velhos e moços³⁰. Essa bacanal conti-

30 Causa impressão incrivelmente triste ver anciões grisalhos entregarem-se com o mesmo ardor, ao lado de meninos e rapazes, às danças desenfreadas. Formavam duas longas filas, uma atrás da outra, trazendo cada qual o feixe de dardos na mão direita, enquanto apoiava a esquerda no ombro do vizinho. Assim, marchavam, ora mais

nuou todas as noites enquanto nos achamos em Porto dos Miranhas. Alguns dos estranhos iam embora diariamente, porém, vinham mais outros, informados das festas pelos toques do trocano. No meio desses filhos do apetite bestial desenfreado, passamos as noites receosos e sem dormir: só de manhã, quando eles se recolham às redes, ou iam para o banho, podíamos também descansar. Durante o dia, poucos eram os que víamos desses endemoninhados, pois estavam dispersos pelas matas e em cabanas remotas; mas, logo ao cair da tarde surgiam eles de todos os lados e enchiam a praça, entre o rio e as cabanas, com um monótono sussurro, até ficarem bêbedos; então prorrrompiam em berreiro feroz, e, finalmente, soavam os seus discordantes instrumentos, e começava o estrondo das canções e danças. Ainda se me confrange a alma, quando me lembro da horrível degeneração desses brutos³¹. Devo supor que, durante a minha estada de algumas sema-

depressa, ora mais devagar, volteando para todos os lados, na praça. O terceiro passo era sempre mais curto, colocando o pé que avança perto do que está na frente enquanto bate com ele violentamente. O canto rouco, que os homens berram ao mesmo tempo, fazia efeito pavoroso, com a fermata muito prolongada. Foi-me assim interpretado o texto dessa música: “O gavião não tem fogo, não gosta de cozinhado; a onça não tem fogo; e o crocodilo não tem panela.” Na cantiga mudam os cantores os nomes dos animais, de sorte que todas as aves, mamíferos e peixes são nomeados, como vêm à ideia de cada um. Quando não se lembram de mais bicho algum, conclui-se a dança com uma gritaria descompassada. As outras cantigas, em que as mulheres tomam parte, não me puderam ser interpretadas. Depois de ter durado a primeira dança, sem parar, perto de uma hora, parte dos homens se dispersaram, e então se adiantaram também mulheres nuas, muitas com crianças ao colo ou na nuca. Os seus pulos selvagens, e feios os seus chiados roucos, o ardor com que, desde a maior até a menor, batiam o pé numa fila, atrás dos homens frios e graves e que, mesmo no canto mais alegre, não mostraram cara risonha, como se estivessem cumprindo ato muito importante, demonstravam bem que elas se aproveitavam da oportunidade de recreio, como descanso dos penosos trabalhos servis do dia. A cantiga soava agora, não mais no simples rouco unísono dos homens, porquanto os sopranos, agudos em procura da melodia, se juntavam à abominável música.

- 31 A um horrível exemplo de barbaridade assisti uma vez, praticado numa criança de seis meses. A mãe tinha morrido, e a madrasta odiava a tal ponto a criança que a quis deixar morrer de fome. Quando, certa vez, o desgraçado petiz reclamava chorando, alimento, a madrasta furiosa, cruel atirou sobre ele uns tições ardentes do fogão, donde eu, que justamente entrava, o salvei, entregando-o aos cuidados do velho piloto. Mas morreu em caminho, já muito esfomeado, e foi por nós enterrado abaixo da Cachoeira de Cupati.

nas entre esses selvagens, todas as manifestações de sua vida desleixada passaram-me diante dos olhos; mas senti tão dolorosa impressão da sua vizinhança, que, se eu contasse as particularidades nas quais se manifesta a característica dos mais rudes aborígenes brasileiros, também causaria a mesma penosa impressão aos meus leitores. Fiquei persuadido de que esses selvagens não tinham ideia alguma do Deus, bondoso, pai e criador de todas as coisas; que somente domina nos seus destinos um ente mau, transformando-se em cada fatalidade, caprichoso e implacável, ao qual se sujeita em cego e inconsciente medo. A alma desses homens primitivos decaídos não é imortal; ela apenas se manifesta na existência, não conscientemente, e só a fome e a sede lhes lembram as necessidades da vida. Justamente por isso, a vida não é por eles considerada um grande bem, e a morte lhes é indiferente. Com ela, tudo se acaba; só sobrevivem o ódio e a vingança como espectros atormentadores. O laço do amor é frouxo; em vez de ternura, cio; em vez de afeição, necessidade; os mistérios da geração, profanados e às claras; o homem, por comodidade, meio vestido; a mulher, escrava nua; em vez do pudor, vaidade; o casamento, um concubinato que se desfaz, segundo o capricho; a preocupação do pai de família é seu estômago, quando cheio este, crua concupiscência; seu passatempo, glotonaria e ócio apático; sua ocupação, irregularidade; o trabalho das mulheres, cego e sem finalidade; os seus prazeres, repugnante lascívia; as crianças, fardo dos pais, e, por isso, evitadas; a afeição paternal, somente cálculo, e a maternal, somente instinto; o pai de família, descuidado e sem autoridade; a educação, brincadeira, imitativa da mãe, cega despreocupação do pai; em vez da obediência filial, medo; emancipação recíproca, ao alvitre; para a velhice, em vez de respeito, desafio; em vez de amizade, camaradagem; lealdade, enquanto não há tentação; relações subordinadas ao egoísmo vacilante; em vez de direito, a voz do egoísmo; em vez de patriotismo, inconsciente confiança nos parentes da mesma língua; ódio hereditário contra as tribos estranhas; mutismo, por pobreza de ideias; indecisão, por falta de discernimento; o domínio do tuxaua, por inaptidão dos demais, porém todos incapazes da verdadeira obediência moral, assim como do comando: – eis como vive o aborígene destas selvas! No mais primitivo grau da humanidade, é deplorável enigma para si mesmo e para o irmão do oriente, em cujo peito ele não se anima, em cujos braços desvanece, tocado por humanidade superior como de mau sopro, e morre.

A 12 de fevereiro, deixamos o Porto dos Miranhas, lugar de cuja sombria impressão na minha alma só me senti curado depois do regresso à Europa, à vista da dignidade e grandeza humanas. O nosso estado de saúde, na verdade, se achava melhor, mas eu receava sempre um acesso de febre mais forte em meu companheiro; e compartilhava com ele do estreito camarote, somente, de modo que, durante a noite, fazia cama à parte, e preferia expor-me ao sereno, pois os meus acessos de febre se apresentavam com a regularidade da quartã. A nova embarcação, carregada com as minhas coleções, fez no primeiro dia muita água, e inquietei-me com isso, até descobrir, por felicidade, as fendas escondidas, que mandei calafetar. Remamos rápidos, mas o esvaziamento do rio tinha aumentado tanto de oito dias para cá, que só chegamos a Manacaru na tarde do segundo dia. Navegar à noite não é prudente, por causa dos bancos de areia e dos recifes. Comparados com os miranhas, achamos agora os juris-tabocas, de Manacaru, cujo tubixaba acabava de regressar da mata, um povozinho civilizado. A maioria deles falava a língua geral, e esforçavam-se por restaurar os nossos doentes no que apreciamos especialmente os limões azedos que tinham sido plantados, aqui, por ocasião da retificação de fronteiras. Muitos juris ainda se lembravam daquela expedição e pediram-nos que mostrássemos os nossos braços às suas mulheres, pois elas nunca haviam visto brancos puros (*Caryba-sobaigoara*)³²; mas muito se admiraram eles de não usarmos mais, nenhum de nós, redes para o cabelo. Na foz do Meriti-paraná, que alcançamos na tarde seguinte, avisou-me um sinal de cestos arvorados na margem que o principal Gregório já tinha regressado daquele rio e estava à nossa espera, na grande cachoeira de Cupati; costumam os índios, em muitas circunstâncias, dar por esses sinais (*Sangaba*)³³, notícia; mas se ficam no lugar os objetos, não raro são considerados, por aqueles que vêm depois, com supersticioso pavor, como espécie de bruxaria. Quando chegamos acima da cachoeira, deparamo-nos com um interessante espetáculo. Com Gre-

32. *Caryba-sabaigoara*, no original. Mas, no tupi amazonense de agora, diz-se *caryua-suaiuara*, como se pode ver em Stradelli (*Vocabulário*, págs. 403 e 649). A expressão significa “branco de além”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

33. *Sangaba* passou a *sangaua* no atual nheengatu do Amazonas. Stradelli consigna ainda as formas angaua e rangaua, dando a estas e àquela os significados de “imagem, figura, retrato, aspecto”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

gório, haviam descido pelo rio Meriti diversas igaras de índios amigos, que tinham acampado num banco de areia, debaixo de folhas de palmeira, espetadas no solo. Todos aqui acudiram pressurosos, para oferecer-nos em permuta as suas diversas armas, adornos de penas e animais vivos. Aqui, obtive, entre outras coisas, um gomo de bambu cheio do pó de ipadu, e uma colher, delicadamente esculpida, do osso da coxa de uma onça, com a qual o tuxaua distribui o ipadu aos seus guerreiros, quando seguem para o combate. Entre os animais havia alguns dos macacos menores (*Jacchus*) que facilmente se domesticam, e brincavam soltos na canoa. Uma espécie pequeníssima de tamanduá (*Myrmecophaga*), que me trouxeram vivo, debalde procurei conservá-lo com vida. O nível baixo da água do rio permitiu-nos, na manhã seguinte, passar pela cachoeira superior de Cupati, sem descarregar. As Canoas desceram felizmente por um varadouro nas rochas da margem meridional. No lado setentrional do rio, surgia agora uma ilha de rochedo, contra a qual as águas se arremessavam com fragor; à nossa passagem a montante, ela não estava visível, e, portanto, o nível do rio tinha baixado, no mínimo, 12 pés. O capitão Zani, cujo estado de saúde melhorava, encarregou-se de cuidar da passagem do barco pela cachoeira inferior, e eu tratei, entretanto, guiado pelo tubixaba Domingos, de Manacaru, de ir à frente com alguns homens, pela margem setentrional, a fim de fazer a ascensão à serra de Cupati, em cujo sopé passamos a noite. Embora chovesse, a nossa gente pendurou as suas redes na mata, por entre as fogueiras, cada qual cobrindo a cabeça e o peito com um pedaço de entrecasca de turiri, e logo adormeceu tão sossegada, como no rancho enxuto da maloca nativa. É enternecedora a confiança tranquila com que os indígenas, destas terras equinociais, armam por toda parte o seu pouso, quer à claridade das estrelas, quer sob o céu sombrio de chuva; eu ressentia duplamente, tendo os companheiros em volta de mim adormecidos, de ouvir ora forte, ora mais fraco, o ronco da cachoeira, e de ver esconderem-se as poucas estrelas atrás das nuvens. Tive vergonha do susto que me causaram as sombras de alguns morcegos grandes, a esvoaçarem, e também em breve dormi profundamente. Ao romper do dia, penetramos na mata pelo lado ocidental da montanha, e achamo-nos, breve, numa ladeira íngreme. Até a quarta parte do caminho, era quase intransitável a mata, com grandes blocos de rocha e os restos de vegetação apodrecida, de vários pés de profundidade; depois, tornou-se mais clara e mais baixa. Notei muitas aróideas de folha grande, arbustos de oxalidáceas de folhas penadas, que,

como as mimosas, adormecem dobradas, muitas ubis pequenas, samambaias arbustiformes e aquelas melastomáceas esquisitas, em cujos pecíolos túrgidos fazem ninho certas formiguinhas. Mais adiante, onde o vértice da montanha começa a elevar-se de declive menos abrupto, a vegetação era tão densa, como antes eu nunca havia visto. As árvores tinham os galhos inferiores tão entrelaçados e cerrados, que eram transformados em terra vegetal até alguns côvados de altura, na qual nos afundamos até ao meio do corpo. A subida foi extremamente penosa: só nos galhos mais baixos das árvores conseguimos firmar pé, e cada passo se vencia à força de facão. Depois de uma boa hora, alcançamos o cume, que estava de tal modo invadido pela mesma vegetação, que nos alegramos ao encontrar ali uma rocha nua, de seis pés quadrados de superfície, onde pudemos descansar. Devíamos estar aqui a uns 600 pés acima do rio. Quanto mais alto ia subindo o sol e mais rapidamente baixavam as névoas flutuantes sobre a mata, tanto mais alegre era o panorama no horizonte puro, todo claro, em volta de mim. Já desde tanto tempo cercado, como um prisioneiro das trevas noturnas e da mata virgem, não me cansava de olhar para a distância; e que panorama característico aqui se me patenteava! A oeste, sul e leste, tão longe quanto o olhar alcançava, estendia-se uma planície coberta de verdejante mata, por entre a qual brilhava somente, aqui e acolá, a fita argêntea do rio. É visível o Japurá em muitas léguas, naquela paisagem verde-escura. Depois de serpear em volta da extremidade meridional da serra de Cupati, a su-sudoeste, o olhar acompanha-o a montante numa grande curva para o norte; abaixo da cachoeira, ele reluz através da floresta a sueste, a várias distâncias. Na outra banda do Cupati, serpeia o Apaporis parecendo pertinho em volta da montanha. Pude reconhecer bem distintas ambas as suas primeiras cachoeiras. Na direção setentrional, pude distinguir, em três filas sucessivas, os morros baixos, extensos, cobertos de matas, do alto Apaporis, do Tiquié e do Uaupés, e, mais para nordeste, as montanhas isoladas de São Joaquim. Umas poucas colunas de fumaça, saindo da imensa e quase interminável planície na mata verde, eram os únicos vestígios humanos, naquela solidão silenciosa e medonha. Acalmando-se o vento matutino, apareceu-nos um enxame de abelhinhas, que embora sem ferrão, pelo atrevimento com que se nos metiam pelos olhos e pelas orelhas, tornaram-se verdadeira praga. Ademais, não era possível prosseguir a marcha naquele solo de podridão vegetal; voltamos, por isso, ao rio descemos com felicidade pela pequena cachoeira, a qual, entretanto, foi também passada

pelas outras canoas, e nos reunimos à tripulação justamente ocupada então com a rendosa pescaria. O baixo nível da água permitiu-me aqui examinar as rochas de grés da margem meridional do rio, e encontrei figuras gravadas, semelhantes às de Araraquara, somente em muito maior quantidade. Quase todas as faces lisas das rochas têm gravadas essas esculturas; e, se não lhes admirei muito a execução artística, surpreendeu-me, pelo menos, a sua extraordinária extensão, ocupando num lugar algumas centenas de pés quadrados, noutra em menor número, e aparecendo depois, de novo, igualmente juntas e em grande extensão. A maioria das que vi eram as primeiras tentativas de representação do homem. Nada, porém, encontrei de figuras de animais, do sol, da lua e dos instrumentos usuais para preparar a farinha de mandioca, como as esculturas das rochas de granito de Caicara no Orinoco, e de Culimacare, no Caciquire, observados pelo Sr. von Humboldt. Era interessante observar os diferentes meios que a simplicidade dos artistas primitivos havia adotado, para obter o efeito de semelhança humana. A cabeça foi o que mais os preocupou: olhos, nariz e boca são de diferentes modos indicados por pontos e traços ou lugares deixados em branco. As extremidades são mais depressa resolvidas; nas mãos e nos pés geralmente só três dedos. No corpo, certas partes raramente são omitidas. Muitas dessas figuras são cercadas dum quadrado. Além desses, encontra-se aqui só aquela já citada acima; um ou diversos quadrados aproximados uns dos outros, nos quais corre uma linha em espiral. As esculturas são gravadas com três a seis linhas de profundidade; cada qual de proporções diferentes, numa escala de meio até 12 pés, e todas sem ordem e simetria entre si. Os nossos índios admiravam-nas estupidamente, mas nada sabiam dizer de sua significação ou proveniência. Levando em conta a dureza desse grés, cuja posição um tanto inclinada das faces na direção das águas as subtrai parcialmente à ação da correnteza, e achando ainda assim muitas figuras quase totalmente apagadas, o observador está inclinado a atribuir-lhes muitos séculos de existência. Entretanto, não permitem admitir civilização mais avançada dos artistas dessas esculturas do que a dos atuais habitantes. As pinturas, feitas pelos índios modernos nas suas cuias, nas portas das suas cabanas, nos remos, etc., apresentam as mesmas cabeças monstruosas, as mesmas espirais dentro dos quadrados, e parecem autorizar a conclusão de que os seus antepassados estavam no mesmo grau de cultura artística que a dos que vivem hoje; por esse motivo, duvido muito que tivessem deixado naqueles desenhos primitivos indica-

ções de algum culto (**Nota VI**). As regiões em torno da cachoeira de Cupati ofereceriam ao botânico uma quantidade de plantas belas e interessantes, numa estada mais demorada (**Nota VII**). Infelizmente, eu não estava em condições, como anteriormente, de me servir dos índios para herborizar, pois todos eles, sem exceção, sofriam do influxo pernicioso do clima e das canseiras suportadas até aqui. O capitão Zani e eu precisávamos, por isso, de encarregar-nos nós mesmos, de todos os serviços. Por mais dedicado que seja o índio ao seu senhor, logo que adoece cessa toda obrigação, e ocupa-se exclusivamente de si mesmo, ou, antes, cai numa surda apatia, sem preocupar-se de um remédio, e entregando-se aos efeitos da doença, cujo progresso, quando muito, ele detém com rigoroso jejum. A estas tristes condições acrescia o fato de nos abandonarem, um após outro, todos os índios que eram domiciliados no alto Japurá ou nos seus afluentes, e que nos haviam sido emprestados pelos diversos tubixabas, para caçadores ou remadores. Assim se foi reduzindo a guarnição, em cada parada, e muitas noites víamos um ou outro, sem esperar pelo pagamento, tomar os seus poucos haveres e desaparecer, de manso, do acampamento para o mato, e não voltar mais. Cachaça, a poderosa panaceia para todas as disposições de ânimo do índio, não tínhamos mais bastante para conservá-los perto de nós. Após dois dias de viagem, alcançamos o lugar dos juris, Uarivaú, onde fomos acolhidos pelo tubixaba Miguel, com sincera alegria. Em vez do mais baixo egoísmo, da mais despreocupada perda do tempo e do mais desavergonhado aviltamento dos miranhas, julgamos notar aqui uma franqueza e liberdade de mais nobre, melhor obsequiosidade e zelo mais inteligente. Parecia-nos, agora, forçosamente como se os juris se considerassem cidadãos. Encontrei aqui alguns macunas e iupuás, que haviam vindo rio abaixo pelo Apaporis, e permutavam por utensílios de ferro, com o principal, entrecasca de turiri pardo e branco. Eram belos homens altos, e particularmente os iupuás tinham a fisionomia regular e simpática. Não estavam tatuados, mas todos traziam penduricalhos às orelhas e um deles tinha um cilindro de pau metido no lábio inferior perfurado. Esse índio trazia também o corte de cabelo à moda dos caraíbas, ao qual não mais se sujeitam todos da tribo, por ser difícil e doloroso; na testa, trazia ele pintada uma fita vermelha. A língua dos iupuás tem muitos sons *gh*, como ocorre no inglês. A viagem de Uarivaú, a jusante, foi mais fácil e mais rápida. Chegamos num dia a São João do Príncipe, onde encontramos, de regresso de Ega, o juiz do lugar. Já recomçava sua descarada opressão aos desgraçados índios, aos quais tinha de prometer que exporia a sua situação às

autoridades superiores, que foram levadas a remediar esse mal. Talvez a nova época, que como uma boa estrela se levanta sobre o Brasil, também traga assistência a esses pobres semisselvagens, mediante uma feliz combinação de ambos os sistemas, hierárquico e civil, até agora seguidos na administração dos índios. Das colônias mais ocidentais dos brasileiros até Maripi, gastamos cinco dias de viagem. Cada vez mais nos aparecia agora o rio pouco a pouco com aquela cor turva, terrosa, que havíamos notado em sua entrada no Solimões. De Araraquara até as cachoeiras de Cupati, ele conservava uma cor verde-suja; em São João, mesmo, muda-se essa tonalidade quase para o pardo-café do rio Negro, por se misturarem a ele muitos riachos e canais de águas pardacentas. Até a foz do Auati-paraná, tivemos frequentemente que labutar contra a pouca água do rio; mas, daí em diante, encontramos de repente abundância d'água, em consequência do afluxo das águas do Solimões. Em geral, nos conservávamos no meio do canal principal, e pernoitávamos nas ilhas, e, uma vez, também na tapera da antiga colônia São Joaquim dos Coerunas, à margem meridional do Japurá, fronteira do rio Puapua. Tudo aqui havia sido retomado pelo mato. Quando de novo embarcamos, ouviram-se uns estranhos roncões e estertores que pareciam vir do próprio fundo da embarcação, fazendo-nos recear a presença de algum jacaré, aí penetrado. Mas verificou-se serem vários peixes roncadores (*Rhinelepis aspera* Spix), grandes peixes cascudos que soltam brunhidos agarrando-se à canoa. Em Maripi, só ficamos o tempo necessário para transportar na nossa própria canoa as coleções, e apressamos tanto a viagem para Ega, que ali chegamos no dia 2 de março. O Sr. Zani, nessa viagem de regresso, tinha tido tão violentos acessos de febre, e sentia-se ainda de tal modo enfraquecido, que já aqui tive que me separar do bravo companheiro³⁴. Uma carta do meu amigo Spix informava-me que, há algumas semanas, de regresso da fronteira, já tinha par-

34 Prevaleço-me da oportunidade de poder manifestar publicamente a esse meritíssimo amigo os meus sentimentos de alta consideração e reconhecimento. Quando, pouco depois do nosso regresso à pátria e da partida do governador-geral, conde de Vila Flor, para o Rio, tempestades políticas abalaram as províncias do Pará e Rio Negro, Zani estabeleceu, em diversos pontos do Amazonas, posições fortificadas, e, por sua coragem e perseverança, contribuiu grandemente para a pacificação daquelas regiões, valor que lhe mereceu uma Comenda da Ordem de Cristo e a confiança do imperador D. Pedro que o encarregou agora, como coronel, da formação dos regimentos de milícias.

tido de Ega, e pedia-me que me apressasse o mais possível. Achava-se agora o Solimões em forte enchente; todas as ilhas de areia estavam cobertas pelas águas amareladas, e estas nos impeliam tão rapidamente, em geral pela margem direita, que, na segunda tarde, já nos achávamos em Coari (*Boca-do-Coari*). Antes de podermos tocar na margem, caiu um pavoroso furacão revolvendo as águas do rio, como se fossem ondas do mar. Navegávamos a jusante, com rapidez de raio, balançando terrivelmente, quando, de improviso, se partiu o leme, e o timoneiro foi com ele precipitado do alto do camarote ao rio. O velho já me era muito caro, e indizível foi a minha satisfação ao vê-lo salvo, quando, expedito, ele se agarrou ao cabo que lhe fora atirado e que costuma ficar junto do timoneiro, para prender a embarcação, e junto com essa foi puxado para terra, pela força das ondas. Também o barco foi, com felicidade, posto a salvo numa enseada, onde ficamos a esperar que cessasse a tempestade. Não havia meio de continuar a viagem, senão arranjando novo leme em Alvelos. No lago de Coari, surpreendeu-nos um segundo temporal, que nos jogava com tal ímpeto entre as árvores da margem, profundamente mergulhadas na água, que o barco quase foi despedaçado pelos galhos. À tarde, chegamos felizmente a Alvelos; repararam-se as avarias, e pelo lago, de superfície lisa como um espelho, sob a claridade do luar, voltamos para a foz, onde penduramos as nossas redes por entre odorosas mirtáceas. Exausto de cansaço, apenas conciliava eu o primeiro sono, quando acordei com uma estranha sensação e corri ao acampamento dos índios. Ali verifiquei que todos os meus remadores do Japurá e de Ega me haviam abandonado às caladas, e só tinham ficado três índios do Pará. Foi esta a última aventura da minha penosa viagem. Embora a pequena guarnição com dificuldade guiasse a canoa, dirigi-me, entretanto, com felicidade, a Manacapuru, para tranquilizar a família do Sr. Zani sobre a sua sorte. Agregou-se ali à guarnição um jovem juri, da horda comá-tapuia, que nos acompanhou até Munique; infelizmente, porém, tanto ele como a jovem miranha, sua companheira, morreram, não suportando a mudança de clima e as outras circunstâncias exteriores. A 11 de março, entrei em Barra do Rio Negro, onde tive a ventura de apertar de novo em meus braços o amigo.

NOTAS DO CAPITULO IV

I – Rio Japurá – Viagens na sua bacia – Quando naveguei no Japurá, ignorava, em absoluto, que, pelas pesquisas do Sr. von Humboldt (*Relat.*, II, pág. 697), se verificou que um alemão, já no século XVI, havia visto aquele rio. A expedição de Phil. von Hutten (Urre), que em 1541 procurava o Eldorado, vindo da Venezuela, pelo Guaviare, às regiões do Uaupés e Japurá, deu combate vitorioso aos amáguas; parece, porém, não ter deixado vestígio histórico algum no Brasil.

O certo é que, em tempos mais recentes, os espanhóis nada ou pouco viajavam na parte superior do Japurá, a qual eles chamam de Caquetá. Os poucos frades das missões franciscanas dos andaquis dependentes de San Juan de los Llanos dificilmente chegariam a ver as cachoeiras que devem achar-se a quatro dias de viagem a oeste da queda de Araraquara. A sua missão mais oriental de Santa Maria, que se encontrava talvez na latitude da foz do rio Amori (0° 36' n.), já há uns trinta anos fora destruída por incursões dos umauás. A viagem do guardião pr. Francisco Pugnet, desde as margens do alto Japurá até o Guaviare, citada pelo Sr. von Humboldt (*Relat.*, II, pág. 459), tampouco atingira a região do rio por mim percorrida. Só a comissão de limites ibero-lusitana havia estado antes de mim nestas regiões. Que a bifurcação do Japurá para o Orinoco e o Amazonas, indicada em muitos mapas desde 1655, se baseia em falsas informações e não existe, ficou fora de dúvida graças às investigações daquela Comissão.

II – Distintivos das tribos indígenas – Na bacia do Japurá habita grande número de hordas e tribos, diferentes entre si (é impossível distinguir claramente essas comunidades, cujos laços genéticos são praticamente desconhecidos), e justamente aqui se encontra também especialmente frequente o costume peculiar de se caracterizarem entre si por sinais distintivos. Muitas vezes indaguei dos próprios índios qual a razão dessas marcas nacionais, que só podem ser executadas lentamente e debaixo de sofrimento, e a resposta usual era “que esses sinais serviam para distinguir os indivíduos de cada tribo facilmente”. Não pude descobrir uma tradição ou mito que tivessem relação com este costume. É preciso lembrar o grande número de hordas, famílias ou tribos que vivem próximos e devem encontrar-se sós ou em bandos nas suas caçadas, a frequência das hostilidades herdadas de geração em geração, o entrelaçamento de muitas alianças e amizades que justamente se formam por esse constante estado de guerra entre muitos e, finalmente, a dificuldade de entendimento no meio de tão grande variedade de línguas. Tudo isso, pois, justifica a opinião de que aqueles sinais tenham a sua origem na necessidade de se reconhecer mutuamente depressa e de longe. O índio nunca se encontra num território que seja de exclusiva e reconhecida posse da sua tribo, podendo, pois,

ser considerado nos encontros como inimigo ou caçador furtivo; daí a razão dos singulares disfarces que usa, como cocar perene e congênito, podendo pressagiar a paz, guerra ou neutralidade. Esse ponto de vista ganha em probabilidade pelo fato de viverem geralmente em paz as tribos de igual caracterização, e por ter cada tribo o seu inimigo declarado. Uma das mais comuns experiências consiste em o índio, ao ser indagado sobre as particularidades de sua tribo, não deixar nunca de acrescentar o nome do seu inimigo hereditário. O tipo dessas marcas sempre se encontra no reino animal (devem visar semelhança com araras, diferentes espécies de macacos, onças, etc.), e mais generalizados são os sinais feitos pela tatuagem, sobretudo no rosto, que os pais começam a praticar já na primeira infância dos filhos, ferindo-lhes a pele com um feixe de espinhos de palmeira ou com um só deles e friccionando-a com o suco pardo do jenipapo ou do caruto (*Genipa caruto* Humb.), que produz uma tonalidade pardo-azulada, a qual transluz na epiderme e nunca mais se apaga. Daí resulta a mancha no rosto ou *malha* (em tupi, *sobákytam*). A perfuração dos lábios, do nariz e das orelhas, e a adaptação nesses furos de objetos de diversas formas de pau (*taboca*), de pedra (*tametara*)¹, de resina, de concha, de vidro, de louça, etc., são formas subordinadas de caracterização, pois delas pode o índio privar-se quando está em casa, costumando às vezes retirá-las à noite, ou em outros casos quando o sinal distintivo cicatriza no rosto. Na viagem ao Japurá conheci indivíduos de doze tribos, a saber: passés, juris, coerunas, coretus, jumanas, cauixanas, miranhas da horda dos carapanãs-tapuias (que observei nos seus domicílios), iupuás (gepuás), tecunas, muriatés, jaúnas, macunás e miranhas da horda da “grande ave” (oira-açú-tapuias), que viviam como hóspedes entre aqueles, ou me acompanhavam como remadores. As marcas distintivas das tribos no Japurá são as seguintes: 1) Uma tatuagem semielíptica, cobrindo a maior parte do rosto, com várias linhas simples ou cruzadas na testa e nas têmporas – entre os passés; semelhante malha, em forma de escudo, às vezes estendendo-se até o pescoço, grades quadradas nas têmporas e na testa e estas três às vezes ligadas com linhas transversais – entre os juris (a horda dos juris-tabocas além disso ainda traz uma taboca de pau no lábio inferior); a simples malha em diversas variações, ou em lugar dela às vezes nariz e orelhas perfurados, com lâminas de concha – entre as diversas famílias dos uaiumás. Completamente igual é (segundo Monteiro) a marca dos xamas e dos tumbiras – uma malha em forma de escudo e, nos últimos,

1. Em vez de *tametara*, deve ser *tembê-tara*, “ornato dos lábios”. Ao ornamento labial, consistindo numa pedra intrometida no lábio inferior, dá-se em tupi a denominação de *tembetá*, vocábulo formado de *tembê-ita*, “pedra do lábio”. (Nota da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.)

além disso, uma taboca preta no lábio inferior. São todas estas tribos, que os brasileiros costumam chamar de preferência de caras-pretas, iuru-pixunas. 2) Uma oval oblonga em torno da boca, acabando em ambos os lados com uma linha horizontal (raramente também uma malha em forma de escudo) – entre os jumanas. De maneira semelhante são tatuados os lábios dos tamianas, poianas e purenumás (segundo Monteiro). 3) As asas do nariz perfuradas portando lâminas de concha, os lóbulos das orelhas dilatados frequentemente de maneira atroz – entre os miranhas. 4) As tribos dos iupuas, coretus e coerunas não têm tatuagens, porém, às vezes, trazem uma lâmina de concha ou uma vareta de copal no lábio inferior perfurado. 5) Os jaúnas, macunás, tecunas e muriatés trazem os lóbulos das orelhas amplamente perfurados e neles penas, copal, hastes de maranta, etc. Adorno igual têm (segundo Monteiro) os jucunas, iupiuás, mauauás, araruás e periatís. 6) Os parianás têm (conforme o mesmo autor) uma linha horizontal tatuada em cada lábio e as orelhas perfuradas.

III – A *salsaparrilha* (em português também *salsa*, no espanhol *zarzaparrilla*, *zarza*). As salsaparrilhas do Maranhão (*S.-do-maranhão*, *do-pará*, *lisbonensis*) são as numerosas raízes aéreas e rebentos das raízes que surgem da terra, da *Smilax syphilitica* Humb. O caule desse arbusto (em tupi, *sipó-êm*) e os seus galhos principais são angulosos, com cantos salientes, frequentemente estendidos como fitas e comprimidos, providos de grandes acúleos cerrados e dirigidos para baixo. As hastes sarmentosas ora se enroscam a pouca distância do solo, ora se entrelaçam com os arbustos vizinhos, formando impenetrável espessura. Frequentemente um trecho inteiro da mata está ligado por uma única dessas trepadeiras grotescas e, quando se acha agitada ou arrancada, deixa cair sobre o viajante assustado respingos da água que ficara na folhagem enredada, ou enxames de formigas que mordem, ou abelhas de ferrão. Devido à grande extensão das raízes, raramente se consegue arrancar a planta toda; apenas se cortam do pé os rebentos e raízes aéreas. Talvez seja esta a razão por que, na chamada “salsaparrilha-de-lisboa”, mais raramente se encontram aquelas hastes fortes, lenhosas, que aparecem no meio dos feixes da chamada “salsaparrilha comprida” de Caracas e Vera Cruz. Esta última espécie, mais comum no comércio, exportada para Jamaica e Espanha, provém, sem dúvida, de outra planta (talvez da *Smilax officinalis* Humb.). As raízes da salsaparrilha brasileira são mais delgadas, de casca mais fina e menos enrugada, de colorido mais para o pardo-avermelhado do que para o pardo-amarelado, menos lustrosa e provida de cerne mais rico em parênquima farinhosa. Os índios colhem-na o ano inteiro, conforme o estado do tempo e dos rios lhes permite percorrer uma região produtora de salsaparrilha. Esta circunstância favorece, de certo modo, a propagação do útil arbusto, pois, se eles fizessem a colheita só nos meses do verão, quando amadurecem as bagas, a planta tanto mais depressa se tornaria rara em alguns lugares, ou seria

completamente exterminada. Os sarmentos e rebentos da raiz são postos a secar sobre fogo brando, depois amarrados em molhos de quatro a cinco pés de comprimento e um pé de grossura, com o cipó flexível do timbó-titica, e são levados assim aos mercados do Brasil. No interior vende-se a arroba da boa salsaparrilha a 5 ou 7\$000. Os índios sabem muito bem que as raízes farinhasas são sujeitas ao ataque dos vermes; conservam-nas, por isso, na cumeeira da cabana, onde ficam expostas a uma forte fumação, com cheiro bastante penetrante.

IV – *Conhecimentos medicinais dos índios* – De fato, conhecem os índios muitas ervas e árvores, e sabem diferenciá-las por seus próprios nomes, sobretudo quando se trata de plantas comestíveis ou que sirvam para tinturaria ou uso doméstico. Das plantas medicinais e remédios (*poçanga*), em geral têm eles a mais obscura noção, quase sempre supersticiosa e incutida pelos pajés. A maioria das plantas, hoje empregadas no Brasil pela medicina, foram descobertas já pelos primeiros colonos, em particular os paulistas, e por aqueles que já traziam reminiscências das plantas úteis das Índias orientais. Mesmo que os índios saibam que muitas plantas são eficazes para certas doenças, entretanto não têm ideia exata da dosagem, nem do ritmo e duração de sua administração. O mais poderoso meio, com que combatem muitas doenças, é o jejum, de que em moléstias agudas utilizam na maioria das vezes com vantagem, mas nas crônicas com resultado funesto para o paciente, levando-o ao extremo. Algumas nações do Japurá vestem os doentes com camisa feita da entrecasca do turiri, e assim os protegem contra resfriados que podem sobrevir, não obstante o clima quente, pois o índio está acostumado a deitar-se nu na sua rede. A sangria, feita na veia das têmporas, no braço, ou na veia do pé nas crianças é uma operação bastante generalizada nos casos de pancada, sugilação, dor de cabeça, febre violenta e especialmente durante a gravidez, quando se sangram não só as mulheres, mas também os homens (como costumam igualmente fazer os botocudos). Para esse fim, servem-se de diversos instrumentos. Entre os coroados encontramos um pequeno arco e flecha para isso, entre os maués pratica-se a sangria por meio de um bico de tucano afiado, entre os mundurucus, com um dente de quati, entre os juris por um escalpelo de bambu. Quando quebram a perna, colocam o membro lesado entre talas, mas às vezes atam-na de tal modo que fica impedida a formação do calo e resultam planos artificiais de articulação. Os feridos são colocados sobre uma armação acima de fogo brando, e as feridas limpam e fecham-se muito rapidamente desse modo. Chamam a esse tratamento *caém* (palavra que lembra *moquém*, “assar”)².

2. *Caém*, como se pode ver em Stradelli, significa, no tupi amazônico atual, “cicatriz”, de sorte que o processo referido por Martius equivale ao de “cicatrizar” pela ação do fogo. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

Doenças existentes no Japurá – As doenças predominantes nessa região são as febres intermitentes, a hepatite crônica e as verminoses. Quanto às maleitas (em tupi, *taçuba-ayba*)³, é o Japurá muito desacreditado visto nas suas margens reinarem todas as doenças do tipo de febres, particularmente terça e quarta. Uma pequena ferida, pequenos abscessos de pele produzidos por picadas de piuns (*piêra*), resfriado, encharcamento, indigestão, jejum demorado, relações sexuais, o beber rapidamente no calor, são todos motivos para doença ou disposições (em regiões mais saudáveis são facilmente reprimidas) que aqui logo tomam caráter de febre intermitente. Viajar em tão inóspitas regiões expõe frequentemente o organismo a essas causas inevitáveis, mas também, sem essas influências exteriores, se contrai a febre, pelo simples fato de ser o lugar insalubre. A posição baixa e úmida, a quase total falta do vento, cuja circulação é impedida pela densidade da vegetação, as exalações miasmáticas das margens lamacentas ou de rochas de quando em quando descobertas de água, talvez também as substâncias vegetais e minerais dissolvidas na água do rio que se usa para beber, podem concorrer para o desenvolvimento das endemias. As hepatites surdas que, a princípio combinadas com quase imperceptíveis anomalias da digestão, se manifestam quase só por estas, ou pela febre intermitente crônica, levam insensivelmente o enfermo a um estado em que qualquer socorro médico já não resolve. Esses casos se dão principalmente entre índios moradores do rio; apenas poucos escapam de monstruosa inchação ou endurecimento do fígado e do baço (*peré*), que causam afinal a morte por hipodrisia, supuração, septicemia ou consunção. Realmente contristador era para mim observar o aspecto desses índios, às vezes mais de cinquenta, entre os quais não havia um cujo ventre não mostrasse protrusão por monstruosa hipertrofia do fígado; de longe, muitos pareciam mulheres grávidas. Também as crianças já sofrem às vezes dessas enormes inchações dos órgãos abdominais, especialmente das glândulas linfáticas mesentéricas; emagrecem-se-lhes as extremidades, aparece irresistível vontade de comer terra, pau, couro, cera e outras substâncias, e elas definham morrendo de consunção. Nas raparigas, essas doenças influem no sistema uterino e as tornam cloróticas. A verminose desenvolve-se aqui de modo terrivelmente violento, sobretudo nos indivíduos jovens. Multiplicam-se extraordinariamente as lombrigas (em tupi, *cebuti*). Com essas complicações verminóticas, as febres tomam amiúde um perigoso caráter pútrido. As causas dessas verminoses devem ser atribuídas especialmente ao uso da água do rio, à falta de variedade nos alimentos, de tempero, de sal e à preponderância de comida

3. *Tácia-ayua*, isto é, “febre feia”, é o apelativo dado no tupi amazonense a qualquer “febre de mau caráter”, podendo portanto significar “maleitas”. (Nota da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.)

não cozida, de bananas e frutos silvestres, insetos e peixes pequenos. Nota-se, ademais, que os índios são atacados dessa doença sobretudo durante a estação chuvosa do ano e depois de contínuas noites frias. Desgraçadamente, já se encontram no Japurá vestígios de moléstias sífilíticas; sem dúvida, contraíram esse mal os índios que tiveram transações com os colonos brancos, ou foi ele trazido por estes mesmos. Cuidadosa investigação sobre o assunto, que fiz em todas as oportunidades, confirmou-me a certeza de que essa doença não era primitivamente endêmica entre os aborígenes brasileiros. As formas que aparecem aqui são de caráter mais brando e referem-se sobretudo a doenças cutâneas. Também observei nestes índios diversas dermatoses, cujas causas eu não podia atribuir com segurança à sífilis: verrugas por todo o corpo, manchas amarelas por sobre a pele mais avermelhada, pústulas vermelhas que se inflamam e se transformam numa espécie de antraz (em tupi, *pynhã*, como também chamam às boubas), nascidas (em tupi, *munga*), erupções muito espalhadas pelo corpo e por fim rachadas, sangrentas ou secas, sobretudo nas extremidades. O vocabulário patológico dos índios é, de resto, muito limitado.

V – *Rio Apaporis* (Apapuri, Apoaperi, Apuapuri, Apuaperi, Auaperi, Auaburis). Este rio, o mais caudaloso afluente do Japurá, que na sua foz tinha umas 200 toesas de largura quando aí passamos, tem águas esbranquiçadas, na época da vazante algo esverdeadas, como o rio principal, com o qual se mistura rapidamente devido a sua grande correnteza. Sua nascente estaria a 60 léguas a nor-noroeste da foz em Campos e, por causa de suas 16 cataratas, só muito raramente foi navegado. O governador Almeida da Gama Lobo foi o primeiro a descobrir sua comunicação com o Uaupés, afluente do rio Negro, mediante curta passagem por terra. Viajava do rio Negro a S. Joaquim no Uaupés, seguindo este por cinco dias, quando chegou ao Tiquié, o seu principal afluente a montante, e depois de curta passagem por terra baixa ao Apaporis, tomando daí caminho semelhante de volta pelo Ueyé (Uaya) ao Capuri e daí ao Uaupés, viagem que lhe custou a saúde e a muitos índios a vida. No ano de 1791 José Simões de Carvalho subiu o Uaupés ainda mais, até o pequeno afluente Pororé-Paraná ou Jacuri. Desse ele alcançou o Cauanari, o qual deságua no Apaporis; venceu as duas perigosas quedas de Paricua e Furna e desceu o Apaporis até a sua foz. As viagens por terra entre o Uaupés e o Apaporis passam por terreno baixo, com inundações durante a enchente, de maneira que só durante a seca é possível seguir caminhos terrestres, enquanto nos meses de chuva pode-se atravessar os pântanos com uma montaria (Monteiro). Embora existam numerosas tribos nas suas margens, como os cauiaris, aethonias, siroás, macunás, iucunás, iaunas, tajaçu-tapuias, coretus, iupuás, só poucos descimentos foram feitos daí para o Rio Negro, receando-se os reveses da viagem. Os brancos que deste rio vão ao Japurá (também atualmente muitos raros) seguem pelo riacho Poapoá ou o lago Maraã, que distam pouco dos riachos

Ueniuxi e Urubaxi. A lenda da riqueza em ouro do Apaporis e do seu afluente Traíra é geralmente difundida entre os índios habitantes desse local.

VI – A isca de formigas, que submeti a exame microscópico, mostra textura distinta de finos pelos vegetais intimamente feltrados. Neste sentido retifico o que disse no texto. Observam-se duas espécies de pelos: os mui delicados, cor castanho-clara, fortemente crespos, sem sinal de estrutura, e os mais fortes, transparentes, simplesmente curvados e rijos, aqui e acolá com membrana transversal; os primeiros constituem a maioria. Não há vestígios de cimento animal, porém pequenos grânulos, parecendo gotinhas de suco vegetal. A planta fornecedora destes pelos é uma melastomácea arborescente, *Miconia holosericea*, chamada tinta-rana, porque com os frutos e as folhas prepara-se uma tinta azul-preta, embora não muito sólida. O Sr. von Humboldt achou na *Yesca de hormigas* do Orinoco a *Formica spinicollis* Latr. A espécie que no Japurá filtra a isca de formigas para as moradas, em forma de canal, coladas em árvores e paredes, é diferente daquela e se aproxima da *Formica fungosa* Fabr., que, no Suriname, prepara seu ninho do pelo quatro vezes mais grosso da paina de bombax. Muito curiosos são os hábitos de várias espécies de formigas que vivem em outras plantas da família das Melastomáceas. As folhas do gênero *Maieta* trazem na sua parte inferior uma empola oblonga de dois compartimentos, e os pecíolos do gênero *Tococa* são inchados e formam cavidade semelhante; dentro dela vivem numerosas sociedades de formigas pequenas vermelhas que mordem furiosamente (*Formica molestans* Latr. e *nana* De Geer), que constroem os seus ninhos esféricos ou elípticos com as fibras e pelos extraordinariamente delicados, com os quais são cobertas diversas partes da planta (em *Tococa formicaria*, os nós da inflorescência; em *Maieta hypophysca*, os pecíolos). No rio Negro tal como no Orenoco empregam a isca de formigas como hemostático. Para a mesma finalidade, fazendeiros expertos empregam o fungo vermelho seco e comprimido urupê (*Boletus sanguineus* Sw.).

VII – *Esculturas dos índios*. – Só com pesar se desiste de levar em consideração, nas pesquisas sobre uma civilização primitiva sul-americana mais avançada, documentos cuja alta antiguidade não se pode contestar; e seria infinitamente mais interessante poder reconhecer nas esculturas de Cupati e Araraquara provas de idolatria e de uma mitologia desenvolvida, que não unicamente os restos de uma época igual à da atualidade em incultura e simplicidade pueril. Mas já o primeiro lance de olhos nessas figuras grotescas refuta qualquer significado superior de simbolismo; e estou inteiramente convencido de que foram feitas por índios que em índole e grau de civilização correspondiam totalmente aos seus atuais descendentes, talvez tardios. São prova lamentável da inflexível submersão dessa raça nas ideias e na imaginação reinantes desde milênios. Entre os índios do Japurá, é generalizada a lenda de que, nos tempos passados, esse rio era muito

mais povoado do que hoje e que malocas maiores se achavam na proximidade das cachoeiras. As numerosas cercas de gramíneas arborescentes nesta mesma região, com as quais formavam sebes vivas para defesa dos povoados, parecem confirmar a lenda. Quem conhece o costume dos índios, existente até hoje, de se transportarem, conforme as diversas épocas do ano, ora para as matas abundantes de frutos, ora para os rios, achará natural que, na ocasião da maior vazante, as cachoeiras eram mais procuradas quando os peixes se conservavam em maior quantidade na sua vizinhança. Nestas épocas, os que não estavam ocupados em pescar se divertiam esculpindo figuras nos bancos de pedra da margem desnudados pela vazante. As figuras dos rochedos de Araraquara, venerados respeitosamente pelos meus índios, por sua posição numa pedra saliente a prumo, assim como pelos raios em volta da cabeça, mais se aproximavam da ideia de algum culto; mas, em vez de representarem o sol, antes pareciam cabeças de índios, ornadas pelo diadema de penas. Numa figura feminina nas lajes de pedra, observei uma linha em forma de serpente que lhe atravessava o corpo. Quereriam, com isso, lembrar a mulher como serpente, ou seria simples casualidade?

Não devo deixar de referir que não raro, no rio Negro, me falaram de uma lenda, segundo a qual os povos subjugados dos incas, depois da destruição do seu reino, fugindo dos espanhóis para leste, teriam se estabelecido nas matas desabitadas entre o Japurá e o Içá. A marcha do inca Manco, sucessor de Atualpa, para as montanhas e matas orientais, pode ter dado motivo a essa lenda. Nunca, entretanto, foram índios que me falaram dessa suposta migração e, sim, pessoas cujo interesse as havia conduzido às narrativas de Acuña e de Berredo, nas quais essa migração é mencionada sem prova histórica cabal. Por falta de relações científicas e da resultante crítica, não se estranha que no Brasil os poucos que se devotam a estudos históricos adotem as mesmas opiniões e preconceitos, sobretudo os espalhados por Acuña. Finalmente o que surpreende é a grande extensão da região onde essas rudes esculturas são encontradas em diferentes lugares da América do Sul. As mais orientais achou N. Hortsman de Hildesheim em 1750 no Rupunuri (Humboldt). São distantes daquelas que eu vi no Japurá 15° de longitude; dentro desse espaço enorme, o Sr. von Humboldt as encontrou em vários lugares das Guianas. Seja qual for a significação que se atribua a esses restos de antiguidade desconhecida, sempre essas figuras interessarão como testemunhas de um estado de civilização igual de povos que habitaram aqui em tão vasta extensão.

VIII – O rio Japurá – A vegetação da sua bacia, quanto me foi possível observá-la, conserva em geral as mesmas características que apresentam as florestas que seguem as margens do Amazonas. Isto se refere, sobretudo, à parte inferior do território, na qual o rio corre de norte para sul; aqui a mata consiste nas mesmas formas que crescem ao longo do rio principal. Além, para oeste,

misturam-se a elas, pouco a pouco, outras plantas, sem contudo mudar a feição geral. Somente nos rochedos de Araraquara aparecia transição da mata virgem alta, enredada, como que inóspita e desordenada, que ensombra as margens do maior dos rios, para as formas mais alegres e mais delicadas e menos colossais da vegetação dos campos.

A mata junto da margem fica inundada nas enchentes, como a do Amazonas e a do Solimões, e as espécies de árvores, bem como a disposição dos galhos e formação da casca, distinguem essa mata da margem (*caâ-ygapô*) da que está situada mais alto no continente (*caâ-etê*). Durante a vazante, veem-se surgir inúmeros colmos de gramíneas dos gêneros *Panicum* e *Paspalus*, que nas enchentes ficam de novo submersos. Palmeiras, especialmente as espécies espinhosas de *Astrocaryum* e *Bactris*, cujas folhas fornecem, em geral, fibras aos índios; grandes musáceas, helicônias, *Urania amazonica*, cercas de gramíneas arborescentes, de marantas e outras citamíneas, ostentando as mais belas flores; por entre essas, as embaúbas de troncos brancos e folhas grandes lobadas: eis as formas que os navegantes mais frequentemente encontram no meio da extraordinária variedade da floresta, que se arqueia espessa e alta acima do rio. As famílias de plantas mais representadas aqui são Rubiáceas (gêneros *Tetramerium*, *Coffea*, *Isertia*, *Cephaelis*, *Psychotria*, *Genipa* e o pau-mulato, *Exostema leptophloeum* M., árvore frequentemente com uma altura de 100 pés, cuja madeira, de muita solidez e bela textura, é muito usada para utensílios e construção), Sapotáceas (*Labatia*, *Achras*), Apocináceas (*Echites*, *Forsteronia*, *Tabernaemontana*), Malpighiáceas (*Banisteria*, *Triopteris*), Urticáceas (*Ficus*, *Boehmeria*), Euforbiáceas (*Phyllanthus*, *Hura*, *Croton*), plantas com seiva espessa e gomosa (*Vismia*, *Clusia*, *Calophyllum*), as aparentadas *Ruyshia*, *Ascium* e *Marcgravia*, Lauráceas (*Laurus*, *Ocotea*, *Persea*, *Cryptocarya*) e Mirtáceas (*Myrtus*, *Gustavia*, *Calyptranthes*). Entre as leguminosas aparecem troncos colossais de angelim (*Andira*), penadas acácias e mais amiúde ainda ingás. Quase não se encontram Malváceas, aparecendo em seu lugar troncos maciços de *Bombax*. Formas isoladas aqui encontradas são *Licania*, *Hirtella*, *Prockia*, *Bixa*, *Anthodus*, *Heisteira*, *Hippocratea*, *Menispermum*, *Guatteria*, *Anona*, etc. Os componentes dessa mata desaparecem pouco a pouco, depois que o rio volve de oeste para sul, acima de Maripi, e ainda mais acima da foz do Puruê até as cachoeiras de Cupati. Vão então rareando as formas de mata de igapó, e as da mata de terra firme logo avançam pela margem pouco elevada acima do rio, a qual se garante, aliás, com as moitas verde-acinzentadas dos loureiros e com algumas mirtáceas salicifoliadas. A mata torna-se mais baixa, de árvores mais uniformes e mais brilhantes, particularmente abundantes em parasitas. Aparecem magníficas flores de orquídeas, aculeados pés de ananases, grotescos aruns (*Caladium*, *Arum*, *Dracontium*, *Cyclanthus*, *Carludovica*), ora trepando em árvores ou rochedos, ora

espalhando as suas folhas grandes sobre troncos caídos, muitos ubis pequenos, gramíneas arborescentes, Gesneriáceas de belas flores (*Drymonia calcarata*, *Episcia decumbens* e *reptans*, *Hypocyrtia aggregata*, *Alloplectus circinatus*), a *Brownea* com as suas grandes flores cor escarlate, espécies de *Swartzia*, *Schnella*, *Corynostylis*, *Hybanthus*, *Tachia gujanensis* e *Voyrae*. Entre as palmeiras desta região distinguem-se a *Iriartea* com as suas numerosas raízes acima da terra (*Iriartea exorhiza*) e as duas palmeiras de leque, *Lepidocaryum tenue* e *gracile*. De extraordinária beleza é a vegetação na proximidade das cataratas de Cupati. O leito da rocha do rio frequentemente está coberto de *Lacis fluviatilis*; na floresta alternam-se variados aruns grotescos, orquídeas e outros parasitas, entre os quais muitas Lorantáceas do grupo que possui grandes flores multicolores (*Psittacanthus*), com sebes de *Maranta*, com arbustos de Mirtáceas e Securidáceas e pequenas árvores de *Coffea*, *Hamelia*, *Swartzia*, *Hirtella*, diversas Melastomáceas, entre as quais a *Blakea*, cujas soberbas flores de vermelho pálido como que representam as rosas desta selva. No meio de todas elas se erguem troncos colossais das famílias dos loureiros, algumas palmeiras, Lecitidáceas, leguminosas, cuja madeira de belas cores é conhecida pelos nomes de pau-violeta, moira-pinima e pau-roxo ou moira-piranga. Os pecíolos com manchas escuras das *Dracontium* aparecem de longe como serpentes, que habitam lugares semelhantes, e por isso também são chamadas de erva-de-jararaca; entretanto, os seus grandes bulbos de cor cinza-prateada, amassados e colocados em feridas peçonhentas, são considerados antídoto refrescante, como se a natureza indicasse nas folhas a virtude da raiz. A fisionomia da floresta muda notavelmente, assim que se sobe às alturas de Cupati e ainda mais, chegando-se à campina no cume de Araraquara. Aqui aparecem diversas espécies de trevo-azedo com folhas penadas (*Oxalis casta*, *somnians*, *dormiens*), um feto arborescente de dez pés de altura (*Alsophila nigra* M.), *Euceraea*, a palmeira *Oenocarpus circumtextus*, o *Retiniphyllum* exsudando resina, *Tococa gujanensis*, *Burmannia dasyantha*, espécimes de *Xyris* e *Carex*, *Humirium crassifolium*, *Trattinickia burseraefolia*, *Architaea tryflora*, várias hamélias nas rochas, uma bonita espécie de bromélia (*Nauia*), a *Schizaea digitata* e *palmata* nos lugares secos da floresta e, como especialmente características desta região, três espécies de quina legítima, *Cinchona bergeniana*, *lambertiana* e *macroenemia*. A casca da *C. bergeniana* é a mais fina e a menos amarga das três. Sua cor é castanho-amarelada, passando a marrom-ferrugem no lado interno e avermelhado do lado da epiderme fina. Seu gosto é amargoso, pouco adstringente. A casca da *C. lambertiana* distingue-se, pelo paladar propriamente amargo e adstringente da quina verdadeira, das outras duas. Pode arrancá-la, como as qualidades peruanas, em grandes pedaços e mandar enrolá-la. A casca da *C. macroenemia* distingue-se das duas outras e em geral da maioria das quininas pela sua cor vermelho-escura, que às vezes, especialmente

nas quebraduras frescas, passa para roxo-avermelhada. O paladar não é muito amargo, porém um tanto mucilaginoso.

Acima da cachoeira de Cupati a vegetação permanece fiel à mesma feição monótona do rio, até a serra de Araraquara: a mata é um pouco mais baixa e regular, com copas mais arredondadas do que na bacia inferior do rio. Quanto às palmeiras, observam-se aqui continuamente as graciosas açai e pataúá, cujas folhas penadas se destacam acima da mata silenciosa. Em lugar das grandes palmeiras aculeadas, frequentes nas regiões mais baixas (*Astrocaryum tucuma* e *jauari*), aqui aparecem particularmente numerosas a inajá (*Maximiliana insignis*), a paxiúba-barriguda (*Iriartea ventricosa*), a *Iriartea setigera*, de tamanho menor, a taiacu-ubi (*Hyospathe elegans*) e várias espécies de palmeira-bastão (*Bactris*). Um loureiro de folhagem verde-acinzentada, uma ingá de folhas delicadamente penadas e a *Bigonia chita*, da qual se prepara o vermelho carajuru, são as formas mais frequentes. No terreno de argila amarela da margem inclinada, balançam-se as panículas douradas do *Paspalus pulcher*. Vestígios de antigas plantações são extremamente raros nas matas do Japurá. Já mencionei acima que as sebes espessas de gramíneas arborescentes podem provir de tempos idos quando serviam provavelmente de obstáculo vivo para a defesa das malocas índias. Nas roças antigas estabelecem-se de preferência as seguintes plantas: *Commelina rubens*, *Momordica balsamina*, *Chenopodium ambrosioides*, *Petiveria alliacea*, *Ancistrocarpus maipurensis*, *Physalis angulata*, *Phytolacca decandra*, *Lisianthus purpurascens*, diversas espécies de *Spennera*, *Ipomoea quamoclit*, etc. Em todo caso, para o naturalista viajante é sedutora a variedade dessa bela flora; mas, para o habitante, o reino das plantas aqui se apresenta com aspecto ameaçador e prepotente. Por entre a mata vitoriosa desaparece a palhoça ligeiramente construída do aborígine e os filhos sempre renovados de uma vegetação exuberante “odeiam, assim como os elementos, as obras da mão humana”.

IX — O rio Japurá. Geografia e geologia — Nasce o Japurá na vertente oriental do páramo d’Iscancê, um dos píncaros gelados daquele ramo da cordilheira dos Andes, que forma o divisor de águas entre o rio Madalena e o Amazonas. A bacia do rio deve medir mais ou menos 9.800 léguas quadradas. Esse grande território, não muito menor que a Espanha, oferecendo, no seu declive de oeste para leste, um clima temperado e quente, será, quando muito, habitado por umas cem famílias, em cujas veias corre mistura de sangue europeu. Se posso confiar na minha estimativa, que de fato não é comprovada por medição barométrica (o único barômetro intacto foi levado pelo dr. Spix na sua viagem ao Solimões), o declive do Japurá entre o fim das cataratas de Araraquara até as quedas de Cupati (em linha reta 60, com as curvas 69 léguas) tem 130 pés, daí até a foz do Solimões acima de Ega, que se acha 571 pés acima do nível do mar

(em linha reta 100, com as curvas 116 léguas), 70 pés; no total, portanto, 200 pés, numa distância de 160 léguas. Nesta grande extensão o terreno só se eleva em dois lugares, em Araraquara a cerca de 300 pés e na montanha de Cupati a 600 pés acima do nível do rio, portanto a uma altura absoluta de 1.071, respectivamente 1.241 pés. Essas duas montanhas entretanto não aparecem como partes de uma serra comprida, mas só como cumes do terreno que aqui e acolá se eleva e que, em geral, desce num ângulo muito pequeno, de oeste, dos últimos contrafortes dos Andes de Popayan e, no norte, está separado da bacia do Guaviare por uma elevação quase imperceptível, formando a nordeste os cumes donde saem as nascentes do Uaupés. Nessa região desconhecida, cujos medíocres contrafortes para dois tão grandes rios, como são o Orenoco e o Amazonas, já de si mesmos constituem uma singularidade geográfica, acham-se nas grandes planícies pouco inclinadas algumas montanhas baixas isoladas; essas, junto com a formação anômala do canal de comunicação do Caciquiare, com o próprio rio Negro, em forma de canal, e com numerosos lagos, lagoas e rios, que ora se comunicam por meio de canais, ora estão próximos das suas nascentes, são separados só por distâncias muito curtas por passagens terrestres, reunindo-se num raro conjunto geográfico. Araraquara e Cupati são as elevações mais meridionais na bacia do Japurá e ambas quase só ao norte dele começam, enquanto o terreno entre o Japurá e o Içá é baixo e plano e portanto exposto às inundações de ambos os rios. Essa feição curiosa nota-se sobretudo ao se observar das comunicações de afluentes nesta região, pois o Metá, que cai no Japurá acima das cataratas de Cupati, pelo Perité faz junção com o Içá, de maneira que o terreno entre os rios Solimões e o Auatiparaná constitui verdadeira Mesopotâmia, mais que três vezes maior que a Suíça, baixa região de florestas, onde habitam os restos dos parianas, uainumás, passés, jumanas, coretus, etc. A montanha de Araraquara tem a sua continuação ao norte na serra dos Umauás, que forma o declive dos campos pedregosos situados a oeste. Ao lado desta encosta, provavelmente granítica, corre o rio dos Enganos, ou mais corretamente o Tauaximani, e o Cunari (*Cunhari*, rio das mulheres, estropiado em *Comiari*), cujo afluente mais meridional é o rio dos Enganos, para o sul, no Japurá, uma forma de rio que em escala menor tem semelhança com o Orinoco, o qual corre no fundo de um vale que a oeste se perde em lhanos baixos, elevando-se imediatamente a leste, porém, nas montanhas de Parimé. Também a montanha de grés de Cupati eleva-se, particularmente na margem setentrional do Japurá, a uma altura dominando o rio a grande distância e obriga o Apaporis a fazer grande curva para o norte. Na direção norte o terreno torna-se plano de novo e somente numa distância de 8 a 10 léguas se elevam outras montanhas, que, vistas de Cupati, formam três cadeias. Seus contornos se assemelham aos da serra de Cupati: encostas longas, extensas e densamente cobertas de mata. Elas

formam as 16 quedas do Apaporis, que entretanto não são tão altas para impedir o transporte das canoas na água ou por terra; parecem ademais separar o Tiquié do seu rio principal, o Uaupés, e atravessar este último na catarata de Ipanorá. A noroeste desses rios, visíveis também de Cupati, elevam-se isolados os montes graníticos de S. Joaquim de Cuané, no rio Uaupés, a oeste da sua confluência com o rio Negro. Estes montes, de cumes arredondados, frequentemente despidos de toda vegetação no alto e por isso inacessíveis, aparecem aqui e acolá, segundo os relatos de viajantes, no alto rio Negro, e, por sua aparição isolada, explicam-se curiosas formas do terreno, p. ex. a queda de Cojubi neste rio, o qual, a sudoeste, por seu afluente Cunicuriaú se comunica com o canal navegável de Inebu, e por este com o Uaupés, acima de S. Joaquim.

A grande bacia apresenta condições geológicas muito simples. Somente duas formações repontam no vasto território: de grés e de granito. A primeira parece idêntica à que predomina a partir da Ilha do Maranhão e no Pará, na maior parte da bacia do Amazonas, a qual na Alemanha foi designada segundo recentes pesquisas com o nome de grés kéuprico. Ela aparece sob três formas principais: como grés avermelhado, de granulação bastante fina, como grés branco, muito duro e estratificado, e como grés ferruginoso pardacento, avermelhado, amarelado ou arroxeado, que traz transição para grés ferruginoso. A primeira formação, idêntica à que observamos em Barra do Rio Negro e em Coari, parece sobretudo acompanhar o rio até Maripi. Daí em diante, quase só se vê o grés pardo, muito ferruginoso, contendo, em proporções variáveis, caulim ou fazendo transição para jazidas multicores de argila e marga, amarelas, vermelho-rosadas e rubras. Não se percebe inclinação distinta nessa formação. Ela aparece com muitas variantes sobre o granito, que eu encontrei na serra de Araraquara coberto de seis até oito pés de espessura. As jazidas de argila (marga) dessa pedra, em diversos lugares da bacia alta do rio (por exemplo, acima da foz do rio dos Enganos e nos barrancos de Oacari), sobretudo nos sítios onde repousam sobre a pedra viva, contêm depósitos de pirita muito branca, que facilmente se decompõe, ora em bolas, ora em cachos, ora em cristais cúbicos amontoados. Por vezes, um núcleo de pirita está fechado numa casca parda muito dura de grés ferruginoso. Os troncos de árvores, enterrados nessas jazidas de marga, são frequentemente atravessados pela massa de pirita; muitos fenômenos dão indício de que as fontes e riachos, vindos das margens altas para o rio, depositam pirita dissolvida nele, no grés ferruginoso e nesses troncos do leito do rio. Esse grés ferruginoso é dissolvido pelo próprio rio e de novo faz conglomerados em forma de brecha, de fragmentos de quartzo e jaspe amarelo ou vermelho, que nunca encontrei na sua primitiva jazida que forma no rio, aqui e acolá, bancos e barragens. Deve ser inteiramente semelhante à formação no Meriti-paraná, donde me trouxeram também pirita e marga de belas cores. Outra formação de grés kéuprico é o grés

branco de granulação fina, muito duro, que se encontra na montanha de Cupati e talvez também nas montanhas situadas ao norte dela, no Tiquié. As camadas desse grés duro, da espessura variável de algumas polegadas até uma braça, inclinam-se na segunda e terceira hora do compasso de Freiberg de noroeste a sueste, e declinam no ângulo de 20° a 50°, para leste.

A formação de grés na bacia do Japurá é de muito maior extensão do que a primitiva de granito. Só encontrei esta última a oeste do riacho Juí, e está coberta de grés tanto no próprio rio, como em diversos pontos da montanha de Araraquara. O granito, pelo qual o rio serpeia em Poço-açu, e daí para oeste até a foz do rio dos Enganos, é de dureza pouco comum, de granulação fina, de textura semelhante à do pórfiro. Por essa razão, os índios ali moradores fazem machados com ele. Mas o que forma os paredões de Araraquara, verdadeiro granito primitivo, é mais friável e de granulação grosseira. Consiste em feldspato vermelho cor de carne, quartzo esbranquiçado e grandes folhas de mica branca cor de prata. Estratificação não se nota, mas veem-se filões de granito mais fino, mais avermelhado, que atravessam a massa principal numa espessura de um a dois pés, sobretudo na direção de norte a sul e de oés-noroeste para su-sueste. Mais adiante, para oeste, deve seguir-se à formação do granito a de micaxisto; pelo menos, encontrei seixos rolados desta pedra no leito do Japurá em Araraquara e na foz do Apaporis, no qual, segundo afirmação dos índios, também aparece uma pedra igual ao granito de Poço-açu.

É este o lugar para discutir a eventual riqueza em metais desta região. Que aparece ouro no Apaporis, particularmente no seu afluente Traíra, e numa das suas nascentes, o Oumiari, foi-me terminantemente assegurado pelo tuxaua dos coretus, Pachico, e depois por diversos índios; de fato, podia ser lavado o metal das areias do rio. Nada se opõe à opinião de que, nessas regiões, a formação do grés ferruginoso seja enobrecida de ouro, tal como em grandes extensões de Minas Gerais e São Paulo. Essa formação também aparece naquelas províncias, por vezes quase completamente destituídas do nobre metal, enquanto que em lugares vizinhos se tirou abundante colheita. Além disso, o aparecimento de formação tão cristalina do grés, como a que observamos nas camadas da montanha de Cupati, não poderia ser indício do enobrecimento da vizinha montanha? Não poderia esse grés ser portador de ouro? O aparecimento de areia branca em Minas não raro é considerado como sinal de grande riqueza contida no solo. Ademais, poderia o ouro aparecer também em filões de quartzo, ou de mais recente formação, ou mesmo no granito. Ocorrência da primeira espécie parece haver nos filões de quartzo do rio Turi (província do Pará), donde obtivemos belos exemplares.

A bacia do Apaporis, bem como, no norte desse rio, até o Uaupés (Ucaiari), é também um dos países de Manou (Manauá), miragem como tantos outros, que aparece na história da conquista e descobrimento da América.

.....

Capítulo V

RELAÇÃO DA VIAGEM DO DR. SPIX PELO RIO NEGRO, DESDE BARRA DO RIO NEGRO ATÉ BARCELOS, E REGRESSO AO PONTO DE PARTIDA

A 11 DE FEVEREIRO, parti de Barra do Rio Negro¹. Em breve, deixava à minha direita a foz do pequeno riacho de Ajurim, que, a uma légua no interior, forma uma cachoeirinha, lançando-se aqui no rio, acima da povoação. Na margem meridional do Rio Negro deságua, pouco abaixo de Barra, um estreito furo, o Xiporena, o qual, quando o Negro está cheio, estabelece comunicação para pequenas montarias, entre esse rio e o Solimões, tendo-o Arrowsmith desenhado muito grande demais. Dali me apressei para um dos estreitos, que esse rio forma, às vezes ao modo dos vasos linfáticos. Alcancei-o perto do meio-dia. Aqui no lugar onde o rio se reduz a 1/4 légua de largura, existe ao lado meridional o sítio de Paricatuba, pertencente ao ouvidor. Mais para dentro, à margem setentrional, está Tarumã, fazenda do governo, fundada pelo Governador Vitório da Costa. Daqui em diante, vai-se alargando o rio, que, em Barra, tem apenas 1/2 légua de largura. Acima de Barra, elevam-se as margens até

1. Hoje, Manaus.

20 ou 30 pés de altura, e consistem em um grés ferruginoso. O rio Negro começa a encher mais tarde do que o Solimões. Este último só costuma fazer o seu primeiro repiquete em meados de novembro, e começa a encher, sem interrupção, desde o fim desse mês, enquanto todos os rios que se lançam no Amazonas, vindos do sul, como o Madeira, o Purus e outros, já no fim de outubro estão enchendo. O rio Branco é o que tem a enchente mais tardia, isto é, em fevereiro. Daí a razão por que os habitantes colhem a manteiga de tartaruga primeiro no Madeira, depois vão ao Solimões, e por último ao rio Branco. Em Barra, o rio havia crescido uns 12 pés de altura; depois de uma viagem de cinco dias, encontrei, rio acima, a maioria das ilhas e as margens, baixas, cobertas de arbustos, já debaixo de água. Asseguram que as enchentes do rio Negro sobem a 30 pés de altura. Esse rio tem as águas todas negras, de cor semelhante ao líquido que escorre dos currais. A sua profundidade mede entre Barra e Barcelos 18 a 19 braças; mais a montante, oito a nove braças. O seu declive é muito pequeno, de sorte que mais parece lago do que rio corrente; porém o mais fraco vento faz levantar vagas, durando a agitação muito mais tempo do que no Solimões; se o vento é mais violento ou é mesmo temporal, o movimento das suas águas é igual ao das do mar, assustando os navegantes. Este é também o único perigo até Santa Isabel, onde começam a aparecer no rio bancos e violentas corredeiras, e mais acima estão as cachoeiras. Neste rio, nada se tem a recear dos desabamentos de barrancos, de troncos de árvore deitados perto da margem ou boiando no rio. Também é livre de toda praga de insetos (carapanãs, piuns, maruís, mutucas, brocas e formigas), que são o flagelo do Solimões; entretanto, isso só até Santa Isabel, pois, daí em diante, até às nascentes, aparecem os piuns em enxames enormes e também não faltam as espécies branca e escarlate quase invisíveis de acarus, o mucuim, que penduram no capim e se apegam aos transeuntes, produzindo com as suas picadas uma comichão intolerável e, depois, pequenos tumores. Em contraste com o Solimões, cujas margens estão em grande parte expostas às inundações e quase sempre são pantanosas, o rio Negro tem margens limpas, arenosas, secas e terrenos mais altos, particularmente do lado meridional, onde as terras elevadas, pedregosas, descem frequentemente em declive suave de 200 a 300 passos, numa clara margem arenosa, revestida de árvores anãs

e de arbustos ralos, que é uma espécie de campo, seguindo-se logo a mata mais alta e mais densa. Essa mesma mata não é irregular, como a do Solimões, composta de árvores pequenas e gigantescas, de arbustos, embaúbas, palmeiras, etc., da maior diversidade de árvores e do mais variado colorido. É, ao contrário, regular; as árvores são de tamanho mediano com a uniforme tonalidade e brilho das folhas espessas, como as das lauráceas, de sorte que esta floresta mais parece umas arcadas contínuas, sob as quais se pode passear à vontade. Pena é não serem essas magníficas praias semelhantes a campos, nem essa aprazível mata animada por quase pássaro algum, mas apenas por muito poucos macacos. Pelo fato de o Solimões adubar muito mais as suas margens e serem elas gordas e férteis, parece que todos os seres vivos correm para ali. Quando navegávamos no Amazonas e Solimões, nunca nos faltava caça, e cada lanço da tarrafa nos trazia 50 a 100 peixes de diversos tamanhos. O contrário se dá nas águas escuras do rio Negro. Nem a mata nem as águas oferecem presas, e pode-se estar a pescar o dia inteiro, sem apanhar um só peixe. A isso juntam-se o silêncio e uniformidade da floresta, a cor negra da água, o que torna melancólica a viagem e só favorece a meditação. Também o Solimões é muito mais fresco e nele as doenças são menos malignas. Por outro lado, o clima do rio Negro, de Airão em diante, é estranhamente mais quente, e as febres são tão malignas, que matam no espaço de três a quatro dias, tanto que, de alguns anos para cá, se despovoaram ali quase todos os lugares. Em Carvoeiro, Moura, Barcelos, morreram e ainda morrem de febre perniciosa grande número de pessoas. Na verdade, também a extraordinária fertilidade do Solimões faz com que, apesar de todos os carapanãs e de outras pragas, as suas povoações sejam muito mais habitadas do que as do rio Negro. Nas margens pedregosas e mais secas deste último, não medram senão a mandioca, o café, o anil; e, de Santa Isabel para cima, aparecem abundantes as favas de pixurim e a piaçabeira. Estes produtos prosperam aqui excelentemente, num clima para o qual parecem criados, porém até hoje pouco têm sido cultivados e utilizados. Também milho, feijão, batata-doce, melancia, ananás, dão bem aqui, e as castanhas-doramaranhão encontram-se em abundância; por outro lado, só se vê aparecer a salsaparrilha no interior, isto é, no rio Padauri, e para os lados do Japurá, algum cacau e baunilha, que é colhida em agosto, como também

a manteiga de tartaruga, no rio Branco. Quantos outros produtos oferece, de seu lado, o Solimões! Afora o pixurim e a piaçaba, encontram-se neste todos os demais, e, além disso, cacau, salsaparrilha e manteiga de tartaruga em quantidade, assim como o peixe-boi e o pirarucu, que se exporta salgado até o Pará, e que, ao longo do Solimões e do rio Negro, constitui, com a farinha, o principal alimento da população. Ambos os rios têm os seus baixios mais para o lado setentrional, e o Negro; também aí, maior número de igarapés e lagos; na margem meridional destes dois rios é que se acha a maioria das povoações. Sobretudo, o que é o caso do rio Negro, acham-se Airão, Moura, Carvoeiro, Poiares, Barcelos, todas à sua margem meridional, ao passo que na setentrional, em toda esta extensão, há apenas alguns sítios, entre os quais o de Tarumá, duas léguas distantes de Barra, destacando-se pelo lindo panorama do rio. Há ali plantações de pixurim, canela, goiaba e café; pena é ser pedregoso o terreno e não prosperarem nele aquelas árvores nobres. Mostraram-me aqui uma suposta quina; era, porém, a *Quassia amara*. Embora não esteja num dos melhores lugares esta plantação, pode, entretanto, servir de animador exemplo, assim como algumas outras das cercanias de Barra, que produzem anualmente 500 arrobas de café e algodão.

Viajando pela margem setentrional, a montante, cheguei, no primeiro dia, até à boca do grande lago Poiauaru, depois de ter passado pelos canais orientais de Anavilhana. Na margem meridional, desemboca o furo de Ariaú (Guariaí, Guariboca), que atualmente leva as águas amarelas do Solimões para as escuras do rio Negro, e tem de 30 a 40 pés de largura². Do furo de Ariaú alcancei, em três dias, o lugar de Airão, situado a meio caminho, entre Barra e Barcelos. Até à vizinhança desse lugar, aparecia nas margens, que às vezes se elevam, sobretudo do

2. Além dessa comunicação entre os dois rios, existe ainda aquela, já mencionada, do Xoborena, e finalmente três outras, a saber, a pelo igarapé Xauanari, que corta o delta pouco abaixo da vila da Barra e desemboca na costa, chamada Caldeirão, no Solimões, e mais pelo rio Jaú, que acima de Airão leva as suas águas negras ao rio principal e cujo braço oriental pelos habitantes é chamado Carapuani e está ligado ao lago Cudaíá. Uma quinta comunicação representa o Unini (Anani) com os lagos Atiniuené.

lado meridional, a 50 pés de altura, o mesmo grés ferruginoso, a modo de brecha, e, abaixo desse, o mesmo grés mais compacto e avermelhado que havíamos observado por toda parte até aqui. Aparece esse grés aqui e acolá, em cumes partidos e em bancos, nos canais ou no próprio rio. Acima de Airão, predomina um granulito, do qual os habitantes se servem como pedra de amolar. Além dessa, dizem que também aparece mais uma pedra preta, muito pesada e dura, que, entretanto, não cheguei a ver, pois estava coberta pelo rio. Na margem setentrional, só, aparece o grés até abaixo da foz do Anavilhana, onde se eleva, formando as colinas chamadas serra de Araraquara; mais adiante, predominam as águas, e o terreno, nas bocas do Anavilhana, é cortado por tantos riachos, canais e lagos, que do lado do norte se navega a montante, durante dois dias de viagem, por entre ilhas. Aí, assim como mais a noroeste, perto de Airão, tem o rio às vezes, com as suas numerosas ilhas, três a quatro léguas de largura. Airão³, cujos habitantes eram, sobretudo da nação aroaqui, os quais em parte vivem ainda livres à margem setentrional do rio, conta apenas umas 30 palhoças miseráveis. Como no ano passado, sofreu o povoado incursões e devastações por parte de índios bravios daquela tribo. Encontrei os casebres desse lugar em grande parte fechados, e prossegui viagem, ainda no mesmo dia, até à foz do Jaú. É surpreendente o contraste das imediações com as do Amazonas. As plantas das margens secas e arenosas parecem muito diversas das deste último rio. Uma mimosa, com tufos de flores alvacentas, uma melastomácea de flores rubras, e a piquiarana (*Caryocar glabrum*), com as quais podem ser entorpecidos os peixes, predominam naquelas margens. Atualmente, as árvores estão quase todas floridas ou com frutos. Também o arbusto ipadu (*Erythroxylon coca*) cresce aqui assim como outro que dá tinta vermelha, a *caá-piranga* (“folha vermelha”, *Bignonia chita*), o *macucu* (*illex macucu*), cujos frutos esmagados dão tinta preta,

3. Airão, segundo D. Frederico Costa (“Carta pastoral”, pág. 127), chamou-se anteriormente Santo Elias de Jaú, em que se transformou a primitiva aldeia de Tarumá, fundada em 1669 por Pedro da Costa Favela e pelo mercenário F. Teodósio, com indígenas tarumás e aruaquis, à margem esquerda do rio Negro, nas imediações de Aiurim. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

usada para esmaltar as cuias, e o jenipapeiro (*Genipa americana*). É esta a árvore com cujo suco os passés, júris e outros fazem a tatuagem; os maués, ao contrário, enegrecem o pontilhado da tatuagem com a fuligem da fumaça do jenipapo. No sexto dia, cheguei à vila de Moura⁴, atualmente a povoação mais populosa do rio Negro, entre cujos habitantes se acham particularmente muitos descendentes da tribo dos cariaís, barés e manaus. Por causa da grande mortalidade, que reina este ano em todo o rio, desaconselharam-me aqui os moradores a viagem. Um pouco abaixo da vila de Moura, aparece outra formação, isto é, um granito maciço (gnaisse granitoide). Ilhas convexas e blocos desse granito aparecem aqui e acolá. Aqui, porém são muito menos numerosas as ilhas do rio. Sobre a pedra nascem muitos pés de ananás e outras espécies de bromélias, assim como clúsias e outros arbustos de folhas grossas. Moura está quase que num plano, construída em meio círculo. Como todas as vilas, ela tem dois juízes (um para os brancos e outro para os índios), um vigário e um comandante. Num curto dia de viagem a montante, situa-se o lugar de Carvoeiro, igualmente à margem meridional do rio, que aqui tem o leito estreitamente em meia légua, em cujo lado oposto, quase fronteiro à povoação, se apresentam as três bocas inferiores do Rio Branco. Carvoeiro⁵ é habitado por algumas famílias das tribos dos manaus, cariaís e coretus. Acima de Carvoeiro, cessa o granito; veem-se as margens constituídas só de fina tabatinga, e as ilhas de novo se tornam mais numerosas. Daqui, tinha eu ainda três

-
4. Moura teve antes a denominação de Santa Rita de Cássia de Itarendaua. Conforme Araújo e Amazonas (*ob. cit.*, págs. 167-168), foi primitivamente uma aldeia de índios cariaís, missionada pelos carmelitas, à margem esquerda do rio Uarirás, “donde se trasladou para a atual situação, tomando da natureza de seu terreno o nome de Pedreira”. Cumpre-nos dizer que, realmente, Itarendaua é o vocábulo com o qual, no tupi amazônico, se designa a “pedreira”. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.).
 5. É a antiga freguesia de Santo Alberto de Aracari. Foi fundada à margem oriental do Caburi (conta-o Araújo e Amazonas, *ob. cit.*, pág. 61), graças ao sargento Guilherme Valente, que submeteu os silvícolas ali residentes (manaus, paravianas e uaranacua-cenas), tendo até recebido em casamento a filha de um dos tuxauas. Foi o primeiro governador de São José do Rio Negro, Joaquim de Melo e Póvoas, quem deu o nome de Carvoeiro. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.).

dias de viagem até Barcelos, aonde cheguei a 21 de fevereiro, depois de ter passado, na véspera, pelo pequeno lugar de Poiães. Aquela vila, outrora florescente povoação principal da província do Rio Negro, hoje apresenta somente ruínas dos edifícios pertencentes ao Estado, e, ao todo, não mais de algumas centenas de habitantes, tanto a devastaram as contínuas febres intermitentes. Também atualmente reina aqui essa doença. O comandante ofereceu-me a casa, mas acrescentou que terá, hoje mesmo, a infelicidade de perder a mulher, vítima da endemia, de sorte que naturalmente não pude aceitar o desanimador convite. Eu mesmo senti, já no segundo dia de estada ali, tal peso na cabeça e nos membros e tão grande desalento de espírito, que julguei prudente, ainda nessa mesma noite, iniciar a viagem de volta. Apenas havia feito um dia de navegação, na aragem fresca do rio, me senti melhor e mais disposto, e pude percorrer algumas fazendas da margem meridional. Na margem setentrional, encontram-se muitos riachos e lagoas. Em Carvoeiro, atravessei, o rio e entrei por uma das suas bocas superiores no Rio Branco, que começava de novo a encher. Naveguei um trecho do rio, a montante, e voltei, por uma das suas bocas inferiores, ao rio Negro. A correnteza do rio Branco é aqui, pelo menos, quatro vezes mais forte que a do rio Negro. A nossa montaria, transportando nove pessoas, ganhou em três minutos a distância de $2 \frac{3}{4}$ braças. A temperatura da água do Rio Branco, que é um tanto mais clara do que a do Solimões, encontrei-a então a $21 \frac{1}{2}^{\circ}\text{R.}$; a do rio Negro, a $21 \frac{4}{5}^{\circ}\text{R.}$; a da atmosfera, a $22 \frac{1}{4}^{\circ}\text{R.}$ Os habitantes ainda se ocupavam, no momento, com o preparo da manteiga de tartaruga.

6. Barcelos foi primitivamente uma aldeia de manaus, com a denominação de Mariuá. Foi a primeira sede da capitania de São José do Rio Negro, criada em 1757. Ali nasceu Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha (1769-1811). (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.).



Os juris-tabocas (1) habitam o alto rio Japurá. A leste deles achamos os coretus (2), cujo chefe se vê na gravura. A moça da tribo dos passés (3), das margens do rio Solimões, traz o distintivo nacional, a mancha quase oval tatuada no rosto; os seus traços são, como os da tribo inteira, delicados e regulares. Os coerunas (4 e 5) são tribo fraca, na região do Miriti-Paraná, confluyente do rio Japurá. Distinguem-se por sua ornamentação de penas.

Taxuruna. Tribo feroz e guerreira do rio Javari. Testa e bochechas são tatuadas com laços; nas narinas, nas orelhas e no lábio inferior estão encaixadas rodela; nos lábios estão espetados pequenos espinhos de palmeira. Em cada canto da boca, uma comprida pena de arara.



Durante a minha viagem, estavam em flor os mandiocais; por outro lado, já davam fruto o milho, o arroz, o café, o cacau, a salsaparrilha. O arroz dá duas vezes ao ano; o milho só é plantado uma vez. A mandioca fica um ano inteiro na terra; depois de desenterradas as raízes, os restolhos são queimados e a roça plantada durante 3 anos só de bananeiras, mamona, etc. A cana-de-açúcar brota anualmente dos tocos que ficam na terra, e muitos anos seguidos faz-se o corte das mesmas roqueiras, quando se preenchem por novos olhos as lacunas das que morreram. Pouco a pouco, entretanto, se vão tornando muito duras e lenhosas as canas; arranca-se, então, todo o canavial. Os pés de café duram de quatro a cinco anos, e já dão colheita no primeiro ano; colhem-se os frutos duas vezes ao ano. O milho é plantado antes do tempo das águas, por exemplo, em novembro. Deitam-se três grãos em cada cova, e de cada semente nasce um pé, produzindo em geral cada um três a quatro espigas, que amadurecem ao cabo de dois meses. Via Moura, regressei de novo a Airão, onde o caçador Quintiliano, que eu havia despachado para a margem setentrional do rio, se encontrou comigo. Trouxe-me ele, entre outras raridades, o macaco de cauda curta (*Surtia satanas*). Embora raras, encontram-se no rio Negro as espécies de macacos do Solimões, assim como belos mutuns e outras galináceas. As mais poderosas nações do rio Negro eram outrora a dos aroaquis, na bacia inferior, a dos manaus, mais a montante, e a dos barés, de Santa Isabel até às fronteiras. Estas últimas tribos estão quase completamente submetidas, e desapareceram no cruzamento com os colonos. Mal se encontra algum indivíduo que ainda fale a língua deles. A 26 de fevereiro, regressei de novo à Barra do rio Negro.

NOTAS DO CAPÍTULO V

O que tenho para acrescentar à Relação de viagem do meu companheiro sobre o Rio Negro é principalmente a sùmula das descrições que me fizeram dois inteligentes moradores da Barra, o Sr. Kùfner Teles, então ajudante do governador, e o Sr. Anveres de Corte Real, nos quais posso confiar, tanto mais que verifiquei concordarem com as notícias publicadas por Monteiro e Ribeiro, e com os mapas de Simões e Vitório da Costa. Vão aqui essas observações, reunidas sob dois pontos de vista gerais.

I – *Sobre a geografia do rio Negro.* – Todas as informações sobre as margens, direção, correnteza e profundidade do rio Negro dão probabilidade à minha opinião de que esse caudal, na sua parte inferior, apresenta um sistema de antigos lagos interiores, que, só pelos afluentes, tomou a feição de rio independente. Da sua foz no Solimões até Santa Isabel, deve-se admitir pelo menos quatro grandes bacias, nas quais o rio se alarga por vezes. Em Fortaleza da Barra, tem ele apenas meia légua de largura; em Paricatuba, estreita-se mais, não passando de um quarto de légua, depois alarga-se em Tarumã, e mais ainda a várias léguas até Airão, onde essa primeira bacia termina. Inúmeras ilhas surgem, mormente junto às margens, entre as quais se faz uma viagem segura. A margem meridional é aqui mais alta do que a setentrional, e as suas ilhas estão mais livres das enchentes do que as do extenso arquipélago de Anavilhana (mais corretamente *Anauenê*), na costa setentrional. Acima de Airão, onde, em vez dos bancos de grés, ocorrem ilhas convexas de granito, o rio apresenta como que um canal, com menos ilhas, o qual liga a bacia inferior à segunda. Esta começa em Moura, onde a margem se abaixa, abrange as bocas do rio Branco, e, de novo, se estreita em Carvoeiro, onde se estendem bancos nus de granito e morros, até longe, dentro do rio. Acima desse estreito, recuam as margens, que se elevam em Poiares, e aqui as águas negras, em extraordinária largura, de cinco a seis léguas, formam uma grande bacia, cuja extensão parece ser tanto maior por ser pequeno o número de ilhas. Barcelos está também situada nessa bacia, cujo estreitamento entre Poiares e Barcelos é iniciado pela ocorrência de grupos de rochas e ilhas, que formam canais entre ambas as vilas. Acima de Barcelos, elevam-se os paredões de granito até Moreira; abaixam-se de novo em Tomar, e igualmente surge de novo no rio um maior número de ilhas. De Lama Longa até Santa Isabel, estende-se o rio, pela última vez, entre margens arenosas, não muito elevadas (análoga série de lagos oferecem na mesma região os rios Uarirá e Atauí). Na sua parte inferior, não tem o rio Negro quase correnteza; antes parece um lago morto. Só quando recebe ele o impulso de poderosas afluições do rio Branco e outros, é que toma fraca correnteza, que, a montante, até Maçarú-

bi, onde se acham as primeiras corredeiras, aumenta, e acentua-se ainda mais na própria região das corredeiras e cachoeiras, desde Maçarubi até a foz do Uaupés; porém, daí até a reunião com o canal Caciquire, descendo impetuoso para o sul, diminui novamente. Pena é me faltarem mais exatas informações sobre a rapidez do rio Negro nos diferentes pontos, mas as altitudes barométricas, verificadas em São Carlos do rio Negro e Barcelos, indicam queda extremamente pequena de 213 pés entre ambos estes lugares. O Sr. von Humboldt encontrou na primeira vila a altura de 762 pés; a de Barcelos é estimada, segundo as observações barométricas feitas por von Spix, em 549 pés; a de Barra, em 522 pés. Numa extensão de, no mínimo, 200 léguas, o declive é só de 11/5 pés por légua. Com essa opinião sobre a natureza do rio Negro, também concorda a da profundidade, naqueles alargamentos em forma de bacia, que em muitos pontos, particularmente no meio, montaria a 50 ou 60 braças, ao passo que, na região das corredeiras e quedas, quando muito chega a oito ou nove, e, perto da foz do rio, fica entre 18 e 19 braças. Já frequentemente mencionamos, nesta narrativa, a cor negra das acumulações fechadas de águas tranquilas, que tantas vezes se encontram nas províncias do Pará e rio Negro; não concorre também essa circunstância em favor de nossa hipótese? Prova-se que os portugueses já bastante cedo tinham noção certa da ligação do rio Negro com o Orenoco (que eles, segundo Ribeiro, § 304, já conheciam em 1725 e 1726, e a qual indicaram em 1744 ao jesuíta espanhol Manuel Romano).

Acrescentarei aqui um extrato sobre as comunicações de fronteira, como eram em 1817 entre o Brasil e as províncias espanholas no rio Negro, e Orinoco e a colônia inglesa de Essequibo. É da laura do então governador da província do rio Negro, o Sr. José Joaquim Vitorino da Costa, a cuja bondade devo a descrição:

“Atualmente (1817), o único caminho para os nossos vizinhos espanhóis da Guiana às nossas fronteiras é pelo Orenoco e rio Negro. Eles navegam no primeiro, a montante, até ao povoado de São Fernando de Atabapo, na foz do rio de La Montaría, e neste até a aldeia de Yavitá (Jabitá); fazem então meio-dia de viagem, por terra, até a região entre Yavitá e o rio Negro (ao qual eles chamam La Montaría), por uma estreita senda aberta na mata; descem então pelo rio Negro, e tomam pelo canal Caciquire acima, onde eles podem visitar-lhe as aldeias em ambas as margens. O caminho a princípio conhecido, e antigamente mais frequentado, mas abandonado hoje, seguia pela direção oposta; seguia de São Fernando de Atabapo, pelo Orenoco acima, até a foz superior do Caciquire, e depois por este último, descendo para o rio Negro. Tinham então que subir pelo Orenoco 30 dias de viagem e descer 15 dias pelo Caciquire, e passavam por mais perigos no Orenoco, além de ter que reçar os índios bravos,

e contavam com menos auxílio, pela falta de aldeias. Neste caminho do Orenoco, tudo é menos perigoso, abaixo das cachoeiras de Atures e Maipures; acima delas, o canal é desigual e escabroso para as embarcações; poucas colônias existem e são pouco habitadas; nos campos, não há gado bovino; escassa é a pesca do rio, e há muitos índios hostis pelas cercanias. Os saltos de Atures e Maipures opõem grande estorvo à navegação, pois tudo precisa ser descarregado e levado por terra até mais adiante. Quando os espanhóis queriam armar com artilharia o seu forte de Santo Agostinho, gastou a expedição seis meses na passagem das cachoeiras, e só a metade da guarnição alcançou a fortaleza da fronteira, que deu motivo para o estabelecimento do nosso forte de São José dos Marabitanas.

Outrora vinham os espanhóis de Angostura de la Nueva Guiana até Conucunumá, ou Esmeraldas, no Alto Orinoco, através de matas e campos, por uma picada que tocava em diversas missões de índios. A viagem de 15 dias, atravessando o rio Caúra e vários riachos, subindo montes e descendo por um terreno alto e desigual, é muito penosa. Atualmente, apenas se encontram missões entre a capital e o rio Caúra, e só neste trecho é a estrada aberta e frequentada; os índios das missões, sitas entre o Caúra e Esmeraldas, exterminaram os seus missionários e os restantes espanhóis, não se reconhecendo mais o antigo caminho.

II – *Sobre a etnografia.* – Contam-se, no mínimo, cinquenta tribos diferentes de índios que ainda atualmente habitam as matas solitárias, nas duas margens do rio Negro, bem como as belas campinas do rio Branco. Essas tribos, antes de terem sido em parte conduzidas às aldeias pelos portugueses, ou por eles hostilizadas e repelidas, estavam tão enfraquecidas por combates entre si e contra os belicosos caraíbas invasores, vindos pela montanha de Parimé, que não puderam resistir aos imigrantes, embora fossem estes em muito pequeno número e justamente as tribos mais poderosas; sentindo a necessidade de civilização superior, mais depressa se aliaram aos brancos, e, por isso, perderam a independência. Era geral o costume da antropofagia entre todos os índios dessa grande bacia, e sem dúvida havia concorrido, além da insalubridade do clima, para o despovoamento daquela região. As pequenas hordas e tribos, que ainda hoje se conservam em liberdade ali, habitam particularmente entre o Uaupés e as nascentes do Rio Negro. Todos eles são índios do mato (em espanhol, “índios del monte”), de gênio ainda mais taciturno do que os “índios camponeses” (em espanhol, “índios andantes”), e relativamente mais numerosos. Eles mudam de domicílio, ora por motivo da subsistência, ora por causa de guerra com os vizinhos, e às vezes aparecem à beira do rio hordas, que nem pelo nome eram antes conhecidas. Ali ficam domiciliadas, ou continuam a migração, conforme apraz a cada uma. As epidemias devastadoras, a que estão expostos os povoados do Brasil, e cujo aumento de vinte anos para cá teve por consequência o despovoamento de muitos lugares

e vilas, antes florescentes, grassam também, cada vez mais, entre essas tribos selvagens, o que particularmente vale para as bexigas. Assim, p. ex., já estão extintos os tarumás, os uaranacuacenas e os uariras, e mesmo dos manaus e barés, outrora tão poderosos no rio, atualmente só poucos ainda viveriam em aldeias distantes na margem ocidental do rio. Quando os portugueses, no quarto e quinto decênio do século passado, começaram a expandir-se, as seguintes tribos dominavam na bacia: 1) Os aroaquis, ao longo da margem setentrional, desde a foz do rio Negro no Amazonas até a foz do rio Branco, e daí a leste até Silves. 2) Os manaus, em ambas as margens do rio, desde a foz do rio Branco até a ilha Timoni. 3) Os barés, daí a montante até a foz do Içana. 4) Os uaupés e uerequenas do rio Uaupés. 5) Os banibas (manibas), entre o Uaupés, Içana e as nascentes do rio Negro. 6) Os parauanas, no baixo rio Branco. Os aroaquis (aruaquu) em geral são descritos como uma das mais belas e poderosas tribos de índios. Não habitam só nas matas, mas saem também para os campos e frequentemente causaram grandes prejuízos aos rebanhos do governo do rio Branco. Embora algumas famílias deles tenham sido aldeadas em Silves e nas povoações do rio Negro, persiste a disposição hostil contra os brancos entre eles, cuja última explosão se viu no assalto a Airão. Os manaus (erroneamente, manoa) eram a mais poderosa nação, quando os portugueses encetaram a conquista do rio Negro e talvez não se submetteriam tão facilmente se não fossem acoitados por dois dos seus inimigos, os barés e os caripunás. Parece que se acharam no mesmo nível de civilização com os capevas e sorimões e sua língua (não a dos chapuenas, como diz la Condamine) era falada no rio Negro tanto como no Solimões e Amazonas o tupi, pela qual aliás foi suprimida (Monteiro). Ajuricaba, chefe poderoso dos manaus no rio Branco, se aliava com os holandeses de Essequibo. Navegava com os seus sob a bandeira holandesa o rio Negro inteiro, assaltava as colônias e vendia os prisioneiros assim obtidos aos seus aliados. Quando finalmente (no tempo de João da Maia da Gama) foi levado preso com 2.000 índios e em ferros ao Pará, saltou, depois de frustrado um levante na embarcação, no rio para morrer voluntariamente (Ribeiro). Desde aquele tempo a tribo dos manaus parece enfraquecer-se cada vez mais, aproximando-se de sua dissolução. Creem em dois entes supremos, mauari, a fonte do bem, e saraua, do mal (Monteiro). Os barés eram tal como os precedentes, seus inimigos, antropófagos, porém de índole mais suave. Sua língua, um dialeto do manau, era também em uma ou outra parte falada no alto rio Negro; agora, entretanto, desapareceu. Ambas as nações não tinham marca distintiva, que em geral são mais raras nos índios desta bacia do que nos seus vizinhos do Japurá e Solimões. Os uaupés são descritos como tribo particularmente selvagem, poderosa, de vários milhares de indivíduos, antropófaga, que mesmo agora ainda de vez em quando sai das suas matas, no Uaupés, assalta e destrói os povoados.

Monteiro e Ribeiro relatam que talvez neles hajam vestígios de um sistema de castas, cujos graus indicaria o comprimento de uma pedra lisa, branca, trazida numa corda ao pescoço. A pedra dos chefes teria meia polegada, a dos nobres mais curta e ainda menos a dos vulgos. Aliás, os uaupés perfuram as orelhas e o lábio inferior. Contam os mesmos escritores dos uerequenas (arequenas, uarique-nas, ariguanes, areguenas) que perfuram igualmente as orelhas e as adornam com tufos de palha, que lembram antigas relações com os europeus pelos seus nomes (Joab, Jacobé, Iacobi, Tomé, Tomequi, Davidu, Joanau e Marianaú). Embora antropófagos, usariam, como os antigos peruanos (quipos), cordões com nós, pelos quais não só saberiam indicar números, mas também outras ideias. Os índios da tribo dos decanas, tarianas e uaupés, que estão em contato com os índios do Guaviare, foram vistos com adornos de ouro nas orelhas, que teriam recebido das montanhas de Nova Granada (Ribeiro). Os caraíbas antigamente apareciam nas suas incursões no rio Negro, descendo ao longo do rio Branco. Algumas das suas hordas parece que ficaram desde aquele tempo entre os outros habitantes. A estas pertencem particularmente os guaribas (provavelmente é mais correto no tupi uaraúva, “senhores”, derivado de maneira análoga como jacuma-uva, “piloto”), que habitariam no rio Uraca. Os caraíbas são mencionados no rio Negro com vários nomes: cariponás, caripunás, caribuás. Ribeiro conta que aqueles que moram no rio Branco conhecem o uso das espingardas que permutam com os holandeses. O Sr. Kuefner Telles mais de uma vez recebeu visitas de caraíbas no forte S. Joaquim de Rio Branco, que andavam nus; salvo o suspensório, só traziam uma coroa fina de cabelos como os franciscanos e eram armados de arcos e flechas. Os parauanas, no baixo rio Branco, antigamente eram uma tribo bastante espalhada. Foram os primeiros a serem levados pelos colonos em descimentos e gozam de preferência entre os quenicarus, ou índios mansos, pela sua fidelidade e habilidade. Ordinariamente são chamados paravilhanos. No estado de liberdade trazem na testa uma cruz tatuada e traços em forma de ganchos na face e, às vezes, um traço dos olhos às orelhas. Tatuagens semelhantes, particularmente linhas curvadas, dos cantos da boca às faces, têm, entre os índios habitantes do rio Branco, os uabixanas, pauxianas e tapicarés; os macunis e ananais, também no rio Branco, não têm tatuagem alguma.

Aliás, não resta dúvida de que os grupos habitantes do rio Negro, em períodos que não podem ser determinados, fizeram diversas migrações para o norte e para o sul, e, pelo contato e guerra com os vizinhos do Amazonas e Solimões, provocaram o extraordinário desmembramento, isolamento, dispersão e mistura, que dificultam hoje, de modo tão singular, qualquer investigação acerca do seu estado primitivo. Nesses recíprocos atritos, as tribos pouco a pouco podem ter perdido os seus costumes e usos individuais, desenvolvendo-se numa

população essencialmente homogênea, só se diferenciando na língua, que deve ser considerada como instituição da família.

Sumário dos índios que habitam nas povoações do rio Negro

Fortaleza da Barra do Rio Negro (antigamente situada perto de Tarumá, aroaqui, baré, baniba, passé, juri, coretu, macuná) iupuá, coeruna, uainumá, cauari, marauá, jumana, catauixi, amamati, miranha, tarumã +

Lugar de Airão	Aroaqui, tatu, manao, coretu, juri, passé, uainumá, jumana, miranha, uaranacoacena + (maranacuacena).
Vila de Moura	Caraias (caraiaí), manau, coeruna, juma, júri, passé, uainumá.
Lugar de Carvoeiro (Aracari)	Manau, parauana (paravilhana), maranacuacena.
Lugar de Poiares (Cumaru)	Manau, baré, passe juri.
Vila de Barcelos (Mariuá), 1758, capital da Manao, baré, baianai (baiana), uariquena, passe, júri, província	uainumá, jumana.
Lugar de Moreira (Cabuquena)	Manao, baré, uaipiana, passé.
Lugar de Lamalonga (Dari)	Manao, baré, baniba (maniba). Vila de Niianao,
Tomar (Bararóá)	baré.
Lugar de S. Isabel	Uaupé (goaupé, oapé), manao.
Lugar de N. S. das Caldas	Uaupé, manao, macu, mepuri.
Lugar de S. Antônio do Castanheiro	Mepuri, macu, baré.
Lugar de S. João Nep. do Camundé	Baré.
Lugar de S. Bernardo	Baré.
N. S. de Nazaré do Cariana	Mepuri, airini, baré, macu.
Lugar de S. Gabriel	Baré.
Lugar de S. Miguel do Iparana	Baniba.
Lugar de N. S. da Guia	Baniba.
Lugar de S. João Bat. do Mabe	Baniba, marabitana.
Lugar de S. Marcelina	Baniba, baré, marabitana.
Presídio S. José dos Marabitanas	Marabitana (marabutena).

As tribos marcadas com + atualmente parecem totalmente extintas.

Nota-se, nos topônimos, desde a foz do rio Negro até o Orinoco, mistura de muitas línguas, e, de fato, parecem entrecruzar-se ali principalmente a tupi e sua irmã, a omágua, a manaus, a tamanaca e a maipure. Como, aliás, não se acham construções antigas na grande bacia do rio Negro e como, além disso, não existem, entre todas as numerosas tribos que vivem ali, vestígios de adoração do sol, nem de outro culto desenvolvido, nem de classe sacerdotal dominante, nem de famílias principescas hereditárias, e outras condições semelhantes, deve-se duvidar, com razão, de que tenha havido relações regulares entre aqueles rudes selvagens e os muíscas de Bogotá ou os peruanos. Esses povos, cuja alta civilização isolada é um duplo enigma, só raramente terão descido dos seus vales alpinos e planaltos às cálidas matas, para junto de homens que talvez considerassem, como antigamente os gregos consideravam os hiperbóreos, seus vizinhos do norte.

.....

Capítulo VI

VIAGEM DE BARRA DO RIO NEGRO AO RIO MADEIRA, PARA VISITAR OS
ÍNDIOS MUNDURUCUS E MAUÉS, E VOLTA A BELÉM DO PARÁ

ANTES DO DIA DE NOSSA REUNIÃO, em Barra do Rio Negro, haviam chegado cartas do Pará, dando notícias da próxima partida de uma esquadra brasileira para Lisboa, que nos levaram a abreviar nossa estada aqui, a fim de podermos regressar à Europa naqueles navios, alcançando, assim, a pátria, antes da entrada do inverno. O embarque das nossas numerosas coleções foi logo tratado com a máxima diligência e, dentro em poucos dias, estávamos prontos para a viagem. A maior dificuldade apresentou o transporte de uma importante coleção de animais vivos, especialmente de macacos, papagaios e mutuns. Levamos para o Pará uns oitenta e tantos animais (dos quais cinquenta e sete chegaram a Munique) e algumas centenas das mais notáveis plantas vivas que foram suspensas em volta da canoa, em cestas de cipó, onde de fato muito tiveram que sofrer com as vicissitudes de longa e tormentosa viagem. O Sr. governador da província e diversos habitantes demonstraram-nos o mesmo amistoso interesse, pelo qual ajudaram a tornar agradável a nossa estada no rio Negro, também por ocasião de nossa partida. Várias embarcações acompanharam-nos pelo rio abaixo até a fazenda do Sr. Corte Real, onde participamos de um al-

moço em comum, e nos despedimos dos habitantes dessa remota região, fazendo votos por que em breve aumente o povoamento e animado tráfico, assegurados pela mais bela e generosa natureza. Precisavam os nossos índios remar diligentemente, visto estar o rio Negro ainda bastante raso, para nos deixar correr rapidamente; mas, apenas acabamos de assistir ao estranho espetáculo da luta entre as águas escuras do Negro e as amareladas do Solimões, estávamos dentro do mais importante canal do enorme Amazonas; já se tornavam dispensáveis os seus esforços, e o fio da correnteza levou-nos velozmente para baixo. Obtém-se uma impressão da colossal massa de água do gigantesco rio, quando se percebe a rapidez com que as águas de um afluente, às vezes de uma légua de largura, são absorvidas por aquele caudal. Meia hora abaixo da confluência, não se vê mais vestígio algum das águas pardas do rio Negro, as quais, logo no encontro, são imediatamente arrebatadas para a costa setentrional. Havia pouco, tinha o Amazonas alcançado a sua mais alta enchente, e os barrancos e paredões de barro de suas margens apareciam descobertos só pela metade ou ainda menos. Os habitantes chamam a este estado das margens de meio-barrancos. As ondas do meio eram de um pé de altura, e sacudiam a nossa embarcação como se estivéssemos em alto-mar. Já no segundo dia, passávamos pelo sexto furo de Saracá, chamado rio Arauató, e, na manhã do dia seguinte, vimo-nos defronte da foz do rio Madeira, pelo qual tencionávamos então subir. Mal havíamos contornado, a oeste, a ilha que se lhe estende diante da embocadura, notamos, pela mudança do colorido das águas, que já estávamos naquele rio, o mais comprido e mais caudaloso de todos os afluentes do Amazonas e, de certo modo, no seu tronco principal. A água era um tanto mais esbranquiçada e mais turva do que a do Amazonas; na época da vazante, torna-se ela um pouco esverdeada. Estava atualmente o rio, cuja mais alta enchente ocorre no mês de abril, já consideravelmente crescido; cobria todos os bancos de areia da margem, de sorte que a mata parecia surgir diretamente das águas. Sem formar vagas, era, entretanto, bem forte a sua correnteza: era durante os dois primeiros dias de viagem de 20 e 26 pés por minuto, mas logo se tornou necessário sermos puxados por meio de um cabo, preso a uma árvore da margem, pois os remos nada conseguiam na absoluta calmaria. Mal seguíamos por entre as margens baixas, em cuja parte ocidental devíamos viajar, surpreendeu-

-nos uma quantidade de paus flutuantes, parecendo, de longe, enorme flotilha de ubás dos índios, vogando, sobretudo, no meio do rio.

Eram particularmente troncos de *Cedrela odorata* L. e de munguba (*Bombax munguba* Mart.). As canoas pequenas não podem, às vezes, resistir ao ímpeto das ondas, nas enchentes deste e de outros rios, e são empurradas nas enseadas; por isso, costumam os índios, quando viajam rio abaixo, prender a sua igara num desses troncos flutuantes. Como se sabe à abundância de pau flutuante no rio é que o Madeira deve o seu nome. O que há para acrescentar sobre o descobrimento e primeira navegação desse rio, constará das notas (**Nota I**). Enquanto se ia tocando adiante com diligência, cercavam-nos, sem dar tréguas, chuva e nuvens de mosquitos. Os carapanãs do Madeira são de particular má fama; como naquela região úmida há menos sol do que chuva, e, com tempo encoberto, eles perseguem a gente de dia e de noite, são o flagelo desse rio, assim como o pium é o do Japurá e do alto rio Negro. Era de prever que a nossa pesada embarcação só demoradamente pudesse labutar até Canomá, a primeira missão dos mundurucus; por este motivo, segui à frente, numa montaria tripulada com quatro índios e um caçador, a fim de poder mais tempo demorar-me entre aqueles silvícolas, que dizem ser uma das mais poderosas e peculiares tribos de toda a Província do Rio Negro. Embora a viagem na ligeira embarcação exigisse pouco esforço dos remadores, não deixava de oferecer perigos, pois todas as tardes violentas trovoadas enfureciam o rio, fazendo-nos procurar abrigo entre as árvores da margem; mas, à noite, assustavam-nos as onças, tão numerosas como em lugar algum as tinha visto. Assegurou-me o caçador que elas haviam farejado as duas mortas por ele, cujo couro e cabeça eu levava comigo, e que devíamos estar bem alertas, pois a fogueira, durante a noite chuvosa, não ardia; passamos a vigília em contínuo desassossego. Poucos arredores podem igualar-se em tenebrosa melancolia a estas matas do Madeira, durante o tempo das chuvas. Umidade abafadiça cerca os viajantes; espessa névoa surge baixa nas florestas fumegantes, e diante delas se distinguem nuvens vivas de mosquitos agitando-se em rápidos círculos; as árvores gotejam de umidade incessante; somente nas poucas horas sem chuva é que desabrocham flores sem conta; os animais escondem-se mudos na espessura. Não apareciam nem ave, nem borboleta, só ouvíamos o ronco das capivaras e o monótono

coaxar de rãs e sapos. Ainda mais triste e deprimente escurece a noite, neste ermo; nenhuma estrela brilha no céu cinzento de chuva, a lua esconde-se atrás de pesadas nuvens e, como lúgubre queixume, soa o grito das feras famintas da mata sinistra. Assim os quatro dias pelo Madeira acima pareciam quatro compridas semanas, e alegrei-me, ao sair do rio principal e prosseguir por um braço dele, que, com o nome de Urariá, se dirige para leste e forma a grande ilha de Tupinambarana, recebendo do sul diversos consideráveis afluentes. Durante o tempo de seca, ele parece parado, de sorte que as águas pardo-escuras do lago e do rio Canomá podem alcançar por ele o Madeira, a montante, como descendo o furo do Ramos, que divide a ilha de Tupinambarana em duas partes. Agora, como o Madeira já estava muito cheio, o Urariá levava para baixo a leste as águas turvas desse rio, com a mesma violência do próprio Madeira. As suas margens não são mais altas do que as do rio principal, mas pareceu-me que a vegetação, que cresce até a beira da água, não consiste só em mata de igapó, mas também de plantas de terra firme¹.

Particularmente numerosas aparecem, no Urariá, algumas palmeiras, úteis de vários modos aos habitantes. Navegando quatro horas pelo furo de Urariá abaixo, achamo-nos na confluência desse canal com o Canomá, cujas águas cor de café, divididas pela vagas esbranquiçadas do Madeira, como nuvens, são arrebatadas e logo completamente absorvidas por elas.

A missão Novo Monte Carmelo do Canomá está situada meia hora mais acima dessa junção, à margem esquerda do rio. Foi fundada em 1811 pelo monge carmelita frei José Álvares das Chagas, e era agora dirigida por um padre secular Antônio Jesuíno Gonçalves, que me acolheu e hospedou com amável benevolência. Achava-se ele, com sua família, inteiramente só entre cerca de uns mil mundurucus, dos quais nem todos, entretanto, viviam na própria missão, mas espalhados pelo mato, e particularmente ao lado oriental do rio em palhoças abertas.

1. Aqui e acolá, a costa cobre-se de arroz silvestre, tão cerrado como se fosse plantado artificialmente. Os habitantes fazem ali abundantes colheitas, penetrando, em pequenas canoas, por entre os colmos, e abatendo os grãos com varas, fazendo-os cair nelas. Também em Silves se veem com frequência esses arrozais (em tupi, *auatii-tyba*) naturais.

Admirei a perseverança e coragem com que esse homem, de gênio tão suave, vivia entre selvagens, que só poucos anos antes haviam abandonado a sua completa liberdade. Nisso, era ele bem amparado por suas duas irmãs, que tinham empreendido educar em sua casa algumas jovens índias, até as casarem com mundurucus da vizinhança, modo tão simples, quanto eficaz, de tornar acessível aos índios a civilização. A notícia de minha chegada logo espalhou terror entre os neófitos do bondoso padre, supondo eles que eu os vinha prender para o serviço público. Havia-se ultimamente, apesar dos protestos do vigário, começado a recrutar cada trimestre um certo número de mundurucus para trabalhos forçados, motivo pelo qual os índios já se haviam tornado difíceis, ameaçando voltar às matas. O meu hospedeiro se apressou logo, portanto, a desfazer a errônea má impressão e despachou uma montaria às malocas acima do Canomá, para informar os selvagens da verdade e, ao mesmo tempo, mandando ajuntarem curiosidades etnográficas para mim. Visitamos as palhoças enfileiradas numa vargem clara, tal como os muito gregários mundurucus costumam construir as suas malocas da mata.

Poucos homens estavam em casa; mas as mulheres, por toda parte, ofereciam-nos amavelmente castanhas, ou finíssimas fatias dos alvos beijus, e pareciam ter pelo digno sacerdote veneração e afeto. As crianças, cuja catequese é a tarefa diária do padre, sabiam recitar corretamente o credo. No mais, porém, parecia que a horda não estivesse, sobre muitas noções como “Estado”, “direito”, “rei”, “pudor”, etc., melhor informada do que em estado livre, e o padre Gonçalves lamentava a repugnância dos pupilos para com tudo quanto visava progresso para a cidadania. Evidentemente, nisto eram eles inferiores aos juris do Japurá. Entre os homens presentes, distinguia-se um por seus modos desembaraçados e rudes. Informaram-me que ele tinha sido o carrasco deste bando; já havia decapitado muitos jumas e parintintins inimigos e esteve encarregado de despachar para o outro mundo os mundurucus, cuja doença era considerada incurável, dando-lhes com a clava pesada. Este abominável costume, segundo me afirmou o padre Gonçalves, parece baseado na compaixão (provavelmente, como outrora entre os vencidos, que, segundo se conta, foram disso dissuadidos por uma piedosa condessa alemã); os filhos julgam prestar serviço aos pais

envelhecidos, pondo termo a uma existência que, sem caçada, sem dança nas festas e sem caxiri, nenhuma felicidade mais oferece. Maior número de homens encontrei em Caiuê e em algumas outras malocas, no lado oposto do rio, que tem aqui mais de quatrocentas braças de largura. Quando os índios nos viram remando para ali, saíram das suas grandes cabanas cônicas e vieram dançando ao nosso encontro: uma coifa de penas na cabeça, longas fitas de penas pendentes às costas e brandindo com as mãos um cetro cilíndrico de penas. Ainda bem não tínhamos posto pé em terra, já eles se haviam retirado para as cabanas, onde nos receberam ao seu modo, de cócoras em volta de uns pratos, dos quais tiravam com vagar e silenciosos as iguarias com os dedos. Era um manjar de castanhas amassadas e duma erva parecida com o espinafre, o *caruru-açu* (*Phytolacca decandra* L.); estava ao lado uma cuia com o suco doce de sementes frescas de cacau, passadas em peneira. Ofereceram-nos esses petiscos, mas pouco se importaram por nada aceitarmos. Depois da refeição, deitaram-se nas redes; donde ficaram a olhar tranquilamente para nós. O singular costume de receber hóspedes comendo ou deitados, observei-o entre a maior parte dos índios. Notável era a falta de asseio desses mundurucus; as crianças, particularmente, fazem arrepiar de tão sujas. Neste caso, o motivo deve ser a falta nos seus primitivos domicílios, de praias, e a falta de hábito de banhar-se. As mulheres, cujos maridos estavam ausentes, pareciam estar receosas de nos demonstrar mais atenção do que seria do agrado dos maridos. De certa palhoça, cujos habitantes masculinos estavam ausentes, eu levei um arco com a respectiva flecha, deixando em troca farta compensação de facas e anzóis. Mas, apenas havíamos embarcado, saiu da moita, junto à margem, um velho, em tão ameaçadora atitude, que o padre nos pediu encarecidamente que restituíssemos as armas depressa. Essa gente havia construído as cabanas só provisoriamente, para a colheita no cacaual vizinho. Aqui era outrora o povoado, que, mais tarde, foi transferido para Serpa, e a plantação, feita então, havia-se tornado em mata bem mais produtiva. De cada árvore pendiam seis a oito frutos.

Tanto estes mundurucus, como os outros que ainda cheguei a ver, eram gente alta (vários mediam seis pés e meio), de peito largo, fortíssima musculatura, frequentemente de cor muito clara, de feições



À esquerda: A pequena e quase extinta tribo dos uainumás vive na região do alto Japurá e do rio Içá. Esses índios trazem, como os miranhas, conchas de madrepérola nas narinas furadas.

À direita: Os mundurucus são tribo muito poderosa, nos rios Tapajós, Maué e Abacaxis. Degolam as cabeças dos inimigos vencidos (jumás, parintintins, apiacás) e embalsamam-nas, levando-as consigo como troféus. Por isso são chamados paiquicés, cortadores de cabeças. Todo o seu corpo é delicadamente enfeitado por linhas tatuadas.

largas, bem pronunciadas, e, embora afáveis, rudes, cabelo preto luzidio, cortado curto sobre a testa, e todo o corpo tatuado com linhas finas. Causa admiração a minúcia com que o doloroso embelezamento é praticado da cabeça aos pés². Provavelmente, quer o mundurucu, com essa desfiguração, tornar o seu aspecto guerreiro e terrível, pois para ele mais que para a maioria das tribos a guerra é uma ocupação agradável; tudo, desde o princípio, parece calculado para eles se fazerem valer na guerra. Também os arredores das cabanas tinham aspecto guerreiro: sobre postes, estavam espetados alguns crânios mumificados de inimigos e, em torno

-
2. Os mundurucus tatuam todo o rosto ou pintam no meio da face malha meio elíptica, da qual partem numerosas linhas paralelas sobre o queixo, mandíbula e pescoço, até o peito. Do meio de uma espádua até a outra, correm sobre o peito duas ou três linhas, separadas meia polegada uma da outra, e, abaixo destas, até ao fim do peito, se acham desenhos romboidais verticais, ora cheios, ora vazios. O resto do tronco é riscado com linhas paralelas ou formando rede. As costas são igualmente tatuadas, porém menos completamente, e nas extremidades repete-se a série de linhas, com ou sem rombos. Cada qual faz a seu gosto algumas variantes. Nas mulheres, é raro ver-se o rosto todo enegrecido; a malha que elas trazem tem forma de lua crescente, de pontas voltadas para cima. Não furam os lóbulos mas as orelhas em cima, no primeiro sulco, e ali usam taquinhos de caniço. Na vida livre, andam nuas; só os homens é que trazem o suspensório de algodão, ou a *taconhaoba**. Vi as mulheres inteiramente nuas, mesmo na missão, e a custo se consegue que ponham um avental para entrar na igreja. Por outro lado, são estes índios, além dos maués, os mais perfeitos artistas no trabalho de penas. Os seus cetros, chapéus, gorros, guirlandas compridas, borlas que usam nas danças como mantilha sobre as espáduas, e aventais de penas de ema e outras aves, que trazem nos quadris, rivalizam com os mais delicados trabalhos desse gênero, feitos nos claustros de freiras de Portugal, Bahia e Madeira. O Museu Etnográfico de Munique possui grande quantidade desses objetos, que pudemos adquirir aqui. As penas são classificadas com o máximo cuidado pelos mundurucus, depois amarradas ou grudadas com cera; para esse fim especialmente criam muitos papagaios e mutuns. Asseguraram-me aqui, também, que eles têm o costume de arrancar penas dos papagaios e tocar-lhes os ferimentos com sangue de rã, até que mudem de cor as penas novas, particularmente do verde para o amarelo.

(*) *Taconha-oba*, conforme Teodoro Sampaio (*ob. cit.* pág. 267) é “folium que membrum involvunt, como de costume entre algumas tribos.” O vocábulo compõe-se de *taconha*, “membro viril”, e *oba*, “folha”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

das palhoças, mais para o interior, estavam expostos muitos esqueletos de onças, quatis, porcos-do-mato, etc. Atualmente, são os mundurucus os espartanos, entre os índios bravios do norte do Brasil, assim como o são os guaicururus, entre os do sul, e ciumentos zelam pela própria hegemonia entre os seus aliados, dos quais os mais poderosos são os maués. Ouvi avaliar-se a tribo em 18.000, mesmo até em 40.000 indivíduos, que vivem no rio Tapajós, a leste e oeste dele, e em parte nos campos; perseguem a diversas tribos, como aos jumas, parintintins e araras (habitam estes as nascentes dos rios Maués, Canomá e para os lados do Madeira), com tão inexorável furor, que as duas primeiras tribos, mais fracas, serão em breve completamente exterminadas. No ataque, distribuem-se os mundurucus em extensas linhas; esperam a carga de flechas do inimigo, as quais são colhidas, no voo, com grande destreza, pelas mulheres, que lhes estão ao lado, ou eles próprios procuram evitá-las, dando pulos rápidos, e só então desferem com a maior pressa as suas flechas oferecidas pelas mulheres, quando o inimigo, lutando em bando cerrado, já não dispõe de muitas armas. Fazem as suas incursões exclusivamente de dia, e, por isso, veem-se atacados à noite pelos igualmente belicosos araras. Nos seus domicílios permanentes, são, por sua vez, protegidos por uma ordem completamente militar. Todos os homens aptos para a guerra dormem, durante esta, num grande rancho comum, longe do mulhierio, e são vigiados por patrulhas que de tudo dão sinal por meio do turé, trombeta de caniço de som áspero. Com este instrumento, também o chefe, durante o combate, comunica as suas ordens, sopradas pelo seu ajudante.

No triunfo, não poupa o mundurucu a nenhum inimigo masculino³. Logo que ele o prostra no chão, com a flecha ou com o dardo, que nunca são envenenados, toma-o pelo cabelo e, com uma faca, curta de bambu, corta-lhe os músculos do pescoço e a cartilagem das vértebras, com tal habilidade, que a cabeça é separada num instante do corpo. Segundo Casal, por causa desse bárbaro costume os mundurucus são denominados

3. Achava-se em Canomá um índio da tribo dos araras, feito prisioneiro na infância, e que já havia esquecido a língua da sua gente. A custo pude esboçar-lhe o retrato, pois ele receava ofender ao seu senhor, espetando no septo do nariz o sinal distintivo da sua tribo: um pedaço de caniço, enfeitado com penas. Havia-o, contudo, guardado zelosamente.

pelas outras tribos de *pai-quicés*, isto é, “decepadores de cabeça”⁴. A cabeça, assim conseguida, é então objeto do máximo cuidado por parte do vencedor. Assim que este se reúne aos companheiros, acendem muitas fogueiras, e o crânio, depois de retirados os miolos, músculos, olhos e língua, é chuscado sobre uma estaca; dias seguidos é lavado repetidas vezes com água, molhado em azeite de urucu e posto ao sol para secar. Depois de completo endurecimento, enchem-no, então, com miolos artificiais de algodão de cor, colocam-lhe olhos feitos de resina, põem-lhe dentes, enfeitando-o, por fim, com um gorro de penas. Assim preparado, o hediondo troféu torna-se inseparável ornato do vencedor, que o leva consigo à caça e à guerra, pendurado numa corda e, quando dorme à noite, no rancho comum, de dia ao sol ou no fumo, de noite coloca-o perto da sua rede, como vigia⁵. Conseguimos aqui alguns desses crânios, como também Sua Alteza o Príncipe von Wied reproduziu um exemplar, pertencente ao Sr. Bumenbach.

Conta-se que os mundurucus, para adquirirem a sua grande força muscular, se abstêm de comer o caldo cozido de mandioca, que vi usado por todos os outros índios. Também não conhecem o uso do paricá, comum nos seus vizinhos muras e maués, mas têm o mesmo singular costume destes últimos: submeter a jejum rigoroso as raparigas, quando estas chegam à puberdade, e expô-las à fumaça, suspensas ao teto da palhoça. Muito do que eu observei aqui durante cinco dias de estada, ou do que soube do bem informado pároco, fez-me conjecturar que os mundurucus pertencem à grande nação dos tupis, mas, para não interromper o fio da narração, deixarei para as notas mais alguma coisa a este respeito (**Nota II**). A formação dos arredores de Canomá não é diferente da que havíamos notado ao longo do Amazonas e do Solimões. Grés esbranquiçado, de granulação fina, por vezes muito duro e cristalino, semelhante ao de Cupati, constitui o fundamento para o tão extensamente espalhado grés ferruginoso pardo, que, alternando com estrutura mais grossa ou mais fina, contém frequentemente jaspe pardo encerrado. Muito se fala aqui da riqueza em ouro do terreno, que os jesuítas conheceram pelos índios, e particularmente se consideram como portadoras de

4. Pai-quicé quer dizer “pajé-faca” e somente em sentido translato é que pode significar, como diz o autor, “decepadores de cabeça”. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.).

5. Esse execrável costume também se encontra entre osheberos, que usam levar consigo as cabeças decepadas dos cários. (Southey, *History of Brazil*, vol. I., pág. 162.)

ouro as cabeceiras do Canomá e dos próximos afluentes do Madeira, opinião que é aceitável por analogia. Atualmente, porém, a verdadeira riqueza deste território deveria considerar-se exclusivamente a fertilidade e profusão em plantas nobres, particularmente do craveiro-do-maranhão e da salsaparrilha. Ambos são abundantes nas vargens, sitas entre o Canomá e o Madeira, numa floresta que, em espessura, variedade de plantas e quantidade de palmeiras, em tudo se assemelha às florestas do Amazonas, sendo, porém, mais baixa. As margens do Canomá, estendido à maneira de um lago, são cobertas de areia branca, limpa, e os seus inúmeros arbustos de mirtas, goiabeiras e icacos apresentam o mais aprazível aspecto.

Só na noite de 24 de março foi que cheguei a Canomá o meu companheiro, na canoa grande. Ele teve de lutar continuamente contra a correnteza, e achava-se em tão assustador estado de saúde que resolvemos apressar quanto possível a viagem pelo rio abaixo. Partimos, portanto, de Canomá de manhã cedo, e eu segui à frente, de novo, numa montaria para a missão dos maués, que alcancei à noite. Embora sem variantes, entre margens seguidamente cobertas de densa mata, proporcionou-me a viagem um raro prazer, à vista do alegre e feliz estado em que se acham as colônias de índios espalhadas no Urariá, e particularmente a povoação dos maués. O fundador e ex-diretor dessa populosa aldeia, capitão José Rodrigues Preto, empreendedor e jovial paulista, graças à perseverança e firmeza de sua atitude, inspirou aos índios tal segurança, sossego e confiança que pudemos verificar o mais promissor exemplo do que vale sobre os silvícolas o cumprimento de um sistema eficaz. Onde quer que passássemos pelas cabanas sitas à beira-rio, desciam delas os moradores, confiantes e satisfeitos, e ofereciam-nos à venda farinha, guaraná, salsaparrilha, cacau, cravo-do-maranhão, cera e cordas de palmeira. Aqui pois o caminho para o livre tráfico estava aberto felizmente. O alegre paulista, em cuja fazenda tive de aceitar almoço, feito de linguíças assadas de peixe-boi, guaraná e vinho, havia-se familiarizado perfeitamente com a língua tupi, e, também por isso, parecia impor-se aos índios, cujos versos singelos entoava com modulação esquisita⁶.

6. Alguns versos, como já citamos outros no capítulo IV, do Livro VIII, têm cabimento aqui:

Nitio xa potar cunhang = Não gosto de mulher

Setuma sacai waá = De perna fina demais,

Na própria missão dos maués (chamada Uacituba pelos índios), fui recebido de braços abertos pelo seu missionário. Havia quarenta anos que frei José Alves das Chagas estava encarregado de dirigir diversas missões; já as neves da velhice lhe polvilhavam a cabeça, mas o coração bateu ainda enérgico à ideia de espalhar a salvação entre os pagãos. Tudo o que fez o ancião deu dignidade e confiança à sua presença. Convivência com todo homem que se devota a altos ideais enobrece; quase me envergonhei das cores sombrias que a própria experiência emprestou sobre a natureza dos índios. Gozam os religiosos, nas missões, de muitas vantagens sobre os padres seculares. O convento lhes dá dinheiro, muitas comodidades e livros. Não pequena foi a minha surpresa ao encontrar jornais lisboetas na palhoça do padre; mas foi doloroso o meu sentimento quando neles li a notícia do falecimento do ex-presidente de nossa Academia de Ciências, o venerando Fried Heinr. Jacobi.

Curumú ce mama-mamane = Porque me pode enroscar,

Baia sacai majaué = Como se fosse uma cobra

Nitio xa potar cunhang = Não gosto de mulher

Saltiva-acá = De cabelo comprido demais,

Curumú monto-montoque = Porque me pode cortar,

Tiririca-tyva majaué = Como sarçal e tiririca*.

(*) Tiririca pertence ao grupo de Ciperáceas de folhas de bordos cortantes. Existem os versos populares: “Tiririca é faca de cortar, não me corte o moleque de Sinhá”.

N.T., Rev. Inst. G. e H. Amazonas,

Ano VI, Vol. VI. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.)

Muito notável, nessa rude poesia, é a repetição da palavra do fim na terceira linha, que é o mote. Da tradução do alemão foi feita uma versão portuguesa, *verbum ad verbum*, por Edilardo Laemmert, a qual serviu a Joaquim Norberto de Sousa Silva para as duas quadrinhas seguintes, ‘que se encontram à pág. 95, do Vol. I, da excelente *História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero:

“Não quero mulher que tenha

As pernas bastante finas,

A modo que em mim se enrosquem

Como feras viperinas.

Também não quero que tenha

O cabelo assaz comprido,

Que em matos de tiririca

Achar-me-ia perdido”.

Na povoação dos maués, vivem estes lado a lado com os mundurucus. Estas duas tribos, talvez da mesma origem, foram outrora inimigas; mas agora, já desde muito tempo, são amigas. Pena foi eu encontrar só poucos maués, no momento; os outros, pouco antes tinham seguido, em várias grandes expedições, para o rio Maués, para colher salsaparrilha, donde ainda não haviam voltado; o missionário não desejava que eu fosse percorrer as malocas da vizinhança, para não se espalharem boatos inquietadores, que poderiam tomar aparência de verdade, por motivo do recrutamento para os trabalhos forçados, recentemente efetuado. Examinei as numerosas cabanas, nas quais mulheres e raparigas se ocupavam do preparo da farinha e da fiação de algodão. Tudo aqui tinha o cunho de agradável ordem e bem-estar. Todas as índias andavam vestidas: as pinturas, que não poupavam em si nem nas crianças, eram admitidas pelo missionário. Encontramos dois velhos maués a um canto, ocupados justamente em aumentar o mútuo bem-estar pela insuflação nas respectivas narinas do pó de paricá. Eles tomam quantidade muito menor do que os muras, porém um pó muito mais fino; com grande cuidado pulverizam-no finamente num gral esculpido com gosto de pau vermelho, e repetidas vezes o põem a secar num prato de madeira ou de porcelana, antes de o insuflarem, quer por meio de dois compridos ossos ocos, como fazem os tecunas, quer por uma folha de bananeira, enrolada. Os maués que cheguei a ver eram índios muito robustos, bem conformados, de tez bastante escura, e sem desfigurações⁷. A sua índole seria menos sincera e nobre que a dos mundurucus. Os que vivem longe das missões, não são na verdade hostis para com os brancos (quereruas), mas aproximam-se, todos desconfiados, das canoas

7. Segundo se diz, muitos maués usam um pedaço de caniço no lábio inferior; entretanto, não é distintivo nacional entre eles. É essa tribo dividida em muitas hordas, que falam a mesma língua e fazem as suas expedições de guerra em comum. Citaram-me as seguintes hordas: tatus, tassiúas, jurupari-perei-ras, mucuins, xubarás, uu-tapuias (isto é, “filhos da terra”), guaribas, inambus, jauaretés, saucanes, pira-pereiras, caribunus. Os guaribas e pira-pereiras distinguem-se pela barba; e os caribunus, que vivem no Madeira, seriam monórquios. (Seria talvez praticada a semicastração, a qual, assim como o desligamento de falanges dos dedos da mão e do pé, era usada, entre outras, pelas hordas de hotentotes, geissiquas e coraquas. (*Le Vail, Première voyage*, vol. II, pág. 81.) Avalia-se em 16.000 almas o número total da tribo, que não vive em grandes ranchos, como os mundurucus, mas dividida em famílias, morando em palhoças redondas. As suas colônias estão espalhadas até longe, entre o Tapajós e o Madeira.

destes últimos, às vezes de arco retesado, para negociar. Têm-se observado, entre esses índios, alguns costumes bastante singulares. Já citei o de submeterem as raparigas púberes a longo jejum, enquanto as deixam ficar em redes, suspensas ao teto da cabana. Debalde clamava frei José contra essa crueldade, que frequentemente quase as mata. Parece como se o jejum, em muitas ocorrências da vida, já lhes fosse uma segunda natureza. Logo que se declara a gravidez, o casal submete-se a rigoroso jejum. Alimenta-se, então, só de formigas, cogumelos e guaraná. As formigas são torradas ou comidas cruas, pois o maué mete um pau no formigueiro e os bichinhos lhe vêm correndo diretamente para a boca. Durante a gravidez, costumam também muitas índias sangrar-se liberalmente, nos braços e pernas, empregando um bico de tucano ou dente de roedor, e enegrecer este ferimento, esfregando-o com fuligem do jenipapo queimado. Quando morre o tuxaua, ou outro membro da sua família, os índios se impõem igualmente um mês de jejum; então, só tornam guaraná, água e formigas. O defunto é ligado com as extremidades esticadas em ripas, e, exposto ao fogo aceso em volta, seca a tal ponto que, ao cabo das duas primeiras semanas de jejum dos vivos, parece múmia. Em seguida, é o corpo colocado com as pernas dobradas numa cova redonda, onde, por meio de pedras e paus, fica ereto, sem ser coberto de terra. Completado o período do jejum, a múmia é retirada da cova e posta em pé, dançando toda a horda um dia inteiro em volta dela, entre horríveis uivos e soluços. A perda de substância pelo choro, procuram eles remediá-la conduzindo do nariz para a boca a água das lágrimas e engolindo-a. À tarde, já esgotados por esses excessos, enterram o corpo na posição descrita e passam a noite a dançar e a beber caxiri, que, como as águas do Lete, apaga toda a lembrança do morto. Quando, certa vez, voltando um tuxaua da província interior para a sua maloca, morreu em caminho, a sua gente dividiu o corpo em duas metades, abaixo das costelas, e o tronco dissecado foi levado para casa. Estes costumes fazem lembrar o que se conta dos tupis antigos. Singular também é o hábito de não comerem os peixes grandes do rio, mas somente os peixinhos dos riachos e lagoas das matas, e absterem-se de toda a caça açulada pelos cães ou morta a espingarda⁸. Com esta falta de alimento animal explicam-se suas forças físicas somente pelo consumo de muitos frutos oleosos, como, por exemplo, os cocos de palmeiras, a

8. Será que este costume tem fundo religioso? Os sírios adoravam os peixes do rio Chalos e não se atreviam a comê-los. (Xenophon, *Anabasis* .)

castanha, o piquiá, etc., em busca dos quais eles andam vagando pelas matas, na época da sua maturação. Nestas expedições, armam-se com a zarabatana e flechas envenenadas, que adquirem dos seus vizinhos de oeste, e só as empregam em caçada; além disso, usam levar arco e flecha. Os seus arcos são feitos de pau vermelho, muito grandes, elásticos, e passam, como artigos de comércio, a muitas outras tribos. A fim de educarem os rapazes para a virilidade e prepará-los para o casamento, têm eles um costume extremamente estranho. Reúnem-se os vizinhos para beberem potes cheios de caxiri; vestem os meninos de oito a nove anos com mangas de algodão, que possam ser amarradas em cima e embaixo, e metem dentro algumas grandes formigas que mordem violentamente, a *Cryptocerus atratus* F. (tocanteira, talvez mais corretamente tucanquibura, “formiga-tucano”, pela semelhança com a ave). Logo que o rapaz sofrendo atrozmente, começa a berrar e a queixar-se, o bando faz roda em torno dele, e dança, jubila e anima-o até o pequeno cair exausto no chão. É ele então entregue, com as extremidades terrivelmente inchadas, às velhas, para o tratarem com aplicações de suco fresco de folha de mandioca. Quando o menino de novo recupera as forças, começa a experimentar quando pode reter o arco. Estas cerimônias bárbaras são continuadas até a idade de quatorze anos; quando o rapaz aprende a suportar a dor, sem dar sinal de sofrimento, é emancipado e pode casar-se. Essas provações fazem parte do seu calendário. A tal respeito assim me falaram na língua tupi:

Jubír jepé, jubir mocoim, jubiruana, “ele foi elevado uma vez, duas vezes, totalmente”.

É notável que, mediante o mesmo processo, também os tamanacos no Orenoco consagram a perseverança dos rapazes (Gili, volume II, pág. 347). Em liberdade, eles vivem, como os outros selvagens, segundo lhes apraz, em monogamia ou poligamia; mas uma lei básica da tribo proíbe às mulheres a convivência com quem não seja da tribo. A sua língua é muito sonora e difícil de entender-se. Foi-me impossível obter alguém que me pronunciasse as palavras que pedi. O missionário ponderou-me que eles se recusam por medo de feitiço, pois, apesar de terem vaga ideia da divindade, são muito inclinados a crer no poder de demônios maus, a quem, entre outras coisas, atribuem também a morte. Têm os maués, em comum com os mundurucus, o gosto pelos adornos de penas; também eles, quando se apresentam para a guerra ou para as danças, costumam trazer na mão um cetro, elegantemente ornado de penas, e um penacho de pena à cabeça e em volta do pescoço.



Visita na aldeia dos mundurucus.



À esquerda: Filho do cacique dos juris, que fizemos soltar da prisão dos miranhas, levando-o para Munique. A tatuagem é prova de que ele já está adulto.

À direita: Rapariga da tribo dos miranhas antropófagos. Também essa jovem índia foi conosco para Munique.

O Urariá (Irariá, Uariá), em cuja correnteza segui abaixo, é propriamente um ramo do rio Madeira, e, no meio de seu curso, desvia o furo de Ramos para o Amazonas. Depois da junção com alguns rios vindos do sul, ele deságua no Amazonas, por diversas bocas. A maior delas, Andirás, é perigosa; prosseguimos, pois, no Urariá, por mais dois dias de viagem a jusante, e, finalmente, pelo furo do Limão, meia légua acima de Vila Nova da Rainha⁹, de novo voltamos ao Amazonas. Encontramos em Vila Nova algumas curiosidades naturais, que o Sr. Seixas tinha mandado colher para nós; entre elas a grande concha do rio (em tupi, *ita-yriry*), que aparece nos bancos de areia fluviais e nos lagos. Os índios servem-se delas como alimento, sobretudo no jejum; porém, às vezes, provavelmente quando existem plantas venenosas na margem, o seu consumo produz dores no ventre e outros incômodos. Nas árvores da mata da margem também apareciam agora estranhas formas de pólipos de água doce. A vila estava justamente cheia de índios, que haviam trazido pastas de farinha e de guaraná para vender. Eram pequenas as suas embarcações, cada uma guarnecida apenas com quatro remadores, e repletas de carregamento, a ponto de irem a pique. Compramos algumas libras de guaraná, a 1\$000 cada, preço do mercado. Achava-se o Amazonas, nessa ocasião, ainda em considerável enchente, e a navegação para baixo exigia grande cautela. Mandamos dispor, em torno da borda do barco, na largura de dois pés, grandes feixes de folhas de palmeira, a fim de diminuir o balanço e dar ao leme mais meio pé na largura. Depois destes preparativos, entregamo-nos, de ânimo alegre, à poderosa corrente, a qual nos levou para baixo tão rapidamente que, no fim de uma hora, tínhamos atrás de nós o outeiro de Parentim, que forma a divisa entre as províncias de Rio Negro e Pará, e, na manhã do segundo dia, nos achávamos à margem setentrional, no Porto de Óbidos. Essa vila, situada numa ribanceira bastante alta, goza de magnífico panorama do rio, cuja massa de água, na sua plenitude aqui reunida, se escoia com maior rapidez. A largura do rio neste local, o único estreito em todo o curso do Amazonas desde a fronteira ocidental do Brasil até o oceano e o ponto mais para o poente no qual ainda se observa a força das marés, dizem os portugueses ser de 869 braças, segundo medição trigonométrica feita pela Comissão de Limites. A correnteza não

9. Hoje, Parintins.

permite sondagem no meio do rio; mas, bem junto à margem, observei uma profundidade de vinte braças; por essa razão as embarcações não encostam diretamente na vila, onde a margem se eleva íngreme e sem vegetação, a cem pés de altura, mas um tanto mais abaixo, onde os barcos podem ser amarrados às árvores. Óbidos (chamada *Pauxis* pelos índios), quanto a construções, indústria e comércio, é comparável à sua vizinha, Santarém, embora um tanto menos povoada. O mais importante comércio é o do cacau, plantado principalmente nas ilhas da vizinhança. Fumo, salsaparrilha, cravo-do-maranhão, arroz, algodão, anil, farinha e pirarucu constituem os restantes artigos de exportação. aqui já se têm tentado frequentemente expedições para o norte do continente; provavelmente também para descobrir o Lago Parimá, portador de ouro, cuja lenda está na boca de todos os crédulos. A alguns dias de viagem ao norte do rio, cessou a mata, e os viajantes encontraram campos pedrosos, vestígios de gado bovino a pastar e de bandos de índios nômades, mas não ousaram estender mais tão cansativas excursões. Os índios, que se mostram ameaçadores nesta região, seriam os aroaquis.

Um dia de navegação levou-nos de Óbidos a Santarém, viagem curta mas assinalada por muitos sustos e dificuldades, pois o inexperiente piloto nos expôs ao temporal, no estreito. Devido à altura das vagas e à densa neblina, que, com a chuva incessante, desde alguns dias nos ocultava, a margem tornava-se difícil e era perigosa abordar uma ilha, cercada de baixios na margem meridional. Daqui, porém, alcançamos com felicidade, pelo Igarapé-açu, que se desvia do Amazonas para o Tapajós, aquela vila.

Encontramos tudo aqui em reboição. O tenente-coronel F. J. Rodrigues Barata estava, então, justamente ocupado em reunir os homens, recrutados na parte alta da província, para levá-los ao Pará, e a diminuição de braços para a lavoura excitava desfavoravelmente a parte industriosa da população. A maioria dos jovens, destinados ao serviço militar, compunha-se de índios, e tal era a aversão dessa gente pela farda que a metade desertou, antes de chegar a expedição à capital do Pará. Rodrigues Barata havia feito como sargento, em 1794¹⁰, uma

10. Sobre a viagem de Francisco José Rodrigues Barata, realizada em 1798-1799, veja a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo VIII (23 ed.), págs. 1-53 e 157-204.

viagem desde o rio Negro, pelo rio Branco, até a colônia de Essequibo, para capturar alguns fugitivos. As suas informações verbais não nos deram, infelizmente, indicações seguras com relação à geografia daquelas regiões, tão pouco conhecidas. Na viagem de Santarém, rio abaixo, apareceram-nos, primeiro, as colinas com que se eleva o terreno a leste do Tapajós, e, mais para baixo, as montanhas da serra do Paru. Podíamos, agora, discernir distintamente os montes, que, vistos de leste, se apresentavam como formando uma cadeia ininterrupta. A chuva incessante ameaçava prejudicar-nos as coleções, e, por isso, resolvemos desistir da projetada viagem a Macapá e aos campos que se estendem mais para o norte desse lugar; ademais, um forte vento oeste favorecia a nossa viagem pelo rio abaixo.

Após um dia de viagem abaixo de Santarém, desembarcamos à margem meridional do rio, junto de umas palhoças, no lugar chamado Barreiras. A costa era mais alta do que em geral, e consistia, como até aqui, em grés pardo-ferruginoso. À nossa frente, vislumbramos de novo, com alegria não pequena, a vila de Almeirim, ao sopé de uma daquelas montanhas tabulares. Para ao menos examinar uma localidade da região, à margem setentrional do Amazonas, decidimos visitar essa vila, e, com o favor do vento oeste, a alcançamos ao cabo de duas boas horas de navegação. O Amazonas rola as suas águas amareladas com tanto maior impetuosidade, quanto mais se vai aproximando da margem setentrional. As ondas, nas mais fortes corredeiras, são de um e meio a dois pés de altura, e a canoa precisa ter a carga cuidadosamente arrumada e ser de construção sólida, para resistir à pressão das vagas.

A vila de Almeirim (em tupi, *Paru*) é um dos mais antigos povoados do Amazonas. Foi ela formada com os restos de uma povoação fundada com exilados europeus, o Forte do Desterro, situado mais a oeste e primitivamente edificado pelos holandeses. Os seus atuais habitantes são, na maior parte, descendentes dos apamas e aracajus. Exceto a igreja, pobremente instalada e suja, não encontramos aqui nenhum prédio de cantaria, nem vestígio também da antiga Fortaleza de Paru, que não tinha sido mais do que um fortim para proteger o comércio de escravos. As cabanas de barro, cobertas de folhas de palmeira, estão próximas do rio e cerca de uns vinte pés acima dele. No momento, achavam-se ausentes dali todos os índios, empenhados na colheita do cravo-do-maranhão, da salsa-

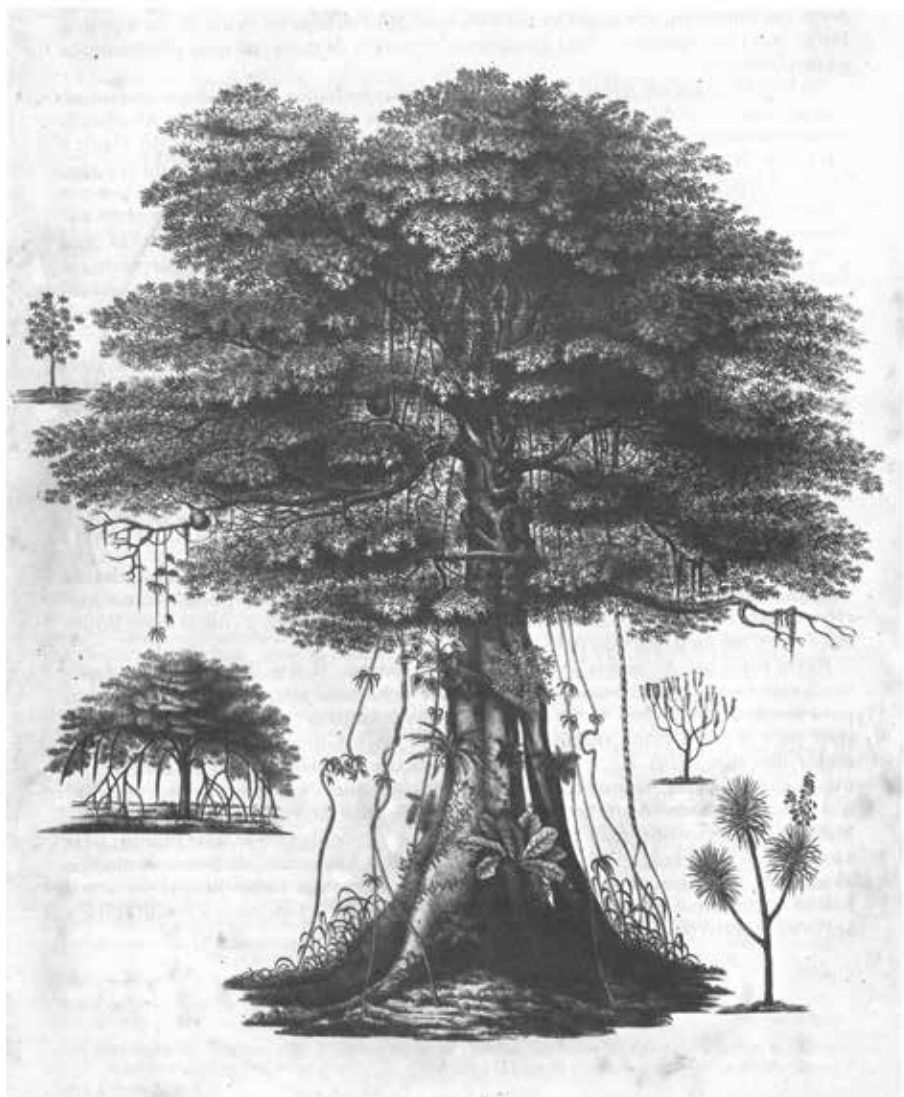
parrilha e do bálsamo de copaíba, nas matas dos rios Paru e Jari. Os que restam dos aparvas e aracajus, ainda em liberdade, vivem junto desses rios, reunidos em pequenas malocas espalhadas. Embora em paz com os brasileiros, pouca inclinação têm eles para estabelecer as suas moradas no meio destes. São de cor muito escura, não usando distintivos característicos. As suas armas não são envenenadas. Vivem em constante hostilidade com os oaiapis, que habitam o alto rio Jari e o Guarataburu, e com os coçarís, que vivem no Araguari. Frei Isidoro José, carmelita do Pará, pároco de Alenquer e de Almeirim, informou-nos haver achado no grés ferruginoso, a modo de brecha que constitui aqui a formação bem junto da sacristia da igreja, uma quantidade considerável de mercúrio. Já Acuña se refere à riqueza de minérios ao norte dos rios Curupatuba¹¹ e Jenipapo, e a espécie de formação das montanhas toma a presença de ouro não improvável; dizem, todavia, que as expedições mandadas pelo governador-geral Ataíde Teive, no ano de 1761, para descobrir esses tesouros, foram infrutíferas. Para nós, era de especial importância conhecer a montanha vizinha, que, pela idêntica direção e forma, ofereceria meios para se julgar a formação geral das montanhas que se estendem de Monte Alegre até aqui. A serra de Almeirim ergue-se a uma hora de distância, ao norte da margem do rio, e o seu cume deve estar apenas a oitocentos pés acima do rio. Em breve, atravessamos uma cerrada mas não alta mataria e passamos, então, para uma campina clara, da maior semelhança com os campos agrestes do Piauí. Grandes tufo de gramíneas verde-acinzentadas, peludas, alternam com várias ervas floridas, bastante longe uns dos outros, no solo desigual, de grés pardo-ferruginoso decomposto. Nas várzeas do campo, existem aqui brejos de pequena extensão, igualmente cobertos de gramíneas, acolá grupos de arbustos, como ilhas, e uma palmeira peculiar (*Syagrus cocoides* Mart.). Os meus olhos passavam, com prazer, de uma elevação a outra, de uma moita a outra. A própria montanha que encerra esta aprazível paisagem, enquanto corre paralela com o rio, de leste a oeste, tem, na parte inferior das encostas, idêntica vegetação de campo; mais acima, porém, reveste-se de

11. O nome *Curupatuba* não deve, aliás, ser considerado como indicando presença de metais preciosos (Humboldt), porque não é composto do Cori peruviano (*guri* — ouro), mas de *curupá*, inga, mimosa, e *tüva* ou *tuba*, lugar, como curutuva, goajaratuva, lugar do pinho brasileiro — icaco, do arroz.

mata de grandes árvores espaçadas, particularmente de muitos castanheiros. Nos caminhos íngremes, não se encontra em parte alguma outra coisa senão a citada foi inação de grés ferruginoso. Pequenas nascentes brotam dos flancos da montanha, correndo para os campos, e a floresta do cume entretém agradável frescura. Ao norte da serra de Almeirim, idêntica elevação do terreno continua na extensão de algumas horas, para nor-noroeste. Está igualmente revestida de mata, na qual predominam os castanheiros.

Do mês de maio até julho, amadurecem os grandes frutos, contendo as castanhas, que são então colhidas pelos habitantes e vendidas a 640 réis o alqueire. O aspecto desta montanha tem a maior semelhança com as montanhas tabulares do Piauí, e para mim se tornou claro como podem afluir à bacia principal os rios da Guiana, de curso lento e sem obstáculos por entre os montes isolados, semelhantes uns aos outros, que seguem daqui até Monte Alegre, paralelos ao rio. Forma esta serra somente os contrafortes da cordilheira limítrofe entre o Brasil e Caiena, alcançada pelos barcos, que navegam a montante, só no fim de oito dias, no lugar onde ela forma cachoeiras nos rios. Foi este morro de Almeirim o último monte a que subi na América. Desse cume contemplei, mais uma vez, cheio de saudade, a grande paisagem do Amazonas. Diante de mim, ostentava-se ao sul a floresta verde, lustrosa, exuberante, cuja ourela se perdia no nebuloso horizonte mais próximo ao rio, que, semelhante a um braço de mar, levava a sua impetuosa corrente, a leste, para a imensa planície de águas; e, acima de mim, o céu tropical azul-profundo aparecia por entre pesadas nuvens de chuva – grandioso panorama iluminado por sol ardente que descambava a oeste. Dentro de minha alma, bendisse eu os séculos futuros que verão o mais majestoso caudal da Terra habitado por homens educados, livres e alegres, e dei as mais ardentes graças ao Ente amoroso que me havia guiado através de tantos perigos, protegendo-me acima e dentro desse rio, a cujas águas amareladas de novo me entreguei.

O leitor que até aqui, com benevolência, participou comigo das vicissitudes da viagem, deve igualmente despedir-se, aqui, dos grandiosos aspectos como que elementares da terra sul-americana, porque pouca coisa tenho a contar deste ponto em diante, até meu regresso pelo oceano.



Castanheiro (Bertolettia) com cipós e flora epífita e parasita.
À esquerda: mandioca (Manihot utilissima), mangue vermelho (Rhizophora Mangle L.).
À direita: (Lychnophora), iúca (Yucca draconis).

Navegamos até Arraiolos (**Nota III**), sita à margem norte do Amazonas. Aqui, onde este corre com dobrada impetuosidade pelo canal setentrional de Bragança, para nordeste, em rumo ao cabo Norte, atravessamos o caudal principal e passamos para a terra firme meridional, em direção a Gurupá. Assim, deixamos o maior dos rios (**Nota IV**) e chegamos à região que, sofrendo a regularidade das marés cheia e baixa, reconhece a soberania do oceano. Pela segunda vez, engolfamo-nos, navegando com o favor da maré vazante, nos labirínticos canais da ilha de Marajó; perdemo-nos, mais uma vez, nas matas nevoentas desse solo úmido; passamos, com felicidade, pela foz tormentosa do rio Tocantins; de novo, saudamos as várzeas, nas florestas sombrias do Igarapé-mirim e nas costas limpas do negro rio Moju; e, afinal, por uma noite nublada, a 16 de abril, lançamos a muito sofrida âncora no porto do Pará.

NOTAS DO CAPÍTULO VI

I – *Rio Madeira* (Rio da Madeira) – *Histórico* – Este rio, chamado geralmente de Madeira pelos seus habitantes, e de Caiari, isto é, “rio branco”, pelos índios, é incontestavelmente o mais importante afluente do Amazonas, e era, como toda sua bacia, em muitos aspectos o objeto de dúvidas e descrições infundadas; e no mapa geral, publicado por dr. Spix e por mim, da América do Sul, o capitão Weiss o reproduziu de uma maneira que, embora correspondendo em muitos pontos com o material por nós colhido durante a nossa viagem e particularmente com a valiosa *Corografia brasileira*, dá em geral uma ideia errada dele. Estimo, por isso, como meu dever, em dar uma descrição retificada e verificada à base de todos os fatos que chegaram ao meu conhecimento, para a qual servirá de introdução a curta história das viagens neste rio e das povoações nas suas margens. Desde o início do século XVIII, era procurada a parte norte do Madeira, em particular até as cachoeiras (8° 48’ de latitude sul), pelos habitantes das províncias do Pará e Rio Negro, que ali iam colher os preciosos produtos naturais das suas margens: salsaparrilha, cacau, cravo-do-maranhão, tartarugas e seus ovos. Entretanto, sempre se considerou temeridade o empreendimento dessas viagens, tanto por causa das febres malignas, como dos frequentes ataques de hordas de índios hostis, entre os quais os muras e torazes eram os mais temidos. Sem opor resistência aberta aos viajantes, assaltavam à noite, em lugares onde a violência da correnteza reclamava a atenção e obrigava a guarnição, atarefada na margem, a dividir-se, e trucidavam sem piedade todos os que lhes caíam às mãos, ou estavam ao alcance das suas flechas. As expedições ao Madeira precisavam, portanto, ser protegidas sempre por gente armada, e, quando a necessidade obrigava a demorar mais tempo num sítio e fazer arraial, costumava-se cercar o local com estacadas. A fim de assustar e repelir estes inimigos, ordenou-se em 1716 uma expedição sob o comando do capitão-mor do Pará, João de Barros da Guerra, que só alcançou, como todos os viajantes anteriores, as quedas, uma viagem que em geral dura 25 dias. Por esta e algumas outras expedições quase simultâneas, o governador-geral do Pará, João da Gama da Maia¹, avisado que acima das cachoeiras existiam colônias de europeus, despachou o capitão Francisco de Melo Palheta, em 1723², para obter mais precisas informações. Palheta, que deve

-
1. No original, João da Gama da Maya. João da Maia da Gama foi governador do Estado do Maranhão, de 1722 a 1728. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.).
 2. A expedição do sargento-mor Francisco de Melo Palheta, destinada à exploração do rio Madeira e terminada em 1723, foi despachada em 1722, e não em 1723 como afirma o autor. (Nota da rev., Inst. Hist. e Geogr. Bras.).

ser considerado o descobridor desse rio, venceu as quedas, chegou à junção do Guaporé com o Mamoré, seguiu por este último rio, guiado por um barco de índios espanhóis ali encontrado, até a missão espanhola de Exaltación de la Santa Cruz de los Cajubabas, e voltou pelo mesmo caminho ao Pará, mas sem que as descobertas geográficas, por ele realizadas, fossem publicadas. A expedição de Palheta deu ensejo a fundarem os jesuítas portugueses uma aldeia de índios, que conseguiram induzir a estabelecer-se no Madeira, na foz do Ji-Paraná ou Machado. Foi, entretanto, essa colônia forçada, por índios hostis, a mudar-se mais para baixo, até que, afinal, deitou os fundamentos, no ano de 1756, da Vila de Borba (antigamente aldeia do Trocano). Outra aldeia dos jesuítas, fundada a princípio no furo de Tupinambarana ou Urariá e, depois, mudada para a foz do mesmo no Madeira, a aldeia dos Abacaxis, foi destruída pela violência de diversas epidemias de bexigas e sarampo. Enquanto a parte inferior do Madeira atraía os portugueses, começaram os jesuítas espanhóis a fundar diversas aldeias no Mamoré e no Baurés, assim como, um decênio mais tarde (1742), a de Santa Rosa, no lado este do Guaporé, onde reuniram considerável número de neófitos. Os habitantes de Mato Grosso, acostumados a percorrer o território para descobrir minas de ouro, alcançaram em canoas (1736-1737) essas remotas missões, com as quais começaram a entreter lucrativo comércio, até ser ele vedado aos jesuítas por seus superiores de Santa Cruz de la Sierra. Por ocasião de uma destas viagens comerciais, em Exaltación, três aventureiros portugueses separaram-se dos seus e, no ano de 1742, foram os primeiros a chegar pelo Mamoré, Madeira e Amazonas ao Pará, onde foram presos como vagabundos e despachados para Lisboa. Um deles, Joaquim Ferreira Chaves³, safou-se, passou por Maranhão, Goiás e Cuiabá, de volta a Mato Grosso, e deu ali a primeira informação da exequibilidade de ligação direta comercial entre esta província interior mais ocidental do Brasil e a do Pará. Depois desses acontecimentos, foi por especial ordem do rei aparelhada uma numerosa expedição para fazer a viagem completa do Pará até Mato Grosso, e obter em particular esclarecimentos acerca da comunicação entre ambas as regiões, sem tocar nas missões espanholas. A José Gonçalves da Fonseca, um dos viajantes, foi confiada a redação do diário. Partiu a expedição do Pará, a 14 de julho de 1749, e chegou, em 15 de abril de 1750, a São Francisco Xavier de Mato Grosso. Embora sem muitos resultados geográficos seguros, foi esta viagem, entretanto, de grandes consequências, no que diz respeito à ligação comercial entre ambos os territórios,

3. Sobre a viagem fluvial do reino' Joaquim Ferreira Chaves (um dos companheiros da expedição de Manuel Félix de Lima), veja-se a "Expansão Geográfica do Brasil Colonial" (pág. 226), de Basílio Magalhães. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

a qual, de então em diante, tem sido, durante trinta anos, sempre mais frequente. Talvez também fosse essa a causa indireta de abandonarem os jesuítas espanhóis, em 1753, as suas colônias do Guaporé e de terem voltado para oeste, à província de Mochos. Nessa época, os índios hostis do Madeira foram em parte afugentados e, em parte, induzidos a concluir a paz, de sorte que as expedições, atualmente, pouco têm que recear deles. Sobre a geografia do Madeira, tudo que se sabe até agora foi elaborado pelos astrônomos Pontes e Lacerda e pelo naturalista dr. Alexandre Rodrigues Ferreira; esses, em 1782, partiram do Pará, subindo pelo Madeira, rumo a Mato Grosso, e fixaram vários pontos astronômicos, antes de chegar, quatro anos depois, a Cuiabá. A um membro da Comissão de Limites, Ricardo Franco de Almeida Serra, que ficou muito tempo em Mato Grosso e ali governou interinamente a capitania, devemos, na ocasião, as mais minuciosas notícias sobre o Madeira e sobre a província de Mato Grosso em geral (veja-se o *Patriota*, jornal do Rio de Janeiro, de 1814, vol. III, pág. 14). Até agora, porém, nem a fertilidade e riqueza natural da bacia desse rio, nem a importância do mesmo como via comercial, puderam aumentar a povoação daquelas regiões. Recentemente, fundaram os brasileiros, acima das cachoeiras, o destacamento de São José do Ribeirão, no salto do mesmo nome, para manter em respeito os índios inimigos e para fornecer provisões aos viajantes do Madeira. Mas este posto é muito fraco e depende inteiramente do transporte pelo Rio Guaporé. Abaixo da cachoeira, só existe atualmente a Vila de Borba, mal afamada pela insalubridade de sua situação, lugar de deportação, para o que foi destinada, além de algumas outras vilas do Rio Negro e Solimões, em 1791, depois que, ao crescer a população, a parte oriental do Estado do Pará não pôde mais ser, como antes, utilizada para igual fim. Outra colônia situada no rio, a Vila do Crato, parece que foi, recentemente, abandonada de novo.

Rio Madeira (Geografia) – O Madeira, cujas águas mais meridionais (as do Rio Guapaí, Guapaixou Rio Grande de la Plata ou Misque) alcançam o décimo nono grau de latitude sul, durante o seu curso de 312 léguas em linha reta de su-sudoeste para nor-nordeste, avoluma-se ao ponto de tornar-se um rio de primeira grandeza. A sua principal foz no Amazonas, quando a primeira vez o vimos, em outubro, na vazante, tinha de largura 930 braças; mais tarde, em março, já a largura era de mais de 1.000 braças. No meio do rio achou-se profundidade de 23 a 27 braças; nas margens, de 5, 9 e 10. As suas águas são turvas;

3. Sobre a viagem fluvial do reinol Joaquim Ferreira Chaves (um dos companheiros da expedição de Manuel Félix de Lima), veja-se a *Expansão geográfica do Brasil colonial* (pág. 226), de Basílio Magalhães. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.)

vistas no rio, são amarelo-esverdeadas e nunca tão amarelo-terrosas como as do Amazonas. Encontramos então a temperatura das suas águas a 20,4°R., ao passo que a do ar, com tempo nublado de chuvas, era de 20,8°R. A sua correnteza era então de 20 a 26 pés, por minuto. A mais baixa vazante do rio ocorre nos meses de setembro e outubro; de fins de outubro até abril, o rio enche e produz-se a inundação. A foz abre-se entre duas pontas de terra baixa, as quais, assim como as margens a montante, iguais às do Amazonas, são revestidas da característica vegetação de alagadiço ou *caã-igapó*: mata irregular e densa, enredada, cujas árvores envolvidas por inúmeros cipós (entre eles, muitos *Cissus*) até grande altura trazem vestígios da lama da inundação. Cacaueiros e sarmentos aculeados da salsaparrilha são abundantes aqui, e, nas regiões um tanto mais altas, aparecem os castanheiros, que dão a castanha-do-maranhão. No meio da foz o rio ainda mais se espria em alguns pontos, até 1.200 ou 1.300 braças; em geral, porém, mede a sua largura, até as cachoeiras e acima delas, 700 a 800 braças. Quase nunca, entretanto, é livre de ilhas essa extensão de água, sendo elas até inúmeras, quer no meio, quer nos lados do rio, onde facilitam a navegação, formando canais. Estas ilhas, entre as quais diversas, como a ilha dos Muras, medem várias léguas de comprimento, são baixas e achatadas, tendo às bordas praias de areia e, no meio, vegetação cerrada, sempre verde, igual à do Amazonas. Na enchente ficam mais ou menos inundadas, e pela violência da correnteza são modificadas em forma e posição. Na região baixa do rio, aparece nas praias descobertas um começo de capim e mata. Na zona das cachoeiras, encontram-se amiúde ilhas de rochas permanentes. As margens, por entre as quais flui o majestoso caudal, constituem-se, até as cachoeiras, de terra fofa argilosa e barro, só raramente de pedra rija, a qual, segundo as informações recebidas, seria de um grés de cor esbranquiçada ou vermelho-pardacenta, semelhante ao de Canomá. Nos primeiros dias de viagem para o sul, aparecem as margens com uma altura sem importância, que, nas enchentes, ficam em toda a sua extensão debaixo de água. São aqui formadas de terra escura fofa, ou de terra fina argilosa de cor acinzentada. As primeiras margens altas de barro vermelho, nas ribanceiras de Guarapiranga, veem-se ao sul do rio Mataurá e dali até as cachoeiras. Nesta latitude, transborda o rio, fechado entre margens mais altas, só pelas vargens nas embocaduras dos rios e dos lagos que nele deságuam, para a vizinha planura, onde ele às vezes se espria na largura de duas a três léguas, quando enche. A falta de pedra rija e a impetuosidade das suas águas são a razão por que as margens se soltam às vezes em grandes trechos e desabam no rio, com as árvores neles arraigadas constituindo grande perigo para as canoas que navegam ao longo da margem. Assim como na foz, são as margens cobertas da mesma vegetação de igapó até as cachoeiras e além. O seu aspecto é igualmente devastado e triste; somente onde o terreno mais se eleva é que aparece uma mata virgem livre da inundação,

de aspecto mais limpo e mais aprazível, ou, aqui e acolá, na foz dos afluentes, estendem-se campinas revestidas de arbustos. Incrível é a quantidade de lagos e rios que de ambos os lados deságuam no Madeira, e esse afluxo de tributários não é menor acima das cachoeiras do que abaixo delas. Até as cataratas mais meridionais contam-se do lado oriental pelo menos umas quinze embocaduras de rios, os quais, exceto dois, o Jamari e o Ji-Paraná, são de comprimento moderado, porém bastante profundos. O primeiro desses afluentes junta suas águas às do Madeira por uma boca que tem 240 varas, o último por duas, uma das quais tem 257 e a outra 177 varas de largura. Do lado oeste menos rios caem no Madeira e a maioria deles tem, pela proximidade do Purus, pouca extensão; tanto mais considerável é o rio Beni, vindo do sudoeste. Acrescenta ele ao tronco médio do Madeira não só massa igual à deste rio, mas também o nome, porque este Beni (*Uene, Ueni* = no maypure, rio, *uni* ou *une*, na língua omáguia e *mocho* = água) agora entre os brasileiros se chama Madeira. A geografia do Beni ainda está completamente obscura. Não só em mapas antigos, p. ex. dos jesuítas de Mochos, mas também ainda em muitos povos ele é confundido com o ramo oriental principal do Ucayali, o Paro-Beni. Na junção das igualmente turvas águas do Beni (a 10° 22' 30" 1. s.) com as do ramo oriental principal, que daqui para sul se chama Mamoré (a princípio, Inim), ou também já Guaporé, a boca do primeiro tem 494 braças, a do último, 440, ambos somando 900 braças. Além destes numerosos e caudalosos afluentes o rio é reforçado de ambos os lados e até muito além das cataratas por inúmeros lagos, frequentemente com uma extensão de muitas milhas quadradas, que se comunicam com ele por canais curtos ou compridos parecendo rios. Não são, absolutamente, restos das inundações anuais, mas em geral massas de água independentes, formadas por poderosas nascentes brotando da terra plana que com o tempo se estenderam em forma de lago. É maravilhosa esta abundância de água na terra, onde cada fonte, cada nascente, logo se torna superfície imensa de água. A época das chuvas tem influência relativamente pequena sobre o crescer ou diminuir destes lagos, porém nas inundações do rio são eles que recebem primeiro a enchente. Então também se turvam suas águas a princípio límpidas. Entretanto, nem todos os lagos são desta natureza; alguns de fato parecem formados das águas remanescentes da inundação; suas margens são ilimitadas e eles se perdem em intermináveis pântanos que nunca cessam de misturar suas impurezas com as águas turvas da vizinhança na ocasião de novas enchentes. A maioria destes lagos, porém, tem água cristalina, pura e saborosa, que é mais fria e mais leve que a do rio e por isso é habitada por peixes mais saborosos. Não sabemos qual a natureza da água do mal afamado lago Jurupari-pirá (peixe do diabo), no lado ocidental do rio, cujos, peixes não teriam paladar nenhum. Muitos destes lagos devem ser considerados como extensões lacustres de rios porque deságuam no rio principal,

com não pouca queda. Diante das desembocaduras destes lagos correntes acham-se geralmente ilhas, e como na foz dos verdadeiros rios, parecem formados da acumulação de areia em consequência de duas correntezas de direção diferente. Muitíssimo complexas são as comunicações destes rios e lagos entre si; devido à planura do terreno, estendem-se muito ao interior, ligando diversas bacias, como p.ex. o Furo de Urariá, que recebe o rio e lago de Canomá e os outros paralelos ao último, vindos do sul, e os leva ao Amazonas. Assim também o rio e lago de Capaná transformaram-se em afluentes do Purus; o Autás se comunica por um sistema de lagos com os canais Paratari, e as nascentes do Mataurá estão separadas das do Canomá só por um trajeto estreito.

A noventa léguas, em linha reta, da foz do Madeira, no Amazonas, para o sul, que para os navegantes representariam uma viagem de 186 léguas, acha-se o primeiro salto (cachoeira de Santo Antônio, a *Aroaya* dos índios), e a três léguas de navegação muito penosa, mais a montante, está o salto do Teotônio, onde o rio, estreitado em 250 braças de largura, é interrompido por uma milha de rocha que o atravessa obliquamente e o divide em quatro canais, formando uma queda de 30 pés de altura. Nas outras cachoeiras, das quais se contam treze abaixo da confluência do rio Beni, e acima dele cinco, o rio não é inteiramente interrompido no seu curso. Essas cachoeiras, distantes em linha reta 28 milhas alemãs, são formadas por uma serra baixa, que segue na direção de leste para oeste. Infelizmente não possuímos medições de altura, mas segundo informações de inteligentes viajantes que pude interrogar, as águas, acima das cachoeiras, podem estar a uns 150 pés acima do rio inferior. A formação das mesmas não me foi descrita com precisão, mas provavelmente consiste em grés ou xisto quartzítico. Franco de Almeida relata que a dois dias de viagem da foz do ribeirão no Madeira (na latitude das quedas mais meridionais), possivelmente se tenha descoberto formação aurífera e que os jesuítas teriam mandado lavar ouro da areia numa queda do rio Jamari, também a dois dias de viagem da sua foz. Essas montanhas obrigam também o Beni, a um dia de viagem, e o Abona, a algumas horas acima de sua junção com o Madeira, a formarem quedas. Todos os viajantes concordam que mais a oeste não há mais montanhas e isto é confirmado pela circunstância de que todos os rios que a oeste do Madeira deságuam no Solimões, como o Punis, Juruá, Jutai e Javari, têm muito pouca correnteza e podem ser navegados a montante, durante várias semanas, sem mostrar quedas. Também acima das cataratas, o rio numa largura de 600 a 800 braças é bordado de semelhantes margens baixas. A correnteza é mais fraca do que abaixo das quedas. Chegando-se (numa latitude de 11° 54' 46" 1.s.) à junção do Mamoré superior como Guaporé, que aclareia um pouco as águas turvas do primeiro com as suas límpidas, é difícil saber qual dos dois rios, que se juntam, com foz da mesma largura (500

braças), deve ser considerado como principal. Gonçalves, que achou no Guaporé uma profundidade na sua foz de 6 braças e meia, no Mamoré 7 braças, opta pelo primeiro. Ambos têm numerosos afluentes, lagos e canais de ligação entre si. Em pouco se nota uma mudança na vegetação marginal do Guaporé, enquanto a do Mamoré conserva ainda por um trecho o mesmo caráter. Em lugar da mata de igapó aparecem agora veredas, campinas, pantanais e campos inundados até várias léguas durante a cheia. Em direção a oeste toda a região é plana e lisa; só a leste é a bacia do Guaporé, que pelas suas águas transparentes legitima-se como filho de regiões montanhosas, limitada pela chamada serra Geral ou Chapada do Mato Grosso, uma encosta montanhosa baixa que se estende dos Campos dos Parecis e nor-noroeste, visível logo depois de vencidas as cataratas. O próprio leito do Guaporé tem em comum, em ambas as margens, com as regiões ocidentais a grande planura e pouca elevação sobre o nível do rio. Mesmo até a latitude da capital de Mato Grosso, o Guaporé anualmente inunda tudo, de maneira que só as encostas íngremes daquela serra, que está em geral a uma distância de 12 léguas do rio, impedem maior expansão daquela massa inesgotável de água, cuja maior cheia alcançaria uma altura de 45 palmos. Só na latitude de 12°52'35" sul eleva-se diretamente na margem oriental do Guaporé um morro e nele há o Destacamento das Pedras, que não pode ser inundado; como na sua proximidade cessam vários produtos vegetais da bacia inferior, é considerado por Almeida Serra ponto extremo a sudeste da bacia amazônica. Os pantanais ora são cobertos só com capim e ervas baixas (nas elevações insulares também com arbustos), ora com impenetráveis sebes e tococais, ora com grupos de um tipo de palmeira ou vegetação florestal, aqui e acolá às margens do rio, enquanto o olhar terra adentro perde-se sem ponto de apoio nas imensas vargens. A oeste destas regiões percorrem as águas turvas do Mamoré e do Beni infundáveis campos pantanosos, nos quais predomina a mesma natureza que perfaz o caráter típico da bacia do Madeira. Os rios Baurés e Itonomás se comunicam a leste por intermédio de lagos e canais com o Guaporé, como também a oeste com o Mamoré, e este de modo semelhante com o Beni mais a oeste. Este grande terreno entre o Guaporé e os afluentes ocidentais do Beni forma a paisagem espanhola que toma o seu nome de uma tribo de índios, os mochos (moxos). Pecuária e agricultura são dominadas pelas inundações anuais, às quais está exposta quase a região inteira. Febres malignas não raro são a consequência das exalações nocivas que emanam dos pantanais e ademais o país às vezes é atingido por ventos frios do sul ou do oeste. Almeida Serra, no fim do século passado, indica o número de habitante em 23.000 (entre eles muitos índios); e este não terá aumentado consideravelmente desde então.

Quase todos os produtos naturais do rio Amazonas encontram-se também no Madeira. Além das já citadas matas de cacau e salsaparrilha da parte

inferior da bacia do rio, são abundantes, nos trechos mais altos, majestosos castanheiros, cravo-do-maranhão, pixurim, copaíba, baunilha, muitas árvores resinosas e de marcenaria, etc. O rio e os lagos vizinhos em comunicação com ele são ricos em peixes de fino sabor, mas só até as quedas, acima das quais os viajantes não devem mais contar com os resultados da pescaria. Durante a inundação, passam os peixes para os lagos, rios e terrenos inundados próximos, onde fazem a desova. São igualmente abundantes ali as tartarugas. A praia de Tamanduá, abaixo das cachoeiras, tida como uma das mais lucrativas para a colheita dos ovos de tartaruga e preparo da manteiga, é procurada anualmente por muitas canoas do rio Negro, até do Pará. O valor da manteiga, ali obtida anualmente, é estimado entre cinco e seis mil cruzados.

Considerando-se a imensa extensão desse caudal, que oferece uma via fluvial direta desde a cidade de La Paz, no interior do alto Peru⁴, até o Pará, no oceano Atlântico, a riqueza das terras que ele atravessa, e a falta de outras ligações fluviais de igual extensão, deve-se lastimar a interrupção da viagem, pelo grande obstáculo das numerosas cachoeiras, entre as quais se calculam 74 léguas de navegação. Não obstante, entre 1755 e 1787 era ela a mais importante via comercial do interior, e, com isso, lucrava Mato Grosso, que recebia, por metade mais baratos do que pelo Rio e pela Bahia, todos os artigos pesados de comércio. Os barcos em que habitualmente se faziam essas viagens, de construção semelhante aos usados no Amazonas, têm como guarnição, em geral, sete ou oito remadores de cada lado, e, fora o piloto, alguns pescadores e caçadores, de sorte que a equipagem consta de uns vinte homens. O carregamento, mais ou menos com o valor de 15 ou 16.000 cruzados e com peso de 2.000 ou 3.000 arrobas, consiste particularmente em artigos mais pesados, que, vindos por terra do Rio e da Bahia, saíam menos vantajosos, como metais e objetos de metal, objetos de vidro, louça de barro e porcelana, medicamento, vinho, vinagre, aguardente, papel, pólvora e sal; mas também quinquilharias e artigos menores, tecidos, chapéus e outros objetos leves, bem como os escravos pretos, que eram preferentemente mandados vir da Bahia e do Rio de Janeiro. De Mato Grosso costumava-se levar para o Pará principalmente ouro em pó e em barras, e calcula-se que o valor da importação dali montava anualmente em média a 200.000 cruzados. Já no ano de 1769 (segundo Pizarro, *Memórias do Rio de Janeiro*, vol. IX, pág. 117), foram exportadas para o Pará 85.963 1/2 oitavas de ouro ou 116.050\$725, avaliada a oitava a 1\$350; no ano de 1770, foi para ali exportado o valor de 41:270\$000

4. Hoje, capital da Bolívia (Nota da rev., Ed. Melh.).

(no mesmo ano, a exportação para o Rio de Janeiro subiu a 142:411\$811, e para a Bahia a 101:351\$250). Além do ouro, como principal produto da província de Mato Grosso, foram ainda exportados dali algum açúcar de boa qualidade, tecido grosseiro de algodão fabricado por índios, polpa de tamarindo, cravo-do-maranhão, favas de pixurim e também diamantes por contrabando. Com o escasso povoamento da província, que impede a produção de artigos de indústria, continua o ouro a ser o mais importante objeto da exportação. Calcula-se que do Pará até a foz do Madeira no Amazonas têm os barcos que percorrer 270 léguas; daí até as primeiras cachoeiras, 186; delas até a junção do Guaporé com o Mamoré, 103; daí até Vila Bela, 205 – um total, portanto, de 764 léguas. Para essa distância colossal, uma canoa de comércio, carregada, gasta em geral nove a dez meses. Mais de um terço desse tempo, emprega-se em transpor as cachoeiras, algumas das quais, insuperáveis até para canoas pequenas vazias, tanto mais o são para os grandes barcos. Nos saltos do Teotônio, do Jirau, da Pederneira, do Ribeirão, do Madeira e da Bananeira, os carregamentos e, se o nível da água não é bastante favorável, também as canoas, têm de ser levados para diante, por sobre estivas de vigas. Tem a passagem, que elas desse modo transpõem, 1.600 braças, no mínimo. A época mais favorável para vencer essas quedas cai no trimestre de julho a setembro, quando o rio tem pouca água; entretanto, muitas passagens oferecem justamente então maiores dificuldades, quando o rio está vazio, e os barcos precisam ser puxados adiante por meio da sirga, por cima dos escolhos mal cobertos de água. Na maior altura da enchente, é difícilíssima a navegação, não tanto por causa das próprias cachoeiras, mas devido às violentas correntezas existentes entre elas. Nos meses seguintes, os viajantes não raro estão sujeitos a contrair, febres intermitentes, disenterias e diarreias, em consequência dos exaustivos esforços. Como, além disso, a praga dos mosquitos é de todo insuportável em muitos pontos, de Borba para cima, onde cessam os ventos leste favoráveis, também é precária a assistência dos colonos e é para temer um assalto de índios, apesar da sua aparente disposição amistosa; não deixam, pois, de ter razão os negociantes, quando preferem a viagem de quatro a cinco meses, segura, por terra, para a Bahia e Rio de Janeiro, a essas demoradas viagens fluviais, expostas a tantos contratemplos. O governo não deixou de dar incentivos, tanto que mandou de Mato Grosso um destacamento de tropas ao salto do Teotônio, para proteger a navegação e fornecer aos viajantes víveres, que, além disso, são levados de Borba (calculam-se, para cada homem., cinco arrobas de farinha de mandioca, além da diária ração de peixe); todavia, o mesmo foi abandonado devido à pouca frequência de viajantes e à pressão de índios hostis. Recentemente um posto semelhante se instalou no Ribeirão. Neste século, diminuiu o comércio entre Mato Grosso e o Pará, não só porque cresceu tão rapidamente a importância do Rio e da Bahia como cidades

comerciais e por aí estabelecerem os negociantes acolá correspondentes, dos quais podiam receber os fornecimentos na metade do tempo, mas, sobretudo, porque os grandes capitais, que são necessários para uma expedição ao Pará, com o declínio da produção das minas em Mato Grosso, se tornavam cada vez mais raros. Logo que uma população adequada ocupar as férteis regiões do Madeira, não faltarão, sem dúvida, meios de contornar as cachoeiras por apropriados canais, e, então, se abrirá nesse território uma brilhante perspectiva para o comércio. No século precedente, poder-se-ia esperar grande incremento do povoamento dessa bacia deserta, se ricas minas de ouro do rio Jamari ou de outro afluente fossem descobertas. Atualmente, porém, já se pensa mais sensatamente a esse respeito; desfizeram-se as ilusões acerca dos grandes lucros de um mineiro (calcula-se que um faiscador de ouro pode, na média, lavar apenas o valor de 600 réis por semana ou 31\$200 por ano, ao passo que o rendimento da lavoura, particularmente da cana-de-açúcar, chega a 50\$000 ou 70\$000, e só considerável superpovoamento das regiões orientais talvez consiga fornecer trabalhadores para os férteis porém desertos campos do Madeira.

São estas as informações que tinha eu a acrescentar aqui acerca do mais caudaloso tributário do Amazonas; foram elas em parte obtidas dos documentos da autoria de Gonçalves da Fonseca e Ricardo Franco de Almeida Serra e, em parte, colhidas das informações orais dos viajantes, com quem me relacionei.

II – Os mundurucus, mundrucus (*muturicus*), antes do ano de 1770, mal eram conhecidos no Brasil pelo nome; mas, daí em diante, irromperam em numerosas hordas, ao longo do rio Tapajós, destruíram as colônias e tornaram-se tão temíveis que foi necessário mandar contra eles tropas, às quais se opuseram com grande audácia. No oitavo decênio do precedente século, saiu das suas malocas uma horda de mais de 2.000 homens, a qual atravessou os rios Xingu e Tocantins e seguiu, espalhando guerra e devastação, até as fronteiras ocidentais da província do Maranhão; aí, porém, sofreram pesada derrota, contra os belicosos apinajés, de sorte que só os sobreviventes da mortífera guerra puderam retirar-se para o norte, para os rios Moju e Capim, onde assolaram as fazendas portuguesas. Acossada pelos fazendeiros coligados, voltou de novo a horda finalmente à tribo restante no Tapajós. O governo contra eles mandou um destacamento de 300 homens, que, ao cabo de dez dias de viagem à margem daquele rio, encontrou uma maloca densamente povoada e viu-se cercado por numerosos inimigos armados. Só a custo pôde abrir passagem e alcançar o rio; todavia, parece que causaram aos mundurucus a perda de quase 1.000 homens, como declarou um tuxaua deles, o primeiro que fez pacto de amizade baseado em sua talha. No ano de 1803, foi fundada a primeira aldeia dos mundurucus, Santa Cruz, sete dias de viagem acima de

Santarém, no Tapajós, e, desde aquela época, toda a tribo firmou a paz com os brasileiros; várias das suas grandes aldeias se transformaram em missões e exploram o comércio com os brancos. Em Santa Cruz, Boim, Pinhel e nas outras vilas do Tapajós contam-se 1.000 arcos (homens combatentes); a missão de Maué tem 1.600, a de Juruti, 1.000 habitantes. Esta tribo é mais industriosa do que outra qualquer. Avalia-se que os mundurucus domiciliados nas vilas do Tapajós preparam anualmente 6.000 alqueires de farinha; os de Maué, 1.500; e os de Canomá, 800; é ela, na maior parte, exportada para Santarém e para os povoados vizinhos. Aos seus missionários dão eles, de presente, grande quantidade desse produto. Quando voltamos da maloca de Caiaué para Canomá, estava a canoa carregada com cestos cheios de farinha. No ano de 1819, os mundurucus de Canomá colheram 900 arrobas de cravo-do-maranhão e outro tanto de salsaparrilha, lançando-os no mercado. Com tais disposições para as atividades civis, podia-se esperar em breve o estabelecimento de todos os mundurucus entre os brancos, se não se interpusessem certas atitudes do governo. Entre estas estava a imposição de que todas as aldeias deviam fornecer contingentes para as obras públicas de Barra do Rio Negro e do Pará. Essa medida impopular, contrária aos verdadeiros interesses do país, impediu o desenvolvimento de Santa Cruz, de Canomá, etc., e ouvimos, nesse sentido, queixas de muitos patriotas inteligentes. Já antes me referi ao importante serviço prestado pelos mundurucus, sustando a rapinagem dos muras e impondo-lhes respeito. Os mundurucus de Canomá desceram das suas campinas à margem oriental do Tapajós, pelo rio Sucunduri, e estão em comunicação com as malocas dali. O ponto deste último rio, onde eles embarcam para Canomá, dista daí doze dias de viagem, e as canoas dos comerciantes, que compram salsaparrilha e cravo, vão até aquele porto dos mundurucus sem receio (o rio Canomá, acima da confluência com o Sucunduri, ainda não foi navegado). Dali se vem, em três dias de viagem, por terra, ao Tapajós, rio que se atravessa em Santa Cruz e Uxituba, para chegar às grandes malocas orientais.

O que acima referi a respeito das expedições dos mundurucus, faz lembrar as semelhantes migrações daqueles tupis que expulsaram outrora os quinimurás das costas da Bahia e de Pernambuco; todavia, tais migrações não são a única semelhança entre os mundurucus e aqueles mais poderosos dos aborígenes do Brasil. Assim como muitas palavras tupis, existentes na linguagem deles, também muitos traços nos seus costumes tornam particularmente provável que eles também pertenceram à grande nação, já há muitos séculos, subdividida em famílias, hordas e tribos, a qual pode ter-se espalhado do sul por todo o Brasil. Como exemplo, apresentamos os seguintes termos, que denotam semelhança entre as duas línguas:

	Tupi	Mundurucu
Fogo:	<i>tatá,</i>	<i>tachei;</i>
Água:	<i>hy (ygb),</i>	<i>hü;</i>
Lua:	<i>iassi,</i>	<i>achiat;</i>
Fruto:	<i>ia,</i>	<i>ia;</i>
Pai:	<i>payii,</i>	<i>paipai;</i>
Mãe:	<i>mayu,</i>	<i>maihii;</i>
Banana:	<i>pacoba,</i>	<i>bacobá;</i>
Braço:	<i>juá (fubá),</i>	<i>woi-pá;</i>
Casa:	<i>oca,</i>	<i>öcka;</i>
Sangue:	<i>tuy (tuguy),</i>	<i>tuü;</i>
Sapo:	<i>caruru,</i>	<i>gorãgorã;</i>
Leite:	<i>Camü(camy),</i>	<i>icamutü (água do seio).</i>

(Muitas palavras se parecem com as de igual sentido da língua dos chiquitos do Paraguai, por exemplo: rio e céu exprimem-se, na língua chiquita, por *ogirus* e *apez*, e na dos mundurucus por *iguri* e *capü*). Assim como a língua tupi, a dos mundurucus, enérgica, não seria difícil; ela é também falada com muita modulação. As nossas três consoantes *f*, *l* e *r* que faltam ao tupi, que deram motivo a que os jesuítas dissessem serem os tupinambás gente sem fé, sem lei e sem rei, na linguagem mundurucu também raramente ou nunca aparecem. Para acentuar a semelhança dos costumes dos mundurucus com os dos tupis, como têm informado muitos historiadores, podem servir os seguintes dados: os mundurucus ainda não aldeados habitam grandes riachos abertos, com muitas famílias em comum. Conforme o poder e prestígio, um homem toma mais de uma mulher, dependura a sua rede na competente repartição do rancho, perto da sua mulher mais velha, que dirige a casa não em pé de igualdade com a favorita, e mesmo, às vezes, lhe traz mulheres mais jovens. Ciúmes e brigas são o resultado da poligamia, aqui mais espalhada do que entre outras tribos, contra a qual tem o padre Gonçalves que lutar continuamente entre seus neófitos. Como os caraíbas e os antigos tupis, os varões mundurucus têm o costume de ficar na rede algumas semanas, por ocasião do nascimento de uma criança, e de receber os cuidados devidos à parturiente e a visitados vizinhos, pois a criança é atribuída só ao pai; a contribuição da mãe é comparada à do solo que recebe a semente. Pouco depois de nascer, recebe o bebê um nome, tirado de planta ou animal; esse nome, porém, muda-o ele diversas vezes em sua vida, logo que realiza alguma façanha heroica, na guerra ou na caça. Acontece tomar assim a mesma pessoa cinco ou seis nomes, um após outro. O filho, chegando à virilidade, constitui a sua própria família, tomando a mulher

que ou lhe fora destinada na infância, ou que ele conquista, mediante a prestação de alguns anos de serviço na casa do sogro. Após a morte de um homem, o irmão dele deve casar com a viúva, e o irmão da viúva casar com a filha dela, se ela não achar outro noivo. Certos graus de parentesco – entre tio e sobrinha paternos, por exemplo – não permitem união matrimonial. Logo que morre alguém, o luto das parentas do mundurucu consiste em cortar o cabelo, que ordinariamente usam comprido, em pintar de preto o rosto e soltar queixumes durante algum tempo. O corpo é enterrado com a rede, no interior da palhoça. Em honra do defunto fazem libações, que tanto mais duram quanto mais poderoso ele for. Na imortalidade não crê o mundurucu; o único vestígio de crença mais elevada encontrei-o na sua linguagem, que tem as palavras *getiùt*, Deus, e *cāuchi*, Diabo. Também entre eles é o pajé uma pessoa poderosa e temida; é tido como parente do Diabo ou como inspirado.

III – Arraiolos é atualmente, depois de Macapá e Mazagão⁵, a mais florescente povoação da região costeira do Brasil, ao norte do equador, mas, em geral, toda essa parte da província jaz em completo abandono e inércia, em consequência das assoladoras febres que, quase por toda parte, são endêmicas. O cultivo do algodão parece adaptar-se particularmente aos terrenos baixos e quentes; também em Macapá se tece muito algodão grosso, que é remetido para o Pará. São abundantes os produtos naturais, como o cravo, o bálsamo de copaíba e a salsaparrilha, particularmente nos rios Jari e Araguari; por outro lado, no rio Paru são escassos, e, por esse motivo, assim como por causa das suas cachoeiras e dos piuns numerosos, menos procurados. O Jari, em oito dias de viagem a montante, tem margens aprazíveis, depois é completamente cortado no seu curso por uma grande cachoeira, de sorte que só se pode prosseguir jornada em pequenos botes. Febres malignas e endêmicas reinam nele. O Goaratá-buru, braço lateral do Jari, dá passagem, depois de curta caminhada por terra, para o Araguari. A criação de gado, para a qual se prestam aqueles extensos campos, é relativamente modesta

5. Eis o que a respeito desse topônimo diz E. Reclus (*ob. cit.*, pág. 125): “Um dos povoados do distrito situado a cerca de 60 quilômetros para oeste, no interior, Mazagão recorda a cidade marroquina de Mazagão, atualmente El-Bridia, que os portugueses possuíram durante dois séculos e meio e que tiveram de abandonar em 1770. As famílias portuguesas desta cidade africana, em número de 114, transferiram-se) para perto do estuário amazônico, onde fundaram a sua nova cidade. Os mazaganistas, comparando-se: com as raças tão diversamente mescladas da Amazônia, gabavam a pureza do seu velho sangue lusitano, aliás caldeado com o de berberes e semitas”. (Nota da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.).

e os habitantes indicam os morcegos como o maior obstáculo. O comércio com o Pará se faz por meio de grandes barcos e sumacas, que velejam a leste da ilha de Marajó, e pequenos botes, que navegam via Gurupá e pelo Igarapé-mirim. Essa viagem, realizada em três, quatro e até em oito dias, é sempre arriscada, por causa dos baixios e correntezas. O fortim de Macapá é a praça fronteira brasileira no limite com a Guiana francesa. Foi construído entre 1760 e 1773, no tempo do governo-geral de Fernando da Costa Ataíde Teive (o construtor do palácio do governo, do Pará), e custou 3 milhões de cruzados.

Os primitivos habitantes de todo esse trecho da costa eram os índios anabutós, arianas, aroquis, tucuxus e oaiapis. As duas primeiras tribos já desapareceram dessa região; as outras domiciliaram-se, parte no interior da província, parte em mistura com os habitantes de Arraiolos e Esposende, e nos arredores de Macapá. Este belo trecho do país espera cultivo e povoamento das gerações vindouras.

IV – O rio Amazonas – De propósito, tocamos só de leve nos fatos referentes à natureza do maior de todos os rios, à sua bacia e às suas margens, no correr de nossa narração de viagem, a fim de mais tarde reunir tudo num só painel. Como agora nos dispomos aqui a essa difícil empresa, precisamos ainda pedir aos geógrafos a sua particular indulgência; esperamos obtê-la tanto mais facilmente porque o principal objetivo da nossa viagem, bem diverso, destinava-se ao aumento dos conhecimentos específicos da zoologia e da botânica.

Muito há na formação do rio Amazonas e de sua bacia que diverge das condições observadas, em geral, nos grandes rios. Isso se refere, sobretudo à circunstância de que a direção principal do rio, na maior parte do seu curso, desvia-se daquela do rio que sempre se pode aceitar como sua nascente original, ou como seu braço principal. Aquele corre em geral de oeste para leste, ao passo que o Marañón, considerado habitualmente como sua nascente, segue na direção de su-sudoeste para nor-nordeste; os demais braços, porém, que por sua extensão podem ser considerados como nascentes principais, como particularmente o Ucayali e o Madeira correm de sul para norte. Igualmente o Marañón, cuja nascente se julga ser o Lago de Hiauricocha, provavelmente no seu mais alto vale fluvial, está menos alto do que as cabeceiras mais meridionais do rio Madeira, que brotam das montanhas de La Paz, ou de ambas as nascentes do Ucayali: o Paucartambo (lambari), que nasce nas encostas setentrionais do notável lago alpestre Titicaca, situado na altitude de 11.970 pés, e o Apurimac, que está a oeste da majestosa montanha de traquito de Chuquibamba, cuja altitude foi avaliada em 20.640 pés (parisienses) por Pentland. Finalmente, também o curso do próprio Marañón até onde o Amazonas toma a direção de oeste para este é mais curto do que o do Ucayali ou do Madeira, até a sua foz no vazio geral. Parece, portanto,

difícil determinar onde estão as verdadeiras nascentes do Amazonas, e inclino-me a considerar esse gigantesco caudal, não como um rio simples, mas como composto, um sistema fluvial inteiro. Por essa razão, também esse complexo de rios, na sua principal direção de oeste para leste, conserva as mesmas propriedades constantes, ao passo que os rios individuais que o compõem apresentam muitas particularidades, tanto no comprimento e direção, como em todas as demais condições. Parece, por conseguinte, mais acertado dar nomes diferentes ao grandioso complexo fluvial em certos lugares, o que também os habitantes já estão fazendo, pois os espanhóis chamam a sua parte ocidental de Marañón, os brasileiros designam a parte média pelo nome de Solimões e a parte oriental de Amazonas. Com isso, por um lado, faz-se valer a política, pois o nome de Marañón estende-se até a fronteira do Brasil, e, por outro lado, levando em conta a origem, deixando prevalecer o nome de Solimões, desde aí até a sua confluência com o rio Negro. Uma denominação mais exata, baseada na natureza dos seus afluentes, deveria talvez estender o nome de Solimões desde a foz do Madeira até a do Ucayali, pois esses dois braços acarretam, do lado meridional, no mais extenso curso, a maior quantidade das águas, e assinalam a linha do vale em ambas as grandes bacias, que do sul vão dar na do Amazonas.

Querendo passar das generalidades para os detalhes na descrição desse rio, devemos primeiro deitar um olhar no comprimento de cada um dos afluentes, que no seu conjunto dão a medida da colossal bacia fluvial, cuja extensão o Sr. von Humboldt (*Viagem*, V, pág. 336) avalia em 260.000 milhas quadradas, menor, portanto, apenas um sexto que a área de toda a Europa. Com grande rigor, não se pode realmente determinar o comprimento desses rios, pois só do lado setentrional, onde as observações do Sr. von Humboldt fixaram os limites entre as bacias do Amazonas e do Orenoco, no Guaporé, afluente oriental do Madeira, as determinações da Comissão de Limites portuguesa são bastante seguras. As cabeceiras do Ucayali, do Huallaga e do Marañón ainda necessitam todas ser astronomicamente retificadas, e, se possivelmente são melhor fixadas astronomicamente as encostas, das quais descem os rios Marona, Pastaza, Tigre e Napo das províncias de Quixos y Macas e de Quito para o principal vazadouro, deverão também ser retificadas as latitudes e longitudes dos lugares em que sai o Marañón dos contra-fortes dos Andes e entra na planície chata da bacia do Amazonas, assim como as das fozes do Hyallaga e Ucayali, pois não creio que, afora as determinações do Sr. von Humboldt em Tomependá (5° 31' 28" de latitude sul e 80° 56' 37" de longitude a oeste de Paris), uma só informação nessa bacia mereça confiança absoluta. As grandes diferenças de mais de um grau em latitude e longitude entre os mapas antigos e as observações do tenente Lister Maw sobre a posição de Moyobamba e Chachapoyas e as do Sr. Pentland sobre muitos lugares

do Alto Peru e da Bolívia indicam claramente ser por enquanto impossível uma determinação exata do comprimento de cada um dos afluentes e do conjunto do Amazonas. Nessas condições, creio que, para a medição da bacia do rio, a melhor base é o mapa geral da América do Sul, traçado por Weiss com os melhoramentos depois feitos, tanto pelo Sr. Schwarzmann, como por mim em cartões.

As mais longínquas nascentes deste complexo fluvial assinalam os limites da bacia geográfica do rio, cujo resumo é aqui, em todo o caso, oportuno.

O Sr. von Humboldt, que com traços de mestre fez a descrição das diferentes grandes bacias do continente americano (*Viagem*, V, 515), distingue na maior delas a do rio Negro e do Amazonas, duas partes: a que se dirige de oeste para leste e a do norte para o sul. Na primeira, corre o próprio Amazonas, que reúne, como principal receptor, as águas de mais da metade do continente americano; na outra, o maior de todos os seus afluentes, o Madeira, ocupa a mais baixa linha do vale. O maior comprimento dessa imensa bacia fluvial é, de sul a norte, de 463 léguas; e de oeste a leste, 612 léguas. Os divisores de águas, que formam as suas fronteiras extremas, passam ora sobre cristais de altas montanhas, ora sobre arestas baixas, pouco inclinadas. Assim, todo o território, quanto ao clima, diverge dos vizinhos, onde é separado por montanhas, ao passo que muitas partes da bacia, apenas imperceptivelmente separadas, correspondem, no que diz respeito às condições climáticas, às regiões fluviais próximas. Na parte mais meridional, são as encostas setentrionais da cordilheira de Cochabamba (17° 23' de latitude sul) um espinhaço transversal, dirigindo-se de La Paz para leste e elevando-se, aqui e acolá, acima da linha das neves, das quais brotam os extremos afluentes do braço ocidental do Madeira (Beni), para se reunirem com as nascentes do braço mediano (o Mamoré), as quais surgem nas encostas meridionais. Formam elas um grande arco para leste, em torno dos extremos contrafortes daquela cordilheira transversal, nos pantanosos Pampas de los Chiquitos. Inteiramente desconhecidos são os limites da bacia daqui para lé-nordeste. A bacia do Paraguai não é separada de todo dos afluentes orientais do Guaporé por serras propriamente ditas; mas ainda é problemático se algum sistema de lagos interiores ou de pantanais ou, antes, se as encostas baixas, em forma de terraço, da direção nor-noroeste, contêm as nascentes que confluam, correndo para o norte. Quanto a mim, acho mais provável a primeira hipótese, por crescer em aqui muitas palmeiras, as quais, como se observa frequentemente nas terras tropicais, podem servir como coletoras de águas superficiais (condição em tudo idêntica observei nas chamadas veredas ou vargens da parte ocidental de Minas Gerais, Pernambuco e Piauí; o solo dessas vargens de Mato Grosso é, ademais, muito salino, e as folhas da palmeira de leque, ali existente, a *carandá*, cobrem-se com espessa camada de sal impuro). As primeiras montanhas, que se elevam ainda mais a leste, são as da serra de Aguapé: dos seus

declives setentrionais brota o rio Alegre, afluente do Guaporé, dos meridionais, o Aguapeí, que se reúne ao Paraguai por meio do Jauru. Entre ambos, está o curto trajeto de 2.400 braças acima e de 3.920 braças abaixo das cachoeiras, que os dois rios formam. No ano de 1773, quis o general Luís de Albuquerque ligar os dois rios, para estabelecer uma via fluvial entre o Amazonas e o Paraguai, mas o plano falhou, porque o nivelamento saiu errado e o canal do lado do rio Alegre ficou alto demais. Segundo dizem, a serra de Aguapeí não se eleva, em verdade, a uma altura absoluta muito considerável, talvez apenas a 2.000 pés acima do oceano; mas a sua posição isolada e os escarpados paredões dos seus estreitos vales, dos quais os justamente citados rios nascentes próximos se precipitam com pitorescas quedas, dão-lhe aparência de grande elevação. Na direção de nordeste, liga-se a serra de Aguapeí (provavelmente formada de xisto granítico ou de quartzo clorítico e itacolomito) com a chapada dos Campos dos Parecis, cujos pendores setentrionais igualmente limitam uma parte da Bacia do Amazonas, pois deles brotam as muito extensas cabeceiras portadores de ouro do Arinos e as do Juruena, em 14° 42' 1.s., que formam o caudaloso Tapajós. Essas regiões desertas, percorridas até hoje só por aventureiros à cata de ouro e diamantes, merecem, sob todos os respeitos, ser investigadas por viajantes cientistas. Assim como se mostram em extremo notáveis no sentido geográfico, por também conterem as suas encostas meridionais num sistema de campos pantanosos (vargens, veredas, várzeas) e de poços (as denominadas Sete Lagoas), as cabeceiras do Paraguai, deve-se esperar de investigações geológicas importantes esclarecimentos, principalmente sobre a formação diamantífera que, tanto aqui como no Distrito Diamantino de Minas Gerais, foi destruída por causas fortes e de extenso efeito, que parecem ter deixado soltas as pedras preciosas e o ouro, que ao mesmo tempo aí aparece. Mais a leste, segue o divisor de águas da Bacia do Amazonas por chapadas e montanhas ainda menos conhecidas, das quais brotam as nascentes cristalinas do Xingu. Vagos informes situam na região superior desse belo rio as imensamente ricas minas de ouro dos Martírios, que segundo se diz, foram vistas pelo primeiro descobridor de Goiás, Bartolomeu Bueno, pai, as quais, porém, desde então se subtraíram às pesquisas de ulteriores bandeirantes. A leste do Xingu, está ainda o caudaloso Tocantins, cujo vale fluvial forma uma parte principal da Bacia do Amazonas. As nascentes mais a sudoeste do seu principal braço ocidental, o Araguaia, vêm provavelmente de um terreno cuja disposição corresponde à dos Campos dos Parecis; ao sul e sueste, porém, é que nascem da não pouco considerável cadeia de montanhas de Goiás as demais fontes do Tocantins. Essa cadeia, cujos mais importantes picos são a serra da Sejada e os pitorescos montes Pireneus, pertence ao sistema de montanhas, a serra de Amambaí, que, com as suas ramificações ocidentais, começando na margem oriental do Paraguai, corre para lés-nordeste, por meio da

serra das Vertentes, até as opulentas montanhas auríferas de Vila Rica, nas quais o Itacolomi, como ponto de junção principal, liga a cordilheira costeira granítica, a serra do Mar, com as montanhas abundantes de ouro e de quartzo da serra da Mantiqueira ou serra do Espinhaço, como a chamou o Sr. von Eschwege, a principal de Minas Gerais. O sistema forma o divisor de águas entre as três maiores bacias fluviais do Brasil, a do Amazonas, do Paraguai e do rio São Francisco. Sua linha culminante eleva-se cada vez mais alta, quanto mais sobe das chapadas que separam o Taquari do rio Pardo, na direção nordeste. A passagem por terra de Camapuã, trajeto de 6.230 braças entre os mencionados rios que os viajantes hão de transpor ao empreenderem a navegação fluvial do Porto Feliz no Tietê até Mato Grosso, acha-se, conforme os dados computados, a mais de 1.900 pés acima do mar; mas as serras mais orientais, na maior parte correspondendo às montanhas auríferas de Minas Gerais na sua constituição geológica, como a serra de Sejada e de S. Marta e os montes Pireneus, elevam os seus picos cristalinos a mais de 3.600 pés. Este último grupo de montanhas, o qual, no terceiro e quarto decênios do século precedente, forneceu um quase incrível rendimento de ouro, é o mais oriental ponto divisório da bacia do Amazonas, para o qual as águas são levadas pelo Tocantins. Outro divisor de águas pouco conhecido, elevando-se ora em montanhas abruptas, ora em chapadas de suave rampa, corre desde os píncaros de Goiás para o norte e separa a bacia do Tocantins da do rio São Francisco, do rio Parnaíba e dos rios costeiros, das mais setentrionais províncias do Brasil (para su-sudeste, destaca-se a ramificação bem denominada pelo Sr. von Eschwege de serra das Vertentes, porque dali saem numerosos braços para o sul, para o sistema do rio Paraná, e ao norte, para o rio São Francisco. São várias as suas condições geológicas: predomina o granito, gnaisse granítico ou sienito, por cima do qual uma espessa camada de xisto quartzítico, cumes a modo de torres de grés ou magnetita e, sobretudo nas encostas setentrionais, nos caldeirões dos vales cheios de barro, acham-se acumulações colossais de salitre; finalmente, a elevação geral do terreno, de 2.800 a 3.500 pés, mesmo nos passos, sobre os quais passam os caminhos: tudo isso caracteriza essa parte do sistema de montanhas de Minas Gerais.

Até aqui tenho procurado assinalar os limites extremos do divisor de águas, que definem a Bacia do Amazonas na direção sul e leste. Eles ocorrem até uma pequena parte no sul, onde passam pela região da República da Bolívia, somente dentro das fronteiras do Brasil, e nesse território excluem uma região relativamente pequena (uma parte da região de La Plata, do São Francisco e dos rios costeiros). Se considerarmos com mais rigor essa enorme parte do conjunto da bacia do rio, aparece ela formada pelas bacias paralelas dos rios Madeira, Tapajós, Xingu, Tocantins e dos rios menores que correm entre eles, de sul a norte, para

o mais profundo rio-mestre. A formação do terreno dessas bacias parciais pode ainda dar-nos ensejo para uma observação, que já acima indicamos. Embora seja pequena a elevação do terreno de todas essas bacias de rios, e tão fraca em geral a inclinação das planícies para o norte, verifica-se, entretanto, que um degrau em forma de terraço segue na direção sudoeste para nordeste, obliquamente, através de toda a imensa região dessas bacias reunidas. O declive do terreno é visível no curso dos rios, pelos bancos de pedra e escolhos, que ora formam verdadeiras cachoeiras, ora apenas corredeiras, e dividem a bacia de cada um desses rios em superior e inferior, as quais, em geral, se distinguem uma da outra pela diversidade da formação geológica e da vegetação. No Tocantins aquele limite entre a bacia inferior e a superior está ao norte, ao sul do quarto paralelo do Xingu, no Tapajós ao sul do quinto e finalmente no Madeira ao sul do oitavo. Não se sabe com certeza se ao oeste do Madeira se elevam semelhantes encostas rochosas, interceptando os rios no seu curso. Boatos muito vagos colocam cataratas também na região mais meridional dos afluentes sem importância entre o Madeira e o Ucayali, mas sua correnteza fraca indica que vêm de vargens pantanosas e não de regiões montanhosas ou, pelo menos, que no seu curso setentrional percorrem um terreno de pouco declive. Assim a região entre o Madeira e o Ucayali se nos apresenta como um imenso vale, com encostas suaves na direção do Amazonas e só sulcado fracamente pelos leitos pouco profundos dos seus rios secundários.

Volvamo-nos, agora, para os limites ocidentais da grande Bacia do Amazonas, e vê-los-emos não formados por encostas baixas e declives, mas pelos altos cumes da ramificação oriental dos Andes. Na província de La Paz, na parte mais meridional desse limite, as observações do Sr. Pentland assinalaram picos nevados, que, como o Illimani e o Sorata, superam ainda ao colossal Chimborazo em algumas centenas de toesas, e onde os antigos peruanos exploravam ainda minas, numa altitude de 16.000 pés. Estes Andes, estendendo-se numa cadeia ininterrupta para o norte e levantando até as nuvens cumes de gelo ou de fogo, separam, portanto, aqui, as solidões orientais, quase todas revestidas de matas habitadas apenas por selvagens rudes, do lago de Titicaca, no qual vestígios numerosos indicam uma civilização muito antiga dum povo sul-americano primitivo, e daqueles altos e férteis vales andinos, por onde se estendeu a soberania dos incas até além do Equador. A mesma fronteira majestosa de altas montanhas designa a Bacia do Amazonas até a latitude de Popayan, onde no sopé do mais oriental dos três ramos, em que os Andes aqui se dividem, forma-se a imperceptível elevação do território, que obriga as águas a correrem para sul aos rios Japurá, Uaupés e Negro, e para o norte ao Guaviare e ao Orinoco. Nessa região, cenário das atividades inspiradoras em todas as direções do Sr. von Humboldt, encontramos o admirável fenômeno da reunião de duas grandes bacias fluviais pelo canal Caciquire,

e um seu equivalente ainda não confirmado se apresenta no canal de Cabuquená. A leste dessa região de origem enigmática, dilata-se a Bacia do Amazonas nos meridianos que cortam os largos vales fluviais do rio Branco, até, finalmente, ainda mais a leste, o grupo das montanhas de Parimé, se adianta mais para o sul, e, na distância de três a quatro graus de latitude, forma o divisor de águas setentrional para o rio, aqui já igual a um braço de mar, ondeante como o oceano. Até aqui, demos uma visão geral da bacia inteira do maior de todos os rios. Julguei justificada essa exposição, por me dar ocasião de tocar em alguns dos principais traços da geografia do Brasil.

As montanhas e as encostas de suave declive, que delimitam esta bacia, são das mais diferentes alturas; até agora, porém, pouco se sabe rigorosamente acerca das altitudes dos espigões limítrofes, e não possuímos ainda nenhuma medição de altura que tenha sido feita nas imediações do divisor de águas da Bacia do Amazonas para este fim. No extremo oeste, onde o Maranhão forma o Pongo de Rentema nas montanhas de calcário alpino, o Sr. von Humboldt julgou sua elevação sobre o oceano de 1.164 pés, e em S. Carlos del Río Negro, onde a bacia do Amazonas suavemente subindo se junta à do Orenoco, de 762 pés. A sueste vemos afluentes do Madeira descer dos Nevados de La Paz e Chucuito duma altura de 3.940, a noroeste, águas que se juntam ao Pastaza, das encostas do Chimborazo, de 3.360 toesas; por outro lado, o Amazonas recebe no sul águas dos pântanos de Vargeria, que talvez nasçam numa altura sobre o mar de só 1.500 pés. Sob o Equador, no limite setentrional da região, muitos afluentes são delimitados por um divisor de águas de só poucos pés de altura; no limite de sudeste, as águas se lançam, na serra de Aguapeí, em rápida queda de altas cataratas, correndo para o Amazonas ou Paraguai. Bem se pode dizer, portanto, que o rio Amazonas é filho de todos os climas. Parte de suas águas jorra de picos gelados e nevados, cuja temperatura média pouco se eleva acima de zero; parte delas precipita-se nas matas fumegantes que, expostas continuamente aos raios do sol equatorial, marcam um calor médio de 24°R. ou mais. Aqui, são frescas águas de montanha, habitáculo das trutas, que descem por paredes de rocha, vulcões ativos e altos pastos; acolá, preguiçosas águas mornas de pântanos, onde vivem os jacarés ou cobras gigantes; num ponto, turva-as a lama das lavagens de ouro e de diamantes do Brasil; noutro, das minas de prata de Potosi e de Huancabelica. Dessas nascentes e rios, bebem todos os habitantes do Peru e deste lado da cordilheira oriental, e os habitantes do norte de Mato Grosso, Goiás, Rio Negro e Pará: cerca de 2.000.000 de homens, quando, se fosse cultivada toda a área, bem uns 200.000.000 achariam espaço e alimento.

Devemos fazer ainda uma observação geral, num lancear de olhos sobre toda a bacia do rio: no interior desse espaço, por maior que seja, falta todo sistema de montanha. Só existem altas montanhas nas fronteiras da bacia, e mesmo

as enormes bacias secundárias estão separadas só por encostas baixas ou chapadas. Em particular, isto acontece nas bacias parciais, de direção paralela de sul a norte, e tanto mais ainda quanto mais a oeste estão situadas. Só o Huallaga e o Marañón são separados por uma serra de grés, a cordilheira de Chachapóyas, que interrompe este último rio quando, volvendo-se para leste, corre rápido pelos célebres pongos entre Tomependá e Manseriche. No lado setentrional, os afluentes mais ocidentais, Morona, Pastaza, Tigre e Napo, são separados, ao menos nas suas bacias superiores, por abruptas cadeias de montanha; mas, na parte inferior, separam-nos declives baixos apenas. Os montes isolados do Rio dos Enganos, do Apaporis, do Uaupés e do Guainia perdem-se nas imensas planícies. Entre o Negro e o Branco e entre o Branco e o Oriximiná, passam apenas ramificações fracas das montanhas de Parimá, que, mais a leste, atravessam com penhascos somente a parte superior dos afluentes setentrionais, o Jari, o Curupatuba e outros; mas, como serra contínua, não se estende mais, para o sul.

A direção dos declives (ao sul do rio principal, de sul a norte; ao norte do mesmo, de norte a sul; e, ao longo de oeste a leste) se mostra, em geral, pelo exame do seu conjunto no mapa; mas o caso é que nos faltam até agora todos os dados exatos nesse sentido. Por medições barométricas ou trigonométricas, ainda não foram estabelecidas as relativas altitudes e indinação das encostas na parte meridional da bacia principal, cujo mais profundo rio-mestre é o Madeira. Entretanto é provável (Humboldt) que os seus mais meridionais afluentes a 17° 1.s. (ou se estas regiões de acordo com as observações de Pentland têm de localizar-se mais ao norte, a cerca de 16° 20' 1.s.) já correm em campos planos e baixos. Portanto, o declive do Madeira daí até a sua confluência com o Amazonas (a 3° 23' 43" 1.s., onde sua altura sobre o oceano será de uns 500 pés) não passará de 600 pés numa extensão de 13° em linha reta. Esta hipótese concorda com o fato de que a parte inferior do Madeira, durante a vazante, parece não correr de todo. O Sr. von Humboldt julga que o alto Maranhão, entre Huary e Huarachuco, onde ainda está fechado entre as ramificações dos Andes, se acha numa altura de uns 2.100 pés sobre o mar. As medições barométricas do Sr. von Humboldt em Rentema, no próprio Amazonas, e em San Carlos del Río Negro concordam com as nossas próprias medições barométricas, segundo as quais Tabatinga, na fronteira do Brasil, está a 634 pés acima do mar; por conseguinte, o declive de Rentema até Tabatinga em 530 pés. Todas as altitudes dadas por nós no nivelamento do rio Amazonas referem-se ao espelho da água do próprio rio, pois o barômetro foi observado no camarote do barco. Quando, portanto, tiramos uma linha do Pongo de Rentema até a foz principal do Amazonas pelo (setentrional) Canal de Bragança, a leste da ponta norte da Ilha de Caviana, e sobre ela assinalamos a vertical das distâncias dos diferentes lugares, obtemos os seguintes dados:

Distância até o oceano, pela foz principal desde:	Em linha reta Léguas ^(*)	Altura acima do oceano Pés	Declive por légua ^(*) Pés
Pongo de Rentema	572	1.164	2,03
Forte fronteiro de Tabatinga	389	634	1,63
São Paulo de Olivença	377	622	1,65
Fonte Boa	326	599	1,84
Vila de Ega	294	571	1,94
Barra do Rio Negro	197	522	2,65
Vila de Óbidos (fim da vazante)	106	451	4,25
Vila de Santarém	92	404	4,39
Vila de Almeirim	45	347	7,71
Vila de Gurupá	27	253	9,37
Média desses declives	—	—	3,746
Distância até o oceano, pela foz secundária (Rio Pará até Tijioça), desde:			
Gurupá	64	253	3,95
Breves	46 $\frac{1}{2}$	161	3,46
Limoeiro	33	189	5,73
Anapu	28	100	3,57
Pará (na mais baixa vazante)	20	90	4,50
Média do declive com que a água corre pelo Canal de Tajipurú	—	—	4,242

Segundo essas distâncias, de cada lugar ao mar, obtém-se o declive entre esses lugares, como segue:

Declive pela foz principal desde:	Em linha reta Léguas ^(*)	Diferença de altura Pés	Declive por légua ^(*) Pés
Rentema até Tabatinga	183	530	2,89
Tabatinga até Olivença	12	12	1,00
Olivença até Fonte Boa	51	23	0,45
Fonte Boa até Ega	32	28	0,87
Ega até Barra do Rio Negro	97	49	0,50
Barra do Rio Negro até Óbidos	91	71	0,78
Óbidos até Santarém	14	47	3,36
Santarém até Almeirim	47	57	1,21
Almeirim até Gurupá	18	94	5,22
Gurupá até o oceano	27	253	9,37
Somas	572	1.164	2.565 = média de todos os declives
Declive pela foz secundária de:			
Gurupá até Breves	17 $\frac{1}{2}$	92	5,26
Breves até Limoeiro (Canal Japi)	13 $\frac{1}{2}$	(+)	(+)
Limoeiro até Anapu	5	(++)	17,80
Média	—	—	11,530

(+) Nenhum declive, pois a água está em Limoeiro (às vezes 28 pés) mais alta do que em Breves, e navega-se com as marés.

(++) Como Anapu está a 100 pés de altura, 89 pés de diferença, portanto 17,80 de declive.

(*) de 20 por grau.

A Vila de Barcelos, segundo as observações feitas por Spix, está a 549 pés de altitude, portanto apenas a 27 pés mais do que a vila da Barra do Rio Negro. A foz do rio Madeira deve estar numa altitude de 500 pés. O extenso sistema de canais ao sul e sudoeste da ilha de Marajó, que liga o Amazonas ao Tocantins e forma o denominado rio Pará, requer mais cuidadosas observações barométricas, continuadas longamente, para se chegar a conhecer com segurança as anomalias das elevações e depressões do terreno que se apresentam aqui, e pela particularidade das marés, nessa bacia, ainda são mais difíceis de investigar. Observamos em Breves, na costa sudoeste de Marajó, uma altitude de 161 pés; por outro lado, achávamo-nos no canal de Japi, situado a oeste na baía de Limoeiro a 189 pés, e ainda muito mais baixo do que Breves parece ser o Igarapé-mirim, que junta as águas do Moju com as do Tocantins, se é que se deve confiar nas poucas observações e na constância do barômetro neste país (uma das observações deu aqui uma altura de 46,19, e outra, 100 pés; média = 77,28 pés). Aliás, essa depressão do terreno nada tem de improvável quando se nota que toda a metade sudoeste da ilha de Marajó, por sua anual inundação, já indica menor elevação acima do oceano do que a de nordeste, revestida não de matas de igapó, mas de campos e mata baixa.

As margens – Se dessas considerações gerais passarmos aos aspectos do próprio rio, não nos deve estranhar ver as águas no mais profundo vale de tão enorme bacia apenas contida por margens baixas. Naturalmente, segundo as diferentes alturas das enchentes, elas aparecem em alturas diversas; todavia, em parte alguma de todo o percurso do rio pelo Brasil, as margens se elevam em outeiros ou montanhas, e o viajante gozaria frequentemente de extensa vista, se não fossem as costas cobertas de altas matas virgens, que, sem cessar, acompanham o rio, até que ele tome a feição de rio de montanha. Na região inferior do rio, isto é, na parte que os brasileiros chamam particularmente de rio das Amazonas, desde a foz até a confluência com o Madeira, as margens, durante a cheia, apenas se elevam alguns pés acima da superfície da água. Constantemente solapadas pela corrente, elas mudam de forma, e a vegetação tanto menos se pode arraigar firmemente porque a enchente transborda, nos pontos em que o terreno baixa, e inunda tudo, às vezes numa extensão de várias horas. Nos sítios, como, por exemplo, em Gurupá, Santarém, Óbidos, ou no canal de Jatauarana, onde as margens se elevam à altura de 20, 50 ou até 100 pés, mostram nas covas e porosidades que a ação da água cava na marga ou no grés os vestígios das suas diversas alturas. Em geral, é a margem setentrional mais alta do que a meridional, condição que, na parte inferior do rio Negro, pelo contraforte do lado sul, impede que ele se junte com o rio principal, mais a oeste, onde acontece precisamente o inverso.

Acima da confluência do rio Negro com o Amazonas, no chamado Solimões pelos brasileiros, é a margem meridional, na média, um tanto mais alta do que a do norte, e o crescimento da enchente, que tanto mais rápida e repentinamente se dá quando mais se procede a oeste, tem tanto maior influência na sua formação.

De ordinário, aparecem barrancos rasgados pela pressão das vagas em cones e paredões a prumo e ameaçam fazer soçobrar, com a sua derrocada, os barcos que passam. Não raro isso acontece, especialmente quando altas árvores arraigadas na areia ou no barro amolecido são arrancadas. A incrível abundância de águas do rio, que forçosamente tem tão decisivo efeito sobre a formação das margens, relaciona-se também, em particular, com a quantidade de pequenos e grandes lagos, ao longo da margem. Esses lagos marginais constituem aqui uma formação peculiar e característica do terreno. Na verdade, as águas que transbordam na enchente podem, em parte, concorrer para a criação e conservação das poças, lagoas e lagos, mas a causa principal de sua existência deve ser atribuída, sem dúvida, à infinita profusão de fontes que, longe ou perto do rio, brotam do solo e, segundo a localidade, constituem essas águas paradas ou, como riachos e rios, fluem para o rio-mestre. Estamos tentados a reconhecer na palavra tupi *Ypaua*, mais propriamente *Hy-paue* ou *Hy-pabe*, isto é, “tudo água”, uma expressão natural dessa particularidade do terreno, cujo solo, por assim dizer, produz água por toda parte (os portugueses a transformaram em *ipuera*, palavra que, também nas províncias meridionais, se emprega frequentemente para designar “lagoa”). Quando se pensa na grande quantidade de água atmosférica que cai nessas regiões de densa mata virgem, onde num ano todo o território se cobre com umas oitenta polegadas de água das chuvas, quando, além disso, se tem em vista a planura horizontal e a porosidade da predominante pedra, do conglomerado de grés e do grés kéuprico, explica-se por que brota água do solo em tantos pontos. Qualquer ajuntamento de água na vizinhança do rio, por pequeno que seja, pela grande extensão das margens planas, tem de aumentar enormemente com os afluentes vindos de longe, pois em toda a bacia do Amazonas é mais raro encontrar um riacho ou lagoa do que um rio caudaloso ou um lago profundo. A maioria desses lagos está em comunicação com o rio-mestre ou com os seus afluentes, por meio de canais, que por sua vez são o produto gradual das recíprocas inundações. Encontram-se, entre essas acumulações de águas, muitas que conduzem as denominadas “águas pretas”, iguais às do rio Negro, que, vistas num copo, apresentam todas as tonalidades do amarelo-claro para o âmbar e o pardo. Que a origem de tais águas negras se relaciona inteiramente com a condição local, é confirmado pela diversidade de colorido das diferentes águas, num perímetro de poucas horas de extensão.

Por toda parte fiz a observação de que essas águas negras refratam a luz mais fortemente do que a água branca, o que sugere que elas contêm, em solução, qualquer matéria combustível (betume, turfa ou outra qualquer matéria vegetal solúvel). Sabe-se, ademais, que os lagos de água preta são mais fundos, de água mais fresca e de conteúdo mais constante do que os de água branca, que transbordam e também são inundados mais frequentemente pelos rios próximos. Por essa razão, são mais enxutas e mais saudáveis as margens dos lagos pretos; também são menos assoladas pelos insetos, por serem arenosas e não alagadiças, não oferecendo abrigo às larvas e ovos. A vista dos pirizais (da palavra tupi *pirí*, junco) do Maranhão levou-me à suposição de que esses lagos pretos devem a sua origem, ao menos em parte, à substância solúvel de matas, que, solapadas por nascentes como ilhas, afinal afundaram. Esses lagos e lagoas estão, de diversos modos, em comunicação com o Amazonas e seus afluentes:

a) ou vertendo independentes o excedente das suas águas nos rios, na época das chuvas;

b) ou recebendo destes mesmos braços que se desviam da direção principal por uma divisão do leito (Humboldt, V. 404);

c) ou estando no caminho de um tributário, que corre para o rio-mestre, sendo por ele atravessados.

Todos esses casos se verificam frequentemente num terreno que, por sua geral planura e pelas mais diversas direções em que é cortado por vales rasos, favorece o movimento das águas dos mais diferentes modos na direção da mais profunda linha de vale, o próprio Amazonas. Como exemplos para as 3 alternativas menciono os seguintes:

a) desaguamentos independentes de lagos no Amazonas: a lagoa d'el-Rei, na margem sul, abaixo da foz do rio Negro, e a lagoa de Maracanatuba, perto de Tabatinga, ambas por desaguadouros curtos, e o grande lago de Amaná, pelo longo canal Uananá;

b) junção dum lago com o Amazonas por braços deste último: a piscosa lagoa das Campinas, a oeste de Santarém, recebe do oeste afluentes do Amazonas;

c) junção de lagos com o Amazonas por afluentes da terra firme. Este caso é muito frequente. O lago de Faro é nutrido pelo rio Nhamundá; o lago Saracá, de muitas bocas, pelos rios Anibá e Urubu; os lagos de Coari e Tefé, pelos rios de igual nome.

Caso mais complicado ainda ocorre quando lagos, que recebem rios independentes, além disso são enchidos pelo braço dum caudaloso afluente e desta forma são ligados com o rio-mestre, como p. ex. o Lago de Viruri, que recebe

um braço do Purus, e o Lago Canomá, que recebe o Urariá, braço do Madeira, e outros afluentes independentes.

A baixaza das margens também permite muitas comunicações entre os afluentes do Amazonas, acima da foz dos mesmos, de modo que todo o território parece cortado em diversas direções por canais, como a Holanda. Exemplo desse gênero, mais a oeste, oferece o ainda problemático canal, cano de Abusaú, no qual fr. Narciso Girbal, em 1794, parece ter verificado uma comunicação entre o Ucayali e o Javari. Também pertencem a esta categoria as ligações do Purus com o Madeira em dois pontos, distantes quarenta horas pelo rio Capaná, e o sistema muito ramificado do rio Autás. Também devo lembrar aqui uma frequente espécie de distribuição de águas, produzida pelas localidades peculiares como são as fozes secundárias ou bifurcações dos rios, com as quais, além da foz principal, se comunicam o rio-mestre e o rio secundário. Todas essas bocas suplementares dos afluentes, eu as distinguiria em ativas e passivas: as primeiras procedem exclusivamente dos afluentes, *a*) dividindo seu leito por entre o terreno baixo desigual, que apresenta diversas colinas baixas, *b*) formando deltas na primitiva embocadura, com a acumulação de seixos rolados e vasa. Exemplo disso são as fozes dos rios Matari, Aruaató e Uatumá, do lado setentrional, e as do furo de Urariá, do lado meridional do rio. Fozes suplementares passivas não se criam pela impetuosidade do afluente, mas *a*) pela do rio principal, que, desviando uma parte de suas águas fora do vale principal, se comunica com o afluente (assim, por exemplo, a foz do Purus-Coxiuara é reforçada pelos braços Coiuaná e Aruparaná), *b*) ou por um braço desviado do afluente, em caminho para o vale mais profundo, que é de tal modo reforçado por um lago ou por outras águas afluentes, que consegue alcançar o rio-mestre. Dessa condição hidrográfica a bacia do Amazonas oferece também numerosos exemplos⁶.

6 Só desejamos ainda lançar um golpe de vista sobre um sistema fluvial parecido, o do Japurá. Desde a viagem de *De La Condamine*, o conceito do grande número de desembocaduras do Japurá se manteve, e qualquer notícia afirmando o contrário não se conhecia. Ribeiro diz: O canal Manhana é largo e semelhante a um grande rio; seu curso é tranquilo, a navegação sem dificuldade e perigo. Dele chegamos ao estreito e muito curvado Uaiupia e deste ao mais largo Auati-paraná. O Auati-paraná, o Uaranapu e o Manhana são canais que saem do Amazonas, voltando o Manhana novamente para ele, depois de ter-se unido por curto trecho com o Auati-paraná. Dessa foz dupla do Manhana não ouvi falar e ela tampouco se acha indicada no mapa do sr. Costa, por nós utilizado. O que pude saber dos movimentos das águas neste sistema de canais é o seguinte: O Uaranapu tem, o ano inteiro, uma correnteza tranquila desde os Solimões e leva as suas águas esbranquiçadas turvas ao Japurá. O mesmo se dá com o Manhana. O largo e muito curvado Auati-paraná, semelhante a um rio,

A largura do rio, a julgar pela vista, parece menos vasta do que é realmente, devido serem tão baixas as margens. As medições são amiúde dificultadas pelo estado das margens, nas quais é raro poder-se medir uma linha de base, pois ora são barrancos a prumo, ora estão as margens cobertas de mata, ou sem a necessária visão livre do rio. Creio que o rio, em toda a extensão que naveguei, não me apareceu sem ilhas mais do que quatro ou cinco vezes. Assim ele se apresenta, por exemplo, a oeste da foz do Xingu; ali, mais parece um braço de mar do que rio, tão largo como o lago de Constança, não permitindo medição e só podendo ser atravessado por um barco seguro, em duas a três horas; isso também mais adiante, no estreito de Óbidos, onde tem 869 braças portuguesas de largura, e depois, entre Coari e Ega. De La Condamine deu a largura de 150 toesas ao Marañón, no ponto onde se torna navegável; em Pongo de Manseriche, a de 25 toesas, no ponto mais estreito; na foz do Pastaza, mais de 400; e, acima de São Paulo de Olivença, tinha o canal principal 800 a 900 toesas de largura. A medição do Sr. von Humboldt em Pongo de Rentema deu 217 toesas. Lister Maw (*Jornal de uma passagem do Pacífico ao Atlântico, descendo o Rio Amazonas*, Londres, 1829, a primeira viagem que foi feita no Amazonas depois da nossa) avaliou a largura na junção do Huallaga com o Marañón numa milha marítima (inglesa); a do canal principal entre ourarinas e omáguas, ora em meia, ora em uma milha marítima; a da foz do Napo, em 1/4 de milha marítima; e a do Marañón, abaixo desta junção no canal principal, na média em uma milha marítima. Entre Tabatinga e Fonte Boa, alarga-se o rio, em geral, a uma hora conforme os dados do dr. Spix, e, particularmente nesse último lugar, toma uma extensão muito considerável, como está indicado também nos mapas portugueses. Entre Ega e a confluência com o rio Negro, calcula-se em geral uma légua de uma margem a outra e o canal principal (Mãe do Rio) pode ter raramente menos de 800 braças de largura, e em geral 900 a 1.000. Já aqui é deveras majestosa a vista do rio; embora seja baixa e uniforme a paisagem, o aspecto de tão grande volume de águas caudalosas movimentadas dá impressão grandiosa. Essas proporções crescem mais rio abaixo, depois da junção

porém, segundo os relatos que me deram os índios, durante a cheia do Japurá (julho e agosto), que coincide com a vazante do Solimões, levaria as águas do primeiro, e nos outros meses receberia as águas do Solimões. As chamadas fozes orientais do Japurá (Uananá, Copeiá, Juçaras e Cudaiá) são bocas de lagos que dentro da terra firme se comunicam por um canal paralelo com o rio. Em parte têm águas escuras e pouco participam das enchentes do Japurá, com o qual são igualmente ligadas por longos canais. Segundo o costume local, estes canais com águas tranquilas, sem nascentes próprias, dependem inteiramente de afluentes, sendo designados pela palavra *furo* ou *paraná-mirim* (pequeno rio).

do Negro e do Madeira. Na corredeira de Jatauarana, onde as vagas se quebram mais altas nos barrancos íngremes, a largura deve andar por uma boa légua e, na mesma medida, aumenta mais para leste. Os brasileiros atribuem ao rio a maior largura em Silves e em Faro; de fato, ambas essas vilas estão, a primeira a cinco léguas; a outra a nove léguas da margem meridional do rio; mas os canais, que saem do Amazonas, correndo para o norte, para comunicar com ele os lagos de Saracá e Nhamundá, não devem ser considerados como limite de suas margens setentrionais, pois esses canais dependem quase que inteiramente daquelas grandes bacias tranquilas, que só demonstram rápido movimento rio abaixo durante a enchente.

Inúmeras são as ilhas espalhadas pelo mar de água doce do Amazonas. Já López Aguirre, o tirano, diz, na sua excêntrica carta ao rei Filipe, que o rio tem mais de mil ilhas. Neste número, porém, incluem-se necessariamente todas as pequenas e movediças ilhas de areia. Devemos, em geral, como faz usualmente a língua dos índios, distinguir as ilhas existentes no corpo principal do rio das que são formadas pelos desvios dos braços secundários ou pela bifurcação dos afluentes: são as primeiras, de fato: produto próprio do rio; as últimas são pedaços da terra firme, solapados e modificados pelas águas. As praias e coroas, os índios chamam, na língua tupi, muito expressivamente, *ibi-cuí* (isto é, “terra raspada”, de *mocuí*, “eu raspo”; este termo também aparece como nome de rio no extremo sul do Brasil); as ilhas mais altas, com margens firmes, eles chamam, por serem quase sempre revestidas de vegetação como os capões, a modo de ilhas, nas campinas do sul do Brasil, de *caá-apuã* (isto é, “mato redondo, convexo”; de igual modo é formada a palavra *cama-apuã*, *camapuã*, nome comum de lugar, propriamente “peito redondo”, usada para outeiro). As ilhas ao longo do continente (tupi: *ibi-retê*, isto é, “terra própria, verdadeira”), separadas deste por furos, chamam-nas os índios de *igapó* (“água serpeante”), expressão também empregada para a terra firme baixa, inundável nas margens. Se essas regiões inundáveis são lamacentas, os índios chamam-nas de *tijuca-paua*, que significa “tudo apodrecido”. O aspecto das ilhas no corpo do rio é constante em todo o seu curso e igual até os confins do Brasil. São baixas, planas, sem rochedos nem recifes, apresentando na vazante bancos de areia, que são inundados na época das cheias, tendo no centro vegetação arbustiva cerrada característica e os troncos esbranquiçados das embaúbas, e só raramente são pantanosas. Várias delas medem uma milha alemã de comprimento, com largura correspondente. As ilhas formadas de trechos de terra firme, de muito maior extensão, são por toda parte revestidas de densa mata virgem e correspondem, no caráter de paisagem, às das regiões vizinhas. Tem-se uma ideia da extensão enorme do rio Amazonas, quando se considera a superfície dessas ilhas. As maiores delas são: a Ilha de Paricatuba, com 72 léguas quadradas; a de Tupinambaranas, com 442; e a de Marajó, de fato situada à beira do mar, mas cercada de água doce,

com 960 léguas quadradas. Só Marajó, portanto, onde vivem 10.500 homens, supera em área a Suíça, que tem 1.900.000 habitantes. A profundidade do rio pode ser calculada aproximadamente. Já De La Condamine observou que ele reúne, às vezes, diversas e profundas valas paralelas entre si. Esta circunstância, além da largura dos canais entre as ilhas e a correnteza, tornam não somente muito penoso o trabalho da sondagem, mas até perigoso para o experimentador, que só consegue governar com ambos os braços a pesada sonda num comprido cabo. Para favorecer a sondagem (em tupi, *saang-typu*), procurávamos, a toda força de remos, conservar parada a canoa contra a correnteza; porém a tentativa frustrava-se frequentemente, ao choque do chumbo no barco, ou arrancado pelo rio. Creio que em geral se pode avaliar em 15 braças a profundidade do canal principal, abaixo da junção do Japurá com o Solimões, e em 24 braças, em igual condição, abaixo da confluência com o Madeira até Óbidos. A leste de Óbidos, ou, antes, desde a foz do Tapajós, toma o canal principal largura e profundidade extraordinárias, pois as ilhas mais se apresentam ao longo da margem do que no meio do leito do rio. A profundidade deve medir aqui umas 50 a 60 braças. No Estreito de Óbidos, ainda nenhuma sonda tocou no fundo, mas é que somente por meio de instrumentos especiais se poderia medir, com algum rigor, a quantidade de água que o rio em determinado tempo aí acarreta. Presumindo-se que o leito do rio, em Óbidos, tenha 869 braças de largura, que no meio tenha 60 braças de profundidade e na margem 20, numa seção transversal do leito de um pé de comprimento resultaria a capacidade de 208, 160 pés cúbicos. A rapidez média da correnteza do rio, por segundo, sendo avaliada em 2,4 pés, deve ele levar, pelo estreito de Pauxis, por segundo, 499,584 pés cúbicos.

A correnteza do rio, tal como sua profundidade, são condições sobre as quais observações isoladas não justificam conclusão alguma. O movimento das águas é não só muito diferente nos diversos lugares, mas também durante as altas e máximas enchentes deve ser o duplo do que na vazante; finalmente, a rapidez é pelo menos uma vez mais impetuosa no meio do curso do rio do que junto às margens, onde, além disso, deve concorrer necessariamente um movimento das águas rio acima. Só no meio do canal principal é que se produz embate de vagas de considerável altura (de um a dois pés), e igualmente torna-se violento o movimento onde se contrapõem obstáculos locais: saliências da margem, árvores caídas, etc.; afora isto, o rio aparece muito tranquilo e regular, sobretudo ao longo das margens, e existem mesmo muitos canais do rio, como, por exemplo, o de Aiquiqui, os quais por suas múltiplas e estreitas curvas tanto estorvam os movimentos que mais parecem águas mortas do que as do mais caudaloso dos rios. As corredeiras violentas são chamadas pelos índios, em tupi, de *tipaquená*; por outro lado, aos canais, que escorrem lentamente, dão o nome de *igarapé-iakümatimã*,

isto é, “canal onde não é preciso leme”. As seguintes observações são as que fizemos quanto à rapidez do rio e, de fato, sempre a pequena distância da margem, pois no meio do curso não é possível fazer-se experiência alguma.

Mês	Localidade	Velocidade p/ minuto - pés
Ago.	Canal Igarapé-mirim (fora do próprio Amazonas) perto de Gurupá, à margem do Amazonas	18
Set.	abaixo de Santarém	46
“	Óbidos, acima do estreito	37
“	próx. de Parintins	49
Out.	“ “ Tupinambaranas	32
“	Costa de Jataurana	29
“	próx. De Ega	45
Nov./dez.	“ “ “ (cheia)	65
Mar.	“ “ Almeirim	73
Abr.	“ “ Santarém	40
“	“ “ Óbidos (dentro do estreito)	42
“	“ “ Gurupá	76
“	no canal Tajipuru	52
“		48

A rapidez do Amazonas, em média, seria de 0,775 pés por segundo; mas esse número é baixo demais, porque a maioria das observações se refere à vazante, e porque todas não se referem à rapidez no meio do leito, mas só junto às margens. No estreito de Pauxis, a rapidez se mantém quase constante: 1,2 pés por segundo. Deve-se talvez considerar como média tal rapidez ao longo das margens, e o duplo, portanto 2,4 por segundo, no meio da correnteza. Segundo De La Condamine, o Maranhão, no ponto navegável, leva uma canoa 7,5 pés por segundo, rapidez muito considerável, maior que a de muitos riachos alpinos que só monta a 5 pés por segundo. Esta observação de De La Condamine deu ensejo a julgar-se a rapidez média do Amazonas em 7 pés por segundo, embora sem dúvida seja alta demais em geral. Quando no mês de março eu navegava rio acima no Madeira, verifiquei nos dois primeiros dias de viagem que a correnteza das suas águas muito altas era de 20 até 26 pés por minuto, portanto rapidez média por segundo de 0,38 pés. Notou Spix no rio Branco uma correnteza muito fraca; as suas águas levaram a canoa tripulada por 9 pessoas com uma rapidez média de 0,27 pés por segundo. A rapidez da correnteza do rio Negro depende não só da sua cheia como também da do Amazonas, pois quando este está na cheia, parece

a correnteza do outro muito fraca, por serem as suas águas represadas pelas do rio mais caudaloso. Na parte superior a rapidez do Japurá, segundo o meu cálculo, montou a 5,6 a 7 pés por segundo; na inferior será na média apenas a metade. O rio Amazonas nunca tem a extraordinária correnteza do canal Caciquire, no qual as águas correm de 8 a 11 pés por segundo. (O Sr. von Humboldt julgou a velocidade do Orenoco, na Missão Uruaná, de 2 pés, em Alta Gracia, 2,3, e entre Munitaco e Borbon de 1,7 pés por segundo.)

Entre as condições locais, que causam movimentos de águas peculiares, cito especialmente o caso das águas que, diante da boca de um canal, não encontram nele espaço, e, então, recuando em parte, formam redemoinhos (em tupi, *hy-jebyra*, isto é, “água que volta”). Desse gênero são os mal afamados *caldeirões* (em tupi, *hy-coarana*) na foz superior do rio Nhamundá. Nos sítios, onde as águas passam por grandes enseadas (em tupi, *sabaã*), muitas vezes é duplicada a correnteza, e até triplicada; pois, junto da margem, a água corre a montante, e mais para dentro (em tupi, *paraná-pyterpe*), mais impetuosamente, e na extremidade desses movimentos contrários se formam as ilhas de areia, em torno das quais o rio lentamente faz redemoinhos. Refere De La Condamine certos movimentos de água na superfície e no fundo, na costa, rio acima, e no meio do leito, rio abaixo, etc., que só podem ser esclarecidos e apresentados de acordo com leis físicas, levando em conta a influência das marés e depois de observações longamente continuadas. Como seria para desejar que todos esses e outros idênticos fenômenos grandiosos, que aqui ocorrem, fossem quanto antes examinados por físicos! Certamente não se poderia pensar em condição hidráulica alguma para a qual, neste imenso reino de elemento fluido, não se encontrasse exemplo.

O Estreito de Óbidos alcançou certa fama; pelo fato de se fazerem sentir até ali as marés. Óbidos está situada no canto mais setentrional de uma curva em forma de joelho que o rio faz, vindo de sudoeste para nordeste, e daí de novo para sudeste; recebe, pois, a influência das marés oceânicas, sem poder transmiti-la facilmente para oeste. Certamente, porém, não se fariam sentir até aqui as marés, se o rio não fosse comprimido em apenas um canal muito estreito, e com isso, capaz de mostrar o periódico represar e escorrer das águas. Também a alteração já é aqui muito insignificante; não se manifesta pela imobilização ou compensação das ondas fluviais, nas horas da maré mais alta, e pelo súbito e mais rápido escoamento na vazante, mas somente pelo subir e cair do nível da água com a regularidade ordinária das marés nas costas íngremes. De Óbidos para baixo, são cada vez mais pronunciadas as marés, com as suas variações diárias, mensais e anuais; entretanto, só é preciso tomá-las em consideração, ao navegar nos canais. Em Almeirim, a maré alta sobe a três pés de altura. Conhecem os índios muito bem os diferentes fenômenos desses mo-

vimentos periódicos, designando-os pelo nome particular de *igapó-açu*, “maré alta” (“águas vivas”), *paraná-evikê* ou *oikê-açu*, isto é, “rio que vem vindo, o fluxo”, *paraná-caryca*, isto é, “rio que sai, o refluxo”, *igapó-pau* ou *tipau*, isto é, “água consumida, mar baixo” (“águas mortas”). Não deixa de ser interessante a citação desses termos, nos quais como que estão ocultos os princípios de uma física índia. Por esse motivo, quero mencionar aqui também a hipótese dos índios acerca da origem dos rios. Eles creem que, na ocasião em que o trovão sacode a terra, surgem as fontes nos pântanos; ao charco e à vaza dos rios e lagos chamam eles, por isso, *hü-ava* (*igaba*), isto é, “pai da água, homem da água”, ou também *jacaruá-mirim*, palavra composta provavelmente de *jaca*, “rio” (no dialeto guarani), e *ariá*, “avô”, significando, portanto, “avô pequeno do rio”. Tenho agora que mencionar uma das mais importantes condições do rio, isto é, o periódico crescimento e baixa das águas. Também o Amazonas tem como o Nilo, anualmente, a sua cheia, o seu fertilizador transbordamento e a sua vazante; é plausível que manifeste também a periodicidade enorme o mais caudaloso rio da Terra. Aliás, justamente a colossal extensão da sua bacia fluvial, graças à qual ele recebe, quase em todos os meses do ano, ora do sul ora do norte do Equador as enchentes de afluentes, é o motivo por que os máximos e os mínimos do seu nível de água não diferem tanto, como aconteceria se ele recebesse tão só afluentes de um único hemisfério. Os máximos e os mínimos também ocorrem no rio-mestre, devido à sua grande extensão em épocas bastante diferentes. O Marañón, em Mainas, sobe alto em janeiro; o Solimões, em fevereiro; o Amazonas, abaixo da confluência com o rio Negro, tem a sua maior enchente no fim de março e princípios de abril. Os afluentes do norte do Equador não têm tão decisiva influência sobre a cheia do Amazonas, como os rios que vêm do sul da linha equatorial. Entre todos esses últimos afluentes, o Madeira tem a maior influência sobre a enchente e vazante do rio-mestre e a periodicidade de ambos é simultânea. Os outros afluentes do sul, que (como também o rio São Francisco) começam a crescer em novembro, enchem-se mais depressa que o Madeira, porque as suas margens estão em grande parte contidas por montanhas. Os habitantes do Amazonas entre Barra do Rio Negro e Gurupá dizem que dura 120 dias a enchente e que, em geral, em cada três anos, ocorre forte inundação e, com isso, maior fertilidade dos cacauzeiros. Chamam-no o *ano da safra*. A altura a que sobe a cheia é diversa segundo as localidades. No rio Negro, sobe raramente a mais de 30 pés; no rio Branco, a 25; no Tapajós e no Xingu, a 35; no Madeira, até além das cachoeiras, a 38; no Solimões e de lá para leste, a 40 pés; contudo, observei em muitos lugares, até a 50 pés de altura acima do nível do rio, árvores cobertas de lama deixada pela inundação. Essas modificações produzidas nas margens do rio pelos transbordamentos são tão evidentes

que os próprios índios estão acostumados a designar as alturas do nível da água, quando se referem às margens. À enchente eles chamam, como a maré alta, de *igapó-açu* ou *oié-pypyc-oaê*, isto é, “tudo submerso”, o nível mais baixo de *cemeyba-pirêra*, isto é, “barrancos caídos”, porque então costumam desmornar as margens descobertas, ao estado de meia enchente eles chamam de *cemeyba-pyterpe* ou *tyriúme-icuâ-rupi*, “meios barrancos”. O crescimento e a baixa das águas são um grande drama da natureza, em que também a flora e a fauna têm o seu papel passivo. Assim que o rio, em certa altura, inunda as ilhas de areia, cobrindo juncos e capim que formam em volta uma orla verde-clara bem espessa, como se fossem semeados, logo as aves aquáticas abandonam essas paragens, reunindo-se em grandes bandos e voando terra adentro ou para o Orinoco. Deserta e silenciosa torna-se a região, que antes ressoava com a gritaria dos quero-queros e gaiivotas, e os peixes, gozando da maior largura do rio, giram contentes onde antes os jacarés se espalhavam e onde capivaras e antas procuravam pasto. Mais rápida e impetuosa precipita-se, afinal, a enchente sobre as margens mais baixas e sobre a parte da terra firme sujeita à inundação (o *igapó*); as árvores estremecem sob a fúria do rio; devastação e ruína avançam com as águas terra adentro; assustados, fogem os animais para o continente mais alto; apenas uma ou outra ave, como a cigana (*Opisthocomus cristatus* Ill.), que habita os arbustos baixos, e as araras, a grasnarem no topo das mais altas árvores, é que não abandonam os seus pousos. Entretanto, as águas vivificam a seiva das plantas, e da folhagem exuberante desabrocham milhares de corolas, enquanto a água lamacenta torvelinha em redor dos troncos, as copas se revestem com o esmalte das mais variadas flores e toda a mata de igapó se torna um florido jardim aquático. Cardumes de peixes passam, então, por essas águas ensombradas e muitos aí se aliviam, nas mais profundas covas, da carga de ovos, de onde a ninhada, antes de findar a inundação, volta para o rio principal. Também os jacarés e tartarugas do rio, nessa época, saem dos fundos para as águas turvas e animadas do igapó, onde se realiza a cópula; os primeiros amontoam os ovos por entre a podridão e lodo da margem, na orelha da inundação; as tartarugas passam das águas fluentes para os lagos e lagoas, donde voltam ao rio assim que se descobrirem de novo as ilhas de areia. Atingido o mais alto ponto, permanece a inundação no igapó apenas alguns dias; começam então as águas a escorrer de novo pelas depressões do terreno e, quatro a seis semanas depois do mais alto nível da água, reaparece, então, o chão enlameado da mata, fora das águas; gramíneas e mato baixo brotam luxuriantes, em seguida, e os animais, voltando das regiões mais altas, retomam os seus antigos covis.

As propriedades físicas da água que o Amazonas transporta sofrem, de fato, alterações, conforme os seus períodos; entretanto, só na parte superior

é que são perceptíveis essas mudanças. Ali a água é mais límpida, mais pura e de colorido mais claro, durante o baixo nível da água, do que na cheia. Na bacia inferior do rio, particularmente de Óbidos para baixo, a cor do rio, vista na totalidade, é amarelo-suja, como a do Danúbio na enchente; o Solimões, porém, tem as águas mais claras, puxando para o verde; são mais límpidas nos meses de seca. O movimento do Amazonas é de tal impetuosidade e tão grande é o volume das suas águas, que mesmo os seus maiores tributários, como, por exemplo, o Madeira, cujas águas são mais claras do que as do Amazonas, ou o rio Negro, pardo-escuro, uma légua abaixo da confluência, não produzem alteração alguma visível. Vista num copo, a água do Amazonas é clara, e, logo que se depositem as finas partículas de argila, nele suspensas, torna-se perfeitamente límpida. Provavelmente por causa da cor branca, chamam os índios o Amazonas de *Paraná-pitinga*, “rio branco”, em contraste com o rio Negro. Na temperatura dessas águas, em todo o curso da nossa viagem, poucas alterações encontramos: no rio, nos lugares onde navegávamos, indicava, em geral, 21°R. Achemo-la quase igual, tanto com temperatura mais alta como mais baixa do ar, de sorte que a influência da temperatura do ar parece mínima sobre a da água; portanto, em geral, não se nota diferença muito considerável entre a temperatura da água e a do ar, cujo estado médio é de 22° até 22,5°R. (A mais baixa temperatura do ar que observamos foi a de 13°; a mais alta, à sombra, foi a de 38°R.) Uma nascente, próxima à Barra do Rio Negro, que corre entre grés na mata, em 12 observações feitas por nós às sete horas da manhã, indicou temperatura quase constante de 19°R., de sorte que estou inclinado a aceitar essa temperatura como a média das fontes da região equatorial de matas fechadas do Amazonas. Superfícies rasas de água, quando estão expostas aos raios do sol, chegam, não raro, a uma desusada temperatura alta, a qual, como dizem os índios, afugenta os próprios animais. Quando muitas vezes íamos a alguma enseada rasa do rio para nos banharmos, os índios nos detinham dizendo que a água não dava estalos (nenhum peixe ali a agitava) e, portanto, era de temperatura alta demais para o banho. Em tais superfícies verificamos que o termômetro Réaumur subia a 37° e até a 40°. A constância da temperatura da água leva o índio a usar o banho como proteção contra o frio, que eles sentem muito com a súbita caída da temperatura do ar; por isso, eles se banham de preferência à noite ou de madrugada, quando a temperatura da água é relativamente mais alta. Também os maiores tributários do Amazonas não nos apresentavam, na proximidade da foz, grandes diferenças na temperatura das suas águas, a não ser o rio Negro, que talvez por sua profundidade como a de um lago tem a água mais fria 1°R do que a do Amazonas.

Quanto à pureza das águas, depende ela particularmente do estado das periódicas cheias e vazantes; nas mais altas enchentes, todos os rios transportam água suja, turvada por finas partículas de barro. Na vazante, o Xingu é o que tem água mais pura; depois dele, é o Tapajós; a água de ambos, num copo, apresenta-se cristalina. Vêm depois o rio Negro, o Japurá, o Madeira e, finalmente, o rio Amazonas. Tentamos medir a densidade dessas águas por meio de um areômetro de Baumé. A tabela seguinte dá o resultado dessa investigação.

Lugares da observação	Areômetro de Baumé	Termômetro de Réaumur	Peso específico a 15° R.
XINGU, em Porto de Mós, a 10 de setembro (na vazante)	$7\frac{1}{2}^{\circ}$	20,8°	1,0549
TAPAJÓS, em Santarém, a 31 de março	7	22,22°	1,0511
RIO NEGRO, em Barra, a 25 de outubro	$7\frac{3}{4}$	20,44°	1,0568
JAPURÁ, acima da foz, a 2 de março (o rio estava cheio pelo Solimões)	$8\frac{1}{4}$	21,7°	1,0607
MADEIRA, um dia de viagem acima da foz, a 16 de março (a mais alta cheia)	$9\frac{3}{4}$	21,33°	1,0645
AMAZONAS, em Óbidos, a 30 de março (na enchente)	8	21,33°	1,0588

Em todos esses experimentos, foi a água colhida no meio do rio, no ponto mais agitado; e, pronto, também mais sujo do leite. A água do Amazonas, quando fica 24 ou 30 horas nos jarros de barro mal cozido, para filtrar, deposita a maior parte das suas finas partículas de terra. A água, assim filtrada, indicava 5° no areômetro de Baumé e o peso específico de 1,0360, o qual é idêntico ao do vinho Madeira. A sua temperatura baixa com isso a 15 até 18°; é de sabor agradável e, quando colhida em pontos agitados, é tida pelos habitantes por mais saudável do que as águas mais tranquilas dos outros rios, em particular a do rio Negro e a dos lagos próximos. Costumam os índios, nas suas viagens, beber a água logo que é colhida do rio, o que talvez seja a causa da verminose, entre eles tão comum e em alto grau desenvolvida. Quase se poderia crer que só essa doença é endêmica no rio, pois os viajantes não são acometidos por febres, quer intermitentes, quer inflamatórias, nem por hepatites e outras doenças dos países tropicais, desde que se observem algumas cautelas; os habitantes adoecem muito mais por seu próprio descuido e excessos do que pela ação do clima. Durante a época seca do ano, isto é, de junho a outubro, um vento refrescante sopra ao longo do rio diariamente

pelo menos nas horas da madrugada, e, à tarde, violentas trovoadas e aguaceiros purificam a atmosfera. As noites nunca são tão frias que a mudança de temperatura possa afetar desagradavelmente a elevada suscetibilidade da pele; mais prejudiciais são o sereno noturno e a neblina, e fugir deles deve ser a regra geral para os viajantes. Os nevoeiros noturnos são frequentes, sobretudo na costa marítima onde já têm ocasionado muitos naufrágios, assim como, no interior, até o Estreito de Óbidos; daí em diante, porém, quanto mais se avança terra adentro para este tanto mais decisivo se torna o caráter de clima continental. As noites, iluminadas pela suave e mágica claridade da lua tropical, tornam-se mais serenas e transparentes, e a atmosfera perde a sua nevoenta umidade. A pior praga para os viajantes são sempre os densos enxames de mosquitos, de cujo tormento medonho a custo se pode fazer ideia exata na Europa. Realmente parece que o vento influi na passagem dessas harpias pequenas; o país, no entanto, só poderá livrar-se delas com o povoamento intensificado e a redução das margens pantanosas. Com essa salubridade regular do clima, com as condições naturais que favorecem a navegação nos grandes rios, com a magnífica variedade de aspectos e experiências que se antolham aqui, admira que tenham sido tão poucos os viajantes do rio Amazonas. A extraordinária abundância de peixes fluviais garante por toda a parte, no Amazonas, alimento fresco e saudável (diz-se que os peixes desse rio são mais saborosos e saudáveis do que todos os mais da vizinhança), e, como não faltam colônias habitadas, o viajante, numa canoa de construção segura, não demasiadamente pesada e convenientemente aprovisionada de víveres, pode percorrer com a segurança e o prazer de um passeio fluvial na Europa regiões pouco conhecidas e por assim dizer no estado primitivo. É conveniente fazer-se a viagem a montante na proximidade das margens; distante delas meio tiro de espingarda, não se fica exposto ao perigo dos redemoinhos produzidos por árvores tombadas, nem dos troncos submersos ou desmoronamentos dos barrancos solapados. Navegando rio abaixo, é aconselhável seguir pelo meio do rio só quando se pode confiar na segurança do barco. Aí não se encontram, na verdade, troncos submersos, porém flutuantes e rápidos, e, além disso, é violenta a correnteza. O choque das ondas pequenas e grandes, por muito tempo, pode abrir fendas no casco, o que tem frequentemente acontecido, para a ruína da equipagem, na viagem de Macapá a Belém do Pará. O maior perigo são as violentas e repentinas trovoadas, durante as quais, quando se navega com muitas velas, acontece virar o barco, ou por governo inábil do piloto, ser ele despedaçado na margem. Essas borrascas raramente são anunciadas por ventos mais fortes, mas sim por cobrir-se o céu de nuvens negras, ou pelo aparecimento de nuvenzinhas descoradas no horizonte. Incrível é a fúria com que enfurecem o rio e tal maresia (em tupi, *jopumong-açu*) e só tem igual nas tormentas do mar. Os pilotos indígenas são tão práticos do tempo que, seguindo

os seus conselhos, só raramente se corre perigo. O mais seguro é, logo que ameaça trovoadas, desembarcar em enseada de margem baixa e amarrar a canoa em árvore forte, mas baixa. Um rio que não é estorvado por cachoeiras reúne rapidez moderada com profundidade, cujas margens cobertas de selvas por toda parte fornecem lenha e carvão, e, por seus numerosos afluentes da importância dos mais consideráveis rios da Europa, se estende por quase dois terços do continente sul-americano, patenteando à navegação a vapor vasto e esplêndido campo. A sua velocidade média, avaliada em 2,4 pés por segundo, exige a força de poucos cavalos para o vapor levar rio acima muitos quintais de carga. Água navegável encontra também o maior barco a vapor, e não só até Barra do Rio Negro, para onde escunas e brigues são frequentemente despachados a fim de buscarem madeiras de construção, mas até longe, além das fronteiras do Brasil (conforme Lister Maw, *ob. cit.*, pág. 445, só acima da foz do Ucayali é que se limita a cinco ou seis pés o calado dos barcos). Cartas particulares, vindas do Pará, informaram-me que uma empresa de vapores havia sido organizada por capitalistas norte-americanos, mas sem conseguir sustentar-se. Sem dúvida, ela tem atualmente de lutar com muitos elementos contrários, entre os quais primam a falta de povoamento e de produtos comerciais no interior e a carência de dinheiro na capital do país. No correr desta narração, mencionei quanto depende o comércio do Pará do abastecimento do interior, e como os negociantes precisam obter os produtos naturais de Cametá, Santarém e demais vilas sertanejas, antes por seus próprios comissários do que por meio de empresas transportadoras. Portanto, uma navegação que ultrapassasse os lentos barcos entre Barra do Rio Negro e Pará duas e mesmo três vezes, seria extremamente impopular entre a maior parte dos negociantes, e só continuaria lucrativa para o empresário, se por sua própria conta encontrasse bastante frete de artigos de exportação e importação. Que maravilhosas perspectivas, entretanto, não se oferecerão, quando algum dia as margens do majestoso rio forem ocupadas por cidades populosas, quando as terras a oeste tiverem transposto os limites naturais dos Andes, e estradas reais da capital do Peru ao Marañon ligarem o Oceano Pacífico com o Atlântico, quando as matas, hoje melancólicas e solitárias, à margem do Caciquire, ressoarem aos clamores dos navegantes vindos do Orinoco para o Amazonas, quando forem navegáveis as cachoeiras do Madeira, furados os divisores de água de Aguapeí e Camapuã, e quando as mesmas velas, das águas sossegadas do rio Negro e do imponente Amazonas, se desdobrarem pacíficas no Prata cheio de vida!

Com prazer, demora o olhar do filantropo nessa visão de auspicioso futuro, quando civilização e natureza tiverem criado no mais opulento país do mundo (que traz em si todas as condições) uma pátria de feliz raça humana, cuja atividade e bem-estar reciprocamente se compensarão.

Itinerário nas águas do Pará e do rio Negro, segundo os práticos, em léguas, 20 das quais correspondem a um grau.

I - Do Pará para Barra do Rio Negro

Do Pará até a entrada no Igarapé-mirim.....	19
até a Baía do Marapatá.....	11
até a Baía do Limoeiro.....	5
até Marauaru na Ilha de Marajó.....	14
até a entrada no Tagipuru (no rio Parauaru).....	10
até o Amazonas (pelo Tagipuru).....	19
até Gurupá.....	13
até Carrazedo.....	8
até Vilarinho do Monte.....	4
até Porto de Mós no Rio Xingu.....	7
até o Amazonas pelo canal Aquiriqui.....	10 ¹ / ₂
até a entrada do canal Maguari.....	8 ¹ / ₂
até a saída do canal Maguari.....	3
até a entrada do canal Uruaná.....	3
até defronte de Monte Alegre.....	15
até Barreiras de Cuzari.....	3
até Santarém no Tapajós.....	9
até Paricatuba.....	10
até Óbidos.....	13
até a foz do rio Trombetas.....	2
até a foz inferior do Nhamundá (limite da província do Pará).....	6
até Parintins (limite da província do Pará).....	6
até Tupinambaranas.....	4
até a foz superior do Nhamundá.....	1
até a foz superior do Tupinambaranas.....	4
até a foz inferior do canal Carará-açu.....	5
até a foz superior do canal Carará-açu.....	6
até a foz do rio Uatumá.....	9 ¹ / ₂
até a primeira foz do Saracá.....	10 ¹ / ₂
até a segunda foz do Saracá.....	6
até a terceira foz do Saracá.....	4 ¹ / ₂
até Serpa.....	4

até o furo de Aibu.....	5 ¹ / ₂
até Arauató.....	1
até a foz do Madeira.....	10
até a foz do Autás.....	1 ¹ / ₂
até a entrada do canal Matari.....	5
até a saída do canal Matari.....	7 ¹ / ₂
até a ponta de Puraqué-Cuará.....	9
até a foz do Rio Negro.....	10
até a Vila da Barra do Rio Negro.....	2
Total.....	305

Querendo-se continuar a viagem do Amazonas ao Solimões, sem tocar na Vila da Barra do Rio Negro, pode-se navegar ao lado meridional do rio pelo canal Uaquiri, trecho avaliado em 28 léguas.

II - Da Vila da Barra do Rio Negro, no Solimões, a Tabatinga,
na fronteira ocidental do Brasil

Da Vila de Barra até o Solimões.....	2
até o furo de Guariba (na enchente, pode-se ir ao Solimões por esse canal ou pelo canal de Xiborena).....	6 ¹ / ₂
até a Feitoria Imperial de Manacapuru.....	8
até a praia de Guaiaratiba.....	12
até a foz do rio Purus.....	2
até a foz do Cudaia.....	7 ¹ / ₂
até a foz do canal Cochiuará.....	1 ¹ / ₂
até a foz do canal Coiuana.....	6
até a foz do canal Mamiá.....	14
até a boca do Coari (daí até Alvelos, quatro léguas).....	5
até a foz do Coari até o Rio Catuá.....	23
até o rio Caiamé.....	8
até o rio Tefé (daí para Ega, uma légua).....	5
até a foz do Tefé até Alvarães.....	5
até ponta Paauari.....	1 ¹ / ₂
até a foz do rio Juruá.....	20 ¹ / ₂

até Fonte Boa.....	6
até a foz do rio Jutai.....	14
até a foz do rio Içá.....	28
até Castro de Avelãs.....	7
até São Paulo de Olivença.....	13
até São José do Javari.....	22
até a foz do Rio Jauari.....	9
até o forte de fronteira de Tabatinga.....	2
Total.....	227 ¹ / ₂

A duração da viagem nestes rios depende do tamanho da embarcação e da força do vento. Já se tem feito em 24 dias a viagem do Pará até a Barra do Rio Negro, em pequenos barcos; as canoas de comércio usuais gastam 36 dias ou mesmo 48; do Pará até Tabatinga, 50, 60 ou até 80 dias; até Vila Bela (Mato Grosso), cinco, seis, ou até sete meses. Para a viagem de Barra do Rio Negro até São José dos Marabitanas no Rio Negro calcula-se um mês de navegação. Rio abaixo, faz-se geralmente a viagem na metade do tempo, mas atrasa-se com a arribada da canoa a todas as vilas. Para a viagem ao sertão é mais favorável nos meses de agosto a novembro.

O Rio Amazonas, resumo geológico. – O rio Amazonas, na região por nós percorrida, é em toda a sua extensão acompanhado por uma única principal formação: a do grés. Divide-se em duas qualidades, a já citada na parte desta narrativa de viagem referente às Minas Gerais e Piauí com a denominação de *grés de cantaria* e aquela a que os novos geólogos deram o nome de *grés kéuprico*.

O exame das condições geológicas dessa região apresenta particular dificuldade. Um território densamente coberto de mata virgem, que, numa extensão imensa, não possui sequer uma colina ou um monte, só raramente deixa aflorar a rocha viva; só raramente também aparece sob espessa camada de areia, humo ou argila vermelha, nos cortes feitos pelos rios e riachos. Não há mineração alguma em todo o Estado do Grão-Pará; poços, não há necessidade de abri-los em parte alguma, devido à grande abundância de fontes e de outras águas; a pedreira de Mosqueiro, no Pará, é a única explorada agora no Estado, porque as construções no interior são feitas só de barro, vigamento e trançado. Como, finalmente, todas as viagens, nessa província, só se fazem por água e pouco se procura a terra firme, resulta que a constituição geológica somente pode ser examinada em circunstâncias muito restritas.

A formação do grés ocorre, também nesta região do extremo norte do Brasil, sob três formas principais, isto é, como grés ferruginoso, frequentemente

ligado a modo de brecha, como grés de granulação bastante fina, em geral friável e avermelhado, ou como grés duro e branco. A primeira dessas formas, que encontramos tanto na província do Maranhão, ao longo das margens do Itapicuru, até o mar, como na ilha de Maranhão, também ocorre ao longo do rio Pará e no Amazonas, em grande extensão. Encontramo-la aflorando nos arredores do Pará, na parte sudoeste da ilha de Marajó, em Gurupá e Almeirim; forma ela também as montanhas tabulares do Paru, as quais, completamente isoladas do grupo das montanhas de Parimé, correm ao longo da margem setentrional do Amazonas, terminando, a oeste, nos outeiros cobertos de capim de Monte Alegre, descendo, porém, a leste para as estepes de Macapá. A mesma formação ocorre, quase sem interrupção, também nos Barreiros de Cuzari, nas margens bastante altas do Tapajós, em Santarém, na Ilha de Paricatiba, revestida de matas fechadas de cacauzeiros, e nas margens enfeitadas de palmeiras do canal de Iraria; mas a oeste, essa pedra é interrompida frequentemente por outras formações: ela alterna com jazidas de marga multicolor, de argila, de um grés calcário esbranquiçado, ou de um grés vermelho de granulação bastante fina, que ocorre particularmente a oeste da corredeira de Jatauarana, nos barrancos de Matari e Poraquê Cuara até o rio Negro, daí continua ao longo das margens deste último rio até Airão e segue pelo Solimões, até onde o navegamos, ora em barrancos íngremes da margem, ora na própria terra firme. Um grés branco, de granulação fina, muito cristalino e duro, que aliás por qualquer circunstância se apresenta como pertencendo a outra formação, encontramos-lo aflorando perto de Canomá. Por conseguinte, essas diversas modificações do grés, na bacia do Amazonas, seguem-se imediatamente àquela da bacia inferior do Japurá.

A composição mineralógica do grés ferruginoso de brecha (grés de cantaria) é a mais variada. O cimento férreo-argiloso alterna nas cores violeta, parda, vermelha e amarela; os grânulos ou fragmentos de quartzo ligados a ele aparecem, ora muito finos e cristalinos, ora arredondados e até com o considerável volume de uma avelã. A pedra ora é muito compacta, e, por sua dureza, apropriada para construções, ora contém caulim em empolas, ora inclusões de argila ou fragmentos maiores de uma pedra muito parecida, os quais dão lugar à suposição de que a própria rocha estivesse passando de novo por uma parcial regeneração.

A segunda e terceira formas dessa formação, a vermelha (*kéuprica*) e o grés branco (cantaria), aparecem em poucas variedades, apenas diferindo na granulação mais grossa ou mais fina e na cor, mais comumente um vermelho-carne pálido; às vezes, porém, é igualmente roxo-claro, pardo-acinzentado, cinza e branco, com muitas gradações. Só indistintamente se observa uma estratificação nestas formações, ou mais facilmente ainda no grés avermelhado e branco, como indiquei no grés de Cupati.

O conglomerado de grés ferruginoso, porém, ocorre frequentemente em grande espessura, tão liso e plano como um terreiro de grande extensão. Ora ele jaz diretamente acima do granito (*Araraquara*, no Japurá), ora recobre o grés avermelhado, ora alterna com o mesmo, porém em proporção menor. Em Paricatuba e próximo a Óbidos, ocorre um grés (margoso) de granulação muito fina, um tanto calcário, muito duro, avermelhado, ora baixo, ora acima do grés ferruginoso pardo, alternando com o grés avermelhado mais quartzoso.

Quanto a jazidas secundárias, existem nesta formação tão vastamente espalhada apenas as de marga, de argila colorida de caulim; e em Taguba-Cuara, no Tapajós, as de piritita e gesso. As jazidas de argila colorida, às vezes ocorrendo em grande extensão ao longo do rio, são a única variante que dá à monotonia dessa formação uma agradável mudança. Se a água do rio está na vazante, aparecem os bancos multicolores, que já de longe atraem o olhar do viajante pelas cores branca, amarela, vermelha e violeta com que se destacam do espelho da água. O povoado de Serpa recebeu dos índios o nome de *Itá-coatiara*, isto é, “pedra pintada”, por causa desses bancos de argila. Aos barrancos vermelhos marginais dão eles a denominação de *coara-piranga*, “lugar vermelho”, ao amarelo, *tauá*; ao branco, *taua (Taba)-tinga*, propriamente “branco-amarelado”. Destas terras coloridas, frequentemente muito finas e separáveis, eles se servem para as suas pinturas. O gesso filamentosos e compacto que nos foi trazido de Taguba Cuara é inteiramente idêntico ao do grés *kéuprico*; trata-se provavelmente de uma jazida calcária sobreposta, que eu próprio nunca vi em parte alguma do Amazonas. Também as mais recentes jazidas e troncos impregnados de piritita, transformados para linhite, idênticos àqueles que se encontram na marga do alto Japurá, não nos apareceram aqui. Como formação mais recente, ocorrem também às vezes, como em Óbidos, jazidas de um grés lilás e rosa ou branco, de fraca coesão, cujo cimento é calcário; em outros pontos, uma brecha muito recente de quartzo, grés ferruginoso e jaspe, em pedaços toscos, angulosos e conglomerados.

São estas as extremamente simples condições geológicas que tivemos oportunidade de observar na bacia do rio Amazonas. Elas só se tornam interessantes quando é possível harmonizá-las com as formações vizinhas. Se lançarmos, porém, um olhar para os territórios adjacentes do lado do sul, não resta quase dúvida alguma de que a formação predominante na província do Piauí, igualmente um grés avermelhado elevando-se a montanhas tabulares, cobertas ora de tufos de capim verde-acinzentados, ora de charcos com palmeiras e mato baixo, para o lado de leste cobertas com grés ferruginoso, de brecha, do Itapicuru e da província do Maranhão, se repete ao norte no grés *kéuprico* (avermelhado) do Amazonas. A serra de Ibiapaba, granítica e coberta de densa mata – a terceira cadeia, a partir de leste, e que, em parte, corre ao longo da costa pela terra firme do Brasil, formando

o limite sudoeste do Piauí – divide também dois territórios, diferentes de clima, produtos naturais e paisagens. O que está ao norte dela pertence propriamente à grande bacia do Amazonas. Pela garganta dos Dois Irmãos, havíamos passado só algumas milhas ao norte além dela e não encontramos, além de uma pedra calcária de transição que aflora em Poções de Cima, depositada sobre gnaíse, nada mais que a mesma formação de grés *kéuprico*, e sobre essa mesma pedra caminhamos, por entre palmeiras e campos pantanosos, até o rio Itapicuru. No rio Turi, foram descobertas, pelo ano de 1818, minas de ouro, sobre cuja formação nada de positivo pudemos saber; mas uns pedaços que mostram o metal puro num quartzo branco leitoso ou cinzento não excluem a possibilidade de também ocorrer aqui a mesma formação. Em Minas Gerais aparece um estrato de minério de ferro de grande extensão, ora enchendo os vales, ora cobrindo, como uma capa, os cumes das mais altas montanhas, quase por toda parte contendo ouro. Essa formação, que se chama ali no idioma tupi de *tapanhoacanga*, “cabeça de negro”, é amiúde absolutamente semelhante ao conglomerado de grés ferruginoso da bacia do Amazonas; faltam, porém, a este último tanto o ouro quanto a magnetita e o oligisto, cujos fragmentos aparecem incorporados aí, em várias proporções. Essa igualdade de formação, em tão vasto espaço territorial, merece tanto mais atenção, porque com isso fica refutada de vez a opinião de alguns geólogos de que o diamante e o ouro pertencem, geneticamente, a essa formação estratificada.

Ao norte do rio Amazonas, essa mesma formação de grés estratificada está limitada pelo grupo das montanhas de Parimé, formadas, sobretudo, de granito e gnaíse. Entre os seixos rolados que apanhamos no leito do rio Branco, acham-se muitos belos jaspes castanho-avermelhados e xistos argilosos; bem podem os primeiros pertencer à formação de grés da bacia do Amazonas. No baixo rio Negro, ele jaz, aqui e acolá, por cima de um xisto quartzítico parecido com granulito sobre gnaíse e granito, cujos cumes arredondados também frequentemente afloram sem cobertura. Na região superior desse rio, continua a mesma formação, provavelmente até o istmo de Javitá, que forma o divisor de águas entre o alto Orenoco e o rio Negro, e também se poderia encontrar na bacia do rio Apure e do baixo Orenoco, onde, conforme as observações do Sr. von Humboldt (*Viagem*, V, 549), existe sobre ela uma camada de calcário compacto, parecido com o calcário jurássico, bem como camadas alternadas de marga e gesso lamedo. Na região superior do Japurá ocorre, embaixo do grés, um granito que, aqui e acolá, como no rio dos Enganos, contém uma bela labradorita vermelha em cristais gêmeos e, em vez de mica, contém anfibólio, fazendo com isso transição para sienita (todavia, também contém quartzo). O granito grosseiro de Araraquara é particularmente belo e excelente; compõe-se de mica cinza-prateada (margarita), em grandes cristais romboidais, quartzo branco e ortoclásio vermelho-carne. Até

que distância foi observada a formação de grés ao longo do Solimões, na direção ocidental, pelo dr. Spix, não encontrei indicação nos seus papéis. Importante pode ser o grés cinza-escuro, quebradiço, muito duro, da foz do Javari, na fronteira ocidental do Brasil; pertence ele, provavelmente, como já mencionei acima, mais ao próprio grés de cantaria do que ao *kéuprico*. Desta região também se encontra em nossa coleção uma pedra calcária cinza-escuro, que antigamente seria classificada como jurássica, agora porém com liásica.

A fixação do limite meridional da formação de grés, na bacia do Amazonas, fica para ser investigada por futuros viajantes. Quando muito posso depreender das notícias de viajantes que, além das cachoeiras que estorvam os rios Tocantins, Xingu, Tapajós e Madeira nos seus cursos, aparece outra formação (provavelmente a rocha primitiva aurífera) que constitui o principal característico geológico de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Um lance de olhos comparativo para essas regiões meridionais, das quais o rio Amazonas recebe tão grande parte dos seus afluentes, apresenta-nos alguns fatos que estão na mais viva oposição com as condições geológicas da parte mais baixa da bacia do Amazonas: em Minas Gerais e São Paulo, imensas jazidas, mesmo montanhas inteiras de compacta limonita e magnetita; nas províncias de Goiás e Mato Grosso, grandes extensões cobertas por uma formação ferruginosa (rica de oligisto e itabirito) e, tanto nessa formação, quanto na do xisto quartzítico e na areia procedente de sua decomposição, quantidades consideráveis de ouro e, além disso, também diamantes; em contraste, no profundo vale do Amazonas, vestígio algum de formações mais antigas, nem metal algum aparece em quantidade considerável; formação de carvão-de-pedra, só em pequena extensão naquela região; na do Amazonas, nada; mas há aí um carvão orgânico, nas extensões imensas das matas, ao passo que na maior parte da outra, particularmente nos territórios diamantíferos, vicejam só gramíneas nos prados; finalmente, na bacia do Paraguai (“rio dos papagaios”), não distante do ponto onde se eleva o divisor de águas entre ele e o Amazonas, brota do solo uma riqueza incomensurável de sal de cozinha, o qual, em toda enchente do rio, se renova do solo decomposto (como acontece ao longo do rio São Francisco, em sua região setentrional, e em alguns dos rios apenas perenes do Ceará e Paraíba do Norte); por outro lado, no Amazonas não há vestígio de sal de cozinha, apenas de grés idêntico ao de São Gonçalo de Amarante, no Piauí, e de outras regiões desta província em que florescem alume e outros sais: dão esses contrastes ensejo a muitas hipóteses geológicas.

A história pré-histórica, isto é, a história de nosso planeta e de seu desenvolvimento e transformações, cabe ao naturalista que dos grandiosos documentos apresentados pela própria Terra pode ao menos aventar conjeturas, como as que muitas vezes nos sugerem esses fatos diversos. É opinião geralmente espalhada que

o mundo novo surgiu das águas mais tarde do que o nosso continente. Embora não possamos encontrar apoio para essa conjectura nem nas condições geológicas, nem nos mais antigos vestígios de aborígenes americanos, é difícil refutar a ideia de que o elemento aquoso foi aqui muito fortemente operante, em grande extensão, e isto, muito em particular, na região que agora é objeto de nossas considerações. O recobrimento de água, ao qual se deve atribuir a gênese da atual formação geológica, era evidentemente não só de colossal extensão (isto é, desde as encostas orientais dos Andes, da grande principal bacia inferior e das bacias parciais até o limite das regiões superiores dos afluentes), mas deve ter sido precedido por um movimento de águas extremamente profundo e violento, na direção do rio Amazonas, devido ao qual todas as demais formações foram completamente destruídas transportadas todas para o oceano, e formaram-se as profundas depressões, hoje invadidas pela formação de grés de cantaria e grés *kéuprico*. Testemunha disso é a extraordinária espessura de formação estratificada, por entre a qual em parte alguma ocorre pedra mais antiga, e, além disso, a depressão singular de muitas regiões, em particular na vizinhança do canal de Tajipurú e na parte sudoeste da ilha de Marajó, onde medições rigorosas deveriam achar provavelmente pontos que jazem no nível atual do mar ou mesmo abaixo, assim como, finalmente, a absoluta falta de fragmentos rolados de rocha como indícios de mais antigas formações vizinhas. Nem rochas traquíticas ou primitivas da cordilheira dos Andes ou das montanhas de Parimé ocorrem desagregadas na superfície da atual formação da bacia inferior do Amazonas. Teriam elas, talvez na formação desse estrato, afundado, ou teriam sido levadas para o oceano? Ou, ainda mais, antes da formação estratificada, não teria sido outrora toda a bacia uma enorme baía de mar, em vez de terra firme? Aqueles grandes blocos graníticos arredondados, cuja problemática ocorrência na Alta Baviera e no extremo norte da Alemanha se procurou esclarecer, entre outras opiniões, como sendo acarretados por geleiras, também foram observados no vizinho Orenoco (nós os avistamos numa região muito afastada, no vale do rio Paraíba); mas, na bacia do Amazonas, não se conhece nada de semelhante. Por outro lado, também se deve admitir aquela formação estratificada, uma vez depositada pela camada de água, não sofreu mais catástrofe alguma por subsequente inundaçãõ; se tal houvesse acontecido, apareceriam mais tarde formações secundárias e depósitos, restos orgânicos, etc., dos quais nenhum vestígio foi achado até agora.

Evidentemente só são produto da última época e, portanto, de recente origem (aluviões), os bancos de argila plástica, as jazidas de um grés friável, colorido, com cimento calcário, ou um conglomerado de fragmentos de todas essas pedras e de jaspe; as jazidas de argilas coloridas, de caulim, de gesso e do grés margoso calcário firme, que alternam com o conglomerado de grés e o grés avermelhado, pertencem diretamente à própria época do estrato, quando as águas,

acima da formação precipitada, já haviam achado saída para o mar. Essa água em parte alguma deixou depósito de sal de cozinha; a ausência daquela formação calcária, cheia de cavernas, que no Paraguai aflora juntamente com o depósito inextinguível de sal na superfície do solo, indica que a própria água já não era salgada⁷. Tampouco se encontra vestígio algum de crustáceos de água doce nessa grande bacia, talvez porque a impetuosidade das águas que corriam fosse demasiado forte para permitir estabelecimento desses animais; na Europa tampouco se acham em lugares que, submetidos a uma correnteza violenta, não terão talvez favorecido a vida dessa classe de animais morosos, ao passo que aparecem nas profundezas de vales e nas bacias protegidas de todos os lados. Subsequentes recobrimentos pelo atual oceano podem ter ocorrido aqui e acolá. Como testemunho disso, podemos considerar os bancos de conchas marinhas e corais (*berbigões*, em tupi *cernambis*), que aparecem no mais profundo do vale, particularmente na foz do Tocantins. Talvez mesmo houvesse sido antigamente banhada por um mar interior a encosta meridional da serra de Parimé, se por outro lado é verdade que no Rio Branco se acham corais.

Resumidos todos esses fatos, parece-nos, pois, essa região inferior da grande bacia do Amazonas como uma parte da superfície de nossa terra que poucas catástrofes sofreu; e, talvez por isso mesmo, entregue a sossego não interrompido, tornou-se tanto mais apta para desenvolver, no seu solo repleto de vida, aquela abundância de formas orgânicas, que o ensombram como matas virgens, altas e impenetráveis, e o animam com a multidão dos mais variados animais. Todos os lugares onde a formação de estrato se aprofundou mais tornaram-se outros tantos acumuladores naturais de água, que surgem em mananciais ou lagos, alimentados pelas copiosas chuvas equatoriais, alimentando o reino luxuriante das plantas favorecido indiretamente pelo sol a prumo, e colaboram na decomposição da pedra em humo, o qual deve, além disso, resultar da série de tão grandes sociedades de plantas. No solo granítico ou calcário em declive de terraço das províncias da Bahia, Pernambuco e outras, até o Ceará para o norte, parece que muito violentas inundações pelo mar em diferentes direções lhe roubaram o humo da superfície, e apenas uma ligeira camada de areia granítica e pó acumula-se aqui, em vastas extensões, sobre as lajes da montanha primitiva; e, por conseguinte, a terra, pobre de água, só pode produzir matas virgens nas regiões elevadas, por exemplo, a serra de Ibiapaba (em tupi, “tudo terra”, para dizer que é pouco revestida de mata); o resto do solo, como que enfraquecido, é coberto de pasto ressecado, ou de densos carrascais e caatinga. Talvez semelhantes catástrofes tenham agido sobre o crescimento daquela vegetação que atualmente reveste em extensos trechos a superfície das terras de minas do Brasil. Encontramos ali ora areia de quartzo, clara, espalhada sobre ex-

tensas charnecas, ora fragmentos de antiga formação siliciosa, misturados com lodo e humo, numa superfície rica de fontes, que produz palmeirais, prados de gramíneas, ou matas baixas isoladas (*caáapuum*). Perguntamos agora: Qual foi a grandiosa catástrofe, de largo alcance, que iniciou mudanças tais, como a que agiu na destruição de primitivas jazidas de ouro ou sobre a libertação dos diamantes da sua matriz? Profundo segredo encobre aquele período, na história da formação do nosso planeta. O reino da pedra, simples e imutável, que temos diante de nós, só permite poucos golpes de vista no passado.

Essa monotonia da estrutura geológica do Brasil faz singular contraste com a riqueza de formações do Chile e do Peru. No Brasil, nem vemos vulcões ativos, nem mudanças de formações plutônicas ou vulcânicas e netunianas, nem formação distinguida por restos de animais peculiares, nem ricos depósitos de carvão. Do período da mais violenta força criadora, época da transição, não restaram testemunhos; as mais recentes catástrofes da época do estrato igualmente só poucas mudanças deixaram, mas essas espalhadas em tanto maior extensão. A vida animal do mundo primitivo depara-se-nos quase exclusivamente nos restos daqueles colossos, o megatério do Paraguai, o mamute e o megalônix das cavernas de salitre de Minas Gerais, do rio das Contas e no fundo de lama dos terraços graníticos, da Bahia, de Pernambuco e do Ceará, como se as formas de animais inferiores antigamente ou não chegaram a existir aqui ou foram exterminadas por subsequentes cataclismos, desaparecendo sem deixar vestígio algum.

A vegetação da bacia do Rio Amazonas – Acabamos de mencionar diversas formações da flora, por assim dizer, no sentido geológico. Que a vegetação do Amazonas deve ser considerada como formação própria, uma região independente, limitada por fronteiras naturais, está particularmente confirmado pela presença de muitas plantas exclusivamente próprias dessa região. Mais se aproxima a flora do Amazonas à da Guiana Francesa, que Aublet tornou conhecida. Uma descrição minuciosa dessa flora, particularmente segundo as famílias individuais de plantas que aqui predominam, as que pouco aparecem ou não aparecem de todo, está, entretanto, fora dos limites do nosso trabalho. Apenas um lance de olhos geral terá lugar aqui. Em todo o curso do Amazonas, de oeste a leste, acompanha-o vegetação de mata; somente na região mais a nordeste, de Monte Alegre até Macapá, é que aparece em vez de floresta a vegetação de campo, semelhante à dos campos agrestes do Piauí. A mata virgem é, por toda parte, da mesma feição: árvores e arbustos de mui diferentes alturas frequentemente enroscados pelas trepadeiras, agrupados de modo denso, irregular e sombrio, de folhagem viçosa e da maior variedade de espécies.

Diferenciam-se 3 regiões: a floresta alta de terra firme, *ibu (aegwü)-reté*, também *ybü-téra-caá*; a das terras marginais sujeitas à inundação, *caá-ygapó*,

ou *yby-hü-pupe-caâ* (“mata da terra à beira d’água”); e a flora das ilhas de areia, no rio. Essas regiões diferem umas das outras tanto no tocante à paisagem como se caracterizam por suas plantas particulares. Na mata alta de terra firme, a vegetação transforma-se, às vezes, em campinas florestais, cercadas de todos os lados por arbustos peculiares, e fazem lembrar por muitas plantas, assim como pelo aspecto geral da paisagem, a vegetação das chapadas meridionais.

As famílias naturais de plantas podem ser divididas, segundo o seu aparecimento na região do rio Amazonas, em três grupos: 1) as que predominam pelo número de gêneros e espécies; 2) outras representadas só por poucos gêneros; 3) aquelas que não estão representadas de todo ou por relativamente pouquíssimas espécies. 1) Famílias predominantes: Leguminosas, particularmente Mimosáceas e Cássicas, Terebintáceas, Melastomáceas, Mirtáceas, *Chrysobalanus*, Combretáceas, Rutáceas, Samidáceas, Bombacáceas, Tiliáceas, Bixáceas, Ionídiás, Voquisáceas, Oxalidáceas, Ternstroemiáceas, Gutíferas, Hipericíneas, Meliáceas, Sapindáceas, Eritroxiláceas, Ampelídeas, Malpighiáceas, Hipocrateáceas, Menispermáceas, Dileniáceas, Anonáceas, Lorantáceas, Rubiáceas, Stiracáceas, Sapotáceas, Mirsináceas, Apocináceas, Asclepiadáceas, Bignoniáceas, Convolvuláceas, Sebestêneas, Solanáceas, Gesneriáceas, Acantháceas, Lauráceas, Miristicáceas, Passifloráceas, Cucurbitáceas, Euforbiáceas, Urticáceas, Piperáceas, Orquidáceas, Bromeliáceas, Aráceas, Smilax, Palmáceas, Gramíneas, Ciperáceas, Samambaias, Lycopodiáceas, Hepáticas, Fungos. 2) Menos abundantes, entretanto representadas por diversos gêneros ou espécies: Ramnáceas, Celastráceas, Salicáceas, Turneráceas, Cactáceas, Zigoofiláceas, Poligaláceas, Alcaparidáceas, Araliáceas, Compostas (em particular o grupo *Heliantus*), Lobeliáceas, Ebenáceas, Gencianáceas, Hidróleas, Heliotróprios, Amarantáceas, Begoniáceas, Aristoloquiáceas, Ninfáceas, Liliáceas, Amarilidáceas, Pontederiáceas, Musgos, Líquens. 3) Muito raras, sobretudo em vista da riqueza das famílias em espécies: Onagráceas, propriamente flores de Malváceas, Portulacáceas, Paroníquias, Geraniáceas, Valerianáceas, Jasmíns, Polemoniáceas, Labiadas, Quenopodiáceas, Nictagináceas, Proteáceas, Salicáceas (só a *Salix humboldtiana*), Miricáceas (*Thoa*), Timeleáceas, Restiáceas (*Hyphydras*), Iridáceas, Juncáceas. Das seguintes famílias não encontrei membro algum: Saxifragáceas, Escalônias, Ribésias, Crassuláceas, Lináceas, Cariofiláceas, Ranunculáceas, Crucíferas, Magnoliáceas, Caprifoliáceas, Campanuláceas, Umbelíferas, Borragináceas, *Didimocarpus*, Lentibulariáceas, Globulariáceas, Plantagináceas, Fagáceas, Coníferas, Betuláceas, Cicadáceas e Dipterocarpáceas. Desta sinopse depreende-se que ali não existem plantas sociáveis, ocupando exclusivamente territórios inteiros as espécies das nossas Coníferas ou as Halófitas das estepes asiáticas. Representantes das mais

diversas famílias se acham variegadas, umas ao lado das outras; somente nas margens onde gramíneas medram em grande profusão, e nas ilhas, onde o salgueiro (*Salix humboldtiana*), a embaúba (*Cecropia peltata*) e a munguba (*Bombax munguba*) crescem profusamente juntos, há uma reminiscência da monotonia do Norte. A preponderância de árvores de folhas penadas brilhantes e de um verde seivoso (Leguminosas, Rubiáceas, Lauráceas) dá ao arvoredo um aspecto ora delicado e suave, ora resplandecente e luxuriante. Falta à paisagem, aliás, toda variedade de aspectos grandiosos, num território tão plano que não apresenta quase rochedo algum, quanto mais montanha. Também aquelas formas singulares dos cactos e fetos arborescentes, que aparecem tão frequentemente nas regiões do Sul, aqui desaparecem. Sensível é, finalmente, a falta sobretudo das flores das Malváceas, Borragináceas, Crucíferas, Umbelíferas, Labiadas e Compostas. Essas plantas, cuja organização impõe formas herbáceas e arbustivas, não arborescentes, parecem pouco favorecidas nas terras quentes equatoriais, onde o sol a prumo fomenta o crescimento das árvores até grande altura.

7. As salinas, muito extensas no Jauru e no Paraguai, serão ainda atualmente alimentadas pelo próprio oceano? Elas aparecem, embora situadas bem no interior da terra firme, não muito acima do nível do mar.

.....

Capítulo VII

ÚLTIMA ESTADA EM BELÉM DO PARÁ, E VIAGEM DE REGRESSO

DE NOVO, NO SILÊNCIO DA ROCINHA, de volta das canseiras de uma viagem de nove meses, não pudemos encontrar o sossego, que seria para desejar, no estado precário de nossa saúde.

Estavam prontas para o embarque as coleções que trazíamos desta expedição longínqua, assumindo dimensão espantosa para nós mesmos, e eram alvo da admiração da gente da cidade, que peregrinava em multidão à nossa casa, para ver as riquezas de sua pátria, tão pouco conhecidas deles próprios. Por outro lado, prendia-nos ainda a majestosa exuberância desta terra equatorial, que, em toda excursão às matas do Pará ou às ilhas baixas do arquipélago circunstante, novas curiosidades nos oferecia. Entretanto, é característico desta região o ser, por toda parte, igual na feição de sua paisagem, que tranquiliza e encanta pela constância, atitude, variedade e harmonia de toda a natureza. Reporto-me, portanto, às descrições já feitas do Pará e seus arredores. O gozo tranquilo da contemplação a que nos entregávamos foi interrompido por relações sociais, e no dia 13 de maio, aniversário de Sua Majestade Fidelíssima, pelos festejos gerais, nos quais deram os cidadãos inequívoca prova de patriotismo e afeição. Nessa oca-

sião, o novo edifício da Bolsa foi inaugurado por um discurso solene do seu presidente, as tropas fizeram parada, as igrejas encheram-se, ao ressoar dos cânticos sagrados, e tudo se apresentou de modo agradável, com aspecto e modos europeus, como aliás se distingue a população da capital paraense.

O comboio, no qual podíamos voltar à Europa, compunha-se de cinco barcos, duas galeras, dois brigues e uma escuna artilhada, aparelhada pelo governo para escolta desses navios de comércio. Para a travessia, adquirimos lugar na *Nova Amazonas*, uma galera nova de boa construção, e mandamos dispor a bordo, aos poucos, as nossas coleções encaixotadas, não sem dificuldade. A 13 de junho, despedimo-nos de nossos numerosos amigos e, no dia seguinte, entregamo-nos ao elemento fluido que nos ia levar do Novo Mundo à pátria. Não tento descrever as sensações quando se levantou a âncora e deslizamos, tocados por um fraco vento, entre margens de virentes matas altas, pelo rio abaixo. O trajeto pelo canal do Pará é bastante dificultoso aos navios maiores na parte superior, pois o canal navegável é estreito, variando entre três a cinco braças de profundidade, e a margem, com sua mata uniforme, só raramente dá aos pilotos pontos de referência. O nosso práctico da barra, um índio velho, guiava-se por uns enormes troncos isolados de bombacáceas, e levou-nos, sem incidente, pelo rio abaixo. Menos feliz foi o brigue *Vulcano* que, logo na primeira noite, encalhou. De fato, nisso havia pouco perigo, porque as águas não batem com violência de encontro ao barco, e o fundo é apenas de vasa; todavia, não é raro ser preciso retirar parcialmente o carregamento e só 15 dias depois poder prosseguir viagem, com outra preamar. Só se sai do Pará com a maré alta da lua cheia e da lua nova, e navega-se rio abaixo com a vazante, que dura mais uma hora do que na enchente, como acontece nas outras águas mais ocidentais. Durante a enchente, os navegantes cautelosos costumam ancorar. Em Forte da Barra, erguido numa pequena ilha do rio, os passaportes são examinados e toda a equipagem é apresentada ao oficial da visita. Também foi muito lentamente que navegamos, no dia seguinte, pelo rio abaixo, e, quando a galera de novo ancorou na proximidade de Mosqueiro para esperar os outros barcos, tivemos oportunidade de pisar, mais uma vez, no continente americano. O grés ferruginoso semelhante à brecha, vermelho-pardacento ou violeta, que constitui a formação ao longo de toda a costa, é quebrado aqui na Pedreira Real, à custa do governo, e levado à cidade, para as construções. A mata virgem revestia outrora toda a

região; atualmente, porém, já foi desbastada em grandes trechos; acham-se espalhadas, por entre a capoeira baixa, roças de milho, feijão, cana e cacau. Essa fértil região é habitada por famílias de índios e mulatos, cujas palhoças entre bananeiras, goiabeiras e laranjeiras silvestres ostentam o mais simples quadro de serena pobreza e contentamento. Aqui, no Novo Mundo, os meus olhos pousaram, com dupla alegria, nesse espetáculo idílico. Há algo de consolador na ideia de que, apesar de toda a miséria que o europeu trouxe de além do vasto oceano, é aqui possível certo bem-estar adequado ao estado primitivo da raça humana, uma vida de natureza, coisa de que nós, na velha Europa histórica e requisitada, não temos mais vestígio nem noção. Estes índios e mestiços fazem lembrar o provérbio antigo da Índia que diz: “A vida entre os homens é um fogo que queima, se dele tomarmos muito; mas se tomarmos pouco, ele nos alumia.” O gênio da raça humana não conduziu os povos neste caminho, por circunstâncias patriarcais que devem chegar à humanidade pela civilização; por isso, não encontramos paz nas cabanas, nem simplicidade ingênua e contentamento na senda da vida dos povos, porém sangue e fogo, pavorosas expiações que nossa espécie paga à dupla natureza, à maldição e à bênção de sua origem. Estando a partir do país onde havíamos vivido perto de quatro anos de labor e de gozos e que iam ser o assunto de nossa obra científica, cumpria-nos, antes de tudo, fazer os mais ardentes votos pela sua prosperidade. Em espírito, perpassávamos por todos os graus do seu desenvolvimento, desde as condições de vida primitivas e como que patriarcais, até o estado que, no novo império, haviam alcançado burguesia, Estado e Igreja. Animava-nos o ardente desejo de que o magnífico país, tão ricamente dotado, viesse a amadurecer, demorada e seguramente, para a meta de seu aperfeiçoamento, não por convulsões e lutas violentas, mas com o equilíbrio e reconciliação dos elementos adversos, que existem em todos os estados. Passaram-se 10 anos desde que partimos do Brasil, e, enquanto a mais pavorosa convulsão abalava todas as partes da Europa, enquanto a mãe-pátria ficava reduzida à impotência, pelo desencadear de sucessos fatais, pela antiga grandeza de Portugal duplamente ensombrada, enquanto os vizinhos países americanos ainda se debatiam nas dores do renascimento político, o Brasil dava para a frente passos seguros, em prol da sua organização e consolidação internas. Esplêndidas são as disposições naturais do grandioso país, do povo inteligente, vivaz e forte, para cujo bem concorre a própria mistura das raças.

Pouco a pouco, desfazem-se as peias que, em consequência do antigo sistema colonial, impediam o progresso espiritual e oprimiam a força moral; o horizonte alarga-se no grande comércio mundial; nobre rivalidade anima a juventude, que numerosa procura na Europa ciência e educação; patriotismo e amor-próprio, molas igualmente poderosas, vencem o afrouxamento que, devido ao clima, trava o espírito e o corpo; um monarca, enérgico, e querendo o bem, está ao leme, dirigindo-o com coragem. Venturoso país. Se te deixares levar doravante nessa direção, então o teu bom gênio te conduzirá, por trilhas salutares e belas, para uma segura meta! Possa aquele, que te devotou a melhor parte de sua vida, não se ter enganado nunca, nas suas esperanças e votos!

O nosso seguidor, o brigue *Vulcano*, estava de novo felizmente fluuando e, assim, seguia todo o comboio bordejando, com vento noroeste picante, pelo canal que ia alargando pouco a pouco. Achamo-nos, ao meio-dia de 16 de junho, defronte às Ilhas dos Guaribas, que, como toda a costa, são revestidas de arvoredos baixos, principalmente de manguezais. Pela manhã de 17 de junho, tínhamos diante de nós a Ponta do Carmo. O canal alarga-se aqui cada vez mais. A água de cor esverdeada ainda não tem sabor salgado nesta latitude (excetuadas as grandes marés altas do solstício); já havíamos, aliás, notado fosforescência nas últimas duas noites. A luz mostrava-se como que mais para dentro, mais profunda na água, mais delicada e distribuída uniformemente do que a fosforescência que havíamos observado em pleno oceano. Grandes ajuntamentos luminosos, formados por medusas e outros animais semelhantes, ainda não apareciam aqui. O tempo era úmido e turvado, de sorte que, por volta do meio-dia de 18, a custo pudemos reconhecer os bancos de areia branca, sitos ao norte de Salinas, ponto de referência costumeiro do navegante. Lá pelas duas horas, tínhamos ainda à vista a Ponta de Taibu, e a perícia do nosso bravo piloto índio encarregou-se de deixar esse cabo a sudoeste, para atravessar o rio a oeste do baixo de São João e alcançar a Ponta de Maguari¹, ponto extremo da ilha de Marajó. Esse banco de areia, de uma légua marítima de comprimento, é muitíssimo perigoso, pois nas suas paragens, com vento forte, levanta o mar tão altos vagalhões, que um navio, encalhado ali, em

1. Hoje cabo Maguarino.

poucos minutos se despedaça. Soprava de encontro a nós um vento frio de modo que só pudemos alcançar a Ponta de Maguari na tarde seguinte. Nesse caminho, já encontramos a água um tanto salgada. Aqui deixou-nos o piloto; ele desceu ao seu pequeno bote, que já o esperava desde alguns dias, e desapareceu logo dos nossos olhos no nevoeiro, voltando a Salinas. Antes de cair a noite, também perdemos de vista a Ponta de Maguari, e na manhã seguinte nos vimos cercados de água por todos os lados. A sua cor verde-clara e o seu sabor relativamente pouco salgado provaram-nos a colossal afluência de água que o Amazonas mistura às do oceano. Só no dia seguinte é que estaríamos nas ondas azul-escuras do alto mar. Com os nossos votos, saudades e esperanças, repartidos entre os dois continentes, o antigo e o novo, abandonamo-nos à segurança do bem construído barco e nos entregamos a todas as impressões magníficas com que uma viagem no oceano tropical pode enriquecer a alma e o espírito. Infelizmente, esses gozos foram em breve perturbados pela convivência de bordo. Achávamo-nos sujeitos à tirania de um comandante, cujo comportamento parecia guiar-se por avareza, egoísmo e proposital menoscabo das convivências. Privava-nos, sob o pretexto de que a viagem seria demorada, do uso da água e de certas provisões que havíamos embarcado à nossa própria custa; procurava danificar as nossas coleções, em particular de objetos vivos; e se permitia toda sorte de arbitrariedades. Tivemos o desgosto de assistir à morte de dois dos nossos servidores índios, em consequência desse tratamento, e ambos também adoecemos do fígado. Feliz embora fora a nossa viagem, em outros sentidos, nem por isso deixou de causar-nos dolorosas impressões. Ao cabo de 20 dias de viagem, sem termos avistado terra, nos achávamos à altura dos paralelos da Flórida, no rumo para o norte; depois de 55 dias, passamos pela latitude das Ilhas dos Açores e, no sexagésimo dia, tivemos a ventura de avistar a primeira montanha da Europa.

A nossa viagem poderia ter sido muito mais rápida, se entre os demais barcos não estivessem dois maus veleiros, a cuja espera frequentemente ficávamos. No mais, foi a viagem favorecida por bom tempo; no trópico, tivemos muitas calmarias, e quando saindo daquela região de eterno sossego, rumamos para o norte, tivemos de suportar algumas violentas rajadas. Na latitude de 24° norte e 32° de longitude oeste de Paris, tocamos na região distinta pela ocorrência de algas flutuantes, o Mar de Sargaços. Grande acumulação de erva parda, muito ramificada, boiava durante al-

guns dias ao longo de bordo. Como é sabido, atribui-se o extraordinário volume de sargaço, que o navegante encontra nesta latitude, ora a certos rochedos do Golfo do México, ora a baixios do alto mar. Vários marujos portugueses asseguraram-me que as algas do mar (*Sargassum bacciferum e natans* Agardh.) crescem notadamente sobre um baixio, a 24° de latitude norte e 28° de longitude oeste de Paris, donde é arrancado não só pelas tempestades e pela corrente do golfo, como também pelas baleias, que se revolvem sobre os escolhos, para conseguir o alimento.

Era fato conhecido que o mar fervilhava de corsários americanos disfarçados e o comandante gabava-se muito do pé de guerra da sua embarcação. Porém grandes foram o susto e a confusão a bordo, quando, à altura dos Açores, se aproximou de nós um navio suspeito. Era uma escuna grande muito bem equipada que levava um canhão giratório e um grande A na vela de tope como se fosse de Artigas. Acompanhou-nos, observando durante dois dias; não se julgou, todavia, bastante forte para atacar todo o nosso comboio. Foi no dia 21 de agosto que, com indizível emoção, avistamos diante de nós as costas da Europa. Segundo informação de uma embarcação espanhola, que, por um tiro de canhão, foi obrigada a aproximar-se, achávamo-nos a seis léguas do Cabo de Roca. Logo em seguida, um navio de guerra fez-nos sinal; era uma fragata portuguesa, que nos registrou, acompanhou-nos algum tempo e depois, informando-nos sobre a direção a tomar, deixou-nos. Cerca do meio-dia, apareceu bem distinta, a nordeste, no horizonte vago, a Roca de Lisboa: uma cadeia de montanhas íngremes, nuas, onde notamos igrejas, claustros e faróis. Também da grande basílica de Mafra, valiosa obra de d. João V, tivemos passageira visão pelo telescópio. Em breve, achamo-nos num fervedouro de barcos, que pescavam aqui, na entrada do porto de Lisboa. Eles usam uma singular vela em forma de trapézio e triangular, a fim de se porem, no seu trabalho, na cabine. O barco tem um único mastro no flanco; a rede é baixada por dois grandes cabos ao mar, e geralmente grande número de guarnição, 15 a 20 pessoas, estão numa muleta para efetuar esse trabalho. Têm esses pescadores igualmente o ofício de pilotos da barra e guiam os navios por 6\$400; o número destes práticos muda de acordo com um regulamento. Quase ensurdecidos pela gritaria e pilhérias grosseiras desses filhos de Netuno – “homens das botas”, chamam-lhes os marujos – aproximamo-nos da bela costa de Portugal. Com razão se ufanam os portugueses da

magnífica situação de sua capital. Ao longo do golfo do majestoso Tejo, enfileiram-se sem interrupção vivendas e fortificações; mais acima, estão viçosos vinhedos, searas, cumes secos, sem cultura, nos quais se elevam aqui e acolá alegres álamos ou sombrios ciprestes. Ao entardecer de 23 de agosto, saudamos a antiga e colossal torre gótica de Belém, atrás da qual se elevam o Palácio da Ajuda e os terraços da cidade em anfiteatro, ricamente adornados por palácios e cúpulas de igrejas. Vindos de um país ao qual falta a história, víamo-nos transportados por entre monumentos históricos de um povo laborioso; sentíamo-nos de novo na Europa. Ainda nessa mesma tarde, recebeu o navio a visita do comissário de saúde, e, na manhã seguinte, profundamente emocionados, pisamos sobre solo pátrio em sentido lato.

Graças aos cuidados do Sr. barão von Pfeffel, ministro de S. M. o rei da Baviera em Londres, encontramos o mais amável acolhimento da parte do Sr. von Berks, encarregado de negócios da Áustria. Fomos alojados num hotel alemão, e, auxiliados pelo Sr. Lindenberger, cônsul hanseático, e por diversos e dedicados compatriotas nossos, levamos as nossas coleções à alfândega (Casa da Índia). Já queríamos cuidar de percorrer a linda Lisboa e procurar convívio com os seus sábios, quando, de improviso, sobreveio uma catástrofe política, que deu outra direção aos nossos planos. A 24 de agosto, proclamou-se no Porto uma Junta, independente da Regência de Lisboa. Entregávamos justamente a dois membros da Regência, o conde de Palmela e d. Miguel Forjaz Pereira Coutinho, as nossas cartas de recomendação, quando chegou à capital aquela notícia, pondo tudo em alvoroço e susto. Muitos funcionários públicos, entre eles quase todos os cientistas com quem desejávamos travar relações, saíram de Lisboa; todas as repartições públicas fecharam-se, e, quando a 15 de setembro também a capital aderiu à nova ordem de coisas e se estabeleceu um governo provisório, convencemo-nos de que, em tal crise, nada podíamos fazer para os nossos fins científicos, sendo, portanto, aconselhável que partíssemos quanto antes de Portugal. Só a custo de muitas fadigas e inconvenientes, conseguimos retirar da alfândega as coleções e despachá-las, num navio austríaco, para Trieste.

A 10 de outubro, partimos de Lisboa e atravessamos o Tejo rumo Aldeia Galega, na entrada da província da Estremadura, onde alugamos duas caleças abertas, condução aqui usual, as quais nos deviam con-

duzir por Elvas até a fronteira espanhola. Os arraiais nus e as charnecas de Portugal eram espetáculo pouco alegre para nós, habituados à pujança da natureza tropical; mais desagradável, ainda, porém, nos foi a falta de comodidade nos pobres lugarejos por onde tivemos de passar. O Brasil, colônia nova, tão ricamente dotada pela natureza, ganhava na comparação com a desolação, o despovoamento e a pobreza da mãe-pátria, que estava, além disso, naquele momento, sob o sopro de um clima outonal, duplamente rude para nós. Encontramos aqui a mesma língua, os mesmos traços fundamentais do caráter nacional, mas tudo nos parecia inteiramente diverso, ao reflexo das condições naturais europeias, das relações entre os povos europeus e suas necessidades. Essa comparação dar-nos-ia assunto para uma discussão alentada; mas tratemos de concluir o fio da narrativa.

Em Badajoz, a primeira cidade espanhola a que chegamos, apresentou-se-nos outro povo, mais parecido com o alemão; traços menos finos de fisionomia, corpos mais vigorosos, em vez da fala delicada uma linguagem sonora, de sons profundos do peito, muitas reminiscências a costumes alemães. Passamos por Mérida e Truxillo, pátria do conquistador Pizarro, frequentemente ameaçadas por salteadores e com áspero tempo outonal, ressentindo toda a inospitalidade da Espanha até Madri, aonde chegamos a 25 de outubro. Apresentados por d. Filipe Bauza, o bravo seguidor do infeliz Malaspina que era nosso consócio da Academia Bávara, a Luzuriaga, Rodríguez, La Gasca, Pavon, Roxas Clemente e outros dignos sábios, gozamos aqui de convívio científico e obtivemos muitas informações, particularmente geográficas, o que devo aqui citar cheio de gratidão. O Museu de História Natural de Madri, além de muitas outras curiosidades, entre as quais o esqueleto do megatério de Buenos Aires, o maior dos mamíferos hoje desaparecidos, notável por suas dimensões e raridade, contém ainda muitos documentos da civilização dos povos antigos do México e Peru: urnas, lâmpadas, armas de metal, ídolos domésticos, aventais de dentes e de folhetas de prata, figuras de ouro e estampadas em folha de ouro, diademas (machapaichos), etc. Esses objetos, todos de obra tosca, não correspondem à alta ideia que, segundo as mais antigas notícias, se tem da civilização daqueles povos. De todo modo, eles testemunharam mais alta civilização do que a que encontramos entre os aborígenes do Brasil; porém sempre transluz um íntimo parentesco de cultura e indústria entre aqueles povos históricos e estas outras hordas que vivem sem história. Para despir

a história dos descobrimentos que a nação espanhola fez no Novo Mundo, dos ouropéis com que os primeiros historiadores a desfiguraram segundo conceito do século, torna-se na verdade necessário deitar vistas comparativas ao estado primitivo do resto da América.

A entrada da época fria do ano nos obrigou a encurtar a estada em Madri; deixamos o planalto da velha Castela e descemos aos belos prados de Valência, apenas tocados pelo outono. Daí, a viagem continuou por Tarragona à comerciante Barcelona. Subimos a encosta mais meridional dos Pirineus e entramos na França por Perpignan. Via Lion alcançamos a Alsácia, onde nos acolheu a língua materna; atravessando o Reno em Estrasburgo, com o mais íntimo júbilo pudemos de novo respirar os ares alemães. A 10 de dezembro de 1820, chegamos com felicidade, depois de quase quatro anos de ausência, à capital da Baviera.

Ao concluir aqui a relação dos fatos de nossa viagem ao Brasil e dos seus resultados científicos gerais, parece conveniente ainda mostrar de que modo procuramos corresponder aos nossos especiais encargos relativos à botânica e à zoologia. O Brasil, fechado durante séculos consecutivos às investigações dos europeus, oferecia farta oportunidade de enriquecer com fatos aquelas ciências, e, quanto aos meios para atingirmos a esse alvo, não tínhamos escolha. Pareceu-nos mais acertado colecionar, durante a viagem, exemplares tanto de formações geológicas, quanto de curiosidades etnográficas, e, em particular, de animais e plantas, dar assento, em nosso diário, a descrições e notícias minuciosas quanto possível, e com isso preparar uma exposição científica, uma vez de volta à pátria.

Os espécimes de história natural e os de etnografia por nós colecionados no Brasil foram colocados no Museu da Real Academia de Ciências de Munique. O que se obteve da zoologia consiste em 85 espécimes de mamíferos, 350 de aves, 130 de anfíbios, 116 de peixes e 2.700 de insetos. Desta última classe, 1.800 coleópteros, 120 ortópteros, 30 neurópteros, 120 himenópteros, 120 lepidópteros, 250 hemípteros, 100 dípteros; dos aracnídeos, existem 80 espécimes e outros tantos de cretáceos.

A coleção botânica consiste em 6.500 espécimes de plantas. Nessas coleções, bem como nos nossos diários e desenhos, basearam-se as seguintes obras:

1) *Simiarum et Vespertilionum brasiliensium species novae*, ou *histoire naturelle des espèces nouvelles de Singes et de Chauvesouris, observées et*

recueillies pendant le voyage dans l'intérieur du Brésil, executé, par ordre de S. M. le Roi de Bavière, dans les années 1817, 1818, 1819 et 1820, publié par Jean de Spix (Monachii, 1823), fol. gr., VIII-72 págs. e 34 estampas;

2) *Serpentum brasiliensium species novae*, histoire naturelle, etc. publiée par Jean de Spix, écrite d'après les notes du voyageur par Jean Wagler (Monachii, 1824), fol., 75 pp. e ests.;

3) *Species novae Testudinum et Ranarum*, quas in itinere per Brasiliam annis 1817-1820, jussu et auspiciis Maximiliani Josephi I, Bavariae Regis, suscepto, collegit e descripsit dr. J. B. de Spix (Monachii, 1824), fol., 53 págs. e 22 estampas;

4) *Species novae Lacertarum, quas etc. descripsit dr. J. B. de Spix* (1825), in-4º gr., 26 págs. e 28 estampas;

5) *Avium species novae, quas etc. descripsit dr. J. B. de Spix* (Monachii, Tomo I, 1824). Fol. min. 20 págs. e 104 estampas. Tomo II, 1825, 85 págs. e 118 estampas;

6) *Testacea, quae etc. collegit et pingenda curavit dr. J. B. de Spix, digessit, descripsit et observationibus illustravit dr. J. A. Wagner, ediderunt Schrank et Martius* (Monachii, 1827). Fol. min. 36 págs. e 29 estampas;

7) *Pisces, quos etc. collegit et pingendos curavit Spix; descripsit et illustravit dr. L. Agassiz, praefatus est et edidit Martius* (Monachii, 1829 e 1831). Fol. min. XVI. 8. 138 págs. e 96 estampas;

8) *Delectus animalium articulorum, quae etc. collegerunt Spix et Martius descripsit dr. M. Perty, praefatus est et edidit Martius* (Monachii). Fol. min. 1830. (O todo vai ser publicado em 3 fascículos);

9) *Nova genera et species plantarum, quas etc. descripsit dr. C. F. Ph. de Martius*. Fol. min. Monachii. Vol. 1, pingendas curavit et secundum autoris schedulas digessit dr. J. G. Zuccarini Taf. 1824. 158 págs. Estampas 1 a 100. Vol. II, 1826, 158 págs. e estampas 101 a 200. Vol. III (et ultimo), estampas 201 a 300, será completado em 1831;

10) *Genera et species palmarum, quas etc. Martius*. Monachii. gr. Fol. 1824-1827, 144 págs. e 108 estampas;

11) *Icones selectae plantarum cryptogamicarum, quas etc. Martius* (Monachii. gr.). Fol. 1828. Fol. min.;

12) *Specimen materiae medicae brasiliensis, exhibens plantas medicinales etc. ed. Martius;*

Um resumo geral da flora brasileira será submetido pela seguinte obra:

13) *Flora brasiliensis*, seu enumeratio plantarum in Brasilia tam sua sponte quam accedente cultura provenientium, quas in itinere etc. collegit, partim descripsit; alias a Maximiliano Ser. Princ. Widensi, Sellovio allisque advectas addidit, communibus amicorum propriisque studiis secundum methodum naturalem dispositas et illustratas edidit Martius 8. Stutt et Tub. Sumptibus J. G. Cottae, in 8° (dessa obra publicou-se em 1829. Vol. II, Pars. I: Agrostologia Brasiliensis auctore Nees ab Esenbeck).

Valores, medidas, pesos

Na época de Spix e Martius ainda não existia o sistema decimal, nem terminologia internacional. Pelo contrário, todos os valores, medidas e pesos eram muito variáveis entre os diferentes países, províncias e até mercados. Além disso, também as denominações variavam, aparecendo tanto diferentes com igual sentido, como iguais de diferente sentido. Até os tempos atuais a Inglaterra, os E.U.A. e outros países ficaram com suas antigas unidades, não adotando o sistema decimal. Sendo assim, todos os dados e valores a respeito do presente livro não passam de avaliações aproximadas. Quanto possível, foram baseados nos cálculos e notícias do próprio Martius.

VALOR MONETÁRIO

	10 réis = 1 centavos
	1 vintém = 20 réis = 2 centavos
	1 tostão = 5 vinténs = 100 réis = 10 centavos
	2 patacas = 16 vinténs = 320 réis = 32 centavos
	3 cruzados = 20 vinténs = 400 réis = 40 centavos
	(1 “cruzado novo” é uma moeda de ouro que vale 480 réis).

MEDIDAS DE EXTENSÃO

Brasil		Outros países
Braça (2 varas)	2,2m	1,8m (ingl.)
Côvado (3 palmos)	0,66m	
Jarda inglesa		0,91m (ingl.)

476 Spix e Martius

Légua	6.170m	
Linha (1 ¹ / ₁₂ polegada)	0,23cm	
Milha	2.200m	7.420m (alem.) 1.609m (ingl.) 1.850m (marít.)
Palmo (8 polegadas)	0,22m	
Passo	1,65m	
Pé (12 polegadas)	0,33m	
Polegada (12 linhas)	2,75cm	
Vara (5 palmos)	1,10m	
Toesa (6 pés)	1,98m	

MEDIDAS DE SUPERFÍCIE

Alqueire:

Norte	27.225m ²
Goiás, Minas, Rio	48.400m ²
São Paulo	24.200m ²

Tarefa:

Bahia	4.356m ²
Sergipe, Alagoas	3.052m ²
Ceará	3.630m ²

MEDIDAS DE CAPACIDADE

(Ainda mais variáveis do que as outras)

Para líquidos:

Almude	12 canadas	
Canada (2 galões; 4 quartilhos)	7,4 – 9,21	1,41 (port.)
Galão Inglês		(p/vinho) 3,71
Galão Inglês		(p/out. líquidos) 4,61
Pipa	60-75 canadas	
Quartilho	¹ / ₄ canada	
Tonel	2 pipas	

Para secos:

Alqueire (4 quartas)	31,171	13,81 (port.)
Bushel inglês		36,361 (ingl.)
Fanga	4 alqueires	
Moio	60 alqueires	
Quarta	$\frac{1}{4}$ alqueire	
	pesos	
Arrátel (16 onças)	0,459kg	
Arroba (32 libras)	14,65kg	
Libra (arrátel)	0,459kg	0,453 (ingl.)
Onça (8 oitavas)	28,69kg	
Quintal (4 arrobas)	58,75kg	
Tonelada (54 arrobas)	793kg	

PESOS DE DIAMANTES

Grão	0,05 g
Oitava	
(17,5 quilates, 32 vinténs, 70 grãos)	3,5 g
Quilate	0,2 g
Vintém	0,11g

ANEXO MUSICAL

No 5 *Tänze der Murras*⁽¹⁾

Larghetto

Männer⁽²⁾

2. Weiber⁽³⁾

No 6

Andante

No 7 *Tänze der Juris-Tabocas*⁽⁴⁾

Andantino

No 8

Andantino
ou no
Allegretto

-
- 1 Danças dos Murras.
 - 2 Homens.
 - 3 Mulheres.
 - 4 Dança dos Juris-Tabocas.

№ 9 *Tänze der Miranhas⁽¹⁾*

Allegretto

№ 10
Allegretto quasi Marcia

№ 11
Allegro

1 Danças dos Miranhas.
2 Todos juntos
3 Um só.

.....

Índice onomástico

A

- ABREU, Luís de – 67
ACUÑA, Cristoval de (padre) – 87, 92,
152, 157, 158, 190, 237, 242, 243,
249, 265, 288, 289, 370
ADORNO – 365
AGUIRRE – Ver LÓPEZ AGUIRRE
ALBANO – 298, 304, 306, 307
ALBUQUERQUE, Afonso de – 87
ALBUQUERQUE, Luís de (general) –
432
ALMEIDA DA GAMA LOBO (gover-
nador) – 197, 198, 368
ALMEIDA SERRA – Ver SERRA, Ricar-
do Franco de Almeida
ALMEIDA, Franco de – Ver SERRA, Ri-
cardo Franco de Almeida
ARAÚJO, Pascoal Pais de – 149
ARCOS (conde dos) – 27
ARROSMITH – 88, 377
ARRUDA, Pascoal – 152
ARTIEDA, André de – 92
ARTIGAS – 470
ATAÍDE TEIVE – Ver TEIVE, Fernando
da Costa Ataíde
AUBLET – 462
AZEVEDO, João de Sousa – 152

B

- BARATA, F. J. Rodrigues (tenente-coro-
nel) – 410
BARBACENA (marquês de) – 51
BARROS, André de (padre) – 55
BARROS, Elias Ferreira de – 150

- BAUZA, Filipe (D.) – 94, 472
BERREDO, Bernardo Pereira de – 56,
149, 370
BOLÍVAR – 290
BONPLAND – 155, 221
BRANDÃO, D. Caetano (bispo) – 35,
87, 93, 109
BRITO, Marcos de Noronha e – Ver AR-
COS (conde dos)
BROTERO – 24
BUENO, Bartolomeu – 432
BUMENBACH – 402

C

- CALDAS, João Pereira – 87-88
CALDEIRA, Francisco – 53
CAMPBELL, J. – 47
CARVALHO, José Simões de – 94, 368,
386
CASTRO, Manuel Bernardo de Melo de
(governador) – 219
CAVALCANTI (capitão) – 147
CHAGAS, José Álvares das (frei) – 396,
404, 406
CHAVES, Joaquim Ferreira – 417
COELHO, Antônio de Albuquerque –
54
CORTE REAL – Ver REAL, Anveres de
Corte
COSTA, José Vitório da (governador) –
94, 256, 311, 377, 386, 387
COSTA, Vitório da – Ver COSTA, José
Vitório da
COUTINHO, Francisco de Sousa (D.) –
Ver LINHARES (conde de)

COUTINHO, Miguel Forjaz Pereira
(D.) – 471

D

DE GEER – 369

DICKINSON, H. – 47, 65

DOMINGOS – 357

E

ECKART, Anselm – 93

F

FALCÃO, Antônio de Almeida – 152

FALCÃO, Francisco da Mota – 149

FARIA (família) – 70

FAVELA, Pedro da Costa – 219

FERNANDO VII – 290

FERREIRA, Alexandre Rodrigues – 88,
418

FILIPE III – 53

FILIPE IV – 87, 91, 443

FONSECA, José Gonçalves da – 417,
425

FRANÇA, Antônio Tomé de – 152

FRITZ, Samuel – 92

FURTADO, Francisco Xavier de Men-
donça (governador) – 87, 93, 117,
219, 313

G

GAIA, Diogo Pinto da (capitão) – 149

GAMA LOBO – Ver ALMEIDA DA
GAMA LOBO

GILI – 148, 407

GIRVAL, Narciso (padre) – 94, 441

GODIN DES ODONAIS – 92

GOMBERVILLE – 87

GONÇALVES DA FONSECA – Ver
FONSECA, José Gonçalves da

GONÇALVES, Antônio Jesuíno (padre)
– 396, 397, 422, 427

GREGÓRIO – 294, 297, 298, 303, 304,
305, 328, 330, 337, 356

GUERRA, João de Barros da (capitão-
-mor) – 416

GUMILLA – 337

H

HEIN, L. – 47

HENRIQUES, Ambrósio – 23, 95, 110

HESKETH, John – 23, 47

HESKETH, R. – 74

HILDESHEIM, N. Hortsmann de – 370

HUMBOLDT – Ver VON HUMBOL-
DT

HUTTEN, Phil. Von – 363

I

ISIDORO JOSÉ (frei) – 412

ITURRIAGA, José (D.) – 93

J

JACOBI, Fried Heinr. – 404

JOÃO IV (D.) – 55

JOÃO V (D.) – 470

JOÃO BERNARDO – 294, 308, 324

JOÃO MANUEL – 330, 332, 339, 350,
352

JOSÉ (D.) – 29

JOSÉ – Ver CHAGAS, José Álvares das

K

KUEFNER TELLES – 386, 390

L

LA CONDAMINE – 49, 56, 86, 92,
104, 114, 144, 147, 190, 191, 274,
287, 389, 442, 444, 445, 446

LA GASCA – 472
LACERDA, Antônio Correia de – 24,
43, 68, 418
LAS CASAS – 32
LINDENBERGER – 471
LINHARES (conde de) – 38, 59, 60, 98
L'ISLE – 243
LISTER MAW (tenente) – 430, 442
LÓPEZ AGUIRRE – 91, 443
LUZURIAGA – 472

M

MAIA, João da Gama da (governador-
-geral) – 389, 416
MALASPINA – 472
MANUEL – Ver JOÃO MANUEL
MARIA – 48
MARQUES, Manuel – 43, 67
MARTIN – 43
MARTINS, João Antônio Rodrigues –
85, 95
MARTIUS – 27, 221, 222, 223, 264,
293, 412, 475
MENDONÇA FURTADO – Ver FUR-
TADO, Francisco Xavier de Men-
donça
MENDONÇA, Francisco Xavier Furta-
do de – 43
MENESES, Pedro César de (governador)
– 149
MENESES, Tristão da Cunha (governa-
dor) – 149
MERIAN (madame) – 226
MIGUEL – 315, 317, 360
MONTEIRO – Ver NORONHA, José
Monteiro de
MORAIS, Francisco Xavier de – 219

N

NORONHA, José Monteiro de – 88, 93,
108, 203, 277, 287, 364, 365, 368,
386, 389

O

OEYNHAUSEN, João Carlos Augusto
de – 153
ORDAS, Diego de – 191
ORELLANA, Francisco – 53, 157, 190,
250

P

PACHICO [Francisco] – 305, 313, 314,
339, 376
PAÇO, Manuel Joaquim do (major e go-
vernador) – 188
PAGAN – 249, 265, 287
PALACIOS, Juan de – 92
PALHETA, Francisco de Melo (capitão)
– 416, 417
PALMA (conde da) – 149
PALMELA (conde de) – 471
PAVON – 472
PENTLAND – 429, 434, 436
PEREIRA, João – 87
PIRES, Manuel – 54
PIZARRO, Gonçalo – 91, 423
POHL – 222
POMBAL (marquês de) – 34, 43, 56,
140, 143, 282
POMBO – 352
PONTES – 418
PRETO, José Rodrigues (capitão) – 403
PUGNET, Francisco (padre) – 363

Q

QUINTILIANO – 385

R

RAPOSO, Antônio (padre) – 149
 REAL, Anveres de Corte – 386, 393
 REQUEÑA, D. Francisco (governador) – 88, 94
 RIBEIRO – Ver SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de
 RIDDLE – 27
 RODRIGUES, Manuel – 152
 RODRÍGUEZ – 472
 ROMANO, Manuel – 219, 387
 ROXAS CLEMENTE – 472

S

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de – 93, 190, 219, 277, 289, 386, 387, 389
 SCHWARZMANN – 431
 SCHWEIG – 169
 SEIXAS, Romualdo de – 23, 409
 SENTAS, Elias de – 163
 SERRA, Ricardo Franco de Almeida – 418, 421, 422, 425
 SIMÕES – Ver CARVALHO, José Simões de
 SOUSA, Martinho de – 94
 SPIX – 47, 74, 97, 137, 143, 158, 161, 169, 182, 183, 213, 224, 261, 263, 264, 288, 290, 291, 292, 361, 373, 387, 416, 438, 442, 445, 459, 474, 475

T

TEIVE, Fernando da Costa Ataíde (governador-geral) – 412, 429

TEIXEIRA, Pedro – 87, 92, 152, 219, 274

V

VENÂNCIO [Furtado] – 117
 VIDEIRA DUARTE – 352
 VIEGAS, João – 152
 VIEIRA, Antônio (padre) – 32, 55
 VILA FLOR (conde de) – 23, 31, 70, 85, 347
 VON BERKS – 471
 VON ESCHWEGE – 433
 VON HUMBOLDT – 91, 94, 117, 119, 148, 155, 160, 179, 181, 191, 198, 221, 224, 225, 229, 234, 310, 359, 363, 364, 365, 369, 370, 387, 430, 431, 435, 436, 440, 442, 446, 458
 VON PFEFFEL (barão) – 471
 VON WIED (príncipe) – 165, 402

W

WEISS (capitão) – 416, 431

Y

YTURRIAGA, José de (D.) – 219

Z

ZANI, Francisco Ricardo (capitão) – 47, 88, 145, 169, 171, 172, 197, 202, 209, 218, 294, 298, 307, 308, 311, 312, 324, 330, 333, 339, 350, 353, 357, 360, 361, 362

Viagem pelo Brasil, de Spix e Martius,
foi composto em Garamond, corpo 12/14, e impresso em papel vergê areia 85g/m2,
nas oficinas da Secretaria de Editoração e Publicações do Senado Federal – SEGRAF,
em Brasília. Acabou-se de imprimir em dezembro de 2017, de acordo com o programa
editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.

“Neste volume da *Viagem pelo Brasil*, Spix e Martius focalizam, em páginas de grande realismo científico, com observações válidas até hoje, a surpreendente Amazônia. Toda sua geografia, ao lado da flora e fauna, em seus pormenores mais significativos, abrangendo a ilha de Marajó, as regiões do Tocantins, Xingu, Tapajós, rio Negro e Madeira, além de outros cursos d’água de leste a oeste, perpassa aos olhos dos leitores com sua paisagem fantástica e seus fenômenos locais mais típicos, como o das “terras caídas” e o da pororoca. A descrição abrange as numerosas vilas das margens dos rios e do interior, como Fortaleza da Barra, Parintins, Vila da Ega, Tabatinga, Barcelos e outras tantas cujos nomes lembram as origens europeias e indígenas.”

